



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

A ICONOGRAFIA E A ICONOLOGIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DAS EDIÇÕES TABAJARA: UM ESTUDO DAS IMAGENS NA «COLEÇÃO GURI»

(RIO GRANDE DO SUL, DÉCADA DE 1960)



CHRIS DE AZEVEDO RAMIL

Pelotas, 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Curso de Doutorado em Educação



Tese de Doutorado

A ICONOGRAFIA E A ICONOLOGIA
NOS LIVROS DIDÁTICOS DAS EDIÇÕES TABAJARA:
UM ESTUDO DAS IMAGENS NA *COLEÇÃO GURI*
(RIO GRANDE DO SUL, DÉCADA DE 1960)

Chris de Azevedo Ramil

Pelotas, 2018

Chris de Azevedo Ramil

**A ICONOGRAFIA E A ICONOLOGIA
NOS LIVROS DIDÁTICOS DAS EDIÇÕES TABAJARA:
UM ESTUDO DAS IMAGENS NA *COLEÇÃO GURI*
(RIO GRANDE DO SUL, DÉCADA DE 1960)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Peres

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R173i Ramil, Chris de Azevedo

A iconografia e a iconologia nos livros didáticos das
Edições Tabajara : um estudo das imagens na Coleção Guri
(Rio Grande do Sul, década de 1960) / Chris de Azevedo
Ramil ; Eliane Peres, orientadora. — Pelotas, 2018.

398 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de
Pelotas, 2018.

1. Iconografia e iconologia. 2. Livros didáticos. 3.
Edições Tabajara. 4. Imagens. 5. Coleção Guri. I. Peres,
Eliane, orient. II. Título.

CDD : 371.32

Chris de Azevedo Ramil

**A ICONOGRAFIA E A ICONOLOGIA
NOS LIVROS DIDÁTICOS DAS EDIÇÕES TABAJARA:
UM ESTUDO DAS IMAGENS NA *COLEÇÃO GURI*
(RIO GRANDE DO SUL, DÉCADA DE 1960)**

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 25 de abril de 2018.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Eliane Peres (Orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof. Dr. Kazumi Munakata (PUC-SP)

Doutor em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Prof. Dra. Maria Helena Camara Bastos (PUC-RS)

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Eduardo Arriada (PPGE/FaE/UFPel)

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

Prof. Dra. Patrícia Weiduschadt (PPGE/FaE/UFPel)

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

AGRADECIMENTOS



À minha família, em especial aos meus pais Kléber e Citânia, pelos ensinamentos de vida, incentivo, apoio, compreensão e paciência durante os quatro anos de minha dedicação exclusiva ao Doutorado em Educação, que, coincidentemente, foram bastante difíceis para nós, diante das adversidades de saúde com as quais continuamos lidando, o que também interferiu no ritmo de minha produção acadêmica. Apesar das dificuldades, procurei reunir forças, seguir adiante e superar os obstáculos, para enfim concluir este trabalho e compartilhar aqui o resultado de meus investimentos acadêmicos nos últimos anos.

À professora Dra. Eliane Peres, minha orientadora desde o Mestrado em Educação, no qual ingressei em 2011, que me deu novamente uma oportunidade de seguir investindo na minha formação acadêmica e poder então cursar o Doutorado em Educação a partir de 2014, sob sua supervisão. Agradeço a ela pelo investimento, pelas inúmeras experiências e aprendizagens, além do carinho, confiança e parceria em pesquisas diversas que desenvolvemos até então. Devo considerar também a sua solidariedade, compreensão e apoio, diante dos percalços nos últimos anos, o que me ajudou a vencer os desafios, não desistir e continuar acreditando e investindo em minhas pesquisas, culminando com a conclusão de outra etapa importante e qualificando ainda mais minha formação.

Aos colegas do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales), pelos estudos e pesquisas compartilhados neste período, além dos momentos de descontração. Registro minha consideração especial aos alunos bolsistas da graduação, pelos nossos trabalhos na organização, catalogação e manutenção dos acervos, produção de artigos em parceria e apoio recebido em diversas circunstâncias.

Aos professores, funcionários e colegas mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e da Faculdade de Educação (FaE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), pelos conhecimentos, aprendizados, experiências, atenção, convivência, auxílio, atendimento e informações compartilhados nessa temporada.

À Universidade Federal de Pelotas (UFPel), pela acolhida desde os tempos em que fui aluna nas duas Graduações (Licenciatura em Artes – Hab. em Artes Visuais e Curso de Artes Visuais – Hab. em Design Gráfico), posteriormente no Mestrado em Educação e, por

fim, até os dias de hoje, às vésperas de receber o título de Doutora em Educação. Considero-me privilegiada por ter tido acesso à educação pública, gratuita e de qualidade, mesmo a instituição tendo passado por dificuldades de várias ordens, durante todos esses anos, com as quais também convivi e acompanhei.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de estudos concedida e fundamental para o desenvolvimento das pesquisas, dedicação às atividades e participação em eventos, durante quase quatro anos. Também agradeço pela bolsa de estudos de 04 meses (de abril a julho de 2017), oferecida pelo Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior (PDSE), com a qual fui contemplada a partir de uma seleção interna realizada no PPGE/FaE/UFPeI.

À professora Dra. Gabriela Ossenbach Sauter, por ter me recebido para a realização do Doutorado-Sanduiche, entre os meses de abril a julho de 2017, junto ao *Centro de Investigación Manuales Escolares* (Manes), vinculado à *Facultad de Educación da Universidad Nacional de Educación a Distancia* (Uned), em Madri/Espanha, da qual ela é diretora. Estendo meu agradecimento também aos demais professores e alunos integrantes do mesmo grupo, certa de que a experiência e o contato contribuíram para minha formação pessoal, acadêmica e profissional. Referencio também a minha gratidão ao professor Dr. Agustín Escolano Benito e à sua esposa professora Dra. Purificación Lahoz Abad, que gentilmente me receberam no *Centro Internacional de la Cultura Escolar* (Ceince), na cidade de Berlanga del Duero/Espanha, para uma estância de investigação, no final de maio de 2017, o que corroborou expressivamente para o desenvolvimento de minhas pesquisas.

Aos amigos e amigas de perto e de longe, pelo apoio, incentivo, parceria, compreensão, atenção e carinho de sempre. Aos que partiram, aos que ficaram pelo caminho, aos que aparecem algumas vezes e aos que ainda persistem em me acompanhar e demonstrar sua amizade, apesar de tudo, física e/ou virtualmente. Com cada um desses aprendi, me fortaleci e reabasteci minhas energias e ânimos, por diferentes meios, formas, aspectos, intensidades e circunstâncias.

A todos os professores e funcionários com quem convivi, aprendi e compartilhei experiências, desde os tempos do Colégio São José (em Pelotas/RS), passando pela Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel), posteriormente ao Instituto de Letras e Artes (ILA)/Instituto de Artes e Design (IAD) da UFPeI, chegando aos dos últimos anos, desde 2011, vinculados ao PPGE/FaE/UFPeI. Tenho certeza de que todos deixaram um pouco de si em mim e contribuíram, ao seu modo, para minha formação e para a conquista de uma nova titulação acadêmica, a de Doutora em Educação.

Aos sujeitos de minha pesquisa e respectivos familiares, amigos e conhecidos e a todas aquelas pessoas, setores, órgãos e instituições que contribuíram com o desenvolvimento de minha pesquisa, assim como gentilmente forneceram dados relevantes

e difíceis de serem encontrados, colaborando sobremaneira para a investigação e acrescentando um diferencial ao conteúdo da tese de Doutorado em Educação aqui apresentada.

Aos professores Dr. Kazumi Munakata (PUC-SP), Dra. Jackeline Farbiarz (PUC-RJ), Dr. Eduardo Arriada (PPGE/FaE/UFPeI) e Dra. Patrícia Weiduschadt (PPGE/FaE/UFPeI), pela importante contribuição para a pesquisa que eu propunha com o projeto de tese de doutoramento em Educação, apresentado na Banca de Qualificação, realizada no mês de abril de 2016.

Aos professores Dr. Kazumi Munakata (PUC-SP), Dra. Maria Helena Camara Bastos (PUC-RS), Dr. Eduardo Arriada (PPGE/FaE/UFPeI) e Dra. Patrícia Weiduschadt (PPGE/FaE/UFPeI), pelo aceite em participar da Banca de Defesa de minha tese de doutoramento em Educação e por suas relevantes considerações pelo desenvolvimento e conclusão desta pesquisa, efetivada no mês de abril de 2018.



Importante não é ver o que ninguém nunca viu,
mas sim, pensar o que ninguém nunca pensou
sobre algo que todo mundo vê.

Arthur Schopenhauer

(VILLARES, 2016)



RESUMO



RAMIL, Chris de Azevedo. **A iconografia e a iconologia nos livros didáticos das Edições Tabajara**: um estudo das imagens na *Coleção Guri* (Rio Grande do Sul, década de 1960). 2018. 398 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Esta tese de Doutorado em Educação tem como objetivo principal analisar as imagens dos livros didáticos da *Coleção Guri*, de autoria dos professores Elbio N. Gonzales, Flávia E. Braun, Rosa M. Ruschel e Zenna T. Braun e publicada pelas Edições Tabajara na década de 1960, no Rio Grande do Sul. Entre os 26 exemplares da coleção guardados no acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – Hisales (Faculdade de Educação – FaE / Universidade Federal de Pelotas - UFPel), integram a pesquisa a *Cartilha do Guri*, o *Primeiro Livro do Guri*, o *Segundo Livro do Guri*, o *Terceiro Livro do Guri*, o *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, o *Terceiro Livro do Guri - Leitura* e o *Quarto Livro do Guri*. A partir dos estudos de iconografia e iconologia nos referidos livros didáticos, são identificados os tipos de imagens utilizadas; especificados os elementos, as características e as técnicas gráficas adotadas na criação das imagens; compreendidas as funções, os significados, os sentidos, as representações e as identidades das imagens; verificadas as relações entre as imagens e o conteúdo textual das páginas; averiguadas as recorrências e as adaptações de imagens; identificado o contexto e os aspectos histórico-educativos; apresentada a editora e os profissionais envolvidos na produção dos livros e no processo de criação das imagens. Os resultados da investigação pretendem demonstrar que as imagens dos livros didáticos da *Coleção Guri* contribuem na configuração de uma memória histórica escolar, através de sua estética, dos estilos e das técnicas gráficas de ilustração; pela sua associação à uma identidade cultural; pela representação de determinadas características que definem um modelo editorial e evidenciam estruturas de produção e de tecnologias de impressão; pela identificação de preceitos de métodos didático-pedagógicos de determinada época; pela revelação de um contexto histórico, político, econômico, educativo, social e cultural. Além disso, todos esses fatores reunidos contribuem para a constituição da história editorial e gráfica das Edições Tabajara, cujos livros foram publicados entre as décadas de 1940 e 1980.

Palavras-chave: iconografia e iconologia; livros didáticos; Edições Tabajara; imagens; *Coleção Guri*.

ABSTRACT



RAMIL, Chris de Azevedo. **The iconography and iconology in the *Edições Tabajara* textbooks:** a study of images in the *Coleção Guri* (Rio Grande do Sul, 1960s). 2018. 398 p. Doctoral Thesis (Doctorate in Education) – Postgraduate Program in Education, College of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

This Doctoral Thesis in Education has as main objective to analyze the images of the *Coleção Guri*'s textbooks, authored by teachers Elbio N. Gonzales, Flávia E. Braun, Rosa M. Ruschel and Zenna T. Braun and published by Edições Tabajara in the 1960s, in state of Rio Grande do Sul. Among the 26 copies of the collection stored in the archive of the research group History of Literacy, Reading, Writing and Textbooks – Hisales (College of Education – FaE / Federal University of Pelotas - UFPel), the research is integrated by the *Cartilha do Guri*, the *Primeiro Livro do Guri*, the *Segundo Livro do Guri*, the *Terceiro Livro do Guri*, the *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, the *Terceiro Livro do Guri - Leitura* and the *Quarto Livro do Guri*. From the studies of iconography and iconology in the referred textbooks, the types of images used are identified; the elements, characteristics and graphic techniques adopted in the creation of the images are specified; the functions, the meanings, the senses, the representations and the identities of the images are comprehended; the relations between the images and the textual content of the pages are verified; the recurrences and adaptations of images are ascertained; the context and historical-educational aspects are identified; the publisher and the professionals involved in the production of the books and in the creating process of the images are presented. The results of the investigation intend to demonstrate that the images of the *Coleção Guri*'s textbooks contribute to the configuration of a historical school memory, through its aesthetics, graphic styles and the illustration graphic techniques; by their association with a cultural identity; by the representation of certain characteristics that define an editorial model and demonstrate production structures and printing technologies; by the identification of didactic-pedagogical methods precepts in a certain period; by the revelation of a historical, political, economic, educational, social and cultural context. In addition, all these factors contribute to the constitution of the Edições Tabajara's editorial and graphic history, whose books were published between the decades of 1940 and 1980.

Keywords: iconography and iconology; textbooks; Edições Tabajara; images; *Coleção Guri*.

LISTA DE FIGURAS



Figura 01	Modelo de ficha cadastral individual dos livros didáticos das Edições Tabajara	64
Figura 02	<i>Flier</i> virtual criado para divulgação da campanha na <i>internet</i> , via <i>e-mail</i> e redes sociais	66
Figura 03	Páginas da obra didática <i>Orbis Sensualium Pictus</i> , de J. A. Comenius, 1658	98
Figura 04	Páginas da <i>Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja</i> , de João de Barros, 1539. Da esquerda para a direita: a capa, a página com o início do abecedário e a página com a esfera silábica	101
Figura 05	Páginas de <i>Shi zhu zhai shu hua pu</i> (Manual de Caligrafia e Pintura), 1633	103
Figura 06	Páginas de <i>Lições de Coisas</i> , adaptado por Ruy Barbosa em 1886. Da esquerda para a direita: Folha de rosto, p. 80 (fios tipográficos), p. 54 (xilogravura com sólidos geométricos) e p. 68 (xilogravura com reprodução negativa das figuras)	104
Figura 07	Localização da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1502, em Porto Alegre/RS	128
Figura 08	Fotografias de Joel Tabajara. À esquerda, em Porto Alegre/RS (década de 1940) e à direita, em Buenos Aires/Argentina (anos de 1950).	130
Figura 09	Localização da Editora Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1201, em Porto Alegre/RS	130
Figura 10	Mapa da localização da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1774, em Porto Alegre/RS	131
Figura 11	Parte de mapa da região central de Porto Alegre/RS, que apresenta alguns pontos de referência	132
Figura 12	Sede da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1774, em Porto Alegre/RS. À esquerda o prédio original (década de 1950) e à direita a sede com a fachada dos dias atuais (2015)	133

Figura 13	Inauguração da nova sede da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1774, em Porto Alegre/RS, 1960	133
Figura 14	Localização da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1774, em Porto Alegre/RS	134
Figura 15	Vistas da Rua dos Andradas, em Porto Alegre/RS – década de 1950	135
Figura 16	À esquerda, fotografia de Olímpio Tabajara, 1980. À direita, imagem com a placa de rua com o nome de Olímpio Tabajara instalada em Porto Alegre, 2015	138
Figura 17	Registros de eventos com profissionais vinculados à Tabajara (datas desconhecidas)	141
Figura 18	Marca das Edições Tabajara - fragmento da contracapa do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara)	143
Figura 19	Página do <i>Segundo Livro do Guri</i> (16ª ed., 1971, Ed. Tabajara), indicando a alta quantidade de edições	149
Figura 20	Contracapas de alguns exemplares das coleções didáticas das Edições Tabajara	152
Figura 21	Exemplos de selos e informações impressas de cunho oficial e institucional, retirados de páginas (folha de rosto) de livros didáticos diversos das Edições Tabajara	154
Figura 22	Fragmento da capa de exemplar da <i>Cartilha do Guri</i> (13ª ed., 1968/1969, Ed. Tabajara), com o carimbo do Arquivo das Edições da Livraria Tabajara	176
Figura 23	Reunião com as coordenadoras do ensino municipal em Porto Alegre/RS, 1962. Na fotografia à esquerda, da direita para a esquerda, as três pessoas junto à mesa são: o governador Leonel Brizola (sentado), o secretário da Educação Justino Quintana (em pé) e o prof. Elbio N. Gonzales (sentado). Na fotografia à direita, aparece o público presente na reunião, formado por professoras e funcionárias dos setores de educação do governo	178
Figura 24	Fragmentos das páginas do Diário Oficial com os registros dos termos “Tabajara”, “Guri” e “Coleção Guri”	181
Figura 25	Recorte de matéria publicada no jornal <i>O Tempo</i> , de Nova Petrópolis/RS, sobre a <i>Cartilha do Guri</i> . Redator Osvaldo Spier, p. 2, edição n. 12, s/d	183
Figura 26	Reunião de exposição da <i>Cartilha do Guri</i> com professores municipais, sob coordenação do professor Elbio N. Gonzales, em Marau/RS, 01/06/1962	183
Figura 27	Carta da professora Marcelina Rinaldi, do Grupo Escolar Charrua de Marau/RS, entregue ao professor Elbio N. Gonzales, com opinião sobre a <i>Cartilha do Guri</i> , 01/06/1962	184
Figura 28	Fotografia de Elbio N. Gonzales, de 1972	192

Figura 29	Fotografias da Escola Pedro Braun, em Linha Glória – distrito de Estrela/RS, várias datas	195
Figura 30	Fotografias da família Braun (1949 e 1999)	196
Figura 31	Fotografia da professora Zenna T. Braun com alunos do Centro Cívico da Escola Pedro Braun, aprox. década de 1970	199
Figura 32	À esquerda, fotografia de Rosa Maria Ruschel, cerca de 1958. À direita, fotografia com grupo de professores da 3ª Delegacia Regional de Educação de Estrela/RS, cerca de 1954, na qual aparecem as profas. Lurdes Ruschel, Rosa M. Ruschel e Lucy L. Leão	201
Figura 33	Da esquerda para a direita: capa, p. editorial, p. 01 e p. 30 da revista infantil <i>Cacique</i> , n. 57, maio 1958, ano III	203
Figura 34	Fotografia de Dalva da Rosa Dupuy, de junho de 1965	211
Figura 35	Fotografia de Celso Pedro Luft, s/d	212
Figura 36	Fotografia de Rebeca Poyastro, década de 1970	213
Figura 37	Capas de exemplares de volumes da <i>Coleção Guri</i> , das Edições Tabajara	221
Figura 38	Capas de diferentes edições da <i>Cartilha do Guri</i> . Da esquerda à direita: 1ª ed., 1962; s/ed., 1968; 8ª ed., 1969, Ed. Tabajara	224
Figura 39	Fotografias de escolas conhecidas como “brizoletas”, no Rio Grande do Sul	225
Figura 40	Aplicação das 04 cores (vermelho, verde, laranja e preto) em páginas (p. 07, 19, 25 e 37, da esquerda para a direita), da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara)	230
Figura 41	P. 12 e 13 da <i>Cartilha do Guri</i> . À esquerda, a 1ª edição (1962) e à direita, a 8ª edição (1969), Ed. Tabajara	231
Figura 42	P. 04 e 05 (à esquerda) e p. 16 e 17 (à direita) da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara)	234
Figura 43	Páginas com ilustração de historieta (p. 47 - à esquerda) e ilustrações em formato de ícone (p. 61 - à direita), da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara)	236
Figura 44	P. 03 (Olavo), 04 (Élida), 22 (Ênio), 41 (Memé) e 42 (Totó), da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), de cima para baixo e da esquerda para a direita	237
Figura 45	P. 04 e 05, p. 28 e 29, p. 30 e 31 e p. 44 e 45 da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), de cima para baixo e da esquerda para a direita	238
Figura 46	Páginas com imagens que representam cenas com ações (p. 15 - à esquerda) e com objetos isolados ou cenário “estático” (p. 24 - à direita), da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara)	239

Figura 47	Páginas com imagens que representam cenas em ambiente externo (p. 47- à esquerda) e em ambiente interno (p. 06 - à direita), da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara)	240
Figura 48	Páginas com imagens ilustrando pessoas (p. 20 - à esquerda), animais sozinhos (p. 35 - ao centro) e crianças com animais (p. 17 - à direita), da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara)	240
Figura 49	Montagem com imagens de várias páginas da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), que contribuem para associação a fatores diversos	241
Figura 50	P. 21 (à esquerda) e 26 (à direita) da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara)	242
Figura 51	P. 07 (à esquerda – 1ª ed., 1962 – Ed. Tabajara) e p. 05 (à direita – 8ª ed., 1969, Ed. Tabajara) da <i>Cartilha do Guri</i>	243
Figura 52	Trecho da p. 15, à esquerda, e capa do Manual do Professor da <i>Cartilha do Guri</i> , à direita (s/ed., 1968, Ed. Tabajara)	245
Figura 53	Montagem com imagens de várias páginas da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), que ilustram aspectos pastoris, agrícolas e industriais	246
Figura 54	Capa e contracapa do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	249
Figura 55	Capa e contracapa do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (3ª ed., 1969, Ed. Tabajara)	250
Figura 56	P. 01 e 02 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	254
Figura 57	P. 33 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara) (à esquerda) e imagem da personagem Clara de Ovos, da <i>Disney</i> (à direita)	255
Figura 58	P. 81 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara) (à esquerda) e imagem da personagem Branca de Neve com passarinhos, da <i>Disney</i> (à direita)	256
Figura 59	P. 57 e 71 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	256
Figura 60	P. 21 e 51 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	257
Figura 61	À esquerda, p. 42 da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara). À direita, p. 07 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	258
Figura 62	P. 47 e 49 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	259
Figura 63	P. 25, 69 e 76 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	259
Figura 64	P. 11, 27 e 82 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	260
Figura 65	P. 15, 78 e 87 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	262
Figura 66	P. 01, 03 e 12 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara)	262
Figura 67	À esquerda, fragmento da p. 83 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (3ª ed., 1969, Ed. Tabajara). À direita, fragmento da p. 150 de <i>Girassol – Saberes e</i>	263

	<i>fazeres do campo</i> (Manual do professor), 2º ano (1ª ed., 2012, Editora FTD)	
Figura 68	Capa e contracapa do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara)	270
Figura 69	Capa e contracapa do <i>Segundo Livro do Guri</i> (9ª ed., 1966, Ed. Tabajara)	272
Figura 70	Capa e contracapa do <i>Segundo Livro do Guri</i> (15ª ed., 1969, Ed. Tabajara)	273
Figura 71	P. 10, 31 e 49 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara)	278
Figura 72	P. 15, 19 e 21 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara)	278
Figura 73	P. 28, 34 e 36 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara)	279
Figura 74	P. 04, 06 e 13 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara)	280
Figura 75	P. 01 e 128 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara)	281
Figura 76	À esquerda, p. 23 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 33 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (16ª ed., 1971, Ed. Tabajara)	282
Figura 77	P. 39 e 41 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara)	284
Figura 78	P. 25 e 125 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara)	285
Figura 79	Capa e contracapa do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	289
Figura 80	P. 03 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	292
Figura 81	P. 17 e 99 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	293
Figura 82	À esquerda, p. 164 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 155 do <i>Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul</i> (s/ed., s/d, Ed. Tabajara)	294
Figura 83	À esquerda, p. 23 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara). À direita, p. 173 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	296
Figura 84	P. 151 e 181 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	297
Figura 85	P. 21, 178 e 184 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	298
Figura 86	P. 06 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	299
Figura 87	P. 19 e 140 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	300
Figura 88	P. 31, 131 e 143 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	301
Figura 89	P. 134, 145 e 147 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	302
Figura 90	P. 70, 74 e 77 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	303
Figura 91	P. 56 e 71 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara)	303
Figura 92	Capa e contracapa do <i>Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul</i> (s/ed., s/d, Ed. Tabajara)	306

Figura 93	À esquerda, p. 08 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 16 do <i>Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul</i> (s/ed., s/d, Ed. Tabajara)	308
Figura 94	À esquerda, p. 10 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 18 do <i>Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul</i> (s/ed., s/d, Ed. Tabajara)	309
Figura 95	À esquerda, p. 44 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 49 do <i>Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul</i> (s/ed., s/d, Ed. Tabajara)	310
Figura 96	Capa e contracapa do <i>Terceiro Livro do Guri – Leitura</i> (1ª ed., 1970, Ed. Tabajara)	312
Figura 97	P. 12 e 21 do <i>Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul</i> (s/ed., s/d, Ed. Tabajara)	316
Figura 98	À esquerda, p. 57 do <i>Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul</i> (s/ed., s/d, Ed. Tabajara), ao centro, p. 52 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara), à direita, p. 52 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1969, Ed. Tabajara)	317
Figura 99	À esquerda, p. 47 do <i>Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul</i> (s/ed., s/d, Ed. Tabajara). À direita, p. 65 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	318
Figura 100	Capa e contracapa do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	320
Figura 101	P. 36, 43 e 129 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	323
Figura 102	P. 112, 167 e 252 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	324
Figura 103	P. 23, 32 e 109 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	325
Figura 104	P. 106, 182 e 184 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	326
Figura 105	P. 227 e 245 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	328
Figura 106	P. 54 e 133 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	328
Figura 107	P. 67 e 79 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	329
Figura 108	Da esquerda para a direita e de cima para baixo, p. 49 da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), p. 91 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara), p. 130 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara), p. 186 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara) e p. 253 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	330
Figura 109	Da esquerda para a direita e de cima para baixo, p. 47 da <i>Cartilha do Guri</i> (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), p. 30 do <i>Primeiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara), p. 08 e 84 do <i>Segundo Livro do Guri</i> (s/ed., 1965, Ed. Tabajara), p. 03 do <i>Terceiro Livro do Guri</i> (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara) e p. 08 do <i>Quarto Livro do Guri</i> (s/ed., 1966, Ed. Tabajara)	332

LISTA DE QUADROS



Quadro 01	Livros didáticos gaúchos produzidos entre 1940 e 1980: relação de editoras, títulos e autores (Acervo Hisales)	363
Quadro 02	Coleções didáticas das Edições Tabajara, algumas capas e quantidade de exemplares (Acervo Hisales)	55
Quadro 03	Relação de sujeitos pesquisados, função na Coleção Guri e/ou na Editora Tabajara, recursos consultados e localização de parentes, amigos e conhecidos	80
Quadro 04	Registros sobre a <i>Coleção Guri</i> publicados em documentos oficiais	189
Quadro 05	Índice do <i>Primeiro Livro do Guri</i>	251
Quadro 06	Índice do <i>Segundo Livro do Guri</i>	274
Quadro 07	Índice do <i>Terceiro Livro do Guri</i>	290
Quadro 08	Índice do <i>Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul</i>	307
Quadro 09	Índice do <i>Terceiro Livro do Guri – Leitura</i>	313
Quadro 10	Índice do <i>Quarto Livro do Guri</i>	321

LISTA DE TABELAS



Tabela 01	Livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul entre 1940 e 1980 – contagem de exemplares por décadas (Acervo Hisales)	53
Tabela 02	Livros didáticos gaúchos produzidos entre 1940 e 1980: exemplares por década - editoras e títulos (Acervo Hisales)	366
Tabela 03	Informações gerais das coleções didáticas das Edições Tabajara (Acervo Hisales)	368
Tabela 04	Informações detalhadas dos livros didáticos das Edições Tabajara (Acervo Hisales)	377
Tabela 05	Informações sobre quantidade de exemplares publicados por década, das Edições Tabajara (Acervo Hisales)	60
Tabela 06	Publicações didáticas das Edições Tabajara identificadas nas contracapas dos exemplares (Acervo Hisales)	389
Tabela 07	Quantidade de imagens nos livros das coleções didáticas das Edições Tabajara (Acervo Hisales)	394
Tabela 08	Quantidade de exemplares publicados pelas Edições Tabajara localizados em acervos de instituições	67
Tabela 09	Livros didáticos da <i>Coleção Guri</i> e principais informações editoriais	173
Tabela 10	Relação de tipos de páginas nos livros didáticos da <i>Coleção Guri</i>	217
Tabela 11	Relação de cores impressas por página nos livros didáticos da <i>Coleção Guri</i>	217
Tabela 12	Relação de páginas com texto e imagens nos livros didáticos da <i>Coleção Guri</i>	218
Tabela 13	Relação de elementos de linguagem visual gráfica nos livros didáticos da <i>Coleção Guri</i>	219

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO	19
1. O CAMPO DE INSERÇÃO DA PESQUISA	29
1.1 Os livros didáticos na história da educação	29
1.2 Objeto, questão e objetivos da investigação	46
2. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	48
2.1 Procedimentos metodológicos	48
2.2 Análise de imagens em livros didáticos	85
3. AS EDIÇÕES TABAJARA E AS PUBLICAÇÕES DIDÁTICAS (DÉCADAS DE 1940 A 1980)	126
4. A COLEÇÃO GURI (DÉCADA DE 1960)	160
4.1 Profissionais envolvidos na produção da <i>Coleção Guri</i>	190
4.2 As imagens na <i>Coleção Guri</i>	215
CONSIDERAÇÕES FINAIS	335
REFERÊNCIAS	340
APÊNDICES	362

INTRODUÇÃO



Apresento, neste texto, a tese de doutoramento realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob a orientação da professora Dra. Eliane Peres. Essa investigação está inserida na Linha de Pesquisa 02 - Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem (Cela) do PPGE. Além disso, foi produzida no grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales). Especificamente, a tese trata de analisar as imagens na *Coleção Guri*¹ (Cartilha e Livros de 1º a 4º ano), publicada na década de 1960 pela Editora Tabajara, de origem gaúcha².

As pesquisas que venho desenvolvendo, assim como esta tese de doutorado aqui apresentada, têm sido relacionadas às investigações realizadas no grupo de pesquisa Hisales, do qual sou integrante desde o ano de 2011, quando ingressei no Curso de Mestrado em Educação na mesma instituição e realizei uma investigação sobre uma coleção didática específica, a *Tapete Verde* (RAMIL, 2013).

Através desse vínculo estabelecido com o Hisales, conheci as pesquisas e os trabalhos desenvolvidos pelos demais integrantes do grupo, bem como os acervos disponíveis para consulta e pesquisa, e entre eles está o de livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (RS), com os quais venho especialmente me dedicando em minhas produções, desde a época em que era mestranda.

Também tenho investido em trabalhos que envolvam os outros acervos e em parceria com os colegas pesquisadores do grupo, pesquisando temáticas variadas, que se incluem nas temáticas e nos objetivos dos eixos de investigação desenvolvidos pelo referido grupo

¹ Optou-se por utilizar no desenvolvimento do texto, o título *Coleção Guri*, exatamente como ele é referido pela Editora Tabajara nas listagens, propagandas, divulgações e documentos encontrados no decorrer da pesquisa, para associar ao conjunto de livros didáticos nela inseridos. Por isso, não houve necessidade de se incluir o termo “didática” entre as duas palavras que compõem o título, que por si só já é reconhecido.

² A expressão “gaúcho” e/ou “gaúcha” utilizada neste trabalho faz referência às pessoas habitantes no estado do Rio Grande do Sul, que fica localizado no sul do Brasil, que assim são chamadas tradicionalmente e, também, serve para identificar as cidades, lugares e empresas situados nesta mesma região, bem como produções quaisquer originadas e provenientes desta localidade.

(PERES; VAHL; RAMIL, 2013; VIEIRA et al., 2013; VAHL et al., 2014; PERES; RAMIL, 2014a; 2014b; 2014c; 2014d; 2015a; 2015b; 2015c; 2017; 2018a; 2018b; SOARES; RAMIL, 2015a; 2015b; RAMIL; SOARES; PERES, 2015; 2017; HERREIRA; RAMIL, 2016; RAMIL; PERES, 2016; PERES; THIES; RAMIL, 2016; 2017; MANKE; PERES; RAMIL, 2018, entre outros).

O Hisales é ao mesmo tempo um grupo de pesquisa e um centro de memória coordenado pelas professoras Dra. Eliane Peres e Dra. Vania Grim Thies. Cadastrado no CNPq desde junho de 2006 e vinculado ao PPGE/FaE/UFPel, reúne principalmente alunos de graduação e de pós-graduação.

Neste grupo de pesquisa, três eixos são privilegiados nas investigações: I) estudos sobre história da alfabetização e da escolarização; II) pesquisas sobre práticas escolares e não-escolares de leitura e de escrita; III) análise da produção, circulação e utilização de livros escolares produzidos no Rio Grande do Sul, especialmente entre os anos de 1940 e 1980 (período da influência do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais da Secretaria de Educação do Estado - CPOE-SEC/RS³ na produção didática gaúcha).

Além da investigação na área da alfabetização, leitura e escrita, o Hisales tem como um de seus objetivos fundamentais constituir acervos⁴ para manutenção da história e da memória da alfabetização e dos livros escolares produzidos no Rio Grande do Sul (RS). Sendo assim, o Hisales atualmente contém os seguintes acervos já constituídos, catalogados e armazenados na sua sala: a) Cadernos de alunos - ciclo de alfabetização e outras séries; b)

³ Segundo Peres (2003); o final dos anos 1930 e início dos anos 1940 marcou, no Rio Grande do Sul, a emergência de um "novo discurso" na educação pública: o da renovação pedagógica. Esse discurso foi produzido e divulgado principalmente pelo Centro de Pesquisa e Orientações Educacionais (CPOE), órgão vinculado à Secretaria de Educação do Estado e criado em 1943. Em 1942, a Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul passou por uma reorganização e foi denominada, então, de Secretaria da Educação e Cultura (SEC/RS). Nessa reorganização foi criado, em substituição às antigas Inspetoria e Diretoria da Instrução Pública, o Departamento de Educação Primária e Normal. As funções deste Departamento eram, fundamentalmente, as de "exercitar, orientar e fiscalizar as atividades relativas à educação pré-primária, primária e normal, bem como ao ensino supletivo" (Artigo 12º. Decreto 578. 22/07/1942). Um ano após essa reorganização, em 1943, foi aprovado o Regimento Interno do Departamento de Educação Primária e Normal e com ele instalado o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE). A partir de então – e até os anos 1970 – o CPOE passou a desempenhar um papel fundamental no ensino primário do Rio Grande do Sul.

⁴ Entre os grupos de pesquisa no âmbito internacional que desenvolvem ações semelhantes e que são referência na área, destacam-se o *Banque de Données Emmanuelle* (França), desenvolvido no Departamento de História da Educação do *Institut National de Recherche Pédagogique* (INRP), desde 1980, criado pelo professor Dr. Alain Choppin e que contabiliza a produção nacional francesa de manuais escolares desde 1789 e, também, o *Centro de Investigación Manes – Manuales Escolares* (Madrid/Espanha), vinculado à *Universidad Nacional de Educación a Distancia* (Uned), criado em 1992 pelo professor Dr. Federico Gómez R. de Castro e dedicado ao estudo histórico dos manuais escolares produzidos na Espanha, em Portugal e na América Latina, especialmente nos séculos XIX e XX. No Brasil, evidencia-se pelo montante de obras catalogadas o Banco de Dados Livros Escolares Brasileiros – Livres, vinculado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), criado pela professora Dra. Circe Bittencourt em 1994 e que realiza o recenseamento dos livros didáticos produzidos no país, de 1810 aos dias atuais. Outras ações semelhantes vêm sendo desenvolvidas em diversos centros de pesquisa no Brasil, no sentido de estabelecer uma política de recolha, tratamento e guarda de obras didáticas. Como exemplos locais, além do Hisales (apresentado neste texto), vale indicar o Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceihe), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel), criado em 2002 pelo professor Dr. Elomar Tambara e, também, o Laboratório de Ensino de História (LEH), vinculado ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/ICH/UFPel), criado no início da década de 2000 pela professor Dr. Sebastião Peres.

Cadernos de planejamento (Diários de classes) de professoras; c) Livros para o ensino da leitura e da escrita nacionais e estrangeiros: em língua nacional; em língua nacional - gaúchos (de 1900 a 1970); em língua nacional – “artesanais”; em língua estrangeira; d) Livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul entre 1940 a 1980; g) Materiais didático-pedagógicos; h) Escritas pessoais e familiares. Além destes citados, há outros acervos complementares e em constituição, assim como documentos, publicações e materiais diversos, também disponibilizados para consulta local na sala do grupo de pesquisa.

Esses acervos são estruturados principalmente a partir de doações de materiais em qualquer estado de conservação, de pessoas e instituições, bem como por aquisições e compras dos próprios integrantes do grupo, que fazem divulgações esporádicas e campanhas a respeito do recebimento e aceite de doações para os acervos⁵.

Entre os acervos mantidos pelo Hisales, o de livros didáticos produzidos no RS, com os quais tenho trabalhado mais diretamente desde minha inserção no grupo, conta atualmente com 340 exemplares⁶, produzidos entre os anos de 1940 e 1980 por autoras e/ou editoras gaúchas, incluindo-se neste montante também aqueles exemplares que apresentam a mesma data de publicação e número de edição. Quase todas as obras foram produzidas por técnicas ou orientadoras educacionais do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do RS (CPOE/RS), que se especializaram na produção didática em todas as áreas de conhecimento e para todas as séries do ensino primário (PERES, 2003).

O grupo de pesquisa Hisales tem se ocupado de mapear, identificar, descrever e analisar essa produção gaúcha de livros didáticos. Neste contexto, em 2011, enquanto mestranda, quando conheci as coleções disponíveis no acervo e ao atuar nas atividades junto ao grupo, decidi por analisar, como afirmei, a coleção didática *Tapete Verde* na dissertação de Mestrado em Educação (RAMIL, 2013). Neste mesmo acervo, tão rico de possíveis objetos e fontes de pesquisa que ainda não foram investigados e que podem ser muito explorados, estão também os livros que optei por investigar na efetivação de uma tese de Doutorado em Educação.

Sou graduada em dois cursos da UFPel, o de Licenciatura em Artes - Habilitação em Artes Visuais e o Curso de Artes Visuais (Bacharelado) - Habilitação em Design Gráfico, e também tenho formação anterior como técnica em Desenho Industrial pela Escola Técnica Federal de Pelotas - ETFPel (atual Campus Pelotas do Instituto Federal de Educação, Ciência, e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul). Este percurso acadêmico, a atuação em pesquisas de iniciação científica envolvendo documentos e publicações antigas, história e memória

⁵ Mais informações a respeito do Hisales, descrições, quantidades e décadas dos materiais encontrados nos acervos e de suas ações também podem ser vistas via *internet*, no *site* disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/fae/Hisales/>> e no perfil na rede social *Facebook*, com seu mesmo nome.

⁶ Dados de 05/03/2018.

gráfica, o interesse especial por atividades com criação, desenvolvimento e análise de livros nas disciplinas dos cursos, a trajetória de experiências profissionais nas áreas de design editorial e pela docência na universidade, entre outros, são fatores que deram origem e que influenciam nos meus interesses em investigações que explorem o entrecruzamento das áreas de conhecimento: a educação, a arte e o design gráfico⁷ - em especial, o editorial.

O fato de eu ter esses conhecimentos específicos, decorrentes das formações e experiências supracitadas, tem contribuído para a efetivação de pesquisas e trabalhos com os acervos do Hisales, que contemplem os meus interesses como pesquisadora, integrando as três áreas mencionadas e, com isso, o grupo também tem agregado entre suas investigações, o estudo de temáticas que perpassem esses campos de estudo. Além disso, temos investido na realização de trabalhos interdisciplinares entre os pesquisadores do grupo, explorando questões e problemas com os quais possamos aproveitar as variadas formações acadêmicas dos integrantes, que costumam atuar nas suas áreas específicas de pesquisas e que têm interesses diferenciados (Design, História, Geografia, Matemática, Turismo, etc.).

A investigação, cujos resultados são aqui apresentados, tem então, entre suas origens, as experiências de pesquisas desenvolvidas junto ao Hisales, em contato direto com os seus acervos desde então e a dissertação defendida no Mestrado em Educação, em março de 2013, também sob a orientação da professora Dra. Eliane Peres. A dissertação de mestrado teve como objetivo principal analisar o projeto e a produção gráfica da coleção didática *Tapete Verde*, publicada na década de 1970 pela Editora Globo e de coautoria das autoras e professoras gaúchas Nelly Cunha e Teresa Iara Palmini Fabretti (RAMIL, 2013).

Pelos resultados obtidos com a pesquisa da dissertação de mestrado, me senti mais estimulada a continuar pesquisando nos acervos do Hisales e optar por uma nova coleção didática ou editora para o estudo durante o curso de Doutorado. Assim como a pesquisa desenvolvida durante o Mestrado teve como fonte/objeto uma das coleções didáticas localizadas no acervo, a investigação escolhida para o desenvolvimento da tese de Doutorado também trata de explorar como fonte/objeto impressos didáticos pertencentes ao conjunto de materiais do mesmo acervo.

No referido acervo, encontra-se uma expressiva e importante produção didática das Edições Tabajara, com muitos exemplares reunidos (que são especificados no decorrer deste trabalho), com os quais ainda não havia sido realizada nenhuma pesquisa específica e

⁷ Segundo Villas-Boas (2001, p. 07), "[...] design gráfico se refere à área de conhecimento e à prática profissional específicas relativas ao ordenamento estético-formal de elementos textuais e não textuais que compõem peças gráficas destinadas à reprodução com objetivo expressamente comunicacional." Além disso, é importante destacar que "um projeto de design gráfico consiste num todo que é formado tanto por um texto diagramado e por elementos tipográficos de maior destaque quanto por ilustrações, fotos, elementos acessórios como fios, etc. Ou seja: um projeto de design gráfico é um conjunto de elementos visuais - textuais e/ou não textuais - reunidos numa determinada área preponderantemente bidimensional e que resulta exatamente da relação entre estes elementos [...]." (VILLAS-BOAS, 2001, p. 10-11).

detalhada pelos integrantes do grupo; tampouco há trabalhos publicados por outros pesquisadores a respeito dessa editora, de origem gaúcha. Devido a isto e a outros fatores apresentados no desenvolvimento deste trabalho, tive disposição para investir em uma pesquisa sobre os livros didáticos dessa editora, em especial, com foco nas questões de arte e design gráfico, utilizadas para uma análise específica das imagens encontradas nos exemplares das publicações didáticas das Edições Tabajara. Com isto, surgiu o interesse em desenvolver uma pesquisa com estas publicações, visando ressaltar a importância, a função e o sentido das imagens utilizadas em livros didáticos.

Inicialmente, em uma primeira fase de consulta aos exemplares disponíveis, todas as coleções didáticas publicadas pelas Edições Tabajara foram identificadas e analisadas, sob aspectos gerais, que são mostrados neste trabalho. Diante dessas informações, pela multiplicidade de dados que variam muito entre si e que impediriam uma análise coesa, íntegra e eficiente, em uma comparação entre todas as coleções, por serem elas de características distintas e/ou estarem incompletas e/ou apresentarem objetivos distintos, além de reunirem uma quantidade enorme e variada de imagens como um todo, houve a necessidade de se ajustar o foco da pesquisa.

Considerando os objetivos pretendidos com a investigação e o tempo restante para investimento nos procedimentos previstos, desde que o projeto de tese foi submetido à uma banca de avaliação, optei, então, por um recorte no *corpus* de pesquisa, para que as análises pudessem ser efetivadas com mais propriedade. A proposta de se analisar especificamente os exemplares da *Coleção Guri*, composta pela Cartilha e pelos Livros de 1º a 4º ano, foi aceita e de comum acordo entre os professores presentes no ato da banca de qualificação do projeto de tese. Os dados que já haviam sido levantados anteriormente, contudo, e que não fazem relação direta a esse material, foram mantidos no texto atual, para conhecimento dos pesquisadores, dada sua relevância para o campo da história da educação e da editoração.

Cabe salientar que, entre as pesquisas já realizadas pelo grupo de pesquisa Hisales e que incluem alguns dados sobre a Editora Tabajara, estão aquelas que têm como foco o estudo de métodos e processos de ensino da leitura e da escrita, materiais de alfabetização (como as cartilhas escolares), além de investigações sobre aspectos da história e trajetória profissional de professoras alfabetizadoras e autoras, ou, ainda, trabalhos que entrecruzam e comparam dados de várias autoras, livros didáticos e editoras diversas, impressos, programas governamentais, entre outros (PERES; VAHL, 2014; PERES; VAHL; RAMIL, 2013; VIEIRA et al., 2013; VAHL et al., 2014; RAMIL, 2013; 2014; 2015a; 2015b; VAHL, 2012; 2013; 2014; entre outros).

Esta pesquisa se insere na articulação entre a História Cultural (CHARTIER, 1990) e os estudos sobre imagens. Em relação à História Cultural, tem como um dos suportes a definição de Chartier (1990, p. 45), que se refere a ela como sendo: “uma história dos objetos

na sua materialidade, uma história das práticas nas suas diferenças e uma história das configurações, dos dispositivos nas suas variações”. Sendo assim, refletindo sobre tais aspectos, o estudo das imagens pode ser perfeitamente vinculado às investigações que vêm sendo feitas no campo da História Cultural, o que também é referido por Pesavento (2014, p. 84), que considera a análise das imagens um objeto de pesquisa relativamente novo no âmbito da História.

Analisar imagens de livros didáticos, na perspectiva historiográfica, como no caso das coleções didáticas da Tabajara, não tem sido uma prática muito comum entre os pesquisadores da área da educação, salvo algumas exceções de estudiosos dedicados a isso, pois este tipo de pesquisa implica em aporte teórico de diversas disciplinas, para que seu desenvolvimento seja eficiente.

O que predomina na pesquisa na área de educação no Brasil são análises mais gerais que apresentam dados a respeito de ideologias e que avaliam os discursos e os métodos didático-pedagógicos adotados pelas autoras nos livros didáticos (BATISTA; GALVÃO, 2009; BRAGANÇA; ABREU, 2010; FRADE, 2010a; FRADE; MACIEL, 2006a, 2006b; MACIEL; FRADE, 2003; SCHWARTZ et al., 2010; entre outros). Entretanto, há também alguns pesquisadores que se dedicam a investigar temas como produção, materialidade, visualidade e tópicos afins nos livros didáticos (BELMIRO, 2000; BUENO, 2003; CAMARGO, L., 1996; FRADE, 2010a, 2010b, 2010c; FRADE; MACIEL, 2006a; MORAES, 2010, 2016; MUNAKATA, 1997, 2001, 2003, 2007, 2012a; 2012b, 2016; NAKAMOTO, 2010; NASCIMENTO, 2011; entre outros).

Ao contrário do Brasil, em que as pesquisas que versam sobre a análise das imagens no campo da educação ainda são recentes, nos países da Europa há pesquisadores que têm se dedicado à essa temática há vários anos. Segundo Badanelli (2013), no que diz respeito aos estudos sobre livros didáticos em geral, na Europa as pesquisas começaram a ser publicadas a partir da década de 1960 e, além do mais, França e Inglaterra são, de certa forma, pioneiras neste campo. Entretanto, a autora comenta que apesar de ser notável o crescimento de trabalhos na área nas últimas décadas, aqueles com enfoque nas imagens nesse tipo de impresso ainda são poucos em relação às demais temáticas e passaram a ser de maior interesse dos pesquisadores apenas nos últimos anos⁸.

⁸ Lamentavelmente, o acesso às essas produções de pesquisadores oriundos de outros países é bastante dificultado, mesmo em tempos de *internet*, pois muitos delas são disponibilizadas em sistemas pagos e com cadastros específicos de rede de profissionais ou são encontradas apenas fisicamente, por seus originais, em alguma instituição. Ainda não se encontra de forma mais acessível, comparando-se com o Brasil, versões gratuitas e de acesso aberto a investigações científicas e acadêmicas publicadas para divulgação entre os pares, se não houver algum profissional de contato específico que assim o faça por *e-mail* ou que libere o acesso a determinadas publicações *online*, por exemplo, pois as bases de dados *online* nem sempre são liberadas, por estarem vinculados a alguma instituição ou a um modelo comercial que se apropria do conteúdo e restringe a leitura e/ou descarga dos arquivos, acarretando em custos para o pesquisador interessado em acessar, o que acaba por limitar a difusão do conhecimento científico demonstrado nas investigações. Em adição a isso, é

No primeiro semestre de 2017, tive a oportunidade de realizar um período de Doutorado-Sanduíche, durante 04 meses (entre abril e julho), com uma bolsa de estudos da Capes pelo Programa de Doutorado-Sanduíche no exterior – PDSE. Estive na cidade de Madri, na Espanha, sob orientação da professora Dra. Gabriela Ossenbach Sauter, que me recebeu para uma temporada de pesquisas junto ao *Centro de Investigación Manuales Escolares* (Manes)⁹, vinculado à *Facultad de Educación* da *Universidad Nacional de Educación a Distancia* (Uned), do qual ela é diretora e possui vasta produção sobre manuais escolares. Entre as variadas atividades desenvolvidas nessa temporada, além daquelas vinculadas ao Manes, aproveitei para ressaltar a estância de investigação realizada no *Centro Internacional de la Cultura Escolar* (Ceince)¹⁰, situado na cidade de Berlanga del Duero/Espanha, sob coordenação do professor Dr. Agustín Escolano Benito e de sua esposa professora Dra. Purificación Lahoz Abad.

Em virtude dessa ocasião, na Espanha, pude conhecer pesquisadores de diferentes instituições espanholas e/ou ter acesso a referências de suas publicações, que trabalham especificamente com a análise das imagens sob diferentes perspectivas e aspectos, assim como outros que transitam pelo tema com objetivos diversos, em publicações inseridas no campo da história da educação. Entre eles estão: Badanelli Rubio (2003, 2007, 2008a, 2008b); Colleldemont Pujadas, Escolano Benito (1997, 1998, 2006); Gómez Carrasco e López Martínez (2004); Mahamud Ângulo (2008); Mahamud Ângulo e Badanelli Rubio (2011); Ossenbach Sauter (2010, 2013); Padrós Tuneu e Carrillo (2010); Pozo Andrés (2006); Pozo Andrés e Rabazas Romero (2010, 2012); Sanchidrián Blanco (2011); Valls Montés (1995); entre outros¹¹.

É notável que há pesquisadores com distintas formações trabalhando em investigações de temáticas diversas inseridas na história da educação. Por isso, também chamo a atenção para a importância de se investir em pesquisas que possibilitem esse entrecruzamento de diferentes campos de conhecimento, colaborando com novas percepções e resultados para as áreas envolvidas. Deste modo, "o viés interdisciplinar oferece uma oportunidade importante de rever paradigmas e propor alternativas nas formas de pensar

interessante citar a matéria publicada pelo site da Agência Fapesp em 24/01/18, sobre o tema. Atualmente, o Brasil, mesmo estando em 13º lugar entre os países que mais produzem artigos científicos no mundo, é o país com mais publicação científica em acesso aberto. Ver: <http://agencia.fapesp.br/brasil_e_o_pais_com_mais_publicacao_cientifica_em_acesso_aberto/27034/>.

⁹ Ver mais sobre o Manes em: <<http://www.centromanes.org/>>.

¹⁰ Ver mais sobre o Ceince em: <<http://www.ceince.eu/>>.

¹¹ É interessante comentar que, na busca de referências bibliográficas através da *internet*, no que se refere a sites no formato de banco de dados que reúnem artigos publicados por periódicos, revistas, livros e afins, enquanto no Brasil os pesquisadores acessam com frequência o site *Scielo* (www.scielo.org), que funciona de forma liberada, pelo menos exemplificando os artigos da área de ciências humanas, na Espanha e alguns países europeus o acesso mais utilizado se dá pelos sites *Dialnet* (<https://dialnet.unirioja.es/>) e *Redalyc* (<http://www.redalyc.org>). Porém, nesses dois links ainda se depara com várias referências cujos acessos são bloqueados e que dependem de um cadastro específico e implicam em cobrança de taxas para navegação no conteúdo.

sobre os professores, os alunos, os materiais, as tecnologias, e as políticas de ensino" (FARBIARZ; FARBIARZ, 2013, p. 21).

Um estudo das imagens tem muito a contribuir com a historiografia e pode responder algumas perguntas, especialmente através das características gráficas. Do ponto de vista historiográfico, também é possível considerá-las monumentos/documentos (LE GOFF, 1996), pois são produtos das culturas que as originaram, através de profissionais e de concepções estéticas estabelecidas em determinado período, além de serem resultado e expressarem relações sociais e ideológicas.

Estas questões, se forem analisadas conjuntamente, permitem conhecer o contexto, as origens, de que forma foram feitas, por que apresentam tais características, qual a sua função na superfície em que se encontram e quais os sentidos e significados das imagens na relação com os textos. As imagens são formas de acesso a conhecimentos construídos interdisciplinarmente e essas reflexões também devem ser adotadas ao considerarmos sua integração nos livros didáticos.

Cabe salientar, desde já, que a empresa gaúcha do ramo do mercado editorial destacada nesse trabalho aparece identificada em alguns livros como "Edições Tabajara" (o mais recorrente) e em outros como "Editora Tabajara", ou "Livraria Tabajara", ou ainda apenas como "Tabajara"¹². Teve reconhecimento e expansão da circulação de suas publicações, principalmente as didáticas, que extrapolaram os limites da região sul do país e tiveram repercussão e utilização em outros estados do Brasil, com altas tiragens e muitas reedições. Entre todos os tipos de publicações editadas pela Tabajara, os livros didáticos foram os que predominaram na trajetória editorial dessa empresa.

Apesar desses dados favoráveis ao seu forte vínculo com a produção editorial didática, a Tabajara, surpreendentemente, aparece muito pouco citada entre as produções da área da educação e na de design gráfico menos ainda, uma vez que nada se localizou, durante as buscas realizadas para essa pesquisa. Por isso, um estudo dessa editora merece ser feito e será importante ter a sua história reconstruída e compartilhada.

Com isso, os resultados desta tese certamente irão se somar ao conjunto de pesquisas já realizadas pelo grupo de pesquisa Hisales, tratando de uma temática ainda pouco explorada ou até mesmo desconhecida por muitos pesquisadores, a partir de um foco diferenciado, explorando-se a intersecção das questões gráficas e pedagógicas em impressos didáticos com um recorte específico: a análise das imagens no conjunto dos aspectos gráfico-

¹² Conforme Arriada & Tambara (2014, p. 227), era comum, no passado, no Rio Grande do Sul, as casas editoriais se autodenominarem "Livrarias", apesar de editarem e imprimirem livros. Entre as denominações mais recorrentes utilizadas para esse tipo de empresa do ramo editorial estavam: tipografia, livraria, gráfica, editora, casa, entre outros. Em alguns casos, essas empresas também prestavam outros serviços, como vendas de utensílios diversos, material de papelaria, materiais escolares, entre outros.

editoriais presentes especificamente nos livros didáticos gaúchos¹³ das Edições Tabajara, tomando-se um exemplo em especial: a *Coleção Guri*, publicada na década de 1960.

Considerando o que foi comentado até então e o objetivo geral da tese, supracitado, esta pesquisa propõe, a partir dos estudos de iconografia e iconologia nos referidos livros didáticos, discutir aspectos específicos como: identificação dos tipos de imagens utilizadas; especificações dos elementos, das características e das técnicas gráficas adotadas na criação das imagens; compreensão das funções, dos significados, dos sentidos, das representações e das identidades das imagens; verificação das relações entre as imagens e o conteúdo textual das páginas; averiguação das recorrências e das adaptações de imagens; identificação do contexto e dos aspectos histórico-educativos; apresentação da editora e dos profissionais envolvidos na produção dos livros e no processo de criação das imagens.

Pelo entrecruzamento dessas questões, que integram os objetivos específicos da investigação e que são reveladas no desenvolvimento do texto, esta tese pretende demonstrar que as imagens dos livros didáticos da *Coleção Guri* contribuem na configuração de uma memória histórica escolar, através de sua estética, dos estilos e das técnicas gráficas de ilustração; pela sua associação à uma identidade cultural; pela representação de determinadas características que definem um modelo editorial e evidenciam estruturas de produção e de tecnologias de impressão; pela identificação de preceitos de métodos didático-pedagógicos de determinada época; pela revelação de um contexto histórico, político, econômico, educativo, social e cultural. Além disso, todos esses fatores reunidos contribuem para a constituição da história editorial e gráfica das Edições Tabajara, cujas obras foram publicadas entre as décadas de 1940 e 1980.

A proposta desta tese implicou no desenvolvimento de estratégias de coleta de dados e na criação de metodologias específicas de análise desses registros visuais, decifrados a partir das teorias de iconografia e iconologia, escolhidas como suporte para os processos desenvolvidos durante a pesquisa, visando-se atingir os objetivos mencionados acima. Os estudos de iconografia e iconologia¹⁴ têm como principal referência as concepções de Erwin Panofsky, um dos pesquisadores precursores dessas técnicas de leitura de imagens, que se inserem entre os métodos da história social da arte. Resumidamente, a iconografia se refere ao estudo da imagem através da composição e das disposições dos elementos que a constituem, e a iconologia trata do estudo da imagem, através da interpretação do significado,

¹³ A expressão "livros didáticos gaúchos" tem sido adotada pelo Hisales para referir-se àquelas obras produzidas por autoras e autores gaúchos, ou seja, nascidos no Rio Grande do Sul. Produzidos especificamente entre as décadas de 1940 e 1980 (recorte temporal explicitado no texto), muitos desses livros foram publicados por editoras gaúchas (explanadas no texto), mas algumas também foram editadas por empresas do eixo Rio-São Paulo (mostradas no texto), que instalaram filiais e escritórios de representação no estado, na disputa pelo mercado editorial didático nessa região. Para identificação dos referidos livros, desse acervo específico do Hisales, no desenvolvimento desta tese, convencionou-se manter essa expressão, de forma resumida, para facilitar a sua aplicação no texto, nos quadros, nas tabelas e nas figuras, quando necessário.

¹⁴ Os termos iconografia e iconologia estão detalhados no subcapítulo 2.2 deste trabalho.

pelo contexto cultural e histórico, pelo valor simbólico da estética imagética, etc. O histórico, definições e características de ambos os termos são explanados mais detalhadamente na continuidade do texto.

Com base nessas definições, acredita-se que as técnicas de iconografia e de iconologia, utilizadas juntamente, podem se complementar na construção de um conhecimento efetivo e reflexivo sobre o conteúdo imagético dos livros didáticos, o que justificou a decisão por tomar como base tais métodos para sustentar o que se propõe com esta investigação. Por isso, acredita-se também que, desta forma, estes procedimentos metodológicos poderão contribuir com pesquisas futuras que tratem de temáticas semelhantes e originar novos objetos de investigações e propiciar discussões a respeito de questões abordadas no desenvolvimento desse trabalho, a partir do entrecruzamento dos campos de estudo da educação, das artes e do design gráfico.

A seguir, nos próximos capítulos, a pesquisa é apresentada e discutida, tendo, o texto, a seguinte estrutura: no capítulo 01 discute-se o campo de inserção da pesquisa, no qual é feita uma explanação sobre os livros didáticos na história da educação, e sobre o objeto, a questão e os objetivos da investigação; no capítulo 02 discorre-se sobre os procedimentos teórico-metodológicos, no qual são explicadas as etapas de metodologia adotadas e são apresentados os aspectos teóricos relativos à análise de imagens nos livros didáticos; no capítulo 03 são destacados os dados encontrados na pesquisa sobre o histórico e as características das Edições Tabajara, os profissionais que trabalhavam na empresa, a atuação no mercado editorial e as suas publicações didáticas; no capítulo 04 dá-se, finalmente, evidência à *Coleção Guri*, a produção didática da Tabajara escolhida como foco específico da investigação. Nele são apresentadas as principais características da coleção e se procede as análises de imagens dos exemplares utilizados na investigação, quais sejam: a *Cartilha do Guri*, *Primeiro Livro do Guri*, *Segundo Livro do Guri*, *Terceiro Livro do Guri*, *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, *Terceiro Livro do Guri - Leitura* e *Quarto Livro do Guri*; na sequência são feitas as considerações finais à guisa de conclusões da pesquisa realizada; por fim, foram incluídos, como de praxe, as referências utilizadas para a investigação e os apêndices com instrumentos e coletas de dados elaborados no desenvolvimento desta pesquisa.

1.

O CAMPO DE INSERÇÃO DA PESQUISA



Neste primeiro capítulo do trabalho, apresenta-se uma contextualização do campo de inserção desta pesquisa. Inicialmente, são expostas algumas reflexões sobre os livros didáticos na história da educação; na sequência, explicita-se o objeto, a questão e os objetivos da tese.

1.1 Os livros didáticos na história da educação

Inicialmente, em breve reflexão sobre a gênese do livro didático, faz-se referência aos conceitos de Lajolo & Zilberman (1998, p. 120), que indicam que “o livro didático talvez seja uma das modalidades mais antigas de expressão escrita, já que é uma das condições para o funcionamento da escola”. Segundo as autoras, a origem deste gênero de livro estaria nas obras *Poética*, do filósofo Aristóteles, no séc. IV a.C. e em *Institutio Oratoria*, de Marcus Fabius Quintiliano, no séc. I d.C., sendo ambas reproduzidas de forma manuscrita inicialmente e apresentando versão impressa apenas no final do séc. XV.

É pertinente retomar-se uma das definições de livro didático recorrentes entre os pesquisadores do campo da história da educação e que traz alguns dos aspectos discutidos neste trabalho, iniciando-se pelos estudos de Lajolo (1996), que se refere a ele como sendo:

[...] o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina (LAJOLO, 1996, p. 04).

Além disso, pelo conceito de Bittencourt (2010), o livro didático é uma “mercadoria”,

um "depositário dos conteúdos escolares", um "instrumento pedagógico" e um "veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura". Destaca-se, neste momento, um desses conceitos, oportuno para a pesquisa:

[...] o livro didático é também um *depositário dos conteúdos escolares*, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares; é por seu intermédio que são passados os conhecimentos e técnicas considerados fundamentais de uma sociedade em determinada época. O livro didático realiza uma transposição do saber acadêmico para o saber escolar no processo de explicitação curricular. Nesse processo, ele cria padrões linguísticos e formas de comunicação específicas ao elaborar textos com vocabulário próprio, ordenando capítulos e conceitos, selecionando ilustrações, fazendo resumos, etc. (BITTENCOURT, 2010, p. 72).

Em decorrência destas definições, pode-se dizer que os livros didáticos são suportes que revelam práticas didáticas, de constituição e de transmissão dos saberes e da cultura escolar, além de serem elemento fundamental das políticas públicas de educação. Também é importante lembrar que, segundo Munakata (2003, p. 06-07), "o livro didático não é o portal que se abre para o mundo inteligível, onde o "leitor" possa colher as ideias (mais ou menos) perfeitas ou mesmo ideologias; ele é um objeto educacional a ser manipulado, de acordo com certos protocolos de uso". Além disso, para Cruder (2008):

El libro de texto constituye un tipo genérico con clara intencionalidad didáctica, en tal sentido lo entendemos como un dispositivo privilegiado, en tanto que ocupa un lugar destacado y legitimado en el marco de la educación sistemática, centro neurálgico que nos permite estudiar las relaciones entre el conocimiento, su transposición al ámbito escolar y las configuraciones de sentido que promueve (CRUDER, 2008, p. 179).

Munakata (2007, p. 578) salienta que "por envolver tantas práticas diversificadas, não raras vezes a relação com esses livros é indicada não pelo termo "leitura", mas pela palavra "uso". O autor explicita que, em geral, "esse uso ocorre numa situação peculiar denominada "ensino e aprendizagem" - que, por sua vez, remete para outras tantas práticas diversas" (ibidem, p. 579). Sendo assim, "ler/usar livro didático implica assim pelo menos dois leitores permanentes: aluno e professor" (ibidem, p. 579).

Os estudos de Frade & Maciel (2006a) indicam que os livros didáticos são muito mais do que livros com textos, pois:

[...] não são só textos e muitas das análises feitas sobre o seu conteúdo se concentram na esfera metodológica, linguística ou ideológica, sem considerar um conjunto muito mais complexo que seu interior e exterior revelam. Ao mesmo tempo em que possuem singularidades que os destacam, os livros didáticos também se nutrem de modelos gráfico-editoriais existentes nos repertórios de livros que circulam na sociedade: tanto para rupturas, como para continuidades. Assim pedagogia da alfabetização, cultura escrita e produção editorial se cruzam, de maneira complexa, nas páginas de um mesmo livro didático (FRADE; MACIEL, 2006a, p. 3107).

Lajolo & Zilberman (1998) definem o livro didático como o "primo pobre" da literatura, descartável, mas de ascendência nobre e, ainda, o consideram uma poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação. Para Batista (2009), o livro didático é um livro efêmero, que se desatualiza com muita velocidade e sua utilização está ligada aos intervalos

de tempo escolar. A localização desse tipo de material é difícil, tendo em vista que são facilmente descartados devido a fatores como a falta de espaço para a guarda e preservação e ao desconhecimento da sua importância para as pesquisas em História da Educação.

O livro, entre as definições atribuídas por Munakata (1997), é também um:

[...] signo cultural na e pela sua materialidade, pela sua natureza objetivada como mercadoria, resultado de uma produção para mercado. A análise do livro requer, pois, a recusa do idealismo que sobrevaloriza a ideiação da Obra e desdenha o momento da produção material. Ao contrário do que muitos acreditam, não há no livro a imediatez das idéias; é a forma (material) como elas se apresentam, tão desprezada em certos meios, que lhes conferem possibilidade e ocasião de significação (MUNAKATA, 1997, p. 18-19).

Ademais, Farbiarz & Farbiarz (2010, p. 140) ressaltam que "as pesquisas na área da educação abordam os sujeitos do processo comunicacional, o texto enquanto conteúdo, mas, muitas vezes, não incluem o objeto da leitura em si, o livro, assim como todos os agentes presentes, e necessários à sua produção".

Ao refletir-se sobre as pesquisas que vêm sendo feitas a partir de coleções didáticas, é importante registrar que não existem, até o momento, trabalhos focados especificamente na produção didática das Edições Tabajara, envolvendo o seu ramo editorial e aspectos gráfico-editoriais dos seus livros. Sobre as Edições Tabajara, o que se encontrou, até então, são casos em que seus impressos são citados em trabalhos sobre determinados temas que tratam, por exemplo, de abordagens sobre os métodos didático-pedagógicos aplicados e comparações de características específicas com publicações de outras editoras, investigações sobre trajetória profissional de autoras(es) de algum livro didático, estudos que entrecruzam e comparam dados entre autoras, impressos, programas governamentais, editoras, entre outros.

O foco de estudo dessa pesquisa vai ao encontro ao que defendem Lopes & Galvão (2001), ao fazerem referências às fontes que são transformadas em objetos de pesquisa:

[...] essas novas fontes que vêm sendo incorporadas pelas pesquisas mais recentes têm sido também transformadas no próprio objeto de pesquisa. A imprensa pedagógica, o livro escolar, o caderno do aluno, o mobiliário, o uniforme, por exemplo, não servem apenas para nos fazer aproximar de um aspecto da realidade que estamos investigando, mas eles próprios - suas condições de produção (e de circulação), seus usos, as transformações por que passaram ao longo do tempo - passam a interessar, pois dizem também sobre um passado educacional (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 82).

No que tange aos estudos sobre os livros, Chartier (1990, p. 126-127) faz advertências muito pertinentes. O autor adverte, por exemplo, que "não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor". As publicações didáticas são exemplos dessas considerações, que proporcionam aos pesquisadores inúmeras possibilidades de estudos a partir dos textos, imagens, conteúdo, materialidade, suporte, práticas de uso, entre outros, por diferentes perspectivas e interpretações.

Os conceitos de Chartier (1990), aliás, contribuem para esta investigação, pois ele pesquisa o livro como um objeto que é parte de um ciclo que envolve as práticas de produção, de circulação e de apropriação, que são interdependentes e essenciais para o conhecimento de aspectos da leitura, bem como evidenciam a existência de etapas, técnicas e atividades humanas, que envolvem autores, editores, impressos, entre outros. Tais elementos podem ser identificados em qualquer tipo de livro e, ao se refletir sobre isso, deve-se reconhecer o quanto são fundamentais na produção dos livros didáticos.

De acordo com Chartier (1999), o autor não escreve livros, mas textos que serão transformados em livros e, com isso, é possível compreender que entre o objeto que o autor escreve e aquele que o leitor lê, existe uma série de mediações, interlocuções e interferências realizadas por outros profissionais, como editores, ilustradores, designers gráficos¹⁵, tradutores, impressores, vendedores, distribuidores, educadores. Pode-se dizer, também, que todos esses profissionais têm participação importante como agentes mediadores dos processos de leitura, independente da época em que tenham atuado na área.

Deve-se atentar também para o fato de que:

[...] enquanto meio de comunicação, o livro tem características próprias de natureza tecnológica, lingüística e de recepção que transcendem o fato dele ser didático, romance ou infantil. Isso é, ele possui um sentido próprio à sua espécie, revelado em sua própria natureza. Esse sentido contribui tanto para a "aura" do livro - fator de atração - quanto para seu "estigma" - fator de rejeição. Como qualquer outro objeto, um determinado livro representa saber, status e a memória desse saber para seu usuário. Representa fragmentos da vida do leitor, lembranças e contextos associados ao momento da leitura, por exemplo. As imagens das páginas de um livro trazem, em si, todo um imaginário próprio da ontologia da representação pela imagem [...] (COELHO, 2010, p. 160).

A presente pesquisa também é sustentada pelas teorias de Darnton (2010, p. 122), que defende que a história do livro em geral consiste em "entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade nos últimos quinhentos anos". Os livros impressos passam por um ciclo, definido por Darnton (2010) como Circuito das Comunicações, que vai do autor ao leitor, passando por muitos e diferentes profissionais como o editor, impressor, fornecedor, transportador, distribuidor, livreiro, vendedor, etc.

Os pesquisadores da história do livro se interessam por cada fase desse processo e pelo processo como um todo. Como exemplo disso, pode ser citada a pesquisa realizada na dissertação de Mestrado em Educação (RAMIL, 2013), na qual foram analisados o projeto e a produção gráfica da coleção didática *Tapete Verde* e, com os dados reunidos, também foi criada e apresentada uma adaptação do esquema referido e desenvolvido por Darnton.

¹⁵ Somente no século XX o designer gráfico surgiu como profissional especializado, mas a atividade de design gráfico começou a aparecer e a tomar impulso no fim do século XIX, com trabalhos como o do inglês William Morris.

Levando em consideração os argumentos mostrados até então, considera-se importante destacar ainda que a investigação aqui apresentada propõe mais do que uma mera análise da ideologia das imagens, pois esta temática já vem sendo estudada há muito tempo por pesquisadores e há trabalhos que abordam estas questões, principalmente vinculados diretamente ao campo da Educação. Há várias pesquisas que demonstram como textos e ilustrações de obras didáticas são portadores de valores que repercutem os estereótipos, preconceitos, discriminação e valores dos grupos dominantes, tratando de temas que incluem família, criança, etnia, raça, profissões, cor, gênero, sexualidade, religião, entre outros, de acordo com os conceitos de uma sociedade branca burguesa, por exemplo.

Em estudo já clássico nessa perspectiva, Nosella (1981, p. 23), baseada nas teorias de Althusser, definiu a ideologia em geral como um "sistema das idéias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social". Refletindo-se sobre a relação entre o livro didático e a ideologia, segundo Nosella, "os conteúdos ideológicos formam uma boa parte do que se chamaria de 'currículo oculto', pelo qual a criança assimila determinados comportamentos, valores, modos de conceber a realidade etc." (NOSELLA, 1981, p. 29). Neste sentido, Bittencourt (2010, p. 73), ressalta que o "[...] livro didático na vida escolar pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado".

Há de se considerar a função ideológica que as ilustrações dos livros didáticos desempenham, pois, uma "mensagem visual torna-se eficiente instrumento ideológico complementar dos textos, devido à sua força comunicativa - rapidez e impacto emotivo - muitas vezes maior do que a comunicação escrita" (NOSELLA, 1981, p. 199). Além disso, segundo Faria (1987, p. 71), o livro didático "não é desligado da realidade, ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante. A ideologia dominante também não é desligada da realidade, ela também tem um papel e o cumpre."

As imagens podem reforçar ainda mais o conteúdo ideológico que se quer transmitir em um livro didático, quando além do que estão representando visualmente, também há casos em que elas apresentam características que realçam aspectos que não aparecem descritos nos textos e que acabam interferindo na interpretação dos leitores, sob um determinado sentido ideológico (FARIA, 1987, p. 72).

Por isso, há o interesse de que, através da materialidade dos impressos didáticos, as imagens sejam analisadas em todo o seu potencial e por todas as possibilidades de investigações, a partir de seus estilos e técnicas gráficas e, ainda, como elas podem contribuir para a criação de uma identidade visual gráfica, das representações que elas podem revelar e sua contribuição na configuração de uma memória histórica escolar, quando aplicadas nos livros didáticos, especialmente através dos estudos de iconografia e iconologia. É o caso da pesquisa realizada; a análise das imagens é feita para além dos aspectos ideológicos.

Lopes & Galvão (2001) valorizam e incentivam que as pesquisas que tratam de análises iconográficas sejam mais exploradas, reconhecendo assim sua importância para a História da Educação. Segundo as autoras,

Pinturas, desenhos, esculturas, fotografias, cartões postais também podem dizer sobre o passado e, particularmente, sobre a educação em outras épocas. Tradicionalmente utilizada como ilustração daquilo que os documentos escritos diziam, a iconografia vem sendo, crescentemente, considerada importante e incorporada aos trabalhos de História da Educação. Uma discussão sobre as exigências impostas à sua utilização nas pesquisas também tem sido feita, destacando-se a especificidade que têm as condições de sua produção em cada época e sociedade (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 84).

Em suas pesquisas, Cruder (2008) verificou que são escassos os trabalhos que atendem especificamente o estudo das imagens e, especialmente, em relação ao potencial educativo das ilustrações nos livros escolares. Esta afirmação é decorrente de uma investigação desenvolvida em vários países, o que é um dado ainda mais impactante, pois mostra que não é apenas no Brasil que há poucas pesquisas investindo nessas temáticas específicas. Conforme a autora,

En el campo de investigaciones que tratan las imágenes y sus modos de inscripción, tanto en los libros de texto cuanto en su utilización en las escuelas, pareciera ratificarse - desde las distintas vertientes de análisis y en las más variadas geografías - la necesidad de exploración de un territorio poco transitado, la profundización y sistematización de los hallazgos, sosteniendo la preocupación por lo omitido en tanto objeto de estudio que debe ser abordado (CRUDER, 2008, p. 32).

Paiva (2006) defende o estudo das imagens no processo de estudo do passado e as insere no campo da iconografia, pois para ele,

[...] já não as tomamos como simples “ilustrações”, “figuras”, “gravuras” e “desenhos”, que servem para deixar o texto mais colorido, menos pesado e mais chamativo para o pequeno leitor ou mesmo para o adulto. A iconografia é tomada agora como registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas e, ainda, esculpidas, modeladas, talhadas, gravadas em material fotográfico e cinematográfico. São registros com os quais os historiadores e os professores [...] devem estabelecer um diálogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar as respostas (PAIVA, 2006, p. 17).

Porém, Paiva (2006) também alerta para os problemas enfrentados no trabalho de análise das imagens, pois estas são carregadas de significados (expressam algo que se quer representar) e sentidos (estão relacionados às sensações e interpretações) criados por autores influenciados por demandas, inspirações, anseios, condutas e ideologias. Segundo o autor,

A iconografia é certamente uma das fontes mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Nesse aspecto, ela é uma fonte [...] e, assim como as demais, tem de ser explorada com muito cuidado (PAIVA, 2006, p. 17).

Por isso, essa pesquisa busca empreender uma análise diferenciada, que demonstre que as imagens encontradas nas páginas dos livros didáticos, estudados por sua materialidade, não devem ser compreendidas apenas como elementos ideológicos. Elas são

carregadas de simbologia, de representações, de identidade cultural e de relações histórico-educativas, que podem detectar características de um determinado modelo editorial vigente, de preceitos de métodos didáticos pedagógicos adotados em determinada época e de características gráficas, de ilustração e de design típicos de certo período, além de outros fatores. Segundo Luca (2010, p. 140), “[...] os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público [...]”.

Luca (2010) também destaca a importância desse tipo de pesquisa que propõe análises que vão além do conteúdo escrito e que explora as possibilidades de investigação a partir da materialidade dos impressos. Diz a autora:

[...] nas páginas dos exemplares inscreve-se a própria história da indústria gráfica, dos prelos simples às velozes rotativas até a impressão eletrônica. O mesmo poderia ser dito em relação ao percurso das imagens, que se insinua de forma tímida nos traços dos caricaturistas e desenhistas e chega a açambarcar o espaço da escrita com a fotografia e o fotojornalismo. Páginas amareladas que também trazem as marcas do processo de trabalho que juntou máquinas, tintas, papel, texto e iconografia, fruto da paciente ordenação do paginador e da composição manual e caprichosa de cada linha do texto pelo tipógrafo, passando pelos ágeis operadores de linotipos e, agora, pelos meios digitais. É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. Das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos dos computadores, há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de leituras (LUCA, 2010, p. 132).

Outro fator relevante, para reforçar as justificativas que subsidiam esta tese, é o de que os livros didáticos das Edições Tabajara devem ser reconhecidos, pois, além de terem sido muito utilizados na região sul, principalmente entre as décadas de 1950 e 1970, eles não ficaram restritos apenas ao Rio Grande do Sul, pois sua produção didática também circulou em larga escala por outras regiões do país, estando entre as empresas do ramo editorial que mais publicaram livros didáticos naquele período. Isso se deve também à vinculação dessas publicações didáticas aos programas governamentais desenvolvidos pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC). Cabe registrar que essa empresa do ramo editorial era gaúcha e foi fundada em Porto Alegre/RS, e mais informações sobre ela aparecem no decorrer do texto.

Por isso, para contextualizar a atuação das Edições Tabajara no mercado editorial do país e a sua participação na publicação de livros escolares, é fundamental conhecer a história editorial do Brasil e compreender a evolução da produção didática no país, em todos os seus aspectos, desde o conteúdo à materialidade e a visualidade, assim como os processos neles implicados. Em relação a isso, Melo diz que:

O livro é o ícone da cultura. A construção de sua materialidade e de sua visualidade – ou seja, seu design – é um desafio milenar. O livro brasileiro, no entanto, é jovem quando comparado à produção da indústria editorial europeia. Mesmo assim, ele representa a mais consolidada tradição do design no país (MELO, 2006, p. 58).

Segundo Hallewell (2005, p. 215), “os primeiros livros escolares brasileiros foram publicados pela Impressão Régia¹⁶, uma primeira tentativa suscitada pelas guerras napoleônicas, que interromperam os suprimentos normais da Europa”. Com o restabelecimento dos intercâmbios, durante muito tempo pouco se soube de livros escolares brasileiros. Para o autor, “não apenas o mercado era pequeno demais para interessar a alguma editora nacional, como também os métodos primitivos de ensino usados nas muitas escolas dispensavam inteiramente o uso de livros” (ibidem).

Conforme Bittencourt (2008, p. 197), “desde a instalação da Impressão Régia houve a necessidade da arte da gravura” e esse acontecimento serviu de impulso para desenhistas, gravadores, tipógrafos começarem a surgir, tanto brasileiros como de fora, de outros países. Ser desenhista naquela época era um serviço de certa forma ainda desprestigiado, de pouca remuneração e esporádico, o que levava à desistência da profissão.

Enquanto o mercado editorial didático era ainda pequeno no país, o francês Baptiste Louis Garnier (que chegou ao Brasil em 1844), instalou sua firma instalada no Rio de Janeiro/RJ (inicialmente na Rua do Ouvidor – região das lojas francesas) e é considerado o primeiro editor a se empenhar de fato em atender às necessidades de livros escolares brasileiros e, com isso, assumiu um risco comercial por sua própria iniciativa, na segunda metade do século XIX¹⁷. Esse ramo editorial específico só se expandiria a partir de 1880. Garnier era considerado o principal profissional no ramo, até o aparecimento da firma Francisco Alves, de Nicolau e Francisco Alves. Este é conhecido como o primeiro editor brasileiro especializado no mercado do livro escolar, a partir do final do mesmo século e na mesma cidade, tornando sua empresa reconhecida e bem-sucedida no país¹⁸ (HALLEWELL, 2005; CAMARGO, 2003).

¹⁶ Em 13 de maio de 1808 foi lançada a Impressão Régia no Brasil, que passou a funcionar no mesmo dia, com a impressão de um folheto de 27 páginas, com a relação dos despachos publicados naquela data, aniversário do Príncipe Regente, considerada a primeira obra impressa no Brasil. A produção brasileira de livros também teve início na Impressão Régia, “sob influência secular da tradição europeia de alta qualidade que ainda vigorava em Portugal em fins de século 18. O melhor papel, tipos, impressão, encadernação faziam do livro um produto caro, passível de cuidados artesanais, sujeito a tiragens pequenas e, portanto, acessível a poucos” (CARDOSO, 2009, p. 84). “A Impressão Régia, em 1822, tinha onze prelos, editava manuais didáticos, obras literárias, trabalhos científicos e impressos oficiais – em geral, na forma de volantes [...], além de livros e periódicos [...]” (CAMARGO, 2003, p. 20). Após alguns anos, essa gráfica tem a sua denominação mudada para Typographia Nacional e posteriormente para Imprensa Nacional.

¹⁷ Deve-se a Garnier, por sua notável contribuição no campo dos livros em geral, a introdução do “formato francês” no Brasil – in-oitavo (16,5 x 10,5 cm) no início e o mais frequente in-doze (17,5 x 11 cm), que dominaram o mercado por mais de meio século. Além disso, foi ele quem começou a empregar revisores para as edições e quem deu início às coleções (HALLEWELL, 2005; CAMARGO, 2003).

¹⁸ Francisco Alves D'Oliveira começou trabalhando na livraria do tio Nicolau, em 1882, no Rio de Janeiro, consolidada com a venda de obras didáticas e material escolar. Com a criação de sua própria empresa no ramo editorial, imprimiu os livros no exterior durante muitos anos, e a iniciativa de abrir esse negócio também se deu pela importância que ele percebeu que o ensino público iria adquirir, especialmente em São Paulo, onde abriu uma filial. Lançou “muitas obras didáticas que atingiam pontos longínquos do território nacional, numa significativa vitória sobre as dificuldades de distribuição que marcaram as duas primeiras décadas do século no Brasil” (CAMARGO, 2003, p. 47).

Há levantamentos e pesquisas que analisam as editoras e os fluxos da visualidade brasileira, em um esforço de mostrar o cenário brasileiro editorial, mas que acabam quase sempre priorizando as produções das regiões de São Paulo e Rio de Janeiro, enquanto as demais pouco aparecem. Percebe-se, com isso, a carência de investimento nas questões regionais do Rio Grande do Sul, que possui larga contribuição no campo editorial. Segundo Ramos (2016, p. 48),

O Rio Grande do Sul, nesse quesito, tem uma história pródiga. Já no século XIX as cidades de Pelotas, Rio Grande, São Leopoldo e Porto Alegre concentravam dezenas de livrarias, gráficas e oficinas litográficas, que publicavam não apenas impressos efêmeros de viés comercial (embalagens, rótulos e cartazes), como revistas e livros.

Entre as editoras gaúchas existentes no século XIX, várias delas dedicavam-se à produção de livros de áreas diversas, sendo que algumas eram voltadas quase exclusivamente para o campo editorial didático e disputavam esse mercado. Entre elas estavam: Rodolfo José Machado (Porto Alegre/RS)¹⁹, Selbach (Porto Alegre/RS)²⁰, Rotermond (São Leopoldo/RS)²¹, Livraria Americana (Pelotas/RS)²², Livraria Universal (Pelotas/RS)²³ e Livraria Comercial (Pelotas/RS)²⁴. Essas empresas investiam na edição de obras didáticas e focavam nesse ramo devido ao crescimento da escolarização, o que também aumentava a necessidade da quantidade de livros escolares, garantindo, assim, maior lucro à essas editoras, principalmente com a publicação dos títulos aprovados pelo Conselho da Instrução Pública (ARRIADA, 2012).

Fatores como esses fizeram com que a produção de livros didáticos no Rio Grande

¹⁹ A Livraria de Rodolfo José Machado foi fundada em Porto Alegre/RS, em 1854. A editora publicou diversas obras de caráter didático e é considerada uma das protagonistas no mercado editorial de livros didáticos no Rio Grande do Sul, na época do início da República (TAMBARA; ARRIADA, 2011; ARRIADA, 2012).

²⁰ A Livraria Selbach & Cia. tinha sede em Porto Alegre/RS, foi fundada em 1908, como sucessora de Selbach & Mayer. Contava com livraria, papelaria, encadernação e pautaço, além de venda de materiais diversos e, após alguns anos, também passou a editar obras, em especial livros escolares. Por volta de 1960, encerrou seus serviços editoriais (HALLEWELL, 2005; TAMBARA; ARRIADA, 2011; ARRIADA, 2012).

²¹ A Rotermond é uma “Gráfica e Editora fundada em 1877 pelo pastor protestante Wilhelm Rotermond em São Leopoldo (RS), e que até hoje permanece em mãos da família. Em sua tarefa missionária entre colonos alemães, Rotermond detectou a necessidade de adaptar textos à realidade encontrada por seus conterrâneos em plagas brasileiras. Um ano depois, já editava sua primeira cartilha escolar. [...] a Rotermond comprova em sua história tanto a flexibilidade da indústria gráfica quanto a tradição das famílias de gráficos e editores” (CAMARGO, 2003, p. 42).

²² A Livraria Americana foi fundada na cidade de Pelotas/RS, por Carlos Pinto, em 1871. Instalou a primeira filial em Porto Alegre, em 1879 e, posteriormente, a segunda filial em Rio Grande, em 1885. Publicou obras de diferentes gêneros literários de autores nacionais e estrangeiros, além de coleções em formato livro-de-bolso, de baixo preço, como as traduções, que eram feitas de forma ilícita. Diversas obras de caráter didático, de autores como Hilário Ribeiro, foram editadas por essa empresa editorial, que encerrou as suas atividades em 1916 (HALLEWELL, 2005; TAMBARA; ARRIADA, 2011; ARRIADA, 2012).

²³ A Livraria Universal foi fundada em 1887, em Pelotas/RS, pelos irmãos Carlos e Guilherme Echenique. Em 1917, adquiriu os direitos comerciais da antiga Livraria Americana. Também abriu filiais nas cidades de Porto Alegre, em 1891 e em Rio Grande. Além de obras diversas, de autores nacionais e estrangeiros, publicou livros didáticos. Em 1929, encerrou as suas atividades (TAMBARA; ARRIADA, 2011; ARRIADA, 2012).

²⁴ A Livraria Comercial foi criada em Pelotas, pelo ano de 1885, sob razão social Souza Lima & Meira. No ano de 1900, Francisco Meira tornou-se o único proprietário. Entre as obras editadas, várias eram de caráter didático. Possuía uma filial na cidade de Rio Grande (TAMBARA; ARRIADA, 2011; ARRIADA, 2012).

do Sul, como no resto do Brasil, tenha se solidificado no século XIX, sendo que o período de provincialização da produção, distribuição e da adoção de textos escolares durou até meados do século XX (TAMBARA; ARRIADA, 2011). Apesar das tentativas das empresas do ramo editorial do estado em impedir o protagonismo das grandes editoras do centro do país, após esse período houve intensa inserção de editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo no mercado gaúcho, mesmo que algumas editoras gaúchas buscassem ou já estivessem conquistando o mercado nacional, apoiadas muitas vezes nos programas governamentais.

Desde o final do século XIX e início do século XX, no Rio Grande do Sul, foram produzidos livros para o ensino da leitura e escrita, sendo que o período compreendido entre as décadas de 1940 e 1980 é considerado o auge da produção gaúcha de livros didáticos no estado. Algumas editoras locais podem ser destacadas, por sua importância e reconhecimento pela publicação de muitas obras didáticas: Tabajara, Selbach, Globo²⁵, Rotermond, entre outras, que devem ser consideradas pela sua contribuição para a história editorial do RS (PERES, 1999, 2006a, 2006b).

A Editora Tabajara e a Editora Globo, em especial, além de serem bastante tradicionais e conhecidas na região sul e terem suas obras adotadas localmente, principalmente entre as décadas de 1940 e 1970, não ficaram restritas apenas ao Rio Grande do Sul, visto que sua produção didática também chegou a outras regiões do país e, com isso, elas estavam entre as empresas do ramo editorial que mais publicaram livros didáticos naquele período.

Mais tarde, isso se deve também à vinculação dessas publicações didáticas aos programas governamentais desenvolvidos pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), como por exemplo, a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (Colted)²⁶, criada em

²⁵ A Editora Globo, criada em Porto Alegre/RS, se originou de um pequeno estabelecimento fundado no final de 1883 pelo imigrante português Laudelino Pinheiro Barcellos, na Rua dos Andradas, conhecido como a Livraria do Globo, de L. P. Barcellos & Cia. Essa empresa, além de vender livros e artigos de papelaria, passou a dispor de uma tipografia própria para trabalhos sob encomenda. José Bertaso, que era funcionário da empresa desde 1859, passou a ser sócio e proprietário do empreendimento em 1918. A partir de então, Bertaso investiu em uma intensa atividade editorial, com a publicação de livros bem-sucedidos e alcançando posição de destaque nacional, tornando-se reconhecida também pelos seus livros didáticos publicados e utilizados nacionalmente. A Livraria do Globo adquiriu a primeira linotipo do Rio Grande do Sul em 1909, instalou a seção de litografia em 1919 e adquiriu a sua primeira rotativa offset em 1937, transformando-se numa das empresas gráficas mais completas do Brasil, com a modernização do segmento gráfico e de seus aparatos tecnológicos, garantindo assim uma produção mais rápida e mais qualificada de seus livros. A empresa investiu nos livros didáticos a partir da década de 1930 e, em 1936, já possuía vinte máquinas impressoras e quinhentos empregados. A coordenação da empresa foi sendo passada para seus familiares, no decorrer dos anos, como José Otávio Bertaso (filho de Henrique Bertaso e neto de José Bertaso), um dos últimos editores da empresa gaúcha. Com a crise financeira, em outubro de 1986, a Editora Globo foi vendida e transferiu o controle acionário para a Rio Gráfica e Editora, que desde 1952 era de propriedade do jornalista e empresário Roberto Marinho, proprietário das Organizações Globo (corporação da qual faz parte a Rede Globo) (CAMARGO, 2003; HALLEWELL, 2005; RAMIL, 2013).

²⁶ A Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático - Colted, criada em outubro de 1966 pelo Ministério da Educação tem origem no Conselho do Livro Técnico e do Livro Didático, criado anteriormente, no mesmo ano (1966) pelo governo militar (Decreto nº 58.653/66) e em 1971 esse órgão foi extinto. De acordo com Vahl; Vieira e Peres (2014), a Colted foi produto do convênio firmado entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC), o Sindicato

1966 e que colaborou com a expansão do desenvolvimento da indústria editorial de livros técnicos e didáticos, fortalecendo o mercado para várias editoras²⁷. Há inclusive registros que comprovam que algumas das coleções didáticas da Editora Tabajara foram financiadas pelo convênio estabelecido com a Colted, o que contribuiu significativamente para a viabilidade de suas grandes tiragens (VAHL, 2014).

Segundo Peres et al. (2013), através de uma análise realizada a partir de um conjunto de cartilhas produzidas por autoras gaúchas entre os anos de 1940 e 1970 e sua relação com as editoras, do Rio Grande do Sul, encontrou-se alguns dados que reafirmam a influência das publicações didáticas de origem gaúcha a nível local e nacional. Isto porque as publicações das editoras Tabajara e Globo equilibram-se, neste mesmo período, na porcentagem de quantidade de obras publicadas, com a Editora do Brasil²⁸, que era de São Paulo (mas possuía uma filial em Porto Alegre/RS) e já conquistava o mercado gaúcho com seus impressos didáticos. É importante registrar também que, neste mesmo período, a quantidade de obras didáticas publicadas na região sul, em Porto Alegre/RS, chega a ser quase o dobro de obras publicadas em São Paulo (PERES et al., 2013).

Em outra análise, de Vieira et al. (2013), que versa sobre a produção gaúcha de livros didáticos entre os anos de 1940 e 1980, a Editora Tabajara se sobressai com maior produção de títulos às demais Editoras analisadas, tais como: as regionais Editora Globo, Editora Selbach e Editora Tomatis²⁹, e as do eixo Rio-São Paulo: Editora do Brasil e Editora FTD³⁰.

Nacional dos Editores (Snel) e a *United States Agency for International Development* (Usaid - é uma organização subordinada à *Administration for International Development*, com a mesma sigla, Usaid, do *State Department*, o Ministério de Relações Exteriores dos EUA). A Colted possuía a “finalidade de incentivar, orientar, coordenar e executar as atividades do Ministério da Educação e Cultura relacionadas com a produção, a edição o aprimoramento e a distribuição de livros técnicos e de livros didáticos” e “autorizar a celebração de contratos, convênios e ajustes com entidades públicas e particulares e com autores, tradutores, editores, gráficos, distribuidores e livreiros” (BRASIL. Decreto nº 59.355/1966. DOU, 05/10/1966, p. 11468).

²⁷ "O desempenho da Colted no desenvolvimento dos projetos vinculados ao convênio MEC/Snel/Usaid foi essencial para o fortalecimento da indústria editorial brasileira de livros escolares" (FILGUEIRAS, 2013). O convênio MEC/Snel/Usaid foi assinado em 06 de janeiro de 1967 e consistia na cooperação para publicações técnicas, científicas e educacionais visando disponibilizar cerca de 51 milhões de livros ao longo de três anos, que seriam distribuídos gratuitamente às escolas de nível primário e médio, além de estimular o fortalecimento e a expansão da indústria editorial de livros técnicos e didáticos. Pretendia promover contratos com as editoras buscando aumentar o número de livros disponíveis nos níveis de ensino primário, médio e superior e sua distribuição pela rede comercial, proporcionar a edição de livros didáticos das matérias em que não houvesse publicação em português, aperfeiçoar as técnicas da indústria editorial e gráfica, estimular os autores e o aprimoramento dos ilustradores, difundir os meios de aperfeiçoar técnicas didáticas para melhorar o uso dos livros didáticos e materiais científicos (FILGUEIRAS, 2013).

²⁸ A Editora do Brasil foi fundada em 1943 por seis professores responsáveis pela execução do programa dos livros didáticos da Editora Nacional, que abandonaram essa empresa e decidiram estabelecer o seu próprio negócio. A Editora do Brasil logo ficou conhecida pela publicação de livros didáticos e infantis e segue atuando no mercado editorial até os dias de hoje (HALLEWELL, 2005).

²⁹ A Editora Tomatis – Livros Didáticos foi criada pela professora e autora Gilda de Freitas Tomatis, em 1967, em Porto Alegre/RS, para publicar a Cartilha *Ler a Jato* e os materiais didáticos complementares de alfabetização, de sua própria produção, divulgando assim o seu Método Audiofonográfico de Alfabetização em 15 horas (DIETRICH, 2012).

³⁰ A Editora FTD era de propriedade dos Irmãos Maristas, e tem essa sigla em homenagem a Frère Thèophane Durand, o Irmão Superior-Geral do Instituto Marista, de 1883 a 1907. De origem francesa, se estendeu a outros países no final do séc. XIX e na primeira metade do séc. XX, como o Brasil, que recebeu os primeiros Irmãos

Além disso, é importante registrar a participação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE), como órgão responsável pelo fomento da produção didática no Rio Grande do Sul, a partir dos anos 1940. O CPOE, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (SEC-RS), foi criado em 1943 e encerrado em 1972. Entre suas ações no campo educacional estavam a de controlar, fiscalizar e determinar projetos e práticas pedagógicas para a escola primária, influenciando também na produção de livros didáticos, em geral, e dos livros destinados ao ensino da leitura e da escrita³¹. Das ações do CPOE, ocorreu um processo de "profissionalização da/na produção didática", tendo em vista a demanda por obras consideradas de qualidade com determinados padrões (PERES, 2006a).

Muitas das obras didáticas que foram produzidas entre 1940 e 1980 eram de autoria de mulheres, professoras e vinculadas ao CPOE/SEC-RS. De acordo com Peres,

[...] a produção, a análise, a indicação, a divulgação e o controle de materiais de leitura em geral e de livros didáticos em especial estiveram no cerne da política do CPOE. As listas de livros didáticos recomendados pelo CPOE eram enviadas anualmente aos estabelecimentos escolares, em forma de Comunicado – estratégia mais comum adotada pelo Centro para fazer chegar até as escolas decisões, pareceres, regulamentos, determinações, orientações, prescrições, etc. Além disso, algumas técnicas e orientadoras educacionais do CPOE tornaram-se, a partir da década de 50, as mais importantes autoras de livros didáticos do estado. Nesse período, o Rio Grande do Sul destaca-se pela produção de um conjunto significativo de livros didáticos para todas as séries e disciplinas da escola primária (PERES, 2008, p. 115).

Algumas das autoras gaúchas de livros didáticos desta época integraram a comitiva de professoras brasileiras que viajou aos Estados Unidos, através da Colted, pela política do acordo MEC/Usaid, anteriormente comentado, para estudos sobre produção de livros didáticos e, entre essas pessoas, sabe-se que estava pelo menos uma das professoras autoras que publicaram livros pela Tabajara, no caso, Sydia Sant'Anna Bopp.

De acordo com Vieira et al. (2013), as obras didáticas daquele período eram destinadas a diferentes séries escolares, abrangendo pré-livros, cartilhas, livros de leitura³², cadernos de exercícios, livros integrados³³, livros de admissão ao ginásio³⁴, entre outros. As coleções abrangiam as diversas áreas do conhecimento, como Linguagem, Matemática,

Maristas em 1897, que trouxeram os livros da FTD. Em 1902, os Maristas publicaram o primeiro livro FTD no Brasil. A Editora segue exercendo suas atividades no ramo até os dias de hoje. Ver mais em: Halleswell (2005) e no site: <<https://ftd.com.br/a-ftd/a-historia/>>.

³¹ São considerados livros para o ensino da leitura e da escrita os pré-livros, cartilhas, os livros de leitura e os livros integrados para a 1ª série que possuem a área de linguagem. Todos têm a mesma função, de introduzir as crianças, jovens e adultos não leitores na cultura escrita, mas a denominação desse tipo de publicação teve muitas variações no decorrer do tempo.

³² Os livros de leitura eram aqueles que continham histórias, conteúdos sobre moral e literatura em geral, conhecidos por serem lidos também em voz alta e cujos textos eram explorados posteriormente pela professora com os alunos.

³³ Os livros integrados são aqueles que apresentam conteúdos de várias disciplinas concentrados em um mesmo volume.

³⁴ Os livros de Admissão ao Ginásio são aqueles com conteúdo preparatório para o exame de admissão ao Ginásio, que os alunos deveriam se submeter obrigatoriamente, para seguir os estudos na escola, a partir do 5º ano.

Estudos Sociais e Naturais. Todas estas características são confirmadas e encontradas nos exemplares de coleções da produção didática da Editora Tabajara.

Os livros didáticos são representativos das práticas e ideários pedagógicos, assim como das práticas editoriais e, historicamente, em muitos casos vêm se constituindo como primeiro acesso à cultura do impresso (MACIEL; FRADE, 2004, p. 546). A utilização do livro didático como fonte de pesquisa possibilita a verificação de variados aspectos, pois eles:

[...] apresentam uma “natureza complexa”, apresentando múltiplas facetas investigativas. Esses materiais se constituem como um depositário dos conteúdos e das metodologias de diferentes disciplinas, sendo portadores de um sistema de valores e ideologias, bem como, uma mercadoria que acompanha as transformações nas técnicas de fabricação e as flutuações inerentes aos interesses do mercado capitalista e do Estado (BITTENCOURT, 2008).

Em contribuição a isso, vale destacar a posição de Choppin (2004), ao declarar que o livro didático:

[...] não é um simples espelho: ele modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada, freqüentemente de forma favorável: as ações contrárias à moral são quase sempre punidas exemplarmente; os conflitos sociais, os atos delituosos ou a violência cotidiana são sistematicamente silenciados. E os historiadores se interessam justamente pela análise dessa ruptura entre a ficção e o real, ou seja, pelas intenções dos autores (CHOPPIN, 2004, p. 557).

Frade & Maciel (2006a, p. 3108), em seus estudos sobre cartilhas escolares, afirmam que "os métodos de alfabetização não existem sozinhos e dialogam com métodos de ensino em geral, com fórmulas editoriais, com recursos tipográficos e gráficos e com a posição de autores e editores no mercado editorial e intelectual". Nesse sentido, vale lembrar também da afirmação de Chartier, A. M. (2007, p. 70): “um manual é, ao mesmo tempo, a oferta pedagógica de um autor e a oferta comercial de um editor”.

A partir de meados do século XX, a inflação e o aumento dos custos gráficos interferiram na produção de impressos no Brasil, porém no final da década e 1960, o setor livreiro passou por alterações, especialmente no que se refere à produção em larga escala de livros didáticos, estimulada e subsidiada pelo Governo Federal, com medidas de ampliação da comercialização e circulação de livros e também de isenção de taxas alfandegárias para a importação de maquinário de impressão e acabamento, o que repercutiu na renovação do parque gráfico (HALLEWELL, 2005). Com isso, o vínculo das editoras ao Estado na publicação de livros didáticos foi estabelecido e tornando-se mais frequente, a partir das políticas públicas, estaduais e federais, que subsidiavam esses impressos.

Quanto a essas políticas públicas e sua interferência na produção de livros didáticos, Luca destaca:

Pode-se perguntar se a produção didática também não conheceu um processo de formação que supõe a articulação do tripé autor-obra-público. De saída, é preciso reconhecer que os espaços de circulação dos livros didáticos são, pelo menos em tese, bem mais específicos que os literários, e que neles o Estado desempenha papel essencial, pois é da sua competência definir os contornos do aparato escolar, sobre o

qual tem o poder de legislar, formular propostas pedagógicas, impor conteúdos, programas curriculares e normas para os profissionais que nele atuam. E é justamente a existência de uma política educacional que cria um público cativo (os alunos), que demanda livros específicos (escolares), que devem ser escritos (autores) e produzidos (editores) de acordo com programas e objetivos prescritos e reconhecidos como relevantes (Estado) pelo menos por parte da sociedade (LUCA, 2009, p. 153).

Batista (2007; 2009) afirma que a partir da década de 1960, no Brasil, aconteceram modificações significativas na elaboração e na produção de livros didáticos, envolvendo os aspectos editoriais e comerciais. Os livros começaram a assumir a função de compêndio e de caderno de exercícios, novos procedimentos tecnológicos começaram a ser utilizados nos processos de impressão e encadernação, mas aparecia aí a diminuição no tempo durabilidade do impresso, considerado como "consumível" e sujeito a acréscimos e reedições.

Com relação aos aspectos gráficos, a partir dessa mesma década a produção desses livros passou a ter mais atenção das editoras quanto ao projeto gráfico, que começava a ser reconhecido como aspecto diferencial e atrativo para concorrência no mercado editorial. A diagramação passou a ser mais elaborada, as ilustrações nas capas e nas páginas foram reformuladas, adquirindo nova visualidade e dispensando os clichês antes usados. Nota-se que as fotografias passaram a ser reproduzidas com maior frequência, em função da evolução das técnicas de impressão. A inclusão de profissionais formados nas áreas de comunicação e design no processo editorial e as transformações de ordem tecnológica permitiram uma maior qualificação na produção dos livros didáticos das editoras (RAMIL, 2013).

No decorrer dos anos, a integração dos textos com as imagens nos livros didáticos foi evoluindo e sendo incrementada com diferentes formatos visuais, sejam eles ilustrações, fotografias, pinturas, mapas, gráficos, tabelas, diagramas. Tais elementos foram sendo reconhecidos como recursos poderosos para aumentar o interesse, a atenção, a compreensão, a aprendizagem e a retenção do aluno com determinado conteúdo, que talvez não tivesse o mesmo efeito sendo tratado apenas pela linguagem textual, contribuindo também com os procedimentos didático-pedagógicos. A frequência e a incidência dessas variações de imagem também estavam relacionadas às possibilidades de produção editorial, que implicava em determinadas limitações e disponibilidade de recursos tecnológicos e financeiros para execução da publicação.

Por isso, deve-se levar em consideração também as possibilidades da tecnologia gráfica que no decorrer dos anos tem passado por transformações e evoluções e, devido a isso, também interferem nos resultados gráfico-editoriais dos livros, incluindo as imagens. De acordo com Hallewell (2005, p. 43):

O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Seu aspecto gráfico é o encontro da estética com a tecnologia disponível. Sua produção requer a disponibilidade de certos produtos industriais (que podem ser importados, feitos com matéria-prima importada ou fabricados inteiramente no país). Sua venda constitui um processo comercial condicionado por fatores geográficos, econômicos, educacionais, sociais e políticos.

Pode-se afirmar, então, que o livro didático é mais do que um suporte físico de conteúdo, pois possibilita a comunicação para além da informação escrita através de suas conformações visuais e materiais, sensibilizando o aluno para o fenômeno visual, além de estimular outras capacidades específicas. O planejamento visual que utiliza e combina formas, cores, imagens e tipografia nas páginas, transforma-se no projeto gráfico de um livro. Do projeto gráfico à produção gráfica de uma publicação didática, as características estabelecidas nestas etapas podem ser responsáveis por definir orientações, interferir na veiculação de conteúdo e provocar comportamentos diferenciados nos leitores.

Munakata (2012a) chama a atenção para a materialidade do livro didático, que deve ser visto também como um objeto que está além de ser apenas um suporte que carrega um conjunto de ideias ou valores. Segundo o autor,

Entre a enunciação das ideias e dos valores e a sua recepção, há, sempre, a mediação da materialidade do objeto-livro, que deve ser levada em conta. O livro é papel e tinta formando a mancha (a área impressa de uma página); o que ali se imprime passa por edição e copidesque (que muitas vezes introduzem alterações no texto original), revisão e preparação de texto, que, então, é organizado em páginas (paginação), de acordo com um projeto editorial; as páginas formam cadernos de um certo formato, que são colados ou costurados e encadernados, recebendo procedimentos de acabamento editorial e gráfico; para, finalmente, ser distribuído, e (eventualmente) lido (MUNAKATA, 2012a, p. 183-184).

Além disso, Munakata (2003) destaca que:

No Brasil, o desprestígio dos livros didáticos foi sobredeterminado pela conjuntura do período militar, iniciado em 1964. Em meio à imposição de reformas educacionais, os livros didáticos foram identificados como suporte da ideologia oficial. Do mesmo modo, as renovações editoriais que então começaram a ser implementadas – novas concepções de diagramação, de disposição dos textos, de utilização dos elementos gráficos e das ilustrações, introdução de várias modalidades de atividades etc. – eram objetos de suspeição e houve quem denunciasse a “Disneylândia pedagógica” (LINS, 1977) em que os livros didáticos haviam se tornado. Ilustrações, o uso das cores ou o emprego de linguagens alternativas, como história em quadrinhos, seriam artifícios da indústria cultural para atrair a nova clientela de uma rede escolar bruscamente expandida pela ditadura, mas nesses livros, de acordo com um severo diagnóstico, “em nome da ‘modernidade’ o conteúdo é restrito e empobrecido” (GLEZER, 1984) (MUNAKATA, 2003, p. 02-03).

Neste sentido, “o livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização” (BITTENCOURT, 2010, p. 71) e, segue a autora, “como produto cultural fabricado por técnicos que determinam seus aspectos materiais, o livro didático caracteriza-se, nessa dimensão material, por ser uma mercadoria ligada ao mundo editorial e à lógica da industrial cultural do sistema capitalista” (BITTENCOURT, 2011, p. 301).

Moraes (2016) entende o livro didático como um artefato, baseado nos conceitos de artefato e cultura material defendidos por Coelho (2008) e Denis (1998). Segundo o pesquisador,

[...] pela definição atual e por sua etimologia, o termo artefato reúne as noções básicas de algo ter sido feito pelo homem, de ter sido feito mediante o emprego de alguma habilidade e, por fim, podendo cumprir uma finalidade utilitária, até com o risco de

estar cometendo um truísmo, concluímos que pela pertinência de sua aplicação plena ao livro didático, o que liga este ao conceito de cultura material, inseparável de artefato [...] (MORAES, 2016, p. 26-27).

Quanto às características formais e materiais nos livros didáticos, Choppin (2004) alerta sobre a negligência relacionada a essas questões nas pesquisas:

A organização interna dos livros e sua divisão em partes, capítulos, parágrafos, as diferenciações tipográficas (fonte, corpo de texto, grifos, tipo de papel, bordas, cores, etc.) e suas variações, a distribuição e a disposição espacial dos diversos elementos textuais ou icônicos no interior de uma página (ou de uma página dupla) ou de um livro só foram objeto, segunda uma perspectiva histórica, de bem poucos estudos, apesar dessas configurações serem bastante específicas do livro didático. Com efeito, a tipografia e a paginação fazem parte do discurso didático de um livro usado em sala de aula tanto quanto o texto ou as ilustrações (CHOPPIN, 2004, p. 559).

Munakata (1997), ao referir-se ao livro e seus aspectos gráficos, afirma que:

Sua inteligibilidade não se efetiva “à luz das mudanças estruturais como um todo”, mas é imanente a processos de produção do livro, que dependem das decisões e das ações efetivas de agentes nela envolvidos, decisões e atividades propriamente editoriais (MUNAKATA, 1997, p. 11).

Há vários fatores que devem ser observados e que podem interferir na estrutura visual e material do livro didático, independente do conteúdo e do movimento pedagógico a que pertencem. Fatores esses cujas características também são formadoras de um modelo editorial e compõem a história gráfica dos livros didáticos das editoras.

Conforme Munakata (1997, p. 10), “[...] muito pouco ou quase nada se sabe a respeito das *práticas efetivas* de produção dos livros (didáticos), de como elas se materializam”. Ao se refletir sobre os aspectos relativos ao projeto e à produção gráfica de livros didáticos, deve-se reconhecê-los como resultados de estéticas e técnicas, que podem ser associadas a uma determinada época e também às possibilidades editoriais e de estrutura tecnológica de montagem e impressão, relacionados a um certo contexto político, econômico, social e cultural. Estas características, ao serem investigadas nesta pesquisa, permitem encontrar dados interessantes e relevantes para a constituição da história e de uma memória editorial e gráfica da Editora Tabajara, assim como de suas publicações didáticas, como a *Coleção Guri*, analisada no decorrer da pesquisa. Pode-se considerar que:

Do ponto de vista da história do design, a recuperação da memória do livro didático como objeto gráfico [...], pode ter o objetivo de documentar e analisar a materialidade e visualidade de um artefato presente na vida da sociedade brasileira, que ao lado de outros integraria um conjunto de objetos participantes da formação de sua cultura visual e identidade. No entanto, o fato de esse objeto constituir um gênero bastante diferenciado, ter uma presença delimitada no tempo dos indivíduos e estar ligado a uma prática e cultura específica, a escolar, acrescenta uma dimensão particular a esse estudo: a identificação e descrição de uma cultura visual específica, com suas práticas e tradição de design próprios, ligados à produção realizada por um tipo específico de indústria e ao uso num tipo de espaço próprio, com práticas e necessidades particulares (MORAES, 2016, p. 39-40).

Tais reflexões também servem para as imagens que integram o projeto gráfico e são

parte das características gráfico-editoriais de um livro didático. Elas podem revelar muito além do que os aspectos de uma determinada ideologia de certo período, carregando em si elementos indicadores de determinadas orientações gráficas, editoriais, culturais, econômicas, sociais e políticas, entre outras, que também são alvo de transformações no decorrer das décadas. Segundo Bittencourt,

A questão da ilustração dos livros está relacionada, assim, aos aspectos mercadológicos e técnicos que demonstram os limites do autor do texto quando observamos os livros também como objeto fabricado. A diagramação e a paginação dos livros são estabelecidas por um profissional especializado e, dessa forma, os caracteres, a dimensão, as cores das ilustrações enfim são decisões de técnicos, de programadores visuais, sendo que o autor, pouco ou nada interfere, na maior parte das vezes, na composição final do livro. A história do livro didático possibilita verificar como os autores foram perdendo o poder sobre as ilustrações de suas obras. Hoje existem especialistas em pesquisa iconográfica contratados pelas editoras para desenvolverem essa parte específica da produção do livro (BITTENCOURT, 2010, p. 77).

Convém também refletir como as imagens utilizadas nos livros didáticos são compostas, a partir das quatro funções que esses suportes assumem na escola, de acordo com as definições de Choppin (2004), que podem variar segundo o ambiente sociocultural, a época, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e as formas de utilização. São elas: a) Função Referencial: conter o programa da disciplina ou uma interpretação dele; b) Função Instrumental: apresentar a metodologia de ensino, exercícios e atividades pertinentes à disciplina; c) Função Ideológica e Cultural: é a mais antiga de todas, sendo o vetor "da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes"; d) Função Documental: apresentar documentos textuais e icônicos, "cuja observação ou confrontação podem vir a desenvolver o espírito crítico do aluno" (CHOPPIN, 2004, p. 553).

Percebe-se, então, que as possibilidades de pesquisa considerando esses aspectos e outros com especificidades que também poderiam ser incluídos, são inúmeras e, em especial, no tratamento das imagens comparadas a tais questões, se transformam em um tema de pesquisa muito fértil. Desta forma, nota-se também que "los usos, modos, inscripciones son las que, de manera preponderante, pueden marcar el carácter didáctico de las imágenes" (CRUDER, 2008, p. 35).

Neste sentido, acredita-se que as imagens encontradas nas páginas das coleções didáticas da Editora Tabajara, sobretudo da *Coleção Guri*, são potenciais e reveladoras de muitos aspectos expressivos da educação escolar e da história da educação regional e nacional. Com os esforços reunidos nesta pesquisa, pretende-se ainda que os procedimentos de investigação adotados e os resultados possam ser explorados e contribuir com as pesquisas desenvolvidas nos campos de estudos afins.

A seguir, para melhor compreensão da pesquisa realizada, apresenta-se as considerações sobre o objeto, a questão e os objetivos da investigação.

1.2 Objeto, questão e objetivos da investigação

O objeto de pesquisa desta tese são as imagens encontradas nos livros que integram a *Coleção Guri*, publicada pelas Edições Tabajara, quais sejam, *Cartilha do Guri*, *Primeiro Livro do Guri*, *Segundo Livro do Guri*, *Terceiro Livro do Guri*, *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, *Terceiro Livro do Guri - Leitura* e *Quarto Livro do Guri*.

Em relação à questão de pesquisa, a mesma coloca-se nos seguintes termos: considerando que as imagens têm funções, significados, atribuem sentidos e são articuladas com os textos dos livros didáticos, o que revelam a iconografia e a iconologia da *Coleção Guri*, publicada pelas Edições Tabajara na década de 1960?

Definida a questão que pautou a coleta e a análise de dados, estabeleceu-se os objetivos da investigação. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa é: **analisar as imagens dos livros didáticos que integram a *Coleção Guri*, publicada pelas Edições Tabajara na década de 1960, a partir dos estudos de iconografia e iconologia.**

Como objetivos específicos, foram estabelecidos os que seguem:

- a) Identificar os tipos de imagens utilizadas nos livros didáticos da *Coleção Guri*;
- b) Analisar os elementos, características e técnicas gráficas adotadas na criação das imagens encontradas nos livros didáticos da *Coleção Guri*;
- c) Verificar como é tratada a relação entre as imagens e o conteúdo textual das páginas nos livros didáticos da *Coleção Guri*;
- d) Averiguar possíveis recorrências e adaptações das imagens nos livros didáticos da *Coleção Guri*;
- e) Identificar o contexto e os aspectos histórico-educativos da *Coleção Guri*;
- f) Apresentar as Edições Tabajara e os profissionais envolvidos na produção dos livros e no processo de criação das imagens da *Coleção Guri*.

Sendo assim, a tese pretende demonstrar que as imagens dos livros didáticos da *Coleção Guri* contribuem na configuração de uma memória histórica escolar, através de sua estética³⁵, estilos e técnicas gráficas de ilustração; pela sua associação à uma identidade

³⁵ Segundo Silva & Loreto (1995, p. 15), o termo Estética tem sua origem etimológica no vocabulário grego clássico, e também se relaciona com a própria concepção grega que o termo evoca, assim *aisthetique*, que vem do verbo *aisthesis*, refere-se ao conhecimento sensível, à possibilidade de conhecermos através dos sentidos, das sensações". Em concordância com as definições de Coelho (2008, p. 32-33), "no campo do design, o termo estética é empregado genericamente para denominar a forma de alguma coisa". O termo também é utilizado como sinônimo de beleza, assim como por oposição, e ainda pode ser relacionado ao estilo de algo. "Quanto à sua aplicação, o conceito de estética é um fenômeno situado no tempo e no espaço" e, por isso, cada época ou período histórico tem sua estética. O autor diz que "como toda convenção independe de uma lei ou regra absoluta, uma estética será sempre resultado de um arbítrio ou opinião, dependendo da vontade ou do capricho de alguém ou de um grupo de pessoas". Essa posição difere da de vários filósofos, que "defendem a beleza ou a estética como sendo algo autônomo, acima das categorias do tempo e do espaço. Para eles, a estética é um

cultural; pela representação de determinadas características que definem um modelo editorial e evidenciam estruturas de produção e de tecnologias de impressão; pela identificação de preceitos de métodos didático-pedagógicos de determinada época; pela revelação de um contexto histórico, político, econômico, educativo, social e cultural. Além do mais, todos esses fatores reunidos permitem também a exposição de dados que contribuem na constituição da história editorial e gráfica das Edições Tabajara.

A seguir, no capítulo 02, são detalhados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e, na sequência, expõe-se as reflexões teóricas que servem de embasamento para a compreensão da análise de imagens nos livros didáticos.

fenômeno transcendental e universal, ou seja, ultrapassa os limites daquilo que se pode experimentar, e é válido para todas as culturas e para todas as épocas”.

2.

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS



Neste capítulo, primeiramente são indicados os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento da pesquisa e, a seguir, apresentam-se reflexões teóricas a respeito da análise das imagens no livro didático e que servem de embasamento para a exploração da temática investigada.

2.1 Procedimentos metodológicos

Pelas características dessa investigação, a metodologia utilizada tem como base a análise documental. Devido ao *corpus* de investigação ser constituído por livros didáticos, cabe lembrar que os pesquisadores da área de História da Educação e, em especial, os integrantes do Hisales, têm adotado essa perspectiva de análise quando se trata de publicações como aqui apresentadas, pois também as consideram como documentos.

Segundo Le Goff (1996, p. 10), o documento "[...] não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento". Marrou (1975) também discorre sobre os documentos e sua relação com a história ao dizer que,

A história é "o que foi activo", esse passado que foi vivido, realmente, por homens de carne e sangue nesta terra concreta – mas na medida em que nós o conhecemos. E só o podemos conhecer se legou documentos. Ora, como a existência e a conservação dos documentos se devem ao jogo de um conjunto de forças que não foram ordenadas em vista das exigências de um historiador eventual [...], resulta daí nunca sabermos desse passado tudo o que ele foi, nem mesmo tudo o que somos capazes de desejar saber dele [...] (MARROU, 1975, p. 62).

As definições de Marrou (1975) sobre documento também servem de subsídio a esta

pesquisa, pois, segundo o autor:

É um documento toda a fonte de informação de que o espírito do historiador sabe tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano, encarando sob o ângulo da pergunta que lhe foi feita. É evidente que se torna impossível dizer onde começa e onde acaba o documento; a pouco e pouco, a noção dilata-se e acaba por abarcar textos, monumentos, observações de toda a ordem (MARROU, 1975, p. 69).

Dessa forma, problematizando essas questões, utiliza-se de referenciais teóricos como esses para sustentar o fazer historiográfico com os livros didáticos, que se tem decidido em defini-los como sendo "documentos-monumentos". Com eles, obviamente, "[...] não podemos alcançar o passado directamente, mas só através dos traços, inteligíveis para nós, que deixou atrás dele, na medida em que estes traços subsistiram, em que nós os encontramos e em que somos capazes de os interpretar" (MARROU, 1975, p. 61).

O *corpus* de pesquisa explorado nesta investigação, inicialmente, na primeira fase da pesquisa, esteve constituído por 80 exemplares de livros didáticos da Editora Tabajara, como afirmou-se, pertencentes ao acervo do grupo de pesquisa Hisales, mas o número aumentou e atualmente há 95 exemplares. Esse material está descrito em maiores detalhes no próximo item deste trabalho. Na segunda fase da pesquisa, a partir da definição de um foco de análise, o *corpus* foi ajustado e restringido aos 26 exemplares da *Coleção Guri* (que estão entre os 95 referidos), que são tratados especificamente no capítulo 04.

Com isso, todos os 26 livros didáticos acima referidos, foram considerados, nesta investigação, tanto fonte quanto objeto de pesquisa, pois deles foram extraídos os dados que permitiram a efetivação dos objetivos relacionados. Como fonte de pesquisa, eles fornecem informações importantes para a constituição do contexto em que estão inseridos, com características da história da editora, dos profissionais e empresas envolvidos, edições, tiragens, programas governamentais em convênio, entre outros. Como objeto de pesquisa, as imagens encontradas nas páginas dos livros que integram a *Coleção Guri* são o foco principal de análise, a partir dos estudos da iconografia e da iconologia, explanados no decorrer do texto.

Luca (2010), em seus estudos sobre materiais de imprensa, contribui com esta pesquisa, amparando as reflexões sobre os livros didáticos da Tabajara, ao comentar que:

[...] a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores, sua aparência física (formato, tipo de papel, qualidade de impressão, capa, presença/ausência de ilustrações), a estruturação e divisão do conteúdo, as relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público a que visava atingir, os objetivos propostos. Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado. Noutros termos, o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas (LUCA, 2010, p. 138-139).

Conforme vem se afirmando, esta tese aborda uma temática ainda pouco explorada pelos pesquisadores das áreas de educação e de design gráfico, sobretudo de forma

entrecruzada a partir dos dois campos de estudo, o que é ainda pouco usual, pois são recentes as investigações que se propõem a explorar esse "olhar" diferenciado de pesquisa, que agregue informações de distintas áreas acadêmicas. Sanchidrián Blanco (2011, p. 298) diz que,

[...] el análisis de las imágenes necesita tener un fundamento teórico y explicitar los métodos y enfoques utilizados, porque las imágenes no hablan por sí solas, ni dicen siempre lo mismo. Hay que preguntarles. Y hay que saber entender lo que nos dicen y lo que nos ocultan. Y hay que someterlas a los mismos procesos de documentación, crítica y contextualización que debemos utilizar con todas las fuentes.

Como há poucas referências de trabalhos no Brasil que tratam de temas semelhantes ao desta pesquisa e, mesmo assim, que não são recorrentes e adotam focos diferenciados, não se tem muitos exemplos de percursos metodológicos a serem adotados como base consistente para o que esta pesquisa propõe. A nível internacional, alguns autores também relatam esse *déficit*, no que se refere aos trabalhos que tratem especialmente de teorias e aspectos metodológicos utilizados para análise de imagem como recurso histórico-educativo. Conforme Altet (2009, p. 15),

La imagen se ha convertido en una fuente esencial para los historiadores contemporaneístas. A través de su estudio se puede acceder a otros niveles de análisis en los procesos de reconstrucción del pasado. Sin embargo, faltan trabajos teóricos y metodológicos que orienten a los historiadores en el proceso de utilizar, de manera adecuada, las fuentes icónicas, sobre todo las audiovisuales, para la investigación histórica.

Apesar disso, há produções de pesquisadores estrangeiros que, embora não sejam exclusivamente de caráter teórico e metodológico, possibilitam a identificação sobre como se deu a análise das imagens, que aparece através de distintas perspectivas possíveis, dependendo da opção e do viés adotados pelos autores. Destes, alguns inclusive declaram e incentivam a utilização dos métodos de iconografia e iconologia aqui defendidos, métodos esses que, de certa forma, são ainda pouco explorados pelos pares a nível nacional.

Fazendo referência à escassez de elementos seguros para o desenvolvimento de certas investigações, Ginzburg (2010, p. 09) diz que “nessas condições, o pesquisador se sente como um alpinista diante de um paredão de rocha nível de dificuldade 6, liso e sem agarras. Há apenas um gancho avulso aqui e ali [...]”, em meio a conjecturas, dados incertos ou indiretos e lacunas. Baseando-se na experiência em investigações realizadas com as obras artísticas de Piero della Francesca, o autor defende que não basta confiar apenas nos dados estilísticos de uma imagem, ao utilizar-se unicamente da iconografia como recurso metodológico, pois podem ser insuficientes para a interpretação, por isso, “é indispensável multiplicar os ganchos: ou seja, tirando a metáfora, enriquecer o exíguo dossiê de documentação externa – em primeiro lugar, aquela que se refere aos comitentes” (ibidem, p. 15).

Ginzburg afirma que é necessário “conduzir a pesquisa simultaneamente nas duas

frentes, a do comissionamento e da iconografia, integrando os dados das duas séries” (ibidem, p. 18). Citando pesquisadores que fazem suas pesquisas neste mesmo sentido, Ginzburg menciona a atuação de Aby Warburg e Erwin Panofsky (utilizados como referência neste trabalho), uma vez que “atestam uma amplitude de visão e uma riqueza de instrumentos analíticos” (ibidem, p. 19-20), ao associar os fenômenos artísticos aos econômicos, sociais e culturais, em um contexto específico, para além da iconografia e explorando as possibilidades da iconologia.

Coincidindo-se com a argumentação de Ginzburg, para esta tese foram realizados vários procedimentos no intuito de se reunir todos os dados empíricos que pudessem contribuir e fortalecer o que se pretendia com a investigação. Além disso, os elementos encontrados exigiram a criação de um método de análise direcionado às características do trabalho, para dar conta do foco de investigação proposto, para que não apenas funcionasse, mas que pudesse ser eficiente nos resultados. Com isso, convém também citar Lopes & Galvão (2001), que consideram que:

É preciso, antes de mais nada, que o pesquisador "invente" um método que melhor funcione para explorar cada documento e, ao mesmo tempo, o conjunto de documentos. É preciso que o pesquisador saiba lidar com a grande dose de imprevisibilidade que sempre acompanha o fazer histórico. Não há métodos infalíveis e cada historiador tem o seu: [...]. O imprescindível é dar inteligibilidade ao material que se dispõe e uma das ferramentas mais importantes para que isso ocorra é o necessário estabelecimento de categorias (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 94-95).

Para facilitar a organização, classificação e categorização dos dados do *corpus* de investigação foram implementadas algumas fases de procedimentos metodológicos, no decorrer da pesquisa, que são apresentadas a seguir.

a) Levantamento de trabalhos sobre a Editora Tabajara

Na primeira etapa da pesquisa, realizou-se em 2013 uma busca por trabalhos sobre a Editora Tabajara, via *internet*. Revelou-se a surpreendente falta de citações sobre essa empresa em investigações envolvendo o ramo editorial. Foram pesquisados *sites* indexadores reconhecidos na área de pesquisa acadêmica e científica e, para navegação, optou-se por uma busca a partir da palavra-chave "Tabajara" e, com isso, nada foi localizado naquele período.

Entre os *sites* e indexadores consultados estão: Banco de Teses e Dissertações da Capes, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, Biblioteca Digital de Periódicos da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Dialnet (*Fundación Dialnet*), Doaj (*Directory of Open Access Journals*), Elsevier (*Open Access Journals*), Lume - Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -

UFRGS, Portal Domínio Público, Redalyc (*Sistema de Información Científica Redalyc - Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal*), Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), Sistema Pergamum de Bibliotecas da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Periódicos Capes – Portal de Periódicos Capes/MEC.

Na área da Educação, foram pesquisadas as seguintes Revistas, através de seu acervo de artigos disponibilizados *online*: Educar em Revista, Revista Brasileira de História da Educação - RBHE, Revista História da Educação (Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe), Revista Teias.

Entre revistas da área de Design foram pesquisados os seguintes *sites*: Arcos Design, Cultura Visual-Ufba, DAPesquisa-Udesc, Design & Tecnologia-PGDesign/UFRGS, Educação Gráfica, Estudos em Design Articles – PUC-RJ, InfoDesign, Projetica-UEL, SDRJ-Strategic Design Research Journal/Unisinus, Tríades.

É necessário registrar que há a possibilidade de que sejam encontradas referências aos títulos dos livros didáticos publicados pela Editora Tabajara em artigos hospedados nos mesmos *sites* indexadores. Porém, essa busca não foi realizada, pois a intenção na fase inicial de "garimpagem" foi de identificar possíveis investigações já realizadas e publicadas que citassem os termos "Livraria Tabajara", "Editora Tabajara" ou "Edições Tabajara" entre os trabalhos de pesquisadores das áreas de Educação e de Design Gráfico.

Cabe salientar que não foram realizadas buscas com profundidade nos *sites* com Anais de Eventos reconhecidos nas áreas de pesquisa em Educação³⁶ e em Design Gráfico³⁷, bem como naqueles em que não há um sistema de busca por palavra-chave, mas ultimamente vários deles têm sido vinculados aos *sites* indexadores de artigos em geral, o que pode sugerir que gerem resultados semelhantes ao do mapeamento realizado.

Desta forma, ao que tudo indica, não existem trabalhos concentrados especificamente na produção didática da Editora Tabajara, o que reforça ainda mais o diferencial desta pesquisa, que está investindo na valorização desta empresa como elemento importante para a história da educação gaúcha e nacional, em especial à história editorial e gráfica da região sul, através de um foco específico de análise das imagens que, neste caso, foi direcionado aos livros que integram a *Coleção Guri*.

³⁶ Como exemplos consultados, podem ser destacados os que são realizados pelos seguintes órgãos: Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – Anped e também suas reuniões científicas regionais, Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe, Associação Nacional de História – Anpuh e também seus encontros estaduais.

³⁷ Como exemplos consultados, podem ser destacados os seguintes: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D, Encontro Nacional de Estudantes de Design – Ndesign, Encontro Sul-Americano de Design - SulDesign, Congresso Internacional de Design da Informação – Cidi, *Encuentro Latinoamericano de Diseño* – Palermo/Argentina, *Conference of the International Committee for Design History & Design Studies* – ICDHS.

b) *Corpus* de pesquisa e coleta de dados

O *corpus* de pesquisa é composto pelos 26 livros didáticos da *Coleção Guri*³⁸ e foi extraído do conjunto de 95 exemplares³⁹ publicados pela Editora Tabajara, pertencentes ao acervo de livros didáticos gaúchos produzidos entre 1940 e 1980 do Hisales, constituído atualmente por 340 volumes, como já se afirmou.

Considerando o acervo em geral, para conhecimento das quantidades de livros didáticos publicados por década, são mostrados os dados levantados na Tabela 01, a seguir.

Tabela 01 - Livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul entre 1940 e 1980 – contagem de exemplares por décadas (Acervo Hisales).

LIVROS DIDÁTICOS GAÚCHOS – 1940 A 1980 (ACERVO HISALES)	
DÉCADA	QUANTIDADE
1940	01
1950	19
1960	89
1970	140
1980	04
Sem Identificação	87
TOTAL	340

Fonte: Dados da autora (2018).

Os 340 livros didáticos foram publicados por seis Editoras: Editora do Brasil, Editora FTD, Editora Globo, Editora Selbach, Editora Tabajara e Editora Tomatis. A seguir, são apresentados os dados sobre a quantidade de títulos e de exemplares de cada uma delas. Os títulos podem fazer referência tanto ao nome geral adotado por uma coleção (que agrega diferentes livros didáticos, variando quanto ao tipo, conteúdo e série/ano escolar) como a um livro didático único (que pode pertencer a uma coleção ou não, dependendo das informações localizadas, pelos exemplares disponíveis no acervo). A quantidade de exemplares também inclui aqueles volumes que são de mesmo ano e edição.

- Editora do Brasil (LD_EB): 10 títulos - 163 exemplares
- Editora FTD (LD_EF): 09 títulos - 15 exemplares

³⁸ Esse número abrange todos os exemplares, incluindo aqueles de mesmo ano de publicação e de edição, que são apresentados no capítulo 04.

³⁹ Em abril de 2016, quando o projeto de pesquisa de tese foi apresentado à banca de qualificação, o acervo continha 80 exemplares da Editora Tabajara, que integravam o total de 268 exemplares do acervo de livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul entre 1940 e 1980. Por isso, alguns dados apresentados fazem referência aos levantamentos realizados naquele período, que foram mantidos para conhecimento dos pares, enquanto outros foram atualizados, considerando as novas quantidades do acervo, de acordo com a informação que contém e com a devida atenção ao foco de análise voltado para a *Coleção Guri*, decidido desde então.

- Editora Globo (LD_EG): 12 títulos - 52 exemplares
- Editora Selbach (LD_ES): 06 títulos - 12 exemplares
- Editora Tabajara (LD_ET): 18 títulos - 95 exemplares
- Editora Tomatis (LD_ETO): 01 título - 03 exemplares

No Apêndice A (Quadro 01), consta a relação das editoras, títulos, autores e cota, de forma geral, sem informações editoriais específicas de todos os volumes (por não ser o foco deste trabalho), com exceção daqueles que pertencem à Editora Tabajara, que são mostrados no Apêndice C (Tabela 03), com mais detalhamento. No Apêndice B (Tabela 02), pode ser conferida a quantidade de livros didáticos publicados por década em cada uma das seis editoras supracitadas, separados pelos títulos e identificados pelas suas cotas.

Conforme pode ser visto na lista acima, no conjunto de 95 exemplares foram identificados 18 títulos publicados pela Tabajara (alguns correspondem a certas coleções didáticas, com vários exemplares), que são apresentados no decorrer deste texto.

Não houve necessidade de separar os impressos de acordo com suas funções didáticas específicas para esta pesquisa, visto que há variações de nomenclatura que podem ser encontradas impressas nas suas capas e/ou folhas de rosto, que identificam tipos de uso e tendências aplicadas em determinado período ou pela preferência de autores e editoras. Encontra-se entre os exemplares de produção didática da Tabajara nomenclaturas como: livros didáticos, cartilhas, manuais de leitura e pré-livros. Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se então, por denominar os conjuntos destes impressos de “livros didáticos”⁴⁰, pois as denominações específicas não interferem nas investigações realizadas, visto que o que importa neste momento é que se reconheça o conjunto de livros didáticos, em geral, produzidos por uma mesma editora.

Todos os livros didáticos da Tabajara que se encontram no acervo do Hisales foram editados entre as décadas de 1950 e de 1970, sendo que há também alguns cujo período não foi identificado. Por isso, essas datas foram consideradas marcos de recorte temporal inicial para a pesquisa, uma vez que todos os exemplares foram analisados de uma forma geral na primeira fase de coleta de dados.

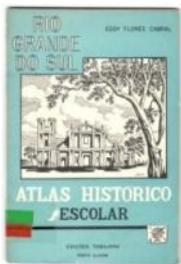
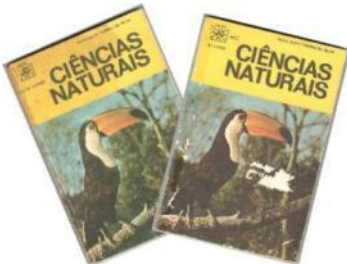
Sabe-se que há outras publicações didáticas anteriores e posteriores a essas datas produzidas pela mesma editora, mas não estão incluídas no recorte temporal adotado, pelo

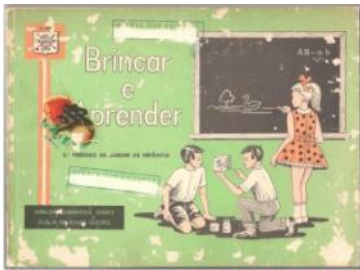
⁴⁰ Batista (2009, p. 41) define o livro didático como sendo o livro ou impresso empregado pela escola, para o desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação. Para a formulação deste conceito, o autor condensou conceituações propostas por estudos sobre livros didáticos brasileiros, que englobam casos de definições de outros estudiosos brasileiros, tais como: compêndios escolares; livros de leitura; livro escolar; manual escolar; livros-texto; livros. Até meados do século XX os impressos escolares eram denominados com essas opções de nomeações. No processo de designação desse tipo de obra, Batista considera que o emprego do adjetivo “didático” foi uma importante mudança que contribuiu para a constituição desse gênero de texto, denominado a partir de então como livro didático.

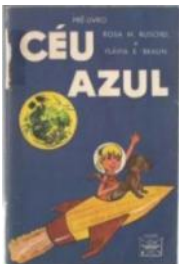
acervo não conter os livros disponíveis fisicamente para consulta. Porém, os levantamentos indicativos de publicações para além do recorte temporal do *corpus* de pesquisa são registrados, dada a sua relevância para a contextualização da história da editora e sua dedicação às produções didáticas, aspectos estes que também são versados no texto, como tema complementar à investigação.

A seguir, no Quadro 02, são apresentadas as coleções de publicações didáticas da Tabajara encontradas no acervo do Hisales, com algumas de suas respectivas capas e quantidades de exemplares, entre as quais está a *Coleção Guri*.

Quadro 02 – Coleções didáticas das Edições Tabajara, algumas capas e quantidade de exemplares (Acervo do Hisales).

COLEÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA – ALGUMAS CAPAS E QUANTIDADE DE EXEMPLARES (ACERVO DO HISALES)	
 LD_ET01: Atlas Histórico Escolar - RS Total de livros: 01 exemplar	 LD_ET02: Ciências Naturais Total de livros: 04 exemplares
 LD_ET03: Educação Moral, Cívica e Política na Escola Fundamental Total de livros: 01 exemplar	 LD_ET04: Gramática Funcional – Exercícios Total de livros: 04 exemplares
 LD_ET05: Guri Total de livros: 26 exemplares	

COLEÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA – ALGUMAS CAPAS E QUANTIDADE DE EXEMPLARES (ACERVO DO HISALES)	
 LD_ET06: Linguagem e Estudos Sociais Total de livros: 22 exemplares	 LD_ET07: Nossos Exercícios - Linguagem e Estudos Sociais Total de livros: 11 exemplares
 LD_ET08: Nossos Exercícios - Estudos Naturais Total de livros: 05 exemplares	 LD_ET09: Nossos Exercícios - Estudos Sociais Total de livros: 04 exemplares
 LD_ET10: Cidade Sorriso Total de livros: 01 exemplar	 LD_ET11: Brincar e Aprender Total de livros: 01 exemplar
 LD_ET12: Estudos Sociais e Linguagem Total de livros: 01 exemplar	 LD_ET13: Garotos Tevé Total de livros: 01 exemplar

COLEÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA – ALGUMAS CAPAS E QUANTIDADE DE EXEMPLARES (ACERVO DO HISALES)	
 LD_ET14: Minhas Descobertas Total de livros: 03 exemplares	 LD_ET15: As Férias com o Vovô Total de livros: 02 exemplares
 LD_ET16: Céu Azul Total de livros: 01 exemplar	 LD_ET17: Marcelo, Vera e Faísca Total de livros: 06 exemplares
 LD_ET18: Teste de Pré-Leitura Total de livros: 01 exemplar	

Fonte: Acervo Hisales⁴¹.

As coleções didáticas apresentadas no Quadro 02, acima, estão organizadas pela mesma ordem numérica padrão estabelecida na catalogação do acervo, assim como também podem ser encontradas nas tabelas utilizadas neste trabalho. Nessas tabelas estão identificados vários aspectos essenciais para o conhecimento dos livros didáticos e para o desenvolvimento da investigação.⁴²

⁴¹ Para facilitar a indicação de que os dados apresentados foram retirados dos exemplares de livros didáticos que pertencem ao acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - Hisales, optou-se por referenciar, neste texto, no item "Fonte" das Figuras, Tabelas e Quadros, quando for o caso, resumidamente como "Acervo Hisales".

⁴² Informações detalhadas sobre cada uma das coleções podem ser conferidas nos Apêndices C e D, que disponibilizam as Tabelas 03 e 04, comentadas na sequência do trabalho.

Na fase inicial da pesquisa foi realizada uma primeira fase de coleta de dados que constou basicamente de algumas etapas, tais como: criação e preenchimento de instrumentos, como tabelas e atualização de cadastro dos livros didáticos do *corpus* de pesquisa, além da digitalização de todas as capas e contracapas⁴³ dos exemplares localizados no acervo do Hisales.

Quanto às tabelas, foram produzidas várias durante o desenvolvimento da pesquisa, a partir da definição e da implementação de diferentes campos com categorias de informações específicas, para organização e comparação dos dados que são relevantes e que deveriam ser extraídos e destacados no texto final da tese.

Cabe registrar que em todas as tabelas elaboradas, as numerações das coleções didáticas começam do número 01 e vão ao 18 e o critério de ordenação é o mesmo utilizado na catalogação do acervo. Essa identificação foi mantida para facilitar o desenvolvimento do trabalho, a identificação, relação e comparação entre os livros didáticos, através da concepção e implantação de uma cota específica (conjunto de letras e números que serve para identificar e classificar as publicações integrantes do acervo, de acordo com suas especificidades).

Todas as coleções didáticas do *corpus* de pesquisa são identificadas com uma estrutura de cota padrão, estabelecida para uso geral, durante todas as etapas da pesquisa e se repetem entre as tabelas e quadros, para facilitar a identificação e a relação dos dados. Visualizando um dos casos, temos por exemplo: "LD_ET01: Atlas Histórico Escolar – Rio Grande do Sul". O "LD" faz referência à abreviatura de "Livro Didático" utilizada para a catalogação do referido acervo e aparece seguido por um "_" que conecta então ao termo "ET", que faz referência às iniciais correspondentes ao nome da Editora, que nesse caso é a "Editora Tabajara" e, a seguir, aparece o número aplicado a esta coleção (neste caso esta é a primeira coleção da listagem, por isso recebeu o número 01), dependendo da posição em que se encontra catalogada no banco de dados do acervo, definida por uma ordem numérica.

O número 0 foi utilizado sempre antes daqueles números que não contenham 2 caracteres, para manter o padrão de uso de dois números nesse campo da cota. Há casos em que o acervo do Hisales contém somente um exemplar de determinada coleção, mas para fins de padronização dos dados no trabalho, optou-se por manter o "LD" como identificação, em todos os casos.

⁴³ Segundo Araújo (1986) e Ribeiro (2007, p. 377), a parte de trás do livro, que o encerra, compondo o invólucro da obra junto com a capa, pode ser chamada de contracapa, quarta capa ou 4ª de capa. Existem ainda outros posicionamentos, como o das autoras Faria e Pericão (2008), que utilizam unicamente a definição de quarta capa para essa parte do livro, pois, para elas, a contracapa é o lado interno da capa, a terceira capa. Diante das diferenças nas concepções das partes do livro entre esses e outros autores, neste trabalho optou-se por adotar o termo "contracapa" como padrão no texto, quando for necessário fazer essa referência, embora as outras expressões também possam ser utilizadas. A decisão se deu pela indicação dos dois autores primeiramente aqui citados, que são considerados referência nos estudos de design editorial, além de outros pesquisadores da área gráfica que também utilizam esse termo, "contracapa", com maior recorrência, em suas publicações.

Além das tabelas já mostradas, há outras que foram desenvolvidas na primeira etapa da pesquisa. Para fins de esclarecimento, as principais características e funções dessas tabelas que contêm mais informações, são apresentadas na sequência, sendo que as maiores, devido à quantidade de dados, estão disponíveis nos Apêndices deste trabalho.

- **Tabela 03:**

A Tabela 03, que pode ser vista integralmente no Apêndice C, contém informações gerais de cada um dos 95 exemplares de coleções didáticas da Editora Tabajara, incluindo-se nos campos o autor, título, série, ano e edição. Além disso, constam as cotas individuais e específicas de cada um dos livros didáticos, criadas para serem utilizadas como identificação permanente de todos os exemplares disponíveis no acervo físico e nas devidas catalogações, considerando-se também sua versão digital no banco de dados. Essa tabela é parte de uma outra tabela maior e completa que integra os 340 exemplares do acervo dos livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (que não consta neste trabalho em sua totalidade), sendo que os demais 245 exemplares correspondem a publicações da Editora Globo, Editora Selbach, Editora Tomatis, Editora do Brasil e Editora FTD, mas também de autoria gaúcha. Foi feita a adaptação, modificação e atualização dessa tabela cadastral desde o início do envolvimento com esse material, no intuito de otimizar o acesso ao banco de dados e mantê-lo disponível para os pesquisadores, sempre com as informações mais recentes.

- **Tabela 04:**

A Tabela 04, disponibilizada no Apêndice D, foi criada para reunir informações detalhadas dos livros didáticos da Editora Tabajara, a partir dos dados coletados diretamente dos exemplares do acervo, tais como título, autoras na capa, autoras na folha de rosto⁴⁴, série, ano, edição, ilustrador, revisão, gráfica, páginas, observações (medidas, tiragem, informações de carimbos e selos oficiais, etc.).

- **Tabela 05:**

Na Tabela 05, a seguir, são apresentadas as informações de coleções didáticas da Editora Tabajara e a quantidade de seus exemplares publicados por década, entre as de 1950 e 1970 (décadas limite - mais antiga e mais recente - identificadas entre todas as 95 publicações da Tabajara localizadas no acervo do Hisales), incluindo-se também a quantificação dos impressos com data de edição não identificada. Essa tabela facilita a

⁴⁴ A folha de rosto geralmente é a primeira página do livro, após a capa, na parte pré-textual, onde estão inscritos os elementos fundamentais da obra, tais como o título, nome do(s) autor(es), acompanhado por vezes dos seus títulos acadêmicos e de informações sobre a editora, assim como de outros profissionais envolvidos na produção, tais como o ilustrador e o tradutor, etc. Em alguns casos, aparece também a indicação da edição, data e cidade da publicação. Essa página também pode ser chamada de frontispício e o seu verso é o retrofrontispício.

comparação dos dados levantados, com o esclarecimento a partir dos números obtidos pelas coleções didáticas analisadas.

Tabela 05 - Informações sobre quantidade de exemplares publicados por década, das Edições Tabajara (Acervo Hisales).

QUANTIDADE DE EXEMPLARES POR DÉCADA – EDIÇÕES TABAJARA (ACERVO HISALES)					
COLEÇÃO	1950	1960	1970	S/D	TOTAL GERAL DE LIVROS
LD_ET01	-	01	-	-	01
LD_ET02	-	-	03	01	04
LD_ET03	-	-	01	-	01
LD_ET04	-	02	-	02	04
LD_ET05	-	20	03	03	26
LD_ET06	-	06	15	01	22
LD_ET07	-	04	-	07	11
LD_ET08	-	-	-	05	05
LD_ET09	02	02	-	-	04
LD_ET10	-	-	01	-	01
LD_ET11	-	-	01	-	01
LD_ET12	-	-	01	-	01
LD_ET13	-	-	01	-	01
LD_ET14	-	-	02	01	03
LD_ET15	-	02	-	-	02
LD_ET16	-	-	01	-	01
LD_ET17	-	05	01	-	06
LD_ET18	-	-	01	-	01
TOTAL DE LIVROS POR DÉCADA	02	42	31	20	95

Fonte: Dados da autora (2018).

A Tabela 05, recém exposta, mostra que os livros encontrados no acervo e que são publicados pela Tabajara, referem-se às décadas de 1950 a 1970, além daqueles em que não foi encontrada uma identificação impressa de ano civil. Apesar disso, observa-se que o “LD_ET05”, que identifica a *Coleção Guri*, foco de análise desta pesquisa, apresenta exemplares somente a partir da década de 1960, na qual está registrada a maior parte dos livros, além de alguns na década de 1970 e outros também não identificados. Levando isso em consideração, quando se trata de definir um recorte temporal para a pesquisa, cabe ressaltar o que orientam Lopes & Galvão (2001) em seus estudos, cujas orientações vão ao encontro do que está sendo realizado nesta pesquisa:

[...] é preciso que o período escolhido seja significativo para a configuração e a explicação daquilo que se está estudando, o que nem sempre virá do campo da educação. Em muitos casos, o período escolhido auxilia a definir o próprio objeto (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 46).

Por isso, o período adotado para a pesquisa foi determinado pelo que se encontra à disposição fisicamente de exemplares da *Coleção Guri* para análise, pois não houve necessidade de um recorte temporal diferenciado ou de escolha mais específica. É interessante registrar ainda que os números dessa tabela também indicam que a maior parte dos livros consultados se insere nas décadas de 1960 e 1970, coincidindo com o período de auge da produção de livros didáticos no Rio Grande do Sul, conforme indicam alguns estudos de pesquisadores da área, entre eles os desenvolvidos junto ao Hisales.

- **Tabela 06:**

Com a organização da Tabela 06, disponibilizada no Apêndice E, pôde-se realizar um mapeamento geral de publicações didáticas indicadas e/ou produzidas e/ou publicadas pelas Edições Tabajara, que foram possíveis de serem localizadas nas buscas. A recolha dessas informações foi possível através da consulta aos títulos de livros retirados exclusivamente dos dados encontrados nas contracapas de 43 exemplares do acervo, número esse relativo à quantidade de livros didáticos que apresentam a impressão da listagem de produções da editora, como estratégia de publicidade, marketing e divulgação das ações da empresa, visto que os demais exemplares disponíveis no acervo do Hisales e que foram publicados pelas outras 5 editoras (anteriormente relatadas), não contêm informações deste tipo na sua contracapa.

Essa tabela também contém marcações entre as publicações listadas, que indicam quais podem ser encontradas fisicamente no acervo do Hisales. Percebe-se por essa listagem que, entre as publicações divulgadas nas contracapas dos livros didáticos, há algumas que eram até então desconhecidas e são também difíceis de serem localizadas em outros acervos e mesmo em sebos para compras.

Além disso, pela consulta a outras fontes documentais como, por exemplo, a *Revista do Ensino/RS*, também foi possível encontrar referências às publicações didáticas da Editora Tabajara, seja na forma de propagandas específicas ou pelas listagens de indicação de utilização nas escolas, divulgada pelo CPOE. Também há registros de livros didáticos da editora nos Boletins do CPOE, assim como nos comunicados deste centro que eram enviados às escolas. Vários desses casos coincidem com os apresentados nessa mesma tabela.

Como o foco da pesquisa são as imagens dos livros didáticos (destinados prioritariamente aos alunos, portanto), outras publicações no campo didático-pedagógico, como, por exemplo, aquelas que são destinadas exclusivamente aos professores e que não são vinculadas aos livros didáticos e suas coleções, que são de outras áreas ou periódicos

da área pedagógica, mesmo que tenham sido localizados nas contracapas, não foram inseridas nessa tabela.

- **Tabela 07:**

A Tabela 07, situada no Apêndice F, foi produzida no início de 2016 e apresenta dados que não foram mais atualizados, mesmo com a chegada de outros livros ao acervo, pois nela se apresentava uma previsão inicial e quantitativa de itens. Nessa tabela, a relação das 16 coleções didáticas que integravam o *corpus* de pesquisa da fase inicial, está adicionada de uma contagem somatória de imagens encontradas naqueles 80 exemplares (relembrando que atualmente são 95). Entre eles, analisados em uma primeira etapa de identificação das imagens de forma geral, foram contabilizadas 5030 imagens. Vale ressaltar que foram incluídas nesse número todas as ilustrações, tanto avulsas como em forma de cena, os mapas e as fotografias localizadas nas páginas.

Os exemplares que são de mesmo ano e edição de publicação não foram acrescidos de forma multiplicada, bastando-se, naquela oportunidade, os dados de apenas um destes, para a contagem geral. Sendo assim, não constaram os dados de 80 exemplares, mas sim de 62 casos, sendo que os demais 18 eram aqueles identificados como sendo de mesma edição e ano de exemplares já quantificados. Mesmo assim, nesse número, há várias imagens, que são repetidas, pois permanecem sendo utilizadas em edições diferentes de um mesmo exemplar de livro didático. Porém, o trabalho de comparação entre as distintas edições, para verificação de possíveis modificações quanto à quantidade, recorrência e adaptações da mesma imagem foi dedicado somente à *Coleção Guri*, foco da pesquisa, tema tratado no capítulo 04.

Percebeu-se, com isso, que a quantidade de imagens quantificadas era um número bastante expressivo (5030 registros). Além disso, as coleções didáticas são diversificadas, com objetivos e conteúdos diferentes entre si, para séries distintas. Verificou-se que nem todas as coleções presentes no acervo do Hisales estão completas e há casos de livros com páginas faltantes. Um outro dado importante é que há publicações que foram editadas pela Tabajara na fase em que a empresa já tinha uma outra sede fora do RS (São Paulo) e algumas são especiais para outros estados. Dados como esses se tornam fatores conflituosos e que impedem que seja feita uma análise única, integral, constante e comparativa entre todas as coleções didáticas, o que ocasiona certas lacunas nas amostras, apesar de ser possível vislumbrar o conjunto de exemplares do acervo como um todo.

Diante dessas informações e dos objetivos da pesquisa, para que as análises pudessem ser desenvolvidas com mais efetividade, confirmou-se então a decisão de que na fase seguinte, em uma etapa específica, as imagens a serem investigadas seriam apenas de uma das coleções, a *Coleção Guri* (LD_ET05). Essa coleção foi escolhida pelo fato de que

além de ser gaúcha, produzida por profissionais gaúchos e editada pelas Edições Tabajara de Porto Alegre/RS - aspectos que merecem ser mostrados, reconhecidos e colocados à vista pela sua contribuição na história da educação regional e nacional -, o acervo do Hisales contém exemplares de todas as séries e de várias edições desse conjunto de impressos que tem, ainda, características peculiares e o diferencial de abordar questões regionais, por ter sido produzida inicialmente para o estado do Rio Grande do Sul.

Outrossim, entre todas as coleções da Tabajara no acervo, a *Coleção Guri* é a de maior número de exemplares, ou seja, 26 de um conjunto de 95 livros. Sabe-se também, por pesquisas anteriores e pelos dados coletados para esse trabalho, de informações que contribuem para seu destaque em relação às demais, como aceitação, aprovação, reconhecimento, várias edições e grandes tiragens de exemplares, além de sua circulação que foi expandida para escolas de fora do RS. Todas essas características possivelmente não seriam encontradas reunidas ao mesmo tempo nos demais livros didáticos, das outras coleções do acervo.

Considerando o exposto, esses aspectos destacados potencializam ainda mais esta pesquisa, como um todo. Sendo assim, ao levar-se em conta esse recorte para a análise das imagens, a partir da contagem daquelas encontradas em um exemplar de cada volume integrante da *Coleção Guri* (o mais antigo de cada um deles), ou seja, a *Cartilha do Guri*, o *Primeiro Livro do Guri*, o *Segundo Livro do Guri*, o *Terceiro Livro do Guri*, o *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, o *Terceiro Livro do Guri – Leitura* e o *Quarto Livro do Guri*, há um total de 487 imagens identificadas, sendo que 405 são ilustrações, 02 são fotografias, 28 são mapas e 52 são ícones. Esses dados aparecem discriminados no capítulo 04.

Porém, conforme afirmou-se anteriormente, optou-se por manter a informação sobre os dados quantitativos das imagens dos livros das demais coleções didáticas elaborados na primeira fase da pesquisa nesta versão final do trabalho, pois deles também foram extraídos dados importantes para a contextualização de aspectos referentes às Edições Tabajara e que contribuíram para a compreensão de certos fatores que interferiram também na produção da *Coleção Guri*. As imagens de alguns dos outros livros inclusive foram consultadas para determinadas comparações com as da *Coleção Guri*, no intuito de se extrair informações que contemplassem os objetivos da pesquisa.

Em uma etapa posterior, as imagens dos exemplares da *Coleção Guri* foram analisadas mais especificamente, para serem comparadas de acordo com os livros, nível escolar, assunto, tipo, estilo, forma de utilização e demais características apropriadas para a investigação. As imagens encontradas nas capas e contracapas não foram incluídas na contagem da referida tabela, mas foram submetidas a outro tipo de análise, envolvendo também o *layout* destas partes do livro, conforme pode ser conferido no capítulo 04.

- **Fichas cadastrais dos livros didáticos:**

Além do desenvolvimento das tabelas anteriormente comentadas, foi iniciada a atualização e preenchimento de fichas de identificação individual dos exemplares de produção didática das Edições Tabajara.⁴⁵ Como são muitas, totalizando 95 modelos diferentes, e considerando-se as prioridades desta pesquisa, as fichas não foram concluídas até o momento e tampouco estão inseridas neste trabalho. No entanto, a Figura 01, a seguir, mostra uma dessas fichas cadastrais, para fins de registro dos procedimentos adotados.

	AUTOR: BOPP, Sydia Sant'Anna; CABRAL, Edy Flores. TÍTULO: Nossos Exercícios: Linguagem e Estudos Sociais – 1º Ano/Livro COLEÇÃO: Nossos Exercícios - Linguagem e Estudos Sociais ILUSTRADOR: - EDITORA: Edições Tabajara LOCAL: Porto Alegre EDIÇÃO: 4ª ANO PUBLICAÇÃO: 1965A PÁGINAS: 144 EXEMPLARES: 2 LOCALIZAÇÃO: Acervo HISALES

Figura 01 - Modelo de ficha cadastral individual dos livros didáticos das Edições Tabajara.

Fonte: Arquivo Hisales, atualizado e corrigido pela autora (2015).

c) Conversão digital das imagens

Outra etapa imprescindível entre os procedimentos metodológicos foi a de digitalização de todas as capas e contracapas (inclusive de volumes repetidos) dos livros didáticos. No total, são 190 imagens digitalizadas, entre capa e contracapa dos exemplares vinculados à Editora Tabajara, que servem para ilustrar e identificar as fichas cadastrais (conforme modelo visto na Figura 01), para coleta de dados, para demonstração de aspectos relevantes extraídos nos procedimentos de análises nesta pesquisa e para constituição de um banco de dados virtual.

Essas imagens das capas já contribuíram, por exemplo, para a retirada de dados inseridos nas tabelas anteriormente explicitadas e podem servir ainda para futuras coletas de dados, em outras pesquisas, permitindo-se que não seja necessário o acesso ao acervo físico dos exemplares, poupando-se de que sejam manuseados em demasia, o que contribui para a sua preservação e conservação no melhor estado possível, visto que alguns livros didáticos já estão bastante comprometidos.

⁴⁵ Essas fichas, além da função de cadastro e catalogação dos exemplares, serão fixadas na face externa das embalagens individuais de proteção dos exemplares no acervo do Hisales. Servem para facilitar a identificação e o reconhecimento das obras, sem que seja necessário abrir as caixas, aliando-se assim às etiquetas penduradas por uma corda na lombada das embalagens, cuja função é apresentar o registro geral na catalogação do acervo em uma face e, na outra, está a cota específica do livro didático a que se refere.

As capas digitalizadas foram identificadas com as cotas específicas⁴⁶ criadas para cada um dos livros, que servem para identificação individual dos exemplares. Assim, seus arquivos foram nomeados e indexados nos registros, para sistematização do material produzido em formato digital. As cotas (que aparecem na Tabela 03, no Apêndice C) foram organizadas a partir de um padrão desenvolvido para a disposição dos principais dados de identificação da obra, tais como, por exemplo, no seguinte caso: NEL_1L_4ED_1965A. Pode-se ver que a cota contém basicamente 4 campos de informação, intercalados por "_", que separam esses dados, facilitando-se a decifração dos caracteres. O primeiro campo, da esquerda para a direita, "NEL", corresponde à abreviação das principais palavras do título da coleção, e neste caso é: *Nossos Exercícios de Linguagem*. No segundo campo, "1L", consta a informação sobre a série ou livro a que corresponde, sendo que no exemplo, trata-se do 1º Livro. O terceiro campo, "4ED", informa o número da edição, ou seja, neste caso, é a quarta edição do livro. Se por acaso não há edição disponível, o campo aparece com um "SED", que significa "sem edição". O quarto e último campo, "1965A", corresponde ao ano de publicação do livro adicionado de uma letra. Essa letra do alfabeto foi colocada para o caso de haver mais de um exemplar da mesma edição e ano, e assim, serão identificadas com A, B, C e assim por diante, se necessário. Quando não há o ano, deverá aparecer então o código "SD", que significa "sem data". Nos casos de identificação das imagens das contracapas, se adiciona a palavra "contra" no final da mesma cota, como se vê no exemplo do mesmo livro recém demonstrado, que fica, então, desta forma: NEL_1L_4ED_1965Acontra.

Além das capas e contracapas dos livros didáticos digitalizadas, também foi realizada a conversão digital das imagens encontradas nas páginas dos exemplares da *Coleção Guri*, posto que estes foram os definidos para análise específica do conteúdo imagético (conforme explicitado anteriormente).

Esses registros de imagens, que incluem ilustrações, mapas e fotografias, também foram identificados por cotas individuais e inseridos em fichas cadastrais específicas, servindo para identificação das análises individuais e comparativas entre os exemplares. Além disso, os arquivos foram aproveitados para inserção nas discussões e nos resultados da tese. Desta forma, posteriormente, eles também estarão disponibilizados para consulta, em um banco de imagens digital, a ser mantido no Hisales.

É importante ressaltar que o interesse inicial de se disponibilizar uma versão completa e digitalizada de todos os livros que integram a *Coleção Guri*, junto a tese,

⁴⁶ As cotas foram criadas e desenvolvidas pela autora desta pesquisa e estão aplicadas em todos os 340 exemplares catalogados no acervo geral de livros didáticos gaúchos do Hisales. Para padronização na organização e sistematização de informações, elas estão identificadas no banco de dados virtual, nas tabelas de cadastros, nas etiquetas de identificação e nas fichas anexadas nas caixas individuais dos livros originais. Com base nos mesmos critérios de disposição de dados, estão sendo aplicadas cotas semelhantes nos demais acervos do Hisales.

considerando a dificuldade de acesso a seus exemplares originais e físicos, teve que ser descartado, em respeito às normas vigentes pela Lei de Direitos Autorais, visto que há impedimento de reprodução e divulgação em massa das publicações desta forma, sem a autorização expressa dos detentores dos direitos. Portanto, algumas páginas dos livros didáticos foram digitalizadas para fins de exemplificação na tese, enquanto o restante dos arquivos estará disponível no Hisales, para consulta local dos pesquisadores devidamente cadastrados e liberados para acesso ao material.

d) Busca de exemplares de livros didáticos

Para um estudo mais aprofundado da produção didática da Editora Tabajara, é importante que se encontre o maior número possível de exemplares, que podem apresentar variações entre as publicações. Por isso, na etapa inicial da pesquisa foi realizada uma busca de mais exemplares, na tentativa de completar coleções ou de adquirir novos exemplares ainda desconhecidos, que pudessem ser agregados ao *corpus* de investigação, por doação ou empréstimo à pesquisa. Isso foi feito através de campanha divulgada via *internet* (*e-mail* e redes sociais) e de busca em sebos físicos e virtuais, acervos físicos e virtuais de instituições, projetos, escolas (municipais, estaduais e privadas) e bibliotecas públicas e privadas, entre outros.

A seguir, na Figura 02, pode-se visualizar o *flier* virtual que foi divulgado na *internet*, através da rede social *Facebook* e por *e-mail*, com o qual se obteve retorno positivo, resultando em doações de alguns exemplares ao acervo do Hisales.



Figura 02 - *Flier* virtual criado para divulgação da campanha na *internet*, via *e-mail* e redes sociais.

Fonte: Criado e publicado virtualmente pela autora (desde 2014).

Também foi feito, na etapa inicial, no início de 2016, um levantamento geral da quantidade de exemplares publicados pelas Edições Tabajara localizados em alguns dos

principais acervos que contêm livros escolares, de outras instituições (conferidos nos *sites* ou por consulta via *e-mail*). Isso serve para que se tenha um panorama do que há de material dessa editora catalogado e preservado em locais públicos e não em acervos particulares ou à venda em sebos. Nessa consulta, foram considerados todos os livros publicados pela editora, independentemente do tipo, do tema e a que se destinam.

Esses dados foram atualizados em 2018 e acrescidos de informações sobre a existência e a quantidade de exemplares específicos da *Coleção Guri*, considerando-se o foco desta pesquisa. Além disso, a partir dessas informações, os livros da Tabajara poderão ser consultados nos respectivos locais, tanto para esta pesquisa, como para outras que venham a ser realizadas por pesquisadores interessados nessa empresa editorial e especialmente nos livros publicados. Os resultados desse levantamento podem ser conferidos na Tabela 08, a seguir, sendo que estão organizados em ordem decrescente quanto ao número total de livros publicados pelas Edições Tabajara localizados nos acervos das instituições consultadas.

Tabela 08 - Quantidade de exemplares publicados pelas Edições Tabajara localizados em acervos de instituições.

QUANTIDADE DE EXEMPLARES DAS EDIÇÕES TABAJARA EM ACERVOS DE INSTITUIÇÕES			
INSTITUIÇÃO / ACERVO	LIVROS PUBLICADOS PELAS EDIÇÕES TABAJARA		
	DIVERSOS TÍTULOS	COLEÇÃO GURI	TOTAL DE LIVROS
Biblioteca Nacional – BN ⁴⁷	165	12	177
Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura e dos Livros Escolares - Hisales (PPGE/FaE/UFPEl)	69	26	95
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	72	20	92
LIVRES - Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (agrega os acervos de várias instituições ⁴⁸)	34	09	43
Sistema de Bibliotecas da Universidade de São Paulo – USP	35	03	38
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	25	-	25
Sistema de Bibliotecas da Universidade de Caxias do Sul - UCS	24	-	24
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	19	04	23

⁴⁷ Munakata (1997, p. 06), ao relatar sobre a dificuldade de quantificar a produção de livros didáticos no Brasil, comenta que essa contabilização poderia ser facilitada a partir da relação dos livros catalogados oficialmente, pela Biblioteca Nacional, segundo as normas internacionais do ISBN (*International Standard Book Number*). Porém, poucas editoras encaminham as suas publicações para esta instituição, além do diagnóstico de problemas com cadastros ocorridos em algumas situações. Por isso, não há um controle eficiente sobre quantos títulos são produzidos efetivamente no país e, desta forma, isto também vale para as quantificações das publicações didáticas da Tabajara.

⁴⁸ Esse banco de dados inclui as seguintes instituições: Biblioteca do Livro Didático da Biblioteca FEUSP; Biblioteca Municipal Mário de Andrade de São Paulo; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Biblioteca do Colégio Pedro II - NUDOM - Rio de Janeiro; Biblioteca do CEALE da UFMG; Biblioteca do Conjunto das Química da USP; Biblioteca da UNESP - Marília; Biblioteca PUC - Minas Gerais; Centro de Memória da Educação - Faculdade de Educação/USP.

QUANTIDADE DE EXEMPLARES DAS EDIÇÕES TABAJARA EM ACERVOS DE INSTITUIÇÕES			
INSTITUIÇÃO / ACERVO	LIVROS PUBLICADOS PELAS EDIÇÕES TABAJARA		
	DIVERSOS TÍTULOS	COLEÇÃO GURI	TOTAL DE LIVROS
Sistema de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS	20	-	20
Delfos (Espaço de Documentação e Memória Cultural) – Pontifícia Universidade Católica - PUC-RS	19	01	20
Projeto Memória da Cartilha - Faculdade de Educação (Faced)/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	16	01	17
Sistema de Bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp	16	-	16
Centro de Estudos e Investigações em História da Educação – Ceihe / Centro de Documentação - Cedoc (PPGE/FaE/UFPeI)	12	01	13
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	10	-	10
Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc	08	-	08
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Pelotas - UFPel	08	-	08
Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (agrega exemplares de várias instituições)	08	-	08
Sistema de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR	07	-	07
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná - UFPR	04	-	04
Sistema de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP	02	-	02
Sistema de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio	02	-	02
Laboratório de Ensino de História – LEH (PPGH/ICH/UFPeI)	-	-	-
TOTAL GERAL	575	77	652

Fonte: Dados da autora (2018).

Considerando os dados expostos na Tabela 08, acima, verifica-se que o acervo de livro didáticos do Hisales aparece com o segundo maior número de exemplares, entre os casos que se destacam pela quantidade de publicações da Editora Tabajara, na relação das 22 instituições consultadas. Entretanto, é interessante destacar que, no caso do Hisales, os 95 exemplares de livros didáticos estão reunidos em um mesmo local e em um mesmo acervo, diferentemente do Sistema de Bibliotecas da UFRGS, que consta com o terceiro maior registro, mas que reúne a catalogação dos 92 exemplares localizados em diferentes bibliotecas setoriais da universidade, sendo que a maioria deles está na Biblioteca da Faculdade de Educação - Faced. A Biblioteca Nacional, cuja sede está no Rio de Janeiro, é o local onde pode ser encontrada a maior quantidade de publicações das Edições Tabajara, 177 exemplares, como esperado, por ser a instituição depositária do patrimônio bibliográfico e documental do Brasil.

Com relação à quantidade de exemplares da *Coleção Guri*, especificamente, nota-se, também na Tabela 08, que o acervo do Hisales, com 26 exemplares, se destaca em relação aos das demais instituições e é o que mais reúne livros, seguido dos registros do Sistema de Bibliotecas da UFRGS, com 20 exemplares, e o da Biblioteca Nacional, com 12 exemplares. Além disso, os dados mostram que apenas 09 das 22 instituições da listagem contêm exemplares da referida coleção didática. O número total de livros didáticos da Tabajara localizados, pela somatória de todos os acervos é de 652 exemplares, sendo que destes, 575 são de títulos diversos e 77 são referentes aos livros que integram a *Coleção Guri*. Este último número equivale a 11,8% do total de livros da Tabajara que foram localizados entre todos os acervos consultados, o que aparentemente parece ser uma amostra de baixo índice em relação aos demais 88,2% dos exemplares. Porém, para uma análise comparativa de maior aprofundamento entre esses percentuais, seria indispensável fazer também o levantamento das quantidades dos demais exemplares encontrados nos acervos listados, o que não foi feito, no âmbito desta pesquisa.

Conforme dito anteriormente, a contagem das publicações encontradas nas instituições e seus respectivos acervos foi realizada de uma forma geral, incluindo os exemplares repetidos e, além do mais, não teve o objetivo de quantificar exclusivamente os livros didáticos para os anos iniciais, pela falta de dados nessa primeira averiguação mais genérica, embora se saiba que a maior parte dos casos sejam voltados à educação, uma vez que era a produção predominante das Edições Tabajara. Entretanto, quanto aos 95 exemplares localizados no Hisales, garante-se que são todos de coleções didáticas destinadas aos anos iniciais, de cartilhas e pré-livros a livros didáticos de 5º ano e Admissão ao Ginásio. Quanto aos volumes da Revista de Ensino/RS, que também foi editada pela Tabajara (informações no decorrer do texto), estes não foram incluídos na contagem, tanto os do Hisales como os identificados nos acervos das demais instituições consultadas.

A identificação desses exemplares, mesmo sendo apenas por seus registros de catalogação acessados de outras instituições, por aspectos gerais, revelou dados importantes para essa pesquisa, inclusive alguns surpreendentes, como foi o caso da identificação de um autor pelotense, bastante reconhecido, incluído na história das Edições Tabajara. Trata-se de Mozart Victor Russomano (1922-2010)⁴⁹, que publicou um livro pela Tabajara, no ano de 1950, em Porto Alegre/RS⁵⁰.

⁴⁹ Mozart Victor Russomano era Doutor em Direito do Trabalho, foi jurista e professor universitário das faculdades de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade de Brasília. Também foi ministro e presidente do Tribunal Superior do Trabalho. Publicou muitas obras, quase todas na área de Direito, entre elas a publicada pela Tabajara.

⁵⁰ A obra se intitula *O empregado e o empregador no direito brasileiro* e está entre as mais antigas nas listagens analisadas dos acervos em geral, tendo sido encontrada em vários deles. Porém, este livro foi reeditado por outras editoras, posteriormente.

e) Levantamento bibliográfico

Por ser essa uma pesquisa que trata de investigar dados relacionados tanto ao campo da educação como ao campo de artes e design gráfico, é necessário que haja um entrecruzamento dos estudos das áreas envolvidas, obtendo-se assim fundamentos teórico-práticos mais consistentes para subsidiar este trabalho. Para isso, no levantamento bibliográfico foram utilizadas as referências de autores e pesquisadores que contribuem com as temáticas envolvidas no processo de investigação.

Entre as áreas temáticas, de estudos e autores elencados na revisão de literatura para o estudo, estão os seguintes, classificados em 06 principais grupos, sendo que alguns desses, de acordo com os critérios adotados na investigação foram descartados de uma leitura mais aprofundada no decorrer da pesquisa, mas foram mantidos nessa relação, para fins de conhecimento dos pares:

- **Estudos de livros:**

Roger Chartier (ordenamento do livro; livro como suporte; produção, circulação e apropriação); Robert Darnton (circuito da comunicação); Maria Celeste Mira, Laurence Hallewell (história do livro);

- **Estudos de livros didáticos, de alfabetização e cartilhas:**

Alain Choppin, Antonio Augusto Batista, Kazumi Munakata, Marisa Lajolo, Circe Bittencourt (conceitos, características e história); Isabel Frade, Francisca Maciel, Eliane Peres, Celia Abicalil Belmiro (pesquisas e análises diversas); Maria de Lourdes Nosella e Ana Lucia de Faria (ideologia);

- **Estudos de história e memória:**

Peter Burke, Sandra Pesavento (história cultural); Jacques Le Goff, Pierre Nora, Carlo Ginzburg, Michel de Certeau (história e memória); Eliane Lopes, Ana Maria Galvão, Clarice Nunes (história da educação); Eni Samara, Ismênia Tupy, Tânia Regina Luca, Carlos de Carvalho, José Araújo, Wenceslau Neto (história da educação, fontes e metodologia);

- **Estudos de design gráfico:**

Philip Meggs, Richard Hollis (história do design no mundo); Chico Homem de Melo, Rafael Cardoso (história do design no Brasil); Oscar Salinas, Anna Calvera (design e história), Ellen Lupton, Jennifer Phillips, Milton Ribeiro, Wucius Wong (teorias de fundamentos da linguagem gráfica e planejamento visual gráfico); Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão; Richard Hendel (design do livro); André Villas-Boas, Lorenzo Baer, Antonio Collaro, Amaury Fernandes (produção gráfica); Luiz Antonio Coelho, Alexandre Farbiarz,

Jackeline Farbiarz (design do livro, design da informação e design na leitura); Ian Noble, Russel Bestley (pesquisa visual); Mário de Camargo, Bamber Gascoigne (gráfica, imprensa, impressos e indústria);

- **Estudos de imagens:**

Donis Dondis, Rudolf Arnheim (fundamentos da linguagem visual); Jacques Aumont, Martine Joly, Régis Debray, Justo Villafañe (conceitos, classificação e análise de imagens); Lucia Santaella, Sean Hall, Sandra Ramalho e Oliveira (semiótica); Etienne Samain (antropologia da imagem); Lucia Góes, Jakson de Alencar, Graça Ramos (imagem e ilustração infantil); Peter Hunt (crítica, teoria e literatura infantil); Alan Powers, Sophie Van der Linden, Maria Nikolajeva, Carole Scott, Martin Salisbury, Morag Styles, Paula Ramos (livro ilustrado); Ana Maria Mauad, Maria E. L. Borges (fotografia); Erwin Panofsky, W. J. Thomas Mitchell e Peter Burke (iconologia e iconografia);

- **Estudos de imagens e educação:**

Gabriela Cruder, Ana Maria Badanelli Rubio, Rafael Valls Montés, Eulàlia Colledellmont Pujadas, Maria Núria Padrós Tuneu, Cosme Jesús Gómez, Ana María López Martínez e outros (imagem nos livros didáticos); Agustín Escolano Benito, Maria del Mar del Pozo Andrés, Carmen Sanchidrián Blanco, Inés Dussel, Karim Priem, Antonio Nóvoa e outros (imagem na história da educação).

A partir desses referenciais prévios de autores e pesquisadores e suas respectivas temáticas, foram adotados no trabalho aqueles mais adequados para que o desenvolvimento da pesquisa pudesse ser eficiente e com suficiente embasamento teórico.

f) Exploração de fontes documentais

Foram consultadas algumas fontes documentais, relevantes para a pesquisa, pela sua contribuição com identificação de dados não localizados através da análise dos livros didáticos que integram o *corpus* de pesquisa, e pensando-se também nos objetivos da investigação. Neste sentido, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Para Cellard (2008), o pesquisador interessado em empreender uma pesquisa documental deve esgotar todas as pistas capazes de fornecer informações relevantes. Nesse mesmo sentido, Lopes & Galvão (2001) também defendem a importância de averiguação de outras fontes, que podem contribuir para o rigor da pesquisa. Segundo as autoras,

[...] quanto mais o pesquisador for capaz de associar as informações que aparecem (e aparecem porque ele faz as perguntas) nas diversas fontes com que trabalha com estudos já realizados sobre o tema, com teorias que estudou, com outros documentos que não necessariamente faziam parte do seu corpus documental original etc., mais condições tem ele de autenticar, com rigor, o conhecimento que construiu e aproximar-se da verdade - sempre incompleta - que busca (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 44).

Ainda de acordo com o tema de investimento na investigação de variadas fontes para o desenvolvimento de uma pesquisa, Lopes & Galvão (2001) defendem que:

[...] quanto mais se dispuser de uma pluralidade de documentos, mais possibilidades se têm de melhor explorá-los, compreendê-los e produzir conhecimento sobre o tema de pesquisa. Cada fonte, cada documento, tem um valor relativo estabelecido a partir da possibilidade de coerência com os outros, conforme o trabalho a que é submetido, e das relações (em maior número possível) que o pesquisador consegue estabelecer com informações trazidas por outros estudos sobre o tema, sobre a metodologia e teoria da História (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 93).

Ao tratar-se especificamente de livros didáticos, devem ser mencionados também os estudos de Maciel & Frade (2003), que ressaltam a importância da investigação de outros materiais que podem contribuir na pesquisa, considerando-se que:

A análise do livro didático ou livros utilizados com destinação escolar permite uma série de abordagens, que podem ser relacionadas aos processos de sua produção, à análise do suporte impresso como fonte e como objeto e, finalmente, à recuperação das práticas advindas de seu uso. Esses elementos também indicam que, metodologicamente, o estudo específico desse material deve ser relacionado a outros documentos e práticas, sob pena de se realizarem análises superficiais ou ingênuas. Assim é preciso também verificar programas de ensino, instruções, debates publicados, cadernos, outros materiais destinados ao público no período, mesmo aqueles de circulação externa à escola, para compreender outras motivações políticas, econômicas, pedagógicas, religiosas, entre outras, que determinaram a sua produção (MACIEL; FRADE, 2003, p. 29).

Em concordância com os referidos autores, os esforços na busca de informações pertinentes para a investigação incluíram entre as fontes documentais os seguintes impressos: a) publicações periódicas - *Revista do Ensino/RS* (de 1939 a 1994 – 330 exemplares)⁵¹ e *Revista Cacique* (de 1956 a 1958 - 18 exemplares)⁵²; b) publicações de legislações, comunicados oficiais e institucionais, programas e afins - *Boletim do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional/RS - CPOE/RS* (de 1947 a 1960 – 9 exemplares)⁵³, *Comunicados do CPOE/RS* (reunidos pelo G. E. Cassiano do Nascimento, de 1942 a 1956 –

⁵¹ Mais informações sobre essa publicação constam no capítulo 03. Foram consultados todos os exemplares disponíveis, mas que não coincidem com a totalidade de volumes publicados.

⁵² Mais informações sobre essa publicação constam no capítulo 04. Foram consultados todos os exemplares disponíveis fisicamente no acervo do Hisales, mas esse número não coincide com a totalidade de volumes publicados da revista. Além disso, foram consultados os 109 exemplares digitalizados e disponíveis no site do Repositório Institucional da UFSC, a partir do acervo original sob guarda do Cedoc/UFPEL (essas versões digitalizadas não são completas, pois contêm apenas a capa, a página com os dados editoriais e aquelas em que apareça utilização de matemática).

⁵³ Essa publicação do CPOE contém as orientações, pesquisas, legislação, bibliografia, provas escolares, produzidas por esta instituição. Não foram encontrados todos os volumes e, entre aqueles consultados, alguns estão incompletos, em versões fotocopiadas.

volume único encadernado com todos os ofícios) e Programas Experimentais de áreas variadas (Ciências Naturais; Estudos Sociais; Linguagem – Leitura; Linguagem – Gramática Funcional; Linguagem – Ortografia / Expressão oral / Expressão escrita; Matemática; Atividades artísticas; Música e canto orfeônico), publicados pela Editora Tabajara (de 1962 a 1967 – 13 exemplares)⁵⁴.

No processo de busca por quaisquer tipos de informações e orientações que contribuíssem com a pesquisa, foram consultados os *sites* de algumas instituições ou de empresas que contêm bancos de dados e acervos virtuais com pesquisas, documentações e arquivos, o que facilita para os pesquisadores sob certos aspectos, em função da distância e da dificuldade de deslocamentos frequentes. Por esses *sites* foram buscadas informações sobre a Editora Tabajara, sobre a *Coleção Guri* e sobre os profissionais envolvidos na sua produção. São eles, em ordem alfabética: Acervo Folha; Acervo Veja; Arquivo Geral e Histórico do Inep; Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho; Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs); Arquivo Nacional - Ministério da Justiça; Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Apers); Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf); Biblioteca Nacional Digital – Acervo Digital; Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital; Biblioteca Nacional; Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul; Busca Oficial; Cadastro Nacional dos Advogados (CNA); Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da FGV (CPDoc/FGV); Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag); Conselho Estadual de Educação/RS (Ceed); Conselho Nacional de Arquivos (Conarq - Ministério da Justiça - Arquivo Nacional); Conselho Nacional de Educação (CNE); Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer/RS); Diário do Senado Federal – Publicação e Documentação; Diário Oficial – Estado do Rio Grande do Sul; E-Diário Oficial; E-DOU; Falecidos no Brasil; Fundação Biblioteca Nacional; Imprensa Nacional – Casa Civil da Presidência da República; Google; Imprensa Oficial; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS); Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep); JusBrasil - Informação jurídica brasileira; JusTotal – Diários Oficiais; Ministério da Educação (MEC); Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo; Portal Brasil (Agregador de conteúdos dos ministérios e secretarias do governo federal); Programa de Estudos e Documentação Educação Sociedade, da UFRJ (Proedes); Radar Oficial – Diários Oficiais e Processos; Repositório Institucional da UFSC; Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação do Estado do Rio Grande do Sul; Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEC/RS); Secretaria de Obras, Saneamento e Habitação do Estado do Rio Grande do Sul (SOP/RS); Secretaria de Planejamento,

⁵⁴ Todos esses materiais pertencem ao acervo complementar do Hisales e estão disponíveis em versões originais e/ou fotocopiadas para consulta local.

Governança e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul (SPGG/RS); Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo (Siga, da Administração Pública Federal - Ministério da Justiça - Arquivo Nacional); Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), entre outros. Também devem ser incluídos nesse montante as 21 instituições relacionadas na Tabela 08, apresentada anteriormente, que não foram aqui indicadas.

Entre as inúmeras buscas realizadas pelos *sites* acima, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional também foi possível acessar o acervo de alguns jornais e revistas do Rio Grande do Sul, publicados entre 1940 e 1980 (mesmo período do acervo de livros didáticos produzidos no estado, do Hisales). A partir de um filtro de informações, foi feito um rastreamento detalhado da expressão “Tabajara” nos seguintes periódicos: *A Alvorada: periódico noticioso, literário e crítico*; *A Época: jornal da mocidade em prol das aspirações coletivas*; *Cinegrama*; *Diário de Notícias*; *Jornal do Dia*; *Jornal do Estado*; *Letras: livros, rádio, artes*; *O Momento*; *O Progresso: pensamento e ação por uma vida melhor*.

Nessas pesquisas, em geral, é importante considerar várias possibilidades de filtros e de palavras-chave para busca de registros, o que implicou em um tempo muito maior dedicado à essas coletas e muita atenção para averiguação dos dados. Por exemplo, no caso da Tabajara, foram feitas buscas por expressões como: “Tabajara”, “Livraria Tabajara”, “Editora Tabajara”, “Ed. Tabajara”, Edições “Tabajara”, “Tabajara Edições”, “Tabajara Editora”, pois dependendo do *site*, nem sempre ele localiza o termo desejado e os resultados encontrados variam.

Ao procurar-se pelos profissionais da Tabajara, assim como os diretamente vinculados à produção da *Coleção Guri*, houve muita dificuldade e, por consequência, um tempo maior do que o previsto dispendido nessas buscas, diante das variações encontradas nos nomes, seja pelas alterações de letras – modificadas, acrescidas ou retiradas, por cadastros diferentes, de sobrenomes simplificados ou completos, de sobrenomes de solteiro e de casado, de abreviações de alguns sobrenomes e de outros não, pela escrita errada de alguma parte do nome, etc. Foram muitos os casos em que um mesmo profissional aparece identificado de distintas formas nas buscas, sem considerar as variações impressas nos próprios livros didáticos, o que requer muita paciência no processo.

Um exemplo imprevisto, e de certa forma surpreendente pelo local de origem, bastante conceituado (cuja identificação será mantida em sigilo), foi o caso do nome de uma das autoras dos livros didáticos, que apareceu com quatro variações - “Flávia”, “Flavia”, “Flévia” e “Flávio” - em diferentes livros da mesma coleção, o que impedia a localização de todos ao mesmo tempo nos resultados, pela busca apenas por “Flávia”, uma das autoras da *Coleção Guri*. Chegou-se a esses erros (provavelmente de digitação) ao procurar-se também pelos títulos das obras da autora. Isso ressalta ainda mais a importância do trabalho de catalogação de qualquer tipo de acervo, que deve ser minucioso, cuidadoso e detalhado, pois

uma letra mal colocada pode modificar drasticamente os resultados de uma investigação e tornar o trabalho do pesquisador mais árduo, quando se percebe que isso está acontecendo.

Situações de variações nas pesquisas também aconteceram com o nome da *Coleção Guri*, que ora aparece com a expressão “Guri” em avulso, ora com Cartilha ou Livro, ora como Coleção. Diante de tantas alterações nos resultados, todas as possibilidades de busca devem ser esgotadas pelo pesquisador e, por isso, tais questões, como as recém exemplificadas, entre outras tantas, acabaram alterando bastante a previsão inicial de tempo a ser transcorrido para busca dos dados.

Além disso, foi feito contato via *e-mail* com algumas instituições, que não apresentam muitos dados disponíveis *online* e/ou que possuem acervo ou arquivo físico, para verificação de possíveis materiais úteis para a investigação. Cabe registrar que em muitos desses contatos, quando respondidos, não houve resultados favoráveis à pesquisa. Os locais consultados por *e-mail* foram (em ordem alfabética): Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho; Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRG); Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Aperg); Biblioteca Nacional do Brasil (BN); Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul; Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag); Coordenadoria Regional de Educação do Estado do Rio Grande do Sul 03 - Estrela (3ª CRE/RS); Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer/RS); Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural (Epahc - Prefeitura Municipal de Porto Alegre); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Iphae); Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS); Junta Comercial do Rio Grande do Sul (Jucergs); Museu de Comunicação Hipólito José da Costa; Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul (SPGG/RS); entre outros. Também foram trocados *e-mails* com pessoas, entre profissionais diversos, contatos familiares e conhecidos indicados, no desenvolvimento da pesquisa.

É importante registrar que, em algumas situações, em busca pelo acervo *online*, as informações eram diferentes das que foram recebidas via *e-mail* e enviadas por funcionários de determinada instituição. Independentemente dos motivos que geram isso, essas modificações nas informações provocam no pesquisador um sério questionamento sobre a veracidade, transparência, equivalência e atualização das informações disponibilizadas por determinada instituição via *internet*, seja pelo banco de dados *online* ou pelos acervos internos e restritos acessados pelos funcionários – que disponibilizam quando solicitado, se houver autorização para tal, pois tais registros podem interferir nos resultados de uma investigação.

O trabalho de pesquisa e rastreamento de qualquer registro que beneficiasse a investigação, diante do exposto anteriormente, foi exaustivo, demorado, insistente e detalhado, o que implicou em atenção redobrada, diante das possibilidades e estratégias adotadas. Apesar disso, com a exploração de tais fontes documentais foi possível encontrar

e reunir dados que contribuem com a reconstituição da história e da trajetória da Editora Tabajara no mercado editorial, a qual não existe publicada e não se encontra informações detalhadas, assim como registros referentes às publicações didáticas, entre elas especialmente a *Coleção Guri*, incluindo-se aí os dados sobre os profissionais envolvidos na sua produção.

Esses elementos encontrados aparecem no decorrer do texto, alguns não de forma prioritária, mas complementares ao trabalho, e colaboram na compreensão do contexto histórico, econômico, educacional, social, cultural, mercadológico e editorial em que as publicações didáticas da *Coleção Guri* foram produzidas, visto que estes aspectos também interferem na concepção e criação das imagens utilizadas nas páginas desses impressos. Todos os dados levantados contribuíram, de alguma forma, para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa.

g) Entrevistas e questionários

A utilização de recursos para ampliar as possibilidades de dados coletados, como entrevistas e questionários, tornou-se um instrumento importante para o estudo de tópicos específicos difíceis de serem localizados e identificados utilizando-se apenas da pesquisa bibliográfica e da análise documental. No caso desta pesquisa, foram essenciais para: a) contribuir na reconstituição da história e da trajetória das Edições Tabajara no mercado editorial; b) identificar dados biográficos e profissionais, além de como se deu o envolvimento dos sujeitos participantes da produção da *Coleção Guri*; c) compreender como se dava a relação, função e atribuições dos autores, ilustradores e revisores dos livros didáticos da *Coleção Guri* e suas participações em relação ao trabalho com as imagens desses impressos; d) revelar outras informações relevantes para a pesquisa.

Além desses recursos – entrevista e questionário -, deve-se lembrar que em tempos de *internet* e de tecnologia “desenfreada”, as possibilidades de comunicação entre as pessoas têm se multiplicado paulatinamente, variando assim as opções de trocas de informações, seja através dos relatos via redes sociais (ex.: *Facebook*) ou pelos aplicativos de conversa pelos telefones celulares – *smartphones* (ex.: *WhatsApp*), que alteraram a fluidez, o ritmo, o formato, a escrita e a agilidade dos diálogos/mensagens, inclusive em relação ao *e-mail*, outra alternativa utilizada virtualmente. No que se refere ao uso de estratégias para coleta de dados em uma pesquisa acadêmica e científica, esses recursos (*Facebook* e *WhatsApp*), embora ainda bastante recentes como opção metodológica, também podem ser explorados satisfatoriamente pelos pesquisadores, apesar de provocarem questionamentos sobre a validade e a aceitação do que é compartilhado pelas mensagens nos diferentes formatos tecnológicos.

Entretanto, isso também pode acontecer numa entrevista ou em um questionário, cujas respostas podem ser “moldadas” e adaptadas pelo sujeito, sendo que estão sendo realizadas com mais frequência via *internet* também, para facilitar as funções do pesquisador e a colaboração do entrevistado. Mesmo assim, se o pesquisador indicar que os dados foram recebidos de alguém via *Facebook* e/ou *WhatsApp*, isso ainda provoca receio no campo e suscita críticas por parte dos pares, talvez pelo formato da informação textual ou imagética, por sua informalidade e pelo suporte proporcionar uma possível aparência de falta de comprometimento por parte das pessoas envolvidas, visto que é utilizado para fins diversos que não os acadêmicos.

Apesar disso, esses recursos podem sim serem considerados opções de coleta de dados e se mostrarem muito ágeis e eficientes, se o processo for bem conduzido e usado de forma consciente pelo pesquisador. Considerando esses argumentos, afirma-se que os relatos obtidos pelas conversas através do *Facebook* e do *WhatsApp* foram bastante utilizados nessa pesquisa, pois por essa maneira se teve acesso a informações de relevância, o que não teria acontecido de outra forma, diante de uma variedade de aspectos que envolviam os entrevistados como, por exemplo, disposição, preferência, interesse, saúde, localização e facilidade no envio das informações. Por se tratar de uma pesquisa que envolve publicações de décadas passadas, é importante destacar também que a localização, o acesso e o contato com as pessoas envolvidas no processo é certamente bastante complicado, atualmente.

Sendo assim, tanto os recursos de entrevista, como de questionário e mensagens virtuais foram utilizados nessa pesquisa, por diferentes formatos, adaptados de acordo com os sujeitos, características, necessidades, interesses e localidades. Só assim foi possível colher relatos de variadas pessoas que detêm informações pertinentes para a temática dessa investigação. Estão entre elas os profissionais que atuaram na Editora Tabajara, os profissionais que aparecem vinculados à produção e edição da *Coleção Guri* (autores, ilustradores e revisores), além de familiares, amigos e conhecidos dessas pessoas e, ainda, duas pessoas que utilizaram os referidos livros na escola quando alunas. Todos concordaram em contribuir com relatos para a pesquisa. A seguir, são tratadas as informações respectivas ao contato realizado com cada um deles e como os dados foram recebidos de cada parte.

Para a localização das referidas pessoas, foi feito um esforço minucioso e exaustivo de rastreamento de informações através de busca de contatos ou por familiares, amigos e conhecidos que pudessem facilitar o acesso a esses sujeitos, via *internet*, pelo *software* de busca *Google*, pelo envio de alguns *e-mails* e também pela rede social *Facebook*, pelos nomes e sobrenomes possíveis. É interessante informar que este último foi o recurso mais eficiente entre todos. Além disso, essa pesquisa possibilitou uma reflexão a respeito do real conhecimento que as pessoas têm a respeito de seus parentes, antepassados, e se há

interesse sobre a árvore genealógica de sua família, por exemplo, para além de querer colaborar com o trabalho em si. Em alguns casos, as pessoas localizadas e que responderam aos contatos realizados via *Facebook*, acabaram descobrindo o seu parentesco com os sujeitos procurados e conhecendo um pouco mais a respeito de seus entes, seja pelo fato de terem consultado outros parentes ou mesmo por serem informados que constam em listas de nomes em árvore genealógica da família localizada pela pesquisadora.

Vale esclarecer que de todas as pessoas procuradas – os profissionais envolvidos com a produção da *Coleção Guri* -, não existem informações suficientes que estejam publicadas e disponíveis na *internet* que façam referência à sua atuação, trajetória profissional e participação em publicações didáticas, assim como, já dito anteriormente, tampouco a respeito do histórico da Editora Tabajara. A falta dessas informações para serem utilizadas nesse trabalho foi um grande complicador na evolução da pesquisa, dada a sua importância pelos objetivos propostos e, por isso, o rastreamento por quaisquer dados das pessoas citadas na pesquisa foi bastante demorado e difícil, sendo que em alguns casos, não se obteve o êxito almejado. Diante de tais constatações, considerou-se ainda mais relevante e necessário mostrar e ressaltar quem são esses sujeitos, registrando e valorizando a sua contribuição para a história da educação, através desta tese.

É importante registrar que há de se lidar também com o fator da idade avançada desse grupo de sujeitos e também com os casos de óbitos confirmados. Embora nem todos os sujeitos tenham facilidade com *internet* ou mesmo não acessem ou não tenham um perfil em redes sociais, o processo foi possível através de uma busca bastante laboriosa por pessoas com o mesmo sobrenome ou mesmo que foram descobertas por serem próximas a eles, porém com sobrenomes distintos. Tais associações, relações e soluções foram encontradas pelo acúmulo, repasse e organização de informações entre as pessoas procuradas e os dados encontrados no *Google*, como características genealógicas, notícias variadas em que são citados nomes de indivíduos junto aos nomes daquelas investigadas, dados de parentescos, nascimentos, mortes e processos judiciais encontrados em diversos *sites* com distintos conteúdos (referidos anteriormente). É possível afirmar que o trabalho, nesta etapa, se tornou um “gigante quebra-cabeças” e o encaixe das “peças” não seria possível sem a atenção e a gentil colaboração daqueles que repassaram qualquer tipo de informação para a pesquisa.

Nos casos dos sujeitos pesquisados que não utilizam a *internet*, elas preferiram a colaboração de familiares para tal intento ou foi feita comunicação via telefone, cujos números também foram facilitados pelos parentes ou conhecidos através do *Facebook*. Além disso, alguns deles optaram por utilizar o *WhatsApp* para comunicação ou continuar o contato, enviando informações e arquivos, como fotografias, por exemplo. Houve casos em que o contato e as informações se deram via *e-mail*, ou mesmo através de mais de um dos recursos

já comentados. Como a comunicação pôde ser efetivada via *internet* e por contato telefônico, não houve necessidade de viagem a outras cidades para encontrar as pessoas, além de que nenhuma delas preferiu ou solicitou que houvesse um encontro presencial e essa decisão foi respeitada, embora sugerida pela pesquisadora. De certa forma, isso facilitou o desenvolvimento da pesquisa, pois seriam necessários deslocamentos variados, para pelo menos cinco cidades diferentes.

As entrevistas⁵⁵, então, foram realizadas através de contato telefônico (números residenciais) e os relatos foram obtidos através dos diálogos via *Facebook* e também por *WhatsApp*. Esses recursos – entrevistas e relatos - são do tipo semiestruturados, ou seja, com perguntas abertas a partir da utilização de um roteiro previamente elaborado, permitiu-se uma flexibilidade nas conversas e facilitou-se um contato mais próximo com os entrevistados, além de viabilizar que outras perguntas de esclarecimento fossem inseridas, para aprofundar algum assunto comentado. O roteiro de perguntas foi adaptado de acordo com a relação que cada um dos entrevistados teve com a *Coleção Guri* e a Editora Tabajara e, dependendo do caso, esses contatos foram feitos em mais de um dia, por vezes sendo em tempo real e em outras através do envio das mensagens, que seriam lidas e respondidas em outra ocasião. Pelo formato dessas entrevistas, no caso das conversas via telefone convencional não foi possível gravar os diálogos, mas foi utilizado o recurso de anotação dos tópicos tratados, e no caso dos relatos recebidos via *Facebook* e *WhatsApp*, eles foram extraídos e organizados em tabelas específicas, para posterior organização dos dados.

Quanto aos questionários, foram aplicados nos casos em que a entrevista foi inviável, devido a determinados fatores (como distância – inclusive casos do exterior - e incompatibilidade de horários dos envolvidos, ou até mesmo por preferência por parte do entrevistado em fornecer informações por este instrumento). Além de algumas informações “soltas” recebidas via *e-mail*, também foram enviados quatro questionários específicos e diferentes, para facilitar o trabalho e poupar-se tempo nesta etapa, através de um arquivo preparado em *software* de edição de textos, com as questões digitadas. As respostas dessas pessoas foram recebidas também via *e-mail*, tanto em arquivos em anexo como no próprio corpo da mensagem.

A seguir, no Quadro 03, são mostrados os sujeitos pesquisados, a função na *Coleção Guri* e os recursos utilizados na coleta de dados, em cada caso. A ordem dos sujeitos, de cima para baixo, foi organizada por grupos de funções, da seguinte forma: mostra primeiramente a editora e os funcionários, seguida dos quatro autores, passa para as duas ilustradoras e o desenhista de mapas e, por fim, encerra com os três revisores.

⁵⁵ Cabe frisar que, em todas as entrevistas, foi solicitado aos entrevistados a assinatura de um termo de autorização de divulgação de dados da entrevista (Apêndice G) e também o termo de autorização de divulgação de imagens (Apêndice H).

Quadro 03 – Relação de sujeitos pesquisados, função na Coleção Guri e/ou na Editora Tabajara, recursos consultados e localização de parentes, amigos e conhecidos.

SUJEITOS PESQUISADOS, FUNÇÃO, RECURSOS UTILIZADOS E LOCALIZAÇÃO DE PESSOAS			
SUJEITO PESQUISADO	FUNÇÃO NA COLEÇÃO GURI / EDITORA TABAJARA	RECURSOS CONSULTADOS E/OU UTILIZADOS	INFORMAÇÕES SOBRE LOCALIZAÇÃO DE PARENTES E/OU AMIGOS
Editora Tabajara e funcionários	Editora	Consulta nos livros didáticos do acervo do Hisales	- No rastreamento por familiares e/ou conhecidos pelo <i>Facebook</i> foi feito contato com 130 pessoas, sendo que 25 responderam afirmativamente, 14 responderam negativamente e 06 leram a mensagem, mas não se manifestaram a respeito.
		Consulta a fontes documentais físicas	
		Consulta a fontes documentais virtuais - em <i>sites</i> e por <i>e-mails</i>	
		Entrevista via telefone: Nelson Tabajara (Porto Alegre/RS, filho de Joel Tabajara e funcionário da editora Tabajara)	
		Entrevista via telefone: Celso Afonso Tabajara (Canela/RS, filho de Olímpio Tabajara e funcionário da editora Tabajara)	
		Relatos e questionário via <i>e-mail</i> : Nelson Tabajara (Porto Alegre/RS, filho de Joel Tabajara e funcionário da editora Tabajara)	
		Relatos via <i>Facebook</i> : vários familiares	
		Relatos via <i>WhatsApp</i> : Nelson Tabajara e Carmen Tabajara (Porto Alegre/RS, filhos de Joel Tabajara – fundador da Livraria Tabajara)	
Elbio N. Gonzales	Autor	Consulta nos livros didáticos do acervo do Hisales	- No rastreamento por familiares e/ou conhecidos pelo <i>Facebook</i> foi feito contato com 05 pessoas, sendo que 02 responderam afirmativamente.
		Consulta a fontes documentais físicas	
		Consulta a fontes documentais virtuais - em <i>sites</i> e por <i>e-mails</i>	
		Relatos e questionário via <i>e-mail</i> : Elbio N. Gonzales por Suely Franco Netto Gonzales (Brasília/DF – autor e esposa)	
		Entrevista via <i>WhatsApp</i> : Elbio N. Gonzales por Suely Franco Netto Gonzales (Brasília/DF – autor e esposa)	
Flávia E. Braun	Autora	Consulta nos livros didáticos do acervo do Hisales	- No rastreamento por familiares e/ou conhecidos pelo <i>Facebook</i> foi feito contato com 62 pessoas, sendo que 14 responderam afirmativamente, 10 responderam negativamente e 03 leram a mensagem, mas não se manifestaram a respeito.
		Consulta a fontes documentais físicas	
		Consulta a fontes documentais virtuais - em <i>sites</i> e por <i>e-mails</i>	
		Entrevista via telefone: Flávia E. Braun e Zenna T. Braun (Tramandaí/RS - autoras)	
		Relatos via <i>Facebook</i> : Marlise Lautert (Capão da Canoa/RS - sobrinha)	
		Relatos e questionário via <i>e-mail</i> : 3ª CRE/RS de Estrela/RS - Silvani Eidelwein Bee (Setor Pedagógico)	

SUJEITOS PESQUISADOS, FUNÇÃO, RECURSOS UTILIZADOS E LOCALIZAÇÃO DE PESSOAS			
SUJEITO PESQUISADO	FUNÇÃO NA COLEÇÃO GURI / EDITORA TABAJARA	RECURSOS CONSULTADOS E/OU UTILIZADOS	INFORMAÇÕES SOBRE LOCALIZAÇÃO DE PARENTES E/OU AMIGOS
Rosa Maria Ruschel (falecida)	Autora	Consulta nos livros didáticos do acervo do Hisales	- No rastreio por familiares e/ou conhecidos pelo <i>Facebook</i> foi feito contato com 45 pessoas, sendo que apenas 01 respondeu afirmativamente, 13 responderam negativamente e 02 leram a mensagem, mas não se manifestaram a respeito. - As informações obtidas por parentes ficaram impossibilitadas pela não localização destes, mas algumas foram fornecidas pelas demais autoras, Flávia e Zenna Braun e seus parentes, assim como por uma prima da esposa de seu primo.
		Consulta a fontes documentais físicas	
		Consulta a fontes documentais virtuais - em <i>sites</i> e por <i>e-mails</i>	
		Entrevista via telefone: Flávia E. Braun e Zenna T. Braun (Tramandaí/RS - autoras)	
		Relatos via <i>Facebook</i> : Marlise Lautert (Capão da Canoa/RS – sobrinha de Flávia E. Braun e Zenna T. Braun)	
		Relatos via <i>Facebook</i> : Lucy Lopes Leão (Porto Alegre/RS – amiga e colega de trabalho)	
Zenna T. Braun	Autora	Os dados correspondem aos de Flávia E. Braun, pois são irmãs e vivem juntas.	Os dados correspondem aos de Flávia E. Braun, pois são irmãs e vivem juntas.
Helga Trein (falecida)	Ilustradora	Consulta nos livros didáticos do acervo do Hisales	- No rastreio por familiares e/ou conhecidos pelo <i>Facebook</i> foi feito contato com 92 pessoas, sendo que 06 responderam afirmativamente, 18 responderam negativamente e 08 leram a mensagem, mas não se manifestaram a respeito.
		Consulta a fontes documentais físicas	
		Consulta a fontes documentais virtuais - em <i>sites</i> e por <i>e-mails</i>	
		Relatos via <i>Facebook</i> : familiares	
		Relatos e questionário via <i>e-mail</i> : Carlos Júlio Becker (Porto Alegre/RS - filho) e Anelisa Murphy (Estados Unidos – filha e ilustradora)	
Anelize Becker de Lima	Ilustradora	Os dados correspondem aos de Helga Trein, pois ela é sua filha.	Os dados correspondem aos de Helga Trein, pois ela é sua filha.
Miron Zaions	Desenhista de mapas	Consulta nos livros didáticos do acervo do Hisales	- No rastreio por familiares e/ou conhecidos pelo <i>Facebook</i> foi feito contato com 144 pessoas, sendo que 02 responderam afirmativamente, 24 responderam negativamente e 05 leram a mensagem, mas não se manifestaram a respeito.
		Consulta a fontes documentais físicas	
		Consulta a fontes documentais virtuais - em <i>sites</i> e por <i>e-mails</i>	
		Relatos via <i>e-mail</i> : Divisão de Geografia e Cartografia / Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Estado (Porto Alegre/RS).	
		Entrevista via telefone: Miron Zaions (Porto Alegre/RS)	
Dalva da Rosa Dupuy	Revisora	Consulta nos livros didáticos do acervo do Hisales	- No rastreio por familiares e/ou conhecidos pelo

SUJEITOS PESQUISADOS, FUNÇÃO, RECURSOS UTILIZADOS E LOCALIZAÇÃO DE PESSOAS			
SUJEITO PESQUISADO	FUNÇÃO NA COLEÇÃO GURI / EDITORA TABAJARA	RECURSOS CONSULTADOS E/OU UTILIZADOS	INFORMAÇÕES SOBRE LOCALIZAÇÃO DE PARENTES E/OU AMIGOS
(falecida)		Consulta a fontes documentais físicas	Facebook foi feito contato com 19 pessoas, sendo que 03 responderam afirmativamente e 03 responderam negativamente.
		Consulta a fontes documentais virtuais - em sites e por e-mails	
		Relatos via Facebook: Léia Dupuy (Ijuí/RS - sobrinha)	
		Relatos via Facebook: Lucia Helena Dupuy Patella (Porto Alegre/RS – prima de 3º grau)	
Celso Pedro Luft (falecido)	Revisor	Consulta nos livros didáticos do acervo do Hisales	- No rastreio por familiares e/ou conhecidos pelo Facebook foi feito contato direto com 1 pessoa (esposa), que respondeu afirmativamente, mas após o contato realizado via e-mail. - Foi enviado e-mail para a esposa e escritora Lya Luft, que respondeu afirmativamente.
		Consulta a fontes documentais físicas	
		Consulta a fontes documentais virtuais - em sites e por e-mails	
		Relatos via e-mail e Facebook: Lya Luft (Porto Alegre/RS - esposa)	
Rebeca Poyastro	Revisora	Consulta nos livros didáticos do acervo do Hisales	- No rastreio por familiares e/ou conhecidos pelo Facebook foi feito contato com 55 pessoas, sendo que 04 responderam afirmativamente, 04 responderam negativamente e 01 leu a mensagem, mas não se manifestou a respeito.
		Consulta a fontes documentais físicas	
		Consulta a fontes documentais virtuais - em sites e por e-mails	
		Relatos via Facebook: Melina Poyastro (Porto Alegre/RS - filha)	
		Entrevista via telefone: Rebeca Poyastro (Porto Alegre/RS - revisora)	

Fonte: Dados da autora (2018).

O Quadro 03, acima, mostra através da sistematização dos recursos utilizados para cada caso, os esforços que foram investidos durante a pesquisa com todas as estratégias possíveis, no intuito de se encontrar dados válidos para a investigação. Os resultados do cruzamento desses dados estão exibidos no desenvolvimento desta tese, nos capítulos seguintes.

h) Análise e interpretação de dados

A análise e a interpretação de dados correspondem à fase posterior de coleta de dados. Segundo Gil (1999), a análise consiste em organizar e sumariar os dados para encontrar informações significativas. Já a interpretação objetiva procurar o sentido mais amplo das respostas, relacionando-as com outros conhecimentos prévios obtidos. Neste caso, os

resultados das etapas anteriores também foram analisados junto aos referenciais teóricos das pesquisas bibliográfica e documental.

“Las imágenes, como toda fuente, hablan a quién sabe preguntarles” (SANCHIDRIÁN BLANCO, 2011, p. 299). Esse jogo de perguntas e respostas foi desenvolvido durante todo o processo da pesquisa e contribuiu sobretudo para o levantamento de dados e o encaminhamento dos procedimentos adotados para as análises e interpretação dos dados.

Como já se afirmou, por esta investigação tratar de uma temática pouco explorada e pela falta de referências específicas para o tratamento deste tipo de dados, não há um esquema rígido de análise e interpretação, permitindo-se, então, adotar vários formatos para estes processos. Nesta fase, além do aproveitamento da referência das tabelas, quadros e esquemas adotados desde o início da pesquisa, foram criadas e aplicados outros modelos de fichas cadastrais e tabelas com categorias de análise exclusiva das imagens, que contribuíram para a catalogação, indexação e interpretação dos dados. Com a organização dos critérios avaliativos, os dados revelaram valores quantitativos e qualitativos, demonstrados no desenvolvimento desse texto, em diferentes formatos, seja através de texto, tabelas ou quadros.

Essas fichas cadastrais e tabelas com campos específicos de interpretação iconográfica e iconológica das imagens foram imprescindíveis para identificar e se extrair delas os elementos que deem conta de contribuir efetivamente para as respostas aos objetivos da tese, de forma sistematizada e otimizada. Serviram de referência, para tal, os modelos de fichas cadastrais criadas e aplicadas para o desenvolvimento das análises apresentadas na dissertação desta pesquisadora (RAMIL, 2013), assim como os utilizados em trabalhos de alguns pesquisadores, como por exemplo, os de Badanelli (2003) e Olim (2010), que entre todos aqueles que foram lidos se parecem mais às técnicas escolhidas para esta investigação. Entretanto, neste texto são exemplificados apenas alguns desses instrumentos, mas com a explanação do resultado geral, visto que são muitas imagens, se considerarmos o total encontrado no conjunto de minimamente 7 diferentes títulos que integram a *Coleção Guri – Cartilha do Guri, Primeiro Livro do Guri, Segundo Livro do Guri, Terceiro Livro do Guri, Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul, Terceiro Livro do Guri - Leitura e Quarto Livro do Guri*, que apresentam algumas variações em suas edições posteriores, entre os 26 exemplares consultados.

Além das tabelas e quadros distribuídos no texto, com os dados coletados, houve necessidade de criação de um cadastro mais específico para as imagens, para a organização das informações pertinentes à pesquisa. Pelas dificuldades técnicas na área de programação de informática e na falta de um *software* com ferramentas adequadas, o desenvolvimento de um sistema de banco de dados personalizado e específico com o qual se pretendia trabalhar

para analisar as imagens se tornou inviável. A possibilidade de se providenciar um modelo adequado através de serviço terceirizado implicaria em altos custos, mesmo sendo experimental, o que acabou dificultando a evolução do trabalho com tais características.

Diante do exposto, após alguns testes, optou-se por investir em um *software* que possui um sistema de gerenciamento de banco de dados, que pode ser manipulado quanto às categorias e informações desejadas, pelos recursos disponibilizados. Os métodos utilizados para armazenamento e organização dos dados das imagens, apesar de terem sido básicos, seriam satisfatórios para o trabalho.⁵⁶

Por esse *software*, foi criado um formulário base, com uma estrutura de ficha com abas separadas e cada uma delas corresponde à um determinado conjunto de informações das imagens, que devem ser inseridas. Entre essas abas, estão as seguintes categorias: Dados editoriais do Livro Didático; Reprodução da página; Reprodução da imagem; Tipo de imagem; Descrição física; Relação com o texto; Funções didáticas; Interpretação. Cada um desses itens contém alguns campos específicos que foram preenchidos. As informações que justificam a importância dessas categorias estão discriminadas no decorrer do texto, assim como os resultados obtidos com esses levantamentos.

Entretanto, não foi possível executar a fase de preenchimento dessas fichas, em função do prazo necessário para encerramento da pesquisa e finalização da tese, o que impediu a realização de testes e um maior aprofundamento nessa proposta. Porém, essa estrutura já desenvolvida, poderá ser trabalhada em outra ocasião. Mesmo assim, decidiu-se referir essas informações, por ter sido parte dispendiosa do processo de trabalho. Em consequência disso, os resultados das análises das imagens são apresentados de uma forma mais geral, considerando para tal o levantamento de dados com base nas categorias e aspectos referidos anteriormente.

No que se refere às teorias consideradas e utilizadas nesse tipo de investigação, há de se observar que existem várias perspectivas metodológicas possíveis de serem adotadas pelo pesquisador para a análise de imagens, que pode optar por estratégias vinculadas aos estudos de semiótica, à crítica e história da arte, à antropologia, à sociologia, à linguística, à iconografia e iconologia, entre outros.

Entre as referidas opções, conforme indica Miranda (2011) em seus estudos, a iconologia didática é uma estratégia encontrada nos livros escolares. Outros autores, apresentados no desenvolvimento do trabalho, também acreditam no potencial da leitura das imagens através das técnicas da iconografia e iconologia e atentam para a importância do

⁵⁶ Entretanto, o cruzamento de dados entre as diversas imagens de todos os livros didáticos teria que ser realizado de forma "manual", a partir do que foi registrado nos formulários, pois houve limitação e dificuldade no controle da interface gráfica do programa no que se refere à essas ações em especial. Isso implicaria em maior tempo de dedicação no aprendizado do programa, para controlar e dominar a configuração dos comandos que gerenciam e automatizam os resultados desejados, o que não foi viável de ser efetivado durante esta pesquisa.

domínio dessa tecnologia pelos pesquisadores interessados no tema e pela relevância de se investir nesse tipo de investigação. Desta forma, pelos referenciais adotados, optou-se por validar esses conceitos como principal alicerce teórico-metodológico nesta pesquisa, pois acredita-se que, através do estudo da iconografia e da iconologia focadas nas publicações didáticas, seja possível atingir os objetivos pretendidos com a investigação das imagens impressas na *Coleção Guri*, publicada pelas Edições Tabajara.

Estes procedimentos teórico-metodológicos, através dos estudos iconográficos e iconológicos das imagens, embora consagrados e reconhecidos em algumas áreas de pesquisa (como as de artes, design e comunicação), não consistem em uma perspectiva de análise comum de ser utilizada no campo da educação no Brasil e, diante disto, podem ser considerados um diferencial desta pesquisa, na qual se propõe um cruzamento de referenciais teóricos provenientes das três áreas de formação da autora da pesquisa.

No item 2.2 deste trabalho, são apresentadas perspectivas de diferentes pesquisadores e as teorias defendidas na análise de imagens, com atenção especial e mais detalhamento aos fundamentos teóricos que sustentam as análises iconográficas e iconológicas das imagens, tendo como referência básica neste tema os estudos do crítico e historiador de arte alemão Erwin Panofsky (1986), um dos principais representantes na utilização desses métodos.

2.2 Análise de imagens em livros didáticos

Neste item, trata-se especificamente sobre a imagem, apresentando-se as principais definições e discussões sobre suas características, além de alguns aspectos que mostram a sua evolução nos livros didáticos no decorrer dos séculos. Para finalizar, são discutidas algumas possibilidades de metodologias de análise neste tipo de impresso, com vistas à construção daquelas utilizadas nesta pesquisa.

Ao refletir-se sobre o histórico da imagem, convém lembrar que ela existe desde a pré-história. Com o passar do tempo, a imagem sempre foi um importante meio de comunicação, sendo produzido por diferentes métodos e com diferentes materiais. Está se falando de um símbolo criado pelo homem como forma de linguagem, expressão e comunicação, fundamental para o desenvolvimento e constituição do ser humano, na sociedade.

Inicialmente, deve-se entender algumas definições de imagem. Existem algumas raízes etimológicas que se vinculam ao vocabulário relacionado com a imagem. Pela raiz da palavra latina, *i-mag-o*, é a mesma de *mag-ia* e carrega componentes semânticos de “encanto”, “feitiço”, ou “atraente”, com o qual certa coisa deleita ou cativa. Pela origem no termo grego *eikon*, remete a termos como “ícone”, “icônico”, “iconicidade”, “iconologia” e

“iconografia”.

Recorrendo-se a um dicionário, é possível encontrar as seguintes opções de definição, para a palavra “imagem”:

IMAGEM

substantivo feminino

1. representação da forma ou do aspecto de ser ou objeto por meios artísticos *«i. desenhada, gravada, pintada, esculpida»*.
 - 1.1 representação de seres que são objeto de culto, de veneração *«a i. de Cristo» «uma i. de São Francisco»*.
 - 1.2 estampa, sem caráter de obra original ou rara, que reproduz temas diversos ou, mais esp., motivos religiosos *«um álbum de i.» «algumas i. marcavam as páginas do missal»*.
 2. aspecto particular pelo qual um ser ou um objeto é percebido; cena, quadro *«imagens da rua» «i. urbanas»*.
 3. reprodução invertida de um ser ou de um objeto, transmitida por uma superfície refletora.
 4. reprodução estática ou dinâmica de seres, objetos, cenas etc. obtida por meios técnicos *«i. fotográfica» «i. televisada» «i. magnética»*.
 5. *fig.* pessoa muito bonita; cromo.
 6. *fig.* aquilo que apresenta uma relação de analogia, de semelhança (simbólica ou real); réplica, retrato, reflexo *«ela é a i. do pai» «a casa era a i. da dona»*.
 7. *fig.* pessoa que representa, simboliza ou faz lembrar alguma coisa abstrata; personificação *«ela era a própria i. da tristeza e solidão» «o rapaz é a i. da saúde»*.
 8. *fig.* opinião (contra ou a favor) que o público pode ter de uma instituição, organização, personalidade de renome, marca, produto etc.; conceito que uma pessoa goza junto a outrem *«um político precisa cuidar de sua i.» «teve a i. abalada pelo escândalo»*.
 9. *lit.* qualquer maneira particular de expressão literária que tem por efeito substituir a representação precisa de um fato, situação etc. por uma alegoria, visão, evocação etc. *«i. bíblicas» «i. camonianas» «i. vulgares»*.
 10. *mat.* elemento determinado pela aplicação de uma função em um determinado ponto.
 11. *ópt.* representação de um objeto que emite ou recebe luz e que é formada por raios luminosos que passam por uma lente, espelho ou qualquer outro sistema óptico.
 12. *psic.* representação ou reprodução mental de uma percepção ou sensação anteriormente experimentada *«i. visual, olfativa»*.
 13. *psic.* representação mental de um ser imaginário, um princípio ou uma abstração *«a i. do demônio, da realeza, da democracia, do círculo»*.
- ETIMOLOGIA: *lat. imāgo, īnis* no sentido de 'semelhança, representação, retrato', *pelo genit., cp. imago*; ver *imag-*; *f. hist. sXIII imagem, sXIII ymagem, sXIII omagem*. (HOUAISS, 2018)

Considerando os conceitos acima, é possível afirmar que a palavra imagem é polissêmica. Entretanto, neste trabalho interessam os significados explanados nos itens 1, 2, 3 e 4 do excerto retirado do dicionário, nos quais podem ser associadas as ilustrações, as fotografias e os mapas, objeto de estudo nessa pesquisa, visto que são os tipos de imagem encontrados na *Coleção Guri*.

A imagem “é um elemento de linguagem capaz de evocar, para um sujeito histórico, social e psicológico, uma série de associações e referências combinadas com base em código e repertório em que se insere tal sujeito”, segundo Coelho (2008, p. 38). Com isso, a imagem, ao representar algo, faz a mediação entre aquilo a que se refere (referente ou objeto) e a percepção/interpretação de um sujeito (interpretante ou referência). É um signo, pois suscita reconhecimento nesse sujeito, significa algo, e a sua “percepção se dá de maneira simultânea,

em que forma e conceito são apreendidos como um todo indiviso” (COELHO, 2008, p. 39).

Segundo Santaella (2012, p. 16-17), existem três principais domínios da imagem: a) Domínio das imagens mentais, imaginadas e oníricas - surgem do poder de nossas mentes para configurar imagens; b) Domínio das imagens diretamente perceptíveis - são aquelas que apreendemos do mundo visível e que vemos diretamente da realidade; c) Domínio das imagens como representações visuais - correspondem a desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, imagens cinematográficas, televisivas, holográficas e infográficas (ou computacionais). Há autores que incluem também outros dois domínios: o de imagens verbais e o das imagens ópticas.

Entre essas classificações diversas de imagens, a que nos interessa mais especificamente nessa pesquisa, pelo foco de análise pretendido, são as tratadas no item c), que se refere à imagem como representação visual, pois aí se inserem as ilustrações, fotografias e mapas, que são encontrados na *Coleção Guri*. Segundo Santaella,

as imagens são chamadas de "representações" porque são criadas e produzidas pelos seres humanos nas sociedades em que vivem. É claro que elas são também imagens percebidas, mas distinguem-se daquelas que denominamos perceptivas porque, neste caso, é a nossa percepção que faz o mundo visível naturalmente aparecer a nós como imagem, enquanto as representações visuais são artificialmente criadas, necessitando para isso da mediação de habilidades, instrumentos, suportes, técnicas e mesmo tecnologias (SANTAELLA, 2012, p. 17-18).

Há, pelo menos, três modalidades principais de imagens: a) Imagens em si mesmas - que se apresentam como formas puras, abstratas ou coloridas; b) Imagens figurativas - que se assemelham a algo existente no mundo, ou supostamente existente (figuras imaginárias, mitológicas, religiosas, etc.); c) Imagens simbólicas - mesmo que apresentem figuras reconhecíveis, elas representam significados que vão além daquilo que os olhos veem, através do simbolismo (SANTAELLA, 2012, p. 19).

Pelas características da imagem, ela pode ser: presente e ausente; subjetiva e objetiva; emocional e afetiva; visível e oculta; individual e social; concreta e abstrata; passado, presente e futuro (BADANELLI RUBIO, 2003, p. 70-72).

A partir disso, para estudar as imagens, é necessário compreender que elas são reapresentações do mundo elaboradas para serem vistas e, assim como os discursos, elas têm o real como referente, não como a sua *mímesis*, conforme os conceitos de Pesavento (2014, p. 85).

Sendo assim, "uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos" (JOLY, 1996, p. 55). Na perspectiva de Paiva,

[...] é importante sublinhar que a imagem não se esgota a si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido além daquilo que é nela, dado a ler ou ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais implícita dela. [...] lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados, compreendidos. Nessa perspectiva, a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente (PAIVA, 2006, p. 19).

No que se refere à mensagem de uma imagem, dependendo de suas diferentes especificidades e estilos, seus objetivos e significados também passam por variações. Mesmo assim, podem ser encontrados em um mesmo suporte, como nos livros didáticos, para fins de representação visual de conteúdo textual, que interferem na percepção visual dos leitores, sejam eles alunos ou professores, sujeitos esses que também podem ser chamados de “usuários” desses impressos.

Em consonância a isso, Cruder (2008) explica que o ponto de partida de uma imagem é a percepção visual, pois, segundo a autora,

Las imágenes nos instan a transitar desde el orden del fenómeno, es decir, desde el orden de lo perceptivo, desde lo que se considera evidente de por sí. Profundizar la percepción implica recorrer un camino que involucra las particularidades de un sistema cultural atendiendo a las relaciones y repertorios que, a la vez que individuales, son sociales, y que, en definitiva, participan y dan cuenta de un universo simbólico compartido (CRUDER, 2008, p. 22).

Quanto à funcionalidade da imagem no livro didático, pode-se afirmar que os alunos podem aprender mais sobre o conteúdo, quando este estiver composto por palavras e imagens, do que apenas com informação textual, com uso exclusivo de palavras. Esse processo é ainda mais efetivo quando o texto e as ilustrações respectivas a determinada informação fiquem próximos um do outro. Dessa maneira, o processo cognitivo de aprendizagem proposto em um livro didático é mais eficiente quando se é utilizado o recurso instrucional da imagem, que dependendo de seus elementos, contém um tipo de função determinada.

Entre as tantas variáveis e multiplicidades de formatos de uma imagem, vale a referência aos estudos de Twyman (1982), em especial para os livros didáticos, visto que o autor trata das particularidades da linguagem visual. Como canal de emissão, a linguagem visual pode ser dividida tanto em gráfica como não gráfica. Enquanto a não gráfica corresponde à paralinguística, sob a forma de gestos e expressões faciais, a gráfica pode ser subdividida em verbal (textos), pictórica (figuras) e esquemática (símbolos). Sendo assim, de acordo com tais definições, as ilustrações e as fotografias são elementos de linguagem visual pictórica, enquanto que os mapas são elementos de linguagem visual esquemática (RAMIL, 2013).

É interessante registrar aqui o significado e as principais características daqueles que interessam a esta pesquisa - ilustração, mapa e fotografia. Entre esses três, o recurso mais encontrado nos livros didáticos analisados é o da ilustração. Considerando isso, a ênfase maior neste trabalho é dada às ilustrações da *Coleção Guri*, sendo que os mapas e as fotografias também são abordados, para fins de compreensão do conjunto imagético como um todo, em se tratando de um impresso, composto de páginas sequenciais, nos quais elas se complementam na função didático-pedagógica, junto ao texto, através de suas

representações específicas.

Iniciando-se pela ilustração, em uma explicação básica, partindo de um dicionário, o termo pode ter as seguintes possibilidades de significado:

ILUSTRAÇÃO

Substantivo feminino

1. ato ou efeito de ilustrar(-se)

1.1 qualidade do que é ilustre; renome *«mestres citados por sua i.»*

1.2 conjunto de conhecimentos (científicos, artísticos etc.); instrução, saber *«professor de reconhecida i.»*

2. *p. met.* pessoa ilustre por seu conhecimento *«uma das maiores i. do século passado»*

3. ato de esclarecer, de ilustrar por meio de explicações; esclarecimento, comentário *«sempre usa um exemplo como recurso de i.»*

4. adorno ou elucidação de texto por meio de estampa, figura etc.

5. *p. met.; edit.* publicação que contém estampas, gravuras, desenhos etc.

6. *p. met.; gráf.* desenho, gravura, imagem que acompanha um texto *«um livro com belas i.»*

7. *fil. m. q.* iluminismo.

ETIMOLOGIA: *lat. illustratio, ōnis* no sentido de 'ação de esclarecer', *p. ext.* 'descrição viva e enérgica, brilho'; ver *lu(c)-*; *f. hist.* 1619 *ilustrações*.

(HOUAISS, 2018)

Visualizando o excerto acima, o significado que interessa neste trabalho está contemplado principalmente nos itens 4, 5 e 6. Para além disso, a ilustração, já referenciada anteriormente como elemento de linguagem visual gráfica pictórica, ao ser um tipo de imagem, é considerada um signo, que pode ser compreendido com um sistema de codificação de uma linguagem⁵⁷ que representa alguma coisa para o observador, em diferentes níveis de recepção, sendo eles o de informar e perceber a estrutura; comunicar e compreender a mensagem; fruir e interpretar os conteúdos. A ilustração é um meio de expressão visual que tem a função de narrar, informar e persuadir através de seu conjunto plástico, na representação de uma determinada mensagem verbal.

Deste modo, a ilustração também "é linguagem, é comunicação. É tradução do texto e extrapola o texto. É reflexo da união dele com a subjetividade do ilustrador, sua cultura, sua memória, seu contexto histórico" (DIAS; FARBIARZ, 2013, p. 46). Por ser uma arte utilitária, com sua função objetiva de construir imagens visuais que serão reproduzidas, a ilustração é uma atividade que pode ser então inserida no campo do design gráfico, pois implica também ao ilustrador o domínio de determinados fatores técnicos.

Para Oliveira (2008), a ilustração pode ser dividida em três tipos, de acordo com a sua função: a) Ilustração narrativa - tem o objetivo de contar uma história, de narrar uma cena, sugerir narrativas; b) Ilustração informativa - típica dos livros de medicina e botânica; c) Ilustração persuasiva - utilizada pela publicidade. Segundo o autor, "as três divisões têm acima de tudo um aspecto didático, uma vez que esses gêneros agem muitas vezes ao mesmo

⁵⁷ Segundo Coelho (2008, p. 06), utiliza-se "o termo linguagem para nos referir a qualquer sistema simbólico de comunicação humana, de uso coletivo e consensual, formado por signos das mais variadas naturezas. Temos por linguagem o sistema que possui um repertório de unidades de sentido e um conjunto de regras articuladoras dessas unidades".

tempo, influenciando-se mutuamente. No entanto, do ponto de vista formal, em termos conceituais, comportam-se de maneira distinta” (OLIVEIRA, 2008, p. 44). Mesmo assim, os níveis de narrativa, informatividade e persuasão podem ser diferentes nas ilustrações.

Segundo Homma (2016), todos os elementos em um livro didático devem ter uma função que os justifique. Dessa forma, ela apresenta algumas funções instrucionais das ilustrações: atrair e dirigir a atenção ao material; apresentar uma nova informação; concretizar uma informação abstrata; comparar; enfatizar pontos; fornecer exemplos; motivar; produzir prazer; promover emoções e atitudes; simplificar; sintetizar; apresentar informações; intensificar a atenção; facilitar a analogia; desenvolver a compreensão; promover a retenção; criar ludicidade; promover informação adicional.

Além disso, conforme a autora (ibidem), existem vários tipos de ilustrações, que podem ser classificadas como: charge; caricatura; infantil; adulta; científica; exata; botânica; artística; técnica; realista; estilizada e cômica. O tipo de ilustração a ser inserida no livro didático é definido a partir do enfoque do texto original da disciplina, e a função que ela deve assumir para determinado conteúdo.

Em relação aos mapas, que aparecem em menor quantidade nos livros didáticos analisados, mas são também importantes na contextualização do conteúdo ao qual se referem, é comum encontrar a seguinte descrição:

MAPA
substantivo masculino

1. *cart.* representação gráfica e convencional dos dados referentes à superfície do globo terrestre, a uma região dessa superfície, à esfera celeste; carta «*m. do Brasil*» «*m. astronômico*» «*m. selenográfico*» «*fazer o m. de sua propriedade*».
2. *p. ext.* representação de algo descrito e/ou figurado com a clareza de um mapa (*acp.* 1); lista, relação, quadro «*m. estatístico*» «*m. de despesas*» «*o m. da fome no Brasil*».
3. *fig.; B; infm.* área de observação, de conhecimento, de atuação etc. «*bandas que saem do m. após um ano de sucesso*» «*riscar uma população do m.*».

ETIMOLOGIA: *it. mappa* (1357) (no sentido definido) derivado de(o) *lat. mappa*, *ae* no sentido de 'toalhinha, guardanapo', já no *lat.*, entre os antigos agricultores, significava 'representação gráfica de um terreno'.

(HOUAISS, 2018)

O item 1, do excerto acima, é o que se adequa aos conceitos dos mapas a que se faz referência nos livros didáticos, pois eles facilitam a compreensão do leitor, ao possibilitar uma informação visual, de características geográficas, de forma reduzida, planificada e adaptada ao formato do suporte.

Conforme a classificação de Twyman (1982) supracitada, os mapas são considerados elementos de linguagem visual gráfica esquemática. Segundo Hollis (2001, p. 4), o mapa, junto ao diagrama e sinais de direção, recursos também encontrados nos livros didáticos, tem a função de “informar e instruir, indicando a relação de uma coisa com outra quanto à direção, posição e escala”. Além do mais, os mapas têm como característica o grau de precisão e a natureza abstrata, com representações planas da Terra. Eles possibilitam a

visualização de grandes áreas que não poderiam ser alcançadas de outra forma, facilitando a visualização de regiões grandes e distantes (VELLOSO; STUART, 1971).

Já as fotografias aparecem em menor quantidade nos livros didáticos da *Coleção Guri*, considerando-se que, no período de sua publicação, as técnicas gráficas e de impressão deste tipo de recurso ainda eram bastante recentes e implicavam em altos custos na produção, limitando o investimento nesse processo. Segundo definições básicas, pode-se entender a fotografia como:

FOTOGRAFIA

substantivo feminino

1. arte ou processo de reproduzir imagens sobre uma superfície fotossensível (como um filme), pela ação de energia radiante, esp. a luz.

2 *p. met.* a imagem obtida por esse processo; retrato, foto.

3 *fig.* reprodução ou cópia fiel de algo.

ETIMOLOGIA: *foto(o)*- + *-grafia*; *f. hist.* 1858 *photographia*

(HOUAISS, 2018)

As fotografias, elementos de linguagem visual gráfica pictórica, são imagens cujos registros podem identificar e informar visualmente sobre acontecimentos, locais e pessoas, através da captura de momentos que podem ser "guardados" por muito tempo, através do uso de uma câmera fotográfica ou algum equipamento com as mesmas funções que execute a reprodução de imagens, através de técnica específica por meio de exposição luminosa. Segundo Kossoy (1989, p. 33),

Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo em que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho.

Além disso, Samain (2012) diz que as fotografias fixam o espectador num congelamento do tempo no mundo e o convidam a entrar na espessura de uma memória. Segundo o autor:

A imagem é um fenômeno na medida em que torna sensível todo um processo que combina aportes dos mais variados. Tomemos como exemplo a imagem fotográfica. A que processo combinatório ela deve sua existência? Para se moldar, precisou de um suporte: uma máquina captadora de luz, jogos de lentes, diafragma e obturador, uma placa sensível. Para se construir, precisou de uma pessoa, do seu talento, de sua maneira de observar, de pensar e de expressar o que viu, de enquadrar, de retocar, de manipular. Para emergir, ela precisou da existência do tempo, do espaço, da luz e da sombra, das cores, das linhas, dos volumes, das formas, do ambiente... Em poucas palavras, a fotografia precisou da longa história de uma "aventura" icônica. Para viver enquanto imagem, foi necessária a existência de espectador(es), isto é, de seres vivos, "aptos a saberem olhar uma imagem [...], capazes de discernir 'lá onde ela arde'" (SAMAIN, 2012, p. 157).

Retomando então aos conceitos sobre a imagem em geral, independentemente do tipo, seja ela uma ilustração, uma fotografia ou um mapa, quando colocada próxima a um texto, indicando alguma relação estabelecida entre eles, nunca é vista de forma dissociada deste, pois sempre se tem uma visão do conjunto dos elementos que estão em uma página, por exemplo, para então, após isso, decodificá-los e analisá-los separadamente.

Porém, é importante destacar que as pessoas registram os elementos visuais com mais rapidez do que os textuais, pois, enquanto a percepção da imagem pelo leitor se dá de maneira quase imediata em um primeiro contato, para o entendimento do texto ele necessita do tempo de leitura e de assimilação do conteúdo. Isso reforça a importância da imagem em uma página, que carrega em si inúmeras capacidades, como a de ter uma função, um significado, de atribuir sentidos e contribuir para a compreensão (o que nem sempre acontece eficientemente ou pode não ser proposital) do que está descrito nos textos, quando for o caso. Além disso, "somos mais capazes de memorizar descrições de objetos a partir de imagens do que a partir de palavras" (SANTAELLA, 2012, p. 109).

Sabe-se que as palavras podem remeter o leitor a associações subjetivas, culturais e emocionais, para além de seu significado literal. Isso também pode acontecer com as imagens, pois dependendo das características gráficas exploradas pelo profissional, seja ele um ilustrador, um desenhista (como era também chamado o profissional entre as décadas de 1950 e 1960) ou um fotógrafo, que destacam determinados aspectos, a imagem pode conter em seu caráter narrativo visual significados sociais capazes de estimular no leitor distintas interpretações que não estão contidas no texto.

Em seus estudos, Burke (2004) defende que as imagens são testemunhos da história. Para o autor, "uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo [...]" (BURKE, 2004, p. 101).

Outrossim, "a imagem, para ser lida, possui códigos especiais, espécies de ícones ou signos que remetem a uma lógica de significados para uma época dada" e são "dotadas de alto poder mobilizador, como verdadeiros ícones preñhes de significado e que impulsionam a ação" (PESAVENTO, 2014, p. 87).

Para Manguel (2009, p. 24), "a imagem dá origem a uma história, que, por sua vez, dá origem à uma imagem". Segundo o autor, enquanto as narrativas existem no tempo, as imagens existem no espaço que ocupam, independentemente do tempo que reservamos para a sua contemplação. Assim, "quando lemos imagens - de qualquer tipo [...] - atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa" e "conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável" (ibidem, p. 27).

Além dos conceitos até então apresentados, é importante, neste trabalho, refletir também sobre as pesquisas das imagens em uma perspectiva histórica. Inicialmente, é possível afirmar, segundo Badanelli Rubio (2003, p. 38), que

[...] pocas han sido las veces que los historiadores se han asomado al pasado empleando las imágenes como documentos valiosos para construir la historia. Esto supone necesariamente un vacío importante en este campo si tenemos en cuenta que estas aportan, en muchos casos, una información esencial y frecuentemente "única". Única en cuanto que en numerosas ocasiones los datos que nos aportan no aparecen en otro tipo de fuentes históricas más comunes en uso que estas, como son los documentos escritos oficiales o no.

No que se refere às investigações do campo histórico-educativo associado às imagens, é importante compreender que:

El tema del uso de imágenes en la investigación histórico-educativa es muy amplio. Por una parte, porque lo visual, hoy impregna todo. Se habla de cultura visual, sociología visual, antropología visual, historia visual, comunicación audiovisual... Y por otra, porque habría que abordar tanto las teorías sobre lo que debemos incluir bajo el término “imagen” (y de las formas de ver y de mirar una foto, un cuadro o un grabado...) como las teorías acerca de su lectura, su interpretación, su utilización y su validez en los distintos campos en que pueden ser utilizadas. Todo ello, además, está en función de los distintos campos en que pueden ser utilizadas. Todo ello, además, está en función de las distintas concepciones de lo que es la historia y del papel del historiador, de la semiótica, del papel de la memoria y de sus relaciones con la historia, así como de las diversas relaciones entre todos estos elementos (SANCHIDRIÁN BLANCO, 2011, p. 296).

Segundo Sanchidrián Blanco (2011), muitas das modificações realizadas nos últimos anos na investigação em História da Educação estão relacionadas às fontes utilizadas. Com o avanço das tecnologias, a incorporação de fontes visuais como objeto de estudo ou como fonte histórica, tem permitido ampliar os temas estudados e tem alterado, pelo menos aparentemente, algumas investigações, devendo-se também à facilitação no acesso, utilização e manipulação das imagens.

Entretanto, ao olhar-se para trás, o mesmo não acontecia em outros séculos, pois a partir do século XIX, conforme afirma Nóvoa (2003, p. 71), começou a ser construída uma “civilização da imagem”, mas isso acabou conduzindo à falta de confiança no valor da imagem para promover o conhecimento científico. A imagem era entendida com algo de menor valor, como uma reprodução, uma pobre imitação da realidade. Mas, por outro lado, as imagens nutriam a sociedade de imaginação e fantasia, criando a ilusão de um campo aberto de significados e interpretações. Porém,

El historiador del siglo XIX se negó a entrar en el juego de las imágenes, de las interpretaciones múltiples y de las narrativas controvertidas. No acepta la polisemia, la pluralidad de puntos de vista. No examina las imágenes como “productoras de significados”, sino únicamente como un simple “registro de hechos” o un “retrato de la realidad”. Esta actitud es difícil de mantener en la actualidad (NÓVOA, 2003, p. 72).

Nóvoa (2003, p. 71) comenta que o pensamento ocidental queria ser o herdeiro de uma “verdade” única, negando assim a pluralidade de significados e de leituras das imagens. O autor frisa aí o paradoxo de uma civilização que estava investindo no desenvolvimento das técnicas de produção, reprodução e comunicação das imagens, mas que, ao mesmo tempo, demonstrava a permanência de uma “iconoclastia endêmica”.

Com essas considerações de Nóvoa (2003), alia-se as reflexões de Pesavento, que também argumenta sobre a falta de atenção especial dos historiadores com as imagens em tempos passados. Segundo a autora,

Por longo tempo, as imagens foram utilizadas pelos historiadores como ilustração de algo, como paisagem ou retrato que enquadrava um fato ou personagem, ou então, na sua versão pictórica, como expressão superior da cultura em um momento dado, em utilização similar à de uma História da Arte (PESAVENTO, 2014, p. 85).

Em relação à pesquisa das imagens pelo viés da história da arte, esse é o campo em que elas foram mais utilizadas como fontes documentais, pois muitos estudos históricos foram realizados baseados em consulta a obras de artistas, predominantemente as pinturas, que tratavam de abordar as características dos personagens, os acontecimentos, as paisagens, os lugares, os hábitos e as características de uma determinada época, assim como também discorriam sobre a vida, a trajetória e as obras de pintores, entre outros temas afins.

Entretanto, para além do investimento histórico com as pinturas, a história da arte parece não considerar no mesmo nível de relevância a contribuição de outras formas de arte, como, por exemplo, as ilustrações. Sobre isso, Ramos (2016), em seus estudos relacionados aos artistas brasileiros, enfatiza que:

No Brasil, os trabalhos em ilustração raramente são objeto de pesquisa no âmbito da história da arte e das artes visuais. Aliás, o tema ilustração costuma passar ao largo da academia, e de vários modos: dificilmente se discute ilustração, dificilmente se produz ilustração, dificilmente se exhibe ilustração, apesar de muitos artistas se manterem economicamente por meio desse trabalho. Isso decorre da ideia (quase sempre preconceituosa) de que tais produções não são relevantes no campo das artes visuais pelo fato de não se pautarem por inovações formais. Em amplo aspecto, esse é um entendimento inclusive “compreensível”, uma vez que o historiador da arte tradicional geralmente trabalha com imagens que se notabilizam por “aspectos inéditos”, representando “avanços” no conceito e na prática. Para ele, é digno de estudo e comentário o que estiver articulado ao padrão de “originalidade” (RAMOS, 2016, p. 41).

Ainda segundo Ramos (2016, p. 41), no que se refere às ilustrações encontradas em livros e revistas, questiona: “entretanto, como ignorar a imagética voltada aos impressos, se ela é forte construtora de mentalidades e, não apenas isso, promotora de renovações no campo artístico?”. Para a autora (ibidem), “em certa medida, seria o mesmo que alijar a herança dos quadrinhos e do grafite, que alimentaram o repertório de tantos artistas, a começar por Roy Lichtenstein (1923-1997), Andy Warhol (1928-1987) [...]”.

Nesse sentido, refletindo-se em âmbito da produção impressa regional, especificamente no Rio Grande do Sul, há um exemplo expressivo a recordar, em se tratando de livros e revistas. A Editora Globo, de Porto Alegre, através de sua Seção de Desenho, criada no final dos anos de 1920 e coordenada pelo designer alemão Ernst Zeuner (1895-1967), divulgou o trabalho de seus funcionários, que se tornariam artistas reconhecidos nacionalmente, que trabalhavam ali como ilustradores, tais como: João Fahrion, Sotero Cosme, Nelson Boeira Faedrich, Edgar Koetz, Gastão Hofstaetter, João Mottini, Vitório Gheno, Eugênio Hirsch e Clara Pechansky. Tais artistas produziam capas, vinhetas, capitulares e ilustrações para almanaques, livros de literatura em geral e variados gêneros literários, livros de literatura infantil e revistas de conteúdos diversos, logotipos, cartazes e anúncios publicitários.

Entre esses profissionais, alguns também se dedicaram às ilustrações de livros didáticos e revistas de cunho educativo publicados pela Editora Globo, tanto na capa como

no miolo, tais como: Ernest Zeuner (ex.: *Meu ABC – Biblioteca de Nanquinote*, de Erico Veríssimo, 1936); Nelson Boeira Faedrich (ex.: *A Cartilha de Zé-Toquinho*, de Odila Barros Xavier, 1938) e João Fahrion (ex.: *A Festa das Letras*, de Cecília Meirelles e Josué de Castro, 1937). Também devem ser referenciados Leonardo Menna Barreto Gomes e Renato Canini, artistas de uma geração posterior da Editora Globo, que ilustraram a coleção didática *Tapete Verde* (com livros didáticos de 1º a 4º ano), na década de 1970 (RAMIL, 2013).

No caso da Editora Globo, Ramos (2016, p. 51) defende que “seus impressos falaram à cidade e ao mundo, foram locais e globais ao mesmo tempo”. Ramos (2016) é uma das autoras que contribui para a escrita e revisão da modernidade artística, da história do design e da cultura visual do Brasil, por seus estudos sobre os aspectos do percurso da Livraria do Globo, seus agentes, obras e contextos. Entretanto, conforme a autora, falta dar atenção e maior visibilidade ao que foi e é produzido no Rio Grande do Sul e a sua importância para a cultura do estado, no que se refere aos artistas e ilustradores inseridos no ramo editorial, suas contribuições e seu legado, pois essa temática ainda está situada na periferia do campo de estudos da História da Arte.

Diante disso, vale registrar que “no Brasil, autores das ciências sociais, da filosofia, da história, das letras, do design e da comunicação, entre outros, passaram a discutir, a partir de seus referenciais, o que a história da arte estava deixando de lado” (RAMOS, 2016, p. 45). Entre esses autores, assim como Ramos (2016), há pesquisadores nacionais que têm investido cada vez mais na aproximação entre os campos da história da arte, da comunicação e do design, como Rafael Cardoso (2004, 2005, 2009) e Chico Homem de Melo (2006, 2011), cujas obras estão entre os referenciais teóricos nesta pesquisa, na qual também se propõe esse entrecruzamento de conhecimentos de áreas específicas.

Segundo Cardoso (2009, p. 09), os estudiosos “têm se voltado para questões mais duradouras de recepção e circulação, desde a formação do público leitor à sociabilidade dos editores, autores e outros agentes históricos de destaque”. Entretanto, observa que há “uma relativa carência de estudos voltados para a cultura visual e material dos próprios impressos” (ibidem, p. 09-10). O autor considera ainda que “o design e a comunicação visual vêm ganhando evidência como temas de investigação histórica, por motivos ligados diretamente à crescente preponderância destas áreas na contemporaneidade” (ibidem, p. 10).

No entanto, são poucos os pesquisadores no país que tratam o fenômeno a partir de uma visão interdisciplinar da imagem considerando especialmente o contexto da História da Educação. Em função disso, Sanchidrián Blanco (2011), por seus estudos sobre a incorporação das imagens como fontes de investigação na História da Educação, indica que é necessário expandir as possibilidades e favorecer ainda mais o trabalho com esses recursos visuais, indo além da descrição do cenário educativo, ampliando os espaços e os tempos estudados e aproveitando o potencial evocador e o componente emocional das imagens.

No que se refere à importância de se ultrapassar a simples descrição do cenário educativo, Sanchidrián Blanco (2011) afirma que as imagens têm permitido a construção de uma história da escola e das práticas escolares, além de contribuir intensamente no desenvolvimento da história cultural e material da educação. Entretanto, ela argumenta que há outros aspectos relacionados ao dia-a-dia na escola que “vemos” e que merecem mais atenção, e aí ela inclui as imagens dos livros didáticos, entre outros exemplos, o que coincide com a proposta desta tese.

Somando-se a isso, Pesavento (2014, p. 84-85) afirma que "a redescoberta da imagem pela História deu-se pela associação com a idéia da representação, tal como se deu com a relação ao texto literário". Palavras e imagens são formas de representação do mundo e estabelecem uma mediação entre o leitor e o suporte, mas se diferem quanto ao grau de percepção do conjunto pelo leitor.

Refletindo-se sobre esses aspectos em livros específicos como os didáticos, a investigação dos elementos visuais neste tipo de publicação, além de permitir perceber como funciona a sua relação com o usuário, possibilita que se identifique uma associação com um determinado tempo e uma certa cultura, de alguma localidade. Além disso, é importante lembrar que:

Como nos mostram alguns historiadores do alfabeto e da escrita, os "ancestrais" da escrita são sistemas baseados em imagens - ícones ou ideogramas. Mesmo nossa escrita alfabética evolui de outros sistemas cujas representações imagéticas claramente tinham por referentes objetos da realidade concreta. O fato nos faz pensar sobre como os sistemas de comunicação e produção de sentido dialogam em vários níveis, ora transformando-se uns em outros, ora buscando correspondências entre si. [...] (COELHO, 2008, p. 5).

Para Ramos (2016, p. 41), “no campo das artes visuais, a ilustração e as artes gráficas são comumente tidas como uma forma de ‘arte menor’, sem contar que, produzidas para impressos de caráter popular e geralmente mundano, fogem do que se entende por ‘arte’”. Dito isso, poderíamos incluir entre esses impressos ditos “populares” e “mundanos” os livros didáticos, dadas suas características, entre elas a de uso em massa e temporário? E se pensarmos pelas perspectivas de outros campos de pesquisa, poderia ser assim? Fica a reflexão, ao se tratar de um suporte que pode ser objeto de pesquisas multifacetadas e interdisciplinares, com inter-relações variadas no que se refere aos contextos político, econômico, educacional, cultural, artístico, gráfico, comercial, empresarial, industrial e editorial aos quais se vincula. Trata-se, enfim, de um objeto cuja história apresenta múltiplas contribuições a vários campos de pesquisa, em especial, à história da educação.

Em uma breve retomada da história do livro didático, é possível identificar que a sua evolução está associada às evoluções gráficas de impressão e que somente quando a tecnologia permitiu reproduzir um texto instrutivo a ser distribuído para muitos estudantes, o texto escolar adquiriu uma dimensão moderna. O aparecimento das imagens nas suas

páginas também acompanha o contexto. Segundo Badanelli (2003, p. 122),

En nuestra cultura occidental se pueden diferenciar dos periodos en la historia del libro de texto: el que hace referencia a los siglos XVI, XVII y XVIII, periodo en el que además de surgir la imprenta y la tecnología que la hizo posible, surge también la enseñanza y se formalizan las lenguas vernáculas. Y un segundo periodo que va asociado a los cambios producidos en los siglos XIX y XX, durante los que, gracias a la llegada del maquinismo, se renuevan las técnicas de impresión y se empieza a considerar el libro escolar como básico para la difusión y organización democrática de la enseñanza.

A partir dessa divisão de períodos, no segundo período - séculos XIX e XX, existem dois momentos fundamentais: a) no primeiro momento predominam as relações de implementação da imagem com o texto, entre a primeira metade do século XIX até a segunda metade do século XX; b) o segundo momento está vinculado às mudanças tecnológicas, estéticas, semióticas e didáticas, a partir da segunda metade do século XX (BADANELLI, 2003, p. 122-123).

Por isso, estes tipos de impressos, do ramo didático-pedagógico, também podem ser considerados "documento de época" (BITTENCOURT, 2010, p. 86) e possibilitam ao pesquisador, através de determinados métodos de análise, a efetivação de uma leitura crítica de diversos aspectos, inclusive das suas imagens. Para Bittencourt (2010, p. 86), "ao se considerar o livro como um *documento*, ele passa a ser analisado dentro de pressupostos da investigação histórica e, portanto, *objeto* produzido em um determinado momento e *sujeito* de uma história da vida escolar ou da editora". Além do mais,

A lo largo de la historia, puede observarse el poder de la imagen y su poder mediador, la permanente dialéctica presencia/ausencia, en tanto representación de lo que no está allí, de lo que estuvo allí, de lo sucedido, su presencia ligada a la construcción y fijación de la memoria y, en consecuencia, también a la invisibilización, al olvido, en el proceso de configuración de la mirada (CRUDER, 2008, p. 22).

Com a reflexão sobre as origens e a evolução dos estudos das imagens nos livros didáticos, remete-se aos estudos de Choppin (2004), enfatizando que:

Foi no final dos anos 1980, com os avanços da semiótica, o impulso da história das mentalidades e o interesse pelas questões de vulgarização das ciências, que recorreu a muitos esquemas e gráficos, que o livro didático deixou de ser considerado como um texto subsidiariamente "enfeitado" de ilustrações, e para que a iconografia didática — e a articulação semântica que une o texto e a imagem — tenha sido levada em conta (CHOPPIN, 2004, p. 559).

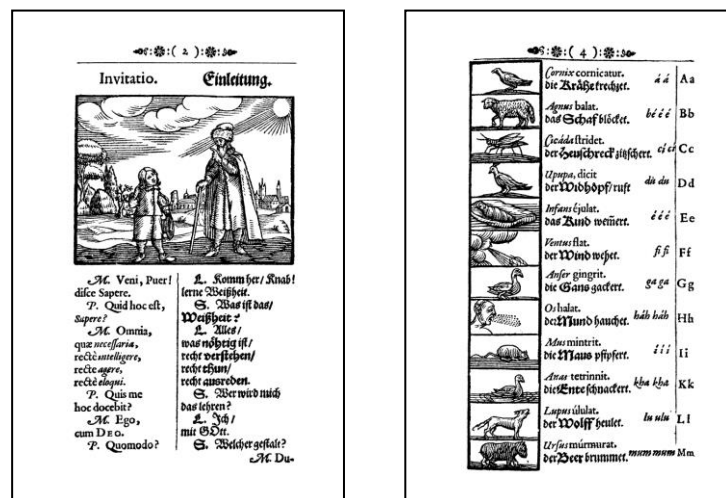
Bittencourt (2008, p. 196) relata que desde a década de 1980 começaram as iniciativas de pesquisas europeias no "mundo da imagem", enquanto no Brasil isso ainda é recente. Os pesquisadores europeus têm se atentado às ilustrações em obras escolares, estudando a iconografia escolar e "relacionando o impacto das imagens na fase infantil para a sedimentação de uma memória histórica", através de diferentes perspectivas de análise.

Atualmente, no Brasil, observando-se algumas pesquisas que vêm sendo realizadas e que investem em reflexões sobre o papel do livro didático e do lugar das imagens no processo de ensino-aprendizagem, concorda-se com o que indicam Dias & Farbiarz:

No Brasil, os livros didáticos são a base do trabalho docente, ainda focado no conteúdo fabular (textual). Enquanto isso, estudos sobre o papel do livro didático e de suas imagens convergem para a conjugação de duas formas de linguagem - fabular e icônica (imagética) - nas estratégias de ensino, e a necessidade da atuação dos professores como agentes mediadores da leitura de imagens [...] (DIAS; FARBIARZ, 2013, p. 42).

O livro pode ser considerado o primeiro suporte a ter possibilitado a integração entre palavra e imagem. O uso de imagens com finalidade didática nos livros escolares “surge bastante precocemente, impondo exigências técnicas à atividade impressora num tempo em que a combinação de texto e imagem inicialmente obrigava à impressão separada de tipografia e xilografia ou gravura em metal” (MORAES, 2016, p. 52). Associar imagens às palavras, letras ou fonemas é um recurso utilizado nos livros didáticos há mais de 350 anos.

Na obra *Didática Magna* (1638), de Jan Amos Comenius⁵⁸, aparece a proposta do autor de utilizar a imagem como recurso didático. Em outra obra de Comenius, intitulada *Orbis Sensualium Pictus* (O Mundo Sensível em Imagens)⁵⁹, e produzida em 1658, esse recurso pedagógico era usado no ensino da leitura e da escrita. A Figura 03, a seguir, mostra duas páginas dessa obra didática.



latim às crianças através da associação entre o texto e a imagem, é considerado o primeiro livro didático ilustrado e a primeira cartilha do mundo cristão ocidental e até hoje é discutido por suas questões teórico-metodológicas (MIRANDA, 2011). A obra continha 150 capítulos, que abordavam temas como botânica, zoologia, religião, atividades humanas, entre outros.

Nesta obra, o assunto e a aquisição da linguagem - imagem e escrita - não estão separados. Foi produzida através de uma composição tipográfica, com a combinação de tipos góticos e latinos, em romano e itálico. As imagens foram produzidas pela técnica de xilogravura⁶⁰ e "não são meras ilustrações do texto escrito: são apresentações figurativas do assunto comentado" (MIRANDA, 2011, p. 198). Para Miranda, é possível afirmar que a obra *Orbis Pictus*:

[...] desmitifica que o uso da imagem na educação escolar e na produção do conhecimento seja algo pensado apenas na moderna sociedade industrial. O estudo desta obra aponta para a necessidade de pensarmos que imagem, aprendizagem e conhecimento componham uma articulação histórica e que tenham história material (MIRANDA, 2011, p. 197).

Essas considerações de Miranda (2011), sobre a necessidade de refletir a relação entre a imagem, aprendizagem, conhecimento, articulação histórica e história material indicam e servem como apoio fundamental à essa pesquisa de análise das imagens dos livros didáticos das Edições Tabajara, mostrando que a temática tem validade e relevância para os estudos das áreas de pesquisas afins.

Segundo Miranda (2011, p. 198), "Comenius talvez tenha sido o primeiro educador a colocar em livro uma iconologia didática em prol da educação escolar". Antes disso, esse tipo de procedimento era utilizado apenas na educação dos fiéis católicos em afrescos pintados nas igrejas e nos livros de intelectuais que tinham como mecenas nobres e reis. Para o autor (ibidem), "a idealização de uma educação pela imagem para diversos grupos e classes sociais é, de fato, um empreendimento da sociedade burguesa", tendo então na sua origem, Comenius e sua obra *Orbis Pictus*.

Além disso, o modelo de livro escolar criado por Comenius persistiu durante mais de 200 anos, com versões de edições inclusive em inglês, trilingues e quadrilingues, servindo de modelo e influenciando no desenho e nas características dos livros escolares posteriores, principalmente aqueles de nível fundamental, adotados no mundo ocidental (ROTGER, 1997; MORAES, 2016).

Para Moraes (2016, p. 52), Comenius faz uma virada instrucional ao instituir a didática moderna e "a concepção deste livro expressa a relação direta e explícita entre a nova

⁶⁰ A xilogravura consiste em uma técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz a ser esculpida com desenhos em relevo, através de sulcos e fendas. A reprodução é feita a partir dos detalhes que estão em relevo, que são cobertos de tinta e pressionados no papel ou outro material de suporte, através de uma prensa, o qual ficará gravado com as partes que estavam pintadas. A imagem revelada no suporte sai ao contrário daquela que foi talhada no pedaço de madeira, o que requer mais trabalho do artesão ou artista, em sua concepção e criação.

arte da didática, a transformação da escola e do ensino e da cultura gráfica”. Arroyo (2011, p. 322) afirma que o referido livro de Comenius deu início à ilustração de livros para crianças e que com ele “iniciava-se a utilização de uma área lúdica ou educacional de grande valorização para o livro infantil”.

Entretanto, é importante ressaltar que alguns estudiosos indicam outra obra como sendo supostamente o primeiro livro didático ilustrado no mundo, pela sua antecipação e inovação didático-pedagógica. Do autor renascentista João de Barros⁶¹, a obra se intitula *Grammática da Língua Portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja*, também conhecida como *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja* ou ainda *Cartinha de João de Barros*, publicada em 1539 pela Casa de Luis Rodriguez, em Lisboa.

A respeito desse impresso em língua portuguesa, segundo indica Mariguela (2011, p. 151), é interessante a informação de que “no próprio exemplar, presente no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro⁶², consta ao final, após a ‘ficha catalográfica’, a seguinte informação datilografada: ‘Talvez seja o primeiro livro didático ilustrado, antecedendo ao de Comenius’”. Inclusive, em *sites* e artigos consultados, sendo alguns de origem portuguesa, ela é defendida como tal.

Entre as principais características dessa obra,

Estruturada em um enunciado didático-pedagógico, a *Cartinha* propõe, e certa maneira, além de uma iniciação doutrinária, uma iniciação à leitura e à escrita da língua mãe, no caso a língua portuguesa, explorando fortemente os recursos visuais, ‘coisas vistas e designadas’, distribuídas em mandalas e outros arranjos espaciais, e acompanhadas de desenhos que reproduzem a fauna marítima (remetendo às navegações) e objetos simbólicos que remetem ao mundo cristão. Nesse exercício de tradução, aquilo que na língua e da língua escapa ao sujeito, evidencia na *Cartinha* o novo encontro da criança com a língua materna; um encontro em que João de Barros traz à cena o desejo de unidade nacional e linguística, além do caminho de bem-aventurança (MARIGUELA, 2011, p. 149).

Basicamente dividida em duas partes, a *Cartinha* trata do ensino da leitura e da escrita na primeira e na segunda apresenta textos para leitura de natureza religiosa e para educação moral de crianças e adolescentes. Dos 28 fólios, 8 são dirigidos ao ensino das letras e da leitura e 20 tratam sobre o exercício das orações. Com isso, aprende-se a pronunciar as letras e a rezar ao mesmo tempo. No início do livro, há um alfabeto ilustrado que faz as

⁶¹ João de Barros foi um historiador português nascido por volta de 1496 em Viseu e falecido em 1570 em Pombal/Ribeira do Alitêm, em Portugal. É considerado o primeiro grande historiador português e pioneiro da gramática da língua portuguesa, conhecido também como o “Grande” ou “Tito Lívio Português”. A *Cartinha* (o mesmo que cartilha), publicada no final de 1539, antecedeu a obra *Grammatica da Lingua Portuguesa*, publicada em 1940, também de sua autoria, considerada a segunda obra a normatizar a língua, tal como falada em seu tempo, precedida pela *Grammatica da Lingagem Portuguesa*, do frade e gramático Fernão de Oliveira (1507-1581), editada em 1536 em Lisboa. Barros, que também era linguista, escreveu ainda várias obras literárias e sobre a história de Portugal, consideradas referências na historiografia portuguesa e do mundo (Estes dados são um compilado de informações encontradas em vários *sites* e artigos consultados, brasileiros e portugueses).

⁶² O exemplar disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cuja versão integral digital foi consultada pela pesquisadora, é considerado o único no mundo, pela sua edição e data de publicação.

funções de um abecedário⁶³, no qual constam ilustrações, que são acompanhadas, em posição abaixo pela inicial da palavra a que correspondem e em posição acima dos nomes/sujeitos por extenso, em caracteres no estilo gótico e aldino, impressas pela técnica da xilogravura. Há, ainda, em outra página, a criação de um silabário estruturado dentro de uma esfera, chamada também de mandala silábica, na qual são mostradas as possíveis articulações entre as letras e as sílabas (MARIGUELA, 2011). A Figura 04, a seguir mostra esses casos, com as imagens utilizadas como recurso didático adicional introduzido por Barros, o que até então era inédito nas obras destinadas à educação:

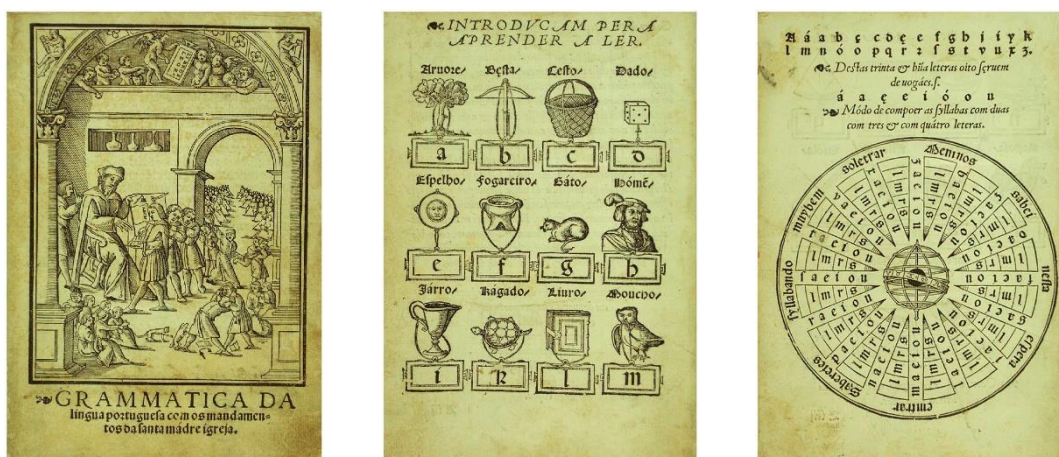


Figura 04 - Páginas da *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja*, de João de Barros, 1539. Da esquerda para a direita: a capa, a página com o início do abecedário e a página com a esfera silábica.

Fonte: Barros, 1539 (Versão da Biblioteca Nacional Digital/RJ).

Com tais estratégias adotadas na *Cartinha*, “Barros procurou facilitar tanto a tarefa do educador quanto a tarefa do aluno” (SILVA; JESUÍTA, 2013, p. 80), pois, ao relacionar as letras do alfabeto às imagens, o autor inova nos aspectos estruturais e didáticos e “[...] sintetiza alguns conceitos fundamentais para a compreensão de um mundo novo [...]” (ibidem), “concentrando em muitos pontos, o pensamento de um homem renascentista, cristão e humanista na empreitada de aprender a ler” (ibidem), em pleno século XVI, ao passo que *Orbis Pictus*, surgida posteriormente, foi publicada mais de cem anos depois, em 1658, no século XVII.

Com a evolução das tecnologias gráficas, fatos como o surgimento da litografia (ou litogravura)⁶⁴, no século XIX, também tiveram importante contribuição para a inserção de

⁶³ Segundo Frade (2010c, p. 274), os abecedários ilustrados são livros de imagens destinados ao aprendizado da leitura pelas crianças. Mesmo as palavras aparecendo em uma sequência de A a Z, elas podem ser consultadas em qualquer ordem, de forma não linear. Assim, a criança pode se deter na letra ou na ilustração, conforme desejar, com a ajuda de um adulto que o auxilie na compreensão do que está escrito. Para a autora, esse “é um ensino sem sequência, livre, baseado em interações familiares e sem reflexão sistemática”.

⁶⁴ Trata-se de uma técnica de gravura na qual a matriz é uma pedra calcária ou uma placa de metal e o desenho

imagens nos impressos escolares, pois essa técnica permitia uma impressão em cores de forma mais acessível e barata, revolucionando e facilitando o tratamento e reprodução de imagens. Nesse mesmo século estavam sendo feitos os testes para a fotografia, que chegaria para romper com a forma e os modelos de reprodução impressa da realidade. Sendo assim, é preciso considerar que:

No espaço de tempo de 1500 até 1675, as imagens nos tratados técnicos e nos tratados alquímicos passaram das iluminuras para as xilogravuras, até as gravuras em metal. O modo de produção da imagem traz consequências para o papel que a imagem desempenha no pensamento. De uma mera festa para os olhos e informação para aqueles que não sabiam ler nem escrever, as imagens e figuras passaram a ser, cada vez mais, peças fundamentais na transmissão de conhecimentos científicos e técnicos, na medida mesma do aprimoramento do seu modo de gravação. As enciclopédias e os livros ilustrados foram absorvendo crescentemente as novas possibilidades de expressão do conhecimento. O campo que primeiro ganhou tremendamente com isso - e até hoje continua a ganhar - foi o da ciência, em especial as ciências da observação (SANTAELLA, 2012, p. 106-107).

Alguns estudos indicam que o primeiro livro impresso em cores que se tem conhecimento foi produzido em 1633, sob o título *Shi zhu zhai shu hua pu* (Manual de Caligrafia e Pintura), pelo Estúdio Dez Bambus, na cidade de Nanquim (Nanji), na China. É considerado o primeiro livro no qual se utilizou o processo em xilogravura policromática inventado pelo chinês Hu Zhengyan. Esse manual possui 320 páginas e é dividido em oito categorias: pássaros, ameixas, orquídeas, bambus, frutas, pedras, desenhos em tinta e miscelâneas. Há textos explicativos intercalados entre as gravuras, sendo que alguns são indicados como sendo poesias.

Pelo próprio título do livro, pode-se inferir de que seja uma espécie de livro didático, com as características estruturais e estilísticas da China. Para avançar nessa constatação, seria necessário consultar um especialista em escrita chinesa antiga para reconhecimento dos dados escritos nas páginas, pois são caracteres antigos em caligrafia com linguagem culta, o que dificulta ainda mais no que se refere à complexidade da tradução dos poemas chineses⁶⁵. A seguir, na Figura 05, são expostas algumas imagens do referido livro.

é feito com um lápis gorduroso. A base desta técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. Ao cobrir a pedra ou a placa com a tinta, que é oleosa, ela ficará aderida apenas nas partes em que foram desenhadas com o lápis gorduroso, sendo que a superfície recebe um preparo com outros produtos antes dessa fase. O papel ou outro suporte é colocado em contato com a pedra e pressionado através de uma prensa manual. Com a retirada do papel, o resultado será um desenho impresso espelhado em sua superfície, assim como na xilogravura, sendo que esta utiliza os recursos de relevos pelos entalhes na madeira, enquanto na litogravura a matriz é plana.

⁶⁵ Durante esta pesquisa, consultou-se uma pessoa com conhecimento da língua chinesa moderna, no intuito de se tentar identificar o teor do conteúdo dos textos do livro, mas essa não pôde fazer a tradução, alegando as características explanadas no referido trecho, diante da antiguidade da escrita registrada no impresso. Para ver mais: <<http://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-FH-00910-00083-00098/1>> e <<http://www.bibliotecasdobrasil.com/2015/08/o-livro-em-cores-mais-antigo-foi.html>>.



Figura 05 - Páginas de *Shi zhu zhai shu hua pu* (Manual de Caligrafia e Pintura), 1633.

Fonte: Zhengyan, 1633 (Versão digital da Biblioteca da Universidade de Cambridge).

No entanto, no Brasil, “a recorrência às imagens foi uma prática usual no transcorrer do século XIX, obedecendo às argumentações de intelectuais sobre sua utilidade na formação do espírito infantil” (BITTENCOURT, 2008, p. 196). Segundo a autora:

As imagens criavam uma maneira especial de leitura, sobretudo, na fase inicial de alfabetização, onde se mesclava com a oralidade. A presença de ilustrações favorecia, em princípio, o diálogo, suscitando comentários que deslizavam continuamente do escrito para o oral e do oral para o escrito. E, desde o início das publicações de livros para as crianças, pode-se constatar que são ilustrados (BITTENCOURT, 2008, p. 197).

Os livros didáticos nacionais, até o final do século XIX, geralmente eram ilustrados em preto e branco, com exceção de algumas obras publicadas no exterior. Entre outras experiências pedagógicas, especialmente no final do século XIX e no início do XX, a obra *Primeiras Lições de Coisas - Manual de ensino elementar para uso dos paes e professores*, de autoria do professor norte-americano Norman Allison Calkins⁶⁶ (publicada pela primeira vez em 1861), adaptada e traduzida por Ruy Barbosa⁶⁷ em 1886, foi defendida pela intelectualidade educacional do país à época e também utilizava imagens no ensino das crianças (VALDEMARIN, 2010; PERES; RAMIL, 2015). Era comum o uso de imagens nos Manuais de Lições de Coisas, inclusive os publicados por outros autores e em outros países, visto que o ensino e o método tinham também como base a utilização desses recursos.

Publicada no Rio de Janeiro, pela Imprensa Nacional, com 616 páginas, a obra foi adaptada a partir da 40ª da versão de Calkins (impressa em 1884), para a língua portuguesa, para ser utilizado no Brasil e em outros países de mesmo idioma. Entretanto, o trabalho inicial

⁶⁶ Norman Allison Calkins nasceu em 1822 e faleceu em 1895, nos Estados Unidos. Atuou como professor e superintendente, entre outros cargos de gestão, em escolas e departamentos de educação de Nova Iorque, constituindo assim uma larga experiência no ensino elementar.

⁶⁷ Ruy Barbosa de Oliveira nasceu em 05 de novembro de 1849 em Salvador/BA e faleceu em Petrópolis/RJ, no dia 01 de março de 1923. Além de ser um grande estudioso da língua portuguesa, é considerado um dos maiores intelectuais brasileiros, reconhecido por suas atividades como jurista, advogado, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor e orador.

de Ruy Barbosa foi feito a partir da 18ª edição, publicada quatro anos antes. A demora de tantos anos para a publicação se deu pelos altos custos de impressão previstos no orçamento recebido das oficinas de Henrique Laemmert & Cia, e parte disso incluía o valor dos vários clichês a serem produzidos para a reprodução das imagens. Alguns anos depois, com o envolvimento de Ruy Barbosa na política e pelos contatos com o governo, a publicação foi viabilizada pela Tipografia Nacional, que teve este nome até o ano 1885 e passou a se chamar Imprensa Nacional no ano seguinte (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 80-83).

Segundo Lourenço Filho (2001, p. 80), “houve na edição original a evidente preocupação de seguir em tudo a apresentação material do livro americano”. Quanto às ilustrações, o autor (ibidem) comenta que “estão cuidadosamente copiadas e, para elas se serviu a Imprensa Nacional, ora da combinação de fios tipográficos, [...], ora da xilografia, como é patente na reprodução de sólidos geométricos [...]”. Por conta desses processos, em alguns casos foi realizada a reprodução negativa das figuras, ou seja, a sua reprodução com fundo negro e traços brancos. A Figura 06 apresenta alguns desses casos.

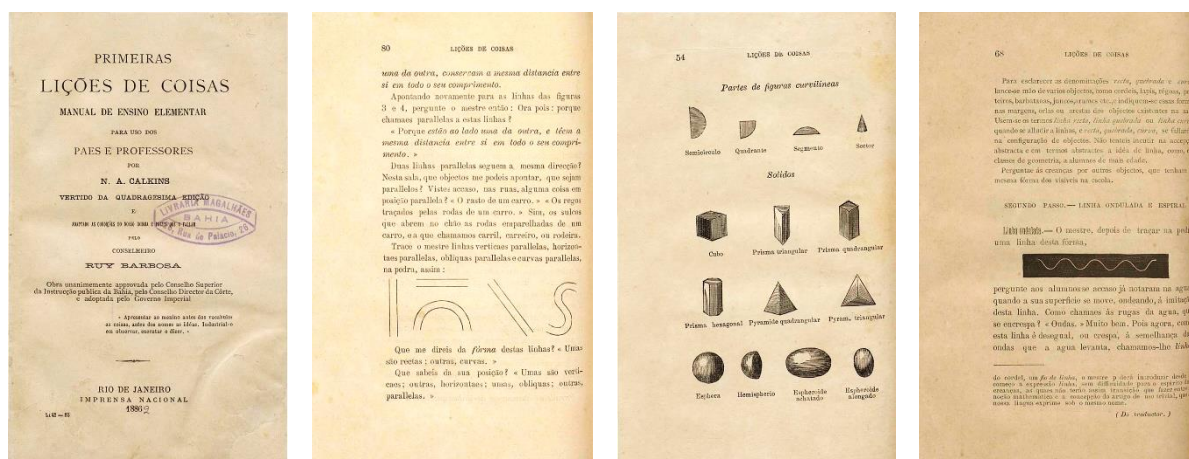


Figura 06 – Páginas de *Lições de Coisas*, adaptado por Ruy Barbosa em 1886. Da esquerda para a direita: Folha de rosto, p. 80 (fios tipográficos), p. 54 (xilografia com sólidos geométricos) e p. 68 (xilografia com reprodução negativa das figuras).

Fonte: Barbosa, 1886 (Exemplar da Biblioteca Digital do Senado Federal).

O referido manual foi organizado por Calkins usando o método de perguntas e respostas, com apresentação de materiais didáticos e de objetos concretos, com o objetivo de assegurar às crianças, por meio da observação e da experimentação, o conhecimento das coisas e do mundo material. Nesse tipo de obra, que começou a aparecer e ganhar espaço a partir do final do século XIX, era adotado o modelo de ensino intuitivo, servindo de guia para o que deveria ser implantado pelos professores do ensino elementar, incluindo o conteúdo a ser ministrado e os procedimentos metodológicos sugeridos. Adepto das ideias liberais, Ruy Barbosa acreditava que esse manual, “ao apontar uma ‘nova direção pedagógica’ e um ‘novo espírito’ para o ensino elementar, constituía-se num caminho seguro para a ‘regeneração’ do

país”, por isso investiu na tradução da obra, para utilização no Brasil (AURAS, 2003).

Segundo Bueno (2003, p. 23), “a produção de livros didáticos no Brasil, ao longo do século XIX e início do século XX, teve a França como o paradigma fundamental, já que toda a editoração dos livros didáticos brasileiros, até a década de 1930, era realizada neste país”. Isto se deveu aos elevados preços do papel no Brasil, que tornavam o produto francês mais rentável comercialmente, além das propostas curriculares brasileiras neste período terem como base os currículos franceses. Com isso, “as casas de livro brasileiras mantinham históricas relações com as editoras da França” (ibidem, p. 25) e, por isso, “as imagens reproduzidas como gravuras nestes livros tiveram suas origens nas oficinas litográficas parisienses” (ibidem, p. 25). Frade (2010c, p. 266) também identificou, em pesquisas comparativas de livros que circularam desde o século XIX, “algumas influências de modelos de livros de leitura franceses nos títulos brasileiros, ou mesmo especificidades de usos e formatos em nosso país”. Para Bittencourt, no entanto,

As ilustrações dos livros didáticos favoreciam, portanto, de acordo com as concepções de aprendizado, uma forma de o aluno ter contato com situações mais concretas não apenas para crianças, mas também para os jovens. Entretanto, pelas condições em que ocorreu o processo de construção da obra didática, as ilustrações serviram como um instrumento a mais na veiculação da cultura europeia (BITTENCOURT, 2008, p. 197).

Segundo a autora, em relação à influência estrangeira, em especial, da França, não era refletida apenas na impressão e no formato dos livros, mas também nas ilustrações dos livros utilizados no Brasil, pois:

A marca estrangeira nos textos didáticos é bastante visível pelas ilustrações, registrando-se cenários, vestimentas e animais europeus. Gestos e posturas “civilizadas” eram divulgados pelos livros escolares, e tanto na forma quanto em relação aos conteúdos os livros didáticos se prestavam a difundir o “ideal” europeu como padrão a ser incorporado pela nossa juventude. As ilustrações reforçavam e impunham o consumo de um “estilo francês de ler”, embora pudessemos detectar algumas poucas resistências a tais imposições (BITTENCOURT, 2008, p. 199).

Apesar dessas referências de produções e modelos oriundos da França, tem-se conhecimento de edições e impressões de livros didáticos vindos de outros países, que também devem ser citados, como Portugal, com as gramáticas de língua portuguesa e, ainda, Bélgica, com as obras de Abílio César Borges (SAVIANI, 2000), entre outros.

Um fato a ser destacado é que no caso dos livros de História do Brasil, estes “não podiam contar com as facilidades de importar ou utilizar material iconográfico existente nas gráficas do exterior, obrigando autores e editores a constituir um acervo original”. Por isso, “surgiu a preocupação em pesquisa fontes iconográficas para reproduzi-las, construindo um imaginário do passado nacional a ser disseminado pela escola por intermédio do livro, que igualmente podia ser lido pelas famílias” (BITTENCOURT, 2008, p. 200). Esse tipo de situação provavelmente ocorreu também com livros de outras disciplinas, quando tratavam, especialmente, de conteúdo específico do Brasil, o que ficou de legado para a produção das

edições posteriores, pelas quais até os dias de hoje as editoras recorrem aos ditos “bancos de imagens”, para a produção gráfico-editorial de seus livros didáticos.

Com o passar do tempo, as ilustrações também acabaram se tornando uma necessidade, pois contribuíam para facilitar a compreensão do conteúdo das disciplinas, como nos casos dos livros de Física, Química e Geografia e, em geral, apareciam no anexo ou nas partes finais da obra (BITTENCOURT, 2008, p. 197).

Alguns autores afirmam que os primeiros livros didáticos coloridos no Brasil apareceram apenas nos primeiros anos do século XX, com os textos de Felisberto de Carvalho, Romão Puiggari e Arnaldo Barreto, pois anteriormente, as poucas obras cujas ilustrações eram coloridas, eram impressas no exterior. Entretanto, a pesquisa histórica sobre os primórdios da impressão a cores dos livros didáticos no Brasil ainda precisa ser aperfeiçoada e ampliada, visto que há exceções, como o caso de Joaquim José Menezes Vieira, um médico e educador, cuja produção didática para o ensino primário, extensa e variada, iniciada em 1868, no século XIX, incluiu a edição de livros coloridos e com imagens. Esses livros, além do mais, eram geralmente impressos na Tipografia do Colégio Menezes Vieira, no Rio de Janeiro, criado pelo próprio Menezes Vieira, do qual ele era proprietário e diretor (BASTOS, 2002).

No que se refere à dedicação ao ofício da ilustração, na história editorial das publicações brasileiras, conforme Arroyo (2011, p. 323), um dos problemas no livro ilustrado no Brasil era o fato de que os ilustradores de livros para crianças no país só começaram a se definir como tal com o advento de *O Tico-Tico*⁶⁸, uma revista infantil que fez muito sucesso, nacionalmente. Mesmo assim, antes disso já havia alguns desenhistas interessados no campo, mas que nem sempre empregavam seu talento por muito tempo, devido à falta de condições econômicas e culturais para o exercício da profissão no país.

Dietzsch (1996) afirma que, no decorrer dos anos, as mudanças mais perceptíveis nas cartilhas, por exemplo, são as relacionadas à sua apresentação e ao campo gráfico, enquanto que o conteúdo, entre exercícios e práticas, não apresenta transformações muito significativas. A referida autora, ao referir-se sobre as imagens, adverte que:

Os títulos que começaram a ser editados até 1930 têm modificadas suas ilustrações e o seu formato, a partir dos anos 40. Até esta data, as lições apresentavam litogravuras bem cuidadas que, em cores ou em branco e preto, ostentavam meninas vestidas à européia, brincando com suas bonecas e animais de estimação. Ainda influenciadas pelo mundo europeu, são as figuras de meninos que deslizavam seus "arcos" por civilizadas alamedas e as tantas outras ilustrações, que arrebataram o leitor iniciante com a sintonia das cores e a sugestão de suas sombras.

⁶⁸ A revista infantil intitulada *O Tico-Tico* “foi a primeira e a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil. O primeiro número circulou em 11 de outubro de 1905, tendo à frente o jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva. Já no ano seguinte tornou-se sucesso nacional de vendas, chegando à impressionante tiragem de 100.000 exemplares por semana”. Essa publicação abriu espaço para novos autores, ilustradores e desenhistas. Por volta de 1960, a revista entrou em decadência, diminuindo a periodicidade e reduzindo a quantidade de edições e em 1962 deixou de circular, definitivamente. (Biblioteca Nacional Digital. *O Tico-tico*. 06/04/15. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-tico-tico/>. Acesso em: 13 mar. 18.)

Privilégio de poucos que freqüentaram determinadas escolas até as primeiras décadas de nosso século, as ampliações desses desenhos sugestivos saíram das cartilhas para embelezarem, ainda por muito tempo, paredes de algumas salas de aula. Inspiraram "descrições" e "composições", antes que fossem descartadas pela escola para se tornarem mercadorias de valor em antiquários ou para complementarem o acervo de zelosos colecionadores. Muitos daqueles que conviveram com essas imagens, desobrigaram-se da palavra prescrita para descrever e "escrever" nessas gravuras. Elas que motivaram conversas sobre lugares e crianças vindas de longe para serem recriadas nas histórias de pequenos leitores brasileiros [...] (DIETZSCH, 1996, p. 44).

A utilização de técnicas de clichê fotográfico nos livros didáticos foi pouco difundida até a década de 1950, mesmo já sendo utilizadas desde o início do século XX pelas editoras brasileiras em impressos como jornais, almanaques e revistas. Entre os motivos estavam: o preço do livro que deveria ser reduzido, visando aumentar a sua lucratividade e comercialização; o aproveitamento de matrizes litográficas do acervo das próprias editoras; a utilização de papel de menor qualidade no processo de impressão dos livros, que era mais simplificado e consumia menor quantidade de tinta (BUENO, 2003, p. 28).

Segundo Camargo (2003, p. 103), quanto à evolução gráfica, na década de 1950, “as pesquisas e experiências fundamentais para a transformação das artes gráficas em indústria gráfica ainda eram localizadas, o mercado nacional não estava integrado e o ramo permitia a convivência de vários estágios da evolução técnica”. Nessa mesma década o mercado específico de livros no país estava em expansão, havia necessidade de preparação da mão-de-obra, para domínio dos maquinários e também se começava a pensar em preparar profissionais que trabalhassem com uma linguagem de comunicação, com signos próprios e uma leitura universal. Nessa mesma época, começaram a surgir alguns cursos nas áreas de publicidade, propaganda e *design*, para formação de profissionais especializados no setor, encaminhando-se para a década de 1960, na qual aparecia também o desenho industrial e era dado um destaque cada vez maior para a comunicação visual, termo ainda recente no Brasil, mas que já estava consagrado nos países industrializados.

Até então, as empresas da área gráfica, incluindo-se aí também as editoras, ainda contavam com o trabalho de profissionais autodidatas, formados no exercício da profissão, de certa forma até “cultuados”, nas palavras de Camargo (2003). Deve-se reconhecer que “o movimento cultural dos anos 50 foi fundamental para o desenvolvimento dos profissionais desse ramo” (CAMARGO, 2003, p. 103). Com o decorrer dos anos, as editoras passaram a contratar não apenas os profissionais autodidatas ou formados em cursos de artes plásticas e afins ou mesmo graduados em arquitetura ou técnicos em artes gráficas e em áreas adjacentes, mas também aqueles oriundos dos recentes cursos que subsidiavam os alunos com conhecimentos de artes visuais aliadas à indústria gráfica, como os programadores visuais e *designers*. Percebe-se, com isso, nos livros em geral e também nos didáticos, a crescente evolução na qualidade gráfica desses suportes, quanto ao projeto gráfico,

visualidade, materialidade e acabamento, resultado do investimento das editoras no aperfeiçoamento dos seus produtos, em disputa por espaço em um mercado cada vez mais concorrido, enquanto a produção gráfica brasileira se industrializava⁶⁹.

Na década de 1960, graças às inovações técnicas, o mercado de produção de livros didáticos começou a superar as restrições pelas limitações do uso de preto-e-branco e as páginas desses impressos aos poucos introduziam cores nos seus conteúdos, influenciando também nas características gráficas das imagens, que apareciam muitas vezes combinando cores aliadas ao preto como delimitação de seus limites. Isso comprova também o aperfeiçoamento gradativo das possibilidades de impressão, em decorrência da evolução das técnicas e do investimento em maquinários de impressão mais modernos pelas editoras.

Nesta mesma época, nos anos de 1960, quando estavam sendo difundidas na sociedade brasileira as revistas ilustradas, a televisão, o cinema e os cartazes publicitários, a iconografia também começou a receber mais destaque na composição gráfica dos livros didáticos (BUENO, 2003, p. 25).

Belmiro (2000, p. 18) adverte que, no decorrer das décadas seguintes, foi possível constatar "um salto de qualidade das imagens em livros de literatura, diferentemente das ilustrações de livros didáticos, muitas delas imaturas e inconsistentes. Nesse período, a imagem é meio de motivação para a leitura do aluno, tem como finalidade modernizar o objeto livro".

Segundo os estudos de Belmiro (2000, p. 19), "até o início da década de 70, a visualidade dos manuais didáticos parece refletir a ambiguidade do convívio entre o existente e o novo", pois ainda havia incertezas com relação à predominância da linguagem verbal e a presença das imagens nas páginas. Já no decorrer da década de 1970,

[...] espelha-se toda a pujança dos anos rebeldes: cores, fotografias, desenhos, histórias em quadrinhos, e tantos outros instrumentos que possam contribuir para a absorção de teorias da comunicação que influenciam a produção do conhecimento linguístico e dos livros didáticos. Do mesmo modo, é como se as cores e formas rompessem o espaço em branco da folha para anunciar a existência de outros códigos de comunicação e novas formas de sociabilidade no interior da escola (BELMIRO, 2000, p. 19).

Ainda sobre a década de 1970, Oliveira et al. (1984, p. 65) também discutem sobre a grande quantidade de imagens coloridas que apareciam nos livros didáticos. Segundo os autores, "da mesma forma que os usuários da TV a cores abominam a velha TV em preto e branco, essas características visuais foram logo exigidas, acriticamente, como exigências pedagógicas. Contestá-las passou a ser sinônimo de retrógrado". Além disso, conforme Hallewell (2005, p. 399), a partir de 1972 começam a ser criados, no Brasil, cursos de

⁶⁹ Segundo Camargo (2003, p. 146), "para a indústria editorial, apesar do obscurantismo de um regime político que discriminava o conteúdo das obras, os anos 60 trouxeram muitas novidades e os anos 70 afirmaram uma expressiva demonstração de vigor. A literatura torna-se um bom negócio e a política vende livros à vontade. Nos anos 80 essa tendência se afirma e desenvolve".

editoração, implantados em algumas faculdades de comunicação, o que viria a contribuir para o aperfeiçoamento e formação dos profissionais responsáveis por tais funções nas editoras.

Com a expansão do mercado editorial didático, a partir da década de 1980, as editoras brasileiras começavam a investir também na contratação de profissionais especialistas em pesquisa iconográfica, para integrar a equipe de funcionários envolvidos na produção de livros didáticos. Estes profissionais passariam a ser os responsáveis pela seleção e escolha das imagens a serem impressas nos livros, em conjunto com os textos, além de definirem as suas posições. Essa escolha de imagens é feita em banco de imagens (das próprias editoras, de museus, etc.), e acaba também sendo influenciada pelo valor cobrado pela sua reprodução no livro. Atualmente, esse recurso de banco de imagens continua sendo bastante utilizado e conta com a facilidade de poder ser disponibilizado também via *internet* e, além do mais, há um cuidado maior com relação aos direitos autorais de reprodução das imagens (BUENO, 2003, p. 13).

A partir da década de 1980, no Brasil, as editoras empreendiam maior valorização aos aspectos gráficos e materiais dos seus livros didáticos e, com isso, atentavam mais para as imagens utilizadas, buscando melhor qualidade dos seus produtos no mercado editorial. Atualmente, as imagens têm sido muito utilizadas nas obras didáticas e são consideradas fator de maior importância na constituição dos projetos gráficos deste tipo de publicação e, em alguns casos, chegam a concorrer com os textos, no espaço das páginas impressas. Para Dietzsch (1996, p. 44), "muitas capas brilhantes e chamativas hoje predominantes nas cartilhas parecem ter mais relação com os efeitos de mercado do que com um entendimento do papel da ilustração no mundo infantil".

Além disso, as imagens aparecem também nos mais recentes e crescentes recursos didáticos, que vão além do livro impresso como suporte, pois estão em suas versões tecnológicas, sendo implementadas em vídeos, *softwares*, *CD-ROM*, *sites de internet*, livros virtuais, produtos de multimídia (em apenas uma máquina – computador) e de hipermídia (na rede mundial de computadores), dispositivos e aplicativos móveis, virtuais e interativos, entre outros, que tem surgido nos últimos anos, com frequência cada vez maior, para complementar as atividades didático-pedagógicas nas escolas, atualmente.

Desta forma, ao refletir-se sobre a evolução das imagens nos livros didáticos, é importante ressaltar que elas também vêm sendo modificadas de acordo com o processo de gravação utilizado, devido à diversidade de suportes e métodos de produção e de impressão. Diante disto, vale lembrar que "o trabalho de gravação passou pelas técnicas manuais, pelas técnicas mecânicas de impressão e, atualmente pela produção de imagem por tecnologia eletrônica" (BUENO, 2003, p. 19).

No que se refere às imagens produzidas no meio educativo em épocas mais recentes até os dias de hoje, Araújo e Oliveira (2012, p. 96), comentam que:

Nos últimos anos temos observado uma grande proliferação e disseminação rápida de novas tecnologias e meios de comunicação em nossa sociedade, das quais a atenção dada às imagens, sobretudo, as formas visuais de comunicação, foi se mostrando relevante no bojo educacional, implicando em novos estudos histórico-sociais que utilizam essas mensagens visuais no contexto educacional.

Entretanto, mesmo com a introdução de imagens há tanto tempo e com a sua multiplicação em inúmeros formatos e dispositivos educativos, o que reforça a sua importância como recurso na história da cultura material escolar, ainda há muito que se pesquisar para traçar uma trajetória da evolução das imagens nos livros didáticos, especialmente. No Brasil, a reflexão sobre o seu histórico e o papel que elas desempenham no processo de ensino e aprendizagem ainda é recente e escassa, em comparação à dedicação de pesquisadores ao tema em outros países.

Conforme Bittencourt (2010, p. 70), "pouco se conhece sobre as formas de leitura de imagens utilizadas em sala de aula, independentemente do suporte didático em que elas são apresentadas". A autora também questiona, entre suas indagações quanto ao papel das imagens no processo pedagógico, se elas "complementam os textos dos livros ou servem apenas como ilustrações que visam tornar as páginas mais atrativas para os jovens leitores?".

Se está se falando em livros, e mais especificamente os didáticos, certamente estes suportes implicam em leitores/usuários e variadas possibilidades de leitura/uso. Sendo assim, deve-se discutir também sobre o potencial da leitura de imagem, relevante para o contexto deste trabalho. Potencial esse que se origina no alfabetismo visual, conceito tratado por Dondis (1997), em seus estudos sobre a linguagem visual.

Segundo Dondis (1997), o alfabetismo visual se refere à forma pela qual as pessoas percebem, de acordo com suas condições, a imagem, sua mensagem e seu conteúdo, sendo ele subliminar ou não. Para a autora, "o alfabetismo visual implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a um certo nível de universalidade" (ibidem, p. 227) e também "[...] significa uma inteligência visual" (ibidem, p. 231), estimulada pela linguagem visual.

Como esta pesquisa enfatiza as imagens dos livros didáticos, com foco específico nos que integram a *Coleção Guri*, destinados a crianças em fase escolar, deve-se ponderar também sobre os aspectos que interferem na percepção visual delas e como se dá a sua apreensão da linguagem visual, pois a sua visão é um instrumento que agrega múltiplas experiências pessoais e sociais. Ao referir-se à aprendizagem dos aspectos visuais pela criança, que interpreta uma imagem de acordo com seus conhecimentos prévios sobre o tema, Dondis (1997) defende que:

A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil. Além desse conhecimento "manual", o reconhecimento inclui o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato com o meio ambiente. Esses sentidos são rapidamente intensificados e superados pelo plano icônico – a capacidade de ver, reconhecer e compreender, em termos visuais, as forças ambientais e emocionais. Praticamente desde nossa primeira experiência no mundo, passamos a organizar nossas necessidades e nossos

prazeres, nossas preferências e nossos temores, com base naquilo que vemos. Ou naquilo que queremos ver. Essa descrição, porém, é apenas a ponta do *iceberg*, e não dá de forma alguma a exata medida do poder e da importância que o sentido visual exerce sobre nossa vida. Nós o aceitamos sem nos darmos conta de que ele pode ser aperfeiçoado no processo básico de observação, ou ampliado até converter-se num incomparável instrumento de comunicação humana. Aceitamos a capacidade de ver da mesma maneira como a vivenciamos — sem esforço (DONDIS, 1997, p. 5-6).

Por isso, cabe entender o vínculo entre a leitura de imagens e o alfabetismo visual. De acordo com Araújo e Oliveira (2012, p. 94),

[...] a leitura de imagens, assim como a dos textos escritos, se relaciona diretamente com o estudo do alfabetismo visual, nos colocando em busca não apenas da compreensão e comunicação de informações ou ideias, mas também, da codificação e decodificação de elementos figurativos presentes nas imagens, fundamental para o ato de se comunicar visualmente em nossa sociedade.

Nesse sentido, o conceito de leitura de imagens é defendido por autores como Santaella (2012), que considera que o ato de ler não se restringe a seguir apenas as letras como símbolo do alfabeto e não concorda que a leitura só faça referência aos textos linguísticos apresentados nos livros. Para ela, a concepção de leitura deve ser dilatada, para que se entenda que a imagem também pode e deve ser lida. Segundo a autora (2012),

[...] desde os livros ilustrados e, depois, com os jornais e revistas, o ato de ler passou a não se limitar apenas à decifração de letras, mas veio também incorporando, cada vez mais, as relações entre palavra e imagem, entre o texto, a foto e a legenda, entre o tamanho dos tipos gráficos e o desenho da página, entre o texto e a diagramação. Além disso, com o surgimento dos grandes centros urbanos e a explosão da publicidade, a escrita, inextricavelmente unida à imagem, veio crescentemente se colocar diante dos nossos olhos na vida cotidiana. Isto está presente [...] em um grande número de situações em que praticamos o ato de ler de modo tão automático que nem chegamos a nos dar conta disso (SANTAELLA, 2012, p. 11).

A partir destas observações, Santaella (2012) argumenta que

[...] não há por que manter uma visão purista da leitura restrita à decifração de letras. Do mesmo modo que, desde o livro ilustrado e as enciclopédias, o código escrito foi historicamente se mesclando aos desenhos, esquemas, diagramas e fotos, o ato de ler foi igualmente expandindo seu escopo para outros tipos de linguagens. Nada mais natural, portanto, que o conceito de leitura acompanhe essa expansão. É por isso que podemos afirmar que, fora e além do livro, há uma multiplicidade de tipos de leitores, multiplicidade, aliás, que vem aumentando historicamente [...] (SANTAELLA, 2012, p. 11).

Sendo a leitura de imagens uma prática humana, ela requer conhecimentos interdisciplinares, tanto históricos e antropológicos quanto estéticos, que consubstanciem a aprendizagem de estratégias de interpretação das imagens. Os estudos de Joly (1996) sobre a leitura de imagens indicam que,

[...] por um lado, lemos as imagens de uma maneira que nos parece totalmente 'natural', que, aparentemente, não exige qualquer aprendizado e, por outro, temos a impressão de estar sofrendo de maneira mais inconsciente do que consciente a ciência de certos iniciados que conseguem nos 'manipular', afogando-nos com imagens em códigos secretos que zombam de nossa ingenuidade. No entanto, nenhuma das duas impressões se justifica por inteiro. Uma iniciação mínima à análise da imagem deveria precisamente ajudar-nos a escapar dessa impressão de passividade e até de 'intoxicação' e permitir-nos, ao contrário, perceber tudo o que

essa leitura 'natural' da imagem ativa em nós em termos de convenções, de história e de cultura mais ou menos interiorizadas (JOLY, 1996, p. 10).

Porém, "reconhecer os motivos inscritos na imagem não significa que tanto o contexto interno quanto o campo de referências desses motivos tenham sido compreendidos" (SANTAELLA, 2012, p. 22). Para isso, a leitura de imagem pressupõe que "interpretar uma imagem é um processo que se acrescenta ao mero reconhecimento" (ibidem).

Para Santaella (2012), a leitura de imagens é aprendida através da alfabetização visual, pois esta tem, entre suas funções:

[...] desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade (SANTAELLA, 2012, p. 13).

Dito isso, as imagens não foram feitas apenas para serem visualizadas e observadas, mas também para serem "lidas". Em seus estudos sobre práticas de leitura, Chartier (2001) informa que:

[...] a idéia de 'ler' uma imagem pode ser entendida como metáfora, mas sem esquecer que não é uma leitura, mas uma 'leitura' organizada ou pensada conforme os mesmos procedimentos e as mesmas técnicas da leitura de um texto, mas com um objeto distinto. [...] a leitura de um texto pertence ao mundo das práticas discursivas e não é igual à 'leitura' de uma imagem, de um rito ou de uma paisagem pois, realmente, aqui as técnicas e os procedimentos são de outra natureza (CHARTIER, 2001, p. 142).

Segundo Belmiro (2000, p. 14), "refletir acerca de possíveis leituras de imagens pode significar também investigar que padrões de visualidade um dado contexto sócio-histórico organiza e conforma". Para a autora, existem três eixos de discussão sobre a natureza da constituição da imagem para compreensão do seu uso escolar no suporte livro didático:

[...] o primeiro eixo, correntes que tendem para seu caráter de convencionalidade, enfatizando a criação de códigos próprios; o segundo, correntes que apontam para a semelhança da imagem com o dado real, como um espelhamento do mundo; ou, ainda, um terceiro, que se identifica com a idéia de conexão física, marca luminosa indicativa da existência do objeto, a exemplo da fotografia (BELMIRO, 2000, p. 13).

Cruder (2008) trabalha com o conceito de "educación de la mirada", nas suas pesquisas sobre as imagens nos livros escolares. Para a autora,

Entendemos que las imágenes que transporta el dispositivo escolar *libro de texto* proponen un repertorio que paradójicamente, dado que la imagen muestra, expone, de a ver, opera a modo de currículum oculto, propiciando la fijación y legitimación de condiciones estéticas y simbólicas, más allá de las epistémicas (CRUDER, 2008, p. 15).

A alfabetização visual e a leitura de imagens são até hoje bastante negligenciadas nas escolas, pois nestas se mantém a ideia de que o texto verbal é o principal condutor de conhecimento e, com isso, a imagem ainda não é reconhecida por sua importância cognitiva

nos processos de ensino e aprendizagem. Vale lembrar que os fundamentos da linguagem visual contêm princípios básicos para introdução da criança à leitura de imagens e à alfabetização visual, podendo serem explorados não apenas dentro da escola, mas estimulados inclusive por familiares e amigos, em outros ambientes. Isso contribui para o aprimoramento do olhar da criança, que passa a visualizar melhor os detalhes da imagem e a perceber sua mensagem, de acordo com a sua cultura e conhecimentos prévios. Quanto a isso, pode-se remeter à célebre mensagem encontrada na epígrafe de Saramago (1995) em sua obra *Ensaio sobre a cegueira*: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

Na linguagem visual, os elementos são definidos através dos fundamentos de arte e dos princípios de design. Por isso, no âmbito da escola, é muito comum que a aprendizagem do conteúdo dos fundamentos da linguagem visual seja de responsabilidade dos professores de Artes, tendo em vista a disciplina e o seu conteúdo programático. Entretanto, eles poderiam ser trabalhados por vários professores, de distintas disciplinas, inclusive em projetos interdisciplinares, proporcionando projetos inovadores e interessantes aos alunos, o que ainda é muito recente, inclusive no que se refere a outros conteúdos disciplinares.

Partindo dos conceitos básicos (que deveriam avançar progressivamente para exercícios mais complexos), a linguagem visual inclui alguns dos seguintes elementos estruturais, sendo que nem todos são contemplados, especificamente, em sala de aula: ponto; linha; plano; forma; textura; perspectiva; composição; cor; ritmo; equilíbrio; escala; ângulo; figura/fundo; enquadramento; hierarquia; camadas; transparência; modularidade; grid; padronagem; diagrama; tempo e movimento; e outras variações. Esses aspectos, embora não sejam explanados neste texto detalhadamente quanto às suas características e possibilidades, são essenciais na facilitação de uma primeira etapa de análise das imagens, independentemente do seu tipo, formato, estilo, técnica, função, estética e suporte⁷⁰. Para além disso, todos esses elementos também podem ser explorados pelo conteúdo imagético disponível nos livros didáticos utilizados pelos alunos.

Porém, pensando sobre essas questões aplicadas especificamente nos livros didáticos, deve-se atentar para o fato de que as imagens neles contidas também podem estimular a capacidade de percepção visual, a sensibilidade visual, o desenvolvimento cognitivo, o senso estético e a memorização da criança, contribuindo para o conhecimento e incentivando a leitura, a partir das relações proporcionadas entre o texto e a imagem. Neste sentido, Badanelli Rubio (2003, p. 25-26) diz que:

Si esto lo transferimos al mundo educativo, la importancia del estudio de las representaciones visuales adquiere si cabe mayor grado si tenemos en cuenta dos factores esenciales: por una parte, los niños, especialmente los alumnos de primera enseñanza, son verdaderamente vulnerables a los mensajes icónicos, ya que tienden a tomar por realidad lo que ven, e incluso se identifican con ciertas situaciones lejanas

⁷⁰ Para conhecer mais sobre esses elementos, ver: Dondis (1997), Arnheim (1998), Lupton & Phillips (2008) e Wong (2007).

a él y a su entorno e historia. No es exagerado afirmar que en muchas ocasiones y debido a la complejidad de los textos que utilizaban en las escuelas, la imagen era "lo único que entendían"; por otra, el libro de texto, material didáctico por excelencia, es vehículo de transmisión de un sistema de valores, de una cultura, de ideologías..., de ahí que los gobiernos (o la iglesia) hayan ejercido a lo largo de la historia, cuando menos una supervisión de sus contenidos, a veces incluso, manipulándolos y habitualmente censurándolos. Por eso, las imágenes constituyen un recurso de enorme importancia para el aprendizaje cognitivo al influir directamente en las motivaciones, actitudes y respuestas emocionales. El estudio y análisis de ellas, nos permite conocer tanto aspectos metodológicos como finalidades y planteamientos educativos generales.

Essas considerações sobre as potencialidades das imagens nos livros didáticos não servem apenas para as edições recentes, pois as imagens merecem ser analisadas sob uma perspectiva histórica, em livros de décadas passadas que ajudam a compreender a evolução das publicações didáticas e revelam características da constituição desse campo na área da educação.

Sobre as ações do pesquisador-historiador que pretende investir na leitura de imagens, é importante considerar o seu posicionamento perante as funções das imagens, conforme afirma Pesavento (2014):

A imagem possui uma função epistêmica, de dar a conhecer algo, uma função simbólica, de dar acesso a um significado, e uma estética, de produzir sensações e emoções no espectador. Mas se esse espectador é um historiador, ele deve ter uma pergunta a fazer a essa imagem, e vai tomá-la como representação, ou seja, como traço ou fonte que se coloca no lugar do passado a que se almeja chegar. A partir desse momento, a imagem, enquanto registro de algo no tempo, é testemunho de época, mas testemunho também de si própria, tal como o texto literário, ou seja, cabe atingir o momento de sua feitura, e não a temporalidade do seu conteúdo ou tema. Em suma, ver como uma época se retrata ou retrata o passado, se for o caso, ou ver, na imagem, quais os valores e os sentimentos que se busca transmitir, quais os sonhos e fantasias de um tempo dado, ou quais os valores e as expectativas do social com relação aos atores (PESAVENTO, 2014, p. 86-87).

Para o pesquisador-historiador, a imagem deve ser considerada por seu valor documental, de época, e não pelo seu sentido mimético. É preciso investir na análise de como eram feitas as representações e quais os valores e conceitos pretendidos, seja direta ou subliminarmente. As teorias defendidas por Panofsky (1986) podem contribuir para a revelação desses dados, permitindo ao pesquisador que explore o reconhecimento iconográfico de leitura da imagem, numa primeira etapa e, em um segundo momento, que faça uma leitura de nível iconológico. Neste sentido, Pesavento afirma que, desta forma, "o historiador sai realmente da imagem para recorrer ao seu capital específico de conhecimentos que lhe permitirão, por sua vez, retornar à imagem para chegar a uma forma de interpretação mais elevada" (PESAVENTO, 2014, p. 88).

Sendo o livro didático também uma mercadoria, características técnicas, orçamentárias e variações de mercado também interferem no seu projeto gráfico, incluindo-se aí as imagens. Com as produções das Edições Tabajara, não é diferente, visto que:

O caráter mercadológico e as questões técnicas de fabricação da obra didática interferem no processo de seleção e organização das imagens e delimitam os critérios

de escolha, na maioria das vezes, das ilustrações. Há condicionamentos e limitações impostas pela técnica e pelos custos que devem se associar às necessidades pedagógicas. Os livros didáticos não podem ser caros, mas necessitam de gravuras como pressuposto pedagógico de aprendizagem, principalmente para os alunos do ensino elementar (BITTENCOURT, 2010, p. 76).

Pelo conteúdo mais aparente nas imagens dos livros didáticos, é possível distinguir quatro tipos recorrentes de representações: pessoas, lugares, objetos e acontecimentos, que são exibidos sob diferentes formatos. Cada um desses tipos pode se desdobrar em várias outras opções, mais elaboradas e vinculadas a seu significado básico. No caso das pessoas, que podem incluir personagens emblemáticos, grupos sociais ou ainda personagens “comuns”, “anônimos”, e também aqueles que mostram determinadas visões sobre a sociedade, que nem sempre são mostrados nos textos. Com relação aos lugares, podem ser representados por lugares simbólicos, como monumentos e cidades, assim como paisagens e mapas, todos representando formas de ver o espaço, indicando características temporais, seletivas e de memória da sociedade, além de evocar aspectos múltiplos. Já os objetos, representam a cultura material e aproximam o leitor da vida cotidiana de um grupo, região ou época, podendo idealizar certos espaços, grupos e formas de vida. Por último, os acontecimentos, cuja representação pode se dar de duas formas, sendo a primeira uma tentativa de relatar, o mais completo possível, os fatos que se deseja capturar, através de sequências ou justaposições de ações sucessivas, e a segunda trata de capturar um momento simples, sem complexidades (BADANELLI RUBIO, 2003, p. 83-85).

Com a leitura de imagens é possível apreender as múltiplas camadas das imagens como representações visuais, sendo elas: subjetivas, sociais, estéticas, antropológicas e tecnológicas (SANTAELLA, 2012, p. 21). Estas camadas também podem ser desvendadas nas imagens utilizadas nos livros didáticos e podem revelar dados importantes, sob diversos focos específicos de investigação, em áreas afins.

Para investir na análise de imagens, é primordial conhecer algumas das principais teorias, utilizadas por determinadas áreas. Há uma miríade de tipologias de análise das imagens, que em alguns casos se assemelham e em outros são distintas, que podem ser elencadas para uma pesquisa em profundidade, sendo associadas ou descartadas, de acordo com os objetivos pretendidos pela investigação. Tendo conhecimento efetivo destas teorias, passíveis de servirem como suporte à uma investigação, questiona-se ainda mais sobre as imagens nos livros didáticos, de quaisquer períodos de publicação e de utilização em sala de aula.

Temas como esse a que esta pesquisa se propõe, com foco nas imagens, ao serem estudados pelos pesquisadores das áreas afins, podem contribuir para a formação de uma consciência crítica sobre os materiais e métodos utilizados em sala de aula (BELMIRO, 2008, p. 13) e uma reflexão sobre as “possíveis leituras de imagens pode significar também

investigar que padrões de visualidade um dado contexto sócio-histórico organiza e conforma" (BELMIRO, 2000, p. 14).

Para as leituras de imagens serem efetivadas, existem três possíveis métodos, que merecem ser apresentados aqui, para conhecimento, mesmo de forma sucinta. Essas classificações são baseadas nos conceitos apresentados por Badanelli Rubio (2003, p. 184-185):

- a) Método psicanalítico** – não utiliza os significados conscientes, mas sim os símbolos e associações inconscientes, como as descobertas por Freud e Jung. Quando lemos imagens projetamos sobre o outro o nosso eu, nossas fantasias e desejos. As interpretações por esse enfoque são sempre especulativas;
- b) Método estruturalista, também conhecido por semiologia ou semiótica** – a atenção é dada para a organização interna, na composição da obra, baseando-se em um sistema de signos ou língua. Defende a polissemia das imagens, pelo contexto social ou realidade que se pretenda representar. Qualquer significado dado a uma mesma imagem é válido. Apesar do estruturalismo contribuir muito com a compreensão de imagens, esse tipo de análise pode ter limitações, pois uma de suas características, que pode ser um problema dependendo do que se pretende investigar, corresponde ao fato de não relacionar a obra ao contexto, pois o que importa é entender a organização interna da imagem, como se os códigos e convenções não tivessem modificações no decorrer da história e fossem compartilhados entre todas as culturas. Para os pós-estruturalistas, o que importa é a indeterminação, a polissemia, a multiplicidade de significados. A imagem é um discurso, um texto, não é somente um reflexo da realidade, mas condiciona nossa maneira de ver e contribui para moldá-la.
- c) Método da história social da arte** – com enfoque plural, defende que para interpretar corretamente uma imagem, devem ser conhecidos os elementos que influenciam nesse tipo de comunicação: os códigos, os meios, os emissores, os receptores, os modos de emissão e recepção, entre outros.

Diante desses três modelos, o que mais se adequa ao que se pretendeu desenvolver e que foi efetivado nesta pesquisa é o terceiro, que utiliza os recursos da história social da arte para a análise das imagens, compreendidos pela iconografia e iconologia, explanados mais adiante no texto. Entretanto, pelo trabalho tratar de análise de imagens nos livros didáticos, foi importante também recorrer a outros métodos que pudessem corresponder a outros objetivos da pesquisa, contemplando assim as especificidades deste tipo de livro e o entendimento de como funcionam as imagens junto ao texto, com o conteúdo programático de determinada disciplina.

Segundo Escolano Benito (1998, p. 134), com as mudanças observadas a partir da modernização do icônico, deu-se origem a uma teoria da imagem didática, que começou a cobrar presença na literatura pedagógica a partir do final dos anos sessenta. No caso da Espanha, o autor cita as pesquisas de Adolfo Maíllo e Juan Navarro Higuera, que em 1967, trataram de sistematizar pela primeira vez no país a questão das funções e usos das imagens no ensino. Ademais, o autor também exemplifica a proposta renovadora para análise da iconografia dos textos criada por Rodríguez Diéguez⁷¹, outro teórico da imagem didática e autor de livros escolares, que apareceu alguns anos depois, entre 1973 e 1977.

Entre os métodos encontrados no decorrer da pesquisa, para estudar as funções das imagens como recurso didático e de seu poder comunicativo, destaca-se que alguns pesquisadores como Badanelli Rubio (2003), Olim (2011), Garralón (2015) referenciam, se baseiam e adaptam suas análises, através dos estudos de Rodríguez Diéguez (1977), supracitado. Este autor sistematizou seis funções didáticas das imagens nos livros didáticos⁷² e, a partir delas, os pesquisadores as aproveitam, adaptam ou mesmo acrescentam outras categorias, conforme sua percepção e entendimento sobre o tema. São elas:

- **Motivadora:** acompanha o texto, mas não interage com ele, serve de incentivo na aprendizagem de conteúdos concretos e se apresentam como cenas e ações habituais à criança com conteúdo não acadêmico e que não aporta informação de conhecimento;
- **Vicarial:** a imagem substitui os conteúdos verbais porque são grandes e difíceis de detalhar;
- **Catalisadora:** procura abarcar muitos acontecimentos que, em geral, não são simultâneos, faz a justaposição de imagens sobre fenômenos que não acontecem ao mesmo tempo (por exemplo: dia/noite);
- **Explicativa:** esclarece, representa, explicita e interpreta a informação do texto que acompanha;
- **Facilitadora redundante:** quase sempre redundante, é uma imagem pouco encontrada, visto que o texto apresenta as informações de forma clara e explícita;
- **Estética:** sem relação com o texto, usada para preencher uma página, equilibrar uma diagramação, dar "graça" a um espaço vazio do livro.

⁷¹ Rodríguez Diéguez se baseou em critérios analíticos tomados da semiologia e do estruturalismo linguístico. Desta forma, tentava estabelecer as funções que a imagem desempenha nos meios de ensino e cotejar as teorias sobre as mensagens comunicativas com as referidas ao ato didático.

⁷² Segundo Escolano Benito (1998, p. 135), "[...] el esfuerzo analítico refleja el interés de aquella época por teorizar sobre la iconografía de los libros escolares, al mismo tiempo que se estaban operando profundos cambios en la manualística y la sensibilidad para percibir la funcionalidad de los enfoques estructuralistas, entonces dominantes en la filología y en las teorías del texto y de la comunicación, para elucidar los modos de diseño de los libros escolares modernos".

Essa classificação apresentada compreende satisfatoriamente as diferentes e possíveis funções das imagens nos livros didáticos em geral, independentemente do período, série escolar e conteúdo aos quais se referem⁷³. Durante a fase de coleta e de análise dos dados nesta pesquisa foi possível identificar essas funções. Por estarem inerentes ao tema e contribuírem para a estruturação dos possíveis processos de análise das imagens nos livros didáticos, foram aqui apresentadas e, a partir dos resultados desta pesquisa, essas categorias podem ser retomadas, em uma outra oportunidade, com maior profundidade.

A partir do estudo de possibilidades de análise de imagens, optou-se por utilizar nesta pesquisa as teorias da iconografia e iconologia. Para discutir sobre elas, é indispensável citar Erwin Panofsky⁷⁴ (1986), um crítico e historiador de arte alemão que se tornou um dos maiores referenciais no estudo destes conceitos, e os utilizava para análises de obras de arte. O estudioso trabalhava com as conexões entre os fenômenos históricos e as representações artísticas, através das relações entre imagem e significação.

As origens dessas teorias remontam aos séculos XVI e XVII, com a iconografia sacra, pelo estudo do patrimônio figurativo paleocristiano e medieval e de sua relação com a arte romana tardia e bizantina. Através da criação de classificação de categorias de temas e imagens (personificações, alegorias e símbolos), começava a aparecer também a iconografia da arte profana. Assim, a partir de uma descrição de uma imagem para a indagação sobre sua história, a iconografia se converteu em uma investigação fundamental para a história da arte (BADANELLI RUBIO, 2003, p. 182).

Aby Warburg⁷⁵, um estudioso alemão, investiu nessa técnica, aperfeiçoando os processos metodológicos e atribuindo às imagens também um papel de fontes históricas para a reconstrução geral da cultura de um período e, em função disso, ao ampliar o campo de investigação, acrescentou a interpretação cultural da forma artística, definindo então a iconologia, em 1912. Alguns estudiosos reconhecidos no campo da história da arte, como o

⁷³ É interessante registrar que, ao passo que foram apresentadas oito possíveis funções didáticas (a partir dos conceitos de Rodríguez Diéguez, 1977), Pfromm Netto et al. (1974, p. 42), baseado nos estudos de Smith e Dechant (1969), distinguem apenas duas funções das ilustrações nos livros didáticos: a função informativa e a função de apoio ao processo de aprendizagem.

⁷⁴ Erwin Panofski, um renomado historiador e crítico da arte, nasceu em 1892, na cidade de Hannover, na Alemanha. Faleceu em Princeton, Nova Jérsei, nos Estados Unidos, em 1968. Discípulo de Aby Warburg, graduou-se em História da Arte na Universidade de Friburgo em 1914, após frequentar outras universidades, e sua carreira na área o fez ser professor nas universidades de Berlim, de Munique e de Hamburgo, onde lecionou entre 1921 e 1933. Porém, por ser de ascendência judia, abandonou a Alemanha com a tomada de poder pelos nazistas, em 1933 e, a seguir, instalou-se nos Estados Unidos, sendo então professor de várias universidades americanas, tais como Princeton, Harvard e de Nova Iorque, até o ano de seu falecimento. Publicou várias obras de referência na área da história e crítica da arte.

⁷⁵ Aby Warburg, cujo nome é Abraham Moritz Warburg, nasceu em Hamburgo, na Alemanha, em 13 de junho de 1866 e faleceu em 26 de outubro de 1929. Era historiador da arte e ficou reconhecido por suas pesquisas na área, assim como pela organização da Biblioteca referencial que tinha seu nome, criada em 1909 e que, ao ter seu enorme acervo transferido para Londres, em 1933, sob o controle do também historiador da arte Fritz Saxl (1890-1948), foi a base para a criação do Instituto Warburg, uma instituição de pesquisa associada à Universidade de Londres, a partir de 1944.

recém citado Erwin Panofsky e Ernst Gombrich⁷⁶, seguiram seus objetivos e adotaram essas teorias em suas pesquisas, avançando nos conceitos teóricos e práticas de análise no campo das artes.

Essas técnicas de estudo da imagem podem ser adaptadas para outros estudos imagéticos e não ficam restritas apenas a obras de arte e à história da arte. Como exemplo, estão os estudos de arqueologia, que utilizam esses recursos para identificar quem está representado nas estátuas, bustos de personagens históricos, moedas, medalhas, utensílios domésticos, assim como para compreender seus significados em determinada época, entre outros.

Segundo Araújo e Oliveira (2012, p. 92), através dos estudos de Panofsky, as “[...] pesquisas sobre a análise composicional da imagem, isto é, a linguagem visual, como pontos, cores, planos entre outros elementos presentes na composição iconográfica, foram se tornando relevantes para estudar as análises de imagens no bojo educacional.” Percebe-se então, que as teorias de iconografia e iconologia podem sim ser adequadas ao caso de análise das imagens dos livros didáticos das Edições Tabajara.

Isto é possível porque, de acordo com as teorias de Panofsky, o método iconográfico de análise de imagens permite uma compreensão sobre a composição das imagens e as disposições que elas evidenciam a partir de seus elementos e constituição. Já o método iconológico serve para revelar o que há de justificativas e quais os valores simbólicos da estética imagética. Assim, ambos se complementam na construção de um conhecimento efetivo e reflexivo sobre o conteúdo imagético dos livros didáticos.

A origem da palavra iconografia surgiu a partir da junção de dois termos gregos, “*eikon*” = “imagem” e “*graphia*” do “*graphéin*” = “escrita”, significando literalmente “a escrita da imagem”. Com a palavra iconologia, também de origem grega, troca-se então a “*graphia*” pela “*logia*”, termo derivado de “*logos*”, que significa “pensamento”, “razão” e remete a “estudo”, significando então “estudo da imagem”.

O sufixo *grafia* implica um procedimento puramente descritivo e, até mesmo, estatístico. A iconografia é então, uma descrição e classificação das imagens, permitindo o estabelecimento de datas, origens e autenticidade. Fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Considera uma parte de todos os elementos que entram no conteúdo intrínseco de uma obra, que têm de ser tornados explícitos se a sua percepção quer ser articulada.

O sufixo *logia* denota um processo interpretativo. A iconologia é um método

⁷⁶ Ernst Hans Josef Gombrich nasceu em Viena, no dia 30 de março de 1909, e faleceu em Londres, no dia 03 de novembro de 2001, aos 92 anos. Foi um célebre historiador da arte do século XX e é o autor de uma das obras sobre história e crítica da arte mais adotadas pelas instituições de ensino da área das Artes, em diferentes países, intitulada *A História da Arte*, com muitas reedições e traduções, desde 1950, quando foi lançada, em Londres.

interpretativo que deriva mais da síntese do que da análise, sendo necessário para isso uma correta anterior análise iconográfica do que se pretende investigar. Pode-se conceber a iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa e, dessa forma, converte-se em parte integral do estudo da arte, em vez de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar. Assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, histórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica.

Segundo Panofsky (1986), para efetuar a análise de uma obra de arte quanto ao seu significado, são necessários três níveis:

- 1. Significado primário ou natural:** subdividido em factual (identificação das formas puras - formas visíveis que já se conhece por experiência prática, como configurações de linhas, cores, formatos, volumes, objetos e representações variadas, etc. e pelas relações com certas ações ou fatos) e expressional (relações das formas enquanto eventos - é apreendido, não por simples identificação, mas por "empatia", pela percepção de relações mútuas como acontecimentos e pelas qualidades expressivas, por matizes psicológicos em relação ao objeto) – universo dos motivos artísticos - que faz referência a uma descrição pré-iconográfica;
- 2. Significado secundário ou convencional:** apreendido associando os motivos a temas e conceitos, difere do primário ou natural por ser inteligível em vez de sensível e por ter sido conscientemente conferido à ação prática pela qual é veiculado. Liga-se os motivos e as combinações de composições com assuntos e conceitos manifestados, através do conhecimento de fontes literárias, por exemplo, pela familiaridade com os temas e conceitos específicos – universo das imagens, histórias e alegorias⁷⁷ – domínio da iconografia;
- 3. Significado intrínseco ou conteúdo:** apreendido pela identificação dos símbolos resultados da modificação de princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica - qualificados por uma personalidade e condensados numa obra. Estes princípios se manifestam e são esclarecidos tanto pelos "métodos de composição" como pela "significação iconográfica" e utilizam a "intuição sintética". Trata-se de um princípio unificador que sublinha e explica os acontecimentos visíveis e sua significação inteligível e que determina até a forma sob a

⁷⁷ As alegorias, enquanto opostas à história, definem-se com combinações de personificações ou símbolos. Tratam de elementos sobrepostos.

qual o acontecimento visível se manifesta. A descoberta e a interpretação dos valores "simbólicos" (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem, até, diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar "iconologia" em oposição a "iconografia" – universo dos valores simbólicos – domínio da iconologia.

Com relação às três etapas recém expostas, interessa destacar algumas informações mais práticas e básicas a respeito de suas funções:

- 1. A primeira etapa – descrição pré-iconográfica:** implica em uma leitura simples do que se observa nas imagens, considerando-se o senso comum e as experiências práticas do observador, a partir de suas experiências visuais prévias, sendo então uma descrição considerada natural ou informal, em um nível denotativo, que descreve e enumera sem incorporar nenhuma projeção de valor, identificando as formas puras como representações de objetos, paisagens, personagens, situações, etc., identificando suas relações mútuas como acontecimentos e captando certas qualidades expressivas;
- 2. A segunda etapa - domínio da iconografia:** empreende uma análise mais criteriosa buscando-se ideias, motivações e relações, o que implica maior conhecimento do observador em determinados conceitos e assuntos específicos dos campos de conhecimento envolvidos, pois as relações também são realizadas a partir das representações e simbologias dos elementos da imagem, sendo então uma descrição considerada convencional ou formal, as imagens estão imersas em uma cultura, em um contexto que é importante de se conhecer para entendê-las, o que permite diferenciar o que pode ser real do que é convencional, fruto dos interesses do autor, ilustrador ou do editor, o que está imposto pelo poder político ou que seja consequência da pressão do mercado;
- 3. A terceira etapa - domínio da iconologia:** consiste em uma análise mais aprofundada no intuito de se refletir sobre os valores ideológicos, simbólicos, históricos, motivos intrínsecos, em relação a outros fenômenos culturais, relacionando as imagens e seus elementos às intenções dos sujeitos que as produzem, sendo então uma descrição mais "subjetiva", em um nível conotativo, pois trata de interpretar os valores dominantes que uma determinada sociedade sustenta ou rejeita, pela mentalidade básica de uma nação, época, classe social, etc., e que revela intenções, crenças, ideologias, valores. Nesse nível, as imagens viabilizam aos historiadores uma evidência útil, a partir de um contexto determinado e circunstâncias sociais, políticas e econômicas específicas.

Sendo assim, segundo Panofsky (1986), ao operar-se nestes três níveis, os

princípios controladores de interpretação são:

- Para uma correta **descrição pré-iconográfica** há o princípio corretivo designado como história dos estilos - compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, objetos e fatos/ações foram expressos pelas formas;
- Para uma **análise iconográfica** correta utiliza-se a história dos tipos - compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, temas específicos e conceitos específicos foram expressos por objetos e fatos;
- Para a **interpretação iconológica** baseia-se na história dos sintomas culturais ou "simbólicos" (no sentido de Ernst Cassirer) em geral - compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, as tendências gerais e essenciais da mente humana foram expressas por temas específicos e conceitos.

Essas três operações de análise, embora sejam descritas separadamente e parecerem diferenciadas, são inter-relacionadas, fundem-se em um mesmo processo indivisível por se referirem a aspectos de um mesmo fenômeno, ou seja, a imagem que se está analisando, como um todo. Desta forma, essas etapas, sistematizadas e integradas, se complementam e podem contribuir efetivamente para estudos do conteúdo imagético, nesse caso, dos livros didáticos da *Coleção Guri*, o que se considera perfeitamente aplicável.

Considerando essas definições, entende-se então que:

[...] a iconografia se limita aos elementos visíveis e comparáveis, sendo de grande utilidade para que a análise das intenções possa acontecer, no entanto, não se propõe a adentrar aos valores, concepções, preceitos, crenças e ideologias. O que, então, fica relegado à responsabilidade da iconologia que precisa dos elementos fornecidos por aquela para que possa realmente chegar a interpretações satisfatórias (SOUZA; TRINCHÃO, 2013, p. 136).

O objetivo de Panofsky também era de integrar os estudos em iconografia e iconologia a outros métodos, sejam eles histórico, psicológico ou crítico, para o desenvolvimento de exercícios interpretativos. Para o historiador, a iconologia:

[...] é a interpretação de um tema através do estudo abrangente do contexto cultural e histórico do objeto estudado – interpretação que advém mais da síntese do que da análise, e requer algo mais que a familiaridade com temas ou conceitos específicos transmitidos através de fontes documentais (MIRANDA et al., 2009, p. 201).

Panofsky provoca os pesquisadores de representações visuais a terem atenção aos significados intrínsecos nessas obras, visto que “são testemunhas de tendências políticas, poéticas, religiosas, filosóficas e sociais da personalidade, período ou país sob investigação” (MIRANDA et al., 2009, p. 201). Além disso, para o historiador alemão, “é na pesquisa de significados intrínsecos ou conteúdos que as diversas disciplinas humanísticas se encontram num plano comum, em vez de servirem apenas de criadas umas das outras” (PANOFSKY,

1979, p. 63). Levando em consideração tais apontamentos, Miranda et al. (2009, p. 202) sugerem que:

Se a iconologia, ao contrário da iconografia, nos permite a compreensão de uma visão ampla do mundo ou, pelo menos, da identificação de como esta visão se constrói em determinadas condições históricas, é possível pensar a educação como uma das diversas disciplinas humanísticas que podem fazer uso da iconologia.

Por isso, tendo em vista a temática desta pesquisa, inserida no campo da investigação da educação e, em especial, à sua história, é importante atentar para os aspectos concernentes à interpretação das imagens e nas dificuldades impostas no desenvolvimento das análises, sabendo-se que:

[...] as fontes nunca são completas, nem as versões historiográficas definitivas. São, ao contrário sempre lidas diversamente em cada época, por cada observador, de acordo com os valores, as preocupações, os conflitos, os medos, os projetos e os gostos. Fontes e versões carregam em si temporalidades distintas, porque são construídas e reconstruídas em cada época (PAIVA, 2006, p. 20).

Vale a reflexão a respeito de como uma mesma imagem foi, é ou será compreendida por quem a visualize, exemplificando-se para o suporte que é foco desta pesquisa, estando em um livro didático, que independentemente da época e do contexto em que foi criado, não a mantém com interpretação única, com o decorrer dos anos. Nesse sentido, Paiva (2006) afirma que:

De toda forma, tudo isso demonstra como esses códigos, esses símbolos, os emblemas, as alegorias, enfim, as representações, não têm signos absolutos, definitivos, fixos nem imutáveis. Tudo vai depender da recepção que eles terão em cada época, no seio de cada grupo social e, também, das variadas maneiras pelas quais serão apropriados historicamente (PAIVA, 2006, p. 25).

Joly (2003) atenta para o fato de que “uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro”. Essa mensagem visual é uma linguagem, que não tem função metalinguística, mas expressa e é sujeito de um ato comunicativo. Nesta direção, a autora frisa a importância de se saber a autoria e para quem foi produzida uma imagem analisada, para que se compreenda da melhor forma possível o que se desejava ou se desejaria transmitir através de sua mensagem visual. Deve-se ponderar que seria impossível definir uma única verdade sobre a imagem, mas que sim é possível realizar-se interpretações a seu respeito.

Por isso, em concordância com Joly, defende-se mais uma vez a importância, para esta pesquisa, do investimento empreendido na localização dos profissionais envolvidos e na compreensão histórica das Edições Tabajara e suas principais características relacionadas às produções didáticas, para contextualização da concepção e finalidade de publicação da *Coleção Guri*, questões essas que podem refletir nas imagens distribuídas pelas páginas dos respectivos livros didáticos.

Ao referir-se às imagens impressas nos livros didáticos, concorda-se com Souza e Trinchão (2013, p. 139), indicando que:

Sabe-se que as imagens não são o foco central da pedagogia, mas tendo esse entendimento, torna-se necessário levar em consideração as possíveis relações estabelecidas em algum momento na prática educativa, no instante em que as mesmas se encontram com a educação e tornam-se instrumentos pedagógicos e de influência considerável para o entendimento de conteúdos pelos sujeitos, como no caso do livro didático. Isto porque quando a imagem se incorpora como elemento integrante do processo educativo, ela passa a ser importante instrumento pedagógico e metodológico de compreensão de conhecimentos e da própria sociedade.

Com a compreensão de que imagens são instrumentos pedagógicos e metodológicos, convém fazer referência aos estudos de Farnè (2004), que também defende o termo “iconologia didática” enquanto campo de investigação, pois trata-se de “uma disciplina que encontra sua consistência sobre o plano histórico, ou seja, em demonstrações históricas do uso da imagem com finalidades educacionais” (MIRANDA et al., 2009, p. 201). Farnè afirma que as imagens possuem uma intencionalidade educacional e didática, desde a Idade Média até a contemporaneidade.

Assim, examinando essas funções, é possível relacionar as imagens à expressão “educação visual”, que:

[...] advém do reconhecimento histórico do uso das imagens como forma de educação escolar e não-escolar, que não significa apenas uma educação do olhar – ou seja, uma forma de ensinar a ver e interpretar imagens. Mais do que isso, a educação visual significa intervir na mediação simbólica que os homens fazem para reconhecer e entender o mundo, articulando-se à iconologia tanto do ponto de vista do estudo dos significados simbólicos quanto da compreensão destes significados como carregados de intencionalidade pedagógica (MIRANDA et al., 2009, p. 203).

Visando os estudos da imagem pela educação visual na pedagogia através da iconologia didática, Farnè (2004), ao referir-se à “iconologia”, concorda com Panofsky e utiliza seus preceitos, definindo-a “como o estudo da interpretação e das possibilidades significativas das obras figurativas, apontando, no entanto, para a compreensão da comunicação didática destas obras” (MIRANDA et al., 2009, p. 214). Em relação ao conceito atribuído à imagem, pela iconologia didática, ela,

[...] abarca um diversificado repertório visual e audiovisual que tem como característica mais significativa a comunicação didática. A intencionalidade didática desse tipo de comunicação, segundo Farnè, estaria no fato de essas obras terem como objetivo comunicar informações e conteúdos culturais, facilitar a aprendizagem de determinado conhecimento, tornar interessante um tema histórico ou um conceito científico ou, simplesmente, mostrar e reconhecer alguma coisa para nomeá-la e descrevê-la.” (MIRANDA et al., 2009, p. 214).

Miranda et al. (ibidem) acrescentam ainda que “[...] a iconologia didática propõe-se a estudar o nível de manipulação das imagens – seja de quem as produz, seja de quem as utiliza – em uma relação entre produto e processo que permanece constantemente aberta”. Para esses autores, através de suas características apelativas, as imagens também se tornam professoras e ensinam determinados valores (por vezes exaltados) para quem estiver visualizando e contemplando, independentemente do suporte e dos dispositivos didáticos utilizados para tal.

Assim sendo, a partir dos conceitos apresentados e discutidos até então, foram criados os procedimentos metodológicos adequados para o desenvolvimento das análises das imagens dos livros didáticos que compõem a *Coleção Guri*, publicada pelas Edições Tabajara.

A seguir, no próximo capítulo, são apresentados os dados relativos ao histórico, atividades, profissionais, envolvimento e dedicação à produção de livros didáticos das Edições Tabajara, entre as décadas de 1940 e 1980, assim como sua participação no mercado editorial e demais características relevantes, dados esses que favorecem a compreensão do contexto em que foi editada e publicada a *Coleção Guri*, na década de 1960.

3.

AS EDIÇÕES TABAJARA E AS PUBLICAÇÕES DIDÁTICAS (DÉCADAS DE 1940 A 1980)



Neste capítulo⁷⁸, apresenta-se o histórico das Edições Tabajara, cujos serviços foram prestados entre as décadas de 1940 e 1980, sua atuação no mercado editorial, assim como os profissionais que atuaram na empresa e as respectivas publicações didáticas. Deve ser destacado, uma vez mais, a importância do estudo da história da editora Tabajara e de suas edições, devido à sua significativa contribuição com dados para esta pesquisa. Segundo Choppin:

A história particular da empresa, de sua produção, de suas estratégias financeiras ou comerciais, de suas filiais ou sucursais, de suas relações com os poderes políticos e religiosos, com o meio científico e profissional, etc. se constitui, certamente, como percurso obrigatório. Mas a história das edições escolares não pode ser reduzida a uma adição de abordagens monográficas: esse setor está submetido a uma série de determinações específicas; é tributário de um contexto político, demográfico, regulador, científico, financeiro, econômico, tecnológico, pedagógico, etc. que condiciona sua existência, sua estrutura, seu desenvolvimento e a própria natureza de suas produções. Somente uma abordagem globalizante pode apreender suas evoluções (CHOPPIN, 2014, p. 564).

As Edições Tabajara têm origem na Livraria de mesmo nome, fundada em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, em 1943. Para compreensão do histórico da Tabajara é fundamental destacar os nomes de dois profissionais, que foram os principais responsáveis pela sua atuação no mercado editorial gaúcho e nacional. São eles, os irmãos Joel Cavalcanti de Albuquerque Tabajara e Olímpio Cavalcanti de Albuquerque Tabajara.

Filhos de José do Cavalcanti Albuquerque Tabajara e Selmira Loureiro de Castro

⁷⁸ Este capítulo reúne dados obtidos de várias fontes, tais como documentos oficiais, periódicos, Diário Oficial, Leis municipais, entrevistas, questionários, relatos e publicações didáticas do acervo do Hisales.

Tabajara, Joel e Olímpio nasceram na cidade de Itaqui, localizada na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul e, ademais, na sua terra natal ambos viveram durante muitos anos. Seu pai, José Tabajara, contraiu dois matrimônios, o primeiro com Ana Amarelina Freitas de Cavalcanti Albuquerque⁷⁹ e, depois de ficar viúvo, casou com Selmira Loureiro de Castro Tabajara⁸⁰. Com isso, José teve um total de 32 filhos (15 do primeiro e 17 do segundo casamento), o que tornou a família bastante numerosa, perpetuando-se até os dias atuais.⁸¹

Joel Cavalcanti de Albuquerque Tabajara nasceu no dia 03 de agosto de 1917. Sua dedicação aos livros era inspirada no seu pai, que era Tabelião e Oficial do Registro de Imóveis da Comarca de Itaqui. Joel, por ser o filho mais velho do último casamento de seu pai, tornou-se responsável pela guarda e educação dos 15 filhos menores, de acordo com um documento registrado por ele em tabelionato antes de falecer, em 1938 (Nelson Tabajara, 2018). Em 1940, Joel Tabajara se transferiu para Porto Alegre e foi morar em uma pensão. Após os primeiros meses estando empregado nessa cidade, levou a sua mãe e seus irmãos de Itaqui para a capital do estado.

De 1937 a 1942, Joel foi funcionário da Secretaria de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul e recebia pensão deixada pelo seu pai. Porém, em 1941, com as dificuldades financeiras enfrentadas na época, optou por buscar uma nova fonte de renda, para complementar seus vencimentos, em função dos encargos, para ajudar a mãe com os gastos e pagar os estudos dos irmãos. Devido ao seu interesse pela educação e em especial pelos livros, decidiu trabalhar na sua divulgação. Viajava para a Argentina e ao Uruguai para comprar livros didáticos e os expunha em banca que montava em frente às faculdades, para vender aos alunos e professores interessados, em uma época em que havia muitos livros importados em francês, inglês e em outros idiomas. Joel tornou-se, assim, com isso, um caixeiro-viajante. Começou, então, nas horas vagas e à noite, auxiliado pelos irmãos menores, a ser também vendedor da Livraria do Globo, liderada pela família Bertaso, que cedia os livros consignados para exposição em escolas e feiras.

⁷⁹ Alguns dos 15 filhos que o casal (José e Ana Amarelina) teve, são (em ordem decrescente): Luiz Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Lurdes Tabajara Herter, Alcebiades Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Aristides Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Archimedes Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Severino Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Eulália Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, João Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, José Cavalcanti de Albuquerque Tabajara.

⁸⁰ Alguns dos 17 filhos que o casal (José e Selmira) teve, são (em ordem decrescente): Joel Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Jandira Cavalcanti de Albuquerque, Ofélia Tabajara Freire, Aracy Cavalcanti de Albuquerque, Olímpio Cavalcanti de Albuquerque, Abgar Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Ignes Tabajara Ratier, Bêlgio Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Pedro Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Nice Tabajara Rocha e Abner Cavalcanti de Albuquerque Tabajara.

⁸¹ Segundo relatos obtidos por alguns parentes, a família tem origem no grupo indígena Tabajara, que habitava o litoral do nordeste brasileiro, entre os estados da Paraíba e Ceará. Conta-se que um homem descendente dessa tribo veio de Pernambuco para o Rio Grande do Sul e, em homenagem à sua terra, decidiu utilizar esse nome como sobrenome. No caso, essa pessoa seria o senhor José de Holanda Cavalcanti de Albuquerque "Tabajara", o avô de Joel e Olímpio e de seus 30 irmãos, cujo pai também se chamava José. Eis aqui um exemplo da miscigenação, pela mistura de etnias, raças e povos, bastante característica do Brasil.

Em 1942, para tratar de interesses particulares, licenciou-se da Secretaria da Agricultura e fundou, em nome de sua mãe Selmira, a firma individual S. Tabajara, situada na Rua Demétrio Ribeiro, nº 502, em duas peças do casarão antigo onde morava sua família, no centro histórico da cidade de Porto Alegre. Esse prédio não existe mais, pois atualmente há um condomínio no mesmo local.

No ano seguinte, em dezembro de 1943, fundou a Livraria Tabajara Ltda., em sociedade com o escritor Mansueto Bernardi⁸² e a sede foi transferida para a Rua dos Andradas, nº 1502, 2º andar, perto da Praça da Alfândega e próximo à Rua Marechal Floriano Peixoto, conforme pode ser visto na Figura 07, a seguir (o número exato não foi localizado no prédio, mas acredita-se que, por suas dimensões e antiguidade, possa ter sido instalada no edifício em tons verde e branco, com atual numeração de 1504).



Figura 07 - Localização da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1502, em Porto Alegre/RS.

Fonte: Registro extraído do *Google Maps/Street* (de 03/2014) pela autora, em 01/2016.

A empresa, nesta época, contava como fundadores e acionistas figuras conhecidas da política, intelectuais e do cenário educacional do Estado, entre os quais estavam: Presidente Getúlio Dornelles Vargas, Dr. João Belchior Marques Goulart e Eng.º Leonel de Moura Brizola; professores universitários Mem de Sá, Carlos e Victor de Brito Velho, Lino Braun, Ivo Corrêa Meyer, Adroaldo Mesquita da Costa e Armando Pereira Câmara⁸³. Percebe-

⁸² Mansueto Bernardi (20/3/1888-09/09/1966), imigrante de origem italiana, era um intelectual e escritor conhecido por sua atuação na administração da Livraria do Globo, em Porto Alegre/RS, junto ao proprietário e diretor José Bertaso. Entre as suas funções, ocupava-se das atividades de coordenação do setor editorial e se retirou da editora no início da década de 1930 (HALLEWELL, 2005; RAMIL, 2013).

⁸³ Esses e outras tantas pessoas também aparecem mencionadas em uma lista extensa de nomes de diretores, membros do conselho fiscal e acionistas, em uma matéria publicada no *Jornal do Dia*, no dia 28/03/1948, intitulada “Livraria Tabajara S. A. – Ata da Assembléia Geral Extraordinária, realizada a dezenove (19) de março de mil novecentos e quarenta e oito (1948), com a qual se processou o aumento definitivo do capital social”, ocupando de forma integral a p. 06 e metade da p. 07. Evidencia-se que nesse jornal foram publicadas muitas matérias e notas da Livraria e Editora Tabajara, identificadas durante a pesquisa, tais como convocatórias de assembleias gerais, reuniões, relatório da diretoria, balanço geral, avisos aos acionistas, sorteio de livros, entre outras notícias, novidades e também propagandas de obras didáticas, livros e material escolar. Nas oficinas

se aí a influência das redes de sociabilidade na constituição e no funcionamento do referido empreendimento.

Em 1945, a empresa foi transformada em Livraria Tabajara S. A.⁸⁴. O livreiro Joel Tabajara, conquistou vários clientes entre universitários e profissionais, que encomendavam livros a ele, como os das faculdades de Medicina e de Direito. Com isso, começou a importar livros e enciclopédias da Argentina, Espanha, México, Estados Unidos, Inglaterra, França e Itália. Ao mesmo tempo, começou a dedicar-se à representação de livros, entre eles os didáticos, como os da Editora Agir (do Rio de Janeiro), Editora do Brasil S. A. (de São Paulo) e Empresa Gráfica Cruzeiro do Sul.

Nessa época, Joel Tabajara era Diretor e Zélia G. Sperotto (cunhada - irmã de Hilda Luiza Sperotto Tabajara, esposa de Joel) era Diretora Interina da Livraria Tabajara S. A. A Figura 08, a seguir, mostra Joel Tabajara em atividades de trabalho, nos anos iniciais da sua empresa. Na fotografia à esquerda, da década de 1940, está Joel Tabajara trabalhando e carregando pacotes de livros em uma rua de Porto Alegre/RS. Na fotografia à direita, dos anos de 1950, Joel Tabajara estava em Buenos Aires, na Argentina, cidade para a qual costumava viajar para tratar de importação de livros para a sua empresa (Joel Tabajara é o da esquerda, no grupo de três pessoas caminhando).

gráficas desse jornal também foram impressos alguns dos livros didáticos publicados pela Tabajara.

⁸⁴ No Diário Oficial de 27/03/1967 (p. 03 – Seção III) foi encontrado o informe com o “Título de estabelecimento deferido”, no qual consta o registro N° 497.781 para a Livraria Tabajara - Livraria Tabajara S. A. - Cl. 32-38 – Art. 117 n° 1.

No Diário Oficial de 20/06/1967 (p. 04 – Seção III), consta na seção de “Certificados expedidos em 9 de maio de 1967” a marca “Livraria Tabajara”, com o termo 497.781, Classes 32 e 38, Registro 356.993. Porém, não se tem conhecimento se isso faz referência ao nome da empresa por escrito e/ou à marca gráfica (logotipo) utilizada pela empresa nos impressos.

No Diário Oficial de 12/01/1968 (p. 20 – Seção III), aparecem dois registros com “Tabajara”, requeridos pela Livraria Tabajara. Um deles consta com o N. 828.459-460, como Indústria Brasileira, nas Classes 28 (Artigos – Cartões termoplásticos de identidade) e 25 (Artigos – Ações, apólices, cartazes, clichês, decalcomanias e literais de propaganda). O outro consta com o N. 828.461 na Classe 50 (Artigos – Distribuição, representações e revenda de títulos e valores mobiliários, prestação de assistência técnica à empresa e sua idealização e planejamento jurídico administrativo, elaboração de planos, esquemas na organização empresarial; pesquisas, planos, estudos, projetos, financiamentos, investimentos e empreendimentos).

No Diário Oficial de 06/03/1968 (p. 04 – Seção III), a empresa está registrada na seção de “Título de estabelecimento deferido”, sob N.º 567.950 - Centro de Representantes Industriais e Comerciais - Livraria Tabajara S. A. - Classes: 33, 41, 42 e 43 (Art. 97, n.º 1 do C. P. I.).

No Diário Oficial de 15/10/1968 (p. 09 – Seção III), foi encontrada uma referência de Livraria Tabajara S. A., com o Registro 375.576, no de 25/10/1968 (p. 06 – Seção III) o N. 378.952 e no de 12/05/1969 (p. 03 e 05 – Seção III) os Ns. 828.459, 828.460 e 828.461, 828.934, 828.935, 828.936 e 828.937, ainda não identificados pela necessidade de se verificar as páginas anteriores desses documentos.



Figura 08 – Fotografias de Joel Tabajara. À esquerda, em Porto Alegre/RS (década de 1940) e à direita, em Buenos Aires/Argentina (anos de 1950).

Fonte: Acervo particular de Nelson Tabajara.

Em julho de 1946 começam as atividades da Editora Tabajara, na sede localizada na Rua dos Andradas, 1201 – 1º andar (Figura 09), negócio que surgiu com a finalidade de publicar coleções de livros com temas da atualidade e em evidência na época. Suas primeiras edições foram: *Mocidade e Amor* – para rapazes (*Coleção Amor e Vida*, 1º v., de Marcel-Marie Desmarais e Daniel A. Lord, S. J.); *Examina-te bem* (*Coleção às Armas!*, 1º v., de Léo Kohler, S. J.); *Cartas sobre o matrimônio* (*Coleção Amor e Vida*, Agustin B. Elizalde); *Cartas de um padre comunista* (de Agustin B. Elizalde) e *Pequeno dicionário de frases latinas* – provérbios, locuções e curiosidades (de José Lodeiro)⁸⁵.



Figura 09 - Localização da Editora Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1201, em Porto Alegre/RS.

Fonte: Site Wikimedia Commons, Eugenio Hansen, 2015.

Os livros editados foram sendo classificados em quatro seções estabelecidas pela editora: Estante de Cultura (Política, Sociologia, Filosofia, Ensaio, Biografias), Estante de

⁸⁵ Esses dados foram retirados do periódico *Letras: livros, rádio, artes*, publicado em setembro de 1946.

Recreio (Romances, Contos, Poesia), Estante de Formação (Educação Moral e Religiosa) e Biblioteca Infantil. Inicialmente, muitas das publicações da Tabajara eram edições com traduções de obras bem vendidas fora do país em outros idiomas, porém, com o passar dos anos, passaram a ser predominantemente didáticas e abrindo espaço aos autores gaúchos (cujas características são aprofundadas no desenvolvimento deste trabalho), devido ao interesse da editora em se estabelecer no mercado editorial didático.

Casado com Hilda Luiza Sperotto Tabajara, com quem teve 7 filhos⁸⁶, no fim da década de 1940 Joel Tabajara comprou um prédio, que estava situado na Rua dos Andradas, nº 1774, entre as ruas Dr. Flores e Sr. dos Passos, próximo à Santa Casa de Misericórdia da cidade de Porto Alegre, conforme pode ser visto no mapa disponível na Figura 10, que ilustra a localização do endereço no centro da cidade.

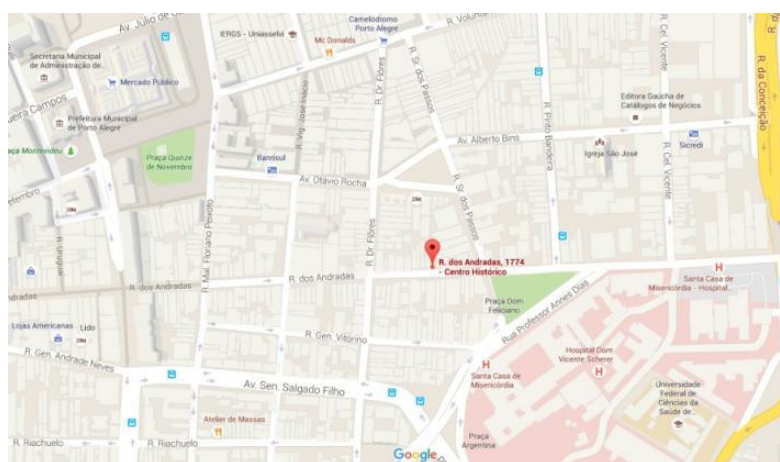


Figura 10 - Mapa da localização da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1774, em Porto Alegre/RS.

Fonte: Registro extraído do Google Maps pela autora, em 01/2016.

No início de 1950, neste local, Joel já estava morando com a família no porão e inaugurou a nova loja da Livraria Tabajara no dia 09 de janeiro daquele ano, no restante do prédio. Com isso, investiu ainda mais na sua atuação junto às escolas e professores, dedicando-se à edição de livros didáticos. Entre eles, estavam aqueles que eram acompanhados de Manuais do Professor, bastante característicos dessa editora e distribuídos gratuitamente aos profissionais. Isso foi iniciado nessa nova sede própria, que viria a ser então a mais conhecida de sua história no mercado editorial. Essa é considerada a última sede oficial da Tabajara instalada em Porto Alegre/RS.

É interessante comparar o mapa anteriormente mostrado (Figura 10) com um do final da década de 1950, exposto a seguir (Figura 11), encontrado em uma das edições da *Revista do Ensino/RS* (Ano VII, Edição Especial, janeiro de 1958), no qual aparecem assinalados

⁸⁶ Entre os 7 filhos de Joel e Hilda, estão (em ordem decrescente): José Moacir, Nelson, Myriam, Carmen, Joel Filho, Luís e Marco.

alguns pontos de referência na região central de Porto Alegre, entre eles a Livraria do Globo, para conhecimento dos clientes, que predominantemente eram professores e professoras das escolas gaúchas. Estranha-se que a localização da Livraria Tabajara, mesmo estando próxima e instalada na mesma região, não aparece indicada, apesar de essa empresa também prestar serviços de interesse ao público-alvo da revista.

A Figura 11, a seguir, mostra uma parte do mapa (cuja versão completa ocupa duas páginas da revista), com a zona onde está assinalada a Livraria do Globo, destacada com contorno retangular branco, enquanto que no local onde está o círculo branco, é mostrado a localização da Livraria Tabajara, na mesma rua, algumas quadras à direita (ou acima, pois a rua é inclinada e olhando-se o mapa da esquerda para a direita, a Livraria do Globo fica na parte baixa da rua e a Tabajara na parte alta).



Figura 11 – Parte de mapa da região central de Porto Alegre/RS, que apresenta alguns pontos de referência.

Fonte: *Revista do Ensino/RS*, Ano VII, Edição Especial, janeiro de 1958, p. 24-25.

A Figura 12, a seguir, mostra duas imagens no mesmo endereço (o último em que a editora funcionou), sendo que a da esquerda apresenta o prédio com a fachada original da sede da Tabajara, no início da década de 1950. Esse prédio foi demolido em 1958 para reformas no local e a sede da empresa foi novamente inaugurada em 1960, com mais andares e uma fachada bem diferente da anterior. Em 2015, com a saída de um inquilino do prédio, a fachada foi modificada mais uma vez, estando atualmente com o aspecto visto na imagem à direita. É interessante observar, na fotografia da esquerda, que o prédio apresenta a indicação do nome da Livraria Tabajara três vezes (uma na horizontal na parte superior e duas no sentido vertical, na lateral esquerda e direita do prédio), assim como sinaliza alguns de seus serviços prestados, tais como “Livros e material escolar”, “Encadernação”, “Livros jurídicos”. Constata-se que a fachada mais recente é totalmente distinta da anterior, que em nada foi

preservada quanto às suas características estilísticas e arquitetônicas e, também, que o prédio da empresa foi aumentado para um porão e 02 andares⁸⁷.



Figura 12 - Sede da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1774, em Porto Alegre/RS. À esquerda o prédio original (década de 1950) e à direita a sede com a fachada dos dias atuais (2015).

Fonte: Acervo particular de Nelson Tabajara.

A Figura 13, a seguir, mostra algumas personalidades na inauguração da nova sede da Tabajara, ocorrida em 1960. Entre elas, estão alguns funcionários da empresa, intelectuais da sociedade local e autores de obras publicadas pela livraria.



Figura 13 – Inauguração da nova sede da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1774, em Porto Alegre/RS, 1960.

Fonte: Acervo particular de Nelson Tabajara.

⁸⁷ Com o prédio reinaugurado em 1960, a distribuição dos serviços e seções da Tabajara era a seguinte: no subsolo ficava o depósito; na loja estavam a venda à varejo, o atacado, o estoque e a expedição; na sobreloja eram situados os setores da *Revista do Ensino/RS*, do Departamento de Pessoal, do Arquivo e da Contabilidade. Existia, ainda, um mezanino que era ligado a um apartamento que desembocava na rua Sr. dos Passos. Nesse local, havia uma cozinha e um setor de conexão com os autores e tudo que envolvia a elaboração dos livros, como a área técnica e a biblioteca. No apartamento, logo à entrada, estava a sala da diretoria - de Joel e Olímpio, além da sala de José Moacir (o filho mais velho de Joel). Ainda no mezanino, além de cozinha, junto à sala da biblioteca, estava a sala da sra. Zoraida, na qual havia uma grande mesa em que, no mínimo duas vezes por semana, almoçavam autoras e pessoas convidadas por Joel e Olímpio (Nelson Tabajara, 2018).

Após algum tempo, Joel Tabajara comprou uma casa, na Vila dos Comerciários, no bairro Medianeira, para sua família morar, mas a empresa editorial seguiu funcionando no mesmo endereço. Essa sede foi utilizada até o encerramento dos serviços em espaço físico. O prédio segue sendo de propriedade dos filhos (acionistas) de Joel Tabajara e tem sido locado para estabelecimentos comerciais diversos.

A Figura 14, a seguir, ilustra a localização do prédio fechado com placas de aluguel, no canto direito da fotografia (registrada pela autora em visita ao local em 2014), com porão e 2 andares, em tons de cinza emoldurando vidraças e dois painéis de identificação visual de loja, um verde e um branco (de empresas diferentes), sobre os portões de entrada. Pode-se visualizar também parte da Rua dos Andradas, na qual a Tabajara esteve sediada.



Figura 14 - Localização da Livraria Tabajara, na Rua dos Andradas, nº 1774, em Porto Alegre/RS.

Fonte: Registro realizado pela autora, em 08/2014.

Vale registrar que a Rua dos Andradas é uma rua bastante tradicional do centro (histórico) da cidade, considerada a mais antiga e que já foi a mais glamourosa e sofisticada da capital. É conhecida também como Rua da Praia e sediou Livrarias reconhecidas, como a do Globo, entre outras que ainda existem na área, por onde circulavam escritores, autores e artistas, além de profissionais do ramo editorial. Essa rua é conhecida historicamente por ser ambiente de efervescência cultural, da intelectualidade, da política e de manifestos na cidade, pois concentrava o comércio e o movimento das pessoas, servindo de ponto de encontro para a sociedade gaúcha, devido aos seus estabelecimentos diversos, que também incluíam cafés, confeitarias e restaurantes, em seus vários prédios históricos.

Entre esses lugares típicos de circulação das pessoas, um dos que ficava próximo à Livraria Tabajara era a clássica Confeitaria Princesa (antiga Confeitaria Cristal, fundada com o novo nome em 1960, na Rua Andradas, 1812). A seguir, a Figura 15 mostra como era a Rua dos Andradas, nos idos de 1950, com uma imagem bastante diferente do que se viu na Figura 14, dos tempos atuais.



Figura 15 – Vistas da Rua dos Andradas, em Porto Alegre/RS – década de 1950.

Fonte: Acervo fotográfico do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, Porto Alegre/RS.

A *Revista do Ensino/RS* (Ano VII, Edição Especial, janeiro de 1958, p. 46), a mesma referida anteriormente com o mapa da região central de Porto Alegre/RS, apresenta também uma listagem com indicação de locais e, na seção que se refere às Livrarias, é interessante conhecer quais eram elas, que atuavam na mesma época da Livraria Tabajara, embora esta não conste referenciada no referido mapa. De certa forma, pode se considerar que esses estabelecimentos eram concorrentes no mercado, pela semelhança nos serviços prestados e afins, funcionando como papelaria e/ou livraria e/ou editora⁸⁸, em geral. São indicados os seguintes locais: Livraria do Globo (Andradas, 1416); Livraria Americana (Andradas, 1297); Livraria Continente (Voluntários da Pátria, 51); Livraria Kosmos (Andradas, 1644); Livraria Schapke (Voluntários da Pátria, 684); Livraria Selbach (Mal. Floriano, 10); Livraria Sulina (Av. Borges de Medeiros, 1030). Essa listagem, de alguma forma, também indica para a efervescência cultural da capital gaúcha no período, anos de 1950. Ademais, a história dessas empresas é, também, a própria história social, cultura e educacional do Rio Grande do Sul.

No que se refere à relação que a Tabajara tinha com essas outras livrarias, havia bastante respeito entre os livreiros, segundo os relatos de Nelson Tabajara (2018). No caso da Livraria do Globo, o relacionamento entre seus proprietários e funcionários era estritamente comercial, sendo que inclusive, foi dado um “voto de confiança” para Joel Tabajara, que vendia os livros que lhes eram fornecidos em consignação, embora a Globo, obviamente, tivesse interesse em expandir seus negócios. Mais tarde, com o crescimento da empresa, que

⁸⁸ O aumento de abertura de livrarias no Brasil deve-se ao fato de que a partir do século XX, a sociedade brasileira demonstrava cada vez mais seu gosto pela leitura, em período de renovação cultural. Este fenômeno fez com que as livrarias se proliferassem, sendo que após algum tempo, algumas delas, além de atuarem também como papelarias, em alguns casos, tornaram-se ainda editoras, iniciando no formato de um negócio modesto e transformando-se, no decorrer dos anos, em empreendimento de grande porte. Por isso, é comum encontrar o título de uma empresa sendo acompanhado pelas variações entre Livraria e Editora nos registros localizados, devido ao histórico de atuação tanto no comércio quanto pela publicação de livros, como é o caso da própria Tabajara.

se tornou editora, passaram a ter uma relação de admiração além de comercial, ainda segundo Nelson Tabajara (2018). Com o passar do tempo, a Livraria do Globo passou a ser uma das grandes vendedoras dos livros da Livraria Tabajara, invertendo-se os papéis. Além disso, Nelson Tabajara se lembra da relação com o sr. Leopoldo Beckel, proprietário da Livraria Sulina, um livreiro da região muito admirado pelo seu pai, Joel Tabajara, e entre ambos houve apoio financeiro, em determinadas ocasiões (Nelson Tabajara, 2018).

Além de se dedicar aos negócios, há notas e matérias em jornais consultados que revelam que a Tabajara ocasionalmente também se envolvia em ações diversas para divulgação das obras publicadas, visto que se empenhava na efetivação de doações de vários livros didáticos e científicos de autores nacionais e estrangeiros, para faculdades e escolas, beneficiando as bibliotecas desses estabelecimentos vinculados à educação.

Em 24 de fevereiro de 1965 faleceu a mãe de Joel e Olímpio, a sra. Selmira de Castro Tabajara, sócia fundadora da Livraria Tabajara S. A., com avançada idade, em Porto Alegre. Assim, em 1968, Joel Tabajara fundou, com Olímpio Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, seu irmão e sócio, as Edições Tabajara Ltda., com sede em São Paulo, o que repercutiu no considerável aumento de sua produção editorial e no reconhecimento de seu trabalho, a nível nacional. Joel Tabajara faleceu em 13 de fevereiro de 1978, vítima de um acidente automobilístico na Vila Scharlau, entre as cidades de Novo Hamburgo e São Leopoldo, perto de Porto Alegre, no qual sobreviveu sua esposa Hilda.

Em homenagem aos feitos do fundador desta empresa, em 2002, o vereador Beto Moesch, de Porto Alegre, apresentou um projeto de Lei (27/05/2002) na Câmara Municipal, propondo o nome de Joel Tabajara para a denominação de um logradouro público do município, que estava cadastrado como Rua 05, no Loteamento Costa e Silva, no Bairro Sarandi. A proposta foi aprovada e as placas denominativas passariam a conter, abaixo do nome de Joel Tabajara os dizeres: “Editor e Livreiro”, de acordo com as informações da Lei Municipal Ordinária nº 9012, de 21/11/2002⁸⁹.

O irmão e sócio de Joel Tabajara, Olímpio Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, nasceu em 03 de abril de 1925, casou-se com Gelcy Maria Dornelles Tabajara e juntos tiveram oito filhos⁹⁰. Formou-se em Ciências Econômicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1958, enquanto atuava como tabelião em Itaqui, em seu cartório. Bastante conhecido pelo envolvimento com ações em prol do acesso ao cinema e ao teatro na sua cidade, é considerado um dos principais responsáveis pelo projeto de ligação

⁸⁹ Alguns dos dados sobre a trajetória de Joel Tabajara foram extraídos do Projeto de Lei do vereador Beto Moesch, de Porto Alegre/RS, de código não identificado e reproduzido em perfil de um familiar em uma determinada rede social, pela *internet*. As informações sobre a aprovação estão disponíveis no Art. 1º do mesmo projeto e da Lei Municipal Ordinária nº 9012 de 21/11/2002.

⁹⁰ Os 8 filhos que Olímpio e Gelcy tiveram são (em ordem decrescente): Maria do Horto, Regina Elizabeth, Francisco José, Celso Afonso, Sérgio Ricardo, Janize, João Alfredo e Vera Lucia.

das bacias dos Rios Ibicuí e Jacuí (não concretizado), através de seus estudos, sob a incumbência do presidente João Goulart. Em função dessas atividades ligadas à navegabilidade, transferiu-se para Porto Alegre com sua família, mas os planos e projetos foram adiados, com o golpe militar de 1964.

No período da Ditadura Militar no país, Olímpio Tabajara foi secretário da Economia do Estado do Rio Grande do Sul, no governo de Ildo Meneghetti, de 27 de novembro de 1965 a 30 de janeiro de 1967. Após deixar esse cargo, foi convidado pelo presidente Emílio Garrastazu Médici para ser Ministro da Economia de seu governo, porém Olímpio optou por se tornar diretor-presidente da Livraria Tabajara, propriedade de seu irmão Joel, que o havia convidado para trabalhar na empresa. Olímpio considerava essa decisão também uma forma de agradecimento pelos esforços do irmão que havia feito tanto pelo sustento de seus irmãos menores, quando ainda era jovem (Celso Afonso Tabajara, 2018a).

Mais tarde, enquanto a sede de Porto Alegre continuava atendendo a região sul, foi fundada em São Paulo as Edições Tabajara Ltda., na década de 1960, que publicou muitos livros didáticos para o país todo, através de vários contratos firmados com o Ministério da Educação, pela Comissão do Livro Técnico e Didático (Colted), da qual já se falou anteriormente. Com a instalação da empresa em São Paulo, foram produzidos títulos com autores daquela região, assim como adaptações de livros para o estado e o restante do país.

Nesse período, começa a aparecer a divulgação das publicações didáticas da Tabajara também nos jornais paulistas, como é o caso da *Folha de São Paulo*⁹¹. Entre as notas publicadas nesse periódico, encontrou-se na edição de 24 de fevereiro de 1970, na p. 12 do *Primeiro Caderno*, uma propaganda de divulgação das publicações didáticas da Tabajara, na qual o cabeçalho informava “Editora Tabajara apresenta ao Magistério Livros

⁹¹ Em 12 de outubro de 1968, na p. 04 do *Primeiro Caderno*, foi publicada uma nota assinada pelo editor Joel Tabajara explicando sobre a autorização de publicação do programa do curso primário aprovado pelo Departamento de Educação e distribuído gratuitamente no magistério, pela Editora Tabajara.

No dia 30 de novembro de 1969, na p. 02 da *Ilustrada*, foi publicada uma propaganda de divulgação das publicações didáticas da Tabajara, com o cabeçalho anunciando “Educação: o grande desafio”.

Em 01 de agosto de 1971, na p. 02 dos *Classificados*, foi publicada uma nota, junto a outras, cujo título constava “Bibliografia Científica”, com a seguinte informação: “*Revista do Ensino* – Saíram os números 129 e 130 dessa excelente publicação da Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Distribuída por Edições Tabajara. Essa revista contém abundante material didático básico, muito bem ilustrado e acompanhado de encartes. Artigos fundamentais sobre psicologia e pedagogia”.

Em 11 de agosto de 1971, na p. 06 do *Navegação Marítima – esporte*, foi publicado um anúncio de divulgação com o título “Revistas de ensino”, na qual constava também uma nota sobre a *Revista do Ensino*, destacando as suas principais características.

Em 20 de fevereiro de 1972, na p. 02 da *Folha Feminina*, foi publicado um anúncio avisando as professoras para buscarem o calendário do ano realizado especialmente pela *Revista do Ensino* e que deve ser retirado nas Edições Tabajara.

Em 30 de maio de 1975, na p. 09 – *Geral*, foi publicado um anúncio da Editora Tabajara, procurando agentes e datilógrafas para a *Revista do Ensino*.

Em 15 de outubro de 1975, na p. 15 do *Primeiro Caderno da Folha de São Paulo*, consta uma nota na qual a Fundação para o Livro Escolar informa que recebeu a doação da Tabajara de 15.000 exemplares de livros didáticos, referentes ao ensino supletivo e de 1º grau, que seriam distribuídos pela Secretaria de Educação do Estado para as escolas da rede oficial.

para o Curso Primário e Normal”, seguido de uma listagem de coleções, com alguns comentários. Entre eles, um que interessa especialmente a esta pesquisa, sobre a *Coleção Guri*, com a informação: “*Cartilha do Guri* - A preferência do professorado pela *Cartilha do Guri* e os inquéritos realizados em determinadas regiões pelas autoridades educacionais, atestam os altos índices de alfabetização obtidos pelos professores que a utilizam nas classes. Poderemos, pois, colocar a *Cartilha do Guri* entre as melhores no gênero de alfabetização”.

Em 1979, Olímpio Tabajara assumiu a Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos do Rio Grande do Sul, no governo de Amaral de Souza, no final do regime militar no Brasil. Cabe destacar que um de seus feitos foi a modernização do parque gráfico da Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (Corag).

Olímpio Tabajara faleceu em 24 de fevereiro de 2014, aos 88 anos de idade. Em 2015, como homenagem a este profissional e por sugestão de Celso Afonso Tabajara (filho de Olímpio), o vereador João Carlos Nedel, de Porto Alegre/RS, teve aprovado o seu Projeto de Lei, propondo que o logradouro conhecido como Rua 8836 - Loteamento Residencial Parque do Rincão, na mesma cidade, fosse então denominado de Rua Olímpio Tabajara. Nas placas denominativas da rua, constaria abaixo do nome do logradouro os dizeres: Economista e empreendedor livreiro. O processo está registrado na Lei Municipal Ordinária nº 11.940, de 15 de outubro de 2015.⁹² Sendo assim, a cidade de Porto Alegre tem, desde 2015, duas ruas, cada uma com o nome de um dos irmãos Tabajara, como homenagem pelos seus feitos, nos campos em que atuaram, entre eles o de produção editorial. A seguir, na Figura 16, as fotografias mostram Olímpio Tabajara, à esquerda, e a placa de rua com o seu nome, à direita.



Figura 16 – À esquerda, fotografia de Olímpio Tabajara, 1980. À direita, imagem com a placa de rua com o nome de Olímpio Tabajara instalada em Porto Alegre, 2015.

Fonte: Acervo particular de Celso Afonso Tabajara.

Com o crescimento da empresa, a Tabajara chegou a ter aproximadamente 50

⁹² Alguns dos dados a respeito da trajetória de Olímpio Tabajara foram extraídos do Projeto de Lei do vereador João Carlos Nedel, de Porto Alegre/RS, sob código: CMPA - Proc. Nº 0805/15 - PLL Nº 069/15. As informações estão dispostas no Art. 5º do mesmo projeto e da Lei Municipal Ordinária nº 11.940 de 15/10/15.

funcionários, incluindo os que trabalhavam em Porto Alegre e os de São Paulo. É interessante registrar também que a empresa era familiar, pois contou com o trabalho de parentes durante o período de seu funcionamento e entre os funcionários, além dos próprios irmãos Joel e Olímpio, esposas, filhos e sobrinhos também atuaram na Tabajara e participaram, mesmo que temporariamente, nos negócios, em variadas funções, em departamentos como: comercial, contábil, estoque, expedição, entre outros.

Nelson Tabajara, o segundo filho dos sete que Joel Tabajara teve, foi um dos descendentes que trabalharam na Tabajara. Segundo o seu relato, atuava esporadicamente em pequenas tarefas desde os 15 anos, foi preparado para ser editor⁹³ e aos 18 anos, ao ter a carteira assinada, foi trabalhar na sede da Tabajara em São Paulo (que havia sido criada em 1968), cidade na qual morou de fevereiro a novembro de 1969. Nelson Tabajara trabalhou em várias funções, desde a expedição até a divulgação dos livros. Segundo afirmou, em São Paulo, estudava à noite e durante o dia trabalhava na empresa da família, divulgando as obras da Livraria Tabajara nas escolas públicas, tendo visitado mais de 2000 escolas. Além disso, a cada quinzena ele visitava as livrarias para averiguar os pedidos de reposição de estoque, dentre elas a Livraria Saraiva (Nelson Tabajara, 2018). Em entrevista concedida a Gomes (2016a), relembando suas atividades de difusão das obras didáticas da Tabajara, comentou: “visitei duas mil escolas fazendo divulgação dos livros, visitava em torno de 20 escolas por dia e doava obras para as bibliotecas examinarem e se possível recomendarem a adoção para o ano seguinte”.

Além disso, Nelson Tabajara relatou que, naquela época em que a empresa estava expandindo bastante sua produção didática para outros estados, além dos convênios com o governo, muito se devia também ao trabalho realizado pelos funcionários, que faziam o trabalho de divulgação das obras diretamente nas escolas, nessas visitas, pelas quais ele mesmo lembra de percorrer desde o centro até a periferia de São Paulo, levando os livros didáticos da Tabajara (Nelson Tabajara, 2017).

Francisco José Cavalcanti de Albuquerque Tabajara e Celso Afonso Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, ambos filhos de Olímpio, também trabalharam na empresa. Em seu relato para esta pesquisa, Francisco contou que tinha 11 anos quando se mudou de Itaqui para Porto Alegre, começou a trabalhar na Tabajara aos 16 anos e atuou entre os anos de 1966 e 1972 na empresa. Iniciou como empacotador e *office-boy*, depois foi responsável pela divulgação dos livros didáticos aos professores nas escolas e, ainda, pela comercialização da *Revista do Ensino/RS* na capital. Fazia o transporte de livros didáticos em Porto Alegre, o que permitiu que ele conhecesse bastante a cidade, circulando em um veículo do tipo Kombi da

⁹³ Segundo Araújo (1986, p. 35), o editor é aquele encarregado de organizar, selecionar, normalizar, revisar e supervisionar para a publicação dos originais de uma obra e, às vezes, prefaciá-la e anotar os textos de um ou mais autores.

empresa. Trabalhou também em São Paulo e Rio de Janeiro, cidades para as quais viajava, geralmente no período de férias escolares, e nas quais estavam as gráficas onde se imprimia a maioria dos livros didáticos, especialmente aqueles comprados pelo governo federal no âmbito do programa Colted (Vários, 2017-2018).

Celso Afonso, em seu relato, comentou que começou a trabalhar na Tabajara por volta de 1968, ainda jovem, permanecendo por cerca de 4 anos nessa empresa, na qual iniciou atuando no setor de Expedição, que ficava em outro prédio, situado à Rua Sarmento Leite, em um depósito em frente à Faculdade de Medicina da UFRGS e, posteriormente, passou a ser divulgador dos livros da livraria nas escolas públicas e privadas de Porto Alegre. Após algum tempo, também começou a viajar para o interior do estado, para divulgar os livros didáticos às professoras que atuavam naquelas localidades (Celso Afonso Tabajara, 2018b).

Segundo os relatos de Celso Afonso Tabajara, muitas vezes ele e seu irmão Francisco viajaram para o interior do estado, visitando outras cidades, em um carro do modelo Brasília, “abarroado de livros didáticos até o teto”, para divulgação nas escolas, durante o recreio, em conversas diretas com as próprias professoras (Celso Afonso Tabajara, 2018b).

Além dos supracitados, nos relatos de Nelson, Celso Afonso e Carmem, foram informados nomes de outros parentes que também atuaram na Tabajara. A senhora Hilda Luiza Sperotto Tabajara (esposa de Joel) foi diretora da Livraria a partir de 1963 e sua irmã Zélia também atuou na direção, alguns anos antes, de 1950 a 1956, além de ter sido bibliotecária e contadora (ou “guarda-livros”, como se dizia também)⁹⁴, durante muito tempo. Já Myriam (filha de Joel), esteve 4 anos na empresa e parte deste tempo atuou junto à equipe responsável pela *Revista do Ensino/RS*. Outros familiares, como Maria do Horto (filha de Olímpio), José Moacir (filho de Joel) e João Freire (cunhado de Joel), também trabalharam na empresa da família, em funções não identificadas, além de Pedro (irmão de Joel e Olímpio), que era sócio, mas não atuava diretamente nas atividades da Tabajara (Nelson Tabajara, 2018; Celso Afonso Tabajara, 2018b; Carmen Tabajara, 2018).

Entre outros funcionários, sem vínculo familiar, mas destacados pela sua atuação, dedicação e fidelidade à Tabajara, segundo os relatos de Nelson Tabajara e Celso Afonso Tabajara, estavam as sras. Maria e Zoraida, secretárias que atuavam nos assuntos administrativos e financeiros, além da sra. Romilda, que atuava no balcão de atendimento, e da sra. Saturnina, a cozinheira. A sra. Zoraida também era responsável pela parte editorial, fazia a “ponte” entre os autores e os editores, era de extrema confiança do editor e resolvia junto aos autores as questões pertinentes ao projeto gráfico-editorial dos livros, inclusive

⁹⁴ Os contadores e profissionais contábeis no Brasil, nos anos de 1950 e 1960 eram conhecidos como “guarda-livros”, tendo maior reconhecimento a partir da década de 1970, quando a expressão se tornou obsoleta. Quando foi criado o registro em 1928, a função de guarda-livros era diferente da do contador, sendo que o primeiro deveria escriturar, enquanto o segundo fazer as contas, entretanto havia situações em que uma mesma pessoa poderia fazer as duas funções.

participando das decisões sobre as inserções das ilustrações no material, além de catalogar as edições publicadas, organizar os fotolitos originais, entre outras atividades administrativas. Também deve ser citado, pelo trabalho de mais de vinte anos junto à Tabajara, o sr. Getúlio Soares, que atuava na função de contador e colaborava com os diretores na organização da empresa (Nelson Tabajara, 2018; Celso Afonso Tabajara, 2018b).

Segundo os relatos de Nelson Tabajara, era comum os funcionários da Tabajara realizarem encontros na chácara da família Tabajara, no interior de Porto Alegre/RS, considerada a sede campestre da empresa, assim como em outros locais. Os eventos nessa propriedade da família aconteciam tanto para confraternização como para formação e apresentação de projetos e publicações, oportunidades em que também eram incluídos os professores da rede municipal e estadual, assim como aqueles profissionais que atuavam nos setores da educação vinculados ao governo (Nelson Tabajara, 2017; 2018).

A estrutura das dependências do casarão, nessa sede campestre, era aproveitada para a realização de congressos na área de educação e cultura, tanto regionais como nacionais, reunindo em algumas ocasiões mais de 200 professores. Eram considerados momentos de reflexão sobre o destino do ensino e dos professores no Estado e no Brasil e, também, ocasiões para divulgação das obras da Livraria Tabajara. Segundo relatou Nelson Tabajara, nos encerramentos das atividades eram oferecidas “churrascadas” aos presentes, com apresentações de folclore gaúcho e participação de artistas da região sul prestigiados na época, como o cantor regionalista Jaime Caetano Braun⁹⁵ (Nelson Tabajara, 2017; 2018). Assim, pode-se perceber que as estratégias de inserção das produções didáticas da Tabajara no mercado eram bastante variadas. A Figura 17 mostra duas dessas referidas ocasiões.



Figura 17 – Registros de eventos com profissionais vinculados à Tabajara (datas desconhecidas).

Fonte: Acervo particular de Nelson Tabajara.

⁹⁵ Nelson Tabajara (2018) lembra que em um dos congressos organizados pela Tabajara esteve um professor que falava francês, do qual não se lembra o nome, que indicou como sendo o criador dos Blocos Lógicos, na década de 1960, considerados na época uma estratégia revolucionária na lógica do desenvolvimento inicial da matemática. Conforme essas informações, Tabajara deve estar se referindo a Zoltan Paul Dienes, um professor húngaro, que é sabido que esteve várias vezes no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Na Figura 17, acima, na fotografia à esquerda aparecem, da esquerda para a direita: sra. Gelci (esposa de Olímpio Tabajara); Pedro Tabajara (irmão de Joel e Olímpio Tabajara que também trabalhou nas Edições Tabajara); professora Eddy Flores Cabral (autora de livros didáticos publicados pelas Edições Tabajara)⁹⁶; Joel Tabajara (proprietário das Edições Tabajara); sra. Clari (professora e funcionária responsável pela divulgação e distribuição da *Revista do Ensino/RS*); sra. Hilda Luiza Sperotto Tabajara (esposa de Joel Tabajara e mãe de Nelson Tabajara); sra. Celina (esposa de Pedro Tabajara); ao fundo na lateral direita da imagem, a mulher que aparece parcialmente é a sra. Zoraida (funcionária da empresa, anteriormente referida). A fotografia à direita foi registrada na chácara da família Tabajara e apresenta, entre os funcionários, no fundo, em pé na cabeceira da mesa, Nelson Tabajara, acompanhado de sua mãe, a sra. Hilda Luiza Sperotto, esposa de Joel Tabajara.

Considera-se pertinente, aqui, referir a importância de mostrar os dados coletados diretamente com os envolvidos no processo, através de seus relatos, pois apesar de serem consideradas informações complementares, mostram características da dinâmica do funcionamento cotidiano da empresa. Essas referências fazem com que os relatos também sejam entendidos como uma espécie de documento, pois de outra forma, poderiam ser histórias esquecidas e perdidas no tempo, visto que contam sobre os episódios, rotina, atividades, funções e esclarecimentos que não aparecem nos livros e tampouco em documentos oficiais.

No final da década de 1960, as Edições Tabajara já possuíam filiais e escritórios de representação em São Paulo/SP (situada na rua Santa Efigênia nº 7, 59 e 72 e, por último, na rua Pelotas, nº 334), e em Guanabara/RJ (situada na Av. Erasmo Braga, nº 255 - 8º andar e, posteriormente, na rua Pedro Alves, nº 150). No mesmo período, as Edições Tabajara contavam com representantes e revendedores em outras cidades, tais como Florianópolis/SC, Curitiba/PR, Belo Horizonte/MG e Goiânia/GO.

Segundo os relatos de Nelson Tabajara, na década de 1970 começaram a surgir parcerias de edição com outras editoras, como a José Olympio⁹⁷ e a Ática⁹⁸. Esta, editora nova no mercado didático, criada em meados de 1965 em São Paulo, com interesse em ingressar no mercado gaúcho de livros didáticos, aliou-se à Editora Tabajara para que a mesma a representasse no estado, na venda dos livros. Através desse acordo e pelas experiências com a Tabajara, a Ática conseguiu abrir espaço para suas vendas na região sul e acabou se tornando uma das principais editoras no ramo do país, até ser vendida para a

⁹⁶ Há alguns livros didáticos de autoria de Eddy Flores Cabral no acervo do Hisales.

⁹⁷ A Livraria José Olympio Editora foi fundada por José Olympio Pereira Filho em 1931, na cidade de São Paulo. Em 2001, foi adquirida pelo Grupo Editorial Record. Ver mais em: Hallewell (2005).

⁹⁸ A Editora Ática foi fundada em 1965, em São Paulo, por Anderson Fernandes Dias, Vasco Fernandes Dias e Antônio Narvaes Filho. Em 2004, foi adquirida pela Abril Educação, transformada no atual grupo Somos Educação. Ver mais em: Hallewell (2005).

Editora Abril (Nelson Tabajara, 2017; 2018).

Em todas as publicações analisadas no *corpus* de pesquisa, a marca utilizada pela empresa Tabajara é a mesma, o que indica que não houve alterações na sua identidade gráfica, no período estudado, entre as décadas de 1950 e 1970. O que em alguns exemplares modifica é a informação que aparece acima da marca, como a identificação "Edições", por exemplo, que nem sempre está inserida naquele campo visual⁹⁹. A Figura 18 mostra a marca aplicada nos impressos da Tabajara.



Figura 18 - Marca das Edições Tabajara - fragmento da contracapa do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

A marca remete a um brasão, no qual está colocado ao centro um globo apoiado sobre um livro fechado e à frente há um tinteiro com uma pena que se cruza com uma flecha, ambos em direção diagonal, opostos um ao outro, fazendo uma posição de X dentro dos limites do símbolo com formato praticamente quadrado, apesar dos cantos arredondados e da ponta saliente no meio da base inferior. O brasão, neste caso, foi criado para identificar uma corporação e com esse modelo de escudo, simboliza proteção e defesa, podendo significar também a honra do que está representando. Junto a ele, então, no lugar de armas surgem os ícones utilizados para simbolizar a escrita, a leitura, o conhecimento, a abertura ao desconhecido, a realização e os desafios no mundo da literatura em geral.

A flecha também remete às origens da família, ao fazer relação com o instrumento utilizado pelo grupo indígena Tabajara (conforme comentado na nota de rodapé 81), além de simbolizar o ensino e a cultura, cruzando o globo terrestre, como se fosse fazer a volta ao mundo. O nome da empresa aparece no centro do brasão, levemente encurvado na parte

⁹⁹ Na obra de Machado (2003), um trabalho exaustivo que mostra muitas etiquetas com as marcas de livrarias de todas as regiões do país, estranhamente não consta a marca da Tabajara apresentada neste trabalho. Há somente uma imagem que se assemelha a um fragmento de página (p. 63), na qual estão o nome e o endereço da casa editorial, apresentados apenas textualmente, sem nenhum tratamento gráfico e visual diferenciado.

central e para baixo, sobrepondo-se aos ícones dispostos no mesmo espaço.

Segundo Nelson Tabajara, a sugestão desse modelo de marca parece ter sido de seu pai Joel Tabajara e “já simbolizava o sonho de um idealizador destemido que ambicionava ir além das fronteiras do Estado do Rio Grande do Sul com suas obras” (Nelson Tabajara, 2018). A marca começou a ser utilizada nos impressos provavelmente entre 1958 e 1959 (ibidem), o que coincide com a conferência nos livros didáticos do acervo do Hisales que estão datados, cuja inclusão foi constatada a partir do ano de 1959.

A incorporação da marca reforça a identidade visual da editora e nota-se que ela aparece em praticamente todas as divulgações de livros que a empresa fazia, tanto os recém lançados, como os que estavam no prelo, além dos que estavam em edição, o que revela o interesse e os métodos adotados pela editora para propagandear todas as obras possíveis, mesmo antecipadamente, utilizando-se de chamadas e frases estratégicas, para atrair os possíveis compradores, usuários e leitores.

Além da propaganda realizada no próprio suporte dos livros didáticos que circulavam nas escolas, durante a pesquisa foram encontrados vários modelos e formatos de notas e anúncios das obras publicadas pela Tabajara em jornais gaúchos e paulistas, em periódicos literários e em revistas, como a *Revista do Ensino/RS*¹⁰⁰, periódico que foi editado por essa editora entre os anos de 1970 e 1975. Com base em todos os materiais consultados, é conspícuo que a maior parte dos livros que eram divulgados eram didáticos, sendo raros aqueles de outras temáticas, ou seja, técnicos e de literatura em geral.

Dito isso e somando-se aos dados reunidos durante a pesquisa, pode-se confirmar que a Tabajara trabalhava quase que exclusivamente com produção didática e esteve entre as que mais publicaram livros deste tipo. Também, segundo os indicadores de Tambara & Arriada (2011, p. 11), a editora teve bastante destaque neste tipo de produção entre as décadas de 1950 e 1960, além de editoras como a Sulina e a Globo, conseguindo alcançar “uma relativa projeção que extrapolou o nível regional”.

Em função das exigências do mercado na região sul e através de uma parceria com a Secretaria de Educação do Estado, a Tabajara elaborou cartilhas de alfabetização e coleções de livros didáticos para suprir possíveis exigências do currículo regional. Segundo dados retirados de uma entrevista concedida por Nelson Tabajara em 2011 a um *site* de notícias, a Livraria Tabajara teria obtido 80% do mercado do Rio Grande do Sul, 60% de Santa Catarina e 30% do Paraná, aproximadamente (GOMES, 2016a). Apesar desses percentuais informados, não foi possível realizar uma comprovação dos referidos valores durante esta

¹⁰⁰ Na *Revista do Ensino/RS* foram encontradas 15 propagandas da Tabajara, em geral de página inteira ou mesmo na contracapa, mas isso só foi feito no período em que a Revista foi publicada pela própria Editora Tabajara, visto que antes e depois, com as outras empresas que também publicaram esse periódico, não se encontrou o mesmo tipo de publicidade.

pesquisa, pela dificuldade de acesso a documentos oficiais e suficientes para tal.

Com a criação de uma nova sede da editora em São Paulo, suas publicações teriam alcançado 600.000 professores e muitos alunos por todo o Brasil, na alfabetização de crianças e adultos através de suas cartilhas, entre as quais estava a destacada *Cartilha do Guri* (GOMES, 2016a). Isso se deve também à vinculação de suas publicações didáticas aos programas governamentais desenvolvidos pelo MEC naquele período.

Por isso, é importante conhecer também as políticas educacionais para as publicações didáticas que vigoravam naquele período de atuação da Tabajara no mercado editorial didático, visto que “o contexto legislativo e regulador, que condiciona não somente a existência e a estrutura, mas também a produção do livro didático, é condição preliminar indispensável a qualquer estudo sobre a edição escolar” (CHOPPIN, 2004, p. 561). Com isso, implementava-se regulamentações específicas de controle de produção, formato, conhecimentos e conteúdo, distribuição e uso dos livros escolares.

Entre os programas governamentais identificados nas publicações didáticas da Tabajara estavam a Comissão do Livro Técnico e Didático (Colted), que mais tarde foi transformada em Instituto Nacional do Livro (INL)¹⁰¹. Este, entre 1971 e 1976 executou o sistema de coedição de livros didáticos, pelo Programa do Livro Didático, que continha alguns subprogramas, entre eles o Programa do Livro Didático - Ensino Fundamental (Plidef)¹⁰², no qual alguns livros da Tabajara estavam incluídos. Além disso, tem-se conhecimento de exemplares (conferidos no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro) que registram vínculos de edição à Fundação Nacional do Material Escolar (Fename)¹⁰³.

¹⁰¹ De acordo com Vahl et al. (2014), com a extinção da Colted em 1971, as ações desta comissão foram absorvidas pelo Instituto Nacional do Livro (INL). Fundado pelo decreto-lei n. 93, de 21 de dezembro de 1937, no Governo de Getúlio Vargas, por iniciativa de Gustavo Capanema, Ministro da Educação e da Saúde Pública, o INL funcionou a partir de 1937, com sede em Brasília, foi integrado à Fundação Pró-Leitura em 1987 e transformado em Departamento Nacional do Livro, junto à Biblioteca Nacional, em 1991 (HALLEWELL, 2005). O INL, cujo primeiro diretor foi o escritor gaúcho Augusto Meyer, era responsável pela formulação das diretrizes do Ministério da Educação e Cultura em relação ao programa editorial e aos planos de ação para o livro técnico e o livro didático. Dessa forma, esse órgão passou a coordenar e executar as atividades relacionadas à produção, a edição e a distribuição de livros técnicos e de livros didáticos e a autorizar a celebração de contratos e convênios com editores, gráficas, autores, distribuidores e livreiros (BRASIL. Decreto nº 68.728. DOU, 11/06/1971, p. 4456-4457). O INL investia em edições próprias ou através do sistema de coedições, que possibilitavam a venda de livros a preços mais acessíveis e também realizava doações de obras a bibliotecas públicas e escolares. Segundo Hallewell (2005, p. 394), entre outras orientações encontradas no decreto original de 1937, constava também como função do INL ser um “instrumento do controle direto do governo sobre os livros que poderiam ser legalmente publicados ou importados”, porém, em dois anos esse órgão não tomou medidas nesse sentido e tais atribuições foram então transferidas para um serviço de censura criado especialmente para essa função, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

¹⁰² De acordo com Peres e Vahl (2014), o Programa do Livro Didático - Ensino Fundamental (Plidef) esteve em vigência entre os anos de 1971 e 1976 e previa um sistema de coedição entre o setor público e o setor privado. Após esse período (1976), o Plidef passou a ser coordenado pela Fundação Nacional do Material Escolar (Fename), sendo incorporado à Fundação de Apoio ao Estudante (FAE) em 1983. Em 1985, o Plidef foi extinto com a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

¹⁰³ A Campanha Nacional de Material do Ensino (CNME), que existia desde 1956, foi transformada na Fundação Nacional do Material Escolar (Fename) em 02 de outubro de 1967, por meio da Lei n. 5327. A Fename tinha a função de produzir e distribuir materiais escolares e didáticos para as escolas, “de modo a contribuir para a melhoria de sua qualidade, preço e utilização” (Lei n. 5.327/67). Além disso os materiais escolares e didáticos

Hallewell (2005, p. 568) indica a Tabajara entre as editoras que mais se beneficiaram do programa de coedições do INL, de acordo com o disposto no *Catálogo das Co-Edições do INL, 1971-1974*. Nessa listagem, a editora de maior índice é a José Olympio, que aparece com 116 edições, seguida do Ibep (65), Editora do Brasil e Melhoramentos (ambas com 63), Ao Livro Técnico (57), Abril Cultural (53), Nacional (50), Tabajara (38), Martins (37), Conquista (35), FTD (30), Blücher (27), Expressão e Cultura (25), Bloch e Brasiliense (ambas com 24), Agir e Vigília (ambas com 23), Globo (21) e Aguilar (20).

De acordo com dados levantados por Peres & Vahl (2014), para demonstrativo do número de títulos coeditados pelas editoras junto ao Plidef/INL, entre os anos de 1971 e 1975, em um comparativo entre 34 editoras privadas, no caso da Editora Tabajara foram coeditadas as seguintes quantidades de títulos: entre 1971 e 1972 - 15 títulos; entre 1972 e 1973 - 24 títulos; entre 1973 e 1974 - 14 títulos; entre 1974 e 1975 - 06 títulos. Com esse montante de 59 títulos, a Editora Tabajara esteve entre as editoras que editaram o maior número de títulos por meio do Plidef/INL no período observado¹⁰⁴. Inclusive, deve-se mencionar que entre esses títulos da Tabajara, foram encontrados alguns que pertencem à *Coleção Guri: Terceiro Livro do Guri* (1970), *Cartilha do Guri* suplementada pelo Manual do Professor (1971) e *Primeiro Livro do Guri* (1971) (VAHL, 2014).

Percebe-se que, em função desses convênios com programas vinculados ao governo federal, tais coedições evidenciavam o interesse comercial no fechamento de contratos que garantiam, assim, a compra de parte significativa de tiragem dos livros didáticos e, dessa forma, contribuíram de fato para que as publicações da Tabajara atingissem cidades pelo Brasil afora e não ficassem restritas apenas ao estado gaúcho. Isso comprova, mais uma vez, que o livro didático é realmente parte de um ciclo de negócios no mercado da educação e uma mercadoria que, segundo Munakata (2012b, p. 58), “sempre teve relevância no conjunto da economia livreira, embora muitas vezes aparecesse mascarada nas estatísticas”.

É importante registrar, também, a participação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE/RS), vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do RS

produzidos pela Fename seriam distribuídos a preço de custo e poderiam ser comprados nos postos de distribuição e pelo correio. O órgão, que se tornou a grande editora do governo militar, foi extinto em 1983, ao ser incorporado pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) (FILGUEIRAS, 2013). Entre os impressos didáticos vendidos pela rede de postos de distribuição existentes em todo o país, estavam enciclopédias, dicionários, gramáticas, atlas, antologias e vários compêndios, além de diversos outros materiais de ensino. Segundo Hallewell (2005, p. 557), tanto os livreiros como os editores queixavam-se do Fename, com sua Campanha Nacional de Material de Ensino, “para oferecer aos alunos carentes material de papelaria barato, mas que agora estavam invadindo o mercado de livros didáticos, com a produção de atlas, dicionários etc., vendidos em seus pontos-de-venda a preços irreais, altamente subsidiados, prejudicando a comercialização de obras similares produzidas pelo setor privado”.

¹⁰⁴ Entre as demais editoras que editaram o maior número de títulos por meio do Plidef/INL, no período observado, estavam: Editora do Brasil (94 títulos), Editora Ao Livro Técnico (85 títulos), Editora Ibep (84 títulos) e Editora Abril (61 títulos). Somadas, essas editoras produziram juntas mais de 50% dos títulos coeditados pelo Plidef/INL. Já a Editora Globo (também de origem gaúcha), registrou apenas 09 títulos coeditados nesse período.

(SEC/RS), como órgão responsável pelo fomento da produção didática no RS a partir dos anos 1940, que teve bastante influência nas publicações da Tabajara. Essa relação e parceria nas produções didáticas entre o CPOE e as Edições Tabajara teve início no final da década de 1950. Sobre os processos de produção e fiscalização dos livros didáticos, Choppin indica:

A análise histórica mostra também que a regulamentação que se aplica aos livros texto se insere em um conjunto organizacional mais vasto, em que a definição dos programas, o rol da edição privada, a disponibilização de créditos e o lugar determinado à formação e à inspeção do pessoal docente têm um papel essencial (CHOPPIN, 2008, p. 27).

Nesse sentido, no âmbito das atividades da Tabajara, entre 1970 e 1975, ela foi responsável por editar e distribuir a *Revista do Ensino/RS*¹⁰⁵, um periódico educacional vinculado à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, sob supervisão técnica do CPOE/RS e dedicado à orientação e formação pedagógica dos professores, com grande tiragem e circulação por todo o país e inclusive internacionalmente (publicada de 1939 a 1942 - 1ª fase, de 1951 a 1978 - 2ª fase, e de 1989 a 1992 - 3ª fase)¹⁰⁶. Segundo Bastos (2005, p. 339), a revista visava “ser um instrumento técnico-pedagógico de atualização permanente do magistério, elevando o nível qualitativo dos profissionais da educação, através da divulgação de experiências pedagógicas, da realidade da educação e do ensino”.

A Tabajara também publicou a Cartilha do Agricultor, em 1970, obra dividida em 5 volumes¹⁰⁷, produzidos pela Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, de bastante repercussão na época, tendo em vista a atenção do governo com a produção no campo e a sua contribuição para a evolução econômica do estado. A publicação, coordenada pelos agrônomos Oswaldo Baucke e Nilson Gonçalves Maia, era inédita na América do Sul e visava especificamente dar ao homem do campo um sentido novo da dimensão do meio em que atuava como produtor, permitindo-lhe melhor integração econômico-social e maiores índices de produtividade e concentração ao trabalho. A previsão era de distribuição de 52.000 coleções completas aos produtores do estado.

¹⁰⁵ A edição n. 127 (em 1970) da *Revista do Ensino/RS* foi a primeira publicada pela Tabajara e sabe-se que seguiu com essa editora até a n. 143, pelo menos, conforme conferência nos exemplares disponíveis no acervo do Hisales. Porém, nesse acervo não consta a coleção completa de todas as edições dessa publicação. Nos seis anos anteriores a 1970, a impressão da revista esteve a cargo de empresas paulistas e com o contrato assinado entre a Secretaria de Educação e Cultura do estado e a Livraria Tabajara, ela voltou a ser editada em Porto Alegre. Na assinatura do referido contrato, em 17 de julho de 1970, estiveram: o Secretário de Educação e Cultura do Estado, professor Luiz Leiseugneur de Faria, a diretora da *Revista do Ensino/RS* professora Maria Lutzemberger, o diretor da Livraria e Editora Tabajara Olímpio Tabajara; a diretora do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da SEC, professora Itália Faraco e o chefe de gabinete da SEC, o sr. Enio Guedes.

¹⁰⁶ Para saber mais sobre a *Revista do Ensino/RS*, ver Bastos (2004, 2005). Além disso, Bastos também tem investido em trabalhos de análise de imagens e pela iconografia nesse mesmo periódico. Para saber mais sobre isso, ver: Bastos; Busnello (2004); Bastos; Lemos (2006); Bastos; Lemos; Busnello (2007); Ferraz; Bastos (2017); Bastos (2017).

¹⁰⁷ Os exemplares disponíveis no acervo do Hisales apresentam os seguintes temas: 1º Volume: 1ª parte – apresentação / 2ª parte – o homem e a família; 2º Volume: 3ª parte – A casa e os haveres / 4ª parte – A terra; 3º Volume: 5ª parte – As lavouras e as plantas; 4º Volume: 6ª parte – Os animais; 5º Volume: 7ª parte – A produção / 8ª parte – Os rendimentos / 9ª parte – A comunidade / 10ª parte – Conclusão.

Um dos acontecimentos na trajetória da Tabajara, destacados por Nelson Tabajara em entrevista (GOMES, 2016a), referia-se aos trâmites na época da Ditadura Militar, época na qual as editoras apresentavam ao governo suas obras didáticas, que eram submetidas à avaliação de uma comissão responsável, para uma possível adoção nas escolas públicas.

Outra informação bastante interessante é a de que enquanto no Rio Grande do Sul a Tabajara vendia bem a *Cartilha do Guri* e os demais livros da *Coleção Guri*, para várias séries, no Ceará a mesma editora divulgava a cartilha *O Curumim* e os livros para as séries seguintes, ambas com boa aceitação nas escolas de cada estado e com características regionais nas suas produções¹⁰⁸. Segundo o relato de Nelson Tabajara (2008), seu pai Joel não se conformava com a baixa venda da *Coleção Guri* em outros estados fora da região sul. Isso acontecia, segundo ele, porque havia uma certa resistência, pois, consideravam esses livros essencialmente rurais, em especial a *Cartilha do Guri*.

Em função disso, a editora decidiu criar uma cartilha específica para o Nordeste, com o título *O Curumim*, palavra que regionalmente significa “guri” naquela área e, posteriormente, foram publicados os livros seguintes. Essa coleção didática é de autoria de Maria Zelia Galvão de Almeida, de Alagoas/Ceará, e foi publicada no início da década de 1970, pela Tabajara sediada em São Paulo. Em breve pesquisa, foram encontrados registros dos seguintes títulos publicados, via *internet*: *O Curumim na terceira série: lê e aprende*; *O Curumim na quarta série: cresce e descobre*; *Manuais do Professor*.

Vale reforçar que o período entre as décadas de 1940 e 1980 é considerado o auge da produção gaúcha de livros didáticos no Rio Grande do Sul (PERES, 2006a). Conforme dito anteriormente, as Edições Tabajara se destacam em maior quantidade de publicação de títulos de livros didáticos produzidos por autoras gaúchas, em comparação à outras editoras conhecidas no setor naquele mesmo período, tais como as regionais Editoras Globo, Selbach e Tomatis, e as do eixo Rio-São Paulo (que tinham filiais no RS e também editaram livros de autoras gaúchas), Editora do Brasil e Editora FTD (VAHL et al., 2014; VIEIRA et al., 2013).

As informações mostradas até então são relevantes para que se compreenda melhor a contextualização do mercado editorial didático em que se inseria a Tabajara e para que sejam questionadas e avaliadas as razões pelas quais isso se dava desta forma. Lopes & Galvão (2001), em seus estudos, comentam que “[...] o próprio objeto que se estuda certamente vai mostrar que só é possível compreendê-lo quando posto em relação com outros objetos, aspectos, fenômenos, que caracterizavam aquela mesma época” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 44-45).

As obras didáticas da Tabajara eram destinadas a diferentes séries escolares,

¹⁰⁸ Futuramente, pretende-se investir na realização de um trabalho de análise comparativa entre essas duas coleções, caso seja possível encontrar exemplares de *O Curumim*.

abrangendo pré-livros, cartilhas, livros de leitura, livros de atividades, livros de admissão ao ginásio e manuais do professor. As coleções didáticas incluíam diversas áreas do conhecimento, tais como Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e Naturais.

Conforme já apresentado anteriormente (na descrição do *corpus* de pesquisa), entre as publicações didáticas localizadas no acervo do grupo de pesquisa Hisales e que fazem parte do *corpus* de investigação dessa pesquisa, estão as intituladas: *As Férias com o Vovô*, *Brincar e Aprender*, *Céu Azul*, *Educação Moral, Cívica e Política na Escola Fundamental*, *Estudos Sociais e Linguagem*, *Exercícios de Gramática Funcional*, *Ciências Naturais*, *Garotos Tevê*, *Coleção Guri*, *Atlas Histórico Escolar – Rio Grande do Sul*, *Linguagem e Estudos Sociais*, *Marcelo, Vera e Faísca*, *Minhas Descobertas*, *Nossos Exercícios - Estudos Naturais*, *Nossos Exercícios - Estudos Sociais*, *Nossos Exercícios - Linguagem e Estudos Sociais*.

Há casos de reedições e de altas tiragens que indicam a grande expansão, utilização e circulação dos impressos das Edições Tabajara. Trata-se, por exemplo, do Segundo Livro da *Coleção Guri* - de 1971, em sua 16ª edição com a tiragem de 30.000 exemplares, comprovando sua longevidade, reconhecimento e recorrência no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Além disso, "cada edição de um livro é um registro fóssil de um texto" (LUPTON, 2006, p. 65). A Figura 19 ilustra esse caso, comprovado pela listagem de edições impressa em uma de suas páginas pré-textuais.

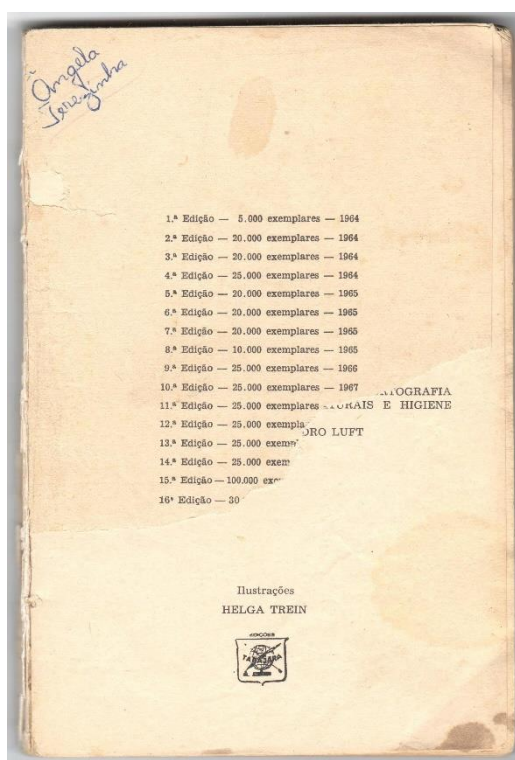


Figura 19 - Página do *Segundo Livro do Guri* (16ª ed., 1971, Ed. Tabajara), indicando a alta quantidade de edições.
Fonte: Acervo Hisales.

Em relação ao termo “páginas pré-textuais” supracitado e a outros que devem aparecer na continuidade do texto, aproveita-se aqui para esclarecer algumas definições, para compreensão das partes de um livro. Segundo Araújo (1986), um livro pode ser dividido em quatro partes: pré-textual, textual, pós-textual e extratextual. A parte pré-textual reúne os elementos como: folha de rosto, dedicatória, epígrafe, sumário, prefácio, agradecimentos, introdução, entre outros. Já a parte textual, é formada pelo texto do livro e suas divisões, as chamadas seções ou capítulos. A parte pós-textual é composta pelo posfácio, apêndice, glossário, bibliografia, índice, incluindo também outros elementos, como o colofon, por exemplo. A parte extratextual refere-se à capa a qual se divide em: capa ou primeira capa, segunda capa, terceira capa, contracapa ou quarta capa, primeira orelha, segunda orelha, sobrecapa e lombada.

Retomando o tema das edições, deve-se levar em consideração que, em determinados casos, nem sempre uma quantidade alta de reedições de livros didáticos será diretamente proporcional a um grande número de tiragens. Isto faz com que, por exemplo, uma quantidade significativa de exemplares impressos em somente uma tiragem possa revelar mais do que uma quantidade alta de reedições de determinado livro didático que tenha tiragens pequenas. Por isto, é preciso atentar para esses dados, também encontrados em alguns casos de livros didáticos da Tabajara.

Na sua maioria, as obras didáticas eram de autoria de mulheres, professoras vinculadas ao CPOE/SEC-RS e a quase totalidade delas era produzida em coautoria. Vale ressaltar, como um dado relevante, que apenas um homem foi localizado entre os 41 autores identificados nos exemplares da Tabajara do acervo do Hisales, sendo ele o professor Elbio N. Gonzales¹⁰⁹. Entre as autoras estão, organizados em ordem alfabética, as seguintes professoras, além do autor referido: Alsina Alves Lima, Amélia Pinto Bulhões, Angélica Serena Otto Beyer, Clélia de Souza Guedes, Dalva da Rosa Dupuy, Desira Geni Brum Lago, Dionice Therezinha de Bartolo, Dorothy Fossati de V. Moniz, Eddy Flores Cabral, Eloah Ribeiro Kunz, Eny Emília Dias da Silveira, Flávia E. Braun, Giselda Guimarães Gomes, Inah Valente Lopes Pires, Íris Machado Millete, Isabel Franchi Cappelletti, Jovita Maineri Brum, Lêda Riveiro Pereira, Lia Magali Pacheco Escobar, Liene Maria Martins Schütz, Lila Maria Lena Souza Alano, Liliana Tavares Rosa, Livia M. Villas Bôas, Luiza Suzy Nácúl de Andrade, Maria Flora de Menezes Ribeiro, Maria Heoniza Nascimento da Silva, Maria Lígia Groenendal Aguiar, Marieta Lúcia Machado Nicolau, Marilena Tavares Rosa, Martha Silva de Carvalho, Norma

¹⁰⁹ Entretanto, já foram identificados nomes de outros autores do sexo masculino em obras didáticas da Tabajara localizadas em outros acervos, tais como: Arnaldo Niskier, Oswaldo Baucke, Mem de Sá, Harlen E. Smith, José Lodeiro, Paulo Appel, Mozart Victor Russomano, entre outros. Produziram obras relacionadas às temáticas de administração escolar, dicionários, Direito, sendo vários de nível universitário, etc.

Menezes de Oliveira, Norma Nunes de Menezes¹¹⁰, Rachel Kier Citrin, Rosa M. Ruschel, Ruth Ivoty Torres da Silva, Sandra Joaquina Vianna Braga, Sydia Sant'Anna Bopp, Therezinha Tarantino Neuenfeldt, Valda Luzia Oliveira Ramalho e Vanda Spieker Cafruni¹¹¹.

Entre os 14 ilustradores e ilustradoras identificados nas coleções didáticas da Tabajara, estão, em ordem alfabética: Ana Amélia Fossati Metsavaht, Anelise Trein Becker de Lima (aparece com variações no nome), Aura Serrano, Helga J. Trein, Heloiza Helena Campos Carneiro, José Ferreira da Silva, Lourdes Comparsi, Luiz Carlos Tabajara (aparece com variações no nome), Luiz Borges, Mário José Bernardo, Miron Zaions, Rolando Carrettiero, Therezinha Tabajara Baims, W. N. Arte Publicitária¹¹². É possível observar que, curiosamente entre esses ilustradores, encontra-se um total de 07 homens, número maior do que entre os autores, anteriormente citados, e igualmente 07 mulheres, o que revela um dado importante da participação das mulheres também como ilustradoras nos livros didáticos. Ademais, é interessante destacar os nomes de duas pessoas com o sobrenome Tabajara neste grupo, que são da mesma família proprietária da editora: Luiz Carlos Tabajara e Therezinha Tabajara Baims. Trata-se de irmãos, filhos de Aristides Tabajara e sobrinhos dos editores Joel Tabajara e Olímpio Tabajara.

Algumas coleções contêm ilustrações de vários ilustradores, sendo que alguns inclusive não estão referenciados nos dados editoriais dos livros didáticos¹¹³ e, além do mais, há indícios de que se fazia reaproveitamento e/ou adaptação de imagens entre as distintas coleções ou entre os volumes de uma mesma coleção, sendo que neste caso, essa estratégia foi confirmada e pode ser conferido no capítulo 04, com as análises das imagens da *Coleção Guri*¹¹⁴.

Outrossim, há pelo menos um caso em que uma das ilustradoras citadas também é professora e autora de outra coleção, publicada inclusive por uma editora diferente. Trata-se

¹¹⁰ Norma Nunes de Menezes e Norma Menezes de Oliveira são considerados, neste texto, dois registros diferentes de autoras, por terem sido encontrados em publicações distintas. Contudo, pela semelhança entre seus nomes, existe uma hipótese de que sejam a mesma pessoa, podendo serem relativos aos sobrenomes de solteira e de casada da referida professora. Não foi possível confirmar essa informação, durante esta pesquisa.

¹¹¹ Algumas dessas autoras e suas trajetórias intelectuais já foram estudadas, por pesquisadores. Fraga (2017) em sua tese, mostra dados sobre as professoras Eddy Flores Cabral, Eloah Ribeiro Kunz, e Ruth Ivoty Torres da Silva. A monografia de Vahl (2012) trata sobre a professora Sydia Sant'Anna Bopp. Na tese aqui apresentada, são expostos dados sobre os autores e professores Elbio N. Gonzales, Dalva da Rosa Dupuy, Flávia E. Braun e Rosa M. Ruschel, visto que estes quatro profissionais participaram da produção da *Coleção Guri*.

¹¹² Nesta tese, são mostrados dados a respeito da trajetória intelectual das ilustradoras Anelise Trein Becker de Lima e Helga Trein, assim como do desenhista de mapas e ilustrador Miron Zaions. Esses três profissionais participaram da produção da *Coleção Guri*.

¹¹³ Isso foi constatado através da localização de algumas assinaturas de autoria inseridas nas próprias imagens e que não aparecem incluídas nas informações editoriais impressas nas páginas pré-textuais do livro.

¹¹⁴ Em contraposição, na cartilha intitulada *Marcelo, Vera e Faísca*, por exemplo, não há imagens nas suas páginas, constando apenas uma ilustração na capa. Este livro era bastante conhecido e usado nas escolas gaúchas (PERES; RAMIL, 2015c). De acordo com informações do Manual do Professor dessa cartilha, as páginas "em branco" e sem imagens eram propositadamente assim, para que as crianças realizassem seus próprios desenhos relacionados com as informações textuais contidas nelas.

de Helga J. Trein, a ilustradora da *Coleção Guri* e que tem coautoria com Nelly Cunha nos livros didáticos da *Série Era Uma Vez*, que integra os títulos *Novas Travessuras do Pirulim*, *O Canto do Brasileiro*, *Páginas do Sul*, *Pinceladas Verde-Amarelas*, publicados pela Editora Globo¹¹⁵.

Encontra-se, nas contracapas de vários exemplares, propagandas com divulgação de outras publicações didáticas das Edições Tabajara, contendo informações que destacam características tais como: programas de ensino, padrão educacional, professoras autoras, cores, valores, lançamentos, entre outros, como reflexo de uma preocupação da Editora em demonstrar o diferencial de suas obras didáticas para os possíveis clientes e leitores.

Estes casos comprovam mais uma vez a importância de se analisar minuciosamente a materialidade dos impressos, para além do conteúdo textual ali disposto como prioritário, pois há partes dos livros que podem revelar dados importantes para a investigação sobre livros didáticos. É possível exemplificar isso com o caso da Tabela 06 (Apêndice E), apresentada anteriormente, que foi elaborada a partir dos dados encontrados em 43 contracapas dos exemplares analisados, resultando desde já em uma listagem inicial das produções didáticas publicadas pelas Edições Tabajara. A Figura 20, a seguir, apresenta algumas contracapas dos volumes analisados, nas quais é possível verificar esses dados.



Figura 20 - Contracapas de alguns exemplares das coleções didáticas das Edições Tabajara.

Fonte: Acervo Hisales.

¹¹⁵ Esses dados foram extraídos pela análise realizada apenas com os exemplares fisicamente disponíveis e catalogados no acervo do Hisales.

Em relação a este recurso de publicidade, utilizado com recorrência nas publicações didáticas da Tabajara, foi encontrado um registro do Departamento Nacional da Propriedade Industrial, de 09/02/1967, publicado no Diário Oficial de 17/02/1967 (N. 33, p. 01 – Seção III), que discorre sobre o pedido de preferência solicitado pela Livraria Tabajara S. A., no termo 174.336, para o “privilegio de invenção para nova modalidade de propaganda inserida em livros didáticos”, que foi concedido pelo Secretário da Indústria. Na falta de maiores esclarecimentos sobre a dita modalidade, há indícios de que esse termo faça referência ao caso recém comentado.

São registrados nos livros didáticos, também, os vínculos a programas de governo e convênios, como referido, em geral apresentados nas folhas de rosto dos impressos, seja por selo impresso ou por carimbo ou informação registrada em forma de texto por extenso, tais como: CPOE/RS, Colted (Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático) e INL (Instituto Nacional do Livro)¹¹⁶. A presença desses dados no próprio suporte dos livros didáticos facilita informações para além de seus registros fixados em documentos oficiais, o que contribui muito para quem pesquisa temas afins¹¹⁷.

Por isso, deve-se atentar para todos os detalhes dispostos nas páginas dos impressos, de onde podem ser extraídos elementos significativos para uma investigação. Na Figura 21, a seguir, constam algumas imagens de fragmentos dos livros didáticos da Tabajara, que exemplificam os vínculos oficiais e institucionais supracitados. Entre os exemplos, os dois primeiros, na linha superior são relativos à revisão e ao vínculo com o CPOE, enquanto que, na linha debaixo, o primeiro (à esquerda) mostra organização vinculada ao CPOE e os dois últimos (ao centro e à direita), mostram a indicação de coedição e convênios com a Colted e o INL, do MEC.

¹¹⁶ Há livros didáticos nos quais foram encontrados também carimbos indicando vínculo à escolas e/ou bibliotecas escolares e seus respectivos registros de catalogação, além de alguns casos com a referência de livrarias. Estas informações, embora não sejam prioritárias nesta pesquisa, auxiliam a inferir sobre a circulação de tais publicações. Neste trabalho, os registros identificados nos carimbos não foram detalhados quanto à todas as coleções do acervo, porém, quanto aos encontrados nos livros didáticos da *Coleção Guri*, foco desta pesquisa, são descritos no capítulo 04, referente a eles.

¹¹⁷ O mesmo vale para os livros publicados até os dias de hoje, considerando os programas oficiais vigentes na época em que foram publicados e, por serem mais recentes, de certa forma a localização de dados de produção e circulação tenderia a ser facilitada e mais acessível, pela existência de tais registros, de forma impressa e virtual. Como exemplo, entre os programas do governo mais recentes e vinculados ao Ministério da Educação, aqui são referidos alguns: Programa Nacional do Livro Didático (PNLD – Distribuição de livros para alunos do Ensino Fundamental); Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM – Distribuição de livros para alunos do Ensino Médio); Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA – Distribuição de livros para alunos da educação de jovens e adultos); Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE); Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL).

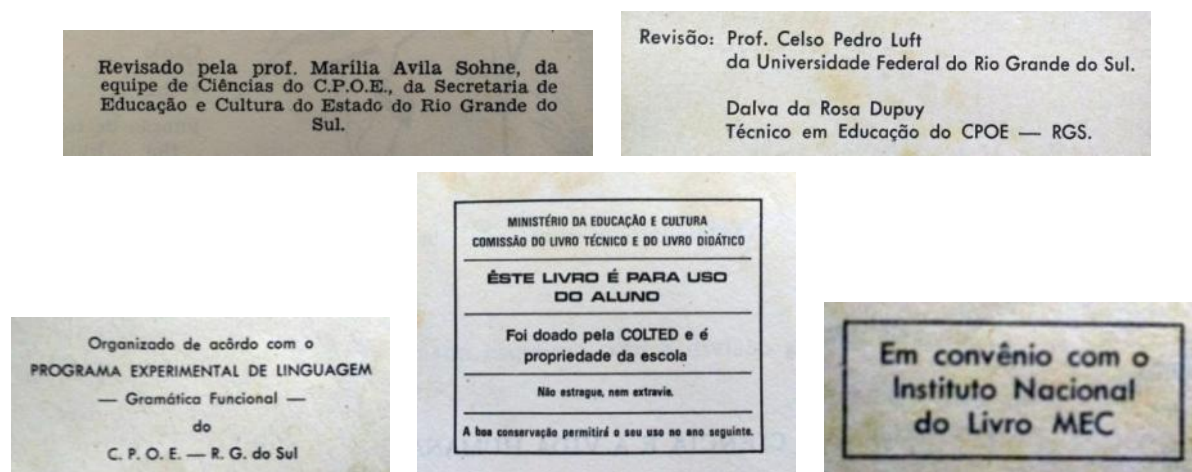


Figura 21 - Exemplos de selos e informações impressas de cunho oficial e institucional, retirados de páginas (folha de rosto) de livros didáticos diversos das Edições Tabajara.

Fonte: Acervo Hisales.

Esses dados, acima mostrados, são importantes de serem relevados porque através deles é possível identificar as relações sociais e institucionais envolvidas na produção das publicações didáticas das Edições Tabajara, no que se refere à coedição, organização de obras, programas, coedições, vínculos, convênios, revisão, doação de livros, entre outros, proveniente de setores como o CPOE/RS, Colted e INL do MEC. Neste sentido, Luca (2010) também discorre sobre tais questões, ao comentar que:

[...]. Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos (LUCA, 2010, p. 140).

Entre as tiragens identificadas nos exemplares analisados, a maior é de 154.000 exemplares, do 2º Livro de *Linguagem e Estudos Sociais - Edição especial para o RS*, de 1970, na sua 3ª edição. A menor tiragem é de 5.000 exemplares, sendo esta relativa ao Manual do Professor¹¹⁸ do mesmo livro, para 1º e 2º anos, publicado em 1970, em sua 1ª edição.

Foram identificadas distintas gráficas de cidades variadas como prestadoras de serviços de diagramação, composição, impressão e acabamento dos exemplares analisados, o que comprova então a terceirização de tais etapas de produção gráfica das publicações didáticas. Entre elas estão: Livraria do Globo S. A. (Porto Alegre/RS), Empresa Gráfica

¹¹⁸ Segundo as definições de Munakata (1997, p. 101), o Manual do Professor (ou Livro de Professor, como o autor denomina no texto), pode ser "[...] uma mera coleção de respostas às questões propostas no livro-texto correspondente – uma verdadeira “cola” do professor –, mas podem também conter textos em que se explicitam a metodologia adotada, sugestões de atividades, modos de utilização da obra etc."

Metrópole S. A. (Porto Alegre/RS), Gráfica Editora Santa Maria (Porto Alegre/RS), MAGRAF Magna Artes Gráficas Ltda. (Porto Alegre/RS), Oficinas Gráficas do Jornal do Dia (Porto Alegre/RS), Editora La Salle (Canoas/RS), Oficinas Gráficas Rottermund & Cia Ltda. (São Leopoldo/RS), Companhia Gráfica Lux (Guanabara/RJ), AGGS Indústrias Gráficas S. A. (Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP), Oficinas Gráficas da Gráfica Editora Livro S. A. (Rio de Janeiro/RJ) e Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S. A. - EGRT (São Paulo/SP)¹¹⁹.

Ainda em relação a serviços terceirizados, diferentemente de outras editoras, como a Editora Globo, que possuía equipes especializadas para trabalhar nas etapas de produção gráfica (RAMIL, 2013), a Tabajara não possuía em seu quadro fixo de funcionários profissionais para as funções de diagramação e de composição, tampouco dispunha de maquinários de gráfica para fazer as impressões, devido, especialmente, a questões de custo. Por isso, essas etapas eram destinadas a outras empresas e a escolha se dava dependendo do período, da demanda, dos valores e do tempo de entrega (Nelson Tabajara, 2017; 2018).

Segundo os relatos de Nelson Tabajara e Celso Afonso Tabajara, no início das atividades da Tabajara, nos anos de 1950, utilizava-se o serviço das gráficas regionais, do Rio Grande do Sul, mas com o aumento das tiragens das coleções, a Editora começou a buscar prestação de serviço de gráficas maiores, inclusive de outros estados, para conseguir entregar o material dentro do período previsto. Uma delas é a AGGS, citada anteriormente, considerada a mais importante, reconhecida e requisitada da época (Nelson Tabajara, 2017; 2018; Celso Afonso Tabajara, 2018b).

Os serviços de ilustração e de revisão dos livros didáticos também costumavam ser terceirizados pela Tabajara, cujos editores convidavam profissionais por indicação de outras pessoas pelas suas qualificações, competência e formação específica, adequada para a função ou, ainda, por referências anteriores, de trabalhos prévios em outros de seus livros ou mesmo que tenham trabalhado em/com outras editoras, assim como aqueles cujos trabalhos se tornavam visíveis em impressos variados, pedagógicos ou não. Não era comum os ilustradores irem à editora divulgar os seus trabalhos, em busca de oportunidades (Celso Afonso Tabajara, 2018b; Nelson Tabajara, 2018).

As informações apresentadas sobre os autores, ilustradores e gráficas terceirizadas contribuem para se compreender melhor o contexto de produção e de atuação das Edições Tabajara. Além disso, pelo contato viabilizado com alguns dos envolvidos na produção da *Coleção Guri*, foco desta pesquisa, foi possível reunir dados que corroboraram na reconstrução da história das Edições Tabajara e no entendimento da produção dos respectivos livros, além de terem sido relevantes para as análises das imagens utilizadas nas

¹¹⁹ Além dessas gráficas verificadas nos exemplares analisados, Nelson Tabajara (2018) indicou o nome de outras empresas cujos serviços foram prestados à editora: Gráfica Palotti (Santa Maria/RS), Gráfica Grestein (Porto Alegre/RS) e Gráfica Pão dos Pobres (Santa Maria/RS).

páginas das referidas publicações didáticas, sendo essas apresentadas no próximo capítulo. Segundo Luca (2010, p. 132), “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê”.

Dos 95 exemplares do *corpus* inicial de investigação, 40 são da década de 1960, ou seja, praticamente 50% da quantidade total de publicações didáticas das Edições Tabajara localizadas no acervo do grupo de pesquisa Hisales. Nas datas localizadas nos volumes das Edições Tabajara disponíveis nesse acervo, o exemplar mais antigo é de 1959 e o exemplar mais recente é de 1975. Considerando-se os dados obtidos pela relação de exemplares de outras instituições, a publicação mais antiga é de 1943 (na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro) e a mais recente é de 1985 (no Sistema de Bibliotecas da UFRGS).

Estas informações, ainda insuficientes e lacunares quanto à definição da última data de publicação didática da Tabajara, vão ao encontro do que relatam Lopes & Galvão:

Em sua inteireza e completude, o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-lo em seus fragmentos, em suas incertezas. Por mais que o pesquisador tente se aproximar de uma verdade sobre o passado, apostando no rigor metodológico, permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços de história que se quer reconstruir. Mas, mesmo em sua imponderabilidade, como ter acesso ao passado? Certamente através dos traços que foram deixados, dos vestígios não apagados que representam ou que dizem sobre a vida de homens e mulheres das sociedades passadas (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 77).

Em relação às últimas obras didáticas editadas e publicadas, a *Coleção Os Audazes* é uma delas (Nelson Tabajara, 2018). Segundo consta, foi produzida em 1973 em coedição com a Livraria José Olympio Editora, de São Paulo, e impressa pela gráfica da Bloch. A coleção de ensino integrado era destinada à educação supletiva, com os seguintes volumes: *Temas Brasileiros, Ciências, Estudos Sociais, Roteiro de Informações, Revista de Atualização e Manual do Professor*. Em relação a esta parceria entre as editoras, segundo relata Nelson Tabajara, no início da década de 1970, diante das dificuldades financeiras (decorrentes do *crash* da Bolsa de Valores em 1971, de grande repercussão no país) enfrentadas pela Livraria José Olympio Editora, na tentativa de se recuperar nos negócios, houve interesse dessa empresa na aquisição de obras didáticas e na compra da Livraria da Tabajara, provavelmente pelo fato desta ter uma gama de títulos aprovados pelo Ministério de Educação, vinculados a Colted, programa do Governo Federal que comprava grandes tiragens de livros das editoras. Com isso, iniciou-se uma negociação por um longo período e, neste interim, surgiu a possibilidade da coedição (Nelson Tabajara, 2018).

Nelson Tabajara acredita que tenham sido publicadas quase cem obras durante o período de atuação das Edições Tabajara no mercado editorial. Para ele, as obras didáticas consideradas entre os maiores sucessos e que marcaram a trajetória da empresa no mercado editorial da educação são: *Cartilha do Guri, Linguagem e Estudos Sociais, Ciências Naturais,*

Coleção Normalista, Cartilha Marcelo Vera e Faísca (primeira cartilha publicada pela Tabajara), *Cartilha Garotos Tevê, Nosso Estado*, entre outros (Nelson Tabajara, 2018).

Cabe lembrar que o processo de centralização da produção editorial também foi causa dos prejuízos e no consequente encerramento dos serviços de algumas empresas editoriais gaúchas, como a própria Tabajara. Conforme Tambara & Arriada,

[...] o Rio Grande do Sul por cerca de 150 anos estruturou um sistema de produção de textos didáticos que rivalizou com os grandes centros editoriais nacionais, criou também um mercado caracteristicamente endógeno com a adoção de textos de editoras e autores gaúchos baseada principalmente na chancela de órgãos institucionais que chancelavam a adoção dos mesmos nas escolas públicas. Todo este sistema ruiu por ocasião do processo de federalização deste processo (TAMBARA; ARRIADA, 2011, p. 12).

Além disso, nos anos de 1970, Joel Tabajara foi prejudicado com perda de ações em função da crise do petróleo e, nesse período, foram implementadas as reformas de ensino e a reforma ortográfica, que afetaram bastante a produção de determinadas editoras, como a Tabajara¹²⁰. Conforme relembra Nelson Tabajara:

Nos anos 70 houve a famosa crise do petróleo, meu pai tinha investimento em ações e acabou perdendo boa parte. Em seguida, enfrentamos uma reforma de ensino e no ano seguinte uma reforma ortográfica, caiu o trem, o acento grave etc. deixando os livros defasados. Toneladas de livros que eram estocadas de julho a fevereiro para vendas em março, [foram] vendidas como papel velho (GOMES, 2016a).

Considerando o contexto do período, vale destacar que o relato de Nelson Tabajara (GOMES, 2016a) se assemelha muito ao “desabafo” de José Otávio Bertaso, diretor editorial da Editora Globo (também de origem gaúcha), ao comentar sobre a crise enfrentada por sua editora, da qual nunca se recuperou, em função das mesmas ações do governo, do período de atuação de Capanema¹²¹, que trouxeram prejuízos a sua empresa que contava com milhares de livros prontos e em estoque para venda e distribuição, que não seriam mais

¹²⁰ Apesar disso, segundo o Diário Oficial do Estado de São Paulo, de 26/03/1971 (n. 37, p. 10), houve um aumento do capital das Edições Tabajara Ltda., que foi dividido entre Olímpio Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Joel Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, José Moacyr Sperotto Tabajara, Nelson Cavalcanti de Albuquerque Tabajara, Patrícia Itaussu Almeida Melo e Getúlio Antônio Soares.

¹²¹ Em abril de 1942, Gustavo Capanema, enquanto ministro da Educação e Saúde do governo da Era Vargas (1930-1945), deu início à chamada Reforma Capanema (nome dado para reunir as Leis Orgânicas do Ensino implementadas), que consistia na reformulação do sistema educacional brasileiro, o que perdurou até 1961, quando foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Tratava-se de uma articulação entre os ideários nacionalistas de Getúlio Vargas e o seu projeto político ideológico, implantado na Ditadura Militar, período conhecido como “Estado Novo”. Uma de suas ações mais marcantes no plano educacional foi a reformulação da educação secundária (Decreto-lei n. 4.244, de 09 de abril de 1942), que em termos gerais, instituía um primeiro ciclo de quatro anos de duração (ginasial) e um segundo ciclo de três anos (clássico ou o científico), entre outros aspectos consideráveis que também foram incluídos nas transformações projetadas por Capanema. Segundo Hallewell (2005, p. 367), “às editoras foi concedido um prazo de apenas quatro meses para adequarem as novas edições de todos os livros didáticos para o ensino secundário”, o que gerou transtorno na previsão de publicações em andamento e o não aproveitamento de milhares de livros que já estavam impressos e prontos para serem distribuídos às escolas, tornando-os obsoletos. Além disso, nessa mesma época, coincidindo com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), era preciso atentar aos requisitos impostos pela reforma ortográfica e houve escassez de todas as matérias-primas, fatores que também afetaram a produção de todas as editoras. Todos esses acontecimentos, somados, prejudicaram fortemente os rendimentos e orçamentos de várias editoras, cujas consequências perduraram por alguns anos, das quais algumas dessas empresas não puderam se recuperar facilmente ou mesmo foram levadas ao encerramento das atividades.

aproveitados (RAMIL, 2013).

Fatores como esses mostram como os livros didáticos são mercadorias que deveriam ser rentáveis e dar lucro às editoras, mas que também estão sujeitas às variações de mercado e às mudanças de outras ordens, que não apenas as pedagógicas. Nesse sentido, Munakata (2012, p. 63) afirma que o “[...] livro didático, essa mercadoria, pelo fato de sê-la, já aparece estigmatizada, carregando consigo todos os vícios da sociedade capitalista”. Entretanto, “a produção do livro didático serve certamente para a acumulação do capital, mas onde há o capital, há também o trabalho, os trabalhadores e suas práticas” (ibidem, p. 64).

Apesar dessa instabilidade, pelos registros encontrados no Diário Oficial de São Paulo, em meados da década de 1970, os livros didáticos da Tabajara continuavam aparecendo nas listas de obras avaliadas, indicadas e autorizadas para utilização nas escolas, sendo que a maior parte dos títulos relatados não consta no acervo do Hisales. Aparecem também alguns contratos do governo com a Livraria Tabajara, no que se refere especialmente a esse período da década de 1970 até o ano de 1981¹²².

Tendo como referência as datas de publicação dos livros encontrados e a redução de edições, dados verificados pelos exemplares analisados e nas consultas em outros acervos via *internet*, constata-se que a participação da Tabajara no mercado editorial didático estava enfraquecida, também decorrente da séria crise financeira enfrentada por várias editoras regionais e fundadas no Rio Grande do Sul, que perdiam seu espaço para as grandes editoras do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, apesar de recorrerem a alternativas de recuperação dos negócios, como a implementação de filiais nas grandes capitais.

Nelson Tabajara relata que o prejuízo foi tamanho que a Tabajara foi fechada em São Paulo e foi estabelecida uma concordata, o que também mudou drasticamente a vida da família, traumatizada com os acontecimentos (GOMES, 2016a). Os trâmites para pagar as dívidas pendentes com a concordata foram providenciados pelos irmãos Joel e Olímpio Tabajara, sendo o primeiro, fundador e diretor presidente com mais de 96% das ações, e o segundo, diretor, com cerca de 1% das ações, na época. Ambos teriam trabalhado juntos para salvar a empresa, sendo que Joel também se desfez de parte de seu patrimônio particular

¹²² Alguns exemplos localizados no Diário Oficial do Estado de São Paulo são: 30/12/76 (p. 27) – Contrato assinado com a Fundação para o Livro Escolar, para aquisição de 8.300 livros diversos, assinado em 29/10/76. Os exemplos no Diário Oficial são: 30/11/72 (p. 32-35 – Seção 1 – Parte I) – Contratos 132, 133, 134, 135, 136, 205, 206, 208, 218, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 234, 236, 237 – MEC/INL com a Livraria Tabajara S. A. para publicar em coedição 05 livros da área de matemática, 11 de linguagem e estudos sociais, 01 de estudos sociais, 01 não definido e 02 de moral e cívica e política; 31/12/1975 (p. 89 – Seção 1 – Parte II) – Contrato CLD/Plidef Nº 22, C-75 – 5ª/3ª – MEC/INL e Editora Livraria Tabajara – publicação e compra de livros didáticos acompanhados de manual do professor; 17/11/77 (p. 17 – Seção 1 – Parte II) – Contrato n. 022-77 (1ª/4ª séries) – MEC/Fename e Livraria Tabajara S. A. para publicação em coedição de 60.000 livros e 1.767 manuais; 11/05/78 (p. 31 – Seção 1 – Parte II) – DLD/Plidem n. 011-77, MEC/Fundação Nacional de Material Escolar e Livraria Tabajara S. A. para compra de 4.503 coleções da *Cartilha do Agricultor* (V. 1 a 5); 29/12/80 (p. 165 – Seção 1) – DLD/Plidef Nº 030/80 – Fename e Livraria Tabajara S. A. – coedição de 18.871 livros e manuais do professor; 13/01/81 (Suplemento especial – p. 55) – Contrato 28 (19/06/80) – MEC/Fename com a Livraria Tabajara S. A. (29/12/80 – 26.093).

para isso, conforme relato de Nelson Tabajara (2018). Com a concordata vencida, Olímpio se desligou da sociedade, que permaneceu com os herdeiros de Joel.

Após o falecimento repentino de Joel, no início de 1978, a empresa permaneceu exercendo atividade comercial, no que se refere à venda de livros, por aproximadamente mais dois anos e meio, de acordo com o relato de Nelson Tabajara. Com a morte de seu pai Joel somada a todos os fatores já relatados, a situação da empresa estava crítica e houve muita dificuldade na recuperação dos negócios, em meio à crise. Com isso, em meados do ano de 1980, a família decidiu encerrar as atividades comerciais da empresa e preservar o que tinha restado, investindo a partir de então na locação do imóvel sede da Livraria em Porto Alegre, exceto o subsolo. Como havia toneladas de livros defasados, fruto de reformas de ensino e ortográfica, eles foram vendidos como papel velho e o restante foi repassado para a Livraria Lima¹²³ (Nelson Tabajara, 2018)¹²⁴.

Conforme o relato de Nelson Tabajara, a partir do ano de 1980 a empresa passou a locar parte de seus imóveis, como a loja e o depósito, principalmente. Em 1998, houve mudança na diretoria da empresa, o que coincidiu com a implantação da telefonia móvel em Porto Alegre. Com isso, a família começou a locar os terrenos da propriedade localizada em um morro estratégico para transmissão via torres de telecomunicação. Essa propriedade, que ainda é da família Tabajara, é a mesma chácara citada anteriormente, que era considerada a sede campestre da empresa, onde eram realizados eventos da área da educação e cultura, que reuniam muitas pessoas. Juridicamente, a empresa segue ativa e atualmente permanece alugando os imóveis de propriedade da empresa¹²⁵ (Nelson Tabajara, 2018).

Com o conhecimento de aspectos das origens e da trajetória da editora, assim como das principais características e aspectos específicos de trabalho, esses dados contribuem com a compreensão histórica do contexto em que se deu a produção dos livros didáticos. No próximo capítulo, são mostrados os dados relativos à criação e produção da *Coleção Guri*, seguidos das análises das imagens dos livros didáticos que integram esse conjunto.

¹²³ A Livraria Lima estava situada na Av. Borges de Medeiros, em Porto Alegre/RS, e encerrou os serviços há cerca de 20 anos. O proprietário era Mário de Almeida Lima, pai de Paulo de Almeida Lima, um dos fundadores da L&PM Editores (Lima & Pinheiro Machado), criada em 1974 (Nelson Tabajara, 2018).

¹²⁴ Após isso, Nelson Tabajara abriu uma loja com um amigo na antiga sede da empresa, em Porto Alegre (na Rua dos Andradas, nº 1774), cujo prédio continuava sendo de propriedade de seu pai, Joel Tabajara. A loja, uma boutique de moda, acessórios e vestuário, passou a se chamar "Porão", pois inicialmente ocupava apenas o andar de baixo e tornou-se bastante conhecida pelos porto-alegrenses de algumas gerações, instalada no mesmo local, de novembro de 1974 até final de 2011, quando encerrou suas atividades, após 37 anos de duração (GOMES, 2016a; Nelson Tabajara, 2018).

¹²⁵ Nelson Tabajara (2018) informou que a empresa segue pagando os impostos regularmente para os órgãos competentes, com contabilidade ativa. Complementando-se essas informações, foi encontrado, durante a pesquisa via *internet*, um cadastro de firma individual da empresa, registrada com o nome fantasia "Edições Tabajara" e com razão social "Livraria Tabajara Sociedade Anônima". Identificada com CNPJ e status de empresa ativa com data de abertura em 05/09/1966, apresenta sede no Bairro Cascata de Porto Alegre e constam nomes de outros familiares no quadro societário, além do de Nelson Cavalcanti de Albuquerque Tabajara (diretor), que são: Marco Cavalcanti de Albuquerque Tabajara (diretor) e Rafael Castillo Tabajara (presidente) e a atividade econômica principal está identificada como sendo de comércio varejista de livros.

4.

A COLEÇÃO GURI (DÉCADA DE 1960)



Ao analisar-se os livros didáticos, é importante lembrar que eles são produzidos em um determinado contexto e período da história do país, cujas características influenciam direta ou indiretamente na sua produção. Esses suportes, por terem funções específicas, possuem materialidade e visualidade diferenciadas dos demais livros e impressos destinados à leitura. Entretanto, os livros didáticos utilizados pelos alunos durante sua trajetória escolar integram um conjunto maior de objetos e informações visuais com as quais essas crianças também têm contato na mesma época, independentemente do tipo de vida que levam, considerando aspectos de cunho social, geográfico, econômico, cultural, familiar, escolar, entre outros. Por isso, é importante apresentar, primeiramente, alguns dados do período em que foram produzidos e publicados os livros didáticos da *Coleção Guri*.

A referida coleção didática, cuja origem foi a *Cartilha do Guri*, produzida e publicada no início da década de 1960, está inserida em um período conhecido historicamente como “anos pós-guerra”, que incluíam o final da década de 1950 e o início da de 1960. Segundo Melo (2006, p. 28), “os anos 60 mudaram o mundo. Revolução era a palavra mágica. As rupturas foram de toda ordem: políticas, sociais, artísticas, científicas, comportamentais”.

Esses anos significaram também o aumento dos bens de consumo em geral e foram caracterizados por muitas mudanças e revoluções na cultura, nos costumes, na música, nas artes, na moda, na política. Diz-se, dessa época, que os jovens estavam mudando os comportamentos, se rebelaram, protestaram e contestaram as normas e valores estabelecidos, lutando por liberdade de expressão e liberdade sexual, dando força também ao movimento *hippie* (MACIEL, 1987; SOUZA; 1999; ROSZAC, 1972).

A televisão, lançada em 1950 no Brasil, então ainda recente na vida de parte da

população, não era acessível a todas as famílias, pois durante muito tempo esse aparelho foi considerado privilégio das casas de classe média e alta. No interior do país, até então considerado predominantemente rural, ainda no início da década de 1960, apenas os mais ricos possuíam uma televisão, que nessa mesma época, já contava com várias emissoras surgidas pelos estados do país, com programas de entretenimento, de auditório e também no formato de telenovelas, sendo que a primeira transmissão pública de TV em cores ocorreu somente em 1972 (BAHIANA, 2014).

Além da TV e da rádio, diferentes mecanismos audiovisuais que estavam aparecendo também contribuíam para modificar o relacionamento das pessoas com o entorno e o mundo, tais como publicidades, *outdoors*, pôsteres, arte pop, projetores, slides, entre outros. O aparelho de rádio sim, diferentemente da televisão, já era bem mais comum de ser encontrado nos diversos lares e costumava, via de regra, ser ouvido por toda a família. A Jovem Guarda fazia sucesso na rádio e na “telinha”, ditando moda (AGUILLAR; AGUILLAR; RIBEIRO, 2005; ARAÚJO, P., 2006; CARLOS, 2008). No início dessa década, também apareceram os grupos de música, em nível internacional, como, por exemplo, *The Beatles*, uma aclamada banda de rock britânica que lançou o primeiro disco em 1963 e se tornou sucesso mundial com seu estilo musical (COUTO, 2003).

Houve uma eclosão de criatividade musical e a Música Popular Brasileira se transformou em um espaço intelectual e crítico, o que anteriormente também era feito através da literatura (GALVÃO, 1997; MELLO, 2003). Alguns autores tiveram suas obras censuradas, foram presos ou enviados ao exílio, principalmente com a vigência do Ato Institucional-5 (AI5 – de dezembro de 1968 a dezembro de 1978). Assim, no Brasil, lutava-se contra a Ditadura Militar e também em oposição à reforma educacional, em um período “colorido e psicodélico” da contracultura, no qual a vestimenta também passou a ser uma questão de atitude (BENVENUTI, 2009).

No final da década de 1960, surge o tropicalismo, importante movimento cultural brasileiro (CALADO, 1995; 1997; FONSECA, 1993; MOTTA, 2010; VELOSO, 2017). A Kombi e o fusca se popularizavam nessa década, e eram automóveis bastante vistos nas ruas. Esse período também foi marcado pelo desenvolvimento tecnológico, avanços na medicina e viagens espaciais, acontecimentos que transmitiam a ideia de progresso e de modernidade. Em 20 de julho de 1969, os astronautas pisaram na Lua pela primeira vez e o acontecimento foi transmitido, comentado e publicado mundialmente pelas rádios, televisões, jornais e revistas. Inclusive, tamanha repercussão influenciou também na criação de uma cartilha, intitulada *Céu azul*, produzida com inspiração nesse fato pelas mesmas autoras da *Coleção Guri*, as professoras Rosa Maria Ruschel e Flávia E. Braun, e publicada em 1970 pela Editora Tabajara (RAMIL, 2016).

O início da década de 1960 marca um período de modernização do Brasil e o

desenvolvimento das telecomunicações, o que contribui para o crescimento das cidades e o desenvolvimento de uma cultura urbana. Em abril de 1960, a capital do Brasil deixa de ser Rio de Janeiro e passa a ser Brasília, cidade construída para essa função. Em outubro do mesmo ano, Jânio Quadros é eleito presidente do Brasil, e o mesmo renuncia em agosto de 1961. Segue um período de confusão política, com o sistema parlamentar e em 31 de março de 1964, o presidente João Goulart é afastado da presidência por um golpe militar, que dá início à uma nova Ditadura Militar no Brasil (PAES, 1997; BERGOUNIOX, 2005).

Durante o governo de Goulart, foi votada e implementada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 4.024, de 20/12/1961), que tramitou desde 1948 no Congresso. A lei continuou sendo reformada e alterada pelos anos seguintes, sucessivamente, para adaptar-se às modificações da realidade brasileira. Entre os pontos fundamentais da Lei estava a democratização do ensino, pelo fato de a educação ser um direito de todos e uma obrigação do governo. A lei determinava a extensão da escolaridade obrigatória para oito anos, para ampliar a oportunidade de escolarização das camadas mais carentes da população e a descentralização dos currículos, para adequar melhor o ensino à maioria dos alunos (BRASIL, 1965; FLACH, 2011).

Vivia-se um período de contexto marcado pela ideologia do desenvolvimentismo e pelo populismo, conceito que caracterizava a organização política brasileira, adotado especialmente entre 1930 e 1964, em uma época de transição da sociedade tradicional e agrária para a sociedade urbana e industrial no Brasil, além dos conflitos entre grupos que defendiam projetos de sociedade diferentes, para o estado e para o país. No Rio Grande do Sul, entre 1959 e 1963, o governo do estado foi liderado por Leonel Brizola, na ocasião pertencente ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) (QUADROS, 2001; 2002).

Contextualizando a população urbana e rural do Rio Grande do Sul e os índices de de habitantes dessas regiões, assim como os respectivos informes de analfabetismo, averiguados na época, Quadros (2002) diz que,

Em 1950, a população urbana do Rio Grande do Sul representava 35,38% do total da população, e a rural, de 2.254.429 habitantes, representava 64,61%. No período de dez anos, entre 1950 e 1960, a população total do Estado aumentou 31,15%. Nesse decênio, a população urbana cresceu 10% em relação à rural, passando a representar 45,66% do total, com 2.089.286 habitantes; ao passo que a população rural, com 2.486.469 habitantes, ficou reduzida a 54,34% do total. Percebe-se, portanto, uma forte tendência de crescimento populacional e, sobretudo, de urbanização. [...]

Em 1950, o índice médio de analfabetismo era de 41,21%: no meio urbano, atingia 25,38% e, no rural, era duas vezes maior, ou seja, de 50,15%. Em 1960, o índice médio de analfabetismo tinha se reduzido 11,32% em relação ao de 1950, representando 29,89% da população: no meio urbano, era de 21,19% e, no rural, de 37,21%. Nota-se que a redução dos índices de analfabetismo foi mais marcante no meio rural: enquanto nas cidades reduziu-se em 4,19%, no meio rural, a redução foi de 12,94%.

(QUADROS, 2002, p. 47)

Diante desses dados, que refletem a conjuntura da educação no estado naquele

período, segundo o autor, “é preciso ressaltar que, no meio rural, com frequência, as condições e as possibilidades de acesso à escola eram, no geral, mais difíceis que no meio urbano” (ibidem, p. 48). Fatores como “os poucos prédios escolares, as grandes distâncias e a participação das crianças nas atividades agrícolas eram empecilhos concretos à frequência normal à escola” (QUADROS, 2002, p. 48). Tais circunstâncias levaram o governo estadual a providenciar medidas, visando ampliar o acesso à educação. Por isso:

Foi nesse contexto educacional de precariedade, seletividade e insuficiência, com altos índices de evasão e repetência, com um magistério pouco qualificado, com poucos recursos materiais e insuficiente número de prédios escolares, que veio a se processar a ação do governo Leonel Brizola no âmbito educacional no Rio Grande do Sul entre 1959 e 1963.

O conjunto de ações emanadas e centralizadas no governo estadual pressupunha que a educação se constituía em fator decisivo para a superação do subdesenvolvimento e para a modernização da sociedade. O desenvolvimento econômico só seria alcançado pela mediação da escola, cabendo ao Estado realizar as obras necessárias para a expansão do acesso à educação. Era preciso, portanto, levar a escola aos mais longínquos rincões do Estado.
(QUADROS, 2002, p. 50)

Por essa razão, nessa mesma época, o governo elaborou o Plano de Emergência de Expansão do Ensino Primário, a Secretaria de Educação do Estado foi reestruturada e foi implementado no estado do RS o projeto educacional cujo lema era: “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul”, que visava escolarizar a população com idade entre 7 a 14 anos e erradicar o analfabetismo. Com a criação do Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (Sedep), este setor se responsabilizou por coordenar tais ações.

Isso significou uma expansão quantitativa do sistema de ensino público do estado bastante significativa, incluindo-se, entre as realizações, a construção de muitas escolas nos municípios, sendo várias na zona rural do estado - prédios com um modelo padrão e particular, que ficaram conhecidos popularmente como “brizoletas” ou “escolinhas do Brizola”¹²⁶, em alusão ao então governador -, a contratação de vários professores e um aumento considerável na matrícula de muitos novos alunos, significando assim uma ampliação das oportunidades de acesso à educação (QUADROS, 2001; 2002; 2005).

Por conseguinte, nos quatro anos do governo Brizola, houve um expressivo aumento na quantidade de escolas no RS. Segundo Quadros (2001; 2002; 2005), entre 1959 e 1963, foram construídos 1.045 prédios, com 3.360 salas de aula e capacidade para 235.200 alunos. Também foram iniciados 113 prédios, com 483 salas e capacidade para 33.810 alunos e, ainda, planejados outros 258 prédios, com 866 salas de aula e capacidade para 60.620 alunos.

¹²⁶ Ainda existem alguns prédios das escolas do estilo “brizoleta”, sendo que algumas estão tombadas, outras vazias, algumas viraram residências ou se tornaram espaços para catequeses, reuniões, eventos ou, ainda, foram transformadas em capela mortuária. Há aquelas que ainda funcionam como escolas, sendo que algumas foram reformadas e ampliadas para atender um maior número de turmas e ampliar a quantidade de espaços necessários, no decorrer dos anos (BRITTO, 2014).

Em relação ao modelo arquitetônico adotado para a construção dessas escolas, Quadros (2002, p. 57) informa que “as construções dos prédios escolares no governo Brizola se vincularam a oito planos de construção: projeto piloto, plano A, plano B, projeto ou plano especial, retomadas, plano F, plano FM e ampliações [...]”. Além disso, entre as obras acabadas, “[...] o maior número de prédios construídos, 53,77%, com 38,80% das salas de aula, vincula-se ao Plano B, localizadas em zonas rurais ou de pequena densidade populacional”. Já, pelas obras iniciadas, “44,24% dos prédios e 24,01% das salas se vinculam ao Plano B, como 79,84% dos prédios e 54,27% das salas das obras planejadas” (ibidem, p. 66). Por isso, “esse dado, em princípio, confirma a utilização do critério governamental de privilegiar o interior e as pequenas comunidades onde, até então, inexistiam ou eram precárias as instalações escolares” (QUADROS, 2002, p. 66). Além disso,

As escolas construídas no Rio Grande do Sul por intermédio do Sedep e da Cepe tinham algumas características próprias: eram construídas em madeira, e em geral, tinham uma ou duas salas de aula. Foram elas que se popularizaram como as brizoletas ou como as escolinhas do Brizola.

A opção pela construção de prédios de madeira no interior decorreu de, pelo menos, quatro fatores: primeiro, a disponibilidade de madeira no Estado; segundo, o seu menor custo em relação às construções em alvenaria, que foram realizadas apenas nas cidades de maior porte; terceiro, a disponibilidade de mão-de-obra especializada em carpintaria ou marcenaria e, quarto, a dificuldade de transporte para o interior dos materiais necessários para a construção de prédios de alvenaria [...]. (QUADROS, 2002, p. 57)

Essas escolas, que se tornaram símbolo do governo e do próprio governador Brizola, são construções com “[...] edifícios simples e modestos, mas que trazem, na sua concepção, uma missão civilizadora e modernizadora” (QUADROS, 2002, p. 65). Em relação àquelas que predominaram nas zonas rurais, do Plano B, são do estilo pré-fabricada, elevadas do chão (para evitar contato com a umidade), com paredes de madeira e aspecto rústico, telhado em modelo de chalé e com telhas, construídas em caráter emergencial e às margens de estradas ou voltadas para a rua, sendo rodeadas da natureza típica do pampa gaúcho¹²⁷.

Em geral, as “brizoletas” são bastante parecidas no formato, com algumas variações, dependendo do tamanho da escola. Muitas delas apresentam, quase sempre na face maior e no meio, uma estrutura que simula uma parede ou muro, que se parece a um cobogó, que é uma área com elementos vazados, que possibilitam maior ventilação e luminosidade no interior do imóvel, pintado da mesma cor das aberturas, as janelas. Essa estrutura separa o exterior do corredor que dá acesso às salas, sendo que, em geral, nas suas extremidades, à esquerda e direita, há duas aberturas (uma de cada lado), no formato de portas, por onde funcionam as entradas para os ambientes da escola.

Além do que foi mencionado a respeito da construção de novos prédios escolares,

¹²⁷ Denomina-se assim a região natural e pastoril das planícies com coxilhas cobertas por campos, que abrangem parte significativa do território do estado do Rio Grande do Sul, assim como dos países vizinhos, Uruguai e Argentina. Regionalmente, essa região, de clima subtropical, também é conhecida como campanha gaúcha.

havia necessidade de se admitir mais docentes para atuação nessas instituições, em caráter emergencial. Por isso, houve uma expressiva contratação de professores para as funções do magistério e, em função disso, “[...] entre 1959 e 1961, o quadro de professores teve um significativo crescimento” (QUADROS, 2002, p. 68).

Segundo dados mostrados por Quadros (2002, p. 69), em mapeamento sobre o corpo docente do Estado entre 1958 e 1961, por tipo de primário (comum e rural) e segundo a forma de contratação (carreira, contrato, auxiliar e Sedep), os registros localizados quanto ao Primário Rural mostram os seguintes números: Em 1959 foram admitidos 484 professores por Carreira e 1.302 por Contrato, em 1960 foram 907 professores por Carreira e 2.256 por Contrato e em 1961, foram 907 por Carreira e 3.848 por Contrato. Observa-se, com isso, o aumento expressivo de professores enviados para a zona rural.

Entretanto, havia outra preocupação com relação aos professores contratados, pois “a formação do corpo docente também era, no mínimo, problemática. Em 1958, por exemplo, 54,66% do magistério estadual não possuía nem mesmo o curso normal” (QUADROS, 2002, p. 49). Por isso,

Ao se tratar do corpo docente, um detalhe que chama a atenção relaciona-se com a questão da qualificação dos professores, que, segundo os relatórios do governo, constituía-se numa grande preocupação. A preocupação com qualificação do corpo docente, com certeza, tinha razão de ser, uma vez que, em 1961, terceiro ano do governo Brizola, por exemplo, 51,72% do corpo docente era constituído por docentes leigos.

O Sedep chegou a executar um programa de trabalho técnico-pedagógico, custeado pelas prefeituras municipais, com a assistência técnica do SEC e do CPOE, com vistas a capacitar os professores. Podem-se resumir nos seguintes pontos as atividades desenvolvidas: a) encontros regionais com os grupos de supervisão do Sedep e os prefeitos municipais a fim de traçar os rumos fundamentais das atividades, tendo sido realizados 12 encontros; b) reuniões com os coordenadores do Sedep a fim de serem estudadas as provas parciais dos alunos e os programas de ensino; c) cursos intensivos para a formação dos professores, dividindo-se em cursos de curta e de longa duração, locais e regionais, com o fim de aperfeiçoar o corpo docente. (QUADROS, 2002, p. 69)

Com relação aos dados de matrícula dos alunos, diante das providências do governo, Quadros (2002, p. 81-82) mostra que “as matrículas efetivas (matrícula geral subtraída a evasão), no ensino mantido pelo Estado, cresceram 12,81%, aumentando de 309.097, em 1959, para 348.718 em 1961, o que apresenta 39.621 novos alunos matriculados”. Quanto às matrículas no ensino municipal, estas “tiveram um incremento de 3,93%, passando de 274.773, em 1959, para 285.583, em 1961, ou seja, 10.810 novos alunos”. Já no ensino particular, “as matrículas cresceram 2,96%, passando de 123.693, em 1959, para 127.365, em 1961. Possivelmente, parte desses 3.672 novos alunos matriculados no ensino particular tenham recebido algum tipo de subsídio do governo do Estado, tais como bolsas ou auxílios”. Com esses números, “percebe-se que, entre 1959 e 1961, foram matriculados 54.103 novos alunos no ensino primário do Rio Grande do Sul, sendo 39.621 no estadual, 10.810 no municipal e 3.672 no particular” (QUADROS, 2002, p. 82).

É importante ressaltar que a atenção dada aqui a esse período e acontecimentos vinculados ao contexto educacional no estado do Rio Grande do Sul, deve-se à sua importância na compreensão de dados expostos no decorrer do texto, visto que a produção da *Coleção Guri* se relaciona a esses aspectos.

No que se refere às publicações didáticas que foram utilizadas e circularam nas escolas públicas e privadas do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 1960, contextualizando o período em que a *Coleção Guri* foi produzida, algumas cartilhas e livros didáticos são aqui citados: *O Livro de Lili*, de Anita Fonseca (1ª edição em 1940, pela Livraria Francisco Alves e, a partir de 1950, pela Editora do Brasil); *Cartilha Sodré*, de Benedicta Stahl Sodré, (1ª edição em 1940, por editora desconhecida e, a partir de 1948, pela Companhia Editora Nacional); *Caminho Suave*, de Branca Alves de Lima (1ª edição em 1948, pela própria editora Caminho Suave Limitada), considerada o “maior sucesso editorial do país e o símbolo por excelência da alfabetização tradicional” (MACIEL, 2002); *Cartilha de Bitu*, de Aracy Hildebrand (1ª edição em 1954, pela Companhia Editora Nacional); *Onde está o patinho?*, de Cecília Bueno dos Reis Amoroso (1ª edição em 1955, pela Editora Melhoramentos); *Upa, Cavalinho!*, de Lourenço Filho (1ª edição em 1957, pela Editora Melhoramentos). No que se refere a publicações didáticas que seriam destinadas especificamente à zona rural, encontrou-se a *Cartilha Na Roça*, de Renato Sêneca Fleury (1ª edição em 1936, pela Editora Melhoramentos), indicada como uma cartilha rural para alfabetização rápida, destinada ao público do interior e do meio rural, mas que parou de ser editada em 1958, com 133 edições. Essa cartilha integrava uma série, com livros de leitura (DIETZSCH, 2006; FRADE; MACIEL, 2006b; MORTATTI, 2000; PERES; RAMIL, 2018b; RAZZINI, 2005; 2014).

Além disso, entre as produções didáticas de autoras gaúchas, publicadas por editoras gaúchas e nacionais, a partir de 1940 até a década de 1960 (período da *Coleção Guri*), e que constam no acervo do Hisales, vale o destaque para algumas delas, bastante reconhecidas. Na listagem, a seguir, os títulos são apresentados de acordo com o ano e a edição dos exemplares mais antigos disponíveis, no caso de volumes avulsos ou, pela década, no caso de se referirem a vários livros didáticos de coleções. São eles: *A cartilha de Zé-Toquinho*, de Odila Barros Xavier (3ª ed., 1948, Editora Globo); Pré-livro *Sarita e seus amiguinhos* e os livros seguintes da coleção *Linguagem e Estudos Sociais e Naturais*, de Cecy Cordeiro Thofehr e Jandira Cardias Szechir (década de 1950, Editora do Brasil); *Coleção Nossos Exercícios*, de Sydia Sant’Anna Bopp, Eddy Flores Cabral e Ruth Ivoty Torres da Silva (década de 1960, Editora Tabajara); *Coleção Estrada Iluminada*, de Cecy Cordeiro Thofehr e Nelly Cunha (década de 1960 – Editora do Brasil); Pré-livro *As férias com o vovô*, de Angélica Serena Otto Beyer (3ª ed., 1967, Editora Tabajara); *Cartilha Marcelo, Vera e Faísca*, de nove autoras (1ª ed., 1961, Editora Tabajara); *Cartilha Dedé, José e Tião*, de Maria de Lourdes Gastal (3ª ed., 1968, Editora FTD); Pré-livro *Juca e Zazá*, de Eloah Ribeiro Kunz (3ª

ed., s/d, Editora do Brasil) (PERES, 2003; 2006b; 2008; PERES; RAMIL, 2015).

Observando o período em questão, em geral, é preciso considerar que as crianças ainda não tinham brinquedos eletrônicos, costumavam brincar na rua e interagir entre elas, possivelmente com mais tranquilidade e liberdade. Romantizando-se a infância dos anos de 1960, pode-se dizer que era permeada pelas brincadeiras junto à natureza, pedalando nos velocípedes e bicicletas, soltando pipas, usando pneus velhos e dobraduras de jornais e papéis usados. Divertiam-se ainda com os filmes de comédia de Jerry Lewis e dos *Três Patetas* na televisão, se entretinham com brinquedos clássicos como *Forte Apache*, bolinhas de gude, bolas, cordas, piões, carrinhos de rolimãs, corridas, etc. Também tinham o costume de ouvir programas radiofônicos com a família e se divertiam no cinema, assistindo a filmes e séries como as aventuras de *Rin-tin-tin*, *O Gordo e o Magro*, *Zorro*, temas de faroeste e desenhos animados como os da *Pantera Cor-de-Rosa*, *Manda-chuva*, *Os Flintstones*, *Os Jetsons*, *Scooby-doo*, *Corrida Maluca*, entre outros, tanto quanto os lançados em décadas anteriores, tais como *Mickey Mouse*, *Popeye*, *Pica-pau*, *Pernalonga*, *Tom e Jerry*, etc. Nos anos de 1960 também apareceram os filmes de *Mary Poppins*, *A noviça rebelde*, *A Feiticeira*, *Se meu fusca falasse* e *2001 – Uma odisseia no espaço*.

A partir dos anos de 1960 se observa um aumento expressivo na quantidade de livros infantis, devido à criação de programas e instituições de fomento e ao investimento de iniciativas privadas. Com esse contexto, alguns escritores já consagrados, de gêneros variados, começaram a publicar livros para o público infantil, tais como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector, Guilherme Figueiredo, Herberto Sales, José Mauro de Vasconcelos, Maria Dinorah, Stella Carr, além do aparecimento dos livros com temáticas irônicas de Ana Maria Machado, as poesias de Mário Quintana e Ziraldo com o gibi *Pererê*, etc. (ARROYO, 2011). Assim como este recém comentado, outros gibis também circulavam e este tipo de literatura estava entre os grandes acontecimentos culturais destinados à infância no período, cada vez mais populares. Entre eles estavam as histórias em quadrinhos (HQ's) criadas por Maurício de Sousa – com os personagens brasileiros da *Turma da Mônica* e as publicadas pela Disney – com os personagens de *Pato Donald*, *Pateta*, *Tio Patinhas*, *Zé Carioca*, entre outros, e ainda as histórias de super-heróis variados e também de faroeste, em geral estrangeiros, a maioria proveniente dos Estados Unidos. Muitas destas HQ's eram importadas, pois o custo gráfico era mais baixo do que a produção nacional no período, além de serem bastante divulgadas pela televisão e pelo cinema, uma vez que vários dos gibis se originavam de filmes de sucesso (LUCENA JR., 2001).

Acredita-se que alguns desses desenhos, tantos os animados, de televisão e cinema, como os de impressos destinados ao público infantil, como gibis e revistas, podem ter sido referência para a criação de algumas das ilustrações da *Coleção Guri*, especificamente as que mostram animais “humanizados”, conforme dados mostrados mais adiante, neste

trabalho. São inferências baseadas nos aspectos visuais das ilustrações analisadas e comparadas, visto que a ilustradora com participação mais expressiva na coleção, Helga Trein, já é falecida e não foi possível, de fato, corroborar essa associação, embora os traços e características de alguns dos animais, por exemplo, sejam semelhantes. Entretanto, desde já, é importante frisar que, em contraposição aos desenhos dos referidos animais, o estilo de ilustração adotado na representação de crianças e adultos em determinados cenários reforça a identidade gráfica dessa ilustradora, a ser mostrada no decorrer do trabalho.

Considerando esse breve panorama sobre os acontecimentos do país naquele período, lembrado em alguns aspectos, as imagens dos livros didáticos, ao serem entendidas como documentos históricos, podem oferecer elementos de alguns aspectos da realidade social mostrados no conteúdo textual, intencionalmente ou não. Porém, é preciso considerar também que esses registros podem ser menos realistas do que se presume e, ao invés de refletirem determinada realidade, podem inclusive distorcer ou apresentar algumas modificações, sutis ou não, propositalmente ou não. Por isso, as imagens também são entendidas como “testemunhos históricos”, ao nos aproximarem do “espírito” de uma época e nos ajudarem a analisar diferentes pontos de vista, como defende Badanelli Rubio (2003, p. 179-180).

Por isso, para trabalhar com a análise iconográfica e iconológica das imagens, não basta apenas examinar o seu conteúdo gráfico, mas sim, o contexto em que foram produzidas. É necessário conhecer os profissionais e a editora que participaram da produção, para identificar as ações, atuações, intenções, padrões, proposições, interesses e pontos de vista envolvidos, além de considerar as principais configurações da política, da economia, da educação, da cultura, da sociedade em geral no período em que as imagens foram produzidas. Com isso feito, é possível unir a análise às questões gráficas, conceituais e estéticas das imagens. Esse conjunto de informações reunidas viabilizam resultados mais amplos e também detalhados.

Como já reiteradamente enfatizado, o foco desta pesquisa foi delimitado na *Coleção Guri*, uma coleção didática publicada a partir do início da década de 1960 e cujas edições foram sendo publicadas até o início da década de 1970. A coleção se constitui, então, como já indicado, de: *Cartilha do Guri*, *Primeiro Livro do Guri*, *Segundo Livro do Guri*, *Terceiro Livro do Guri*, *Quarto Livro do Guri*, *Livro de Admissão ao Ginásio do Guri*, além dos Livros específicos de Leitura, de Matemática e daqueles especiais para certas regiões do país. Vale informar, ainda, que do *Primeiro Livro do Guri* ao *Quarto Livro do Guri*, constam, em um único volume, para cada série escolar, os conteúdos de Linguagem, Gramática Funcional, Ortografia, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Higiene.

A autoria dos referidos livros didáticos que compõem a *Coleção Guri*, envolve o professor Elbio N. Gonzales (apenas na cartilha) e as professoras Flávia E. Braun, Rosa Maria

Ruschel e Zenna T. Braun (apenas nos livros de Matemática). As ilustradoras e o desenhista de mapas são: Helga Trein, Anelize Becker de Lima e Miron Zaions. Os revisores são: Dalva da Rosa Dupuy, Celso Pedro Luft e Rebeca Poyastro. Tais profissionais são aqueles que aparecem relacionados nos livros consultados, embora alguns não contenham todas essas informações. Esses dados, aqui apresentados, são tratados de forma mais específica na continuação do texto.

Considerando as publicações didáticas gaúchas publicadas, especialmente aquelas do período entre 1940 e 1980, conforme as pesquisas já desenvolvidas, diversas foram produzidas principalmente em razão da iniciativa das próprias autoras e professoras, sendo que várias delas eram vinculadas ao CPOE ou, ainda, se originaram da proposta das editoras às autoras, para produzirem determinado livro ou coleção didática. Em ambos os casos, isso decorre do interesse tanto de contribuir com recursos pedagógicos atualizados aos programas educativos vigentes na época como também pela atenção ao mercado editorial didático-pedagógico.

Diferentemente desses casos mais recorrentes, a *Coleção Guri* foi produzida devido também a outro fator, que envolve uma discussão conjunta e interesses de alguns profissionais atuantes em determinados setores vinculados à Secretaria de Educação do Estado, do governo estadual que vigorava naquela época, então liderado por Leonel Brizola. Nesse período, transformações significativas estavam sendo implementadas na rede escolar com a modificação dos programas educativos, assim como o investimento na construção de muitas novas escolas no estado, inclusive na zona rural, para dar oportunidade de educação ao maior número de crianças possível, espaços estes que viriam a ser denominados de “brizoletas”, pelo vínculo de sua concepção ao período político de atuação de Brizola, conforme já comentado anteriormente. Segundo Quadros (2001, p. 5), essa “ação educacional do estado assumiu um caráter eminentemente político” e “as escolas, projeção do urbano sobre o rural – missionárias da civilização urbana –, vinham imbuídas de um sentido modernizador e traziam uma missão civilizadora e integradora” e, por isso, “a escola devia ser uma referência para a comunidade. Por meio dela, o povo seria educado, civilizado e preparado para promover o progresso e o desenvolvimento do estado”.

Com a criação dessas escolas nas zonas rurais, apesar do esforço em criar condições de acesso e frequência das crianças à escola, igualmente alguns empecilhos e novos desafios se colocavam, especialmente pela demanda por professoras, que aumentou significativamente, bem como a necessidade de recursos pedagógicos para atender às necessidades escolares.

Segundo os relatos dos professores Elbio N. Gonzales (2018), Flavia E. Braun e Zenna T. Braun (2018), além do que foi comentado por Nelson Tabajara (2017) e Marlise Lautert (2017-2018), as dificuldades no provimento e equipamento dessas escolas

aumentaram, refletidas tanto em provas de avaliação de desempenho escolar (realizadas pela Secretaria de Educação e Cultura do estado ou pelo governo federal), como discutidas em reuniões de professores e coordenadores, nas Coordenadorias Regionais e demais setores administrativos da Secretaria de Educação, justificadas pela falta de formação e experiência das professoras que eram destinadas a se responsabilizar por essas turmas e, também, pela insuficiência do material didático, visto que entre os poucos livros didáticos e demais recursos que chegavam a essas escolas, pouco condiziam com a realidade local e, por consequência, o conteúdo não era considerado adequado aos alunos que viviam na zona rural.

Tendo a zona rural características bastante diferentes às da zona urbana, tanto as técnicas de ensino-aprendizagem como os exemplos demonstrados nos impressos necessitavam ser revistos e revisados. Ao que tudo indica, uma adequação se tornava necessária, para compreensão e socialização das crianças dessas localidades, cujos conhecimentos adquiridos na escola inevitavelmente eram comparados aos daquelas que estudavam na zona urbana, principalmente em avaliações realizadas pelo governo, com dados bastante discrepantes e preocupantes. Essas informações foram repetidas entre vários dos relatos obtidos nesta pesquisa, como os das professoras Flávia E. Braun e Zenna T. Braun (2018), do professor Elbio Gonzales (2018), da professora Marlise Lautert (2018) e de Nelson Tabajara (2017-2018). Origina-se daí a ideia da produção da *Cartilha do Guri*, apresentada em mais detalhes na sequência do texto.

Conforme os relatos dos profissionais supracitados, um dos principais motivos pela decisão de produção de uma nova cartilha e, conseqüentemente, dos livros posteriores, dedicados principalmente às escolas da zona rural, estava relacionado justamente às dificuldades, ao despreparo, à falta de experiência e à formação básica das professoras, que se sentiam desamparadas para trabalhar e adaptar o conteúdo programático para os alunos que moravam nessa região e, em especial, frequentavam as “brizoletas”.

Além dos números relativos à educação no RS na época, mapeados por Quadros (2002) e mostrados anteriormente no texto, a informação a respeito da qualificação dos professores, nesse período, também pôde ser comprovada pelos dados encontrados pelo autor, que indicam que

[...] mais da metade do corpo docente das escolas públicas não tinha sequer o curso normal, ou seja, eram docentes com precária qualificação pedagógica. Em 1961, já tendo transcorrido três anos de governo, 51,72% do corpo docente do ensino público encontrava-se nessa situação. É uma evidência de que, em princípio, a qualificação docente não foi uma das prioridades do governo (QUADROS, 2002, p. 85).

Havia queixas e o inconformismo com o material didático existente na época era notável, principalmente quando se fazia avaliação do nível de ensino dos alunos, nos quais aqueles da zona rural eram prejudicados, por terem que responder questões de temas que não correspondiam à sua realidade. Pfromm Netto et al. (1974), em sua publicação do início

dos anos de 1970, já comentavam a respeito dos problemas de adequação do livro didático ao aluno, o que coincide com o exposto pelos profissionais entrevistados nesta pesquisa. Segundo os autores,

Um dos problemas mais sérios enfrentados por todos aqueles que participam da confecção de um livro com objetivos educacionais, desde o autor até o editor e a própria gráfica encarregada da impressão, é o da adequação do livro ao aluno, seu consumidor. E mesmo que todo esse pessoal procure cuidar da questão com bastante zelo e critérios bem fundamentados, caberá sempre ao professor a decisão final de escolher esta ou aquela obra, decisão que deve ser tomada a partir de critérios objetivos, baseados em pesquisas referentes às qualidades desejadas nos livros didáticos (PFROMM NETTO et al., 1974, p. 36).

O trecho recém exposto vai ao encontro do que foi constatado no Rio Grande do Sul, no qual todos os profissionais envolvidos na produção da *Coleção Guri*, sabendo dos problemas e pelas experiências anteriores com outras publicações didáticas, participaram de sua criação, com o objetivo de buscar contemplar as necessidades e os interesses dos alunos visados e reforçasse os recursos didático-pedagógicos utilizados pelas professoras das escolas da zona rural, entre as quais muitas não apresentavam formação suficiente, experiência, habilidade e dinamismo para o que lhes competia fazer em sala de aula. Até então, nem sempre os livros didáticos eram possíveis de serem adquiridos ou mesmo não havia modelos disponíveis que pudessem ser adaptados à realidade desse grupo em especial.

É importante dizer também que, até o início do século XX, muitos dos livros didáticos continham apenas um autor (PFROMM NETTO et al., 1974, p. 46). A partir de então, começou a surgir a múltipla autoria nos livros didáticos, que apareciam assinados por dois ou mais autores. A *Coleção Guri*, com quatro autores, mesmo não estando todos reunidos no mesmo volume, é reflexo dessas mudanças, pois envolve vários profissionais da área da educação que colaboraram com suas formações específicas em cada um dos livros¹²⁸.

Ainda em relação à autoria dos livros didáticos, Pfromm Netto et al. (1974, p. 46) também ressaltam a importância de os profissionais envolvidos na produção dos livros combinarem sua competência no assunto com a experiência didática. Os autores acreditam que, em função disso, à época, já se manifestava uma tendência para a produção de livros didáticos em coautoria e qualificados pela participação de profissionais de distintas áreas, característica essa que passou a ser cada vez mais frequente nas obras.

A reunião de especialistas no conteúdo, de alto nível, com especialistas em educação, psicólogos, professores experientes, ilustradores e planejadores gráficos especializados em livros para crianças e jovens já é uma realidade que começa a produzir seus primeiros frutos no Brasil (PFROMM NETTO et al., 1974, p. 46).

A *Coleção Guri* é um exemplo de efetivação desse processo, ao ser resultado de um

¹²⁸ Vale lembrar que no acervo dos livros didáticos gaúchos do Hsiales existem vários casos semelhantes, de coautoria nas obras, produzidas no mesmo período.

trabalho de equipe, visto que os profissionais envolvidos foram escolhidos e convidados a integrarem o projeto, de acordo com suas formações específicas e experiências prévias em seus campos de atuação, como foi possível constatar pelos relatos de atuação e trajetória profissional de todos aqueles localizados nesta pesquisa, cujos dados aparecem na sequência do texto.

Pela dificuldade de se encontrar fontes documentais com dados de circulação da *Coleção Guri* nas escolas do estado e mesmo fora do RS, é difícil saber quais os livros foram realmente usados, de que forma isso aconteceu e em quais escolas ela foi adotada. Contudo, para além disso, entre outras estratégias de se encontrar informações sobre as tiragens, edições e circulação, está a possibilidade de recorrer ao número de edições dos livros, quando eles existem impressos nos próprios livros ou registrados em publicações oficiais passíveis de serem acessadas, sendo que em alguns desses aparece também a informação sobre a quantidade de exemplares publicados. Além disso, é possível encontrar carimbos em alguns dos próprios livros didáticos, que identificam locais ou proprietários, com os quais se pode inferir por onde estiveram esses exemplares. Ambos os procedimentos foram adotados nesta pesquisa, para um rastreamento de todos os dados possíveis, sendo os resultados dos primeiros apresentados a seguir, e os do segundo aparecem mais adiante, nas informações específicas de cada um dos livros didáticos analisados.

Diante disso, a partir das fontes documentais consultadas (explicitados em item sobre a metodologia) e pelos dados dos exemplares disponibilizados nas catalogações das 09 instituições, apresentadas anteriormente na Tabela 08, que contém livros didáticos da *Coleção Guri* (Hisales – 26, UFRGS - 20, Biblioteca Nacional - 12, Livres - 09, UFMG - 04, USP - 03, Delfos – 01, Memória da Cartilha - 01 e Ceihe – 01), além daqueles encontrados nos acervos particulares de Elbio N. Gonzales (02 exemplares) e de Nelson Tabajara (03 exemplares), foi feito um mapeamento dos livros efetivamente publicados e daqueles que aparecem indicados (na relação de obras citadas nas propagandas encontradas na contracapa, 2ª capa, 3ª capa e páginas pós-textuais, assim como na listagem de edições inserida nas páginas pré-textuais de alguns dos livros didáticos da coleção).

Com isso, coletou-se informações das especificidades dos referidos suportes, tais como título, tipo de livro, ano escolar, região de destino, ano de publicação, edição e tiragem de cada um dos exemplares. Por esses registros, é possível identificar aspectos como a aceitação da *Coleção Guri*, a diversidade de títulos, assim como sua permanência no mercado didático e seu tempo de uso e de circulação nas escolas da região do RS e de outros estados do Brasil. A Tabela 09, a seguir, apresenta os principais dados editoriais dos livros didáticos da coleção que puderam ser identificados, pela conferência dos exemplares incluídos na amostra, acima referida.

Tabela 09 – Livros didáticos da *Coleção Guri* e principais dados editoriais.

LIVROS DIDÁTICOS DA COLEÇÃO GURI – PRINCIPAIS DADOS EDITORIAIS						
TÍTULO DA OBRA	TIPO	ANO ESCOLAR	REGIÃO	ANO	EDIÇÃO	TIRAGEM
CARTILHA DO GURI – Processo de palavras geradoras letra tipo-script	Cartilha	-	-	1962	1 ^a	-
				1965	7 ^a	-
				1966	8 ^a	-
				1967	9 ^a	-
				1967	10 ^a	-
				1968	-	-
				1969	13 ^a	200.000
CARTILHA DO GURI	Manual do Professor	-	-	1968	-	-
PRIMEIRO LIVRO DO GURI - Linguagem, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Higiene	Livro Didático	1º Ano	-	1967	1 ^a	50.000
				1968	2 ^a	50.000
				1969	3 ^a	100.000
PRIMEIRO LIVRO DO GURI – Leitura	Livro Didático	1º Ano	-	1970	2 ^a	-
PRIMEIRO LIVRO DO GURI – Matemática	Livro Didático	1º Ano	-	1968[?]	-	-
SEGUNDO LIVRO DO GURI - Linguagem, Gramática Funcional, Ortografia, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Higiene	Livro Didático	2º Ano	-	1964	1 ^a	5.000
				1964	2 ^a	20.000
				1964	3 ^a	20.000
				1964	4 ^a	25.000
				1965	5 ^a	20.000
				1965	6 ^a	20.000
				1965	7 ^a	20.000
				1965	8 ^a	10.000
				1966	9 ^a	25.000
				1967	10 ^a	25.000
				1967	11 ^a	25.000
				1967	12 ^a	25.000
				1968	13 ^a	25.000
				1968	14 ^a	25.000
				1969	15 ^a	100.000
				1971	16 ^a	30.000
SEGUNDO LIVRO DO GURI - Leitura	Livro Didático	2º Ano	-	1970	2 ^a	-
SEGUNDO LIVRO DO GURI - Matemática	Livro Didático	2º Ano	-	Não se tem dados concretos se foi editado e publicado – propaganda na contracapa dos livros didáticos		

LIVROS DIDÁTICOS DA COLEÇÃO GURI – PRINCIPAIS DADOS EDITORIAIS						
TÍTULO DA OBRA	TIPO	ANO ESCOLAR	REGIÃO	ANO	EDIÇÃO	TIRAGEM
TERCEIRO LIVRO DO GURI - Linguagem, Gramática Funcional, Ortografia, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Higiene	Livro Didático	3º Ano	-	1965 Julho	2ª	20.000
				1965 Julho	3ª	80.000
				1966 Dezembro	4ª	25.000
				1967 Fevereiro	6ª	25.000
				1969[?]	-	-
				1971[?]	-	-
TERCEIRO LIVRO DO GURI - Linguagem, Gramática Funcional, Ortografia, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Higiene	Livro Didático	3º Ano	Edição Especial para o Rio Grande do Sul	S/D	S/ED	-
			Edição Especial para Santa Catarina	Não se tem dados concretos se foi editado e publicado – propaganda na contracapa dos livros didáticos		
			Edição Especial para São Paulo	Não se tem dados concretos se foi editado e publicado – propaganda na contracapa dos livros didáticos		
			Edição Especial para Guanabara	Não se tem dados concretos se foi editado e publicado – propaganda na contracapa dos livros didáticos		
TERCEIRO LIVRO DO GURI - Leitura	Livro Didático	3º Ano	-	1970	1ª	50.000
TERCEIRO LIVRO DO GURI - Matemática	Livro Didático	3º Ano	-	Não se tem dados concretos se foi editado e publicado – propaganda na contracapa dos livros didáticos		
QUARTO LIVRO DO GURI	Livro Didático	4º Ano	-	1966	1ª	25.000
				1966	2ª	25.000
				1967	3ª	25.000
				1967	4ª	25.000
				1969	5ª	80.000
QUARTO LIVRO DO GURI - Matemática	Livro Didático	4º Ano	-	Não se tem dados concretos se foi editado e publicado – propaganda na contracapa dos livros didáticos		
EXAME DE ADMISSÃO	Livro Didático	5º Ano	-	Não se tem dados concretos se foi editado e publicado – propaganda na contracapa dos livros didáticos, indicando “em elaboração”. No Terceiro Livro (2ª ed., 1965), há indicação de publicação para 1967.		

Fonte: Dados da autora (2018).

Pelos dados expostos, percebe-se que as edições chegam pelo menos à 13ª no caso da *Cartilha do Guri* e à 16ª no que diz respeito ao *Segundo Livro do Guri*. Como não foi possível encontrar os dados de edição e tiragem de todas as versões, não há como fazer uma análise evolutiva e comparativa total, mas percebe-se que, entre as quantidades das tiragens que foram identificadas, os números são bastante expressivos, considerando que algumas são bem próximas entre si, pelo ano em que foram publicadas, inclusive com várias tiragens de quantidades menores dentro de um mesmo ano, o que ocorre em mais de um caso, fazendo com que sejam publicadas edições diferentes no período de um ano. Quando a tiragem é de uma quantidade de exemplares especialmente alta, há um intervalo maior entre as datas de publicação.

Pode-se confirmar que os livros didáticos de edição especial destinados a outros estados, especificamente os do 3º ano, também estiveram na lista dos que seriam publicados pela Tabajara. Além desses, há divulgação do livro que seria dedicado à Admissão ao Ginásio, no caso também não localizado até a finalização da pesquisa. Não foram encontrados esses referidos livros e não se localizou informações detalhadas sobre a circulação por vários estados, contudo, no Diário Oficial foram encontradas notas que comprovam a sua aprovação e autorização para uso nas escolas paulistas.

Com relação aos exemplares guardados por Nelson Tabajara, o mesmo informou que restam poucos livros da Tabajara sob sua guarda, junto a outros documentos da editora, em seu acervo particular. Não existe um acervo ou arquivo institucional ou público no qual estejam reunidos os registros, documentos e publicações das Edições Tabajara. Apesar disso, pela consulta das imagens das capas do acervo particular de Nelson Tabajara, verificou-se que havia um setor na empresa, chamado de Arquivo, onde eram registrados e armazenados os exemplares publicados, que eram carimbados na capa e na folha de rosto.

Nesses referidos registros carimbados, há um parágrafo informando que o exemplar faz parte do arquivo das Edições da Livraria Tabajara, com campos em aberto nos quais eram preenchidos, manualmente à caneta pela funcionária responsável, os dados editoriais referentes à edição, tiragem, ano e gráfica. Ao final de tudo, também consta a informação de que os exemplares não poderiam ser retirados do local, o que indica a preocupação da Tabajara em conservar uma amostra das publicações em seu acervo, que por motivos desconhecidos, não foi preservado após o encerramento dos serviços na última sede. A Figura 22, a seguir, ilustra um desses registros, encontrado em um dos exemplares da *Cartilha do Guri*.

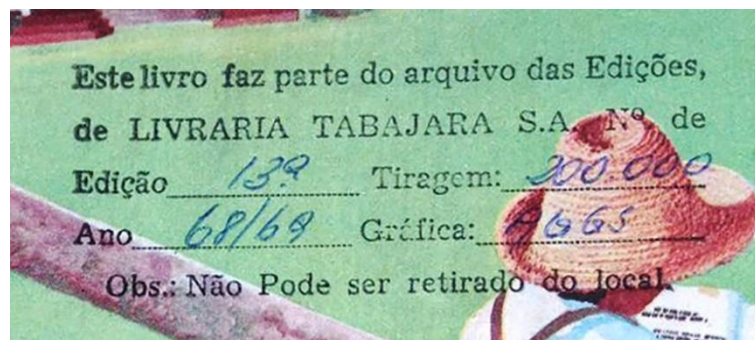


Figura 22 – Fragmento da capa de exemplar da *Cartilha do Guri* (13ª ed., 1968/1969, Ed. Tabajara), com o carimbo do Arquivo das Edições da Livraria Tabajara.

Fonte: Acervo particular de Nelson Tabajara.

Ao ser consultada a respeito dos livros terem sido inclusive publicados para outros estados, além do RS, como os indicados na Tabela 09 referida anteriormente, a professora e autora Flávia E. Braun declarou, em seu relato, não se recordar sobre isso e que isso não teria sido passado por ela. Tanto ela como sua irmã Zenna T. Braun, também professora e autora, demonstraram surpresa ao saber da repercussão que a coleção teve, pela circulação, edições e tiragens. Ambas relataram que não acompanharam esse processo com atenção, pois não se pensava nisso e não se deu o merecido valor e reconhecimento de sua produção na época (Flávia E. Braun; Zenna T. Braun, 2018).

Como já comentado anteriormente, a *Coleção Guri* se originou da publicação primeira da *Cartilha do Guri*, pelas Edições Tabajara, cuja primeira edição é de 1962. Com o tempo, conforme a demanda e devido ao sucesso obtido com a cartilha, as autoras e os editores da Tabajara decidiram investir na produção da continuidade da *Coleção Guri*, com os livros subsequentes para os anos escolares posteriores.

A participação do professor Elbio Gonzales foi efetivada apenas na cartilha, pois na época em que as professoras Flávia E. Braun e Rosa M. Ruschel produziram os demais livros, ele se encontrava afastado de suas funções profissionais em Porto Alegre e estava se dedicando a outras ocupações, em Brasília/DF. Já a professora Zenna T. Braun participou como autora apenas do livro específico de Matemática, por ser sua área de especialidade, a qual vinha se dedicando com maior interesse, mas a própria afirmou, em seu relato, que acompanhou e colaborou também na criação das demais obras da coleção.

Tendo em vista o que já foi mostrado até então, a *Cartilha do Guri* deve ser entendida como uma obra produzida no contexto do projeto educacional de lema “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul”, do governo de Leonel Brizola, cujo objetivo era criar condições amplamente favoráveis de infraestrutura física e técnico-pedagógica para o desenvolvimento do ensino nos municípios do Estado, conforme os dados já apresentados.

Para tanto, o governador Brizola criou o Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (Sedep), anteriormente referido. Durante os dois primeiros anos de existência

(1961 e 1962), esse setor foi chefiado justamente pelo professor Elbio Neris Gonzales, um dos autores da *Cartilha do Guri*. Nesse período, conforme o relato desse professor, foram executadas duas etapas de expansão do ensino primário municipal, as quais abrangeram todos os então 135 municípios do estado do Rio Grande do Sul (Elbio N. Gonzales, 2018).

Conforme informa o professor Elbio N. Gonzales, em seu relato, a primeira etapa preparou a infraestrutura física, com a construção de mais de 4.000 escolas de duas e três salas de aula, distribuídas por todos os municípios do Estado. Esta etapa foi acompanhada de perto pelo Governador e seu Secretário de Educação e Cultura, que deram todo o apoio ao desempenho pessoal do chefe do Sedep, que era ele mesmo (Elbio Gonzales), para efetivar a adesão dos prefeitos municipais, objetivando os convênios de cada município com o Estado. O professor Elbio N. Gonzales afirma, ainda, que a adesão foi de 100%, apesar das diferenças partidárias entre os 135 prefeitos (Elbio N. Gonzales, 2018).

Esses convênios compreendiam uma distribuição de responsabilidades mútuas entre os municípios e a Secretaria de Educação e Cultura, segundo relata o professor Elbio N. Gonzales. As prefeituras deveriam compor uma equipe local, responsável pela implantação municipal do programa, devendo fazer parte dela, obrigatoriamente, a Secretaria de Educação do ensino municipal, um representante do partido do governo estadual (PTB), um representante do prefeito e um representante da comunidade local. Essa equipe deveria planejar a distribuição e o número das escolas no espaço do município, planejar sua construção e apresentar os respectivos custos. O plano deveria ser aprovado no Sedep. O governo estadual repassava à prefeitura 70% desse orçamento para a construção das escolas. Os restantes 30% eram de responsabilidade do município (Elbio N. Gonzales, 2018).

Sendo assim, durante esses dois primeiros anos de implantação do programa, o próprio professor Elbio N. Gonzales coordenou presencialmente um intenso processo participativo de implantação do projeto, por meio de eventos e reuniões principalmente com as Coordenadorias Municipais de Ensino, nas respectivas sedes municipais (Elbio N. Gonzales, 2018). Imagens de uma dessas ocasiões podem ser vistas na Figura 23, referentes a uma reunião realizada em Porto Alegre, em 1962. Na fotografia à esquerda, nota-se a presença, da esquerda para a direita, do chefe do Sedep - o professor Elbio N. Gonzales (sentado à mesa), do então Secretário da Educação - Justino Quintana (em pé, no meio da mesa) e do governador Leonel Brizola (sentado à mesa). A fotografia à direita mostra o público presente nessa reunião, composto predominantemente por professoras e funcionárias dos setores de educação do governo.



Figura 23 – Reunião com as coordenadoras do ensino municipal em Porto Alegre/RS, 1962. Na fotografia à esquerda, da direita para a esquerda, as três pessoas junto à mesa são: o governador Leonel Brizola (sentado), o secretário da Educação Justino Quintana (em pé) e o prof. Elbio N. Gonzales (sentado). Na fotografia à direita, aparece o público presente na reunião, formado por professoras e funcionárias dos setores de educação do governo.

Fonte: Acervo particular de Elbio Neris Gonzales e Suely Franco Netto Gonzales.

Segundo o relato do professor Elbio N. Gonzales, os convênios foram todos firmados e mais de 4.000 escolas se espalharam no território do RS, nestes dois primeiros anos. Essa etapa foi coordenada e executada pelo próprio professor Elbio N. Gonzales, enquanto chefe do Sedep, apoiado por uma pequena equipe constituída por uma arquiteta, duas secretárias, um técnico em educação, uma copeira e um motorista. A participação e os esforços das equipes municipais foram decisivos no sucesso do programa, nas palavras de Elbio Gonzales. Inclusive, após o encerramento do governo de Brizola, o programa teve continuidade no governo de Ildo Meneghetti (Elbio N. Gonzales, 2018). No que se refere à quantidade de escolas acima citada, embora o professor Elbio N. Gonzales tenha repassado tais números para esta pesquisa, os dados levantados por Quadros (2001; 2002; 2005), anteriormente mostrados, revelam outros números¹²⁹.

Elbio N. Gonzales também fez comentários a respeito dos contratos dos professores, anteriormente apresentados no texto, através dos dados mapeados por Quadros (2002), na contextualização sobre a educação do período. Segundo o professor, no decorrer das construções das escolas, foi evidenciada a necessidade de aumentar significativamente tanto o número de professoras municipais quanto sua capacitação pedagógica, além de oferecer-lhes instrumentos adequados para desenvolver a atividade de ensino nas escolas construídas. Ao Sedep coube, então, realizar mais duas iniciativas essenciais: o processo de apoio pedagógico com o recrutamento e a capacitação de professoras municipais e a criação de seu instrumento essencial, uma cartilha de alfabetização (Elbio N. Gonzales, 2018).

¹²⁹ Os números informados por Elbio N. Gonzales foram recebidos via questionário, enquanto que, os de Quadros (2001; 2002; 2005) foram retirados de suas publicações. É possível que os dados fornecidos pelo professor Elbio tenham sido um número aproximado, de acordo com suas lembranças, na falta de condições de fornecer um valor exato, visto que não foi possível comprovar se houve, de sua parte, consulta a documentos para repassar essa informação. Em relação aos dados de Quadros, são baseados em relatórios e documentos pesquisados em seus estudos. Convém informar aqui que não houve verificação mais detalhada sobre a diferença observada entre os referidos números, indicados por Gonzales e Quadros, durante esta pesquisa.

É deste processo que surge então a *Cartilha do Guri*, proposta pelo professor Elbio N. Gonzales, que convidou as professoras, pedagogas de reconhecida competência, Flávia E. Braun e Rosa M. Ruschel para produzirem juntamente com ele a referida obra didática. Além disso, ambas as professoras tinham experiência profissional, tanto como professoras como coordenadoras de escolas da zona rural. Também tinham participação profissional na 3ª Coordenadoria Regional do Estado, que abrangia a região de Estrela, cidade na qual haviam trabalhado. Isso confirma que todos esses profissionais já se conheciam previamente à criação da *Cartilha do Guri*, pelas relações profissionais estabelecidas, visto que, em suas respectivas funções, trabalhavam nos setores da educação daquela região (Elbio N. Gonzales, 2018; Flávia E. Braun; Zenna T. Braun, 2018).

Além disso, a maioria das autoras gaúchas de livros didáticos publicados naquele período tinha vínculo com o CPOE, mas não era o caso nessa produção. O referido centro providenciou uma avaliação e aprovou os livros que integram a *Coleção Guri*, segundo os critérios adotados, o que repercutiu na sua divulgação e indicação tanto pela *Revista do Ensino/RS* como pelos documentos e boletins enviados às escolas.

Segundo os autores entrevistados nesta pesquisa, a respeito da primeira obra publicada da coleção, a *Cartilha do Guri* pretendia destinar-se então a determinado aluno e a um determinado professor, pois era necessário atentar para a realidade presente naquele momento histórico, em que a maioria das escolas criadas estavam em área rural e, além do mais, havia o desejo de se valorizar também as características culturais do estado do Rio Grande do Sul (Elbio N. Gonzales, 2018; Flávia E. Braun; Zenna T. Braun, 2018). Além disso, em seu relato, o professor Elbio N. Gonzales destacou que a cartilha não era exclusivamente um instrumento didático para aprender a ler, mas tinha um objetivo de formação cultural, de integração social da criança, ao alfabetizar-se (Elbio N. Gonzales, 2018).

Por isso, a cartilha continha um conteúdo adaptado à realidade local e regional do RS, utilizando o recurso das “palavras geradoras”, que foram selecionadas pensando-se tanto pela sua função técnico-pedagógica quanto sociocultural. Além do mais, as imagens utilizadas na cartilha foram também escolhidas e definidas pelos autores, pois tinham como objetivo servirem como indicadores visuais da respectiva palavra ou das frases contidas nas páginas (Elbio N. Gonzales, 2018; Flávia E. Braun; Zenna T. Braun, 2018).

Sobre o título da coleção ter o nome “Guri”, os três autores comentaram, em seus relatos, que foi pelo desejo de utilizar alguma expressão que fosse comum e típica da região do Rio Grande do Sul. Daí surgiu essa proposta, posto que se trata de uma palavra popular, de uso generalizado e simbólico para o estado, e a decisão por ela foi de comum acordo entre todos (Elbio N. Gonzales, 2018; Flávia E. Braun; Zenna T. Braun, 2018). Com isso, para se preservar a identidade do material, foi mantido o nome para os demais livros da coleção, modificando-se a primeira parte “Cartilha”, para “Livro do”, que seria antecedido, para cada

caso, pelas palavras “Primeiro”, “Segundo”, “Terceiro” ou “Quarto”, fazendo, assim, uma referência ao nível de escolarização do aluno.

Segundo consta no dicionário Houaiss (2018), “guri” significa menino, criança¹³⁰, o que coincide com o significado regional atribuído no Rio Grande do Sul. Etimologicamente, essa palavra evidencia a influência da língua indígena no português, pois se origina do termo tupi *wyrí* / *gwi’ri* / *guiri* / *ki’ri* / *ü i’ri* (há variações na escrita da expressão), que significa “pequeno” e diz respeito também a um “bagre novo”, o que por extensão metafórica se estendeu para “criança” (ROMANO; SEABRA, 2014). Esse termo, com características regionalistas, é muito utilizado no sul do Brasil e significa criança, do sexo masculino, visto que para aquela de sexo feminino, é utilizada a expressão “guria”. Em outros estados, isso seria equivalente a vocábulos característicos de certas regiões, apresentando variações, tais como “menino”, “garoto”, “moleque” ou “piá”.

Desta forma, a palavra “guri” também absorve as explicações para o significado da expressão “criança”, a saber, que corresponde àquele ser humano que está na primeira fase de existência, a da infância; é o indivíduo que se encontra no período que vai do nascimento à puberdade; que ainda não é adulto; que está no início do seu desenvolvimento e que, nessa etapa, recebe aprendizagens que são essenciais para a sua formação, no decorrer de sua vida. Pelas definições abordadas, compreende-se as justificativas para o título da *Cartilha do Guri*, e na continuidade, para os demais livros didáticos da *Coleção Guri*, agregando tanto a relação da palavra “guri” com a forma como as crianças comumente são chamadas no Rio Grande do Sul, quanto a participação dos referidos suportes na formação dos gurus e gurias, durante os anos iniciais de sua fase escolar.

Quanto às questões burocráticas de inscrição e autorização para utilização dessas expressões pela Tabajara no título da referida coleção didática, foi encontrado no Diário Oficial de 31/05/63 (p. 14 – Seção III), o registro do termo “Tabajara” (Térmo nº 581.258, de 4-3-63) e no de 18/03/64 (p. 16 – Seção III), dois registros na sequência, um com o termo “Guri” (Térmo nº 617.598, de 18-11-1963) e outro com “Coleção Guri” (Térmo nº 617.599, de 18-11-1963), com as respectivas especificidades. Os informes com os três termos podem ser vistos na Figura 24¹³¹.

¹³⁰ Em alusão às expressões utilizadas na *Coleção Guri* e valorizando a cultura regional, neste trabalho são utilizados propositalmente os termos “guri” (masculino) e “guria” (feminino) no lugar de “menino” (masculino) e “menina” (feminino), para identificar essa relação das crianças e seus gêneros, quando necessário.

¹³¹ Um fato curioso aconteceu durante a pesquisa, no mapeamento sobre a coleção que estava sendo realizado via *internet*, ao deparar-se com outra publicação de mesmo título, publicada poucos anos antes da que se estuda nesse trabalho. A autora Célia Agra dos Santos publicou uma obra didática intitulada *Cartilha do Guri*, em 1955, pela Gráfica Nossa Senhora de Fátima, no Rio de Janeiro, com 63 páginas (dados do exemplar catalogado no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro). Conforme consta no Diário Oficial da União (DOU), na página 41 da Seção 1 de 24/02/1956, foram registrados pela Biblioteca Nacional, no mês de julho de 1955, os direitos autorais dessa obra didática, sob Nº 9.986. Nascida em 1926, Célia era professora municipal e também publicou a coleção didática *Minhas férias – Exercícios de Linguagem, Matemática e Conhecimentos Gerais*, com volumes

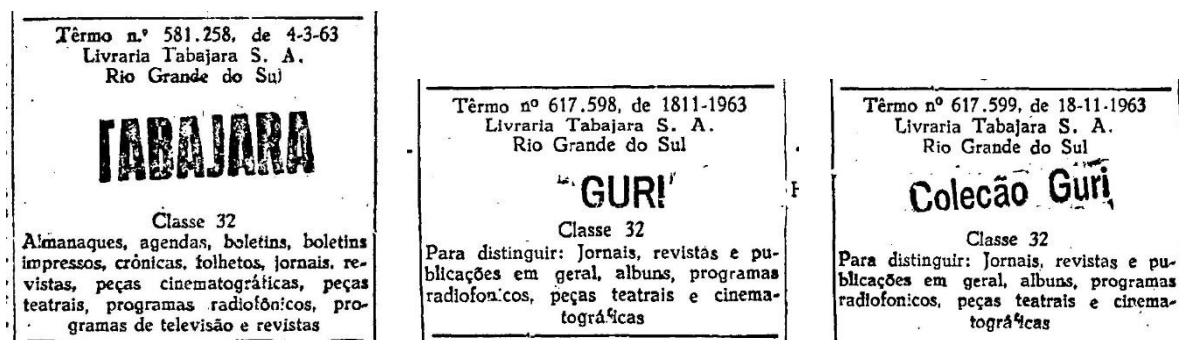


Figura 24 – Fragmentos das páginas do Diário Oficial com os registros dos termos “Tabajara”, “Guri” e “Coleção Guri”.

Fonte: Diário Oficial de 31/05/63 (p. 14 – Seção III), à esquerda, e de 18/03/64 (p. 16 – Seção III), ao centro e à direita.

Entretanto, mesmo com esses registros de termos acima referidos e aprovados, no Diário Oficial de 29/05/1969 (p. 05 – Seção III) foi encontrado o indeferimento de “Guri” como marca, na seção de “Marcas Indeferidas”, o que havia sido requerido pela Livraria Tabajara S. A., identificado sob N. 617.598, cl. 32.

No texto de Apresentação da *Cartilha do Guri* (1962, p. 2), os autores comunicam ao leitor o objetivo da publicação. No trecho “Não aspiramos o ideal. Esta Cartilha é uma espécie de resposta a uma realidade. É uma experiência sujeita a ser reconstruída e aperfeiçoada”, a referência é a vida na zona rural. Igualmente no trecho: “Procuramos neste Pré-Livro, com o máximo de simplicidade e de realismo, acondicionar os princípios psicológicos, pedagógicos e didáticos a uma situação sociológica concreta”, abordam a preocupação com a concepção de uma cartilha que agregue esses aspectos, considerando as necessidades das crianças que vivem no interior, diferentemente das que estão na zona urbana.

Além disso, ainda no mesmo texto, os autores frisam também a importância de preparar um material que dê conta da alfabetização de forma simplificada e condizente com o meio em que vivem as crianças, ao dizerem que: “Nossa intenção é a de evitar o sistema mecânico do B-A-BA, sem cair em sistemas por demais evoluídos, inacessíveis a nossa realidade” (1962, p. 2). Os autores finalizam declarando que desejam apenas uma única coisa com a Cartilha: “[...] concorrer positiva e diretamente na solução do problema da aprendizagem da leitura e da escrita e indiretamente na libertação do homem, porque homem analfabeto é homem escravo” (1962, p. 2), fazendo referência, então, à discrepância entre os resultados dos conhecimentos alcançados pelos alunos de diferentes zonas e defendendo o acesso e a inclusão de todas as crianças na educação.

Com relação à decisão da publicação pela Editora Tabajara, Elbio N. Gonzales afirmou, em seu relato, que ele mesmo entrou em contato com o editor Joel Tabajara para a

de 1ª a 5ª série, no início da década de 1950. Entretanto, não foi possível verificar se os profissionais envolvidos na produção da *Cartilha do Guri* gaúcha teriam conhecimento sobre esta publicação anterior.

publicação da primeira edição da *Cartilha do Guri*. Na fase da primeira edição, publicada em 1962, a comunicação entre ambos era constante e perdurou durante as edições seguintes, inclusive após a sua mudança para Brasília, em 1963, o que passou a ser realizado apenas por contatos via correspondência, conforme interesses nas edições que seguiram a primeira, do qual a professora Suely Gonzales, sua esposa (de Elbio), também teve parte ativa (2018).

A identidade visual adotada pela coleção está fortemente vinculada à imagem utilizada na capa, bastante peculiar e expressiva, que até os dias de hoje é associada facilmente aos mesmos livros, pelas pessoas que a conheceram, mesmo sem ter utilizado alguns dos volumes publicados. Segundo os relatos de Elbio N. Gonzales (2018), ele acredita que a capa teve origem em uma fotografia que foi enviada e cedida por uma das coordenadorias municipais na época, mas ele não soube confirmar essa informação. Porém, também há indícios de que ela tenha sido de autoria do próprio editor Joel Tabajara, conforme os comentários de seus filhos, Nelson Tabajara (2018) e Carmen Tabajara (2018).

A imagem escolhida expressa a realidade, o ambiente e a cultura da zona rural, ressaltando também elementos alusivos ao projeto educativo do então governador Leonel Brizola. Posteriormente, essa fotografia serviu de inspiração para as capas seguintes, que apareceram nas edições subsequentes dos livros e que tiveram alterações, mas sempre procurou-se manter a ideia da mesma cena como foco principal. Desta forma, a fotografia original foi sendo reinterpretada, com variações de detalhes e de técnicas gráficas, tanto pela utilização de outras fotografias mais detalhadas, como por releituras com recursos de pinturas ou retoques fotográficos. Não foi possível obter mais detalhes sobre tais modificações das questões gráficas, pelo desconhecimento dos autores e também da família Tabajara (os entrevistados não acompanharam esse processo, que aconteceu anteriormente à sua participação na empresa). Mais detalhes sobre a visualidade das capas da *Coleção Guri* aparecem na continuidade do texto, no item de análise das imagens.

A Figura 25 mostra um dos exemplos de divulgação do lançamento da *Cartilha do Guri*, encontrado em uma matéria do jornal *O Tempo*, de Nova Petrópolis/RS, cujo redator era Osvaldo Spier. A notícia foi comunicada no mesmo ano em que foi publicada a primeira edição da cartilha, ou seja, em 1962. Este é um documento no qual se evidencia que o propósito da cartilha era “atender os interesses das crianças do interior”, conforme o próprio texto afirma. Além disso, em outro trecho, dá-se destaque à algumas características que qualificam a cartilha, ao aparecer descrita como sendo um “material tão bem selecionado e elaborado, com ilustrações sugestivas, boa apresentação, linguagem acessível e de fácil aplicação”.

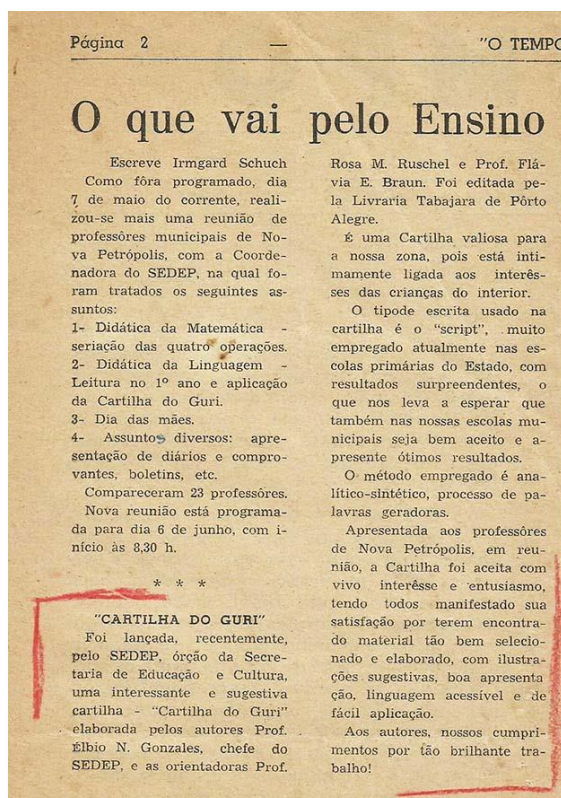


Figura 25 – Recorte de matéria publicada no jornal *O Tempo*, de Nova Petrópolis/RS, sobre a *Cartilha do Guri*. Redator Osvaldo Spier, p. 2, edição n. 12, s/d.

Fonte: Acervo particular de Elbio Neris Gonzales e Suely Franco Netto Gonzales.

Segundo o relato do professor Elbio N. Gonzales, o Sedep também fez reuniões em diversas cidades do estado para divulgar, mostrar e instruir sobre a *Cartilha do Guri*, recém lançada. Com isso, o professor Elbio Gonzales, durante o ano de 1962 fez, sistematicamente, apresentações da publicação, para o professorado dos municípios (Elbio N. Gonzales, 2018). No caso da Figura 26, é um registro de uma dessas ocasiões, em que a cartilha foi exposta aos professores municipais de Marau/RS.



Figura 26 – Reunião de exposição da *Cartilha do Guri* com professores municipais, sob coordenação do professor Elbio N. Gonzales, em Marau/RS, 01/06/1962.

Fonte: Acervo particular de Elbio Neris Gonzales e Suely Franco Netto Gonzales.

Há ainda, como exemplo da repercussão da *Cartilha do Guri*, uma carta de uma professora de Marau ao professor Elbio N. Gonzales (Figura 27), felicitando-o pela publicação da cartilha e elogiando a produção, dando destaque aos aspectos particulares do impresso pois, em suas palavras, o material era de qualidade “por adotar letra do tipo *script*, pela boa apresentação das figuras e ainda pela repetição constante das palavras, o que muito contribui, para fazer com que a criança grave mais, pois segundo dizem: a repetição é a mãe das Ciências”. Além disso, a professora relatou que a “[...] cartilha será de grande proveito para as crianças, pois através dela a aprendizagem da leitura e da escrita se tornará um trabalho mais vivo, mais interessante”, finalizando a carta dando ênfase à sua simplicidade e praticidade.

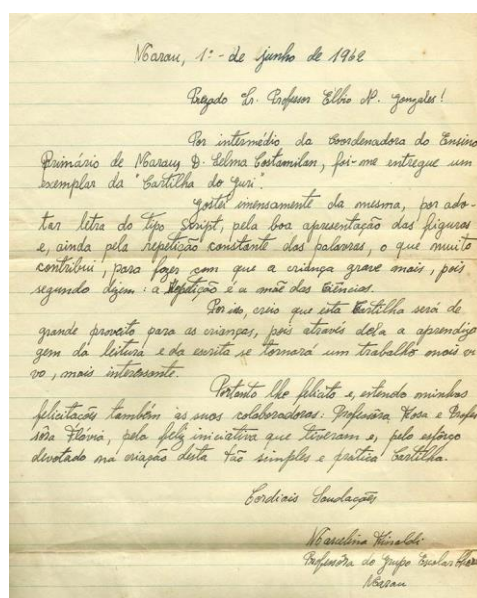


Figura 27 – Carta da professora Marcelina Rinaldi, do Grupo Escolar Charrua de Marau/RS, entregue ao professor Elbio N. Gonzales, com opinião sobre a *Cartilha do Guri*, 01/06/1962.

Fonte: Acervo particular de Elbio Neris Gonzales e Suely Franco Netto Gonzales.

Diante do sucesso obtido com o lançamento da *Cartilha do Guri*, foi dado prosseguimento então ao preparo dos livros seguintes. Essas informações eram divulgadas nas listagens de livros didáticos que eram inseridas em outras publicações da Tabajara, antes mesmo de eles serem publicados, de tal forma que os alunos e professores podiam acompanhar as novidades e as futuras publicações da editora no ramo, que utilizava essa estratégia de forma recorrente, não apenas nas publicações didáticas, mas também através de seus anúncios em impressos, como jornais e revistas. Um desses exemplos foi encontrado no *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965), que inseriu na listagem (disponível na 3ª capa), uma nota anunciando o preparo dos livros de 1º e 4º ano, além do de admissão ao ginásio, pelas autoras, fornecendo também as principais características da coleção.

Com isso, o que se divulgava era que os volumes seguintes à *Cartilha do Guri*

seguiram as mesmas diretrizes, com o conteúdo consubstanciando à vida pastoril, agrícola e industrial. O planejamento dos livros, destinado aos alunos, inicialmente envolvia a totalidade da matéria dos programas, prosseguindo em cada lição e desdobrando as respectivas unidades apresentadas. As lições, subsequentes a cada leitura, prosseguiram como exercício de linguagem e em torno das demais matérias programáticas, possibilitando ao aluno, em um só livro, ter o conteúdo fundamental do programa. Além disso, atendendo a necessidade de uma maior ampliação, cada livro teria como complemento, para o uso da professora, um de Exercícios, que lhe possibilitaria o desenvolvimento, quando necessário, mais amplo das matérias. Entretanto, esse volume específico de exercícios, para uso da professora, não foi identificado e localizado em nenhuma instância desta pesquisa.

Visualizando as etapas de produção gráfica de um livro didático em uma editora, é interessante remeter-se aqui ao que diz Frade (2010c), a respeito dos livros que deixam de ser artesanais (copiado e mandado reproduzir pelo professor) para serem impressos, quando primeiramente são produzidos manualmente pelos professores, considerando os conteúdos pertinentes a constarem no suporte e que, a seguir, são transformados em uma versão impressa, com a sua destinação à produção editorial em larga escala, visando sua maior circulação nas escolas. Segundo a autora,

[...] o termo “impresso” refere-se a uma técnica de reprodução a partir da tipografia, que pode ser tanto artesanal e produzida quanto encomendada em uma tipografia, ou ser um material padronizado e comercial feito por alguma tipografia/livraria. Essa é uma questão relevante porque podemos pensar na possibilidade de um professor copiar e mandar reproduzir poucos exemplares para uma classe, ou numa produção editorial que visa a um mercado escolar. Se esse material é vinculado a um método que apresentava materiais específicos e padronizados [...], podemos pensar em um material produzido em maior escala. (FRADE, 2010c, p. 268).

De certa forma, isso se assemelha ao caso da *Coleção Guri*, que no decorrer do tempo, após uma previsão inicial de atendimento a determinadas escolas, foi ganhando maior visibilidade e credibilidade e sendo produzida em tiragens mais frequentes ou mais altas, tendo em vista o aumento da demanda. Por isso, é válido entender de que forma esses livros didáticos passaram a ser produzidos em larga escala e, para isso, deve-se falar também sobre os processos de composição, impressão e acabamento, que integram as etapas de produção gráfica.

Como a Livraria e a Editora da Tabajara não possuíam um setor gráfico de sua própria propriedade, conforme anteriormente já explicado, os serviços referentes a estas etapas de produção gráfica foram terceirizados, da mesma forma como se procedia com todas as demais publicações dessa empresa. Entre as gráficas que executaram o serviço e puderam ser identificadas nos próprios livros didáticos da *Coleção Guri*, excetuando aqueles em que nada foi encontrado, estão: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, em Porto Alegre, em

meados da década de 1960, Oficinas Gráficas do Jornal do Dia, em Porto Alegre, em meados da década de 1960 e a Gráfica Editôra Livro S.A., no Rio de Janeiro, no final da década de 1960 e início da década de 1970. Isso comprova mais uma vez o que já foi dito anteriormente, que inicialmente a Tabajara utilizava gráficas pequenas do estado (RS) para prestação de tais serviços e, com o tempo, passou a recorrer a gráficas maiores, de outros estados, para a produção dos livros didáticos poder ser em maior escala, em função do aumento da tiragem, decorrente dos convênios firmados entre a editora e os programas governamentais do MEC.

Outro fator importante de se registrar e que também contribuiu para o reconhecimento da *Coleção Guri*, foi a divulgação e indicação de uso feita pelo CPOE, pois este setor costumava publicar uma lista de obras didáticas que eram indicadas para utilização nas escolas. Isso somente era divulgado após uma avaliação daqueles livros didáticos que eram entregues por editoras e/ou autores ao setor responsável pela apreciação das obras recebidas e pela emissão de pareceres resultantes da análise dos exemplares.

Esta era uma forma bastante efetiva de divulgação das publicações didáticas entre os professores e nas escolas, considerando a importância do trabalho do CPOE naquele período, na organização didático pedagógica da educação gaúcha. Muitas das ações deste Centro eram divulgadas pela *Revista do Ensino/RS* e também pelos Boletins e Comunicados enviados às Escolas e setores vinculados à educação, nos órgãos do governo.

A *Revista do Ensino/RS* inclusive publicava comunicados, escritos pelas técnicas em educação do CPOE, com orientações aos professores sobre critérios e procedimentos na escolha de livros didáticos¹³². Entre os critérios adotados pelo CPOE na avaliação das obras didáticas, expostos nos modelos de ficha de análise publicados no Boletim (1947-1960, p. 192 a 200 – versão fotocopiada), estão, de forma resumida:

- **Cartilhas:**

- Conto: Arte; Interesse para o aluno; Assunto da experiência do aluno; Linguagem; Variedade dos Sons.
- Parte técnica: Número total de palavras (100 a 150); Número de palavras por página (lições básicas – até 15, nas 1as. lições, até 30 no máximo; Número de repetições por palavra (nas 1as. lições repetições mais frequentes; Comprimento das linhas (7 cm); Nº de letras por linha (36 – contar os espaços como letras); Tipo (2/6 mm – largura e altura); Espaçamento entre as linhas (7 mm).
- Ilustrações (capa e conteúdo): Singeleza nos traços; Colorido; Representação do que

¹³² Entre os referidos comunicados, alguns exemplos são: “Como escrever um pré-livro” (N.87/set.1962/p.23-27) de Magdala Lisboa Bacha; “O livro didático” (N.100/1965/p.02-05); “A escolha do livro didático” (N.103/1965/p.04-06), ambos de Ada Vaz Cabeda; “Instruções gerais para escolha do livro “didático nas escolas do Rio Grande do Sul” (N.102/1965/p.02-03) de Ada Vaz Cabeda e Vera Neuza Lopes; “O pré-livro: condições para sua escolha” (N.108/1966/p.02-04) de Maria Josefa P. Motta.

narra o texto; Colocação; Tamanho (metade da página).

- Parte higiênica: Papel branco, ligeiramente amarelado, opaco.
- Exercícios: Fixação; Decomposição e recomposição de frases e palavras; Revisão.
- Instruções metodológicas para uso do professor.
- Índice.

- **Livros de leitura:**

- Parte material: Encadernação (Dorso de papel e tela de pano – de couro – capa cartonada – de percalina); Higiene (Cor conveniente – Tons suaves – Levemente creme – Opaco – Fosco); Linhas (Número em cada página / Comprimento das linhas / Largura das entrelinhas); Nº de palavras por página; Tipo, dimensões (milímetros); Impressão (uniformidade da distribuição da tinta; nitidez).
- Valor pedagógico: A – Método – Quanto à técnica de apresentação (1. Conduz à finalidade do livro?; 2. Tem sequência lógica em cada lição?; 3. Há graduação de dificuldades; 4. Apresenta questionário e sugestões para exercício?); B - Assunto (1. Em relação à criança; 2. Em relação ao meio; 3. Em relação à maneira de ser apresentado); C – Ilustração (Adequação ao assunto da lição; Sugestões); D – Valor moral e cívico; E – O livro está de acordo com o grau a que se destina?

- **Livros informativos:**

- Apresentação material: A – Capa (1. Ilustração – adequada, artística; 2. Encadernação – durabilidade); B – Papel (1. Cor – branco, creme, etc.; 2. Transparência; 3. Lustro; C – Impressão (1. Nitidez; 2. Tipo de letra – manuscrita, imprensa; 3. Tamanho; 4. Variação – excessiva, escassa, conveniente; 5. Linhas – extensão, espaçamento, margens; D – Ilustrações (1. Exatidão; 2. Objetividade; 3. Atratividade – interesse, arte; 4. Colocação; 5. Tamanho; 6. Nitidez; 7. Colorido).
- Conteúdo: A – Material de referência (prefácio; sumário; índice; bibliografia; orientação metodológica); B – Organização e apresentação da matéria (1. Fundamentos psico-pedagógicos (interesse; métodos; processos; atenção aos objetivos gerais da matéria; atenção aos objetivos específicos; hábitos; exercícios; jogos); 2. Fundamentos lógicos (obediência ao programa; exatidão das noções; graduação de dificuldades); 3. Linguagem (estrutura da sentença; vocabulário).

Pela consulta nos referidos documentos, foram encontrados nas listagens divulgadas pelo CPOE, com a indicação das obras avaliadas, alguns livros didáticos da Editora Tabajara,

a partir do ano de 1960¹³³. No que se refere especificamente aos livros da *Coleção Guri*, eles foram indicados na edição N.113/1967/p.59-62 da *Revista do Ensino/RS* (*Cartilha do Guri*, *Primeiro Livro do Guri*, *Segundo Livro do Guri*, *Terceiro Livro do Guri* e *Quarto Livro do Guri*). É interessante destacar que, nas observações do CPOE relativas à *Cartilha do Guri*, consta a informação “para uso em zona rural”.

Além disso, nas edições de N.115/1968/p.62 e N.128/1970/p.62 da *Revista do Ensino/RS*, os livros da *Coleção Guri* aparecem em uma lista de livros enviados pelos autores à Biblioteca do CPOE, o que pode ter sido providenciado pela Editora Tabajara, pois também há outras obras de sua publicação citadas. Vale informar ainda que, na lista disponibilizada na edição de n. 128, o livro específico de Matemática (com a participação de Zenna T. Braun na autoria) está mencionado.

Apesar dessas verificações, a professora Flávia E. Braun, em seu relato, afirmou não saber ou mesmo não lembrar se a coleção teria sido submetida à avaliação do CPOE e que esteve recomendada nas listagens de livros didáticos. Ademais, reafirmou que esse órgão não teve nenhuma participação direta na produção da coleção e que nenhum dos autores teria vínculo profissional com o referido centro (Flávia E. Braun; Zenna T. Braun, 2018).

Quanto aos usos da *Coleção Guri* e forma de aquisição dos livros didáticos, foi possível identificar alguns aspectos pontuais a partir de um caso específico de uma pessoa que foi alfabetizada com a *Cartilha do Guri*. Conforme o relato de Silvani Bee (2018a), ela utilizava a *Cartilha do Guri* quando era aluna do 1º ano, em 1973, na Escola Pedro Braun (situada no interior da cidade de Estrela). Ela não se recorda de ter estudado com os livros seguintes da coleção e, quanto à utilização da cartilha, comenta: “nos era permitido usar a cartilha durante as aulas e também podíamos levá-la para casa para treinar a leitura e fazer a tarefa de casa. Cada um de nós tinha o seu exemplar”. Com relação à forma de aquisição da cartilha, ela informa: “Lembro que todos possuíam o seu livro – cartilha. Mas não lembro e não descobri se eram comprados pelas famílias (minha mãe também não lembra). Acredito que eram obrigatórios, pois todos a possuíam”. Além disso, ela registra que não foram

¹³³ As edições da *Revista do Ensino/RS* em que foram encontradas listas com indicação de obras didáticas com publicações da Tabajara são: N.70/Ago.1960/p.68 (Leitura intermediária: *Nossos exercícios de linguagem* – Sydia Sant’Anna Bopp); N.71/Set.1960/p.03 (Livros informativos: *Nossos exercícios – Estudos Sociais – 1º ano* – Eddy Flores Cabral; *Nossos exercícios – Estudos Sociais – 2º ano* – Eddy Flores Cabral; *Nossos exercícios – Estudos Sociais – 3º ano* – Eddy Flores Cabral); N.113/1967/p.59-62 (Curso primário: *As férias com o vovô* – Angélica Serena Otto Bayer; *Linguagem e Estudos Sociais – 1º ano* – Sydia Sant’Anna Bopp e Eddy Flores Cabral; *Cartilha do Guri* – Elbio N. Gonzales, Flávia E. Braun e Rosa Maria Ruschel; *Marcelo, Vera e Faísca* – Norma Menezes Oliveira e outras; *Primeiro Livro do Guri* – Flávia E. Braun e Rosa Maria Ruschel; *Nossos exercícios – Matemática – 1º ano* – Margarida Sirângelo e Noelly Sagebin; *Linguagem e Estudos Sociais – 2º ano* – Sydia Sant’Anna Bopp e Eddy Flores Cabral; *Gramática Funcional – Exercícios – 2º ano* – Lêda Ribeiro Pereira; *Segundo Livro do Guri* – Flávia E. Braun e Rosa Maria Ruschel; *Nossos exercícios – Matemática – 2º ano* – Margarida Sirângelo e Noelly Sagebin; *Linguagem e Estudos Sociais – 3º ano* – Sydia Sant’Anna Bopp e Eddy Flores Cabral; *Terceiro Livro do Guri* – Flávia E. Braun e Rosa Maria Ruschel; *Nossos exercícios – Matemática – 3º ano* – Margarida Sirângelo e Noelly Sagebin; *Linguagem e Estudos Sociais – 4º ano* – Sydia Sant’Anna Bopp e Eddy Flores Cabral; *Gramática Funcional – Exercícios – 4º ano* – Lêda Ribeiro Pereira; *Quarto Livro do Guri* – Flávia E. Braun e Rosa Maria Ruschel).

utilizados outros livros didáticos ao mesmo tempo em sala de aula, tendo então estudado apenas com a *Cartilha do Guri* naquela série (2008a).

Foi feito também um mapeamento em documentos oficiais publicados que citam as publicações didáticas da Editora Tabajara, para identificação de informações a respeito de circulação, autorização e indicação das obras para uso nas escolas do RS e também em outros estados. Para facilitar a compreensão do material recolhido, essas notas foram organizadas, de forma resumida, no Quadro 04, a seguir. Considerando o foco da pesquisa, nesta ocasião foram agrupadas apenas os registros que fazem referência específica a algum ou a vários dos livros da *Coleção Guri*, visto que há vários outros que indicam outras obras didáticas da Tabajara.

Quadro 04 – Registros sobre a *Coleção Guri* publicados em documentos oficiais.

REGISTROS SOBRE A COLEÇÃO GURI EM DOCUMENTOS OFICIAIS				
DOCUMENTO	REFERÊNCIA	SETOR	NOTA	LIVRO
Diário Oficial – Estado de São Paulo	P. 18, N. 34, 20/02/1968	Comissão Estadual do Livro Didático, Uniformes e Distintivos Escolares (CELDUDE)	Comunicado 1 - Atendendo à reformulação porque está passando todo o currículo do curso primário, esta comissão considera aprovadas, a título precário, e excessivamente para 1968 as obras relacionadas. Comunicado 2 – Relação de obras didáticas que poderão ser adotadas nos estabelecimentos de ensino primário do Estado, no corrente ano.	Comunicado 1 - Cartilha do Guri e Primeiro Livro do Guri Comunicado 2 – Cartilhas: Cartilha do Guri; 1º Ano: Primeiro Livro do Guri
Diário Oficial – Estado de São Paulo	P. 23-24, N. 43, 05/03/1969	Comissão Estadual do Livro Didático, Uniformes e Distintivos Escolares (CELDUDE)	Comunicado 5-69 - Relação oficial dos livros que podem ser adotados nos estabelecimentos mencionados (Estabelecimentos de Ensino Primário do Estado de São Paulo, em 1969.	- Alfabetização propriamente dita: Cartilha do Guri e Manual do Professor - Leitura complementar (livros auxiliares) / Língua Pátria: 3º Livro do Guri - Ciências: 3º Livro do Guri
Diário Oficial – Estado de São Paulo	P. 33-34, N. 34, 20/02/1970	Comissão Estadual do Livro Didático, Uniformes e Distintivos Escolares (CELDUDE)	Relação das obras apreciadas, indicáveis como leitura suplementar para os diversos níveis de ensino, tendo em vista a idade e os interesses dos educandos	- Alfabetização propriamente dita: Cartilha do Guri e Manual do Professor - Livros auxiliares / Língua pátria: 3º Livro do Guri - Livros auxiliares / obras que contêm diversas matérias: 2º, 3º e 4º Livro do Guri
Diário Oficial – Estado de São Paulo	P. 26-27, N. 27, 10/02/1971	Equipe Técnica do Livro e Material Didático do Serviço do Ensino Primário (ETLMD)	Comunicado 271 - Relação das obras analisadas e recomendadas para uso nos estabelecimentos de ensino primário	- Alfabetização propriamente dita: Cartilha do Guri e Manual do Professor - Livros auxiliares / Língua pátria: 3º Livro do Guri - Obras que contêm diversas matérias: 2º, 3º e 4º Livro do Guri

REGISTROS SOBRE A COLEÇÃO GURI EM DOCUMENTOS OFICIAIS				
DOCUMENTO	REFERÊNCIA	SETOR	NOTA	LIVRO
Diário Oficial – Estado de São Paulo	P. 23, N. 43, 04/03/1972	Divisão de Orientação Técnica (SEP)	Comunicado de 2-3-1972 – Relação das obras analisadas e recomendadas para uso nas primeiras quatro séries do ensino de 1º Grau, no ano de 1972.	- Alfabetização propriamente dita: Cartilha do Guri e Manual do Professor
Diário Oficial do Estado – São Paulo	P. 42, 22/01/1976	Juiz de Direito Titular e Comarca de Itapetininga/SP	Pregão de venda e arrematação para ser adquirido em primeira praça.	16 volumes – Quarto Livro do Guri – Cr\$ 96,00

Fonte: Dados da autora (2018).

Conforme pode ser visto no Quadro 04 acima, os dados levantados são todos vinculados ao estado de São Paulo, o que se deu dessa forma por não haver sido encontrado documentos oficiais que fossem específicos de outros estados, como o próprio RS. No entanto, esses resultados confirmam que os livros da *Coleção Guri* circularam fora do RS, comprovadamente em São Paulo, pelo menos. Deve ficar entendido, também, que os outros estados foram contemplados com os contratos de programa de governo assinados com a Tabajara, identificados na busca, mas não especificam as regiões e, ademais, nem todos informam quais livros estavam incluídos nesses acordos. Trata-se, assim, apenas de um dado complementar, que permite indicar que a coleção em estudo também circulou fora do estado gaúcho. Pesquisas posteriores poderão seguir as pistas aqui levantadas.

A seguir, são apresentados os profissionais envolvidos na produção da *Coleção Guri*, entre eles os autores, ilustradores e revisores.

4.1 Profissionais envolvidos na produção da *Coleção Guri*

É imprescindível identificar os profissionais que participaram na concepção e na produção da *Coleção Guri*, assim como conhecer sua formação e trajetória profissional, entre outras características relevantes, no intuito de dar visibilidade a essas pessoas no campo da História da Educação, pela sua participação nas obras didáticas. Cardoso (2009) diz que:

Perdura o hábito, no Brasil, de considerar o passado editorial como se fosse um fenômeno político e literário, composto por palavras e ideias em abstrato, sem dimensão material, sem levar em conta as práticas culturais e as possibilidades técnicas que o condicionaram. Trata-se de uma distorção, visto que ninguém ignora o peso desses fatores em relação ao presente. A tendência é supervalorizar a memória do discurso, muitas vezes escamoteando os aspectos ligados ao fazer e à técnica, talvez seja legado ainda do bacharelismo, tão marcante em nossa tradição intelectual. Em nível profundo, pode ser que reflita também o menosprezo que a sociedade brasileira sempre reservou para os que sujam as mãos com o trabalho (CARDOSO, 2009, p. 09).

No mesmo sentido, sobre a valorização e sentido do trabalho gráfico, Camargo (2003, p. 161), diz que: “os novos tempos impõem racionalização e impessoalidade, mas a

história da indústria gráfica brasileira está por demais impregnada da mão do artífice para que se possa imaginá-la sem o toque insubstituível de seu talento”.

Concordando com as reflexões de Cardoso e Camargo, entender as funções daqueles que trabalharam e de que forma colaboraram no processo de produção dos livros didáticos é importante para contextualizar o estudo sobre as imagens, visto que eles também interferem em sua concepção, criação e propósito. Sendo assim, a seguir, são apresentados os profissionais da *Coleção Guri*, entre autores, ilustradores e revisores.

No caso das autoras, elas foram convidadas pelo autor Elbio N. Gonzales a produzirem juntos a *Cartilha do Guri*, precursora da *Coleção Guri*, concebida pelo investimento na criação dos demais livros, no decorrer dos anos. Desde o início, ainda com a proposta de publicação da cartilha, foi consultada a Editora Tabajara para os encargos de edição da obra didática, seguindo-se com a mesma empresa nos livros subsequentes.

Em relação aos ilustradores e revisores, foram todos contratados pela editora, que os escolheu e convidou para a prestação de tal serviço, o que hoje seria chamado do tipo ‘freelance’, serviço pelo qual foram pagos para desenvolver um determinado trabalho, visto que eles não tinham nenhum vínculo empregatício com a Tabajara.

Isso era feito porque não havia um setor com profissionais especializados em atividades específicas de alguma etapa do processo de produção gráfica, o que também incidia na contratação de gráficas terceirizadas, aspectos esses já abordados neste trabalho. Os profissionais envolvidos na diagramação e na arte-finalização dos livros não puderam ser identificados, mas, ao que tudo indica, estariam na mesma equipe daqueles encarregados de executar os processos de composição, impressão e acabamento dos livros didáticos, que integram as etapas da produção gráfica que eram atribuídas às gráficas terceirizadas, das quais não se obteve informações mais detalhadas¹³⁴.

É oportuno lembrar aqui o que já foi referido anteriormente, no item sobre os procedimentos metodológicos, sobre uma das maiores dificuldades enfrentadas durante a pesquisa, que diz respeito ao fato de os nomes dos sujeitos pesquisados aparecerem escritos de diferentes formas, tanto nos livros didáticos analisados (não há um padrão no nome de uma mesma pessoa, às vezes no próprio livro – aparece na capa e na folha de rosto de forma diferente -, ou dentro de uma mesma coleção ou também em outros livros da mesma editora), como em outros impressos e em dados diversos da *internet*.

As abreviações, erros de digitação e trocas de letras ou inversão de posição de letras, assim como variações de quantidade de nomes e sobrenomes de uma pessoa, entre outras

¹³⁴ É interessante deixar registrado que Celso Afonso Tabajara (2018b) comentou, em seu relato, que várias vezes ele viajou para as cidades onde estavam as gráficas contratadas e ele mesmo revisava os fotolitos dos livros didáticos que seriam impressos. Os fotolitos são filmes transparentes impressos com determinado conteúdo e que são gerados para gravar as chapas e/ou telas que são instaladas nas máquinas impressoras, para a impressão em série dos suportes, os papéis.

modificações, são aspectos que tornaram a investigação muito mais demorada e difícil, visto que não havia um único padrão de busca e, por isso, para a pesquisa ser mais eficiente, foi necessário rastrear por todas as possibilidades, que acabavam resultando diferentes umas das outras. Contudo, foi possível coletar e reunir alguns dados, apresentados a seguir.

a) Autor e autoras

Neste item, apresenta-se a relação do autor e das autoras que participaram da produção da *Coleção Guri*. Expõe-se informações biográficas e de trajetória profissional, assim como dados a respeito de sua função profissional e como se deu a participação nas obras analisadas, finalizando-se com a localização dos mesmos em outros livros didáticos e publicações do acervo do Hisales.

- **Elbio N. Gonzales**

Elbio Neris Gonzales (Figura 28) nasceu em 09 de abril de 1932, na cidade de Itaqui, no Rio Grande do Sul. Faleceu no dia 02 de março de 2018, aos 85 anos, pouco tempo após sua colaboração com esta pesquisa. Era casado com Suely Franco Netto Gonzales¹³⁵ e vivia em Brasília/DF desde o ano de 1963. Licenciado em Filosofia e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUC-RS (Porto Alegre), possuía também os títulos de *Master of Arts* em Sociologia Política, pela *University of Oregon/USA* (Estados Unidos), e de Doutor em Sociologia, pela PUC-SP (São Paulo).



Figura 28 – Fotografia de Elbio N. Gonzales, de 1972.

Fonte: Acervo particular de Elbio Neris Gonzales e Suely Franco Netto Gonzales.

¹³⁵ Suely Franco Netto Gonzales, a esposa de Elbio N. Gonzales, é professora Adjunta aposentada da Universidade de Brasília (UNB), pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Foi importante colaboradora desta pesquisa, para a qual concedeu relevantes informações e respostas ao questionário enviado, além de fornecer documentos e imagens significativas para a investigação. Manteve-se em contato via *e-mail* e *WhatsApp*, fazendo a comunicação e repassando os dados por seu marido, impossibilitado de colaborar sozinho, em função de dificuldades e limitações em decorrência de problemas de saúde.

Em 1960, a convite do então deputado federal Mariano Beck, tornou-se assessor técnico da Comissão Estadual de Prédios Escolares (Cepe)¹³⁶ e, posteriormente, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. De 1960 até fins de 1962, chefiou o Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (Sedep)¹³⁷ da Secretaria de Educação e Cultura do RS, durante o governo de Leonel Brizola. Nesse período, foi membro do Conselho Estadual de Educação do RS e lecionou Filosofia na Escola Normal Primeiro de Maio, no curso de formação de professores primários, em Porto Alegre, em 1962.

Em março de 1963, mudou-se para Brasília para exercer a função de técnico em educação na Superintendência da Reforma Agrária (Supra), no Ministério da Agricultura. Com a extinção da Supra, em 1964, passou a lecionar na área de Ciência Política, na Universidade de Brasília (UNB). Em outubro de 1965, demitiu-se em solidariedade aos colegas demitidos e em função do clima de perseguição política na universidade e de repressão política no cenário científico brasileiro, no período em que vigorava a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Esse fato se soma à histórica demissão coletiva de 250 professores da UNB, que tomaram a mesma decisão.

Elbio N. Gonzales optou então pela alternativa de prosseguir sua Pós-graduação nos Estados Unidos, com bolsa de estudos na *University of Oregon*, como *Teaching Assistant*, onde obteve o título de *Master of Arts* em Sociologia Política, em 1968. Em 1969, reingressou na UNB, como professor do Departamento de Sociologia do Instituto Central de Ciências Humanas, onde permaneceu até 1991. Há alguns anos, Elbio N. Gonzales sofreu um Acidente Vascular Cerebral, o que o impossibilitou de seguir trabalhando. Desde então, estava aposentado de suas funções docentes.

Como reiteradamente assinalado, Elbio N. Gonzales é um dos autores da *Cartilha do Guri*, que teve pelo menos 13 edições publicadas, além do respectivo Manual do Professor. Para levar à efeito seu projeto de produzir uma cartilha que atendesse mais e melhor o novo contexto educacional gaúcho, com o avanço das escolas rurais no governo de Leonel Brizola, ele convidou as professoras Flávia E. Braun e Rosa Maria Ruschel para juntos escreverem e

¹³⁶ A Comissão Estadual de Prédios Escolares (CEPE) era um dos principais expedientes envolvidos no programa de escolarização implementado durante o governo de Brizola no estado. Foi criada pelo Decreto nº 10.416, de 25 de março de 1959. Tratava-se de um órgão de cooperação entre a Secretaria de Educação e Cultura e a Secretaria de Obras Públicas. Era presidida pelo secretário de Educação e Cultura e tinha a incumbência de superintender, estudar, planejar, projetar e executar tarefas de conservação, reparos, adaptação, construção, reconstrução e aparelhamento de prédios escolares. Deste órgão, colegiado e especializado, ainda participavam o secretário de Obras Públicas, os subsecretários de Educação e a diretoria do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional (CPOE) (QUADROS, 2001, p. 03).

¹³⁷ O Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (Sedep), assim como o Cepe, era um dos principais expedientes envolvidos no programa de escolarização implementado durante o governo de Brizola no estado. Tratava-se de um órgão criado e encarregado de gerenciar o Programa de Expansão Descentralizada do Ensino Primário. O programa apresentava características de uma experiência de descentralização da educação e tinha como lema "Expandir, descentralizando". Baseava-se na celebração de convênios de colaboração envolvendo estado e municípios. Os municípios informavam ao governo do estado suas necessidades de prédios escolares e salas de aula, e o estado fornecia os meios técnicos e financeiros para a execução das obras (QUADROS, 2001).

publicarem a cartilha, editada pela primeira vez em 1962. Como no ano de 1963 se mudou para Brasília, o professor não teve participação na produção dos demais livros da coleção, que foram realizados pelas mesmas professoras referidas, além de Zenna T. Braun, que não foi autora da cartilha, mas que coproduziu o livro específico de Matemática.

O nome de Elbio N. Gonzales não aparece em nenhuma outra publicação didática no acervo do Hisales de livros didáticos gaúchos produzidos entre 1940 e 1980. Além disso, ele é o único homem autor identificado entre os 340 livros didáticos catalogados, visto que as demais autoras são todas mulheres, em geral professoras e várias delas vinculadas ao CPOE.

Há ainda uma outra publicação, realizada pelo professor Elbio N. Gonzales em parceria com as mesmas professoras, Flávia E. Braun e Rosa Maria Ruschel. Trata-se de um livreto intitulado *Programa de ensino para Escolas Primárias Municipais do Sedep*, que foi editado pela Secretaria de Educação e Cultura do RS, com a colaboração de todos os Coordenadores do Sedep¹³⁸. Além disso, Elbio N. Gonzales publicou outras obras, nas áreas de metodologia científica, sociologia e de trabalho na agricultura, por exemplo.

• Flávia E. Braun

Flávia Elisabetha Braun Boni, também conhecida como Flávia Braun, é filha de José Frontino Braun (27/10/1899-29/07/1976) e Maria Idalina Petter (28/02/1902-08/05/1996). Nasceu em 10 de junho de 1932, na Linha Glória, localidade no interior da cidade de Estrela/RS. É viúva de Gian Domênico Boni (23/03/1925-23/06/2015), que também trabalhava na Tabajara¹³⁹, e o casal não teve filhos. Flávia atualmente está com 85 anos e mora com sua irmã Zenna T. Braun, dividindo residência em Porto Alegre (capital gaúcha) e em Tramandaí (cidade litorânea, importante balneário gaúcho).

Frequentou o curso ginásial no Colégio São José de São Leopoldo/RS e o secundário na Escola Normal do Instituto de Educação, em Porto Alegre. Estudou no curso superior de Pedagogia e fez pós-graduação em Filosofia. De uma família numerosa e com vários parentes vinculados à educação, Flávia E. Braun estudou nos anos iniciais e lecionou na Escola Pedro Braun¹⁴⁰, que recebeu esse nome em razão da doação de terrenos pelo seu avô paterno,

¹³⁸ A referida obra não tem data de publicação, contém 96 páginas e apresenta os detalhes dos Programas das disciplinas de Estudos Sociais, Linguagem, Matemática, Ciências Naturais, Desenho, Música, Higiene, Urbanidade e Educação Física, para cada um dos quatro primeiros anos do ensino primário. Foi impresso na Gráfica Sandra Ltda, Rua João Alfredo, 140 – fone 8837. Não há exemplar no Hisales. A informação foi obtida através de um exemplar disponível no acervo particular de Elbio e Suelly Gonzales.

¹³⁹ Segundo relatos de familiares, Flávia teria conhecido Gian, um homem italiano, na época em que começou a produzir os livros didáticos para a Editora Tabajara, pois ele era funcionário desta empresa e um dos que estava em frequente contato com ela, a irmã Zenna e Rosa Maria Ruschel, a respeito dos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos, pois ele buscava as “parciais” (partes prontas) dos livros em sua casa, para dar prosseguimento ao processo editorial das referidas obras. Flávia E. Braun e Gian D. Boni se casaram em 26 de março de 1986.

¹⁴⁰ Conhecida popularmente como “Escola Pedro Braun”, funcionou em dois prédios diferentes, ambos em terrenos

Pedro Braun, para a comunidade, visando sua construção, feito este conquistado em acordo com o governo, visto que ele tinha envolvimento com a política e contou também com o auxílio de seu sobrinho e deputado, João Lino Braun (irmão de José Frontino – o pai de Flávia E. Braun), para efetivar o projeto.

Por essa escola, cujo patrono também era Pedro Braun, passaram vários integrantes da família Braun, tanto como alunos e alunas quanto fazendo parte do grupo de professoras ou, ainda, na coordenação da instituição. Um dos exemplos é o da professora Zita Braun, que também foi diretora da escola, por 18 anos. Ademais, todas as irmãs de Flávia E. Braun eram professoras¹⁴¹, mas algumas delas não lecionaram na escola fundada pelo avô. Comunitária e situada na zona rural de Estrela (Distrito de Glória, BR 386 - KM 361), a escola foi descredenciada e cessada oficialmente no início de 2017¹⁴². A Figura 29 mostra algumas imagens do educandário, explicadas na sequência.



Figura 29 – Fotografias da Escola Pedro Braun, em Linha Glória – distrito de Estrela/RS, várias datas.

Fonte: Acervo particular de Zita M. Braun Lautert, por Marlise Lautert (a primeira, na linha superior à esquerda) e acervo particular de Silvani Eidelwein Bee (as que estão no centro e à direita na linha superior e as duas que estão na linha inferior).

cedidos pela família Braun. Começou sendo chamada por Grupo Escolar Pedro Braun, em 1977 passou a ser identificada como Escola Estadual de 1º Grau Pedro Braun e, por fim, em 2000 foi denominada Escola Estadual de Ensino Fundamental (E.E.E.F.) Pedro Braun.

¹⁴¹ Entre os 11 irmãos, 7 eram mulheres e professoras. São elas, em ordem decrescente de idade: Josepha Braun, Anna Maria Braun, Zita Margarida Braun (Lautert), Zenna Therezinha Braun (uma das autoras da *Coleção Guri*), Flávia E. Braun (Boni) (uma das autoras da *Coleção Guri*), Íris Ignez Braun (Klein) e Marilene Braun (Martins). Os irmãos homens, que não foram professores, são: Arno Aloys Braun, José Pedro Braun, Roque Lino Braun e Paulo Frontino Braun. Havia também uma tia desses irmãos, Lucila (conhecida como Tia Lila), que foi uma de suas professoras quando eles ainda eram alunos da Escola “Pedro Braun”.

¹⁴² O descredenciamento e o fechamento da Escola Estadual de Ensino Fundamental (E.E.E.F.) Pedro Braun (como era denominada desde 2000) se deve principalmente à pouca quantidade de alunos para a oferta de ensino fundamental, deixando assim de integrar o Sistema Estadual de Ensino, em 2017.

Na Figura 29, acima, na linha superior, a fotografia à esquerda mostra uma turma de alunos com seus guarda-pós (nela está Marlise Lautert, sobrinha da professora Flávia E. Braun, que também se tornou professora) por volta de 1963-1964. A fotografia ao centro é de uma turma de alunos com a professora Íris Ignez Braun (irmã de Flávia E. Braun), na escadaria de entrada na fachada frontal da escola, aproximadamente em 1968. A fotografia à direita, da década de 1970, mostra os alunos no pátio interno da escola, junto ao mapa político do Brasil construído no chão com cascalhos cimentados lado a lado, com o qual se estudava os estados e capitais do país (Silvani Bee, 2018b). Na linha inferior, ambas as fotografias mostram partes da fachada externa da escola, em registros da década de 2010.

Foi constatado também que os livros da *Coleção Guri* foram utilizados nessa escola, pelos alunos e professores, pelo menos na década de 1960 e 1970. Isso pôde ser confirmado pelos relatos de Marlise Lautert - aluna da professora Beatriz Porto e filha da professora Zita Braun, uma das irmãs Braun (2018) e, também, de Silvani Eidelwein Bee - aluna das professoras Naldina da Rosa Cemin e Íris Ignês Braun Klein, outra das irmãs Braun (2018a). Marlise e Silvani confirmaram terem sido alfabetizadas com a *Cartilha do Guri*, nos anos de 1963 e 1973, respectivamente, dados esses que também indicam a permanência desse impresso didático em sala de aula, em uma mesma escola, por pelo menos uma década.

A Figura 30, a seguir, mostra duas fotografias. Na que está à esquerda, aparece a família de Flávia E. Braun, em registro realizado em 1949 (da esquerda para a direita: na linha de trás, em pé - os irmãos Zenna, Flávia, Arno, Anna e Zita; na linha da frente, sentados – os irmãos José Pedro, Roque, o pai Frontino, Marilene, a mãe Idalina, Paulo e Íris). Na fotografia à direita, tirada por volta de 1999, da esquerda para a direita, estão as irmãs e professoras Zita, Flávia e Zenna Braun, acompanhadas de uma criança da família.



Figura 30 – Fotografias da família Braun (1949 e 1999).

Fonte: Acervo particular de Zita M. Braun Lautert, por Marlise Lautert.

Além de professora estadual, Flávia E. Braun foi diretora da referida escola. Foi também técnica em Educação, atuando na 3ª Delegacia Regional de Educação (3ª DRE), transformada em 3ª Coordenadoria Regional do Estado (3ª CRE), situada em Estrela, assim

como também trabalhou como orientadora do Sedep e do ensino primário, em especial no setor que atendia as escolas do interior. Na época, o sr. Elbio N. Gonzales era seu chefe. Mudou-se para Porto Alegre e trabalhou na Secretaria de Educação e Cultura (SEC) do Estado, por muitos anos (Flávia E. Braun; Zenna, T. Braun, 2018).

Enfatiza-se, conforme o relato de Flávia E. Braun (2018), que ela e a professora Rosa Maria Ruschel foram convidadas pelo professor Elbio N. Gonzales para a produção da *Cartilha do Guri*, o que, provavelmente, além do reconhecimento por sua experiência na área, pode ter sido facilitado através das relações institucionais de trabalho anteriores, pelas quais todos já se conheciam, devido aos vínculos empregatícios nos setores da educação do estado, como o próprio Sedep.

Posteriormente, pela receptividade da cartilha e pela demanda que se criou nas escolas da zona rural, Flávia E. Braun produziu então os livros subsequentes da coleção, juntamente com a professora Rosa Maria Ruschel. Ambas eram da mesma cidade e também atuaram juntas na 3ª DRE, local onde se conheceram e se tornaram amigas. Além disso, Flávia e Rosinha (como era carinhosamente chamada pelas amigas) foram trabalhar em Porto Alegre, na SEC/RS, e lá moraram juntas durante muitos anos, onde seguiram a carreira de professoras públicas estaduais (Flávia E. Braun; Zenna, T. Braun, 2018).

Na época de produção dos livros da *Coleção Guri*, elas obtinham autorização para afastamento de suas funções profissionais da SEC/RS, para se dedicarem a esse trabalho especificamente. Reuniam-se no apartamento de Tramandaí, que era da família Braun, no qual ficavam algumas semanas recolhidas, isoladas e focadas no trabalho de criação das obras didáticas (Flávia E. Braun; Zenna, T. Braun, 2018). Vale destacar o fato que aqui aparece, no que se refere à dimensão doméstica da produção de livros didáticos, no contexto dos anos de 1960, quando duas irmãs e uma amiga, todas mulheres e companheiras de trabalho, se reuniam em uma residência para trabalhar nos textos da *Coleção Guri*.

Segundo o relato de Flávia E. Braun (2018), elas receberam pagamento pela produção desses livros didáticos e consideravam o trabalho prazeroso e tranquilo de ser realizado, sem pressão e não havia prazos definidos, em uma relação ótima com a editora.

Quanto aos motivos que as levaram a produzir a *Coleção Guri*, coincidem com o que já foi anteriormente apresentado, no que se refere à necessidade de se produzir um material didático-pedagógico adaptado à realidade dos alunos da zona rural e que contemplasse os conteúdos reivindicados utilizando temáticas afins à região, para qualificar o trabalho das professoras em sala de aula e atrair as crianças.

Os livros subsequentes à *Cartilha do Guri* foram sendo produzidos nos anos seguintes, conforme a demanda e a necessidade das professoras e das escolas. Além disso, as autoras comentaram que elas não acompanhavam o fluxo de trabalho no processo de produção gráfico-editorial dos livros, ou seja, dedicavam-se exclusivamente à escrita das

referidas obras didáticas e tampouco tiveram reuniões com as ilustradoras dos livros, para discussão sobre as imagens, pois esse procedimento era feito pela equipe da Editora (Flávia E. Braun; Zenna, T. Braun, 2018).

Em relação a outras publicações das quais tenha participado e que constam no acervo do Hisales, verificou-se que Flávia E. Braun aparece também como autora do pré-livro *Céu Azul*, em coautoria com Rosa M. Ruschel, publicado pela Tabajara em 1970, obra essa anteriormente comentada, em trecho sobre a contextualização do período.

- **Zenna T. Braun**

Zenna Therezinha Braun é irmã de Flávia E. Braun e filha de José Frontino Braun e Maria Idalina Petter. Nasceu em 24 de novembro de 1929, na Linha Glória, localidade no interior da cidade de Estrela/RS. Solteira, atualmente está com 89 anos e mora com sua irmã Flávia E. Braun, com quem transita, durante o ano entre as residências nas cidades de Porto Alegre e de Tramandaí/RS, conforme afirmado anteriormente.

Com uma trajetória de estudos bastante parecida à da irmã, também frequentou a Escola Estadual de 1º Grau Pedro Braun nos anos iniciais, cursou o ginásio no Colégio São José de São Leopoldo, o secundário na Escola Normal do Instituto de Educação, em Porto Alegre e se formou no Curso Superior de Licenciatura Plena em Pedagogia, tendo iniciado em uma instituição de Santa Cruz do Sul e finalizado em outra, na PUC-RS, de Porto Alegre (Zenna T. Braun, 2018). Isso foi feito pela Complementação, em função da implementação da nova lei de Diretrizes e Bases de 1971, pela qual o professor que não fizesse curso superior cairia em Quadro de Extinção, passando para a categoria M1 ou M2, entre outras, pelo plano de carreira do estado do RS¹⁴³.

Tornou-se professora primária, como servidora pública estadual, e assim como suas irmãs, lecionou na Escola Estadual de 1º Grau Pedro Braun, da qual também foi diretora (Zenna T. Braun, 2018). A Figura 31, a seguir, mostra a professora Zenna T. Braun com alunos que integravam o Centro Cívico, na época em que ela era diretora, em registro da década de 1970. Ainda nessa mesma imagem, é possível ver no chão parte do mapa do Brasil feito com cascalhos, o mesmo referenciado anteriormente, nas fotos variadas da referida escola, sendo mostrado mais de perto.

¹⁴³ Esse fato incidiu na urgência dos professores em agilizar a formação em cursos superiores. As universidades oportunizavam a oferta de cursos de verão, inverno e férias, como forma de facilitar a situação desses docentes. Os cursos eram chamados de Nível 3, porque eram realizados em menor carga horária e, com isso, os docentes poderiam, a partir deles, lecionar apenas até a 8ª série. Para poder ministrar aulas ao Segundo Grau, eles precisariam fazer o curso superior de Licenciatura Plena.



Figura 31 – Fotografia da professora Zenna T. Braun com alunos do Centro Cívico da Escola Pedro Braun, aprox. década de 1970.

Fonte: Acervo particular de Silvani Eidelwein Bee.

Segundo o seu relato (2018), Zenna T. Braun atuou ainda na 3ª DRE de Estrela, assumindo funções técnicas de educação, e também em secretarias municipais de educação e em colégios particulares de outras cidades, nos arredores. Morou em Gramado e em Taquari, sendo que nesta trabalhou no Instituto Estadual de Educação Pereira Coruja, durante 15 anos. No final da década de 1960, também foi professora da Escola Normal Álvaro Haubert, da cidade de Taquari. Desse modo, Zenna T. Braun sempre trabalhou como professora de Escola Normal e no Primário.

Zenna T. Braun é coautora, juntamente com Rosa M. Ruschel e sua irmã Flávia E. Braun do *Primeiro Livro do Guri – Matemática*, que também integra a *Coleção Guri*. Embora tenha se encontrado registros de divulgação da Editora Tabajara indicando livros de Matemática para as seguintes séries escolares, Zenna confirmou que foi editado somente esse único livro, para o 1º ano escolar. A obra tinha como objetivo proporcionar ao professor do 1º ano recursos para desenvolver o conteúdo programático de Matemática, contribuindo para uma melhor compreensão e aprendizagem das noções matemáticas pelos alunos e sua aplicação na vida cotidiana. Zenna T. Braun confirma, em seu relato (2018), que ela era uma das professoras que não se conformava com a disparidade dos conteúdos das provas que eram aplicadas aos alunos da zona rural e se manifestava muito a respeito disso.

A autora relatou que foi convidada para participar como autora desse livro porque a Matemática era sua especialidade e, além disso, ela era a professora responsável por ministrar essa disciplina nas escolas em que trabalhou, tendo se dedicado por muito tempo à didática dessa matéria. Isso também se deu pelo fato de sua irmã Flávia E. Braun já estar inserida no projeto de produção da coleção, o qual ela acompanhou desde o início. Aproveitou seus conhecimentos e suas práticas, adaptados à realidade da zona rural, para transpor isso no livro didático de Matemática. Além disso, ela registrou que, apesar de seu nome não

constar nos demais livros didáticos da coleção, ela participou e colaborou na produção de todos eles, enquanto as professoras Flávia E. Braun e Rosa M. Ruschel estavam envolvidas no processo de criação do conteúdo (Flávia E. Braun; Zenna, T. Braun, 2018).

Aqui vale registrar que a complexa tarefa de estudar livros didáticos supõe compreender a rede de relações pessoais, profissionais e institucionais que se estabelece na produção de um livro. Chama-se atenção, nesse caso, que Flávia E. Braun e Zenna T. Braun, além de serem irmãs, tinham a mesma profissão, desempenhavam atividades semelhantes, atuaram nos mesmos setores e, ainda, foram coautoras em livros da *Coleção Guri*.

Não foi encontrado o nome de Zenna T. Braun em nenhuma das obras catalogadas no acervo do Hisales. Ao que tudo indica, ela não publicou nenhum outro livro, além do aqui referido.

- **Rosa M. Ruschel**

Rosa Maria Ruschel nasceu em 10 de março de 1930 na cidade de Estrela e faleceu em 23 de fevereiro de 2008, aos 77 anos (consta em registros que estava morando no Rio de Janeiro). Rosa, ou Rosinha, como era chamada pelas amigas, era solteira.

Segundo os relatos de Flávia E. Braun e Zenna T. Braun (2018), Rosa perdeu os pais muito cedo e então ela e sua irmã Lurdes foram criadas por freiras religiosas da Congregação de São José, em um internato, no qual cresceram e estudaram, na cidade de São Leopoldo/RS. Por isso, elas não tinham contato e não mantinham relacionamento com outros familiares. As duas irmãs estudaram no Curso Complementar também na mesma instituição e Rosa, depois de um tempo, foi fazer um curso de aperfeiçoamento em Belo Horizonte/MG, no contexto de um determinado convênio.

Rosa M. Ruschel se tornou professora primária, trabalhou na 3ª DRE de Estrela, setor ao qual também estiveram vinculadas as amigas e irmãs Flávia E. Braun e Zenna T. Braun, além das professoras Lucy Lopes Leão (na época, com 20 anos, professora recém-formada, trabalhava no Grupo Escolar Vidal de Negreiros, atualmente está com 84 anos e vivendo em Porto Alegre) e Cloé Reis de Azambuja (coordenadora da 3ª DRE entre 1959 e 1963, mesma época em que foi lançada a *Cartilha do Guri*). Lucy é prima de Cloé (falecida em meados de 2017, aos 89 anos), sendo que esta, casada com um primo de Rosa M. Ruschel, teve importante atuação e reconhecimento por suas ações na educação e na cultura, nas cidades de Estrela e Venâncio Aires. Assim como a amiga e colega Flávia E. Braun, Rosa M. Ruschel também se mudou para Porto Alegre e atuou na Secretaria de Educação e Cultura do Estado (SEC/RS). A professora foi também sócia fundadora da Associação dos Supervisores de

Educação do Estado do Rio Grande do Sul (ASEERS)¹⁴⁴.

A Figura 32, a seguir, mostra uma fotografia com close do rosto de Rosa M. Ruschel e outra na qual aparece um grupo de professoras que atuavam na 3ª DRE de Estrela. Nesta fotografia, com várias pessoas, aparecem as professoras Rosa M. Ruschel (flecha branca acima à direita, apontando a cabeça, na fila detrás), sua irmã Lurdes Ruschel (flecha branca acima à esquerda, apontando a cabeça, na fila detrás) e a colega Lucy L. Leão (flecha preta abaixo, apontando para uma mulher de roupa escura, com saia longa e plissada). Cloé R. de Azambuja não está nessa imagem (duas irmãs suas estão) e é provável que as irmãs Flávia E. Braun e Zenna T. Braun estejam na fotografia, além de uma outra irmã, Lucila Braun Fischer, mas que não puderam ser identificadas e confirmadas. A fotografia foi registrada no Dia do Professor, em encontro de comemoração à data, em frente ao Abrigo Municipal, que ficava situado na Praça de Estrela, cujo prédio foi demolido e não existe mais.



Figura 32 – À esquerda, fotografia de Rosa Maria Ruschel, cerca de 1958. À direita, fotografia com grupo de professores da 3ª Delegacia Regional de Educação de Estrela/RS, cerca de 1954, na qual aparecem as profas. Lurdes Ruschel, Rosa M. Ruschel e Lucy L. Leão.

Fonte: Acervo particular de Lucy Lopes Leão.

Aqui mais uma vez se comprova que a produção da *Coleção Guri* e a coautoria estabelecida também se deve às relações prévias entre as autoras, tanto pelo relacionamento pessoal de amizade, como pelas trajetórias profissionais semelhantes e pela atuação profissional nas mesmas instituições.

Rosa M. Ruschel aparece também como autora em outra obra do acervo do Hisales, o pré-livro *Céu Azul*, em coautoria com Flávia E. Braun, publicado pela Tabajara em 1970, anteriormente referido.

¹⁴⁴ Criada em 22 de agosto de 1972, a Associação dos Supervisores de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (ASSERS) foi um marco inicial da organização política dos Supervisores de Educação no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil, na culminância de alguns acontecimentos locais, relacionados com a educação, o que remontava há uma década, desde 1962.

b) Ilustradoras e ilustrador/desenhista de mapas

Aqui são apresentadas as duas ilustradoras e o ilustrador/desenhista de mapas que participaram da produção da *Coleção Guri*. São mostradas informações biográficas e de trajetória profissional, assim como dados a respeito de sua função profissional e como se deu a participação nas obras analisadas, finalizando-se, então, com a identificação dos mesmos em outros livros didáticos e publicações encontradas no acervo do Hisales.

• Helga Trein

Helga Joana Raabe Trein nasceu em 23 de janeiro de 1923 em São Sebastião do Caí/RS e faleceu em 2004, aos 84 anos, em Porto Alegre, cidade na qual residia. Filha de Adolph Trein e Elsa Raabe, casou-se com Paulo Frederico Becker, com quem teve quatro filhos, Anelisa Trein Becker (atualmente Anelisa Murphy), Sonia Trein Becker (adotiva), Carlos Júlio Becker e Luis Fernando Becker¹⁴⁵.

Segundo o relato da filha Anelisa Murphy (2018), Helga Trein, quando jovem, era considerada uma grande atleta, batendo recordes estaduais em corridas de 50m e de 100m, com obstáculos e salto em altura, pela Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (Sogipa). Além disso, era excelente pianista. Após estudar no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre e, também, na Escola de Artes de Belo Horizonte, realizou cursos de aperfeiçoamento na *The New School*, na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Dedicou-se a ilustrações de livros didáticos, bem como à escrita de histórias e de poesias infantis, apresentando-as inclusive em programas de televisão. Realizou exposições individuais, entre elas as de pinturas a óleo, como as montadas no Instituto Cultural Brasileiro-Alemão e na Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Organizou, na Biblioteca Infantil da Divisão de Cultura da SEC/RS, a “Hora do Conto”, com suas histórias ilustradas e seguidas de debates com as crianças (Anelisa Murphy, 2018).

Anelisa Murphy, em seu relato, faz uma referência ao texto escrito por Fernando Whitaker da Cunha, em artigo publicado em um jornal de São Paulo (título, matéria, edição e data não informados), referindo-se ao trabalho de Helga Trein, no qual destaca, em determinado trecho, “o admirável sopro lírico de seus desenhos” (Anelisa Murphy, 2018).

Além disso, Helga Trein também fez trabalhos em parceria, não apenas como ilustradora, mas também como autora, como é o caso dos diversos livros didáticos publicados juntamente com a professora Nelly Cunha, autora reconhecida pela produção de obras

¹⁴⁵ O nome de Helga Trein assim aparece indicado nos livros didáticos da *Coleção Guri*. Entretanto, seu nome aparece identificado de diversas formas, o que dificultou a pesquisa por informações a seu respeito. Em outros livros didáticos do acervo do Hisales, seu nome consta como Helga J. Trein. Há variantes quanto a esse segundo nome, Johanna, que não está sempre incluído (seja abreviado ou por extenso) e aparece escrito de diferentes maneiras (em relação ao “h” e ao duplo “n”). Além disso, o sobrenome do ex-esposo (Becker) e o sobrenome por parte da mãe (Raabe) aparecem em algumas ocorrências distintas, provocando variações na sua identificação.

didáticas gaúchas de grande repercussão, naquele período.

Deve-se relevar que Helga Trein tem vários trabalhos publicados na revista infantil *Cacique*¹⁴⁶, tanto na função de ilustradora como de escritora dos textos. Acredita-se que inicialmente, provavelmente desde o início de 1957, ela já estaria criando ilustrações através da prestação de serviço terceirizado à Editora Globo, sem vínculo profissional à equipe da revista, pois ela começou desenhando gravuras para algumas páginas, em algumas edições. Após isso, a partir da edição n. 52, de setembro de 1957, ela começou a ilustrar muitas capas¹⁴⁷, o que deu ainda mais destaque ao seu trabalho, que estava aparecendo com cada vez com mais frequência na revista.

No início do ano de 1958, seu nome foi incluído na lista de desenhistas nos dados editoriais da revista *Cacique*, o que a vinculou oficialmente a essa publicação até o último número publicado. Na Figura 33, a seguir, estão imagens de uma mesma revista, na qual, da esquerda para a direita, está a capa ilustrada por ela, a página na qual consta seu nome na equipe de desenhistas da revista, uma página com um texto de sua autoria e, por fim, uma História em quadrinhos criada e ilustrada por ela.



Figura 33 – Da esquerda para a direita: capa, p. editorial, p. 01 e p. 30 da revista infantil *Cacique*, n. 57, maio 1958, ano III.

Fonte: Acervo Hisales.

A revista *Cacique* fez muito sucesso e foi instrumento de divulgação do trabalho de vários profissionais, pela repercussão que teve, como foi o caso do ilustrador Renato Canini (RAMIL, 2013). Acredita-se que, com a visibilidade crescente que Helga Trein estava

¹⁴⁶ A revista infantil *Cacique* foi publicada no Rio Grande do Sul, no período de 1954 a 1963, pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – CPOE/RS, da Secretaria de Educação e Cultura – SEC/RS (1943-1971), com o objetivo de divulgar o pensamento educacional oficial, expressando e concretizando uma ação político-pedagógica, através do formato de um periódico infanto-juvenil destinado à recreação, mas no intuito de se investir na formação do leitor. No início quinzenal e depois mensal, era impressa pela Litografia da Livraria do Globo e apresentava conteúdo variado: histórias criadas, traduzidas ou adaptadas; palavras cruzadas, passatempo, charadas; desenhos para colorir, cenas para recortar e montar; histórias em quadrinhos; curiosidades, “coisas que tu podes fazer”; organização de álbuns; concursos; temas regionais; cultura geral (BASTOS, 2006).

¹⁴⁷ Em consulta aos 109 exemplares digitalizados do Repositório Institucional da UFSC, foram identificadas 36 capas com ilustração de autoria de Helga J. Trein, sem considerar as encontradas no miolo das revistas.

recebendo naquela época, por seus trabalhos nos impressos, isso possa ter servido de referência para a Editora Tabajara convidá-la para fazer as ilustrações da *Coleção Guri*, uma vez que a ilustradora, como se destacou, estava sendo reconhecida no meio.

Helga Trein ilustrou a *Cartilha do Guri*, o *Primeiro Livro do Guri*, o *Segundo Livro do Guri* e o *Terceiro Livro do Guri*. Já o *Quarto Livro do Guri* foi ilustrado por sua filha Anelize Becker de Lima. Seu nome consta na lista dos profissionais, nos dados editoriais dos livros, mas raramente aparece assinado junto às ilustrações, pois isso não era regra nos livros didáticos da época¹⁴⁸. Em contraposição a isso, a autoria das ilustrações costumava ser identificada nos dados editoriais (em geral inseridos nas páginas pré-textuais) ou mesmo nem ser referida, dependendo da obra, da década e da editora, pois não era dada a devida importância a essa informação de anunciar os ilustradores envolvidos na produção.

Entretanto, vale registrar que se constatou, nas variações entre as edições de alguns exemplares da *Coleção Guri*, além da modificação de determinados aspectos gráficos das ilustrações, a retirada do nome de Helga Trein, que aparecia em imagens utilizadas na versão anterior da publicação (há exemplos no texto de análise das imagens da *Cartilha do Guri*). Além disso, quando as ilustrações contêm sua assinatura, aparecem casos com duas formas diferentes de identificação, sendo uma delas no feitiço de “HELGA TREIN”, com todas as letras em maiúsculo, e a outra com “Helga J. Trein”, com letra cursiva, entre maiúsculas e minúsculas, além da inserção do J. no meio do seu nome.

Analisando-se suas ilustrações, percebeu-se um padrão gráfico e alguns elementos recorrentes que reforçam o estilo adotado por Helga Trein, bastante peculiar. Esses aspectos, que identificam o seu trabalho, são mostrados no decorrer do trabalho, na análise das imagens dos livros didáticos da *Coleção Guri*.

O nome de Helga Trein aparece em obras didáticas como autora e também como ilustradora ou, por vezes, consta indicado nas duas funções no mesmo livro. Identificou-se que ela possui participação em publicações de pelo menos três editoras gaúchas distintas, como a Globo, a Selbach e a Tabajara. No acervo do Hisales, Helga Trein aparece como autora em obras como: *Novas travessuras do Pirulim* (1970), *O canto do brasileiro* (1968 e 1970), *Páginas do sul* (de 1966 a 1973) e *Pinceladas verde-amarelas* (1967 a 1970), todos em coautoria com Nelly Cunha (Editora Globo). Como ilustradora, além da *Coleção Guri*, ela aparece nas obras: *Pinceladas verde-amarelas* (Editora Globo, 1967 a 1970); *Exercícios de Linguagem* (Editora Selbach, s/d); *As férias com o vovô* (Editora Tabajara, 1967).

Em mapeamento realizado para reconhecimento das imagens, nos livros didáticos do acervo do Hisales que apresentam o nome de Helga Trein nos dados editoriais da

¹⁴⁸ Tampouco é comum existir essa referência nos dias de hoje (seja na própria ilustração, na legenda ou no texto associado), a não ser quando são entendidas com *status* de obra de arte, no caso de quadros reconhecidos e “famosos”, cujos autores são referenciados junto a eles.

publicação, não foram identificados casos de reaproveitamento de suas ilustrações em outras coleções. Foram identificadas adaptações e repetições de algumas imagens entre os exemplares da própria *Coleção Guri*, e alguns desses casos são abordados na continuidade do texto.

- **Anelize Becker de Lima**

Anelize Becker de Lima (nome que aparece na *Coleção Guri*) é filha de Paulo Frederico Becker e Helga Trein e natural de Porto Alegre. Nascida em 14 de fevereiro de 1941 e atualmente com 77 anos, Anelisa Murphy (como passou a assinar) é casada e vive há vários anos nos Estados Unidos, com residência na cidade de Sarasota, na Flórida. É pertinente informar ainda que o seu nome aparece com variações nos livros didáticos e documentos consultados¹⁴⁹.

Segundo o relato de Anelisa Murphy (2018), entre os anos de 1960 e 1975 ela trabalhou como ilustradora em agências de publicidade e também como *freelancer*, fazendo ilustrações para livros didáticos da Editora Tabajara e Editora Globo, além da revista infantil *Cacique*. De 1977 em diante, começou a trabalhar no setor público, como funcionária pública, atuando como desenhista em vários setores, trabalhando meio expediente e estudando à noite na PUC-RS, no Curso de Comunicações Sociais com ênfase em Publicidade, em Porto Alegre.

Em 1982, recebeu uma bolsa de estudos cedida pelo Consulado da Alemanha, para a realização de um curso de dois anos em desenho gráfico publicitário. No seu retorno a Porto Alegre, trabalhou na Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul (Setur/RS), criando pôsteres de turismo. Atualmente, nos Estados Unidos, é artista plástica, dedicada à murais, esculturas e pinturas (Anelisa Murphy, 2018).

Helga Trein, sua mãe, conforme já dito anteriormente, era ilustradora. Pela relação dada entre mãe e filha, é provável que Anelize Becker de Lima, desde criança, tenha sido influenciada, estimulada e inspirada pelo trabalho de sua mãe e por sua dedicação ao ofício das artes, cada vez mais reconhecido, como no caso dos impressos didáticos. Esses fatores reunidos certamente a tornaram herdeira desse legado artístico de Helga Trein, visto que ela também enveredou por esse campo de atuação profissional pelas artes.

Anelisa Murphy (2018) relata que, em geral, as ilustrações para os livros didáticos

¹⁴⁹ A variedade de formas com que o nome de Anelise aparece foi um fator que dificultou a pesquisa na busca por dados. Seu nome oscila entre Anelise, Anelisa, Anelize e Aneliza, além de apresentar modificações de sobrenomes, incluindo ou retirando os de seus pais e de seus casamentos/esposos. Entre os formatos encontrados, estão: Anelise Trein Becker; Anelise Becker de Lima; Anelise Trein Becker de Lima; Anelise Trein; Anelize Becker de Lima (assim aparece no *Quarto Livro do Guri*); Anelisa Trein Becker; Anelisa Becker de Lima; Anelisa Becker Murphy; Anelisa Murphy.

costumavam ser feitas em preto e branco, devido ao alto custo de impressão, sendo que às vezes poderiam ser em duas cores. Para certas publicações, como as da Globo e a revista *Cacique*, havia liberdade de uso de cores nas páginas. Nestes casos, as ilustrações eram feitas à têmpera ou guache. Entretanto, as capas dos livros didáticos podiam ser impressas a quatro cores, sem tanta limitação, quando permitido pela editora.

Com relação ao trabalho de preparo das imagens para a impressão, dependendo da tipografia, era preciso fazer manualmente o processo de separação de cores para as pranchas que seriam instaladas nas máquinas. Por elas eram entintados os papéis, suportes dos livros didáticos. Por isso, as ilustrações em cores deveriam ser feitas também em branco e preto, sendo que para cada cor desejada era preciso fazer a respectiva parte em um papel vegetal separado, pintada em nanquim preto, para a gravação posterior na respectiva prancha. Assim, tratava-se de um trabalho cuidadoso e detalhado, para que se conseguisse, por fim, sobrepor e encaixar todas as camadas de cores, além do preto, pois era imprescindível que se coincidissem exatamente sobre o traçado da ilustração original (Anelisa Murphy, 2018).

Anelisa Murphy foi ilustradora da *Coleção Guri*, mais especificamente no *Quarto Livro do Guri*, obra do qual ela participou e se encontra indicada na lista de profissionais (cujo nome aparece indicado como Anelize Becker de Lima), enquanto os anteriores (*Cartilha*, *Primeiro*, *Segundo* e *Terceiro Livro do Guri*) tiveram as ilustrações criadas por sua mãe Helga Trein. Há uma possibilidade de que, diante dessa relação entre mãe e filha, na qual ambas ilustravam experientemente na época, que Anelisa tenha sido indicada à Tabajara por Helga para criar as ilustrações desse exemplar. Entretanto, esses dados não puderam ser confirmados.

No acervo do Hisales, Anelize Becker de Lima (considerando as variações do nome) aparece como ilustradora em outras obras didáticas, de editoras diferentes, tais como: *Novas travessuras do Pirulim* (1970), *O canto do brasileiro* (1968 e 1970), *Páginas do sul* (de 1966 a 1973) e *Pinceladas verde-amarelas* (1967 a 1970), da Editora Globo; *Linguagem e Estudos Sociais* (1970), *Garotos Tevê* (1970) e *Teste de Pré-leitura* (1977), da Editora Tabajara.

Foi feito um mapeamento para identificação das imagens nos livros didáticos do acervo do Hisales nos quais constam o nome da ilustradora Anelize Becker de Lima nos dados editoriais da publicação. Constatou-se que não houve casos de reaproveitamento de suas ilustrações em outras coleções, embora algumas sejam parecidas pela temática e pelos elementos que compõem a imagem. O que se identificou foram adaptações e repetições de algumas imagens entre os exemplares da própria *Coleção Guri*, e alguns desses casos são mostrados no decorrer do texto.

- **Miron Zaions**

Miron Zaions nasceu em 08 de junho de 1928 em Barão de Cotegipe (região que na época ainda pertencia à cidade de Erechim/RS), atualmente tem 89 anos e mora em Porto

Alegre, cidade em que vive há muitos anos¹⁵⁰. Estudou durante a infância e concluiu o Ginásio em sua cidade natal. Afirmou, em seu relato, que desde criança sempre gostou de desenhar e se interessava por temas que envolvessem a terra, a natureza e a geografia, influenciado também pelas características da região em que vivia. Foi se tornando um desenhista autodidata, aprendeu as técnicas de desenho sozinho, não frequentou cursos específicos de desenho e tampouco ingressou em algum curso superior (Miron Zaions, 2018).

Segundo o relato de Miron Zaions (2018), ele começou a se dedicar cada vez mais aos mapas, aprendendo e aperfeiçoando as técnicas, buscando ele mesmo os recursos e métodos para executar o trabalho. Para desenhar os mapas, relatou que utilizava como base e referência para os traçados, materiais como as cartas topográficas do Exército – 1/50.000, fotografias antigas, imagens aéreas variadas (como as de relevos e rios, etc.), obtidas pelos telescópios, entre outros. Para desenhar, primeiramente fazia o desenho a lápis e depois passava por cima, sempre à mão, com bico de pena e caneta tinteiro, com tinta nanquim preta.

Ainda jovem e dedicando-se à cartografia¹⁵¹, foi convidado para trabalhar na função de desenhista na cidade de Marcelino Ramos, onde começou a trabalhar em 1951, aos 23 anos, na Comissão de Terras, uma repartição da Secretaria de Agricultura no interior do estado, desenhando terrenos, plantas, entre outros. Casou-se nessa cidade, com Maria, e tiveram duas filhas. Em meados da década de 1950, mudou-se com a família para a capital, Porto Alegre (Miron Zaions, 2018).

Em Porto Alegre, Miron Zaions (2018) começou a fazer alguns trabalhos esporádicos como desenhista e foi trabalhar na Editora Globo, da qual passou a ser funcionário da equipe de criação, como desenhista. Entre as suas produções nessa editora, estão os mapas desenhados para as famosas enciclopédias. Além desse vínculo com a editora, fazia trabalhos terceirizados, os ditos “bicos”, e por isso seus trabalhos podem ser vistos em outras publicações, inclusive os livros didáticos das Edições Tabajara.

Com isso, Miron Zaions se tornou um desenhista conhecido por ser especializado em mapas. Fazia desenhos de mapas temáticos do RS, sobre temas como: divisão administrativa (divisão municipal, geografia, microrregiões, municípios); natureza (hidrologia, solos, morfologia, relevo, sistema rodoviário); demografia (municipalização do estado).

Miron Zaions também trabalhou durante muitos anos, com a função de desenhista, na Divisão de Geografia e Cartografia, setor vinculado à Secretaria de Agricultura do estado até 2012¹⁵². Nessa secretaria, ele desenvolveu suas atividades até a década de 1990, quando

¹⁵⁰ O nome de Miron Zaions aparece com variações em alguns dos livros didáticos, constando também como “Mirou Zaious”.

¹⁵¹ Cartografia corresponde a um conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas.

¹⁵² Atualmente, esse setor, ainda com o mesmo nome, é vinculado ao Departamento de Planejamento

se aposentou. Além disso, encontrou-se, em um dos mapas do acervo do Daer, datado de 1992, o nome de Miron Zaions constando como responsável técnico da referida Divisão, além de ser identificado como sendo Técnico em Cartografia e com o número de cadastro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul (Crea/RS).

Seu nome foi identificado em um documento de 1969¹⁵³, no qual está vinculado profissionalmente ao Instituto Gaúcho de Reforma Agrária (Igra – órgão criado pelo governo estadual de Leonel Brizola, na década de 1960), na profissão de desenhista na área de infraestrutura. Há também uma publicação (índice de mapas da América Latina e Caribe), que apresenta mapas de Zaions em coautoria com outros profissionais, informando esse vínculo ao Igra e também ao Conselho Nacional de Geografia, datados na década de 1960. Seu nome também aparece em obras publicadas pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e em publicações do governo estadual do RS, nas quais constam seu nome entre os autores. Apesar dessas participações em obras e documentos variadas, Miron Zaions informou que não existem livros publicados sob sua própria autoria e produção (Miron Zaions, 2018).

Além dos mapas encontrados nos livros didáticos, existem produções deste profissional disponíveis em outras publicações e também alguns exemplares de seu trabalho no acervo histórico e cartográfico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) e no acervo cartográfico da Divisão de Geografia e Cartografia da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Estado.

Miron Zaions aparece referenciado entre os profissionais que participaram da produção do *Terceiro Livro do Guri* e do *Quarto Livro do Guri*. É importante destacar que Miron Zaions não é chamado de ilustrador nos livros dessa coleção em específico, mas sim de desenhista de mapas, pois ele foi o responsável por este tipo de imagem utilizada nos livros, embora ele também tenha produzido algumas ilustrações e seja chamado de ilustrador em outras coleções didáticas da Tabajara. Por isso, optou-se por reuni-lo junto às demais ilustradoras da coleção, nessa seção, por se tratar de funções parecidas, embora as especificidades, funções e técnicas de criação dos mapas sejam diferentes das empreendidas nas ilustrações e fotografias.

Quanto aos livros didáticos em que há seus mapas e algumas de suas ilustrações, Miron Zaions afirmou que não possui exemplares em seu acervo particular e não soube informar de quais e quantos participou. Apesar de não se recordar da *Coleção Guri* e dos demais profissionais que participaram dessa produção didática, ele relatou ter uma relação muito próxima aos editores Joel e Olímpio, das Edições Tabajara, naquela época. Por isso,

Governamental da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Estado.

¹⁵³ *Proyecto 206 del Programa de Cooperación Técnica de la Organización de los Estados Americanos (OEA) – Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas, Bogotá, Colombia, abril 1969.* Miron Zaions aparece em uma lista de nomes de participantes em um programa de treinamento sobre cartografia, junto a outros profissionais.

acredita-se que a própria editora fez contato diretamente com este profissional para solicitar a produção dos mapas para publicação ou mesmo aproveitar alguns de seus trabalhos, porventura já realizados anteriormente. Miron Zaions não soube informar se existiria um banco de imagens suas disponíveis em acervos para uso público e se isso era providenciado dessa forma pelas editoras naquele período, entre os anos de 1940 e 1980, embora ele acredite que não (Miron Zaions, 2018).

No *Terceiro Livro do Guri*, além dos mapas de sua autoria, foi encontrada uma única ilustração assinada com seu nome, seguido pela descrição “Secção de Geografia – Rio G. do Sul”, no canto inferior direito. Esse dado também pode indicar um possível reaproveitamento de trabalhos realizados anteriormente para outros fins e que não eram originais para cada livro didático publicado. Além disso, segundo Nelson Tabajara (2018), todos os trabalhos editados eram catalogados e arquivados, o que também indica a possibilidade de que tenha sido aproveitado material previamente publicado em mais de um livro didático, por exemplo.

No acervo do Hisales, Miron Zaions aparece como ilustrador e/ou desenhista de mapas em outras obras, tais como: *Ciências Naturais* (1970); *Linguagem e Estudos Sociais* (1970); *Nossos Exercícios – Linguagem e Estudos Sociais* (s/d); *Minhas descobertas* (1975), todos da Editora Tabajara. Não foi realizada uma comparação detalhada de seus trabalhos entre todas essas obras, para verificação de reaproveitamento de mapas e ilustrações, mas já se sabe que alguns de seus trabalhos foram sim impressos em mais de um livro didático, conforme breve conferência, visto que pertencem à mesma editora e cujos originais deveriam estar disponíveis junto ao material editado, publicado e arquivado.

Além do mais, não se descarta a possibilidade de que seu nome seja encontrado em obras das demais editoras, inclusive nas da Editora Globo, da qual ele mesmo afirmou ter integrado a equipe fixa de profissionais desenhistas, pois essa listagem aqui mostrada é baseada nos nomes que constam nas páginas pré-textuais dos livros didáticos da Tabajara que foram consultados. Entretanto, vale lembrar que, além dos próprios autores, nem sempre os demais profissionais envolvidos no projeto gráfico-editorial são citados nos dados editoriais dos livros didáticos e, diante disso, é possível que haja mais trabalhos de Miron Zaions nas obras do acervo do Hisales, identificados ou não nas páginas pré-textuais, bem como assinados ou não diretamente nas imagens, sejam elas mapas ou ilustrações, o que precisaria ser conferido minuciosamente, em todos os exemplares.

Deve-se lembrar que os mapas são tratados como imagens “padrão” e que dificilmente são modificados, pelo tipo de elementos geográficos que os constituem e pelas funções que lhe são atribuídas. De certa forma, pelos traços com os quais são compostos, a identificação de autoria pode ser tornar um tanto complexa, visto que não se distingue daí um estilo gráfico adotado pelo profissional, diante das limitações e das normas de sua estrutura. Por isso, certos mapas podem ser considerados semelhantes ou idênticos a outros, em vários

casos, mesmo sendo de desenhistas ou ilustradores diferentes, devido ao traçado, a princípio, básico e não estilizado, que não torna determinado desenho algo singular, diferentemente do que ocorre nas ilustrações.

- **Profissionais anônimos**

Este item se refere exclusivamente às fotografias encontradas na *Coleção Guri*. Há apenas 2 fotografias no *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* (s/ed., s/d), cuja autoria não está identificada nas páginas pré-textuais. Sobre esse tema, sabe-se que era comum encomendar imagens desse tipo a profissionais *freelancers* ou aproveitar fotografias presentes em bancos de dados, naquele período. Não há indicação de fotógrafos junto aos demais profissionais aqui relatados, o que coincide com o fato de que, naquela época, não havia obrigatoriedade de o editor creditar o nome dos fotógrafos envolvidos nos livros didáticos publicados ou indicar a origem dessas imagens.

Por isso, a pesquisa sobre a origem e profissionais envolvidos neste tipo de imagem acabou sendo limitada, pela falta de dados no expediente e nas próprias fotografias. Entretanto, vale registrar que, segundo informações de Nelson Tabajara (2018), seu pai e editor Joel Tabajara era um aficionado por fotografia e tinha câmeras fotográficas de qualidade, como uma *Rolley Flex* profissional, da qual ele se recorda. Por isso, Nelson Tabajara acredita que algumas fotografias utilizadas em livros didáticos publicados pela Tabajara tenham sido tiradas pelo pai Joel e outras por seu irmão, além das de autoria de fotógrafos profissionais.

c) Revisoras e revisor

Neste item são apresentados as revisoras e o revisor que participaram da produção da *Coleção Guri*, com informações biográficas e sobre a trajetória profissional, assim como dados a respeito de sua função profissional e como se deu a participação nas obras analisadas, finalizando-se, então, com a localização dos mesmos em outros livros didáticos e publicações do Hisales.

- **Dalva da Rosa Dupuy**

Dalva da Rosa Dupuy era natural de Santa Vitória do Palmar, uma cidade na fronteira sul do RS, nasceu em 17 de outubro de 1912 e faleceu dia 12 de março de 2011, aos 98 anos, em Porto Alegre, cidade na qual vivia. Era solteira e não teve filhos.

Estudou durante a infância em Santa Vitória do Palmar e se graduou na Faculdade de Letras em Pelotas (em universidade não identificada). Começou a trabalhar como

professora na Escola Estadual de Ensino Básico Manoel Vicente do Amaral, em Santa Vitória do Palmar, do qual posteriormente foi diretora. Também ministrou aulas no Colégio Elementar de Santa Vitória do Palmar, um educandário estadual. Após alguns anos, Dalva da Rosa Dupuy (Figura 34) decidiu se mudar para Porto Alegre, para trabalhar como professora estadual, e lá morou com duas irmãs, também solteiras.



Figura 34 – Fotografia de Dalva da Rosa Dupuy, de junho de 1965.

Fonte: Acervo particular de Léia Dupuy.

A referida professora integrou a equipe de Técnicas em Educação do CPOE (SEC/RS), tem textos publicados na *Revista do Ensino/RS* e também na revista infantil *Cacique*. Além disso, Dalva da Rosa Dupuy é autora de livros didáticos, na área de Língua Portuguesa e Linguagem, sendo alguns publicados pela própria Editora Tabajara. No caso da *Coleção Guri*, sua participação foi como revisora do conteúdo textual, tendo atuado especificamente no *Primeiro Livro do Guri*, conforme consta nos dados editoriais da respectiva obra. Acredita-se que a Editora Tabajara tenha contratado a professora para realizar o serviço terceirizado de revisão dos textos do livro por indicação e referência, visto que possuía formação na área de Letras e poderia contribuir com os seus conhecimentos, considerando também que, nessa época, ela já seria conhecida no campo da educação em Porto Alegre.

No acervo do Hisales, Dalva da Rosa Dupuy aparece também como autora do livro didático *Linguagem* (1970), em coautoria com Sydia Sant'Anna Bopp, da Editora Tabajara. Como revisora, aparece na obra *Gramática Funcional – exercícios* (1968 e 1969), da Editora Tabajara. Cabe informar ainda que, no âmbito desta pesquisa, a função de revisora foi conferida apenas nos livros didáticos publicados pela Editora Tabajara.

- **Celso Pedro Luft**

Celso Pedro Luft nasceu em Poço das Antas/RS, no dia 28 de maio de 1921 e faleceu

em 04 de dezembro de 1995, aos 74 anos, em Porto Alegre, cidade na qual vivia. Casou-se com a escritora Lya Luft em 1963, com quem teve três filhos.

Na infância, estudou em uma escola primária dirigida por seu pai Carlos Luft (professor nas séries iniciais de alfabetização), na sua cidade natal e, a seguir, na adolescência, em 1932 e aos 11 anos, entrou para o seminário dos Irmãos Maristas, no Instituto Champagnat, em Porto Alegre. Aos 18 anos, se tornou seminarista da ordem dos Maristas e ficou conhecido como Irmão Arnulfo Maria. Formou-se em Letras Clássicas e Vernáculas pela PUC-RS no início da década de 1940 e ministrou aulas no Colégio Santa Maria, de Santa Maria, e no Colégio Marista Rosário, de Porto Alegre, nos anos seguintes.

Em 1947, começou a carreira de professor dos Cursos de Letras da PUC-RS. A partir de 1954 fez curso profissional na França e outro de especialização em filologia portuguesa e linguística em Portugal, retornando ao Brasil em 1957 e retomando as atividades docentes na PUC-RS, o que durou até 1962. A partir de então, foi professor titular de língua portuguesa no Instituto de Letras da UFRGS e na Faculdade Porto-Alegrense de Ciências e Letras (Fapa). Abandonou a batina e a congregação em 1963, para se casar com Lya Fett, no mesmo ano.

Conhecido como professor, gramático, filólogo, poeta, linguista e dicionarista, Celso Pedro Luft (Figura 35) também escreveu sobre questões de linguagem em uma coluna diária no jornal *Correio do Povo*, de 1970 a 1984. Publicou várias obras no decorrer dos anos, entre gramáticas, dicionários, manuais de ortografia e linguagem, etc., sendo algumas bastante utilizadas no ensino fundamental e no ensino médio.



Figura 35 – Fotografia de Celso Pedro Luft, s/d.

Fonte: Site da Agência Riff (<http://www.agenciarriff.com.br/site/NoticiaEntrevista/ShowNoticia/52>).

Sua participação na *Coleção Guri* se deu como revisor do conteúdo textual, se responsabilizando apenas pelo *Segundo Livro do Guri*, segundo registrado nos dados editoriais da obra. Provavelmente ele tenha sido convidado pelos editores da Tabajara para desempenhar esse serviço terceirizado, por seu reconhecimento na área de linguagem. Lya

Luft, sua esposa que mora em Porto Alegre, em seu relato (2018), não soube informar a respeito de seu vínculo com a Editora Tabajara e com a *Coleção Guri*, fato que ela inclusive desconhecia, embora lembrasse de suas produções junto à Editora Globo, local onde Celso Pedro Luft começou a trabalhar a partir de meados de 1963, na seção de produção de dicionários, revisando e modernizando as obras da editora.

No acervo do Hisales, Celso Pedro Luft aparece também como revisor do livro didático *Gramática Funcional – exercícios* (1968 e 1969), da Editora Tabajara. Como informado anteriormente, vale relembrar que, no âmbito desta pesquisa, a função de revisor foi conferida apenas nos livros didáticos publicados pela Editora Tabajara.

- **Rebeca Poyastro**

Rebeca Poyastro nasceu em 12 de fevereiro de 1937 (mas foi registrada no dia 16 do mesmo mês) e, atualmente, está com 81 anos, residindo na cidade de Porto Alegre, de onde é também natural. Casou-se aos 33 anos com Roberto Peixoto da Silva, de quem é divorciada, e tem duas filhas.

Realizou seus estudos em Porto Alegre, onde se graduou no Curso de Letras – Língua Portuguesa. Recém-formada, aos 23 anos foi contratada pela UFRGS e aos 24 anos já era efetiva da mesma instituição, como Professora de Ensino de 1º e 2º Grau do Colégio de Aplicação, da Faculdade de Educação, ministrando classes até o 5º ano. Com isso, Rebeca Poyastro (Figura 36) se tornou servidora pública federal, trabalhando como professora titular e catedrática na UFRGS, ministrando a disciplina de Língua Portuguesa, sua especialidade.



Figura 36 – Fotografia de Rebeca Poyastro, década de 1970.

Fonte: Acervo particular de Rebeca Poyastro.

Fez um curso de Pós-Graduação em Letras e concluiu também a graduação no Curso de Direito, no qual foi laureada em Direito Administrativo, conforme declarado pela

própria Rebeca Poyastro (2018). Em seu relato, revela que é judia e destaca que sempre leu muito, inclusive repetindo os mesmos livros, como a própria Torá, com hábitos de marcação dos textos, o que a mantém em exercício pela linguagem, ademais de falar quatro idiomas diferentes. Devido à sérios problemas de saúde, lhe foi concedida uma aposentadoria especial, o que ela alega ter sido relativamente cedo, em meados de 1985, com cerca de 26 anos de serviço (Rebeca Poyastro, 2018).

A função de Rebeca Poyastro na *Coleção Guri* foi a de fazer a revisão do conteúdo textual do *Quarto Livro do Guri*. Conforme o relato da professora, esta foi a primeira e única vez que revisou um livro deste tipo, didático, embora já tivesse atuado como revisora em outros materiais, quando solicitada. Ela foi indicada por colegas do meio acadêmico para a Editora Tabajara, que buscava referências e então a convidou para fazer a revisão do texto, prestando assim o serviço de forma terceirizada (Rebeca Poyastro, 2018).

Sobre o processo de revisão do livro, Rebeca Poyastro (2018) afirma que a Editora Tabajara encaminhava a “boneca”, que era uma primeira versão do texto preparada para fins de ajustes, para ser revisado e corrigido por ela, antes de ser encaminhado para impressão definitiva. O texto era entregue em formato datilografado, de “forma corrida” por folha, com a devida numeração da página que seria na obra, mas sem nenhuma diagramação, nada de ilustrações e anotações a respeito desses elementos gráficos.

Segundo a professora Rebeca Poyastro (2018), a primeira revisão do conteúdo levou cerca de 15 dias para ser concluída, mais demorada e detalhada que as posteriores. No total, foram necessárias quatro fases de revisões do texto, uma vez que ele retornava às autoras e era devolvido novamente à revisora e, com isso, esse processo se tornou exaustivo e mais demorado do que o previsto inicialmente.

Esses procedimentos, até serem finalizados, duraram entre 2 a 3 meses, sendo que demandavam muita atenção ao que seria modificado ou mantido, em decisões a serem tomadas junto às autoras, que eventualmente resistiam às alterações propostas por Rebeca Poyastro, que era mais jovem do que elas, tinha concepções por vezes diferentes das professoras, decorrentes também de sua formação específica na área de português. Após essa experiência com o *Quarto Livro do Guri*, ela não mais trabalhou com revisão de livros didáticos (Rebeca Poyastro, 2018).

O nome de Rebeca Poyastro não foi encontrado em nenhuma outra obra do acervo do Hisales. Como já informado anteriormente, reitera-se aqui que a função de revisora foi conferida apenas nos livros publicados pela Editora Tabajara, nesta pesquisa.

A seguir, são expostos os dados relativos às análises das imagens dos livros didáticos da *Coleção Guri*, mencionando também as principais características do projeto gráfico-editorial de cada um dos exemplares. Como reiteradamente se afirmou, as imagens da referida coleção são o foco principal da pesquisa.

Contudo, como revela o número de páginas até aqui escritas, foi preciso uma longa trajetória de investigação e uma árdua e difícil tarefa de coleta de dados, especialmente sobre a história da Editora Tabajara, das suas produções didáticas e dos profissionais envolvidos na produção da *Coleção Guri*. Isso se deve ao fato principal de que as imagens não se explicam por si só, e por isso a escolha pelos métodos iconográficos e iconológicos, para o desenvolvimento das análises.

Por fim, destaca-se ainda que as páginas precedentes, em especial os aspectos da história da editora e dos profissionais envolvidos na produção da *Coleção Guri* são, também, um contributo à memória e à história da educação e da edição no Rio Grande do Sul. Se não são as partes principais da tese aqui apresentada, seu conteúdo é uma maneira de legar às novas gerações, em especial dos pesquisadores e pesquisadoras, uma parte da história dessa instituição, da Tabajara, e desses homens e mulheres, a maioria em idade já avançada, que trabalharam, no contexto da educação gaúcha, no campo cultural, educacional e editorial.

4.2 As imagens na *Coleção Guri*

É importante entender como funciona a relação entre a imagem e o texto no livro didático e como isso funciona na *Coleção Guri*. O texto costuma ter funções bastante variadas que podem afetar o modo com que se contempla a imagem, alterando a sua leitura. No livro didático, a imagem pode acompanhar tanto o texto do conteúdo programático a que se refere, como também estar acompanhada do texto inserido em uma legenda, que apresenta algo relacionado a ela.

A legenda nas imagens pode ser utilizada para: a) reduzir as possibilidades significativas da imagem – ajuda a direcionar a percepção e a identificar o objeto representado, mas pode acabar reduzindo os “possíveis” significados que a imagem poderia ter; b) para complementar a imagem - conforma uma unidade sónica e faz parte dela; c) ou ainda para oferecer um significado distinto do próprio registro – quando a informação não se relaciona ao que é apresentado na imagem. No caso dos livros didáticos que integram a coleção analisada, não foram encontradas legendas, mas no máximo um conjunto de palavras indicando o tema tratado, semelhantes a um título, como por exemplo, no caso dos mapas de página inteira que aparecem no *Terceiro Livro do Guri*.

O texto, quando é destinado a um livro didático, normalmente é realizado primeiramente pelos autores, e depois ele é ilustrado com imagens. Com isso, o texto pode tanto ser independente da imagem (que poderia ser eliminada), ou pode ser redundante com relação à imagem (nesse caso, ela não acrescenta nenhuma informação a mais, servindo para visualizar o que consta explicado no texto), ou pode ainda acontecer o caso em que o texto e a imagem se complementam (a imagem adquire sentido e se torna tão necessária

como o texto, para compreensão e assimilação dos conteúdos).

No caso da *Coleção Guri*, os textos dos livros foram todos escritos e revisados antes de receber qualquer imagem nas páginas, conforme informação dos profissionais entrevistados na pesquisa. No que se refere à relação das imagens com os textos, esses aspectos são tratados no decorrer do texto, com a apresentação dos dados levantados.

Geralmente, as imagens dos livros didáticos são decididas e pautadas pelos autores e/ou editores. Dessa forma, no caso das ilustrações, por exemplo, o ilustrador recebe uma pauta com orientações do que deve ser ilustrado, assim como o espaço na página destinado a essa ilustração. São praticamente inexistentes os casos em que, mesmo hoje em dia, escritores e ilustradores (no caso de profissionais diferentes), produzem juntos e decidem ao mesmo tempo o conteúdo de uma obra didática completa. O que pode acontecer, em determinadas situações, são reuniões entre ambos, para revisões e sugestões quanto ao formato, disposição e características, mas quando o texto já existe e contém os espaços pré-determinados para as imagens por aqueles que o escreveram. Esses dados não foram possíveis de serem comprovados no caso da *Coleção Guri*, mas acredita-se que isso tenha funcionado dessa maneira, considerando as etapas habituais de produção editorial que eram recorrentes naquela época. Em seu relato, as autoras Flávia E. Braun e Zenna T. Braun (2018) informaram que nunca tiveram reunião com as ilustradoras durante o processo de produção da *Coleção Guri*, apesar de terem as conhecido.

As qualidades gráficas do livro didático, indicadas por Pfromm Netto et al. (1974, p. 36), baseadas nas regras básicas que deveriam ser respeitadas pelo editor da obra e que eram recomendadas ao professor para analisar e escolher o impresso, teriam que em geral atender, no planejamento de um livro, “um arranjo harmonioso de papel, encadernação, ilustração, caracteres e espaços tipográficos e preço”. Considerando essas observações, para análise de todos os livros que integram a *Coleção Guri*, tais aspectos são demonstrados, a partir de então, em razão de sua importância no projeto gráfico-editorial desses suportes, de uma forma geral. Tendo em vista o foco desta pesquisa, os aspectos relativos às imagens utilizadas nos livros didáticos são tratados com mais detalhamento que os demais.

Inicialmente, são apresentados dados de coletas variadas, que contextualizam as análises realizadas e que interferem na concepção, inserção, função e relação das imagens nos livros didáticos da *Coleção Guri*.

As informações que constam nas tabelas, a seguir, são baseadas na análise do exemplar mais antigo de cada um dos livros didáticos da coleção, disponíveis no acervo do Hisales, por serem as versões originais ou mais próximas da original, ainda sem revisões posteriores e, também, porque na comparação realizada entre todas as edições de cada um deles, observou-se que os resultados quantificados não seriam discrepantes a ponto de modificar significativamente os dados de interpretação.

A Tabela 10, a seguir, mostra os dados gerais dos livros analisados, com relação à quantidade de páginas pré-textuais, textuais e pós-textuais, assim como o total de páginas em cada uma das publicações.

Tabela 10 – Relação de tipos de páginas nos livros didáticos da *Coleção Guri*.

TIPOS DE PÁGINAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DA COLEÇÃO GURI								
TIPOS DE PÁGINAS	CARTILHA DO GURI	PRIMEIRO LIVRO DO GURI	SEGUNDO LIVRO DO GURI	TERCEIRO LIVRO DO GURI			QUARTO LIVRO DO GURI	TOTAL
				1*	2*	3*		
Páginas pré-textuais	02	06	08	12	08	08	06	50
Páginas textuais	62	92	132	186	168	86	250	976
Páginas pós-textuais	-	02	-	02	-	02	-	06
TOTAL DE PÁGINAS	64	100	140	200	176	96	256	1032

1* – Terceiro Livro do Guri

2* – Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul

3* – Terceiro Livro do Guri – Leitura

Fonte: Dados da autora (2018).

Os dados da tabela, acima, indicam que os livros foram aumentando na quantidade de páginas, em uma média de 50% de páginas a mais em relação ao livro destinado à série anterior, com algumas variações a mais ou a menos. Uma exceção nessa relação de aumento de páginas, pois ocorre o processo inverso, acontece no *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* e no *Terceiro Livro do Guri – Leitura*, que eram livros específicos e com alteração no conteúdo em relação ao *Terceiro Livro do Guri*.

Já a Tabela 11, a seguir, apresenta os resultados da relação de quantidade de cores impressas por páginas, nos livros da *Coleção Guri*. Esses dados são importantes de serem mostrados, pois indicam aspectos de produção gráfica, quanto à limitações e custos envolvidos na impressão e acabamento dos suportes. Esses dados não incluem as informações da capa e contracapa dos livros didáticos.

Tabela 11 – Relação de cores impressas por página nos livros didáticos da *Coleção Guri*.

CORES IMPRESSAS POR PÁGINA NOS LIVROS DIDÁTICOS DA COLEÇÃO GURI								
PÁGINAS E CORES IMPRESSAS	CARTILHA DO GURI	PRIMEIRO LIVRO DO GURI	SEGUNDO LIVRO DO GURI	TERCEIRO LIVRO DO GURI			QUARTO LIVRO DO GURI	TOTAL
				1*	2*	3*		
Páginas sem impressão	07	03	02	-	03	04	01	20
Páginas com 1 cor: preto	02	97	138	200	173	92	255	957
Páginas com 2 cores: preto e verde	24	-	-	-	-	-	-	24

CORES IMPRESSAS POR PÁGINA NOS LIVROS DIDÁTICOS DA COLEÇÃO GURI								
PÁGINAS E CORES IMPRESSAS	CARTILHA DO GURI	PRIMEIRO LIVRO DO GURI	SEGUNDO LIVRO DO GURI	TERCEIRO LIVRO DO GURI			QUARTO LIVRO DO GURI	TOTAL
				1*	2*	3*		
Páginas com 2 cores: preto e laranja	19	-	-	-	-	-	-	19
Páginas com 2 cores: preto e vermelho	12	-	-	-	-	-	-	12
TOTAL DE PÁGINAS	64	100	140	200	176	96	256	1032

1* – Terceiro Livro do Guri

2* – Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul

3* – Terceiro Livro do Guri – Leitura

Fonte: Dados da autora (2018).

Observa-se nos dados acima, que o único livro que apresenta impressão a cores é a *Cartilha do Guri*. Entretanto, é preciso considerar que se trata da 8ª edição, de 1969, pois é a única existente no acervo do Hisales. Foi verificado e comprovado que a primeira edição da cartilha e algumas posteriores eram somente impressas em preto, como os demais livros.

Entre os aspectos que configuram um livro didático, está o caráter multimodal, que indica a presença de duas linguagens, verbal e visual, que mostra como elas interagem para a produção de informação e sentido. A seguir, a Tabela 12 mostra os resultados encontrados pela quantificação das páginas que utilizam apenas texto, ou texto e imagem, ou apenas imagens, em todos os livros que integram a *Coleção Guri*.

Tabela 12 – Relação de páginas com texto e imagens nos livros didáticos da *Coleção Guri*.

PÁGINAS COM TEXTO E IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS DA COLEÇÃO GURI								
PÁGINAS COM TEXTO E/OU IMAGENS	CARTILHA DO GURI	PRIMEIRO LIVRO DO GURI	SEGUNDO LIVRO DO GURI	TERCEIRO LIVRO DO GURI			QUARTO LIVRO DO GURI	TOTAL
				1*	2*	3*		
Páginas sem impressão	07	03	02	-	03	04	01	20
Páginas apenas com texto	07	37	83	122	107	49	189	594
Páginas apenas com imagem/imagens	-	-	-	11	-	-	07	18
Páginas com texto e imagem/imagens	50	60	55	67	66	43	59	400
TOTAL DE PÁGINAS	64	100	140	200	176	96	256	1032

1* – Terceiro Livro do Guri

2* – Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul

3* – Terceiro Livro do Guri – Leitura

Fonte: Dados da autora (2018).

Pelos números mostrados acima, a partir do total de 1032 páginas entre todos os livros analisados na amostra, os dados mostram que um pouco mais de 50% delas (594) contêm apenas textos. Entre todos os volumes, o número de páginas com apenas imagens é muito reduzido, pois vários deles não têm essa opção. Percebe-se, ainda, que na *Cartilha do Guri* e no *Primeiro Livro do Guri*, há muito mais páginas de texto com imagens em relação àquelas que contêm apenas textos do que nos livros posteriores, quando os números praticamente são invertidos. Isso decorre também pela diminuição na quantidade de imagens e o aumento de textos nas páginas, com o avanço das séries escolares. Apesar disso, pelos resultados da coleção didática em geral, o número total de páginas que agregam texto e imagem/imagens é bastante expressivo, o que possibilita uma discussão sobre a importância da observação como elemento da alfabetização do olhar e também do estímulo ao lúdico, no conteúdo explorado nos referidos suportes.

É possível identificar um investimento na linguagem visual gráfica em todos os livros da *Coleção Guri*, através da exploração dos seguintes aspectos, que comumente são utilizados em livros didáticos, nas páginas: aspectos verbais, relacionados ao conteúdo textual; aspectos pictóricos, que envolvem ilustrações, figuras, fotografias, ícones, tiras e histórias em quadrinhos; e ainda os aspectos esquemáticos, que correspondem aos quadros, diagramas, tabelas, mapas e diferentes tipos de linhas (pontilhadas, tracejadas ou inteiras).

Nos livros da *Coleção Guri* não aparecem todos esses referidos elementos. No entanto, considerando o foco do trabalho, a Tabela 13, a seguir, apresenta uma relação específica dos casos de ilustração, mapa, fotografia e ícones, elementos que estão entre os acima relacionados e que são encontrados com maior recorrência na *Coleção Guri*. A tabela nos permite visualizar e identificar especificamente a utilização desses recursos, tanto pela linguagem visual gráfica pictórica, como pela linguagem visual gráfica esquemática, estabelecendo também uma comparação no que se refere à quantidade de usos de cada caso e em que ano escolar eles são acrescentados junto ao conteúdo textual (referente à linguagem visual gráfica verbal). Cabe lembrar que esses dados são baseados nos conceitos de Twyman, explanados no capítulo 02, especialmente no que afirma sobre as particularidades da linguagem visual.

Tabela 13 – Relação de elementos de linguagem visual gráfica nos livros didáticos da *Coleção Guri*.

ELEMENTOS DE LINGUAGEM VISUAL GRÁFICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DA COLEÇÃO GURI									
ELEMENTOS DE LINGUAGEM VISUAL GRÁFICA		CARTILHA DO GURI	PRIMEIRO LIVRO DO GURI	SEGUNDO LIVRO DO GURI	TERCEIRO LIVRO DO GURI			QUARTO LIVRO DO GURI	TOTAL
					1*	2*	3*		
Linguagem Visual Gráfica PICTÓRICA	Ilustração	45	50	55	64	61	43	57	375
	Fotografia	-	-	-	-	02	-	-	02

ELEMENTOS DE LINGUAGEM VISUAL GRÁFICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DA COLEÇÃO GURI									
ELEMENTOS DE LINGUAGEM VISUAL GRÁFICA		CARTILHA DO GURI	PRIMEIRO LIVRO DO GURI	SEGUNDO LIVRO DO GURI	TERCEIRO LIVRO DO GURI			QUARTO LIVRO DO GURI	TOTAL
					1*	2*	3*		
Linguagem Visual Gráfica ESQUEMÁTICA	Mapa	-	-	-	15	04	-	09	28
	Ícone	52	30	-	-	-	-	-	82
TOTAL DE IMAGENS		97	80	55	79	67	43	66	487

1* – Terceiro Livro do Guri

2* – Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul

3* – Terceiro Livro do Guri – Leitura

Fonte: Dados da autora (2018).

Os dados acima indicam que as ilustrações (375) aparecem em todos os livros da coleção e predominam, chegando a abranger quase 80% do total de 487 imagens registradas. Apenas 02 fotografias foram localizadas no *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*. Os mapas começam a aparecer somente a partir do *Terceiro Livro do Guri* em diante. Os ícones são utilizados somente na *Cartilha do Guri* e no *Primeiro Livro do Guri*, em boa quantidade, no formato de pequenos detalhes nas páginas que acompanham as atividades propostas, enquanto nos demais livros não houve continuidade na utilização desse tipo de recurso gráfico. Alguns exemplos de aplicação de ilustrações, fotografias, mapas e ícones são mostrados na continuidade do texto, nos itens que tratam especificamente sobre cada um dos livros didáticos da *Coleção Guri* e suas respectivas imagens.

Visualizando-se as imagens, de uma forma geral, percebe-se que estão vinculadas também a uma infância diferente, obviamente, da dos dias atuais. Possivelmente, essas imagens não seriam aproveitadas nos livros didáticos recentes, de acordo como se apresentam. Deve-se refletir que a infância é um conceito que vem sendo construído e reconstruído historicamente e, em função disso, no decorrer do tempo tem sido modificada (ARIÈS, 1978).

Assim, as imagens são parte de um processo cultural, no qual os seus produtos vão sendo modificados e estão sujeitos à ação do tempo, em um contexto específico, que envolve conceitos que mudam a cada momento, como a estética e o apelo visual focado nos pequenos leitores, de cada década, por exemplo. Entretanto, essas considerações não eliminam e nem desvalorizam o que foi criado pelos ilustradores da *Coleção Guri*, mas sim reforçam e justificam ainda mais a relação dessas imagens com um determinado período, pelas suas características e possibilidades gráficas exploradas.

Como afirmou-se, a *Coleção Guri* tem origem na *Cartilha do Guri*. Ao que tudo indica, quando foi produzida esta cartilha ainda não se havia pensado na produção de outros livros que integrariam uma coleção de mesmo nome. A aceitação da cartilha e a demanda por livros

didáticos que seguissem os mesmos critérios didático-pedagógicos serviram de incentivo para que as autoras investissem então nos livros seguintes, no decorrer dos anos. Levando-se em consideração a amostra dos exemplares analisados (de toda a coleção), é interessante observar que os livros da coleção tiveram as suas capas modificadas algumas vezes, dependendo da edição, porém sempre mantendo a mesma proposta e o apelo visual, a partir dos principais elementos escolhidos para estarem estampados no espaço e que foram sendo preservados, independentemente do estilo e da técnica artística adotada na devida representação.

Inicialmente, para uma visão geral do que se está ocorrendo, na Figura 37, a seguir, podem ser vistas algumas capas de exemplares variados e localizados no acervo do Hisales, assim como de alguns que foram acessados por versão digital, provenientes de outros acervos, um institucional e outro particular (justificados na sequência do texto). Esses e outros modelos de capas são mostrados no decorrer do trabalho, com informações mais detalhadas nas respectivas análises.



Figura 37 - Capas de exemplares de volumes da *Coleção Guri*, das Edições Tabajara.

Fonte: Acervo da Biblioteca da Faced/UFRGS; Acervo particular de Elbio Neris Gonzales e Suely Franco Netto Gonzales; Acervo Hisales.

Como não há exemplares de todas as edições de todos os livros, os dados interpretativos e sobre os detalhes ressaltados nas variações das capas analisadas são

apresentados mais adiante no texto, em cada um dos livros da coleção, de acordo com suas respectivas edições, quando pertinente. Na tentativa de compreender quantas fases as capas tiveram, não foi possível identificar se houve um padrão de modificações entre todos os volumes (da *Cartilha* ao *Quarto Livro do Guri*), a partir da amostra que, ao não estar completa (por não se ter todas as edições e exemplares publicados), seus dados não podem ser considerados conclusivos.

Mesmo assim, pela importância de se registrar essas alterações e o que elas podem significar em vários sentidos, optou-se por mostrar as variações de forma separada, a partir dos exemplares disponíveis, para cada um dos volumes. Mas, em geral, pelo que se observou, encontrou-se quatro tipos de modificações mais significativas na imagem da capa, considerando todos os livros analisados e dispensando os detalhes.

A seguir, são apresentadas seções específicas para cada um dos livros didáticos da *Coleção Guri*, nas quais são apresentados os seguintes conteúdos: dados editoriais; identificação e quantidade de exemplares no acervo do Hisales; aspectos do projeto gráfico-editorial predominantes; conteúdo do índice; análise das imagens (capa e páginas do miolo); informações sobre as atividades e enunciados no conteúdo didático-pedagógico; registros de indícios de circulação e uso dos exemplares.

Inicia-se pela *Cartilha do Guri* (1 exemplar) e, posteriormente, são tratados o *Primeiro Livro do Guri* (3 exemplares), o *Segundo Livro do Guri* (5 exemplares), o *Terceiro Livro do Guri* (7 exemplares), o *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* (1 exemplar), o *Terceiro Livro do Guri – Leitura* (2 exemplares) e, por fim, o *Quarto Livro do Guri* (7 exemplares), decorrentes da análise empreendida no total de 26 exemplares disponibilizados no acervo do Hisales.

Ressalta-se que, em exceção ao *corpus* recém citado, na seção da *Cartilha do Guri*, foram adicionados especialmente outros 02 exemplares, para fins de comparação, visto que são significativamente representativos, pois um deles corresponde à primeira edição da *Cartilha do Guri* (disponível na Biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS¹⁵⁴), enquanto o outro é o único exemplar de propriedade particular de Elbio N. Gonzales¹⁵⁵, como mostrou-se, um dos autores da obra, e que corresponde a uma edição intermediária, entre a primeira e a disponível no acervo do Hisales. Além disso, também foi viabilizado o acesso a um exemplar de *Manual do Professor da Cartilha do Guri*, de 1968 e sem edição, também do acervo particular do professor Gonzales¹⁵⁶, já que não há um volume disponível no acervo do

¹⁵⁴ O acesso à versão digitalizada das imagens das páginas dessa edição da *Cartilha do Guri* se deu pelo auxílio da professora Dra. Maria Stephanou, lotada na instituição onde o exemplar está acervado.

¹⁵⁵ O acesso às imagens digitalizadas da capa, contracapa e primeiras páginas dessa edição da *Cartilha do Guri* se deu pelo auxílio da professora Suely Gonzales, esposa do professor Elbio N. Gonzales.

¹⁵⁶ O acesso às imagens digitalizadas das páginas do *Manual do Professor da Cartilha do Guri*, de 1968 e sem edição, se deu pelo auxílio da professora Suely Gonzales, esposa do professor Elbio N. Gonzales.

Hisales.

Em relação aos demais livros que também integram a coleção, indicados na Tabela 09, anteriormente apresentada, mas que não constam no referido acervo, como é o caso dos livros de Leitura para o 1º ano e o 2º ano, de Matemática, de Admissão ao Ginásio e aqueles específicos para outros estados, apesar das tentativas de localização e acesso, por meios diversos (físicos e virtuais), não foram encontrados e, por isso, não puderam ser analisados.

a) Cartilha do Guri

Para fazer referência aos estudos sobre a relação entre as imagens e os textos em cartilhas de alfabetização, como é o caso da *Cartilha do Guri*, deve-se valer dos argumentos de Belmiro (2008), que estuda essa temática e define este tipo de impresso como sendo:

[...] um material em que se pode verificar a possibilidade de se realizar (ou não) uma proposta escolar de apropriação do sistema de escrita, assentada na hipótese não só e que a escrita traz consigo uma dupla natureza (verbal e gráfica, [...]), bem como da capacidade de significação por imagens, as duas podendo produzir resultados férteis na aquisição de conhecimento lingüístico, textual e discursivo do aprendiz. Por outro lado, sabe-se de críticas sobre a possibilidade de as cartilhas, ao se tornarem um lugar de experiências múltiplas com palavras e imagens, resultarem em fragmentação de modelos e possível fragilidade de processos de aprendizagem da escrita (BELMIRO, 2008, p. 51).

Retomando os dados da pesquisa, relembra-se que a primeira edição da *Cartilha do Guri* foi publicada em 1962, em coautoria entre professores Elbio N. Gonzales, Flávia E. Braun e Rosa M. Ruschel. As ilustrações são de Helga Trein e não consta indicação de revisor. No acervo do Hisales há um único exemplar, da 8ª edição, publicado em 1969 (GURI_C_8ED_1969A). Porém, para uma análise mais ampla e comparativa em determinados aspectos mais significativos, são aproveitados também os exemplares de outros acervos, anteriormente explanados: um da 1ª edição, publicado em 1962, e outro sem edição, publicado em 1968. Para facilitar a associação dos dados, os exemplares aparecem identificados no texto como: Exemplar 1 – 1ª ed., 1962; Exemplar 2 – s/ed., 1968; Exemplar 3 – 8ª ed., 1969. A seguir, são apresentados os dados do projeto gráfico-editorial e informações destacadas nos três exemplares e, na sequência, seguem as análises específicas das imagens, da capa e nas páginas.

Ainda em relação aos nomes dos autores, é importante ressaltar que no Exemplar 3 (8ª ed., 1969), o nome do professor Elbio N. Gonzales não aparece na capa junto ao das duas autoras indicadas “discretamente” no canto superior esquerdo, tendo sido incluído apenas na folha de rosto da cartilha. Entretanto, nos outros dois exemplares, publicados anteriormente a este, os nomes dos três autores aparecem tanto na capa como na folha de rosto. A respeito disso, infere-se que possa ter havido algum aproveitamento de material de montagem para a impressão dos outros livros e/ou mesmo uma falta de cuidado na hora de se observar isso,

utilizando para tal a capa dos livros posteriores à cartilha, cujas autoras são as mesmas duas, porém, o professor Elbio N. Gonzales não participou da autoria deles. Por isso, sendo uma edição posterior da cartilha, a capa pode ter sido reimpressa aproveitando-se do material empregado nos demais livros da coleção, visto que o detalhe com a marca da Tabajara acima e os nomes logo abaixo aparece idêntico em todos os exemplares e, talvez, tenha se passado despercebido que faltaria um nome a mais, no caso específico da capa da cartilha.

No único exemplar físico analisado – Exemplar 3 (8ª ed., 1969), o formato da cartilha fechada é de 14 x 21 cm de medidas, com 64 páginas. Quanto ao acabamento, possui 0,4 cm de lombada canoa com grampo, ou seja, não há cola nem costura entre as folhas do miolo, que são unidas por dois grampos, junto à capa e a contracapa. O tipo de acabamento se mantém nas edições posteriores.

Iniciando-se a análise das imagens pela capa da *Cartilha do Guri*, é importante lembrar que “além de cumprir um papel hegemônico na construção da visualidade dos livros, as capas, pela dimensão comunicacional que lhe é inerente, condensam um pensamento sobre a própria obra. O livro é o ícone da cultura, e a capa é o ícone do livro” (MELO, 2006, p. 97). Por isso, deve-se refletir sobre a importância e a potencialidade da capa dos livros.

Em uma comparação entre os três exemplares analisados, encontrou-se variação das características gráficas entre eles, embora eles mantenham os principais elementos como foco de atenção do leitor, que são: o guri lendo sentado na cerca, a escola do tipo “brizoleta” e a paisagem rural, como pode ser visto na Figura 38, a seguir.

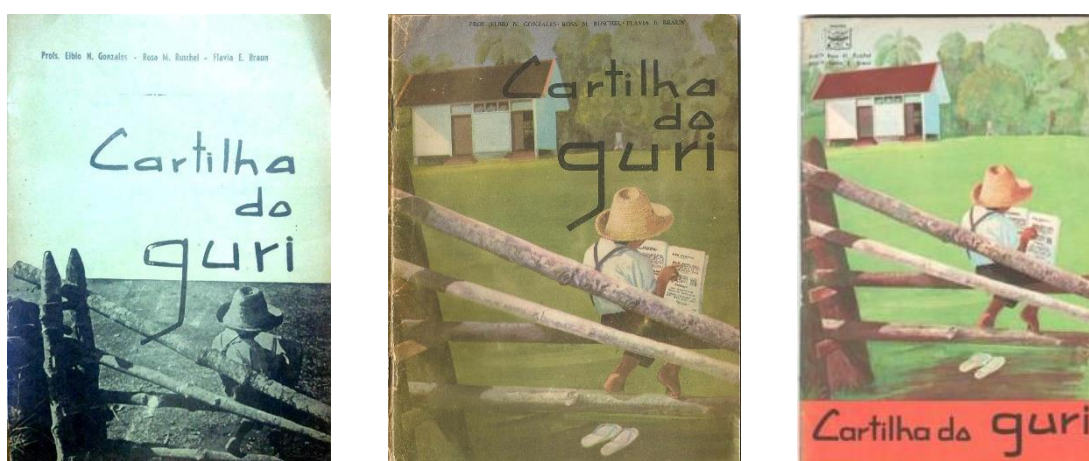


Figura 38 – Capas de diferentes edições da *Cartilha do Guri*. Da esquerda à direita: 1ª ed., 1962; s/ed., 1968; 8ª ed., 1969, Ed. Tabajara.

Fonte: Da esquerda à direita - Acervo da Biblioteca da Faced/UFRGS; Acervo particular de Elbio Neris Gonzales e Suely Franco Netto Gonzales; Acervo Hisales.

Na capa da cartilha, conforme as imagens acima, há uma cena campesina, com um guri sentado em uma cerca de madeira, de costas para o leitor/usuário desse suporte. Com um chapéu de palha e suspensórios por cima de uma blusa branca e unindo-se à bermuda, o

guri está lendo um impresso, enquanto seus chinelos (que aparecem nas edições posteriores), que remetem muito à famosa e original marca brasileira de chinelos "Havaianas", de solado branco com tiras azuis (como antigamente eram, na época de sua criação, no início da década de 1960), estão no solo, sob seus pés apoiados em um tronco da cerca, à beira de um campo plano e verde, como tipicamente se vê no sul do país, associando-se a uma paisagem bucólica, tradicional, especialmente nos pampas gaúchos.

Ao fundo do cenário exposto na capa, no canto superior esquerdo, é possível ver uma escola bastante semelhante às que haviam na zona rural e chamadas de "brizoletas", que foram criadas pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, a partir de seu projeto governamental que visava a expansão e a democratização do ensino público, como já foi explicado anteriormente.

Isso pôde ser comparado e constatado através de fotografias desses prédios, como as que estão na Figura 39, a seguir, na qual aparecem 06 escolas do estilo "brizoleta", construídas em diferentes localidades do estado, pelas quais se pode notar a semelhança nas características arquitetônicas predominantes, comentadas anteriormente¹⁵⁷.



Ex. 1: "Brizoleta" de Picada Capivara – Ivoti
(QUADROS, 2005, p. 37)



Ex. 2: Escola Rural de Linha Nova Baixa – Ivoti
(QUADROS, 2005, p. 38)



Ex. 3: Escola Olavo Bilac, Picada Feijão – Ivoti
(QUADROS, 2005, p. 67)



Ex. 4: Escola Municipal Rui Barbosa – Ivoti
(QUADROS, 2005, p. 75)



Ex. 5: Escola Osvaldo Cruz – Lindolfo Collor
(QUADROS, 2005, p. 77)



Ex. 6: Escola São Judas Tadeu, Linha 2 - Nova Palma
(QUADROS, 2005, p. 106)

Figura 39 – Fotografias de escolas conhecidas como "brizoletas", no Rio Grande do Sul.

Fonte: Quadros, 2005.

¹⁵⁷ Conforme os modelos de escolas que foram construídas, já apresentados anteriormente, existem algumas construções que são diferentes das que estão apresentadas na Figura 39. Neste caso, optou-se por mostrar aqui apenas algumas das que são mais parecidas às identificadas na *Coleção Guri*, tanto na capa dos livros como em uma ilustração em uma página da *Cartilha do Guri*, representando uma escola (mostrada na continuidade do texto), que correspondem à configuração arquitetônica mais adotada nos prédios instalados nas regiões do interior do estado, na zona rural, de acordo com os planos de construção estabelecidos no governo de Brizola.

Observando-se as fotografias acima, a que aparece no Ex. 5 se assemelha muito à que é exibida na imagem das capas dos livros didáticos da *Coleção Guri*, pois independentemente das variações entre as edições dos livros da coleção, o modelo da escola utilizado no cenário é sempre o mesmo.

Nota-se que a arquitetura escolar representada nas imagens, e mais ainda, estando estrategicamente estampada na capa dos livros didáticos da *Coleção Guri*, é um potente símbolo que remete à aspectos de várias ordens possíveis e que compõem o contexto da educação na época. Além disso, com o aproveitamento desse tipo de recurso visual na identidade gráfica estampada na face externa dos referidos impressos (que proporciona o primeiro contato visual com os alunos e professores usuários/leitores), os aspectos citados por Viñao Frago & Escolano Benito (1998) são ainda mais evidenciados, visto que

A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO BENITO, 1998, p. 54).

Na capa do Exemplar 1, correspondente à 1ª edição de 1962, observa-se que a imagem é uma fotografia, em tons de preto e branco. Após conferência e comparação minuciosa entre todas as capas da coleção, acredita-se que a imagem do referido exemplar seja o aproveitamento da parte inferior de uma fotografia já existente previamente à sua impressão, inclusive sendo provável que seja a mesma que teria sido cedida por uma das coordenadorias municipais, de acordo com o relato de Elbio N. Gonzales, conforme já dito anteriormente. A fotografia, em seu formato original, é maior no sentido vertical, ou seja, as dimensões de altura são maiores que as da largura, pois verificou-se a semelhança em detalhes desta parte inferior utilizada na 1ª edição da cartilha com as de outras capas posteriores, cuja fotografia é a mesma, porém incluem a paisagem ao fundo e a brizoleta na parte superior, o que não acontece nesta em questão.

Sendo assim, neste caso, ao invés de se utilizar a fotografia em seu formato original e de se aproveitar ela por inteiro, mostrando todos os elementos retratados, ela foi cortada no sentido horizontal (mas acompanha a delimitação do formato dos troncos verticais da cerca, na margem esquerda), eliminando-se assim a parte superior da cena, na qual apareceria o restante da paisagem com a “brizoleta” ao fundo, que não foi impressa nessa primeira versão da cartilha. A fotografia completa, aplicada de forma integral em outras capas, pode ser conferida em alguns exemplares do *Livro do Guri*, mostrados mais adiante no texto.

Pode-se inferir duas possibilidades que justificariam essa forma de apresentação da fotografia (cortada e sem a parte superior do cenário retratado) e que provocam questionamentos: a) Existiriam questões políticas envolvidas nessa decisão de retirada da escola da capa, considerando o vínculo da “brizoleta” ao governo de Brizola e o fato de essa primeira edição da cartilha ser uma versão experimental?; b) Poderia ser algo relacionado

com as dificuldades técnicas de se sobrepor as informações textuais sobre a fotografia, no processo de preparo para a impressão, na produção gráfica? Permanecem as dúvidas, visto que essas informações não puderam ser esclarecidas e confirmadas.

É importante registrar que, no âmbito desta pesquisa, foi encontrada também uma fotografia da capa de outra versão da *Cartilha do Guri* na *internet*, disponibilizada por estar à venda em um sebo virtual, cuja capa é exatamente a mesma da primeira edição, mas a cor de fundo é verde, ao invés de branco. Essa edição, não identificada, foi publicada em 1964, o que indica que, pelo menos por dois anos a capa permaneceu com esse mesmo *layout*. Além disso, a versão existente no acervo particular de Eduardo Arriada, publicada em 1963 e sem edição identificada, tem a mesma capa que essa de 1964, recém comentada.

Quanto à visualidade das outras duas capas (Exemplar 2 ao centro e Exemplar 3 à direita), mostradas na Figura 38, anteriormente, constatou-se que foi feita uma releitura da fotografia utilizada na primeira edição, ao ser transformada através de outra técnica gráfica. Não foi possível comprovar como foi feita, mas há indícios de que seja um retoque de pintura em fotografia (recurso que era utilizado na época), ou mesmo uma pintura, pois há certas partes da imagem em que se identifica características gráficas parecidas com as da técnica de aquarela, por exemplo. Percebe-se, ainda, que há algumas adaptações e transformações a partir da imagem original. Isso foi possível de se identificar a partir das comparações feitas em conjunto entre todos os livros da coleção. Entre essas duas capas mais recentes há bastante diferença na tonalidade das cores, embora a imagem seja exatamente a mesma, o que se deve aos ajustes das respectivas impressões.

Percebeu-se que, com a mudança do formato do livro, que passou a ser mais comprido na sua altura (Exemplar 3 - capa da direita) nas edições posteriores, foi adicionada uma barra horizontal inferior vermelha, que fica justaposta à margem inferior da superfície ocupada pelo cenário retratado, ocupa a largura do livro e pela altura é ajustada pelo espaço que sobra para manter a imagem exatamente do mesmo tamanho que tinha na edição anterior, quando ocupava toda a superfície do livro didático (Exemplar 2 - capa do centro). Assim, não foi preciso eliminar partes significativas da imagem, nem houve deformações visíveis, em geral, mantendo-se a proporção da composição. No caso dessa cartilha, o título foi sobreposto à barra vermelha, porém nos exemplares do *Livro do Guri*, o título é sobreposto ao cenário, por motivos desconhecidos, mas talvez pela extensão do título ter aumentado, na quantidade de letras e palavras e não caber escrito naquele espaço de forma ampla e visível.

Entre outras variações significativas, comparando-se ao primeiro exemplar (Exemplar 1 - capa da esquerda), estão os chinelos do modelo “Havaianas” no chão, abaixo do guri sentado na cerca, a escrita no livro que o guri lê e que aparece mais nítida e contrastada, assim como a modificação da posição, disposição e do tamanho do título, do nome dos autores e da marca das Edições Tabajara. Nas duas capas mais recentes, pelas

características de expressão gráfica da imagem, especialmente em algumas partes específicas da cena representada, é visível que houve tratamento de pintura, diferindo-se dos aspectos da fotografia original quanto à sua visualidade. A técnica utilizada se assemelha com a de aquarela, conforme comentado anteriormente, mas não se descarta a possibilidade de uma mescla de vários recursos gráficos na imagem. No entanto, essa informação não pôde ser confirmada com os profissionais envolvidos na produção da coleção didática.

Também deve se falar a respeito da tipografia utilizada e mantida na capa de todos os livros da *Coleção Guri*. Segundo Lupton (2006), a tipografia é a cara da linguagem, “é uma ferramenta com a qual o conteúdo ganha forma, a linguagem ganha um corpo físico e as mensagens ganham um fluxo social” (ibidem, p. 08). Não se sabe a procedência da tipografia utilizada no título da *Cartilha do Guri* e também nos livros subsequentes, cujas fontes têm um formato diferenciado e de certa maneira inusitado para o período, em comparação aos demais livros publicados na mesma época, com fragmentos das hastes geometrizados e com a letra “o” configurada pelo modelo de um triângulo, com pequenas alterações entre as edições na sua estrutura, além da posição na capa que também diversifica. Na primeira edição da cartilha, a tipografia tem características que aparentam ser mais manuais que a aplicada nas demais edições, pois apresenta fragmentos irregulares e inconstantes, enquanto que, nas publicadas posteriormente, o traçado foi aperfeiçoado, pois está mais definido, uniformizado e parelho.

Acredita-se que, por essas características, esse estilo de letra tenha sido criado especialmente para a *Coleção Guri*. Trata-se de um exemplo em que a própria tipografia que informa o título da publicação, ao mostrar uma composição de características singularizadas das suas fontes, passa a ser elevada a uma categoria de imagem e protagoniza a cena gráfica, junto aos demais elementos organizados na capa.

Sobre a impressão da capa, enquanto no Exemplar 1 foi utilizada apenas uma cor de tinta, a preta, nos demais exemplares (2 e 3) a ilustração, por ser colorida, foi feita a quatro cores, pela técnica de separação de cores na impressão (impressão do tipo CMYK – que utiliza a sobreposição das cores ciano, magenta, amarelo e preto, em camadas distintas de retículas)¹⁵⁸.

A contracapa das duas cartilhas mais recentes contém a relação de “Livros editados de acordo com os novos programas de ensino” e foi impressa em apenas uma cor, o preto, sobre o fundo de cor natural da cartolina. Há algumas alterações na tipografia, na formatação e no conteúdo, comparando-se as duas contracapas. Não se teve acesso à contracapa da 1ª edição da cartilha, mas acredita-se que esteja “em branco”, por ser a primeira de todas. Além

¹⁵⁸ Esse tipo de dado mais preciso a respeito das cores foi possível de se identificar através do uso de um instrumento utilizado no processo de produção gráfica por profissionais da área, o contafoio, que contém uma lupa em um suporte, com lente de aumento, que possibilita identificar as retículas (rede de pontos imperceptíveis a olho nu, que permitem a reprodução da imagem, em meio-tom, através de uma mistura ótica que simula uma variação de cores) da imagem impressa, as tonalidades de cores, aproximações e sobreposições entre elas.

disso, constatou-se que, nessa coleção, as listagens de livros didáticos aparecem nas contracapas produzidas a partir de 1965 em diante.

Quanto ao tipo de papel utilizado na capa e na contracapa, é diferente do utilizado no miolo do livro e é de maior gramatura, para melhor proteção do suporte. As páginas do miolo são de um papel de qualidade inferior ao que foi utilizado na capa, por terem outra função e serem utilizados em maior quantidade nos livros didáticos. Essas folhas são conhecidas como “papel jornal” ou “papel de imprensa”, por ser bastante texturizado, fibroso e pela tonalidade, que não tem aparência branca. Essa textura interfere na materialidade do suporte, no recebimento da impressão, no acabamento, na interação e na maneira como ele é sentido pelas mãos dos alunos no contato com os livros didáticos.

Pela superfície ser rugosa, é possível ver que, em algumas partes, a impressão do conteúdo nas páginas tem falhas. Essas características são decorrentes do tipo de processo de produção e pelo tratamento químico dado, que varia para cada modelo de papel. Nesse caso, o preço do papel acaba sendo mais barato que de outros, o que reduz significativamente os custos de impressão para a editora, incidindo também no valor final do suporte. Esse tipo de papel é encontrado em vários livros didáticos produzidos naqueles anos, como por exemplo em vários disponíveis no acervo do Hisales, publicados entre 1940 e 1980, principalmente no final desse período, quando algumas editoras enfrentavam sérios problemas financeiros, decorrentes da crise e da competitividade, fato já comentado anteriormente. Por isso, entre as estratégias adotadas, estava a utilização de papéis de baixo custo, em função da demanda e do mercado editorial vigente na época.

Quanto à quantidade de cores no conteúdo, todos os exemplares apresentam o miolo, ou seja, as páginas pré-textuais, textuais e pós-textuais, impressas apenas em preto. Entretanto, o Exemplar 3 (8ª ed., 1969) passa a integrar cores em algumas de suas páginas.

A primeira edição da cartilha teve as páginas impressas em preto e branco, em uma tiragem de caráter experimental, para avaliar a receptividade e o índice de aprovação da *Cartilha do Guri* pelas professoras das escolas. Porém, ao que tudo indica, levando-se em consideração os custos na sua publicação e as altas tiragens previstas nas edições posteriores, a impressão do miolo permaneceu sendo em apenas uma cor, nas edições seguintes. Como as ilustrações eram feitas com contorno em preto e poucas partes eram preenchidas ou com texturas, as crianças poderiam aproveitar também para pintar as imagens, como foi o caso de Silvani Bee (2018a) que, em seu relato, lembra que “adorava colorir os desenhos, pois eram apenas riscados em preto”, o que podia ser feito tanto na escola como em casa, quando era aluna do 1º ano, em 1973.

O investimento na impressão a cores no miolo parece ter iniciado somente no Exemplar 3 (8ª ed., 1969), visto que o Exemplar 2, de 1968, no ano anterior, não contém cores. Isso indica que, provavelmente, a turma de Silvani Bee (2018a) não estivesse utilizando

os exemplares de uma edição mais recente, pelo que se pode refletir a partir de seu relato a respeito dos desenhos da cartilha, que eram apenas em preto, no ano de 1973. Além do mais, não é possível concluir essa informação sobre o início do uso das cores ter ocorrido apenas em 1969, pois não se sabe se houve algo do tipo entre as edições de 1962 e 1968, que poderiam ter sido eliminadas no decorrer das reedições, para um barateamento dos custos da produção editorial e um aumento na quantidade de impressos disponibilizados.

Sendo assim, analisando-se o Exemplar 3, as imagens sempre possuem traçado na cor preta e o preenchimento de alguns de seus elementos variam de cor no decorrer das páginas. A cor vermelha é aplicada em 14 imagens, a laranja em 50 imagens e a verde em 24 imagens, enquanto 09 delas contêm apenas o preto com áreas vazadas. Não há uma sequência lógica de utilização das cores, mas provavelmente seja um aproveitamento de montagem e impressão das páginas, associados ao processo de impressão e tamanho das folhas inseridas na máquina impressora. A Figura 40, a seguir, exemplifica alguns casos de aplicação das cores relatadas.



Figura 40 - Aplicação das 04 cores (vermelho, verde, laranja e preto) em páginas (p. 07, 19, 25 e 37, da esquerda para a direita), da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Não se sabe quais foram os critérios adotados na escolha das referidas três cores, vermelho, laranja e verde. Entretanto, levando-se em consideração os estudos sobre a cor e as suas relações com a percepção visual, a psicologia, a simbologia e a informação cultural (GUIMARÃES, 2000), há duas hipóteses que poderiam ser justificativas para essa decisão e combinação de tonalidades.

A primeira hipótese faz referência à informação cultural da cor, ao ser associada ao objeto ou cena representada. Nesse caso, a cor escolhida para ser utilizada em determinada ilustração estaria reforçando a sua relação com aquela cor comumente encontrada em objetos ou cenas reais, aproveitando-se da semelhança da tonalidade visualizada, como por exemplo, o verde na natureza, o vermelho no telhado, o laranja na madeira, entre outros. Mas isso seria referência para algumas das ilustrações das páginas, cujos detalhes são recorrentemente

associados a tais cores, enquanto as demais, como por exemplo nos casos da cortina e da bacia, que poderiam ser associadas a cores diversas, seriam definidas pelo aproveitamento no processo de impressão, anteriormente comentado.

Já em relação à segunda hipótese, esta seria mais relacionada à questão simbólica das cores que, nessa situação, poderiam estar remetendo àquelas que tradicionalmente representam o Rio Grande do Sul. As cores verde, vermelho e amarelo são comumente associados à região, por serem combinadas, por exemplo, na bandeira do estado, um símbolo potente de representação da identidade e da cultura gaúcha. Entretanto, na cartilha, o amarelo não aparece, mas poderia ter se tomado a decisão por utilizar o laranja no seu lugar, por ser uma cor parecida e mais nítida, facilitando a visualização na imagem, considerando-se também as possibilidades técnicas, a tonalidade do papel como suporte e a qualidade da impressão. Porém, essa hipótese parece não ser a mais plausível.

Além dessas reflexões sobre as escolhas das cores utilizadas nas ilustrações do miolo da cartilha, mesmo não sendo conclusivas, deve-se ponderar a sua influência na percepção visual do aluno, pois, segundo Dondis (1997, p. 69),

[...] como a percepção da cor é o mais emocional dos elementos específicos do processo visual, ela tem grande força e pode ser usada com muito proveito para expressar e intensificar a informação visual. A cor não apenas tem um significado universalmente compartilhado através da experiência, como também um valor informativo específico, que se dá através dos significados simbólicos a ela vinculados (DONDIS, 1997, p. 69).

Com relação à diagramação do conteúdo da cartilha, observa-se alterações entre todos os exemplares. Nas imagens da Figura 41, a seguir, podem ser vistas alguns exemplos, pela comparação entre as páginas do exemplar mais antigo e as do mais recente consultados.

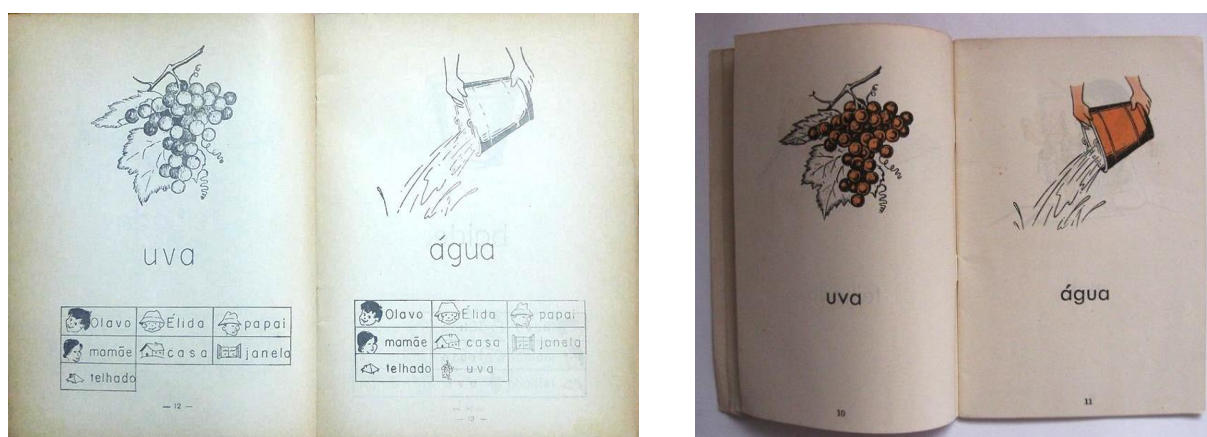


Figura 41 – P. 12 e 13 da *Cartilha do Guri*. À esquerda, a 1ª edição (1962, Ed. Tabajara) e à direita, a 8ª edição (1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Conforme mostram os exemplos, acima, as diferenças mais expressivas entre as ocorrências encontradas nas páginas foi a quantidade de informações escritas (em forma de

palavras dentro de quadros individuais e acompanhadas de seus respectivos ícones), abaixo da ilustração que acompanha o conteúdo textual (palavras, frases, historietas) na primeira edição, que desapareceram nas edições seguintes (não é possível afirmar a partir de qual edição isso aconteceu), além da inserção de cores no exemplar mais recente.

A tipografia utilizada no miolo da cartilha é mantida em todas as edições analisadas, mas apresenta algumas variações nas proporções e espessura das linhas¹⁵⁹. As fontes são do tipo bastão e sem serifas¹⁶⁰ – a letra de imprensa, como é comumente chamada pelos pesquisadores da área pedagógica (PERES, 2003), utilizando-se de variações entre caixa alta¹⁶¹ (início de parágrafos e nomes próprios) e baixa (na composição das frases), ou seja, letras maiúsculas e minúsculas¹⁶². O conteúdo textual aparece impresso sempre em preto.

É importante, também, na análise dos exemplares da *Coleção Guri*, conferir a estrutura do sumário, pois é um elemento fundamental na estrutura organizacional de um livro, sobretudo didático. Além de ser o principal meio de localização das seções que subdividem o livro, o sumário é o elemento que as apresenta e orienta o leitor, com a indicação dos capítulos por ordem de paginação, seguida da indicação das respectivas páginas (RAMIL, 2013; LUPTON; PHILLIPS, 2008; RIBEIRO, 2007).

Por isso, o sumário funciona como um dos instrumentos de protocolo de leitura da referida coleção didática, pois, segundo Chartier (2001, p. 20), “[...] todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura [...]” e, com isso, “o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça o seu leitor ideal”. Entretanto, é comum de se encontrar, principalmente naqueles livros publicados em décadas passadas, essa parte nomeada como índice, ao invés de sumário, mesmo estando situado no início do miolo, entre as páginas pré-textuais, como é o caso dos exemplares da *Coleção Guri*¹⁶³. Essa parte do livro é descrita em cada uma das

¹⁵⁹ Os elementos gráficos que fazem parte do design de uma tipografia interferem no seu aspecto visual e, por consequência, acabam definindo o tipo de utilização mais adequadas, de acordo com o propósito, legibilidade e leiturabilidade pretendidas. São eles: hastes (linhas predominantemente verticais), barras ou traves (linhas predominantemente horizontais), curvas ou flexões (linhas desenhadas em curvas) e serifas (acabamentos que podem existir nas pontas dos outros elementos das letras) (NIEMEYER, 2001; RAMIL, 2013).

¹⁶⁰ As serifas são o “elemento decorativo que apresentam as hastes de alguns caracteres de imprensa. Remate da letra” (FARIA, PERICÃO, 2008, p. 664).

¹⁶¹ Caixa alta é o “Nome tipográfico das maiúsculas. O nome vem da divisão das caixas onde os tipos para a composição manual dos textos eram guardados. Usa-se caixa-alta por oposição a caixa-baixa porque as letras maiúsculas ficavam na divisão de cima (a caixa alta) e as minúsculas na de baixo (a caixa baixa)” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 122).

¹⁶² Segundo Fetter (2011, p. 215), nas cartilhas adotadas a partir dos anos de 1960, os métodos de aquisição da escrita vão se dividir entre a letra de imprensa (a *print-script* inglesa, ou *manuscript* americana), batizada mais tarde de “letra bastão”, e a letra cursiva, também conhecida como “emendada”, principalmente na sua modalidade vertical. Para o autor, no contexto de ecletismo metodológico de alfabetização que se observava entre os anos de 1950 e 1980, a escrita continuou entendida como uma questão de habilidade caligráfica e ortográfica, que deveria ser ensinada simultaneamente à habilidade de leitura. Nessa época, os modelos de escrita deixaram de ser discutidos e propostos.

¹⁶³ Alguns autores indicam que quando essa lista enumerada das principais partes do texto for colocada no início do miolo, entre as páginas pré-textuais, ela deve ser chamada de sumário, e no caso de ir no fim, entre as

próximas seções, iniciando-se por esta, com a *Cartilha do Guri*.

O conteúdo da cartilha é diferente entre as edições analisadas, neste caso, refere-se às duas que estão completas: o Exemplar 1 (1ª ed., 1962) e o Exemplar 3 (8ª ed., 1969). Não foi encontrado sumário ou índice na cartilha e, por isso, não é possível conferir uma relação dos conteúdos, organizados em forma de lista, sem folhear as páginas, uma a uma.

No Exemplar 1, além do texto de apresentação da cartilha (que também há nos demais exemplares), há algumas páginas iniciais com informações ao professor, sobre a escrita do tipo “*script*”, o período preparatório, o método e processo, a aplicação da cartilha e os desenhos ilustrando como traçar letras maiúsculas e minúsculas. Essas páginas não aparecem no Exemplar 3 (8ª ed., 1969).

Acompanhada de um Manual do Professor, a cartilha adota o método de “Palavras Geradoras”¹⁶⁴, com letras do tipo *script*¹⁶⁵. Nas páginas da cartilha, as primeiras palavras que aparecem são nomes próprios e substantivos comuns, e a seguir aparecem os verbos, pronomes, artigos e adjetivos, formando assim as primeiras frases e permitindo a repetição das palavras e verbos utilizados.

Em relação ao procedimento metodológico adotado nessa cartilha, é importante referenciar os estudos de Peres (2014), que estudou a influência do método pedagógico e gráfico *word-perception* nas cartilhas produzidas no Rio Grande do Sul, na década de 1960. Nesse método, que também pode ser chamado de *word-recognition*, defendido por muitos teóricos americanos, a palavra é a primeira unidade de percepção. A autora comparou cartilhas americanas e gaúchas e identificou o mesmo modelo adaptado em algumas cartilhas, sendo que uma delas era a *Cartilha do Guri*. A partir disso, foi possível afirmar que as autoras gaúchas tiveram influências, para além do método e do modelo de livro escolar, tendo reproduzido, igualmente, um projeto social. Um importante recurso gráfico do método é

páginas pós-textuais, deve ser modificada para índice. Há também outros autores que defendem que o sumário deve enumerar as principais divisões, seções e partes de um texto e o índice apresentar uma enumeração detalhada dos assuntos, nomes de pessoas, nomes geográficos, acontecimentos, etc., com a indicação de sua localização no texto, conforme consta nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT (NBR 6027 e NBR 6034).

¹⁶⁴ Segundo orientação ao professor nas páginas iniciais da *Cartilha do Guri*, da 1ª ed., 1962 (essas informações não se encontram tão detalhadas na 8ª ed., 1969 – provavelmente porque isso constava também no Manual do Professor – que pode não ter sido publicado conjuntamente desde a primeira edição da cartilha) e no Manual do Professor (1968), o método de Palavras Geradoras é um processo analítico-sintético e “é uma adaptação do ‘Método de Palavras’ criado como uma reação ao método mecânico do B-A-BA de antigamente. O ensino da leitura pelo método das palavras geradoras inicia com a leitura da palavra “geradora”. Segue depois a decomposição da palavra em sílabas (análise) e na sua ordem lógica, a sua decomposição das sílabas em letras ou sons (Análise); a recomposição da palavra geradora (síntese); a combinação das sílabas já conhecidas para a formação de novas palavras, e por último, o agrupamento de palavras formando frases e orações”.

¹⁶⁵ Na *Cartilha do Guri* (1ª ed., 1962) e no Manual do Professor (1968, p. 12), os autores informam que a letra do tipo “*script*” é uma espécie de letra de imprensa simplificada, que contribui para facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita. Pelas características de seu traçado (retas, círculos e partes de círculos), essa letra exige menos coordenação muscular e menos esforço visual das crianças, que nessa fase ainda não têm a visão e os movimentos musculares completamente desenvolvidos. Além disso, esse tipo de letra está de acordo com os princípios básicos de escrita: simplicidade, legibilidade e rapidez.

a imagem, pois ela possibilitaria a interpretação, de modo a levar o leitor iniciante a identificar mais facilmente as palavras e frases e desenvolver a leitura corrente, na perspectiva da *word-perception*. Além disso, as gravuras com famílias (sempre felizes e divertidas) de classe média branca revelam esse projeto, na sua face mais perceptível.

Em muitas das páginas são encontradas uma palavra ou historieta acompanhada de uma ilustração, localizada sempre acima do texto (PERES, 2014; PERES; RAMIL, 2015). Essas informações são exemplificadas pelas páginas dispostas, a seguir, na Figura 42.



Figura 42 – P. 04 e 05 (à esquerda) e p. 16 e 17 (à direita) da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara).
Fonte: Acervo Hisales.

Sendo assim, no Exemplar 3 (8ª ed., 1969), as ocorrências encontradas foram as seguintes, começando pelas palavras geradoras, todas acompanhadas de sua respectiva ilustração (disposta sempre acima do conteúdo textual): “Olavo”, “Élida”, “papai”, “mamãe”, “casa”, “janela”, “telhado”, “uva”, “água”, “dedo”, “bota”. Na sequência, as historietas que aparecem, também antecedidos por ilustração, todos ocupando uma página cada, são: “A bola”, “A boneca”, “A pata”, “A casa”, “A janela”, “A vovó”, “A escola”, “O menino”, “A bandeira”, “A chave”, “A caixa”, “O quadro”, “A bacia”, “O trator”, “A carroça”, “O homem”, “O galpão”, “A fogueira”, “O girassol”, “O gato”, “O porco”, “O grilo”, “O quero-quero”, “O passarinho”, “O zebu”, “Memé”, “Totó”, “Que será?”, “A abelha”, “A horta”, “O passeio”, “O vovô”, “A professora” e “Prece”. Cabe ressaltar que, nas ilustrações que acompanham as palavras, predominam as representações gráficas de objetos “avulsos”, enquanto que, no caso das historietas, para várias delas há uma ilustração exibindo uma determinada cena ou cenário.

Segundo as orientações dos autores na cartilha (1ª ed., 1962), as palavras geradoras apresentadas nas páginas pertencem ao campo de ação da própria criança e emergem da família, da escola e da comunidade, carregadas de significado. Caberia ao professor apresentá-las, não como um fato isolado, mas como o centro de um conjunto de ideias relacionadas com as experiências das crianças. Os alunos deveriam participar da elaboração

das ideias, através de conversas, histórias e outras atividades, dando significado à palavra e despertando na criança o interesse pela leitura.

O uso dessas palavras refletiu no aprendizado dos alunos e segue na memória de alguns deles até os dias de hoje. Segundo o relato de Silvani Bee (2018a), que foi alfabetizada com esse impresso didático, “quando se fala na cartilha *O Guri*, logo vêm à tona os personagens da cartilha: Olavo, Élide, papai, mamãe, casa, telhado...” e ela lembra, inclusive, “que cada palavra estava associada a um desenho”, o que reforça a importância e a influência das imagens para a compreensão das palavras, nas páginas da cartilha.

Comparando-se os exemplares, há modificação em uma das palavras geradoras em uma página que, por consequência, teve a ilustração também alterada, de “balde” para “dedo”. Enquanto na cartilha de 1ª edição (Exemplar 1) há menos textos, mas alguns deles são acompanhados (na página seguinte) de atividades específicas com palavras, listadas ou dentro de quadros, na cartilha de 8ª edição (Exemplar 3) há mais textos e menos desses exercícios específicos. Nesse caso, os textos acrescentados foram: “Memé”, “Totó”, “Que será?” e “Prece”, cada um deles com novas ilustrações, que não constavam na outra versão da cartilha. Em se tratando de autoria referenciada nos textos, o único que consta um autor é o último, “Prece”, cujo autor é Vicente Guimarães. Ao final desse conteúdo, na parte em que há exercícios variados com as palavras e sílabas, também há algumas alterações na quantidade de tarefas, comparando-se os dois exemplares.

Os personagens principais na *Coleção Guri* são Olavo e Élide, que aparecem em todos os livros didáticos, sendo que em cada um deles eles estão maiores e avançando para outras séries escolares. A estratégia adotada pelos autores é de que tais personagens sejam os responsáveis por inserir o aluno na temática do conteúdo textual, que vai se notando cada vez mais denso e com mais informações, o que interfere também, inversamente, na quantidade de imagens, que vai sendo reduzida a cada livro, apesar do aumento na quantidade de páginas. Olavo e Élide são anunciados tanto de forma escrita como por ilustrações, com variações entre os dois recursos, ao mesmo tempo ou em apenas um deles. Há outros personagens que participam das historietas, que não são fixos, pois aparecem em alguns livros e em outros não, que são apresentados na continuidade do texto. Segundo o relato de Zenna T. Braun (2018), a escolha pelos nomes Olavo e Élide se deve ao fato de que as autoras queriam utilizar nomes próprios que começassem com vogais, para facilitar o trabalho desses sons pela professora com os alunos, sendo no caso, as letras “O” e o “E”.

Focando-se agora nas imagens, a primeira informação é de que só há um tipo de imagem na *Cartilha do Guri*, ou seja, ilustrações, já que não há mapas e fotografias nas páginas. Os dados, a seguir, são baseados na observação do Exemplar 3, por ser o que consta fisicamente no acervo do Hisales (8ª ed., 1969). Porém, em algumas situações são utilizadas algumas páginas dos exemplares de edições anteriores, para uma análise

comparativa de alterações consideradas expressivas e significativas, no que se refere às características específicas das imagens.

Além da imagem da capa, foram encontradas nas páginas 45 ilustrações maiores, acompanhando as historietas, além de 52 menores, em formato de ícone, reproduzindo detalhes de algumas das maiores e acompanhando atividades, totalizando-se então 97 imagens nesse impresso didático. A Figura 43, a seguir, mostra exemplos de ambos os casos, sendo que, à esquerda, há uma página com ilustração de historieta e, à direita, consta uma página com ilustrações do tipo ícones, inseridas nas chamadas frases enigmáticas.



Figura 43 - Páginas com ilustração de historieta (p. 47 - à esquerda) e ilustrações em formato de ícone (p. 61 - à direita), da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Conforme os exemplos da Figura 43, acima, em relação à compreensão do termo “ícone”, definição adotada nessa pesquisa aos objetos desenhados em tamanho menor, avulsos e pouco detalhados, foi baseado em conceitos de autores como Formiga (2011). Segundo a autora, o ícone é um tipo de signo, sendo que este é o sentido específico da mensagem, abrange seu significante (parte física da mensagem) e seu significado (porção decodificável da mensagem). Por isso, o ícone é um signo que se refere diretamente entre seu significante e significado. A percepção se dá através da relação imediata com o objeto (FORMIGA, 2011, p. 33-34). Verifica-se, dessa forma, como esse recurso é utilizado nas atividades da *Cartilha do Guri* e no *Primeiro Livro do Guri*, permitindo que o aluno consiga identificar e reconhecer rapidamente o objeto ilustrado, sem a necessidade de uma contextualização, pois ele consegue entender ou é desafiado a lembrar a qual palavra se refere cada um dos ícones ali representados visualmente.

Como exemplo disso, basta completar as frases enigmáticas, na página 61 acima mostrada, na imagem à direita da Figura 43. De cima para baixo, estão: “Olavo”, “chave”, “bacia”, “bandeira”, “cadeira”, “Élida”, “mesa”, “caixa”, “quadro negro”. Entre todas essas

palavras, há duas que dependem de um conhecimento prévio das historietas por parte do aluno, para fazer associação ao que se pretende na frase, por se tratarem de nomes próprios dos principais personagens da cartilha: “Olavo” e “Élida”. Caso contrário, a criança poderia encontrar outra alternativa, com respostas possíveis, considerando que ela compreende o que mostram esses ícones: “menino” ou “guri”, “menina” ou “guria”, “criança”, “nenê”, “bebê”, podendo também inventar algum nome próprio diferente, ou dizer algo parecido. Também há o risco de um ícone ter mais de uma interpretação, como por exemplo a “caixa”, que poderia ser entendida pela criança como uma “gaveta”, assim como a “bacia” que poderia ser um “prato”, por exemplo. Nesse caso, pela conjugação da frase ou mesmo pela conexão com as historietas trabalhadas anteriormente, poderia se indicar que a resposta seria “equivocada” ou “não adequada” à proposta da atividade, de acordo com a orientação da professora.

Nas páginas da cartilha, aparecem 05 personagens, que são registrados tanto textual como visualmente e envolvidos em cenas com ações ou apenas apresentados isoladamente. São eles: Olavo (guri); Élida (guria); Ênio (irmão de Élida); Memé (carneirinho); Totó (cachorro de Élida), conforme pode ser conferido nos exemplos, a seguir, na Figura 44.



Figura 44 – P. 03 (Olavo), 04 (Élida), 22 (Ênio), 41 (Memé) e 42 (Totó), da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), de cima para baixo e da esquerda para a direita.

Fonte: Acervo Hisales.

A análise da existência de moldura nas imagens (sejam elas ilustrações, fotografias ou mapas), também deve ser realizada, pois esses recursos gráficos interferem na visualidade da imagem, assim como no aspecto da mancha gráfica das páginas dos livros didáticos. A moldura é um contorno, e funciona como uma “[...] fronteira entre o interior e o exterior, marcando os limites de um território. Um contorno aparece naturalmente onde uma imagem acaba e seu fundo começa”. Além disso, “[...] um contorno pode ajudar a definir uma imagem na qual falta uma separação óbvia (um fundo branco sob uma imagem branca). Ele pode enfatizar uma fronteira externa ou pode enquadrar uma área dentro de uma imagem”. Por isso, “o contorno estabelece uma transição entre a imagem e o fundo” (LUPTON; PHILLIPS, 2008, p. 110).

No caso das ilustrações da *Cartilha do Guri*, não foram localizadas molduras nas historietas, com exceção dos contornos dos quadros utilizados nas fichas de atividades, que envolvem os ícones, nas páginas finais dos exemplares analisados. Com isso, percebe-se que as ilustrações estão mais livres e dinâmicas na mancha gráfica (mesmo estando sempre acima do conteúdo textual) e não há uma limitação do seu campo visual, justamente pela ausência do contorno/moldura. Com isso, as próprias ilustrações definem a configuração do espaço que ocupam e delimitam o formato de seu desenho.

É visível que os conteúdos da cartilha exploram temáticas regionais do Rio Grande do Sul, aliadas aos aspectos relacionados à vida pastoril, agrícola e industrial, tanto nas historietas como nas ilustrações. Esses três aspectos são, inclusive, destacados na divulgação da *Coleção Guri* em outros livros publicados pela Tabajara, como sendo parte das diretrizes de elaboração desse material didático. Conforme os exemplos mostrados na Figura 45, a seguir, além de outros encontrados na cartilha, observa-se claramente a intenção dos autores, ao enfatizar esse conjunto de características, o que se perpetua nos demais livros da coleção didática. Além disso, vale lembrar que essas concepções aparecem já nas capas dos livros, pelo próprio título que propõe uma relação com a expressão regional “guri”, reforçado pela imagem representativa de um ambiente rural do estado, incluindo-se aí os detalhes, já abordados anteriormente, como o guri com suas vestes “típicas” da região e a “brizoleta”.





Figura 45 – P. 04 e 05, p. 28 e 29, p. 30 e 31 e p. 44 e 45 da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), de cima para baixo e da esquerda para a direita.

Fonte: Acervo Hisales.

No contexto das referidas temáticas exploradas, observa-se que, das 45 ilustrações de historietas/palavras, 25 representam cenas com determinadas ações, enquanto 20 mostram objetos isolados ou cenário "estático". É possível ver a relação da historietas em que acontece alguma ação com o que está sendo mostrado na ilustração correspondente e o mesmo ocorre com as demais, quando não há uma ação explícita identificada, mas apenas uma apresentação com identificações e características. A Figura 46 mostra exemplos desses casos, sendo a página da esquerda com uma ação e a da direita sobre um objeto.



Figura 46 - Páginas com imagens que representam cenas com ações (p. 15 - à esquerda) e com objetos isolados ou cenário "estático" (p. 24 - à direita), da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Das 25 cenas com ações, 20 delas são representadas no ambiente externo, sendo praticamente todas com características campeiras e 5 imagens em ambiente interno, identificando momentos tradicionalmente representados dentro de casa ou da escola, como pode se observar nos exemplos da Figura 47, a seguir.



Figura 47 - Páginas com imagens que representam cenas em ambiente externo (p. 47- à esquerda) e em ambiente interno (p. 06 - à direita), da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

É importante destacar que, em vários casos, o conteúdo textual, seja pelas palavras geradoras ou pelas historietas, não especifica uma relação com os aspectos rurais, mas a ilustração associada a ele mostra isso, de acordo com suas caracterizações e pelos seus detalhes, o que as torna ainda mais relevantes para o processo de aprendizado dos alunos.

São ilustradas pessoas (adultos e crianças) em 21 imagens, enquanto que os animais aparecem tanto sozinhos (7 vezes) como acompanhados de crianças (5 vezes). Cabe ressaltar que, nesta cartilha, aparecem animais conhecidos como sendo do campo e comumente encontrados no estado (Exs.: porco, vaca, ovelha, zebu, pato, etc.) e não apenas aqueles que costumam ser criados dentro de casa, os animais domésticos (Exs.: cachorro, gato, passarinho). Isso reforça, mais uma vez, a associação às características rurais e facilita, desta forma, uma identificação com a rotina daqueles alunos que moravam no interior e conviviam também com essas espécies. A Figura 48, a seguir, mostra alguns desses casos.



Figura 48 - Páginas com imagens ilustrando pessoas (p. 20 - à esquerda), animais sozinhos (p. 35 - ao centro) e crianças com animais (p. 17 - à direita), da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Além disso, pode se identificar vários elementos, como as vestes (de crianças e adultos), modelos de objetos, posturas e ações dos personagens humanos e animais, que contribuem para associação a fatores como: período escolar, ambiente campesino, época, gênero, hábitos, tradições, etc. A Figura 49 mostra alguns desses exemplos, a seguir.



Figura 49 - Montagem com imagens de várias páginas da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), que contribuem para associação a fatores diversos.

Fonte: Acervo Hisales.

Ainda sobre a Figura 49, acima, entre os exemplos mostrados, destaca-se a representação dos elementos da cultura escolar que aparecem nas páginas da *Cartilha do Guri*, em ilustrações que representam graficamente modelos, detalhes e características que são associados à uma identidade do cotidiano escolar da década de 1960 e a um determinado contexto educacional. Isso pode ser conferido pela classe escolar e a postura do aluno sentado; pela caminhada de Olavo, uniformizado e carregando uma pasta escolar, em direção à escola; pela professora lendo um livro aberto em suas mãos; pela Élide, também uniformizada e com sua pasta escolar, segurando um ramalhete de flores em suas mãos (que poderia ser dado à professora, na escola); pela bandeira nacional hasteada.

É interessante observar ainda outras duas ilustrações, que também estão inseridas no contexto da cultura escolar, cujas páginas são mostradas na Figura 50, a seguir. A primeira delas, em “A escola”, à esquerda, representa nitidamente uma escola do tipo “brizoleta”, pela semelhança nas características arquitetônicas e, com isso, retomando-se as fotografias expostas na Figura 39, ela se parece muito com a do Exemplo 04, inclusive pelo ângulo

escolhido para o desenho ser bastante parecido. Além disso, essa ilustração é mantida e não apresenta alterações nas demais edições (com exceção da inserção da cor verde em alguns detalhes da paisagem e da janela da escola, no cenário representado).

Com isso, mostra-se que, através das imagens, também é possível perceber que a “[...] arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta” (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO BENITO, 1998, p. 54). Nesse mesmo sentido, quando a ilustração evidencia uma representação muito semelhante às das “brizoletas”, escolas construídas naquele período, vale referir-se a Quadros (2002, p. 64), ao dizer que “a escola tornava-se a expressão simbólica da ação estatal, da civilização, da modernização, projetando o seu exemplo e influência geral sobre toda a sociedade, como um edifício estrategicamente situado e dotado de uma inteligência invisível que informaria culturalmente o meio humano-social que o rodeia”.

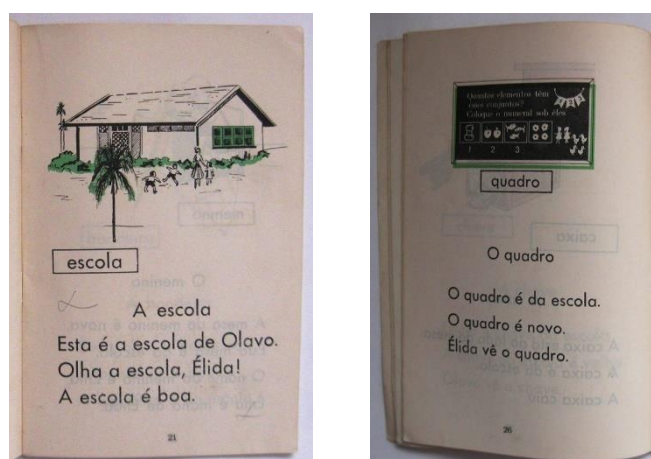


Figura 50 – P. 21 (à esquerda) e 26 (à direita) da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Ainda na Figura 50, acima, na página à direita, em “O quadro”, na qual a ilustração representa um quadro negro, ao ser comparada com a mesma historieta da cartilha de 1ª edição, publicada em 1962, encontrou-se uma diferença significativa na representação gráfica. O quadro negro era o mesmo que aqui se apresenta, porém na cartilha de 1962, ele está quase todo vazio e contém apenas as seguintes contas matemáticas escritas: “ $1 + 1 = 2$ ” e “ $2 + 2 = 4$ ”, de forma discreta, em um canto. Diferentemente disso, a versão dessa mesma ilustração aqui apresentada, no exemplar de 8ª edição, de 1969, às vésperas da década de 1970, mostra um quadro negro cheio de atividades, incluindo-se os conjuntos matemáticos, recursos característicos da Matemática Moderna, um movimento internacional do ensino de matemática que apareceu no decorrer da década de 1960 e que, por seus preceitos, também

causou modificações nos conteúdos dos livros didáticos da área¹⁶⁶. Nota-se que isso foi explorado inclusive nessa ilustração, com tais características. Existem ainda outros exemplos significativos de imagens representando a cultura escolar, tanto na cartilha como nos demais livros da *Coleção Guri*, sendo que alguns deles são mostrados na continuidade do texto.

Uma outra alteração bastante significativa foi na ilustração que acompanha a palavra que representa o “papai”, conforme pode ser visto na Figura 51, a seguir. Na página da esquerda, da 1ª edição da cartilha (1962), o pai está segurando uma cuia de chimarrão, com um semblante tranquilo e de certa forma sorridente, numa cena campeira, com uma perna apoiada sobre um pedaço de tronco de árvore e próximo a um machado colocado sobre uma pilha de lenhas cortadas, aparentando estar à vontade e confortável, em uma posição informal de repouso e aparentemente em intervalo da atividade de corte que estaria realizando. O fato de o personagem estar tomando mate remete, ainda, à uma prática cultural tradicionalmente realizada pelos gaúchos e entre as mais associadas aos hábitos do sul do Brasil.

Entretanto, na página da direita, da 8ª edição (1969), o chimarrão desaparece da cena e o pai é exibido em gesto de trabalho, fazendo força e mostrando sua ação, segurando o machado acima do corpo, mostrando as roupas em movimento. Acredita-se que essa diferença nessa ilustração tenha relação com o fato de que a cartilha, nessa época, já estaria circulando em outros estados do país e houve preocupação em “neutralizar” alguns elementos expressivamente gaúchos das ilustrações, diante de seu potencial informativo, transformando-a em uma imagem mais genérica, adaptada para qualquer região do país.

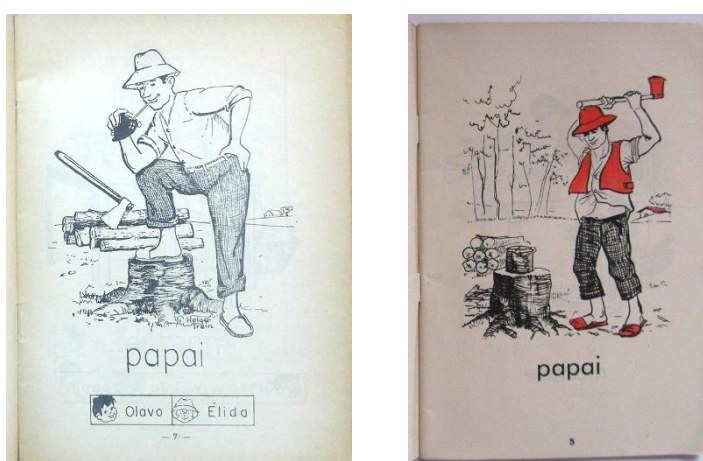


Figura 51 – P. 07 (à esquerda – 1ª ed., 1962, Ed. Tabajara) e p. 05 (à direita – 8ª ed., 1969, Ed. Tabajara) da *Cartilha do Guri*.

Fonte: À esquerda - Acervo da Biblioteca da Faced/UFRGS; à direita - Acervo Hisales.

Seguindo-se nas comparações entre as ilustrações das cartilhas de 1ª edição (1962) e de 8ª edição (1969), além da aplicação de cores, foram encontradas algumas alterações

¹⁶⁶ Para saber mais sobre a Matemática Moderna, ver Alves (2013).

discretas em algumas ilustrações, enquanto outras foram trocadas. No que concerne às ilustrações que foram substituídas por outras (especificamente os casos daquelas palavras geradoras que já existiam na primeira edição), são relativas a: “papai”, “telhado”, “A bola”, “O quadro”, “A horta”. Já as que receberam algumas alterações nos detalhes do conjunto, mantendo-se as características em geral, são: “Olavo”, “Élida”, “mamãe”, “O passarinho”. Além disso, algumas não foram alteradas no traçado, mas assim como as demais, foram preenchidas em algumas partes pelas cores, como no caso de: “casa”, “janela”, “uva”, “água”, “bota”, “A boneca”, “A pata”, “A casa”, “A janela”, “A vovó”, “A escola”, “O menino”, “A bandeira”, “A chave”, “A caixa”, “A bacia”, “O trator”, “A carroça”, “O homem”, “O galpão”, “A fogueira”, “O girassol”, “O gato”, “O porco”, “O grilo”, “O zebu”, “A abelha”, “O passeio”, “O vovô”, “A professora”. Apenas uma das ilustrações não tem cores adicionadas, a do “Quero-quero”, que se mantém só com o contorno em preto, o que talvez tenha sido uma falha no preparo da página, por ser a única em toda a cartilha que se encontra assim.

Aproveita-se as mesmas ilustrações anteriormente referidas, na Figura 51, vinculadas à palavra geradora “papai”, para se fazer referência ao tema da assinatura da ilustradora. Na página da esquerda, a ilustração contém a assinatura de Helga Trein, entre o tronco e o pé do homem que está apoiado no chão. Essa forma de assinar, de forma discreta e que se mescla ao desenho é bastante recorrente em seus trabalhos, a ponto de às vezes passar despercebido, se não houver um olhar cuidadoso aos detalhes da ilustração. Porém, na página da direita sua assinatura é descartada da ilustração. Esse não é o único exemplo em que se constatou isso, ao comparar-se os exemplares (no Exemplar 1 o seu nome é mostrado em 7 ilustrações e no Exemplar 3 aparece em 4 ilustrações).

Pode-se inferir que isso talvez decorra da tendência à época de que em alguns livros os ilustradores não eram indicados nas informações editoriais e, então, eles assinavam seus próprios trabalhos, como forma de identificar a sua produção e autoria. Posteriormente, as editoras começaram a valorizar e a se preocupar em informar quem eram os ilustradores envolvidos em determinado livro publicado, em alguma das páginas pré-textuais, padronizando as ilustrações de forma que não contivessem assinaturas de seus criadores. Porém, na cartilha de 1ª edição, além das ilustrações assinadas por Helga Trein, também aparece o seu nome, inclusive de forma bem aparente, na folha de rosto. Manter o nome de Helga Trein informado tanto na folha de rosto como nas ilustrações teria sido uma estratégia da editora para dar mais visibilidade à sua autoria, diante de seu reconhecimento pelos trabalhos anteriores e que poderia também dar mais credibilidade a essa cartilha?

A cartilha não apresenta exercícios com enunciados, como os livros seguintes da coleção, mas sim aparecem atividades com frases enigmáticas (nas quais aparecem as ilustrações em formato de ícone) e há páginas que contêm quadros com sílabas e palavras para práticas variadas, algumas acompanhadas de seus ícones, os mesmos que aparecem

distribuídos pelas páginas da cartilha. Essas páginas, no fim da cartilha, são chamadas de fichas e integram o material suplementar da cartilha, segundo orientação do Manual do Professor (s/ed., 1968). Pode-se dizer que a prática de leitura de imagens aparece, então, de forma “obrigatória” na exercitação dessas frases enigmáticas e, ademais, não há nenhuma outra indicação explícita de que a ilustração de determinada página devesse ser observada pelo aluno.

No que se refere à configuração dos aspectos editoriais, gráficos e visuais nas cartilhas, é pertinente aqui citar Frade e Maciel (2006a), que em acordo com os estudos de Roger Chartier e de Donald Mackenzie - os quais mostram que as formas comandam os sentidos -, relatam que:

[...] há diferentes maneiras de relacionar, no texto do livro didático, elementos relativos à configuração textual (*mise en texte*) e elementos gráfico-editoriais que extrapolam as escolhas textuais e configuram a *mise-en-page*. Tudo isso se organiza num conjunto maior que denominamos *mise-en-livre*, produto de diferentes materialidades, que apresenta protocolos de leitura e diversos textos introdutórios para quem vai fazer uso do livro, posicionando o leitor/usuário num conjunto de instituições (gráficas, editoras, instituições escolares de formação e de ensino), num conjunto de autores presentes no livro didático (editor, “autor” do livro, ilustradores, gráficos, impressores), numa rede intelectual (autores, professores, apresentadores, comentadores) que demonstram uma extensa rede de participação de pelo menos dois campos de trabalho: o da pedagogia e o da produção editorial (FRADE; MACIEL, 2006a, p. 3109).

Contudo, no Manual do Professor (s/ed., 1968) há indicação dos autores para que os professores trabalhem a percepção visual das crianças, através da atenção especial às ilustrações da cartilha com os alunos, começando-se pela própria capa da *Cartilha do Guri*, como pode ser visto no trecho do texto da p. 15, na Figura 52, que também mostra a capa do referido manual (que apresenta o mesmo *layout* da capa da primeira edição da cartilha e o título que o identifica está disposto de forma discreta na parte superior do impresso).

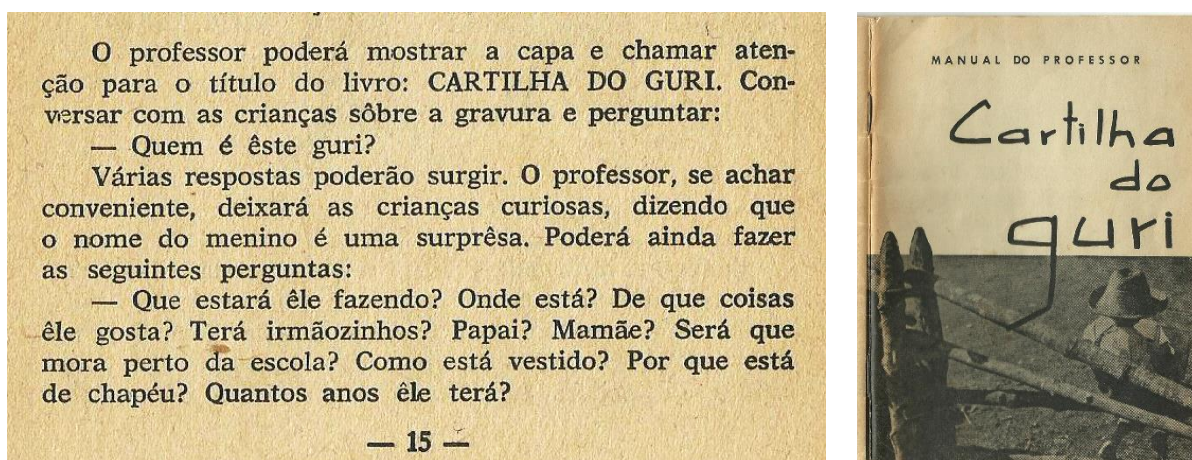


Figura 52 – Trecho da p. 15, à esquerda, e capa do Manual do Professor da *Cartilha do Guri*, à direita (s/ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo particular de Elbio Neris Gonzales e Suely Franco Netto Gonzales.

Nesse sentido, pode-se ver que a leitura dessa cartilha, explorando aspectos rurais, tanto pelo texto como pelas imagens, não se refere apenas a um processo de decifração de códigos alfanuméricos e imagéticos. Góes e Alencar (2009, p. 71) afirmam que:

Ler envolve um processo de compreensão abrangente de diferentes linguagens, que reúne componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos e neurológicos, bem como econômicos, sociais e políticos. Trata-se de uma perspectiva de caráter cognitivo-sociológico em que o leitor participa com uma aptidão que não depende somente de sua capacidade de decifrar sinais, mas de sua capacidade de atribuir sentido a eles e compreendê-los.

Sobre os indícios de circulação e usos da *Cartilha do Guri*, foram mapeados alguns dados localizados nos exemplares analisados. O mesmo procedimento foi adotado com os demais livros da *Coleção Guri*. A presença de carimbos, de registros impressos de vínculo a projetos e programas de governo e de dados relevantes, incluindo os registros manuais encontrados nas marginais¹⁶⁷, também foram aspectos observados nos exemplares conferidos. Em relação às marginais, que são as notas, escritos e comentários pessoais inseridas pelos usuários/leitores nos suportes impressos, basicamente estão as identificações de nomes de pessoas, o que permite uma inferência sobre quem teria sido os ou um dos usuários de determinado livro, sejam eles alunos, professores ou outra pessoa¹⁶⁸, assim como anotações feitas no conteúdo (preenchimento de atividades, destaques de trechos, apontamentos extras em determinado fragmento, desenhos, pinturas e rabiscos). Também deve se incluir aí os registros de catalogação das bibliotecas, que podem indicar dados de circulação dos livros didáticos.

Quanto a possíveis registros impressos de vínculo a projetos de governo, não foi encontrada nenhuma informação nos três exemplares analisados. Quanto aos carimbos, o Exemplar 1 contém um registro na folha de rosto, no qual consta a informação “CRINEP / Nº 4573 / Biblioteca”, sendo que o número está escrito manualmente à caneta. Na mesma página há escritos manuscritos, um à caneta com a informação “372.4 / G643C / Ex. 1” e duas informações à lápis com os escritos “285325” e “CART G643C”. Em outra página ainda consta a informação “Reg 34090 / Obra: 16256 / 04.04.01” à caneta. Já o Exemplar 2, por não se ter acesso a toda a cartilha, não pôde ser analisado quanto a todos esses aspectos, mas pelas páginas iniciais pode-se observar que há ilustrações pintadas manualmente, à lápis de cor.

¹⁶⁷ Esse termo é utilizado por Chartier (2002), para referir-se à prática dos leitores de copiar anotações e observações pessoais nas margens dos textos impressos, durante a leitura, que surgiu nos séculos XVI e XVII. Como o próprio nome indica, as marginais em geral estão nas margens do impresso, mas optou-se por utilizar a mesma nomenclatura neste trabalho, na falta de uma expressão específica para relacionar os demais registros localizados em toda a superfície das páginas dos livros analisados, visto que quase sempre são de mesma origem, função e intenção que os demais escritos, quando colocados marginalmente, no que se refere a este tipo específico de impresso, o livro didático.

¹⁶⁸ Os nomes dos leitores/usuários - alunos/professores, encontrados nos livros didáticos da *Coleção Guri* são apontados quanto à sua identificação, mas optou-se por não descrever em detalhes (nome e sobrenome) na tese, em respeito à privacidade de informações pessoais, visto que não se providenciou autorização de divulgação de tais dados.

No Exemplar 3 (8ª ed., 1969) não foi encontrado nenhum registro de carimbo, mas na contracapa há duas etiquetas coladas próximas, uma com o número “15” e a outra com a palavra “didáticos”, escritos à mão e que indicam a sua provável proveniência de algum sebo.

b) *Primeiro Livro do Guri*

A primeira edição do *Primeiro Livro do Guri* foi publicada em 1967. Diferentemente da *Cartilha do Guri*, a partir deste livro em diante, não há mais a coautoria do professor Elbio N. Gonzales, cujas autoras passam a ser somente as professoras Flávia E. Braun e Rosa M. Ruschel. A ilustradora desse volume foi também a professora Helga Trein e a revisão foi realizada por Dalva da Rosa Dupuy.

É importante esclarecer, ainda, que a primeira edição desse livro, de 1967, foi produzida alguns anos após a publicação da primeira edição do *Segundo Livro do Guri*, cuja primeira edição é de 1964, o que indica uma hipótese de que antes este (o segundo livro) era o livro que seria utilizado em continuidade à *Cartilha* e, provavelmente, após algum tempo, sentiu-se a necessidade de produzir o *Primeiro Livro do Guri*, para complementar o conteúdo básico da *Cartilha* e dar prosseguimento ao planejamento do programa de ensino-aprendizagem previsto para a escola primária. Inclusive, em algumas edições do *Segundo Livro do Guri*, em que consta a divulgação de coleções didáticas da Tabajara, como por exemplo na 9ª ed., de 1966, aparece a informação “Em preparo: 1º Livro do Guri e Admissão”, na parte em que as obras indicadas são da *Coleção Guri*, na 2ª capa.

No acervo do Hisales há três exemplares do *Primeiro Livro do Guri*, com as seguintes informações editoriais: Exemplar 1 - 2ª ed., 1968 (GURI_1L_2ED_1968A); Exemplar 2 – 3ª ed., 1969 (GURI_1L_3ED_1969A); Exemplar 3 – s/ed., s/d (GURI_1L_SED_SDA). A seguir, são apresentados os dados do projeto gráfico-editorial e informações destacadas nos três exemplares e, na sequência, seguem as análises específicas das imagens.

No Exemplar 1 (2ª ed., 1968), o formato do livro didático fechado é de 13,5 x 17,3 cm, menor que o das edições posteriores. Quanto ao acabamento, possui 0,6 cm de lombada canoa com dois grampos. O tipo de acabamento não se altera nas edições posteriores e a lombada reduz cerca de 0,1 cm, possivelmente pela variação de gramatura do papel utilizado na capa e no miolo do livro, entre as edições consultadas.

Com relação à quantidade de páginas, no Exemplar 1 (2ª ed., 1968), 91 páginas aparecem numeradas, mas há páginas antes e depois que não foram contabilizadas, tendo sido as primeiras em parte não numeradas e outra parte com uma numeração separada (visto que uma nova numeração partindo do 01 começa no primeiro capítulo do livro, posterior às páginas pré-textuais) e nas últimas, no fim do livro, não consta nenhum tipo de informação relativa a isso. Já no Exemplar 2 (3ª ed., 1969), a numeração geral do livro começa na primeira

página, a folha de rosto, e segue até o fim do livro, chegando então a 96 páginas, diferindo da versão anterior, que totalizava 100 páginas, sendo algumas em branco e que foram eliminadas deste exemplar. O Exemplar 3, por estar incompleto, inviabilizou este tipo de constatação, pois começa em uma página numerada como 07 e termina na 90.

Passando-se para a análise das capas dos exemplares consultados, a capa da segunda edição (1968) do *Primeiro Livro do Guri* mantém a identidade visual apresentada na *Cartilha do Guri*, aproveitando a mesma imagem, anteriormente comentada. Sendo assim, observa-se que apresenta, em seu projeto gráfico, uma montagem de uma fotografia que ocupa todo o seu espaço, de forma sangrada (quando uma imagem encosta nas margens da superfície e dá impressão de continuidade), com os dados de título, autores e marca da editora sobrepostos a ela.

Com relação às informações textuais, a tipografia foi a mesma implementada inicialmente na *Cartilha do Guri*. A imagem apresenta tons de verde (do claro ao escuro) e branco na cena retratada, enquanto que os elementos textuais estão com a cor do papel, pois são vazados na área impressa, podendo-se dizer que estão “em branco”. A impressão se deu por 2 tons diferentes de verde, um mais escuro e outro mais claro, que se encontram sobrepostos. A contracapa contém a relação de “Livros editados de acordo com os novos programas de ensino” e foi impressa em apenas uma cor, azul marinho, sobre o fundo de cor natural da cartolina. A capa e a contracapa podem ser vistas na Figura 54, a seguir.

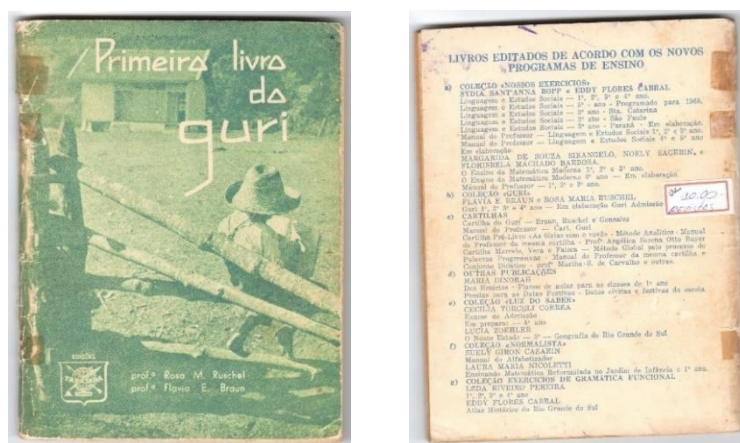


Figura 54 – Capa e contracapa do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Quanto ao tipo de papel utilizado na capa e na contracapa, seguem valendo as informações relatadas na seção sobre a *Cartilha do Guri*. Na terceira edição (1969) do *Primeiro Livro do Guri*, observa-se que foram feitas mudanças em vários aspectos, tanto pela materialidade como pela visualidade, da capa e do miolo do suporte. O formato do livro didático fechado foi alterado e as medidas passaram a ser de 14 x 21 cm, ficando então maior que a edição anterior.

Quanto à visualidade da capa, trata-se da mesma já mostrada na seção sobre a *Cartilha do Guri*, utilizando-se do modelo de releitura da fotografia utilizada nas edições anteriores, transformada em uma pintura, com algumas adaptações e transformações a partir da imagem original. Foi também utilizada a barra vermelha na base da capa, já explicitada anteriormente, sendo que o título passou a ser sobreposto à imagem, provavelmente por não caber dentro daquele espaço retangular, de forma clara e visível, já que a quantidade de letras e palavras aumentou. A referida barra aparece, então, sem nenhum tipo de informação escrita, em todos os exemplares de *Livro do Guri*, do 1º ao 4º ano, que foram consultados. As demais peculiaridades da imagem já foram abordadas na seção sobre a *Cartilha do Guri*.

Nessa terceira edição (1969), a capa ganhou uma impressão colorida, a quatro cores (já explicada anteriormente). As informações textuais estão em preto, sobre o fundo colorido. Na contracapa, a relação de livros também foi modificada, com um novo título “Livros de acordo com os novos programas de ensino oficiais e com edições especiais para cada estado do Brasil”, em fundo de cor original da cartolina e impressão do texto na cor preta. A Figura 55, a seguir, ilustra as imagens da capa e da contracapa da referida edição.

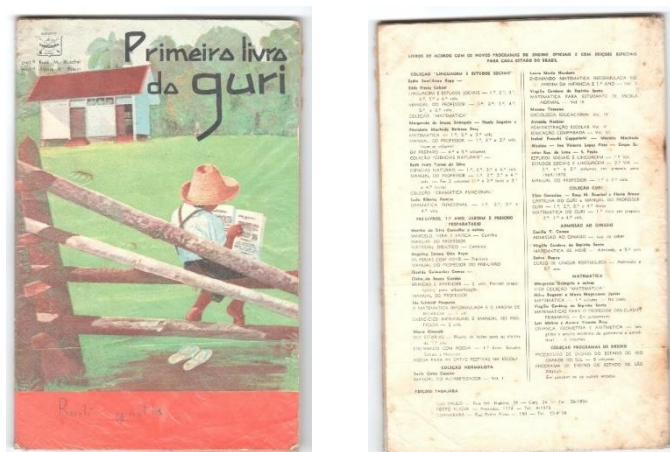


Figura 55 – Capa e contracapa do *Primeiro Livro do Guri* (3ª ed., 1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Quanto ao papel utilizado na terceira edição (1969), a cartolina da capa é de menor gramatura que a anterior, enquanto que o papel utilizado no miolo, apesar de também ser de baixa qualidade, tem aspecto menos áspero e rugoso que o utilizado na edição anterior, apresentando também menor espessura¹⁶⁹. A seguir, são tratados outros aspectos observados e comparados entre os exemplares.

Todos os exemplares apresentam o miolo, ou seja, as páginas pré-textuais, textuais e pós-textuais, impressas apenas em preto. Com relação à diagramação do conteúdo, o

¹⁶⁹ Em relação ao terceiro exemplar do acervo, pelo fato de estar incompleto e não conter a capa e a contracapa, não são incluídos comentários sobre estes quesitos.

exemplar da 2ª edição (1968) se difere em alguns elementos dos outros dois, que são idênticos (3ª edição, 1969; s/ed., s/d.). Em todos, é utilizada uma tipografia bastão, sem serifas – a letra de imprensa, utilizando-se de variações entre fontes de caixa alta e baixa, ou seja, letras maiúsculas e minúsculas. Observa-se que, nos dois livros mais recentes, os títulos dos textos são integralmente em caixa alta (letra maiúsculas), enquanto no anterior, são utilizadas caixa alta e baixa na escrita das palavras. Além disso, há algumas alterações discretas na formatação geral do conteúdo textual do livro, como recuos e variações de espaçamento, entre algumas modificações no tamanho de algumas fontes. Não foram encontradas modificações significativas na estrutura escrita do conteúdo.

Há uma frase, caracterizada como uma mensagem das autoras aos leitores, no início do livro, encerrando a parte pré-textual e dando início a parte textual. No caso do *Primeiro Livro do Guri*, no exemplar de 2ª edição (1968), consta dentro de um quadro, o seguinte trecho: “A porta mais fácil de abrir para uma criança é geralmente a que leva a alguma coisa que nós mesmos amamos. Todos os bons professores conhecem a recompensa: o momento maravilhoso em que a fagulha que se está soprando explode numa chama que daí em diante brilha por si mesmo”. Talvez essa mensagem possa ter sido aproveitada de alguma referência de leitura das autoras (uma vez que está entre aspas) ou tenha sido por elas criada. Contudo, sabe-se que era prática corrente nos suportes pedagógicos da época, as máximas morais, disciplinares e até religiosas. Essa mesma frase mantém-se na edição seguinte, mas em posição diferente, passando a ser antecipada e inserida junto aos dados editoriais.

No que se refere ao conteúdo programático do *Primeiro Livro do Guri*, considerando-se o disposto no índice e nas páginas relativas a seus capítulos, não foi encontrada nenhuma diferença entre os exemplares. A seguir, o Quadro 05 mostra como foi estruturada a distribuição do conteúdo programático do *Primeiro Livro do Guri*, conforma consta no índice, dividido em três partes (“Textos de Leitura”, “Estórias” e “Poesias”), cada uma delas com alguns capítulos.

Quadro 05 – Índice do *Primeiro Livro do Guri*.

ÍNDICE DO PRIMEIRO LIVRO DO GURI		
TEXTOS DE LEITURA 1. Olavo; 2. Éida; 3. A casa; 4. Brasinha; 5. Mimo; 6. Uma surpresa; 7. Dia de festa; 8. Miguel; 9. Olavo e Miguel; 10. Folhinha verde; 11. A casa do vento; 12. Dia de chuva;	ESTÓRIAS 13. A galinha; 14. O coelho Bonzinho; 15. As gotinhas; 16. Os ratinhos; 17. A gatinha Zizi;	POESIAS 18. Inverno; 19. Dia da professora; 20. Salve o “Dia da criança”; 21. Boas maneiras; 22. Passarinho, passarinho; 23. Alegre despertar; 24. Branco-branquinho; 25. As estações; 26. A chuva; 27. Soldadinhos do Brasil; 28. É dia de Natal; 29. Prece.

Fonte: Dados da autora (2018), a partir dos exemplares do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968; 3ª ed., 1969; s/ed., s/d., Ed. Tabajara) - acervo Hisales.

Em alguns dos textos, referidos no índice supracitado, são apresentados os autores e/ou procedência, tais como: Marieta Leite (Folhinha Verde); Helena Pinto Vieira (A casa do vento); do “Cacique”¹⁷⁰ (Inverno); do Man. do Prof. Paraná¹⁷¹ (Dia da Professôra); Casimiro de Abreu (Salve o “Dia da Criança”); Luiza P. Dorfmond (Boas maneiras); Oliveira Martins (Passarinho, Passarinho); Helena Pinto Vieira (Alegre despertar); do “Cacique” (Branco-branquinho); Maria Dulce S. Antunes (As Estações); do livro “Criança feliz” (A chuva); Lys da C. Reis (Soldadinhos do Brasil); Olga B. Pohlmann (É dia de Natal); Vicente Guimarães (Prece).

Levando-se em consideração as informações disponíveis no Quadro 05 e as suas respectivas autorias, supracitadas, além das que são mostradas nos próximos quadros, referentes aos demais livros didáticos da *Coleção Guri*, pode-se inferir que as autoras tenham aproveitado textos encontrados em certas publicações periódicas reconhecidas e de intensa circulação no Rio Grande do Sul, na época, como referência para utilização nos livros didáticos que produziram, como por exemplo, a revista infantil *Cacique* e a *Revista do Ensino/RS*, ambas anteriormente explanadas no texto. Relembra-se aqui, que alguns dos profissionais envolvidos na produção dos livros didáticos analisados também foram ativos na equipe de criação de textos e ilustrações desses dois periódicos, como Helga Trein, Anelize Becker de Lima e Dalva da Rosa Dupuy. Outrossim, algumas das mulheres que participam com produções nessas revistas são também autoras e/ou ilustradoras de outros livros didáticos gaúchos que constam no acervo do Hisales.

Retomando a distribuição do conteúdo no livro, as seções de “Estórias” e “Poesias” são antecedidas por páginas que funcionam como capas, nas quais constam, acompanhadas de ilustrações de página inteira, ao invés dos títulos referidos no sumário, as frases “Aqui estão as estórias que Olavo e Élide leram” – fazendo relação às “Estórias” e “Aqui estão as poesias que Olavo e Élide recitaram” – referindo-se às “Poesias”.

É preciso destacar que o Primeiro Livro era para ser usado na sequência da cartilha, supostamente ainda no 1º ano. Assim, depois da aprendizagem das palavras geradoras e das frases constituídas por essas palavras, a sequência, no processo de alfabetização, eram os pequenos textos na lógica do desenvolvimento da fluência e da compreensão.

No Exemplar 1 (2ª ed., 1968), no final, há uma relação de livros indicados, sob o título “Sugestões para o professor”, dividido em dois blocos: “Para exercício de Linguagem, Estudos Sociais e Ciências sugerimos usarem uma das seguintes coleções” e “Para alfabetização uma das cartilhas.” No Exemplar 2 (3ª ed., 1969), esta mesma parte passa por uma alteração: a

¹⁷⁰ Acredita-se que, essa referência esteja relacionada à revista infantil *Cacique*, anteriormente citada. Essa indicação é repetida da mesma forma em outros textos, inclusive dos livros didáticos seguintes.

¹⁷¹ A identificação dessa autoria foi aqui colocada exatamente como se apresenta junto ao texto, com palavras abreviadas na referência.

última página com as “Sugestões para o professor” está diferente do que foi apresentado na edição anterior, pois mostra outra relação de livros, em uma lista menor, para exercícios de Linguagem, Estudos Sociais e Ciências. As cartilhas não se encontram sugeridas, como anteriormente.

Assim como na *Cartilha do Guri*, os principais personagens, utilizados nas narrativas são: Olavo (guri) e Élide (guria), irmãos. Além disso, no *Primeiro Livro do Guri*, aparecem outros, nomeados, tais como: Brasinha (cachorro de Olavo e Élide); Mimo (gato); Alice (mãe de Olavo e Élide); Miguel (guri); Bonzinho (coelho); Rique, Reque e Roque (ratinhos); Zizi (gata) e Branco-branquinho (coelho). É preciso relembrar que o *Primeiro Livro do Guri* deveria ser um livro complementar do processo de aprendizagem da leitura e da escrita e, nesse sentido, a inclusão de novas palavras, principalmente de substantivos próprios, que incluía dígrafos, encontro consonantais, variações fonéticas, etc., era um princípio básico do método de palavras geradoras. Quanto mais palavras as crianças dominassem e quanto maior o “grau de dificuldade” dessas palavras, maior seria sua competência leitora (PERES, 2014).

Focando-se a partir de então nas imagens, o primeiro dado é de que só há um tipo de imagem, no caso é a ilustração, visto que não há mapas e fotografias nas páginas do *Primeiro Livro do Guri*. As informações, a seguir, são baseadas na observação do exemplar mais antigo (2ª ed., 1968), pois em análise comparativa entre todos os exemplares, não houve dados que pudessem resultar diferentes significativamente. Sendo assim, as pequenas alterações observadas nas edições posteriores, são indicadas ao final desta parte. Além disso, não foi encontrada nenhuma assinatura de Helga Trein nas ilustrações desse livro didático, mas seu nome está identificado na folha de rosto.

Assim como na *Cartilha do Guri*, o *Primeiro Livro do Guri* utiliza ilustrações, mas também recorre ao uso de ícones, totalizando assim 80 imagens (50 ilustrações e 30 ícones). As 50 ilustrações, representando cenários ou acontecimentos, acompanham as narrativas textuais. Os 30 ícones também são ilustrações, mas levam esses nomes por serem elementos “avulsos”, sem estarem incluídos na representação de um acontecimento e são desprovidos de um cenário, pois não têm a função de mostrar uma narrativa visual, são bem menores de tamanho que as demais ilustrações e aparecem aplicados junto às atividades que seguem determinado texto.

A Figura 56, a seguir, ilustra esses dois casos, para melhor compreensão, a partir dos registros visuais – ilustrações, encontradas em um mesmo capítulo, nesse caso o de n. 1 – “Olavo”. Na imagem à esquerda está a página com a ilustração que acompanha o texto, e na imagem à direita está a página seguinte, em continuidade à lição, com as atividades e um exemplo de conjunto de ícones inseridos no último exercício.



Figura 56 – P. 01 e 02 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

As principais diferenças entre as ilustrações e os ícones estão no tamanho, na posição, no conteúdo e na função. As ilustrações dos textos estão sempre na parte superior da página, com exceção das que estão nas capas das seções do livro, que ocupam a página inteira e são cortadas no meio, em sentido horizontal, pelo texto informativo a respeito dessa parte e, também, em outros 02 casos, nos quais, em um deles uma ilustração menor aparece no lado esquerdo do texto, no meio da página e, no outro, em que o texto e seu título são intercalados por parte da ilustração e outras partes estão mais abaixo, à esquerda e à direita da página. Já os ícones, nas atividades, podem variar de posição, podendo aparecer acima, ao lado ou mesmo abaixo do conteúdo textual, dependendo do formato do exercício.

Quanto ao conteúdo, as ilustrações que acompanham o texto representam uma cena, um acontecimento, uma situação em movimento, ao passo que os ícones geralmente são apenas objetos, animais ou pessoas, reduzidos e simplificados. No que se refere à função, as ilustrações servem para complementar e ampliar a compreensão das narrativas textuais, enquanto que os ícones estão ali para exemplificar e facilitar o desenvolvimento das tarefas propostas.

Com relação aos conjuntos de ícones encontrados em uma mesma atividade, foram encontrados 10 registros, pelas seguintes ocorrências: a) 01 registro com apenas 01 ícone (total de 1 ícone) – não se configura como conjunto, por ser unitário, mas está na categoria de atividades; b) 03 registros de conjuntos com 02 ícones (total de 06 ícones); c) 03 registros de conjuntos com 03 ícones (total de 09 ícones); d) 02 registros de conjuntos com 04 ícones (total de 08 ícones); e) 01 registro de conjunto com 6 ícones (total de 06 ícones). Com isso, somando-se o total de ícones de cada um desses cinco tipos de conjunto, chegou-se ao valor de 30 ícones utilizados nas atividades.

Nas 50 ilustrações que acompanham os textos, foram encontrados os seguintes tipos de personagens principais: a) Animais: em 26 ilustrações; b) Humanos: em 18 ilustrações; c)

Animais e humanos: em 01 ilustração; d) Não há personagens – são cenas com construções, natureza, cidade ou campo: em 05 ilustrações. Essa classificação não foi atribuída às ilustrações utilizadas nos exercícios de forma isolada, por não serem consideradas personagens, diante de sua contextualização. Entretanto, cabe exemplificar algumas dessas ocorrências, para melhor compreensão, tais como: pato, peteca, sapato, sapo, casa, mãe, casinha de cachorro, frutas, alimentos, cata-vento, leque, caneca, livro, lápis, bolsa, etc.

Percebe-se que há o predomínio de personagens animais, nas páginas desse livro didático, o que também se relaciona, de certa forma, à faixa etária das crianças, chamando atenção para temáticas de seu interesse, mesclando realidade, imaginação, fantasia, ilusão, inventividade, bem como ao universo rural que as autoras procuraram contemplar.

Vários das ilustrações, nas quais aparecem personagens animais, pelo seu modelo, formato e traçado, remetem às características de criações do estilo da Disney. Entre alguns desses exemplos identificados e comparados, a galinha se parece muito com a personagem “Clara de Ovos” (Figura 57) e os passarinhos são praticamente idênticos aos que aparecem na história de “Branca de Neve” (em versão antiga) (Figura 58) e outras, assim como os ratinhos, que remetem aos do clássico desenho animado de “Tom e Jerry”. A seguir, são apresentadas algumas imagens que ilustram esses referidos exemplos, com a página do livro didático, que contém a ilustração comparada, à esquerda, e a imagem com o personagem de desenho animado da Disney à direita, na mesma figura, em cada caso.



Figura 57 – P. 33 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara) (à esquerda) e imagem da personagem Clara de Ovos, da *Disney* (à direita).

Fonte: Acervo Hisales (à esquerda) e *Google* (à direita).



Figura 58 – P. 81 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara) (à esquerda) e imagem da personagem Branca de Neve com passarinhos, da Disney (à direita).

Fonte: Acervo Hisales (à esquerda) e Google (à direita).

Nas ilustrações em que os animais não acompanham humanos e estão participando de determinado acontecimento, eles são representados com características tradicionalmente humanas, pois em vários casos eles vestem roupas, adereços, utilizam objetos, têm casa e se portam como pessoas. São representações que estimulam a imaginação e a fantasia da criança, que vê essas imagens e lê as histórias em que eles conversam e interagem entre si.

Essas imagens também fazem referência a uma ilusão do real, pois conforme Aparici e García-Matilla (1998, p. 49), sobre a vulnerabilidade das crianças, elas “toman por realidad lo que ven en las imágenes, hasta el punto que tienden a identificarse con personajes imaginarios y situaciones lejanas a su propio entorno y a su propia historia”. A Figura 59, a seguir, mostra alguns desses casos.

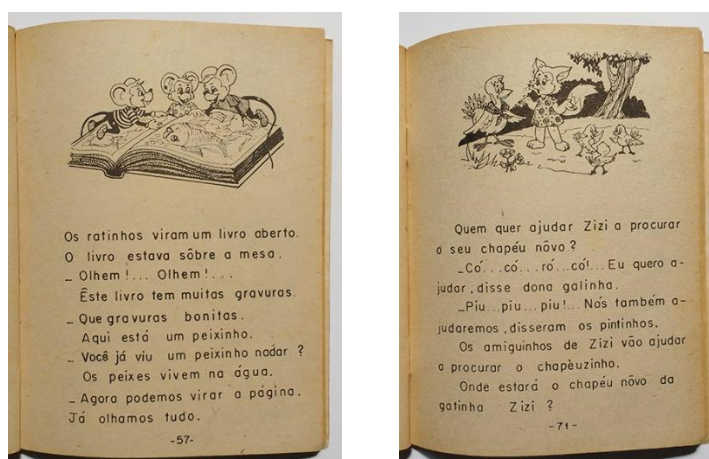


Figura 59 – P. 57 e 71 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Destaca-se também que os desenhos de humanos identificam de forma singular o estilo gráfico da ilustradora Helga Trein, e são bastante distintos daqueles em que constam

os animais, com características de traçado expressivo, em geral, principalmente pelo formato dos olhos, cabelo e modelo anatômico das crianças e dos adultos, detalhes que podem ser identificados nas ilustrações exemplificadas ao longo do texto deste capítulo (da *Cartilha* ao *Terceiro Livro do Guri*). Diz-se isso, baseando-se também em referências encontradas em outras publicações, como as de seus trabalhos na revista *Cacique* e em outros livros didáticos.

Além disso, é possível encontrar a representação de rostos inclusive em ilustrações que não são de humanos, mas que comumente ganham essas expressões quando são dedicadas às crianças. No caso deste livro, podem ser exemplificados o sol, as gotas de chuva e o vento, que ganham feições de face humana, com olhos, boca e nariz e uma determinada expressão, seja de felicidade (no caso do sol e das gotas) ou de força (no caso do vento), dando também um caráter lúdico e atrativo à cena representada e promovendo, assim, uma certa interação com o leitor, nesse caso, criança. A Figura 60, a seguir, mostra alguns desses exemplos, encontrados em duas páginas.

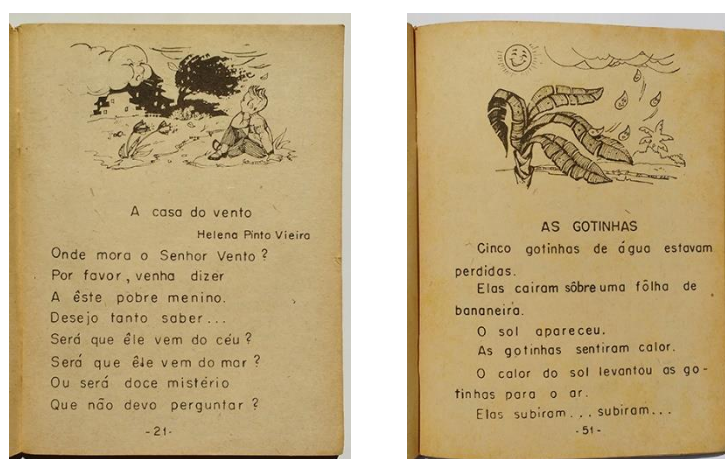


Figura 60 – P. 21 e 51 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

As ilustrações são todas impressas apenas em preto, mas são combinadas por um arranjo com as áreas não impressas, que estão em “branco”, que na verdade correspondem à cor do próprio papel das páginas. Apesar de ser utilizada apenas uma cor nas ilustrações (o preto), a ilustradora Helga Trein explorou vários recursos visuais, como texturas, áreas positivas e negativas, espaços cheios e vazios, contrastes, sombras, para valorizar a imagem como um todo. Esses aspectos podem ser conferidos nos exemplos das imagens das páginas distribuídas nesse capítulo.

Quase todas as ilustrações que acompanham os textos, representam uma cena, um acontecimento, pois as posições dos personagens e a presença de certos elementos gráficos, reforçam a ideia de movimento e de que algo está sendo realizado. Um desses exemplos pode ser visto na Figura 61, a seguir, na qual se observa a ação, pelo movimento dos corpos

e das roupas das crianças, bem como do cachorro, além da bola no ar e o acréscimo de elementos gráficos que indicam ação (pequenos traços curvos e repetidos), fazendo com que a cena seja dinâmica e estimule a percepção visual da criança.

Aproveita-se o exemplo exposto nessa mesma Figura 61 para corroborar que houve reaproveitamento e/ou repetição e/ou adaptação de imagens entre os livros didáticos que integram a *Coleção Guri*. Isto posto, nota-se que é a mesma ilustração utilizada tanto na *Cartilha do Guri* como no *Primeiro Livro do Guri*, contudo no primeiro caso, Olavo foi eliminado da cena representada (o restante permanece exatamente igual, com exceção do preenchimento de parte dos elementos com a cor verde) enquanto que, no segundo caso, ela está completa.



Figura 61 – À esquerda, p. 42 da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara). À direita, p. 07 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

São encontradas narrativas textuais e visuais que se utilizam de fatos considerados reais e também aquelas que mesclam realidade e fantasia, como mostrado anteriormente, em algumas situações. Para além disso, em geral, quase todos os capítulos procuram mostrar às crianças, através de seu conteúdo real e/ou fantástico, aspectos que tratam de moral, da educação, do respeito, da civilidade e do correto exemplo aos demais. Isso também é perceptível nas ilustrações, através do estímulo à imaginação da criança, ampliando a sua leitura e proporcionando uma espécie de jogo lúdico, tratando dos temas propostos pedagogicamente. A Figura 62, a seguir, mostra duas dessas páginas, cujo conteúdo textual aborda esses temas, mesclando realidade e fantasia, ao mesmo tempo em que a ilustração acompanha a proposta, através da representação de uma vaca sentada à mesa e vestindo echarpe, assim como de um coelho acordando de pijamas em sua cama, ambos dentro de suas respectivas casas.

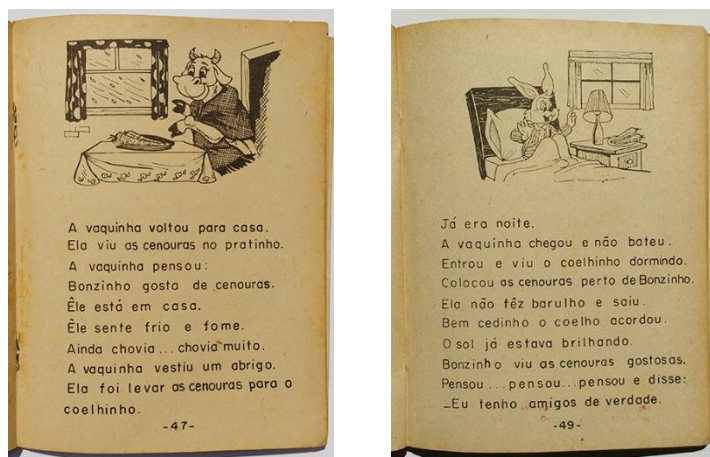


Figura 62 – P. 47 e 49 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

As ilustrações, no *Primeiro Livro do Guri*, não possuem moldura e por isso são mais dinâmicas e por não estarem limitadas em uma área restrita, mesmo ocupando determinado espaço, proporcionam mais leveza na visualidade das páginas. Além disso, a ilustradora explora eficientemente, mesmo limitada ao uso de apenas uma cor de impressão, os recursos de perspectiva, profundidade, planos diferenciados, proporções, contrastes de positivo x negativo, movimento, etc., evitando que o conjunto da imagem pareça estático e estimulando a percepção visual da criança, trabalhando esses aspectos figurativamente em um suporte bidimensional, o papel, transposto para a página do livro didático. A Figura 63, a seguir, mostra alguns dessas técnicas gráficas, evidenciadas em diferentes ilustrações.

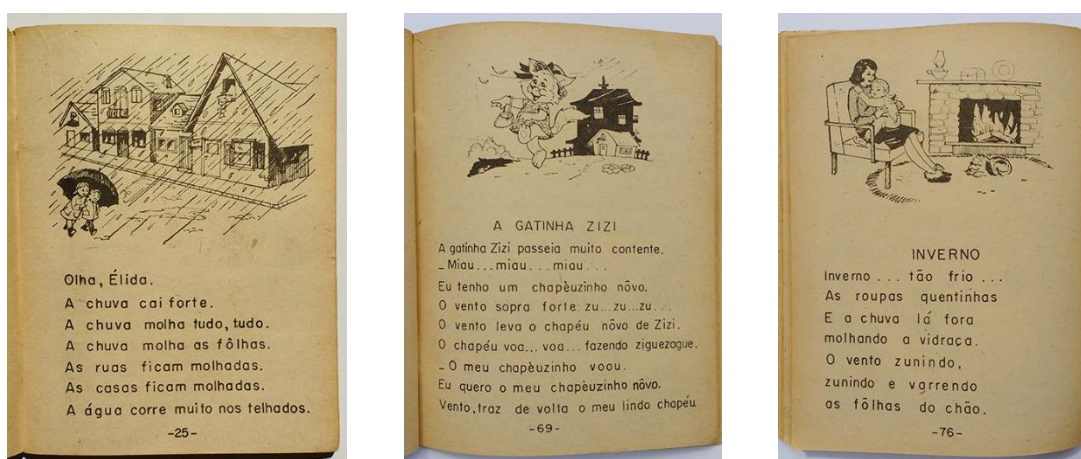


Figura 63 – P. 25, 69 e 76 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Além disso, a ilustradora Helga Trein também expressa graficamente a intensidade de algum acontecimento e procura mostrar, através das características dos elementos na cena, as diferenças entre a zona urbana e a zona rural, que poderiam ser refletidas e

comparadas pelas crianças, também através das ilustrações e pela forma como estão configuradas. Todos esses fatores podem ser vistos nos exemplos reunidos na Figura 63. A exploração desses recursos nas ilustrações estimula a leitura das imagens nos livros didáticos e aperfeiçoa o olhar da criança no contato com a linguagem visual gráfica. Por isso,

Quem tem bons estímulos visuais desenvolve a sensibilidade, aguça o gosto estético, experiencia emoções diversas suscitadas pelas imagens, bem como alimenta a alma, pois a sedução das imagens é um convite ao mergulho, ao aprofundamento, a ser feito sozinho ou com a ajuda de um mediador (GÓES e ALENCAR, 2009, p. 29).

As ilustrações possuem características estilísticas de um período histórico, notável principalmente naquelas em que há personagens humanos, pois é possível a identificação pelas vestimentas, pelas posturas, gestos e ações, assim como pelas questões de gênero tradicionalmente vinculadas à década de 1960, que representam certos ideais e também estereótipos de uma época, impondo normas e modelos projetados para os pequenos leitores, através do material didático-pedagógico. A Figura 64, a seguir, apresenta alguns desses exemplos, comentados na sequência.

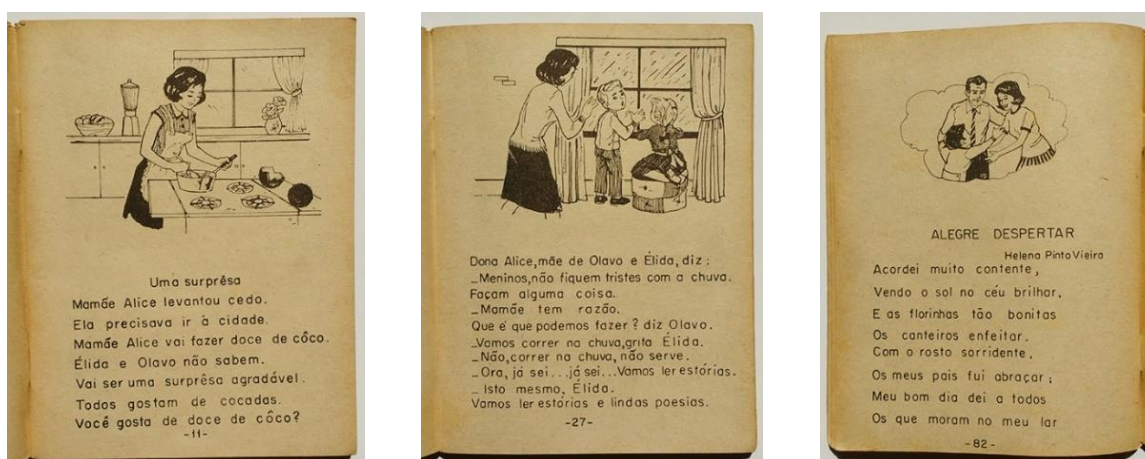


Figura 64 – P. 11, 27 e 82 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Nessa perspectiva, vê-se o guri Olavo usando camisa de gola e abotoada, colete, calça social com padrão de riscas de giz e sapato social, enquanto a guria Éliida está sempre com o cabelo penteado e irretocável com duas trancinhas decoradas com laços de fitas, vestido rodado e sapatilhas do estilo “boneca”. Pelo aspecto gráfico dado aos cabelos, ambos os guri parecem ter cabelos claros, assim como aparentam ter um tom de pele claro. A mãe, de cabelos escuros e curtos, aparece muitas vezes de avental sobre um conjunto de blusa e saia, justas e alinhadas, e dedicando-se aos afazeres domésticos. O pai também tem cabelos curtos e aparece de camisa social, gravata listrada e calça social, representando o típico “papai perfeito”, que trabalha fora de casa e representa o clássico “homem da casa”.

Não é o caso aqui de propor uma análise da “ideologia dos livros didáticos”

(NOSELLA, 1981), tão qualificadamente feita desde os anos de 1980, especialmente com o clássico *As belas mentiras*. Contudo, é preciso chamar a atenção que, nas páginas dos livros, é possível perceber um dado projeto social em evidência, revelado também nas ilustrações: o da família patriarcal, branca e de classe média, vivendo em harmonia (PERES, 2014). Para além das ideologias, as imagens perpassam também pelo silêncio, pelos códigos morais e pelos preceitos cívicos.

Se os anos de 1960 e 1970 representaram, em termos nacionais e internacionais, mudanças culturais, sociais, tecnológicas, de comportamento e de valores, como indicado no início do capítulo 04 deste trabalho, igualmente e contraditoriamente representou a continuidade e a manutenção de uma mentalidade vigente no que tange especialmente à família e aos papéis sociais de homens e de mulheres. Nesse âmbito, os livros didáticos, em especial os aqui analisados, foram veículos que reforçaram e perpetuaram determinadas visões de mundo. Por isso, as imagens, nesse caso as ilustrações,

(...) não são um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre esses extremos. Elas são testemunhas dos estereótipos, mas também mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos vêem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação (BURKE, 2004, p. 232).

Sobre os estereótipos, “[...] La homogeneización de criterios, de expresiones, de gestos, de formas de entender la realidad tiene como fin último desvincular a un individuo o grupo de su propia historia, de su propia identidad con el fin de que se asimile unos patrones o modelos externos [...]” (APARICI; GARCÍA-MATILLA, 1998).

O que também permite uma associação à época são os modelos do uniforme escolar, com o guarda-pó, a gravata comprida (para os guris) e a pasta escolar no formato de pasta de escritório. Há, ainda, a típica cena da professora em frente ao quadro-negro (utensílio que identifica o ambiente escolar e a profissão do personagem) que utiliza óculos e recebe flores dos alunos. As gurias não aparecem utilizando o mesmo guarda-pó que os guris, mas sim vestidos, uma representação de roupa típica do período vigente.

Como é comum de se encontrar nos livros didáticos da época, nesse exemplar também há exibição da bandeira nacional hasteada na frente ou no pátio da escola, representando a exaltação ao patriotismo, o amor e respeito ao Brasil, aspectos que eram trabalhados recorrentemente com os alunos no ambiente escolar. Ainda em relação ao nacionalismo, há uma ilustração em que aparecem crianças caminhando em posição militar e vestidas de soldados (e não adultos), enquanto a da ponta carrega a bandeira do país. Como o texto relacionado trata de soldadinhos (no diminutivo) e faz referência aos seres pequenos por fora e gigantes por dentro, que lutam valentes e são triunfantes, a ilustração talvez tenha sido feita dessa forma para reforçar a informação pretendida com a narrativa textual. Esses casos são exemplos clássicos encontrados nos livros didáticos do período da Ditadura Militar

e podem ser conferidos na Figura 65, a seguir.



Figura 65 – P. 15, 78 e 87 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Em relação às questões de gênero mostradas e reforçadas naquele período, que costumavam separar muito as atividades típicas de homens e de mulheres, elas são bastante visíveis nas ilustrações e são tão expressivas que “falam por si”, não necessitando de auxílio textual para compreensão do que significam.

Essas situações são representadas especialmente em cenas, por exemplo, em que o guri Olavo engraxa os sapatos do pai; a guria Élide serve o café na mesa; a mãe Alice cozinha, lava, varre e costura, etc. A forma com que essas cenas são representadas, pelo conjunto de características e detalhes de expressões, posições, ações e roupas, no contexto, reforçam ainda mais o que se desejava mostrar às crianças daquela época. As imagens são potentes o suficiente para transmitir esse modelo propagado nos anos de 1960, sem nem mesmo haver necessidade de leitura do texto, como pode ser conferido na Figura 66, a seguir.



Figura 66 – P. 01, 03 e 12 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Também há as ilustrações que exaltam as aventuras da infância, geralmente na rua, próximo à natureza, como, por exemplo, nas cenas em que os irmãos Olavo e Élide correm com o cachorro Brasinha e uma bola; uma cena com seis crianças, na qual quatro delas brincam de roda de mãos dadas ao fundo, uma guria pula corda no canto detrás à esquerda, enquanto um guri (Olavo) puxa um caminhão pela cordinha e se entretém com o cachorro Brasinha, em primeiro plano. Imagens como essa representariam atividades típicas das crianças dos anos de 1960, nos momentos de lazer e brincadeiras. Desde o estudo clássico de Phillipe Ariès (1978), é possível compreender mais e melhor que a infância é um constructo social, histórico e cultural, variável no tempo e no espaço.

Assim sendo, as representações da infância nos livros também são variáveis. Nessa direção, enfatiza-se que alguns estudiosos da infância afirmam que, ainda hoje, “brincadeiras de áreas rurais têm algumas características particulares: acontecem em amplos espaços em contato direto com a natureza, fundindo-se dos elementos do entorno que motivam esses repertórios lúdicos” (FRIEDMANN, 2012, p. 26). Considerando que a coleção em análise tinha como público alvo crianças das zonas rurais, é plausível dizer que algumas imagens tenham sido feitas a partir de representações de infância e de criança, de brincar e de brincadeiras, a partir de contextos, de práticas e de atividades do contexto da época (CECÍLIO, 2002).

Assim, para o que aqui interessa, as ilustrações da *Coleção Guri*, vale a reprodução de uma delas, em contraposição a uma imagem de um livro didático dos anos 2000. A Figura 67, a seguir, mostra esses dois exemplos, que representam infâncias em contextos diferentes.



Figura 67 – À esquerda, fragmento da p. 83 do *Primeiro Livro do Guri* (3ª ed., 1969, Ed. Tabajara). À direita, fragmento da p. 150 de *Girassol – Saberes e fazeres do campo* (Manual do professor), 2º ano (1ª ed., 2012, Editora FTD).

Fonte: Acervo Hisales.

Há 27 cenas externas (na rua), 15 cenas internas (dentro de casa) e 08 não identificadas (não há características que confirmem a localização da cena) ilustradas junto aos textos. Entre essas 08 não identificadas, é possível inferir onde são as cenas, dado o contexto mostrado, mas não há elementos gráficos que reforcem a localização, no caso

podendo ser amparada pela leitura do texto. Os objetos, animais e pessoas que ilustram as atividades não foram contabilizados nessas categorias, pela maioria não estar inserida em um cenário no qual seja possível identificar sua localização, mas totalizam 30 ocorrências neste livro em pauta. Essa contagem foi feita sem considerar o conteúdo da narrativa textual que acompanha cada uma das ilustrações, baseando-se nas informações que os elementos gráficos e os detalhes da cena representada disponibilizam ao leitor.

Os textos são repletos de adjetivos com qualidades ou com verbos que indicam características positivas, que intensificam as características tanto das pessoas como dos objetos. Aqueles que mostram defeitos ou aspectos negativos praticamente não aparecem no livro. Nem sempre esses aspectos são percebidos nas imagens, talvez pelo fato de as ilustrações escolhidas representarem apenas parte de sua narrativa e também pela dificuldade de se expressar graficamente algumas situações específicas. Mesmo assim, a ilustradora Helga Trein conseguia trabalhar, pelo seu grafismo, as expressões faciais de felicidade e tristeza com bastante clareza, por exemplo.

Entre os verbos considerados positivos, aparecem alguns como: gostar; cuidar; brincar; parabenizar; agradecer; amar; respeitar; enfeitar; abraçar. Entre os adjetivos de qualidade, são usadas expressões como: linda(o); bonita(o); amigo(a); agradável; contente; bom/boa; carinhosa; feliz; querido(a); belo(a); amor; alegria/alegre; educado; sorridente; gratidão; garbosos; triunfantes; valente; coragem; viril. Há casos em que essas expressões, verbos e adjetivos, podem ser percebidos nas ilustrações e, em outros, não, e por isso a tarefa de uma imagem corresponder a cada detalhe é bastante complicada. O/a ilustrador/a pode ter dificuldade de interpretar isso visualmente e deve fazer opções, sobre o que de fato mostrar ao leitor na narrativa visual, pois nem sempre é possível representar integralmente a proposta da narrativa textual à qual uma ilustração deve corresponder.

Nas narrativas textuais, os personagens animais também falam e conversam entre si. Isso não fica muito visível nas ilustrações, embora aparentem bastante entrosamento e denotem movimentação nas cenas, que não são estáticas. Entretanto, naquelas em que há humanos, os animais não conversam com eles, apenas interagem, pelos seus gestos, o que também pode ser conferido na representação das ilustrações.

No Exemplar 2 (3ª ed., 1969), há algumas modificações no projeto gráfico-editorial, além das já comentadas anteriormente, especificamente relacionadas às imagens. Pelo fato de o formato das páginas ter aumentado, há mais espaço em todas as margens e as ilustrações, ao invés de aumentarem, pela mancha gráfica¹⁷² ser maior, aparecem menores

¹⁷² Mancha gráfica é um termo utilizado na área editorial que define no projeto editorial uma área delimitada para impressão na página, com as margens estabelecidas, na qual são distribuídos os elementos gráficos, figurativos e textuais, definindo assim a identidade visual do suporte, seja ele um livro, uma revista, um jornal, um encarte, um panfleto, entre outros.

que as da edição anterior, em quase todos os registros em que acompanham os textos. Nota-se, também, alterações na intensidade e nos detalhes das ilustrações na impressão, que parecem mais refinados e aprimorados.

Isso pode decorrer de alguns fatores, tais como utilização de um papel de qualidade superior ao anterior, assim como ajustes na impressão, nas pranchas, na calibragem de tinta nas máquinas e também pela possibilidade de haver variação e modificação de impressor, impressora e gráfica (nesses exemplares não constam informações sobre onde foram impressos os livros), o que pode acarretar disparidades nessa etapa do processo de produção gráfica entre publicações que se pretende que sejam semelhantes, em edições e tiragens posteriores. Entretanto, algumas falhas e problemas de impressões observados em determinada edição, também podem ser motivo de correção em novas impressões do mesmo suporte, para além da reparação de erros encontrados no conteúdo textual, por exemplo.

Um desses casos de reparação do conteúdo textual, pode ser visto na 3ª edição (1969) do livro, pois há uma mudança, mais significativa, na história “Dia de chuva”, que recebe uma continuidade no texto e uma outra ilustração para esse trecho. Além disso, as atividades que constavam nessa parte na edição anterior são eliminadas. A quantidade de páginas segue a mesma, visto que esse conteúdo textual ocupa exatamente o mesmo espaço que era ocupado pelas atividades na edição anterior. Não fica claro o motivo pelo qual isso aconteceu, e se a eliminação das atividades se deu no intuito de não se alterar a paginação e a organização das páginas posteriores, por exemplo, o que poderia incidir em um processo de produção gráfica mais custoso e demorado, diante das alterações necessárias.

Comparando-se essa edição (3ª ed., 1969) com a anterior, em relação às imagens utilizadas, foram encontradas algumas diferenças entre as ilustrações, na maior parte em detalhes, que parecem ter sido ajustados para uma melhoria na visualidade. Cabe registrar também que esse é o único dos livros, entre todos os exemplares analisados da coleção, no qual se observou variações mais expressivas entre as imagens das diferentes edições¹⁷³. As ilustrações modificadas foram:

1. a casa (“A casa”) – muda totalmente, com outro estilo, ângulo e perspectiva diferente, com modelo mais simplificado que o anterior quanto às características de arquitetura que apresenta, tendo inclusive o caminho de chegada na casa modificado;
2. a mãe na cozinha (“Uma surpresa”) – a cena é a mesma, mas há algumas alterações nos

¹⁷³ Quanto ao Exemplar 3 (s/ed., s/d.), apesar de estar incompleto, pois não contém a capa, contracapa, páginas iniciais e finais, foi comparado com as versões anteriores, quanto ao conteúdo do miolo, para averiguação de possíveis modificações. A primeira página desse exemplar começa no segundo capítulo, “Élida” (p. 7). A última página visível é a que contém o texto “A chuva” (p. 90), o 26º capítulo de 29 no total. Pela falta de dados editoriais, apesar dessa versão ser idêntica à anterior, tanto pela narrativa textual como pelo visual, não é possível afirmar de que se trata de uma mesma edição e do mesmo ano de publicação, pois poderiam ser também de versões diferentes.

objetos e utensílios, como as abas e o contraste das bocas do fogão, localização dos cocos e das frutas na cesta, e texturas como as do balcão, a da saia da mãe, a da panela. A ilustração da mãe lavando roupa, na atividade relacionada ao mesmo texto, muda de ângulo;

3. Os guris têm características trocadas (“Olavo e Miguel”) – o guri loiro passa a ser moreno e vice-versa e a textura de suas calças também são trocadas. Os objetos, livro e bolsa, inseridos na atividade, são mais detalhados;
4. A cena do campo (“Folhinha verde”) - é a mesma, mas são alterados detalhes no formato e nas texturas das folhagens, assim como na casa no fundo do cenário, que passa a conter uma cerca na lateral;
5. Os irmãos na janela (“Dia de chuva”) – o cabelo de Olavo é escurecido nas duas ilustrações da história e aparece uma terceira ilustração em uma continuidade da história que não existia antes;
6. Os irmãos lendo junto à árvore (abertura do capítulo de “Estórias”) – o cabelo de Olavo é escurecido;
7. Objetos (“O coelhinho bonzinho”) – a maçã e o leite ilustrados nas atividades são alterados quanto à sombra, que muda de formato e de lado;
8. Ratinhos (“Os ratinhos”) – embora sejam exatamente os mesmos, eles são aproximados entre si, com redução de largura do campo no qual estão em pé. Os objetos – leque e caneca, presentes nas atividades, são alterados em detalhes no desenho e na posição da sombra;
9. Soldadinhos (“Soldadinhos do Brasil”) – a bandeira nacional é alterada para um formato mais aberto, tendo a lateral esquerda, que antes aparentava estar dobrada para trás e em movimento, aparece mais à mostra, para que se veja ela por inteiro, e os soldadinhos recebem mais texturas e sombras nos uniformes e nos capacetes.

Há atividades no livro didático, presentes nas seções de “Textos de Leitura” e de “Estórias”, enquanto que na de “Poesias” não há registros desse tipo. Além disso, observa-se que um capítulo pode apresentar o texto dividido em duas ou mais partes, intercaladas por alguns exercícios. Estes variam entre 2 a 7 inseridos ao final dos primeiros 17 textos (sendo alguns divididos em partes pelos blocos de atividades), distribuídos entre a seção de “Estórias” e a de “Poesias”¹⁷⁴.

¹⁷⁴ Os tipos de enunciados que aparecem nas atividades são: “Complete.”; “Marque, com uma cruz, a resposta certa.”; “Separe as sílabas...”; “Complete estas palavras.”; “Responda.”; “Escreva o nome de coisas...”; “Forme uma frase...”; “Conhece outras palavras que...”; “Desenhe... e escreva seu nome...”; “Leia as palavras abaixo e complete as frases.”; “Forme frases...”; “Coloque a pontuação...”; “Observe... e anote...”; “Observe... e escreva frases...”; “Leia as palavras e separe as sílabas.”; “Olhe os desenhos e escreva...”; “Leia e complete as frases com a palavra certa.”; “Escreva frases...”; “Faça uma lista...”; “Escreva as qualidades...”; “Escreva o nome...”;

Foi encontrada apenas uma atividade que envolve direta e especificamente a ilustração do texto, mas há também aquelas em que se solicitaria ao aluno para desenhar algo, que em alguns casos pode ter relação ou mesmo ser inspirado pela observação da ilustração e outros tipos de atividades que também estimulam a percepção visual do aluno. Alguns dos exemplos encontrados, nesse sentido, exemplificando oito formas diferentes que fariam o aluno trabalhar aspectos de visualidade, através de procedimentos e com recursos variados, foram: 1. “Desenhe uma casa e escreva o seu nome embaixo do desenho”; 2. “Observe um gatinho e anote como ele vive”; 3. “Observe a gravura da lição e escreva três frases bem bonitas”; 4. “Olhe os desenhos e escreva o que a mamãe faz.”; 5. “Passe uma linha ao redor da palavra que o desenho representa.”; 6. “Faça um calendário assim como mostra o desenho e anote diariamente, como está o tempo”; 7. “Faça uma coleção de sementinhas de tamanho, forma e cor diferentes”; 8. “Desenhe um peixe”.

Há, além desses supracitados, outros exemplos, que seguem o mesmo tipo de proposta de alguns desses elencados. Entretanto, no que se refere ao tratamento com a própria ilustração do texto, identificou-se apenas uma atividade que a envolve especificamente, na qual consta o seguinte enunciado: “Observe a gravura da lição e escreva três frases bem bonitas”.

Sobre indícios de circulação e usos do *Primeiro Livro do Guri*, conferiu-se a existência de carimbos, de registros impressos de vínculo a projetos e programas de governo e de dados relevantes encontrados nas marginais dos três exemplares analisados. No Exemplar 1 (2ª ed., 1968), foram encontrados dois registros de carimbo, com as seguintes informações impressas: Registro 1 – “Biblioteca Dra. Diva Barbosa de Oliveira / EEPG e Padre Juca / Cachoeira Paulista” (repetido três vezes, no início, no meio e no fim do livro didático); Registro 2: “19.04.1983 – T 613” (inserido uma vez, no início do livro didático). Nos outros dois exemplares, não foi encontrado nenhum carimbo.

Quanto a possíveis registros impressos de vínculo a projetos de governo, não foi encontrada nenhuma informação nos três exemplares do acervo. Em relação às marginais, no Exemplar 1 (2ª ed., 1968) não existe nenhum tipo de marcação realizada pelos

“Escreva.”; “Passe uma linha ao redor da palavra que o desenho representa.”; “Copie o nome da autora...”; “Faça uma coleção de... e anote ao lado...”; “Leia com atenção e escreva a palavra Sim ao lado das frases certas.”; “Cata-vento.” (instruções de como fazer) – “Anotar o que observar.”; “Escreva algumas frases sobre...”; “Faça um calendário...”; “Passe uma linha ao redor das sílabas que são iguais nestas palavras.”; “Copie... e escreva outras...”; “Escreva uma frase...”; “Anotar o que acontece.” (pós experimento indicado a se fazer); “Ligue, com uma linha, as sílabas que são iguais nestas palavras...”; “Ponha as palavras em ordem e escreva as frases.”; “Copie do texto que leu...”; “Desenhe... e escreva uma frase...”; “Você sabe como...?.”; “Passe uma linha ao redor das palavras que...”; “Escreva ao lado do nome de... o que...”; “Forme frases com as palavras...”; “Escreva o nome de...”; “Copie da leitura...”; “Marque a palavra Sim se a frase estiver certa...”; “Escreva o nome de...”; “Marque, com uma cruz, o nome...”; “Ponha as palavras em ordem e escreva a frase...”; “Você gostou...? Por quê?.”; “Conte em que ocasiões... verifique e anote o que aconteceu...”; “Desenhe...”; “Leia as frases e marque com uma cruz...”; “Separe as sílabas das palavras...”; “Escreva outras palavras com a sílaba...”; etc. Vale comentar que uma das expressões que mais aparece complementando as frases dos enunciados é “bem bonito(a)”.

usuários/leitores. No Exemplar 2 (3ª ed., 1969), além de algumas anotações a lápis, provavelmente realizadas pelos alunos portadores dos livros, predominantemente nas atividades, bastante preenchidas, foi encontrada apenas uma pintura à lápis de cor, em uma ilustração de texto. Nesse livro, foi encontrada uma etiqueta colada em uma das páginas, com o nome de uma pessoa (de sexo masculino) com sobrenome, escrito manualmente à caneta.

Ainda em relação às marginálias, no Exemplar 3 (s/ed.; s/d.), incompleto, na primeira página que consta no exemplar, há uma informação escrita à caneta indicando “+- 68”, provavelmente fazendo relação ao ano, podendo-se inferir que alguém tenha registrado a possível data de publicação ou mesmo de utilização do referido livro. Este exemplar também contém anotações e destaques à lápis, não apenas nas atividades (em menor quantidade que o livro anterior comentado), como também nos textos, sendo que nestes predomina a indicação de números sobre as palavras.

Um dado interessante, ainda no Exemplar 3 (s/ed.; s/d.), foi a identificação de algumas anotações à lápis com a data em que provavelmente uma determinada página seria ou foi utilizada. Porém, essas datas são de anos distintos, o que leva a inferir sobre a possível utilização do mesmo livro por alunos diferentes, ou mesmo que sejam registros de alguma professora, que utilizava o mesmo livro. Entre as ocorrências, sempre na margem superior, foram encontradas as seguintes anotações: na p. 15 – “Dia – 25-6-73”; na p. 19 - “Redação – 1º-10-71”; na p. 29 - “Leitura e escreva - 29/06/73 - 30/06/73” (a primeira data aparece rasurada). Aparentemente, as do mesmo ano (1973) parecem ser escritas por uma mesma pessoa, enquanto que a outra (1971), possui um formato um pouco diferenciado. Esses dados servem de indício sobre a circulação e a época em que o livro foi utilizado, mesmo que a referida edição tenha sido publicada alguns anos antes. Está registrado também o nome de uma pessoa (do sexo feminino) com seu sobrenome, anotado manualmente à lápis, na base da capa.

c) Segundo Livro do Guri

A primeira edição do *Segundo Livro do Guri* foi publicada em 1964. As autoras são as mesmas dos livros anteriores, professoras Flávia E. Braun e Rosa M. Ruschel. A ilustradora desse volume também foi a professora Helga Trein e a revisão foi realizada por Celso Pedro Luft. Entretanto, o nome deste profissional só começa a aparecer impresso na 9ª edição, publicada em 1966, dado que não confirma se o mesmo revisor trabalhou desde as primeiras edições ou se foi falha na disposição e publicação da relação dos profissionais envolvidos na produção do referido livro didático.

No acervo do Hisales há cinco exemplares deste livro, com as seguintes informações editoriais: Exemplar 1 – s/ed., 1965 (GURI_2L_SED_1965A); Exemplar 2 – 9ª ed., 1966

(GURI_2L_9ED_1966A); Exemplar 3 – 15ª ed., 1969 (GURI_2L_15ED_1969A); Exemplar 4 – s/ed., 1969 (GURI_2L_ SED_1969A) e Exemplar 5 – 16ª ed., 1971 (GURI_2L_16ED_1971A)¹⁷⁵. A seguir, são apresentados os dados do projeto gráfico-editorial e informações destacadas nos cinco exemplares e, na sequência, seguem as análises específicas das imagens.

No Exemplar 1 (s/ed., 1965), o formato do livro didático fechado é de 13 x 17 cm, menor que o das edições posteriores. Quanto ao acabamento, possui 0,7 cm de lombada, quadrada em formato brochura, ou seja, com o miolo colado e costurado, junto à capa e a contracapa. O tipo de acabamento não se altera nas edições posteriores e a lombada apresenta algumas pequenas alterações, para mais ou para menos, dependendo do exemplar, possivelmente pela variação de gramatura do papel utilizado na capa e no miolo do livro, entre as edições consultadas.

Com relação à quantidade de páginas, no Exemplar 1 (s/ed., 1965), 131 páginas aparecem numeradas, mas há páginas pré-textuais que não foram contabilizadas nesse número, sendo que algumas delas possuem uma numeração separada do I ao V, visto que uma nova numeração do 01 começa no primeiro capítulo do livro, posterior a elas. O mesmo acontece no Exemplar 2 (9ª ed., 1966), sendo que há uma folha a mais no final, sem conteúdo, terminando também em 131 páginas. No Exemplar 3 (s/ed., 1969), embora incompleto, pela falta das primeiras páginas, há 150 páginas numeradas, sendo que há mais duas no fim, uma com impressão de dados de gráfica e o verso vazio. O Exemplar 4 (15ª ed., 1969) contém 150 páginas numeradas e, por fim, o Exemplar 5 (16ª ed., 1971), que se encontra incompleto, faltando capa, contracapa e páginas, também contém o mesmo número de páginas numeradas, 150, com o acréscimo de uma folha no final, com os dados de gráfica na frente e com o verso vazio.

Passando-se para a análise das capas dos exemplares consultados, a capa do Exemplar 1 (s/ed., 1965) mantém a identidade visual utilizada nos livros anteriores, aproveitando a mesma imagem. O projeto gráfico apresenta a mesma montagem da fotografia com a tipografia já comentadas anteriormente, sendo que a imagem ocupa todo o seu espaço, de forma sangrada, com os dados de título, autores e marca da editora sobrepostos a ela, modificando o início do título de “Primeiro” para “Segundo”. A alteração que se observa é a justaposição do impresso que o guri lê na margem direita da capa.

A imagem, diferentemente do *Primeiro Livro do Guri*, cujo exemplar contém a mesma

¹⁷⁵ Os livros em que constam a definição “sem edição” assim estão pois não consta essa informação na folha de rosto ou em outro campo com informações editoriais específicas dos exemplares, seguindo-se então os critérios de catalogação adotados no Hisales, de manter a não identificação de tais dados. Entretanto, a informação sobre suas edições pode ser conferida na listagem de edições, exemplares e ano que se encontra disponível em alguns dos exemplares (em geral, no verso da chamada “falsa folha de rosto”, que antecede a folha de rosto). Por essa conferência, o Exemplar 1 corresponderia à 5ª, 6ª, 7ª ou 8ª ed. e o Exemplar 4 à 15ª ed.

fotografia, utiliza as cores preto e amarelo claro na impressão da cena retratada, enquanto que os elementos textuais estão com a cor amarelo claro. A contracapa contém a relação de três livros da *Coleção Guri* já editados e outros três em preparo, acompanhada da marca das Edições Tabajara, impressa apenas em preto, sobre o fundo de cor natural da cartolina. A capa e a contracapa podem ser vistas na Figura 68, a seguir.

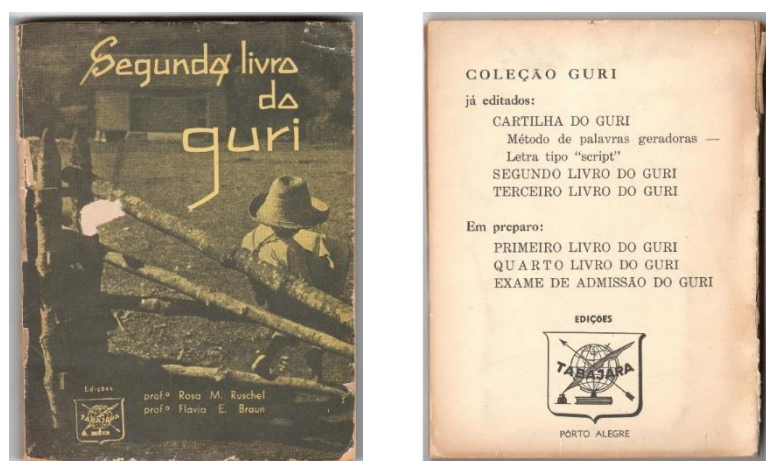


Figura 68 – Capa e contracapa do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Quanto ao tipo de papel utilizado na capa e na contracapa, é diferente do utilizado no miolo do livro, que são de qualidade inferior e de outra materialidade. Os detalhes a respeito dessas informações são os mesmos explanados no item anterior, sobre o *Primeiro Livro do Guri*.

No Exemplar 2 (9ª ed., 1966), há mudanças em alguns aspectos, tanto pela materialidade como pela visualidade, da capa e do miolo do suporte. O formato do livro didático fechado é um pouco maior que o anterior, visto que as medidas passaram a ser de 13,5 x 17,7 cm.

Quanto à visualidade da capa, a fotografia que vinha sendo utilizada até então foi substituída por outra. A cena retratada apresenta as mesmas características em geral, mas foi feita em uma outra época, com um ângulo um pouco diferenciado, no mesmo local. O ambiente é o mesmo, porque a escola se mantém no mesmo modelo e a cerca é idêntica à anterior, com a mesma posição dos troncos de madeira que se entortam, sobre o qual em um deles o guri está sentado e que aparentemente é outro, o chapéu é diferente, o estilo de roupa permanece e os chinelos, que não se enxerga na foto anterior (pelo chão estar muito escuro ou mesmo por não estarem no local), agora estão visíveis no chão, perto dos seus pés.

Percebe-se que são mostrados outros detalhes da cena, com mais paisagem, típica do pampa gaúcho, ao fundo e nas laterais, pois essa fotografia foi feita com uma distância maior em relação ao guri e à escola, proporcionando um enquadramento mais amplo e aberto

do lugar. O guri, em primeiro plano, que antes ficava mais à direita da cena, pela mudança do ângulo da foto, agora está no meio. Observa-se uma nova construção, ao fundo e à direita da escola, sangrada na margem lateral direita da capa, que deve ser provavelmente um local com banheiros, pelo formato da edificação e pelas características das portas. À esquerda da escola e no fundo do cenário, também aparece parte de outra construção, parcialmente coberta por árvores e difícil de se identificar, mas que parece ser uma casa.

Na frente da escola, que está ao fundo e agora próxima à margem direita da capa (antes, na outra fotografia, era à margem esquerda), aparecem três crianças, de pé, parecendo terem sido colocadas estrategicamente ali para a fotografia, pois duas delas (uma gurua maior de vestido branco e um guri menor de camiseta azul) estão exatamente alinhadas às extremidades esquerda e direita de uma parede semelhante a um cobogó (sobre o qual já foi comentado anteriormente no texto, por ser um padrão das “brizoletas”), uma área vazada em quadriculados e de tom azulado, enquanto a outra (uma gurua com blusa preta), está no canto esquerdo da “brizoleta”, todas olhando em direção ao guri sentado na cerca. O título da coleção está em posição distinta, pois está à esquerda e não se sobrepõe mais ao telhado da escola, mas sim ao céu da paisagem, trocando de lugar com a marca da editora e com os nomes dos autores, que agora estão à direita da capa.

Além disso, uma das diferenças mais perceptíveis está na contracapa dessa edição, que apresenta uma outra fotografia, também sangrada e ocupando toda a superfície, com uma paisagem – também ressaltando o pampa gaúcho, que a princípio, em uma rápida visualização parece ser a continuidade da que consta na capa, mas que na verdade, se trata de outra cena, também aparentemente preparada para ser registrada, pela disposição dos elementos. Próximo à margem esquerda da contracapa aparecem três crianças sentadas na grama de um campo, à frente de uma cerca com corrente e com uma paisagem extensa de natureza ao fundo, entre o verde dos campos e o azul do céu. Essas crianças estão também próximas e à frente de uma árvore, que parece uma espécie de coqueiro e estão olhando em direção ao fotógrafo. São as mesmas crianças retratadas na capa, ou seja, duas gurias (a da direita, maior que os demais, de roupa clara, e a do centro, de blusa preta e calça azul escuro) e um guri (à esquerda, vestindo uma camiseta azul e calça clara). Não há nenhuma informação sobreposta a essa foto na contracapa, mas na 3ª capa consta uma listagem, com a divulgação de livros variados da Tabajara, impressa em preto, assim como na 2ª capa, que também apresenta uma relação de algumas coleções didáticas.

No decorrer da pesquisa, descobriu-se um dado interessante: as três crianças dessas duas fotografias, acima descritas, são filhas do próprio editor Joel Tabajara, responsável pelas Edições Tabajara. A gurua maior (de vestido branco) é a Myriam, a gurua menor (de blusa preta e calça azul) é Carmen e o guri pequeno é Joel Filho, os três com diferença de cerca de dois anos de idade entre si, do menor à maior, tendo nessa época

provavelmente cerca de 7, 9 e 11 anos (atualmente estão com 62, 64 e 66 anos).

Segundo o relato de Carmen Tabajara (2018), seu pai Joel Tabajara tinha o costume de visitar as escolas do estado e fazia isso com frequência. No âmbito desta pesquisa, ela relatou que, certa vez, em um sábado pela manhã, levou os filhos junto para ver esses locais, em especial aqueles da zona rural e, assim, possivelmente escolher a que mais lhe agradasse para fazer fotografias. Pediu que elas parassem nas posições solicitadas e, então, ele mesmo fotografou os filhos no cenário escolhido. As crianças não sabiam qual o propósito das fotos e se já eram intencionais para a capa da coleção, por exemplo. Joel Tabajara tinha boas máquinas fotográficas importadas e gostava muito de fotografar. Quanto ao guri da capa, em primeiro plano, era habitante da própria região da escola, sem vínculo com a família. A localização desse lugar retratado é no interior de Novo Hamburgo/RS, na zona rural, mas o nome da escola, uma “brizoleta”, não foi possível de ser identificado (Carmen Tabajara, 2018). A Figura 69, a seguir, ilustra as imagens da capa e da contracapa da referida edição.



Figura 69 – Capa e contracapa do *Segundo Livro do Guri* (9ª ed., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Com base nas informações obtidas pelo relato de Carmem Tabajara (2018), procurou-se tentar identificar mais dados sobre a referida escola da fotografia na qual ela aparece com seus irmãos. Pelos estudos de Souza (2011), é provável que essa escola seja a Escola Municipal D. Pedro I, situada na localidade de São João do Deserto, no bairro rural de Lomba Grande, em Novo Hamburgo. Segundo o autor, essa escola, quando foi fundada era estadual e no formato de uma “brizoleta” e, posteriormente, passou a ser de administração da Secretaria de Educação do município. Em entrevista realizada por Souza (2011) com a professora Rosângela Thiesen, a mesma afirmou que escola tinha poucos alunos e foi fechada no processo de nucleação que ocorreu no município, no final da década de 1980. O prédio fora construído na área de terra pertencente à família Pereira, que tinha um armazém na proximidade. Atualmente, a construção não existe mais.

A partir desses relatos e pelas informações que puderam ser coletadas, nesse caso,

é possível ver como as “[...] fotografias podem ser consideradas ambas as coisas: evidência da história e história. Elas são especialmente valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado” (BURKE, 2017, p. 40).

Em relação aos Exemplares 3 e 4 (15ª ed., 1969; s/ed., 1969), a capa e a contracapa são iguais entre si. Assim como aconteceu no *Primeiro Livro do Guri*, esses exemplares têm maior formato que as edições anteriores, com medidas de 14 x 20,7 cm. Nessas versões, aparece na capa o projeto gráfico no qual a imagem é uma pintura baseada na fotografia, conforme anteriormente comentado, nos casos da *Cartilha do Guri* e do *Primeiro Livro do Guri*. A imagem e a disposição do texto são as mesmas, modificando-se apenas a parte inicial do título para “Segundo” e mantém a barra vermelha na margem inferior, anteriormente explanada. Há uma pequena variação na tonalidade da impressão entre as duas versões, mas nada significativo. Na contracapa, consta uma relação de “Livros de acordo com os novos programas de ensino oficiais e com edições especiais para cada estado do Brasil”, impresso em preto, sob o fundo de cor original do papel. A seguir, a Figura 70 apresenta a capa e a contracapa de um dos exemplares aqui referidos, mas que, conforme dito, são semelhantes.



Figura 70 – Capa e contracapa do *Segundo Livro do Guri* (15ª ed., 1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Pelo fato de o Exemplar 5 (16ª ed., 1971) não estar completo, pois faltam a capa, contracapa e algumas páginas, não foi possível analisar a parte externa, como feito com os anteriores. A seguir, são tratados outros aspectos observados e comparados entre os exemplares.

Todos os exemplares apresentam o miolo, ou seja, as páginas pré-textuais, textuais e pós-textuais, impressas apenas em preto. Com relação à diagramação do conteúdo, o Exemplar 1 (s/ed., 1965) tem um modelo, o Exemplar 2 (9ª ed., 1966) tem outro, e os Exemplares 3, 4 e 5 (15ª ed., 1969; s/ed., 1969; 16ª ed., 1971, respectivamente) seguem um mesmo modelo. As modificações não são aqui detalhadas, mas, em geral, observa-se que nos dois primeiros exemplares, há utilização de vários tipos de tipografia, com e sem serifa,

de tamanhos e estilos diferentes, sendo que no primeiro, o texto é escrito todo em tipografia serifada, enquanto que no segundo, ele já passa para uma tipografia bastão e sem serifa, de estrutura mais alongada, a mesma que é utilizada como padrão, nos exemplares seguintes, que já não apresentam tantas variedades de tipos de fontes e apresentam melhor organização do conteúdo e uma hierarquia dos dados, em relação aos anteriores. Isso inclusive se observa, também, na questão da disposição das informações, espaçamentos, alinhamentos e estruturação do conteúdo das páginas.

No que se refere ao conteúdo do *Segundo Livro do Guri*, considerando-se o disposto no índice e nas páginas relativas a seus capítulos, não foi encontrada nenhuma diferença entre os exemplares. O índice está dividido em basicamente duas partes, na primeira apresenta as atividades separadas entre Gramática Funcional, Estudos Sociais e Ciências Naturais e na segunda são listadas as nove unidades e seus respectivos textos, todos acompanhados de suas paginações. O Quadro 06, a seguir, mostra essas informações.

Quadro 06 – Índice do *Segundo Livro do Guri*.

ÍNDICE DO SEGUNDO LIVRO DO GURI	
ATIVIDADES GRAMÁTICA FUNCIONAL 1. Noção de sentença (a. Variação dos termos de uma sentença; b. Separação dos fatos ou orações da sentença); 2. Noção de verbo: Conhecimento principal da oração e do infinito dos verbos; 3. Noção de sujeito: Interpretação das relações dos elementos da sentença com o verbo – Sujeito formado por nome de pessoa, animal ou coisa; 4. Noção de substantivo – Reconhecimento da palavra principal do sujeito – Generalização do termo substantivo; 5. Noção de singular e plural; 6. Sinônimos e antônimos; 7. Substantivos próprios e comuns; 8. Noção de masculino e feminino. ESTUDOS SOCIAIS 1. A escola; 2. A localidade; 3. Fenômenos naturais; 4. Vestuário; 5. Meios de transporte e comunicação; 6. Produção e comércio; 7. Trabalho do homem. CIÊNCIAS NATURAIS 1. Vegetais comuns na localidade; 2. Vegetais que possuem raiz, caule, folha, flores, frutos, sementes, etc.; 3. Estudo comparativo dos vegetais; 4. Condições necessárias à germinação; 5. Fôlhas – simples e compostas, disposição nos ramos e diversidade na disposição das nervuras; 6. Água – efeitos nas margens dos rios, na formação de rochas sedimentares; 7. Chuva – modificações que provoca; 8. Minerais; 9. Conservação da saúde; 10. Alimentação; 11. Classificação dos alimentos; 12. Função dos órgãos principais do corpo humano; 13. Animais.	UNIDADES I UNIDADE – A escola 1. O caminho da escola; 2. Na escola; 3. Conversa com a professora; 4. Coisas que queremos saber. II UNIDADE – A localidade 5. Por que há pessoas que trabalham na roça?; 6. O município; 7. O povoado; 8. No campo; 9. Uma cidade pequena; 10. Uma cidade grande; 11. A cidade; 12. O rato do campo e o rato da cidade. III UNIDADE – As estradas 13. Uma estrada boa é importante?; 14. Uma descoberta; 15. A estrada; 16. Mais uma descoberta; 17. O telégrafo; 18. A carta; 19. O arroio. IV UNIDADE – O trabalho 20. Onde trabalham as pessoas?; 21. O boi de canga; 22. Milho verde; 23. A fábrica; 24. Outras profissões. V UNIDADE – Vestuário 25. Como se vestem as pessoas?; 26. Os índios; 27. As roupas de Élide; 28. As estações do ano; 29. O amigo sol; 30. A chuva. VI UNIDADE – Alimentação 31. Por que as pessoas precisam se alimentar?; 32. Uma receita para mamãe; 33. A salada de alface; 34. Uma visita importante; 35. O corpo humano; 36. O trigo. VII UNIDADE – As plantas 37. As plantas têm vida?; 38. Onde observar as plantas; 39. O canteiro; 40. Primeiras plantinhas; 41. No meu quintal; 42. A folha de cinamomo; 43. O aviãozinho Travesso. VIII UNIDADE – Os animais 44. Os animais são amigos do homem?; 45. A vaca; 46. O ninho de João-de-Barro; 47. Piloto; 48. O amigo das abelhas; 49. Tu sabias que; 50. A rãzinha. IX UNIDADE – Minerais 51. Como são as pedras?; 52. As três bolinhas. Finalizando o índice, sem vínculo à última unidade, constam os capítulos: 53. Ideal; 54. Papai do céu obrigado.

Fonte: Dados da autora (2018), a partir dos exemplares do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965; 9ª ed., 1966; 15ª ed., 1969; s/ed., 1969; 16ª ed., 1971, Ed. Tabajara) - acervo Hisales.

Em alguns dos textos, referidos no índice supracitado, são apresentados os autores e/ou procedência, tais como: Edvete da Cruz Machado (No campo; A chuva); Eleanor Farjeon (A cidade – adaptação); Annette Wynne (O telégrafo – Tr. de E. da Cruz Machado); A carta – Tr. de E. da Cruz Machado); Walter N. Freitas (O trigo); M. Odila Bueno (No meu quintal); Adaptação – anônimo (O aviãozinho Travesso; As três bolinhas; Papai do céu obrigado); Vicente Guimarães (Ideal).

No Exemplar 1 (s/ed., 1965), o conteúdo termina no último capítulo, sem outros assuntos ao final do livro. No Exemplar 2 (9ª ed., 1966), apesar do conteúdo, em geral, ser praticamente o mesmo, pois não há modificações no índice e no miolo do livro (com exceção das características de diagramação), observa-se algumas alterações no que se refere à pontuação, conjugação, ordenação e estrutura de determinados trechos de parágrafos dos textos e das atividades. Os ajustes são em alguns detalhes, para correção e melhoria do conteúdo escrito, sem interferência significativa na interpretação do texto. Essas constatações indicam que houve revisão do conteúdo, mas não é possível afirmar em qual edição isso ocorreu, por não se ter acesso a todas elas para comparação, mas pelas datações dos exemplares analisados, isso deve ter ocorrido em um espaço curto de tempo, em menos de um ano, pois apesar de ser da 9ª edição, é de 1966, apenas um ano após o anterior.

Já no Exemplar 3 (15ª ed., 1969) e no Exemplar 4 (s/ed., 1969), o conteúdo segue o mesmo dos livros anteriores, mesmo em novo formato físico e com reorganização dos textos nas páginas. Entretanto, observa-se que houve nova correção dos textos, principalmente pela modificação da conjugação dos verbos, que antes era em concordância com “tu” e nesses exemplares passa a ser “você”, o que é bastante notável nos enunciados das atividades. Isso permite inferir que houve necessidade de adequação da linguagem dos livros didáticos para a circulação em outros estados, no qual predomina a escrita pela segunda pessoa do singular “você”, considerada como um padrão e, de certa forma, mais formal de se referir a alguém do que o termo “tu”, sendo que este é utilizado, pelo menos informalmente, com maior recorrência na região sul do país.

Esse dado é relevante, pois revela justamente como um livro didático passa por alterações, por vezes imperceptíveis, mas importantes para se adaptarem a contextos diferentes. As estratégias editoriais, no que diz respeito à ampliação do público alvo de um livro didático e à necessidade de o mesmo ser vendável e rentável, indicam justamente para a dimensão do suporte como uma mercadoria, que precisa ser adequada aos interesses e à demanda. Isso mostra que um livro não é apenas um instrumento didático-pedagógico, mas um artefato complexo, inserido em uma lógica comercial, de produção e de circulação (LUKE, 1988). Bittencourt (1993) também discorre a respeito disso, ao considerar que o livro didático:

[...] é uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencente aos interesses do mercado, mas é também um depositário dos diversos conteúdos educacionais, suporte

privilegiado para se recuperar os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais por uma sociedade em uma determinada época. Além disso, ele é um instrumento pedagógico “inscrito em uma longa tradição, inseparável tanto na sua elaboração como na sua utilização das estruturas, dos métodos e das condições do ensino de seu tempo.” E, finalmente, o livro didático deve ser considerado como veículo portador de um sistema de valores (BITTENCOURT, 1993, p. 3).

No fim dos capítulos, nas últimas folhas, na parte pós-textual, esse livro apresenta em uma página as “Sugestões para o professor”, com a relação de algumas obras didáticas e nas três seguintes consta uma outra listagem, mais extensa, de “Livros editados de acordo com os novos programas de ensino”, da Tabajara. No Exemplar 5 (16ª ed., 1971) foi encontrado o mesmo conteúdo que os acima referidos, sem alterações.

Os personagens principais, Olavo e Élide, obviamente estão presentes nas páginas do *Segundo Livro do Guri*, mas curiosamente aparecem crescidos e, já no primeiro texto, é informado ao leitor que ambos estão no segundo ano escolar.

Nesse livro, eles estão sempre juntos em todas as histórias, sendo citados em 11 textos e aparecendo nas respectivas ilustrações e, ainda, em outras 07 ilustrações eles aparecem mesmo sem serem citados na sua correspondente narrativa textual, enquanto 06 textos citam algum deles sem a ilustração incluir o devido personagem. Entre os demais textos, nenhum tipo de vínculo com Olavo e Élide, aparentemente, foi identificado, embora alguns relatos sejam contados na primeira pessoa do singular ou do plural, podendo significar que sejam eles contando algo para o aluno que lê o livro didático.

Até o *Segundo Livro do Guri* não há informação de que os personagens Olavo e Élide estariam frequentando a mesma classe, visto que nesse livro ambos aparecem na mesma turma da escola. Isso provoca um questionamento sobre a possibilidade de serem gêmeos ou que algum deles tenha reprovado de ano escolar, enquanto nos livros anteriores eles parecem ter idades distintas, comparando-se as suas características anatômicas mostradas nas ilustrações, pois apresentam uma discreta diferença de tamanho. Outra possibilidade seria, ainda, o fato de frequentarem o mesmo nível escolar, mesmo com idades diferentes e sem reprovação anterior, o que era comum em certas escolas, principalmente na zona rural, quando o acesso à educação ainda era mais dificultado. Existe, também, uma probabilidade de que esses aspectos tenham sido decorrentes de uma falha de atenção, durante a concepção e o planejamento do conteúdo, considerando a continuidade dos livros e o crescimento dos personagens envolvidos.

Além desses dois personagens principais, nesse livro aparecem também a professora, tanto nos textos como em algumas ilustrações, mas sempre sem identificação de nome, além do prefeito da cidade, também não identificado. Há, ainda, um cachorro, diferente do anterior, chamado Pilôto, o avião Tequinho, o Tio Hugo e a rãzinha Tali. Outros personagens aparecem, mas sem muita ênfase e sem serem nomeados.

Colocando-se em evidência as imagens, o primeiro dado é de que, no *Segundo Livro do Guri*, também é utilizada apenas um tipo de imagem, no caso a ilustração, pois ainda não aparecem mapas e fotografias nas páginas. Ressalta-se que as informações, a seguir, são baseadas na análise do Exemplar 1 (s/ed., 1965), por ser este o mais antigo. Não foram encontradas alterações significativas nas ilustrações comparadas entre os cinco exemplares consultados, mas algumas ocorrências são destacadas no decorrer do texto.

Foram identificadas 55 ilustrações distribuídas no *Segundo Livro*, que são igualmente colocadas acima do texto e o tamanho é diminuído, comparando-se às das inseridas nos livros anteriores, levando-se em consideração, também, que a quantidade de texto aumentou, nas páginas.

O que mais se diferencia em relação à *Cartilha do Guri* e ao *Primeiro Livro do Guri*, considerando os aspectos gerais das ilustrações, é a presença de contorno retangular ao redor das ilustrações, formando uma moldura, que inexiste nos outros livros. As ilustrações encostam nas molduras e são feitas de forma com que pareçam ter continuidade, pelos elementos cortados nas bordas e, em alguns casos, há pequenas partes de objetos, plantas ou corpos que se sobressaem um pouco para fora da linha de limite desse contorno, dando ideia de expansão da imagem. Com isso, o aspecto geral da página é modificado por esse detalhe que interfere no *layout* da mancha gráfica. Entre todas as ilustrações, apenas 02 delas não apresentam moldura. Entretanto, ao comparar-se com as impressas no Exemplar 5 (16ª ed., 1971), o mais recente, nota-se que foram retirados todos os contornos das ilustrações, ou seja, as molduras não são um elemento padrão entre as distintas edições do mesmo livro.

Observa-se que, como previsto e dando continuidade aos objetivos das autoras anteriormente explanados, há muitos textos que tratam sobre variadas características do espaço rural, identificado como “roça”, em contraposição às das cidades. Enquanto há várias ilustrações que exploram o ambiente na zona rural, destacando aspectos de produtividade e do trabalho realizado na roça, valorizando a função dos agricultores e de sua relação com os alimentos, os animais e a natureza, há outras que mostram os avanços e a modernização da cidade, com as inovações em transportes e tecnologias. Repara-se que, embora sejam contrastantes, ambos os ambientes, urbano e rural, são valorizados, considerados importantes e colaborativos entre si. Isso mostra o interesse, por parte das autoras, de que os alunos sejam informados sobre essas questões e conheçam as características particulares de cada região, percebidas tanto pelos textos como pelas ilustrações.

Para exemplificar isso, a Figura 71, a seguir, mostra três páginas com diferentes pontos de vista sobre o campo, que podem ser percebidos diretamente pela observação das ilustrações, independentemente do que informam os respectivos textos. Da esquerda para a direita, a primeira ilustração mostra a lida de um homem na roça, a segunda apresenta as crianças contemplando a paisagem rural e, na terceira, as próprias crianças estão colhendo e

observando os frutos da terra. Por esses exemplos, nota-se que “uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo que um texto levaria muito mais tempo para descrever, e de forma mais vaga [...]” (BURKE, 2017, p. 125).

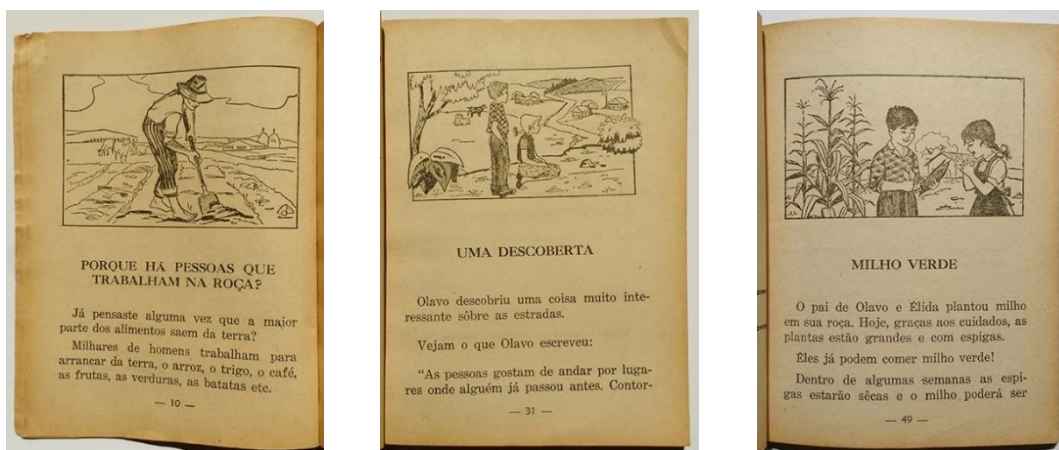


Figura 71 – P. 10, 31 e 49 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Já no que se refere à abordagem dos espaços urbanos, nas ilustrações do livro didático, há três textos cujos conteúdos tratam sobre povoado, pequena cidade e grande cidade e suas principais características. É possível observar isso também apenas pelas ilustrações, comparando-as entre si, sem a necessidade de leitura do conteúdo textual, pois as características de cada cenário são bem definidas, com detalhes pertinentes a cada um deles, o que pode ser conferido na Figura 72, a seguir. Nota-se, entre as três ilustrações exibidas, a diferença e as características que evidenciam a evolução de cada um dos locais, tais como o tipo de rua, modelo e tamanho das construções, transportes, vestimenta das pessoas e cenário em geral.



Figura 72 – P. 15, 19 e 21 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Há, ainda, o caso de comparação entre as estradas rurais e urbanas, em textos distintos, mostrando o progresso da sociedade e as facilidades no trânsito entre o campo e a cidade, contribuindo para o transporte de pessoas e carregamento de produtos para comercialização em diferentes locais, como pode ser visto na Figura 73, a seguir. O interesse em mostrar e comparar esses aspectos, que também são representados nas ilustrações do livro didático, se deve ao fato de que “no caso de vistas externas de cidades, os detalhes de determinadas imagens algumas vezes possuem especial valor como evidência” (BURKE, 2017, p. 129).

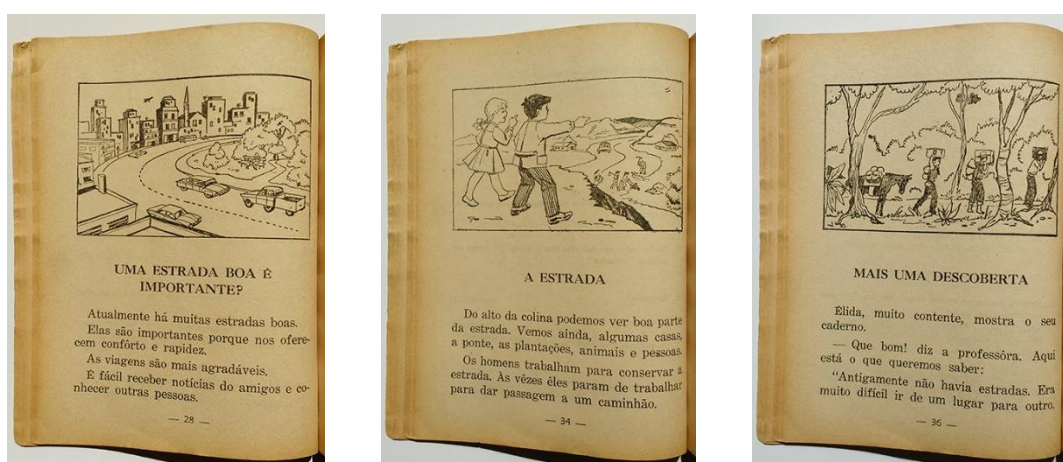


Figura 73 – P. 28, 34 e 36 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara).
Fonte: Acervo Hisales.

Nesse sentido, pela Figura 73, acima, observa-se que na ilustração da estrada no campo (no meio), ela está em manutenção e reforçando a ideia do trabalho braçal do homem, que é importante para as melhorias pretendidas quanto ao acesso de veículos, que por ali transitam. Na ilustração da estrada na cidade (à esquerda), é possível ver símbolos da modernização, pelas estruturas dos prédios, a presença de um avião e uma movimentação de veículos de transporte, tanto os típicos de cidade como um típico de zona rural, mas que também era visto circulando nas cidades. Pelas características dos carros, se assemelham muito aos de modelo *Ford Galaxie*, de origem americana e que começaram a aparecer no Brasil na década de 1960, considerados de luxo, ainda eram novidade e chamavam atenção das pessoas pelas ruas. Esses se contrapõem, então, ao estilo da caminhonete, posicionada logo atrás, mais rústica e simples, que remete aos modelos do tipo *Pickup Ford Willys*, também clássica daquele período, que era bastante utilizada para as viagens entre os povoados do interior e as cidades, carregando produtos e animais provenientes da zona rural.

Já na ilustração em que não aparece uma estrada (à direita), trata-se de uma tentativa de mostrar os aspectos originais da natureza, quando ainda era preciso percorrer as distâncias por caminhos trilhados e desbravados por entre árvores e vegetações, contando

com o auxílio de animais, como os cavalos, para se locomover e carregar pacotes entre os pontos de origem e de destino, quando os meios de transporte eram diferentes e mais lentos. Isso também demonstra características de um tempo maior necessário e dos esforços empreendidos, com maior desgaste, pelos homens e animais, nessas atividades.

No *Segundo Livro do Guri* aumenta a quantidade de ilustrações relacionadas à escola, inclusive mostrando características do interior do prédio, que contribuem para uma compreensão do contexto da época. Nesse sentido, segundo Ferraz e Bastos (2017, p. 256), “o estudo da imagem como um arquivo da memória escolar e das práticas educativas é um dispositivo de informação e de formação”.

Pode-se ver isso em alguns exemplos notáveis nas páginas dos livros da *Coleção Guri*. No caso do *Segundo Livro do Guri*, na Figura 74, a seguir, a imagem da página ao centro, mostra uma sala de aula, na qual se vê a forma com que estão organizadas e agrupadas as classes, o clássico mapa pendurado na parede, além dos gestos e posições em que se encontram os alunos e a professora.

Além disso, nas imagens das demais páginas, à esquerda e à direita, também é possível ver que a professora já não aparece com o cabelo penteado com um coque ou preso, com aspecto senhoril e formal, como nas ilustrações dos livros anteriores, e é representada com o cabelo solto e uma fita na cabeça, acessório muito comum de ser usado pelas mulheres no decorrer da década de 1960. Isso mostra a mudança de um perfil docente, que aparenta ser mais jovem, despojada e alinhada com a moda da época, muito embora os alunos e alunas continuem sendo representados com os tradicionais uniformes escolares.

Percebe-se, ainda, a representação da postura dos alunos, como tradicionalmente era orientado nas escolas, em respeito à autoridade, como é o caso do exemplo mostrado na ilustração à direita, na qual se nota que estão com as mãos posicionadas para trás do corpo, em visita ao prefeito do município, acompanhados da professora.

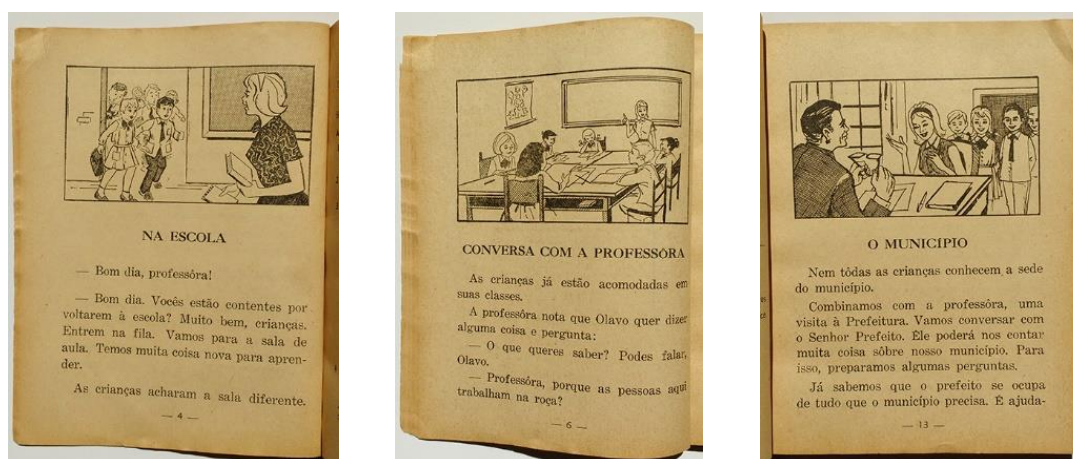


Figura 74 – P. 04, 06 e 13 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Com relação às imagens que fazem referência ao nacionalismo e a representação gráfica dos ideais de civismo divulgados no período, também foram encontrados dois exemplos no *Segundo Livro do Guri*, com o objetivo de se exaltar o sentimento patriótico pelo Brasil. Nesse caso, faz-se referência à exibição da bandeira nacional, hasteada na escola frequentada pelas crianças, que pode aparecer tanto como elemento em determinada cena como pode ser o foco de atenção principal de outra.

Os exemplos a seguir, na Figura 75, mostram essas duas possibilidades. Na primeira ilustração, à esquerda, a bandeira aparece hasteada em frente à escola, que está ao fundo da cena representada, mas de forma que esteja bem visível, visto que a proposta da imagem é dar visibilidade ao contexto escolar, neste caso conferindo protagonismo aos personagens Olavo e Élide, uniformizados, que se estão dirigindo à escola. Na outra ilustração, à direita, nota-se alguns aspectos de um evento de hasteamento da bandeira nacional, que não são explanados na narrativa textual, mas podem ser visualizados pelos detalhes representados. Percebe-se o gesto do aluno, envolvido com o ato de hastear a bandeira no mastro posicionado no pátio da escola, assim como a postura e posicionamento dos demais alunos e professora, diante do acontecimento, todos em posição ereta, com as pernas juntas e os braços para trás do corpo, olhando para aquele símbolo visual, entendido classicamente como a representação máxima do Brasil, inclusive perante a outros países.

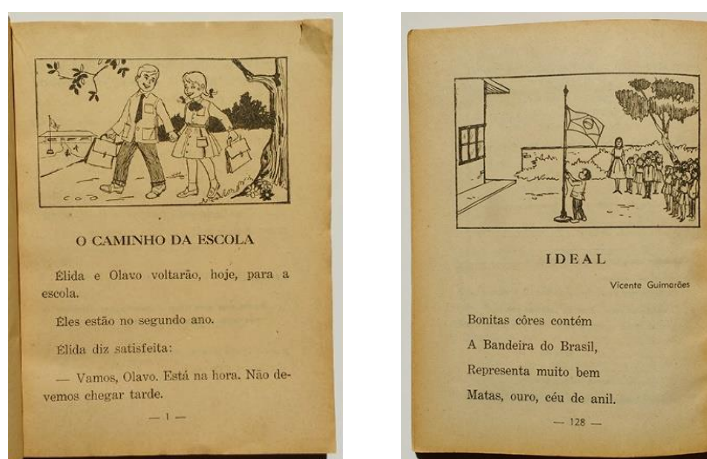


Figura 75 – P. 01 e 128 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Sendo um símbolo da pátria, quando a bandeira é representada graficamente, no formato de um pano retangular, costuma ter os detalhes do emblema bem visíveis, para facilitar o entendimento do leitor e a associação praticamente imediata com esse tipo de identidade nacional, a partir dos conceitos envolvidos, mesmo não podendo ser impressa a cores, em alguns livros didáticos. Em geral, o retângulo (verde) de base, o losango (amarelo) sobreposto e um círculo ao centro e acima dele (azul), são facilmente reconhecíveis nas

ilustrações. Entretanto, a faixa (branca) que atravessa o círculo no meio, com o lema nacional “Ordem e Progresso” em letras maiúsculas (verdes), assim como as 27 estrelas (brancas) de cinco pontas e distribuídas sobre esse mesmo campo (todas dentro do círculo, acima e abaixo da faixa), nem sempre são possíveis de serem representadas ou facilmente distinguidas, devido ao tamanho e proporção dos elementos constantes na superfície impressa.

Além da retirada das molduras das ilustrações no exemplar mais recente, a única diferença mais evidente e significativa no conteúdo das ilustrações, ao comparar-se os dois exemplares do *Segundo Livro do Guri* já mencionados, foi o caso de um desenho de um bonde em uma rua de certa cidade, que foi transformado em um ônibus, na edição posterior. Nota-se que, no exemplar mais recente, de 1971, houve uma redução nas dimensões da ilustração e, embora o cenário ao fundo tenha permanecido o mesmo da ilustração do exemplar anterior, de 1965, a estrutura da carcaça do bonde foi mantida, mas o seu preenchimento foi alterado para que se visse, nessa nova versão, um ônibus transitando na rua. Além do mais, o cabo que unia o bonde aos fios de energia elétrica e os trilhos por onde ele passava desapareceram na nova ilustração.

O texto referente à essa ilustração, que já estava identificado como sendo uma adaptação de “A cidade”, de autoria de Eleonor Farjeon, também foi alterado, pois o transporte citado, que antes era um bonde, passou a ser um ônibus. Pode-se inferir que houve intenção de se atualizar essas informações, pela evolução dos transportes nas cidades, com o decorrer do tempo e, dessa forma, pretendia-se manter os alunos atentos aos recursos disponíveis para locomoção naquela época. Na Figura 76, a seguir, com as páginas das edições de 1965 e de 1971, é possível conferir essas adaptações realizadas, tanto na ilustração como no texto.

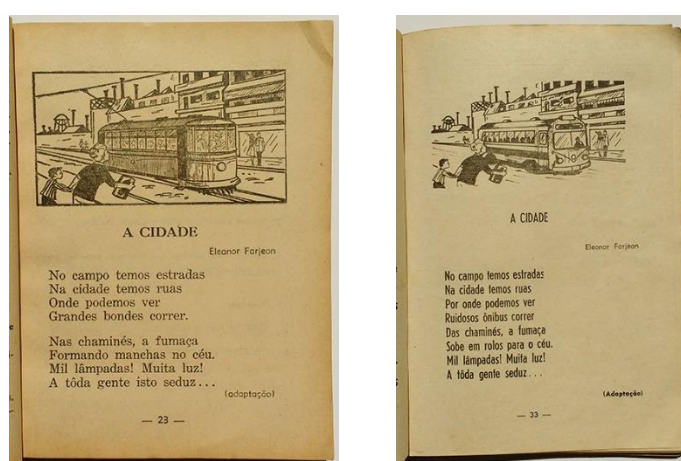


Figura 76 – À esquerda, p. 23 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 33 do *Segundo Livro do Guri* (16ª ed., 1971, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

A ocorrência mostrada na Figura 76, acima, evidencia mais uma vez a relevância de

se analisar várias edições de um mesmo livro didático, quando possível, pois desta maneira são encontrados dados que revelam as sucessivas revisões e alterações das narrativas textuais e visuais desses suportes, entre outros aspectos que também podem ter sido modificados, como a diagramação, materialidade, etc.

Novamente, com esse exemplo recém mostrado, é possível destacar as estratégias editoriais, por vezes aparentemente menores, que indicam a atenção que editores, autores, ilustradores, etc., têm para a necessidade de adaptações e/ou modificações nas páginas desse impresso. Por vezes, essas alterações podem ser feitas em um curto espaço de tempo, entre uma edição ou reedição e outra, como foi o caso aqui estudado, no qual foi feita a mudança da ilustração de um bonde para um ônibus, bem como no trecho do texto, de “Grandes bondes a correr” para “Ruidosos ônibus a correr”.

No *Segundo Livro do Guri* também há textos que exemplificam as possibilidades de comunicação, mostrando o telégrafo e a carta aos alunos, recursos que mesmo tendo sido inventados anteriormente à produção desse livro didático, talvez ainda fossem sistemas de acesso restrito e pouco utilizado por moradores das zonas rurais, daí a ideia de dedicar páginas a esse conteúdo, provavelmente. Isso se relaciona a um contexto de época também, revelando, mais uma vez, a relação que há entre produção didática e contexto, imagens e texto. Um livro didático é, sempre, produto de seu tempo.

Em ambos os casos citados (telégrafo e carta), as ilustrações por si só e descoladas do referido texto, podem representar outros temas, diferentemente do conteúdo pretendido. Trata-se aqui, também, da associação entre as narrativas textuais e visuais, que deveriam se complementar e colaborar na compreensão do aluno. No caso do texto sobre o telégrafo, a ilustração exhibe, em primeiro plano e com destaque, um conjunto de postes com fiação elétrica, em frente ao campo, com uma vegetação típica de plantação próxima a uma casa, que está no fundo do cenário. Esta cena poderia facilmente ser entendida como representativa da evolução da energia elétrica no interior do estado. Entretanto, dificilmente essa mesma cena seria associada a um telégrafo, como foi pretendido, sem a leitura do respectivo texto, embora esse sistema de comunicação dependa dos mesmos itens para funcionar.

Já no caso do texto sobre a carta, esse é um dos poucos no livro em que a ilustração cria uma ilusão, unindo elementos de fantasia à realidade, pelo fato de a carta ter cabeça, corpo, braços e pernas, através de um personagem identificado como sendo um “anãozinho” (conforme indica o texto), um personagem fantástico, que está se movimentando em uma paisagem, de fundo campal, e levando a mensagem para outra pessoa, em outro lugar. Esse também é um exemplo que, para ser efetivamente compreendido pelo aluno, necessita da leitura do texto, visto que a ilustração pode gerar outras interpretações. Ambos os casos, do telégrafo e da carta, são mostrados em suas respectivas páginas, na Figura 77, a seguir.



Figura 77 – P. 39 e 41 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Apesar desse caso com a ilustração da carta, acima mostrado, é notável, em todo livro, a redução de ilustrações com personagens animais e objetos com feições e características humanas. Com essa reflexão, a partir dos exemplos recém mostrados, cabe destacar o que dizem Lupton & Phillips (2008, p. 108):

Uma imagem vista sozinha, sem nenhuma palavra, fica aberta a interpretações. Adicionando-se texto a ela, altera-se seu sentido. A linguagem escrita torna-se um delimitador para a imagem, direcionando a compreensão do observador, tanto por meio do conteúdo das palavras como pelo estilo e pela localização da tipografia. Do mesmo modo, as imagens podem mudar o sentido de um texto.

Na Figura 78, a seguir, são mostrados dois outros exemplos, que recorrem a esses artifícios para tratar de determinados temas. Na ilustração da página à esquerda, é possível ver que os ratinhos se vestem “à caráter”, com roupas típicas de suas regiões, a cidade e o campo, tratando-se mais uma vez da comparação e cooperação entre ambas as regiões. Enquanto o rato da cidade veste chapéu social, gravata borboleta, calça e sapato fechado, o rato do campo veste chapéu de palha, usa calça curta e xadrez, com chinelos. Essas características identificadas na ilustração, apesar de não descritas na narrativa textual, reforçam as representações estereotipadas de cada região¹⁷⁶.

Já na página à direita, a ilustração mostra três bolas com feições humanas, braços, pernas e utilizando roupas, que conversam, enquanto o texto trata de materialidades distintas, através de bolinhas: uma de gude, uma de cimento e uma de carvão. Essa mensagem só é possível ser identificada pela leitura do texto, pois há nessa temática um aspecto complicador quanto a fazer uma representação gráfica sobre esse conteúdo, que assim foi solucionado, pela ilustradora.

¹⁷⁶ Nota-se, neste caso, a referência à clássica fábula “O Rato do Campo e o Rato da Cidade”, atribuída a Esopo.



Figura 78 – P. 25 e 125 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Considerando o que foi discutido nos dois exemplos acima, vale a reflexão de Oliveira (2015), ao afirmar que:

Assim como as palavras, as imagens têm seus aspectos físicos e simbólicos; ela é ao mesmo tempo tangível e intangível. As imagens não possuem alfabetos, mas foram palavras e conceitos. Elas podem ser consideradas um gênero de literatura, com a sua propriedade mágica de representar o que realmente está sendo visto, e sugerir algo que está invisível também. Ela é concreção e sugestão (OLIVEIRA, 2015, p. 36).

Outra observação diz respeito à assinatura de Helga Trein, que é detectada junto às ilustrações desse livro, apesar de seu nome estar, também, registrado na folha de rosto do livro didático. Há 3 ilustrações que aparecem assinadas por ela no Exemplar 1, sendo que no Exemplar 2 essa informação foi eliminada de uma delas. Nesse sentido, pode-se problematizar se o trabalho do ilustrador – ilustradora, nesse caso específico -, foi ganhando paulatinamente visibilidade e reconhecimento.

Em relação às atividades no *Segundo Livro do Guri*, elas aparecem sempre no final de cada um dos capítulos de todas as unidades, com exceção de três deles, nos quais não foram encontrados exercícios. A quantidade de atividades por capítulo varia entre 4 a 8 tarefas. Os enunciados se assemelham, em geral, com os utilizados no *Primeiro Livro do Guri*, sendo que a diferença é que não são mais utilizadas ilustrações complementando alguns dos exercícios. A única exceção foi em apenas uma das atividades, na qual foi inserida o desenho de uma planta de sala de aula¹⁷⁷.

¹⁷⁷ Entre os tipos de tarefa encontrados, estão: "Marca com uma cruz..."; "Escreve esta sentença..."; "Escreve o que viste..."; "Coloca a pontuação..."; "Completa..."; "Observa..."; "Anota... o que observas..."; "Varia os termos..."; "Desenha..."; "Já observaste...?"; "Copia..."; "Faz todas as variações..."; "Forma uma frase..."; "Escreve cinco palavras..."; "Sublinha as palavras..."; "Escreve alguma coisa..."; "Copia do texto..."; "Responde..."; "Varia os termos..."; "Em que...?"; "Observa e anota..."; "Dize e escreve..."; "Escreve uma frase..."; "Escreve o nome..."; "Procura no texto..."; "Desenhe... e copia..."; "Escreve com letra maiúscula..."; "Conta a história..."; "Procura no texto..."; "Lê... e sublinha..."; "Separa..."; "Risca a palavra..."; "Forma frases..."; "Copia e separa em sílabas..."; "Procura, na leitura..."; "Risca as vogais..."; "Lê..."; "Marca o que completa..."; "Forma palavras..."; "Escolhe... e forme..."; "Quantas sílabas...?"; "Sublinha o nome..."; "Organiza um álbum..."; "Escreve o que

Quanto às atividades que envolvem direta e especificamente a ilustração do texto são muito poucas, mas há também aquelas em que se solicita ao aluno para desenhar algo, que em alguns casos pode ter relação ou mesmo ser inspirado pela observação da ilustração e outros tipos de atividades que também estimulam a percepção visual do aluno. Alguns dos exemplos encontrados, nesse sentido, exemplificando seis formas diferentes de fazer o aluno trabalhar aspectos de visualidade, através de procedimentos e com recursos variados, foram: 1. “Escreve o que viste no caminho para a tua escola”; 2. “Conta o que vês na gravura”; 3. “Coleciona gravuras sobre plantas comestíveis”; 4. “Desenha uma espiga de trigo e um alimento feito com êle”; 5. “Observa uma plantinha e anota como ela cresce”; 6. “Desenha ou recorta figuras de animais colocando alguns dados sobre os mesmos”.

Há, além desses supracitados, outros exemplos, que seguem o mesmo tipo de proposta de algum desses recém elencados. Entretanto, no que se refere ao tratamento com a própria ilustração do texto, identificou-se apenas 2 atividades que as envolvem especificamente, e são elas: “Escreve uma frase, bem bonita, sobre o que vês na gravura”; “Conta o que vês na gravura”.

Sobre indícios de circulação e usos do *Segundo Livro do Guri*, foi conferida a existência de carimbos, de registros impressos de vínculo a projetos e programas de governo e de dados relevantes encontrados nas marginálias dos cinco exemplares analisados. No Exemplar 1 (s/ed., 1965), foi encontrado um único registro de carimbo, com as seguintes informações impressas: Registro 1 – “CRPE / Nº 7772 / Data 10.7.1968 / Biblioteca” (em preto, com os números preenchidos manualmente à caneta vermelha e há um “X” por cima de todo a área do carimbo, feito também à caneta preta, invalidando a informação), no início do livro. No Exemplar 2 (9ª ed., 1966), foram encontrados os seguintes registros: Registro 1 - “Oferta das Edições Tabajara / P. Alegre”, na falsa folha de rosto, em vermelho; Registro 2 - “CRPE / Nº 7491 / Data 11.6.1968 / Biblioteca” (em preto, com os números preenchidos manualmente à caneta vermelha), no início do livro. No Exemplar 3 (15ª ed., 1969) não foi encontrado carimbo e no Exemplar 4 (s/ed., 1969) foi encontrado: Registro 1 – fragmento de linha de carimbo que está apagado com líquido corretivo branco, no início do livro; Registro 2 – carimbo apagado com líquido corretivo branco, no qual pode se entender uma parte final da informação, com a descrição “Biblioteca ... – Joaquim Duval”, cinco vezes em páginas distintas, no meio do livro; Registro 3 – carimbo apagado com líquido corretivo branco, não identificado, no meio do livro – duas vezes, no meio do livro. No Exemplar 5 (16ª ed., 1971),

desejarias...”; “Marca a parte principal...”; “Conta o que vês na gravura...”; “Conta alguma coisa...”; “Organiza um calendário”; “Faze uma relação...”; “Faze uma relação...”; “Classifica...”; “Coleciona gravuras...”; “Marca a palavra...”; “Sublinha o sujeito...”; “Observa... e anota...”; “Forma sentenças...”; “Coloca uma qualidade...”; “Coleciona...”; “Como podes ver...?”; “Tu sabes...?”; “Dize e escreve...”. O que havia sido comentado anteriormente sobre a presença da expressão “bem bonito(a)”, no *Primeiro Livro* aparece novamente, mas em menor quantidade. Dá-se destaque aqui à expressão “o melhor que tu puderes”, encontrada no enunciado “Desenha, o melhor que tu puderes, as ruas e casas da tua localidade”.

não há carimbos nas páginas.

Não foram encontrados registros impressos de vínculo a projetos de governo, nos cinco exemplares do *Segundo Livro do Guri*. Em relação às marginálias, foram identificados alguns registros nos exemplares do *Segundo Livro do Guri*. No exemplar 1 (s/ed., 1965) há: Registro 1 – “Reg.: 35970 / Obra: 17495 / 15.10.02” – escrito manualmente em preto, mas com um “X” e uma linha em forma de risco por cima de tudo, anulando a informação, no início do livro; Registro 2 – um pequeno fragmento de papel de controle de empréstimo de biblioteca, na contracapa. No Exemplar 2 (9ª ed., 1966) está: Registro 1 – o papel, a cartela e o envelope de controle de empréstimo de biblioteca, no qual está escrito (no envelope) o número 7491 e datilografado (na cartela) os números 372, 7491 e o título do livro. No Exemplar 3 (15ª ed., 1969) foi encontrado: Registro 1 – “S1R” escrito manualmente na etiqueta colada na lombada do livro; Registro 2 – “119”, na capa do livro; Registro 3 – “25.00 – EX” e “macaco”, na contracapa. No Exemplar 4 (s/ed., 1969) há: Registro 1 – “469 / R951s” escrito manualmente em etiqueta colada na lombada do livro; Registro 2 – “c-469”, na folha de rosto do livro; Registro 3 – “469 / R951s” no início do livro. No Exemplar 5 (16ª ed., 1971) foi encontrado um registro de um nome de uma pessoa do sexo feminino, na primeira página, além de ser o único exemplar do *Segundo Livro do Guri* que contém muitas anotações a lápis, provavelmente realizadas por aluno(s) usuário(s) do livro, predominantemente nas atividades, bastante preenchidas, com textos, marcações e desenhos. Também se encontra pintura à lápis de cor em várias ilustrações junto aos textos, nesse mesmo exemplar. Com os dados acima apresentados, entre registros de carimbo e de marginálias, pode-se inferir a respeito de escolas, datas de registro de biblioteca e de período de circulação dos livros, preço do livro, usuários, assim como observar a prática das atividades propostas.

d) Terceiro Livro do Guri

Não se obteve a data da primeira edição do *Terceiro Livro do Guri*, mas a segunda edição foi publicada em julho de 1965. As autoras são as mesmas dos livros anteriores, as professoras Flávia E. Braun e Rosa M. Ruschel. A ilustradora desse volume ainda é a professora Helga Trein e não consta indicação de revisor em nenhum dos exemplares consultados. Também não há referência quanto à autoria dos mapas que aparecem a partir desse livro.

Entretanto, o nome de Miron Zaions está relacionado como desenhista de mapas no *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, o que pode indicar que ele também seja o autor dos mapas impressos nesse livro e que, por alguma falha na produção, seus dados não tenham sido incluídos nas informações editoriais da publicação, pois também não foram encontradas assinaturas, o que não é comum de ser visto em imagens deste tipo.

Comparando-se os dois exemplares, encontrou-se mapas repetidos em textos semelhantes e, além do mais, apesar dos mapas não serem assinados, há ainda uma ilustração em uma página desse livro que contém a assinatura de Miron Zaions, o que confirma então a sua participação na produção deste livro didático, mesmo ele não sendo referenciado nas páginas pré-textuais. Esses casos são mostrados no decorrer do texto.

No acervo do Hisales, no total constam 10 exemplares de *Terceiro Livro do Guri*, entretanto 3 deles são específicos: um é de uma *Edição especial para o Rio Grande do Sul* e os outros dois são de *Leitura*. Por isso, esses três volumes são abordados separados, em seções distintas, na continuidade do texto. Para esta seção, são considerados os seguintes 7 exemplares: Exemplar 1 – 2ª ed., 1965 (GURI_3L_2ED_1965A); Exemplar 2 – 3ª ed., 1965 (GURI_3L_3ED_1965A); Exemplar 3 – 3ª ed., 1965 (GURI_3L_3ED_1965B); Exemplar 4 – 3ª ed., 1965 (GURI_3L_3ED_1965C); Exemplar 5 – 4ª ed., 1966 (GURI_3L_4ED_1966A); Exemplar 6 – 4ª ed., 1966 (GURI_3L_4ED_1966B); Exemplar 7 – 6ª ed., 1967 (GURI_3L_6ED_1967A).

Pelas informações editoriais supracitadas, observa-se que constam, então, exemplares de quatro edições diferentes do *Terceiro Livro do Guri*, sendo que em duas delas há mais de um exemplar (uma com três e outra com dois). A seguir, são apresentados os dados do projeto gráfico-editorial e informações destacadas nos sete exemplares e, na sequência, seguem as análises específicas das imagens.

Em todos os 7 exemplares, o formato do livro didático fechado é o mesmo, de 13,5 x 17,5 cm (no miolo), embora a capa tenha alguns milímetros a mais nas três margens (superior, lateral direita e inferior), mas está com trechos danificados e incompletos, em todos os exemplares. Quanto ao acabamento, idêntico em todos os exemplares, possui 1 cm de lombada quadrada, em formato brochura. Todos os exemplares têm a mesma quantidade de páginas, que totalizam 200, porém 186 estão efetivamente numeradas a partir do primeiro texto. As demais estão distribuídas em 12 páginas pré-textuais e 02 pós-textuais (com propaganda de edições didáticas da Tabajara), não incluídas na numeração.

Com relação à capa e a contracapa, que são idênticas em todos os exemplares consultados, é mantida a identidade visual utilizada em alguns dos livros anteriores. Constatase o reaproveitamento da primeira fotografia utilizada nos exemplares da coleção, com o guri sentado na cerca e ao fundo aparece a “brizoleta”, ou seja, não é aquela que mostra as crianças, conforme os modelos já mostrados nos livros anteriores. Nesse terceiro livro, a contracapa é integralmente branca em todos os exemplares. A Figura 79, a seguir, mostra um desses exemplares, o mais antigo, de 1965, que serve de referência para todos os demais.

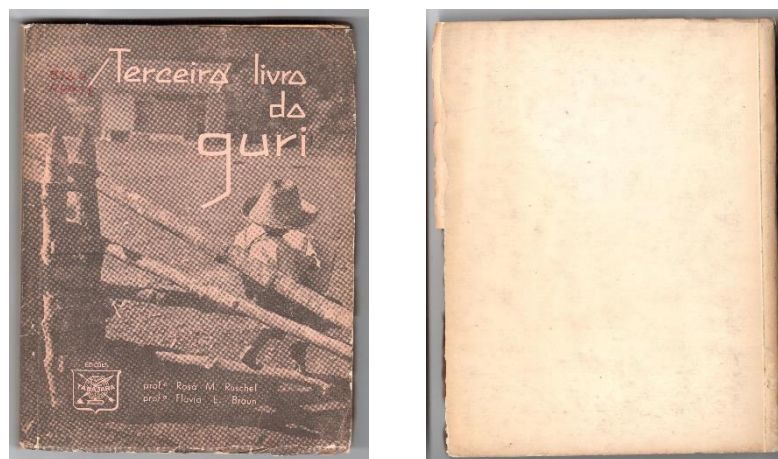


Figura 79 – Capa e contracapa do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Como pode ser visto na Figura 79, acima, o projeto gráfico da capa é igual ao dos livros anteriores que utilizam a mesma fotografia, inclusive na disposição dos dados textuais, modificando-se apenas o início do título de “Segundo” para “Terceiro”. A fotografia, que segue aparecendo de forma integral, é impressa em preto e branco. O que se observa de diferença entre os exemplares é uma discreta modificação de tonalidade da cor do fundo da capa, entre as edições diferentes, que varia entre o branco e uma espécie de “rosado”, e também alterações na intensidade do preto na fotografia, fatos esses que podem ser decorrentes do processo de impressão ou das características do papel adotado para cada tiragem ou, ainda, de alterações das propriedades do papel e da tinta com o passar dos anos. Ademais, o Exemplar 7 (6ª ed., 1967) é o único, entre os 7 livros, no qual a 2ª capa é impressa com uma lista de “Livros editados de acordo com os novos programas experimentais de ensino”, em preto. Quanto ao tipo de papel adotado na capa, contracapa e miolo, seguem valendo as considerações registradas nas seções sobre os livros anteriores da coleção.

A frase de mensagem ao leitor que aparece nas páginas pré-textuais do *Primeiro Livro do Guri* e que não foi repetida no *Segundo Livro do Guri*, foi inserida no *Terceiro Livro do Guri*. Em seguida, o Quadro 07 mostra o índice, dividido em duas partes, iniciando pelas “Atividades”, que estão separadas em cinco principais tópicos e, na continuação, apresenta os “Textos de Leitura”, que estão divididos em doze unidades.

Quadro 07 – Índice do *Terceiro Livro do Guri*.

ÍNDICE DO TERCEIRO LIVRO DO GURI	
ATIVIDADES GRAMÁTICA FUNCIONAL 1. Continuação da noção de sentença. Oração de sentido completo e de sentido incompleto. Oração principal e oração dependente; 2. Tempo dos verbos; 3. Interpretação da significação dos substantivos – Substantivos coletivos. Graus do substantivo: diminutivo e aumentativo; 4. Noção de pronome pessoal – Interpretação da função do pronome. Emprego do pronome como sujeito; 5. Natureza dos verbos. Verbos de predicação completa e incompleta; 6. Constituição do sujeito. Adjunto adnominal; 7. Família de palavras; 8. Noção de adjetivo; 9. Noção de artigo. Artigos definidos; 10. Formação do plural; 11. Sinônimos e antônimos; 12. Noção de advérbio. COMPOSIÇÃO 1. Resultado de leituras, observações e experiências; 2. Descrições; 3. Histórias inventadas; 4. Carta (tratamento tu); 5. Bilhete; 6. Dramatização; 7. Pontuação. ORTOGRAFIA 1. Estudo das palavras quanto ao número de sílabas; 2. Estudo das palavras quanto à acentuação; 3. Palavras que apresentam dificuldades ortográficas. ESTUDOS SOCIAIS 1. Localização do Estado no Brasil; 2. Regiões fisiográficas. Limites. Municípios. Riquezas; 3. Acidentes físicos. Rios. Lagoas. Ilhas. Relêvo; 4. Pecuária. Agricultura. Pesca. Indústria. Comércio; 5. Transportes. Comunicações; 6. Tipo característico. Gaúcho – Zona em que atua; 7. Governo do Estado. Noção de Serviços Públicos; 8. O progresso do Estado, na atualidade. Seus problemas e necessidades; 9. Valor que o Estado representa em face da unidade nacional; 10. Vida dos primitivos habitantes. Povoamento e colonização; 11. Guerra dos Farrapos; 12. Rio-grandenses ilustres; 13. Breve notícia sobre a cultura rio-grandense; 14. Conhecimento dos símbolos rio-grandenses. CIÊNCIAS NATURAIS 1. Água; 2. Solo; 3. Reflorestamento; 4. Metal e mineral; 5. Rochas; 6. Balanças; 7. Alavanca; 8. Luz; 9. Bactérias; 10. Samambaias; 11. Semente; 12. Germinação; 13. Caule; 14. Fôlha; 15. Flôr; 16. Esqueleto.	TEXTOS DE LEITURA I UNIDADE 1. A promessa de um amigo; 2. O presente; 3. O encontro; 4. O gaúcho; 5. Pôrto Alegre; 6. História de Pôrto Alegre; 7. Uma partida de futebol; 8. Tu sabias que... II UNIDADE 9. Depressão Central; 10. Revolução dos Farrapos; 11. Bento Gonçalves (poesia); 12. Caminhos que andam; 13. A lanchinha; 14. O clarim farroupilha; 15. A lenda de Imembuí; 16. Uma estória; 17. O trenzinho cargueiro; 18. Tu sabias que... III UNIDADE 19. O Litoral; 20. Gaúcho do litoral; 21. Na “Colônia de Férias”; 22. A Lagoa dos Patos; 23. Primeiros habitantes do Rio Grande do Sul; 24. Deus (poesia); 25. Tu sabias que... IV UNIDADE 26. Encosta inferior do Nordeste; 27. Colonização alemã; 28. Andando pela colônia; 29. A lenda do arco-íris; 30. A plantinha; 31. Tu sabias que... V UNIDADE 32. Encosta superior do Nordeste; 33. Evocação ao colono (poesia); 34. Uma festa em Caxias; 35. O gaúcho e o colono; 36. A lavoura; 37. Vamos plantar; 38. Tu sabias que... VI UNIDADE 39. Alto Uruguai; 40. Estradas; 41. A lenda do Umbu; 42. A lenda do algodão; 43. Balanças; 44. O correio; 45. Tu sabias que... VII UNIDADE 46. Campos de cima da Serra; 47. Relêvo; 48. A neve; 49. Os ossos; 50. Uma campanha para o inimigo; 51. Tu sabias que... VIII UNIDADE 52. Planalto Médio; 53. Tupanciretã; 54. Estradas de ferro; 55. O poço; 56. O pãozinho de trigo; 57. Tu sabias que... IX UNIDADE 58. Campanha; 59. O entardecer no pampa; 60. O quero-quero e a perdiz; 61. Petição velho (poesia); 62. A lenda do Negrinho do Pastoreio; 63. O carreteiro; 64. O estouro da boiada; 65. Tu sabias que... X UNIDADE 66. Missões; 67. Os índios e os jesuítas; 68. Origem da erva-mate; 69. O chimarrão; 70. As carreiras; 71. Inverno no pampa; 72. Um estudo; 73. Nossa terra; 74. Tu sabias que... XI UNIDADE 75. Serra do Sudeste; 76. O mamoeiro; 77. Onde estão as estrêlas durante o dia?; 78. Guabiju tem um sêgrêdo; 79. Carrêta (poesia); 80. Uma nova estória da cigarra e da formiga; 81. Tu sabias que... XII UNIDADE 82. Encosta do Sudeste; 83. Quero-quero; 84. Dia de chuva; 85. O presente de Natal; 86. Visconde de Mauá; 87. Tu sabias que; 88. As côres da bandeira (poesia); 89. Pátria (poesia); 90. Hino rio-grandense; 91. Santos Dumont (poesia); 92. Mãezinha – só uma (poesia); 93. Natal (poesia).

Fonte: Dados da autora (2018), a partir dos exemplares do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965; 3ª ed., 1965; 4ª ed., 1966; 6ª ed., 1967, Ed. Tabajara) - acervo Hisales.

Em alguns dos textos, referidos no índice supracitado, são apresentados os autores e/ou procedência, tais como: Marília Bueno (Bento Gonçalves); do “Cacique” (A lanchinha; Onde estão as estrêlas durante o dia?; Uma nova estória da cigarra e da formiga); Adaptação

(O clarim farroupilha; A lenda do algodão; Uma campainha para o inimigo; Tupanciretã; O quero-quero e a perdiz; As carreiras; Dia de chuva); Casimiro de Abreu (Deus); Cassiano Ricardo (Evocação ao colono); Benedita Stahl Sodré (Vamos plantar); Maria de Lourdes Figueiredo (A neve); Dimas Costa (O entardecer no pampa); Aparício Silva Rillo (Petição velho; Carrêta); Ariosto Espinheira (O estouro da boiada); Lenda (Origem da erva-mate); Darci Azambuja (Inverno no pampa); Dirceu A. Chiesa (Guabiju tem um segredo; Quero-quero); Geni Chaves (As côres da bandeira); Manuel Mendes (Pátria); Francisco Pinto de Fontoura / Joaquim José Mendanha (Hino rio-grandense); Vicente Guimarães (Santos Dumont); George Cooper (Mãezinha – só uma); Leonor Posada (Natal).

Como o conteúdo do livro didático modifica bastante e fica mais extenso e denso de temáticas, quase não aparecem personagens fictícios e criados especificamente para as narrativas textuais, visto que vários dos textos são de outros autores. Sendo assim, aparecem em maior quantidade, nesse volume, os personagens históricos e os que integram lendas. Entretanto, os personagens principais Olavo e Élide, agora mais crescidos, continuam aparecendo e seus nomes são citados, juntos ou separados, em apenas 09 textos, sendo que nem sempre aparecem incluídos na ilustração correspondente. Outros dois novos personagens criados aparecem nas histórias, sendo eles o Vovô Felício e o Tio Leopoldo.

Com relação ao projeto gráfico e editorial em geral, a diagramação é idêntica em todas as edições e não foram encontradas modificações nos textos e nas imagens, comparando-se os 7 exemplares. É notável que há muito mais texto no *Terceiro Livro do Guri* que nos anteriores, enquanto que as ilustrações diminuem de tamanho e surgem nesse volume os mapas, até então não explorados.

No que se refere à tipografia, a fonte utilizada nas páginas textuais é sempre serifada, com variações em negrito e utilização de maiúsculas e minúsculas, além de ser de corpo¹⁷⁸ menor, em relação aos livros anteriores da coleção. Esses recursos tipográficos, ao serem explorados através do aproveitamento de diferentes modalidades das fontes, como as opções de negrito, itálico, sublinhado, caixa alta (maiúsculas), caixa baixa (minúscula), etc., funcionam como marcadores, pois são dispositivos de leitura que destacam determinadas partes do conteúdo textual exposto nas páginas dos livros didáticos.

As ilustrações seguem sendo inseridas na parte superior da página, acima do texto, com exceção de 04 delas que aparecem na lateral do texto. No caso dos mapas, estes às vezes variam de posição e são colocados abaixo do texto ou mesmo ocupam uma página inteira sozinhos. Todas as páginas são impressas apenas em preto.

¹⁷⁸ O termo “corpo” de uma fonte se refere ao “tamanho dos caracteres de imprensa expresso em pontos referidos a um sistema de medida tipográfica. Altura da superfície do caractere tipográfico no qual se encontra o olho da letra. Mede-se em pontos tipográficos: a letra que tem seis pontos de altura é de corpo 6 e assim por diante” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 205).

Na continuidade, procede-se com a análise específica das imagens. Primeiramente, ressalta-se que, diferentemente dos livros anteriores da coleção, o *Terceiro Livro do Guri* contém dois tipos de imagens: além das 64 ilustrações, são incluídos nesse suporte 15 mapas, totalizando então 79 registros visuais que aparecem distribuídos pelas páginas.

No *Terceiro Livro do Guri*, as molduras não são uma constante nas ilustrações e nos mapas, podendo ser encontradas em alguns casos e em outros não, o que indica que não há um padrão na apresentação das narrativas visuais, no que se refere a esse aspecto em específico. Em algumas ilustrações que contêm moldura, observa-se o recurso já utilizado no livro anterior, de fazer com que parte de algum elemento extrapole os seus limites, dando ideia de rompimento e sugerindo continuidade e expansão da cena representada.

Dá-se destaque, primeiramente, ao texto “O presente” no início do livro, cujo conteúdo mostra a valorização das imagens de um livro que Olavo ganhou, pela frase “Quantas gravuras interessantes!”, em um diálogo entre ele e Élide, conforme pode ser conferido na Figura 80, a seguir. A conversa entre os guri, Olavo e Élide, dá início à apresentação do conteúdo pretendido, sendo neste caso sobre o estado do Rio Grande do Sul. Esse é um recurso utilizado com recorrência nos livros didáticos da *Coleção Guri*, para introduzir o aluno a uma determinada temática do conteúdo programático, através do envolvimento dos personagens fictícios nesses assuntos. Além disso, considerando as possíveis interpretações que a ilustração pode proporcionar, ao não integrar a temática específica abordada no desenvolvimento do texto, embora remeta ao diálogo inicial dos personagens, vale lembrar que “a leitura visual será sempre parcial, segmentada e particularizada. Vemos aquilo que esperamos e ansiamos ver” (OLIVEIRA, 2015, p. 38).



Figura 80 – P. 03 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

A inserção dos mapas, a partir do *Terceiro Livro do Guri*, se torna o diferencial em relação aos livros anteriores, conforme afirmou-se. Entre os 15 registros encontrados, há

apenas 01 mapa do Brasil, disposto de forma reduzida, na base da página, junto a uma atividade. Também são utilizados 03 mapas integrais do Rio Grande do Sul (temas: regiões, rios e bacias litorâneas, relevo), colocados acima ou abaixo do texto referente, sendo que um deles, sobre as regiões, integra o último exercício de determinada atividade. Os outros 11 mapas são das regiões específicas do estado, que incluem, ao seu redor, algumas ilustrações de produtos típicos e característicos da produção dessas zonas (temas: Depressão Central, Litoral, Encosta inferior do Nordeste, Encosta superior do Nordeste, Alto Uruguai, Campos de cima da Serra, Planalto Médio, Campanha, Missões, Serra do Sudeste, Encosta do Sudeste), ocupando uma página inteira, contudo alguns deles são reproduzidos no sentido vertical para aproveitamento das medidas da página. A Figura 81, a seguir, mostra alguns desses exemplos, sendo que o mapa da página à esquerda foi reaproveitado no *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, ou vice-versa.

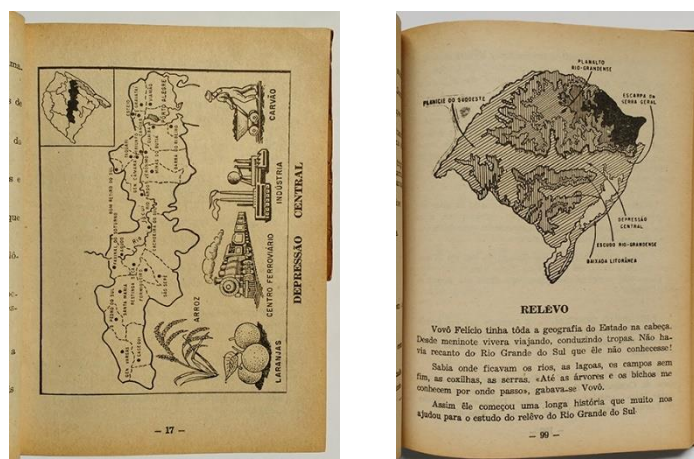


Figura 81 – P. 17 e 99 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Conforme é possível observar nas imagens das páginas, na Figura 81 acima, há dois mapas com funções diferentes, sendo que o da página à esquerda, além de mostrar o formato da região da Depressão Central, facilita ao aluno a sua localização e proporção dentro do mapa do Rio Grande do Sul, que aparece menor, no canto superior esquerdo da página, enquanto permite também que se conheça os principais produtos e atividades daquela localidade, pelos elementos gráficos distribuídos na área da imagem.

Já na página da direita, trata-se do mapa do Rio Grande do Sul, mostrando os aspectos do relevo do estado, com recursos de grafismos diferenciados, para facilitar a compreensão das distintas áreas que se pretende destacar. Sendo assim, a partir desses exemplos, em geral, deve-se reconhecer a importância e a contribuição dos mapas nos livros didáticos, pois eles têm como característica predominante o grau de precisão e a natureza abstrata, com representações planas da Terra. Eles possibilitam a observação de grandes

áreas que não poderiam ser alcançadas de outra forma, facilitando a visualização de regiões grandes e distantes (VELLOSO; STUDART, 1971).

Apesar de os mapas supracitados não terem a indicação de autoria, acredita-se que sejam de Miron Zaions, conforme já explicitado no início desta seção. Além desses mapas, há nesse livro uma única ilustração, entre todos os exemplares da *Coleção Guri* analisados, que aparece assinada com seu nome no canto inferior direito e, logo abaixo, consta a informação “Secção de Geografia – Rio G. do Sul”, o que indica um possível aproveitamento de trabalhos de autoria desse profissional, que tenham sido realizados para outras finalidades, anteriormente. Esta indicação poderia inclusive estar relacionada à Divisão de Geografia e Cartografia, da Secretaria de Agricultura do estado, no qual esse profissional trabalhou, conforme já apresentado anteriormente. Há, ainda, outras 02 ilustrações de traçado bastante parecido com a dessa aqui tratada, que foram encontradas no *Terceiro Livro do Guri – Leitura*, que poderiam ser de Miron Zaions também, mas não estão identificadas.

A referida ilustração pode ser vista na página à esquerda na Figura 82, a seguir, na qual se aproveita também para chamar a atenção em relação à alteração de ilustração verificada no mesmo texto, “Carreta” de Aparício Silva Rillo, no *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*. Ao que tudo indica, a ilustração da página à direita seria de Helga Trein, visto que ela é a ilustradora identificada no referido livro.

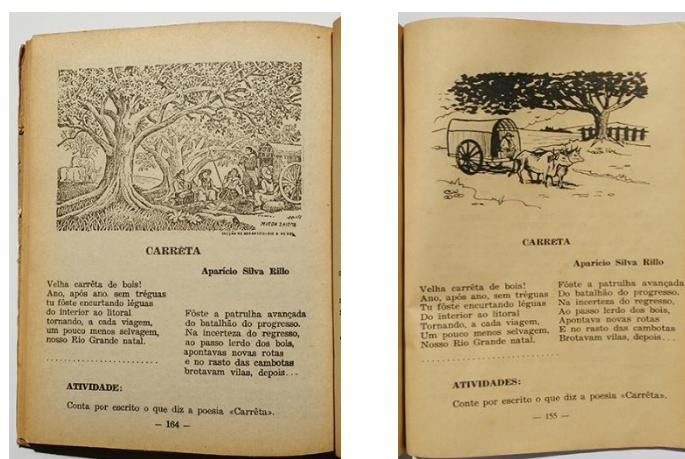


Figura 82 – À esquerda, p. 164 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 155 do *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* (s/ed., s/d., Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Chartier (1998, p. 15) afirma que “a imagem é muitas vezes uma proposta ou protocolo de leitura, sugerindo ao leitor a correta compreensão do texto, o seu justo significado”. As ilustrações, em geral, são referenciais e consistem em levar, a um determinado público, uma informação visual que expande a mensagem verbal. A ilustração, muitas vezes, é a única forma de demonstrar fatos ou processos não visíveis. Um exemplo

disso pode ser visto nas duas páginas da Figura 82, acima, pois o aluno, ao ler a poesia “Carreta”, pode ter dificuldade em compreender exatamente o significado dessa palavra que consta no título, caso não tenha conhecimentos prévios a respeito do referido meio de transporte e a sua relação com a história da cultura gaúcha, inclusive pelo gênero do texto, que não tem o propósito de fazer uma descrição em detalhes sobre a sua estrutura, o que poderia então ser conferido pelas ilustrações. Nesse caso, as ilustrações de ambas as páginas contribuem na mensagem pretendida, com representações gráficas distintas da carreta em um cenário tipicamente gaúcho.

Ainda em relação a Figura 82, acima, embora não haja data de publicação, existe uma hipótese de que a ilustração da página à direita possa ser mais recente que a da página esquerda, não apenas pela configuração gráfica do cenário e pela técnica plástica, como talvez pelo desejo de que a carreta pudesse aparecer por inteiro na imagem e mais vinculada à paisagem pampeana, típica do estado. Na imagem da esquerda, o destaque principal é dado aos gaúchos descansando sentados no chão e encostados nas árvores, em uma paisagem que parece um bosque, enquanto a carreta é um elemento complementar na cena. Não se está dizendo que a carreta precisaria estar em primeiro plano em uma ilustração, pois o tema pode ser representado graficamente em uma imagem de variadas maneiras e é percebido pelo usuário/leitor, de qualquer forma. Entretanto, diante do que está exposto, as diferenças são nítidas, ao comparar-se as duas ilustrações criadas para um mesmo poema.

Pode-se inferir também que, além disso, talvez a ilustração de Miron Zaions, à esquerda, já estivesse “à mão”, inclusive estando identificada com seu nome e a seção onde trabalhava antes e, posteriormente, investiu-se em uma versão personalizada e desvinculada de usos prévios, mantendo o mesmo padrão estilístico das demais ilustrações dos livros didáticos da coleção.

Uma outra comparação pode ser feita a partir de um texto encontrado no *Primeiro Livro do Guri* e no *Terceiro Livro do Guri* com o mesmo título “Dia de Chuva”, cujas narrativas textuais são distintas, porém apresentam ilustrações bastante parecidas. Observa-se, pela Figura 83, a seguir, que a ilustração em ambos os livros tem a mesma proposta, em geral, sendo produzida sob o mesmo ângulo de vista, mostrando da rua para dentro de casa uma janela, no qual estão Olavo e Élide, olhando para fora, enquanto chove.

Na página da esquerda as crianças são menores e na da direita elas estão maiores, o que pode ser identificado pelas características gráficas trabalhadas pela ilustradora, não apenas no tamanho deles, que se modifica em proporção à janela, mas também nos detalhes da cena representada. Élide, que no *Primeiro Livro do Guri* aparecia de trancinhas, no *Terceiro Livro do Guri* aparece com uma colinha no alto da cabeça e um vestido estampado com um decote em “V” arrematado com um laço no peito, mais jovial que anteriormente, por não aparentar mais ser um vestido do estilo “boneca” (rodado, mangas fofas, pregas, babados,

rendas e arremates, etc.).

Essas novas características são mantidas nas 04 ilustrações do mesmo livro em que ela aparece. Já Olavo, tem o penteado modificado e usa uma camiseta mais despojada, com estampa xadrez, e não mais uma camisa com gola e botões, como anteriormente. As expressões faciais de sentimentos também modificam, pois quando pequenos era de tristeza e desanimação e, ao se verem já crescidos, especialmente no caso de Olavo, passa a ser de irritação e inconformismo. Destaca-se aqui, por este exemplo, a potencialidade que essas expressões podem ter na compreensão de uma narrativa visual e como os seus detalhes influenciam no significado pretendido, estando ou não vinculado à uma narrativa textual.

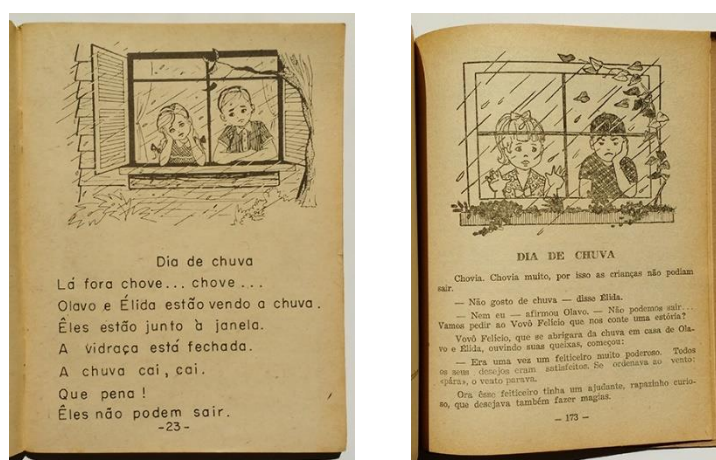


Figura 83 – À esquerda, p. 23 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara). À direita, p. 173 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

As páginas da Figura 83, acima, são um exemplo bastante relevante para indicar que “sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante” (SAMAIN, 2012, p. 158). Além disso, “o tempo da imagem nunca será o tempo da história”, [...] é longe de ser uma abstração. Ela é a eclosão de significações, num fluxo, amplo e contínuo, de pensamentos que sabe carregar. [...] se revela, nos lembra de outros tempos e de outras memórias” (ibidem).

O exemplo também serve para destacar que, nesse terceiro livro, Olavo e Élide não aparecem de uniforme escolar, sendo que há apenas dois casos de ilustrações que envolvem o ambiente escolar, como as mostradas na Figura 84, a seguir. Nota-se que, mais uma vez, como em todos os livros anteriores, aparece a questão do nacionalismo e do patriotismo, em um poema sobre a bandeira nacional. A ilustração não comprova que se trata de um ambiente escolar por não mostrá-lo explicitamente, mas é possível inferir que seja, pois há elementos que simbolizam o contexto, como a bandeira nacional hasteada no mastro e um guri vestindo

uma roupa semelhante a um uniforme escolar, de perfil, próximo a ela, que está na postura considerada “tradicional” para o momento, em respeito ao principal símbolo visual de representação da nação.

Observando-se o guri e o detalhe de sua boca aberta, é possível inferir que esteja cantando, o que provavelmente seria um Hino ou, talvez, recitando, podendo ser algum poema vinculado à temas nacionais, sendo que ambas as possibilidades estariam vinculadas ao patriotismo, justamente pela presença da bandeira no cenário. Tais aspectos mostram as possibilidades que uma ilustração pode explorar, sem necessariamente representar uma cena completa, mas sim aproveitando-se de recursos e elementos cujos significados atingem os objetivos propostos.

A outra ilustração, na página à esquerda, mostra uma cena inusitada e não explorada até então, com os alunos em frente a um quadro de avisos na sala de aula, valorizando a visualidade do material ali exposto e destacando a sua contribuição para divulgação de conhecimento e notícias, tanto pela narrativa visual como pela narrativa textual, que em um trecho comunica: “No quadro de avisos há fotografias, recortes de jornais e gravuras. Sobre a mesa estão vários livros e folhetos”. Sem o apoio do texto, a cena pode não ser entendida como sendo em sala de aula, por não mostrar as características típicas e clichês que são costumeiramente representadas graficamente, quando se trata dessa temática escolar. Ambos os textos e suas respectivas ilustrações aparecem também no *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, mais uma vez revelando o reaproveitamento de imagens entre volumes distintos de uma mesma coleção.

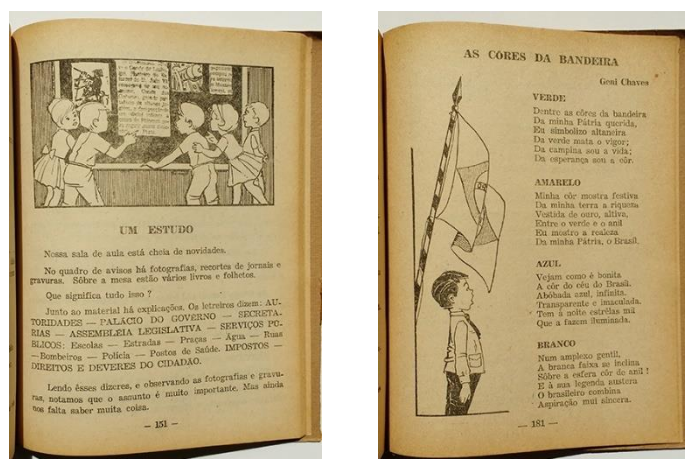


Figura 84 – P. 151 e 181 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Samain (2012, p. 159), em seus estudos comparativos da imagem em diferentes tipos de suporte, afirma que olhamos para elas de diferentes formas, pois “nossas posturas são fenomenologicamente diversas” e “[...] são atos de observação, posições do olhar, distintas”.

Seus conceitos também podem ser refletidos em relação às ilustrações estampadas no livro didático. Segundo o autor:

Urge saber que as imagens são nossos olhos passados, presentes e futuros, olhos da história, roupas, nudezas e paredes da história. Roupagens e montagens de tempos heterogêneos. De vivências presentes, de sobrevivências, de ressurgências, de tantas outras memórias (individuais e coletivas). Pensar deste modo as imagens como lugares de questionamentos, lugares dentro dos quais, escrevemos, também, nossa história (SAMAIN, 2012, p. 163-164).

Considerando essas reflexões de Samain (2012), aproveita-se para, na ilustração da Figura 85, a seguir, observar-se de que forma pode ser representado graficamente numa mesma imagem o encontro das gerações, as tradições, os hábitos, as histórias, as posturas, as roupas, o tempo, a intimidade e o contexto. Há um senhor idoso sentado em uma banqueta, rodeado de cinco crianças, acompanhadas também de um cachorro, sentadas na grama. Todos olham para o vô e a cena dá a entender que ele está contando algo para as crianças, enquanto elas o escutam. Além disso, há um chimarrão em sua mão, o que reforça as tradições gaúchas e o hábito da dita “roda de chimarrão”, para “jogar conversa fora”. Nesse caso, não é preciso ler o texto para entender o que se passa na cena, a não ser para saber qual seria o tema da conversa.

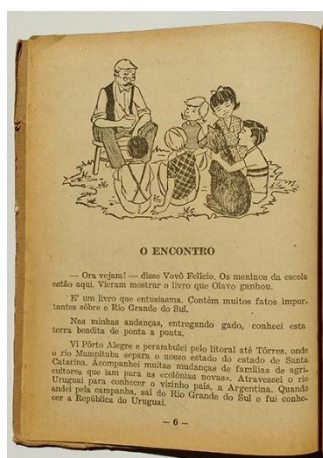


Figura 85 – P. 06 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

As imagens também podem ser fonte de evidência (BURKE, 2017, p. 12), não apenas para os pesquisadores e historiadores, mas também aos próprios usuários, alunos e professoras, dos livros didáticos. Em alguns casos, a imagem é a única evidência de determinadas práticas sociais das quais não se tem outro tipo de registro.

Há aqueles casos em que as ilustrações também podem ser feitas adaptadas a partir de cenas reais ou já representadas graficamente anteriormente, seja por fotografias, pinturas ou outras técnicas de expressão visual. Este é um recurso bastante utilizado nos livros didáticos, pois dependendo da temática que deve ser representada, o ilustrador não tem

liberdade de criar e deve então reproduzir ou adaptar o seu trabalho de acordo com referências anteriores e utilizar esse material como base, caso determinadas imagens já existam e sejam consideradas identitárias, como os exemplos de paisagens típicas de cidades e regiões, personagens e cenas históricas.

Nesse sentido, em se tratando de personagens e cenas clássicas da história, ambos aparecem no *Terceiro Livro do Guri*. No caso dos personagens, não costumam haver muitas variações, pois é necessário reconhecer a pessoa ali representada, independente do estilo da técnica gráfica e dos detalhes acrescentados. Já nos eventos históricos, existe uma maior flexibilidade quanto à forma que são representados, desde que contenham elementos gráficos posicionados de maneira que se possa associar à cena pretendida. Com esses aspectos, em geral, as imagens de um mesmo personagem ou de uma cena histórica, costumam ser parecidas, independentemente da antiguidade, do tipo de livro didático e da estética adotada na imagem. Na Figura 86, a seguir, estão expostos alguns exemplos de personagens históricos representados, tais como Bento Gonçalves, Visconde de Mauá e Santos Dumont, todos bastante semelhantes ao de imagens anteriores e já disseminadas, em publicações diversas. Esses três casos também são de reaproveitamento nos demais livros, *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* e *Terceiro Livro do Guri – Leitura*.

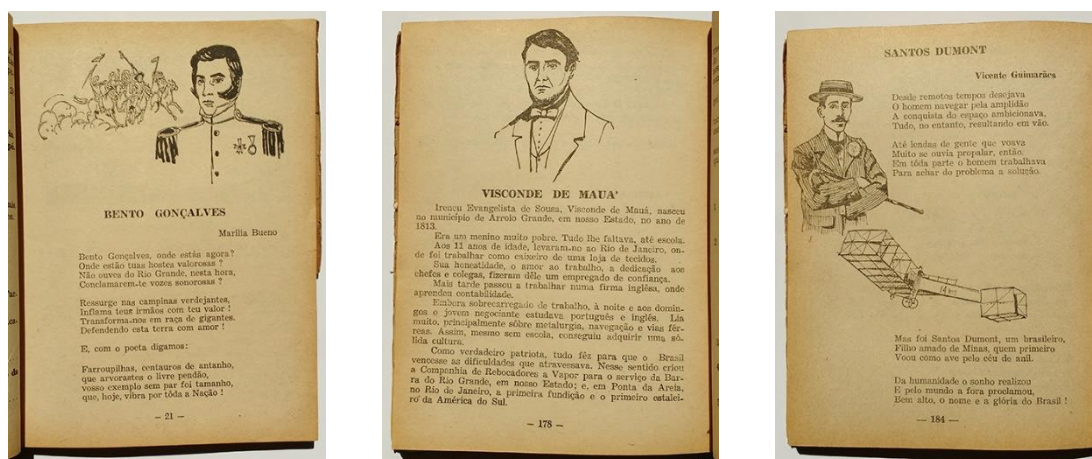


Figura 86 – P. 21, 178 e 184 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Como as imagens da Figura 86, acima, mostram ilustrações baseadas provavelmente em retratos pintados por outros artistas anteriormente, é importante considerar que também estão carregadas de simbologia, pelos elementos que a constituem. Segundo Burke (2017),

o retrato pintado é um gênero artístico que, como outros gêneros, é composto de acordo com um sistema de convenções que muda lentamente com o tempo. As posturas e gestos dos modelos e os acessórios e objetos representados à sua volta seguem um padrão e estão frequentemente carregados de sentido simbólico. Nesse sentido, um retrato é uma forma simbólica (BURKE, 2017, p. 42).

A partir desses exemplos, nos quais são representados personagens clássicos e vinculados a temáticas diferentes, concorda-se com Burke (2017), ao enfatizar que

[...] os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas performances especiais. Porém, exatamente por essa razão, eles fornecem evidência inestimável a qualquer um que se interesse pela história de esperanças, valores e mentalidades sempre em mutação (BURKE, 2017, p. 44).

Na Figura 87, a seguir, mostra-se exemplos de narrativas visuais de fatos históricos, à esquerda a Revolução Farroupilha e à direita o encontro dos índios com os jesuítas nas Missões. Em alguns casos, se o leitor já tiver conhecimento prévio sobre a temática, pode conseguir associar ou inferir sobre o que se trata, mesmo sem ler o texto. Já para aqueles leitores que visualizam a cena pela primeira vez, conseguem captar as principais características que identificam o episódio, pela maneira com que ele foi representado e através dos elementos utilizados na ilustração. São casos em que é possível evidenciar que:

O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas (BURKE, 2017, p. 24).

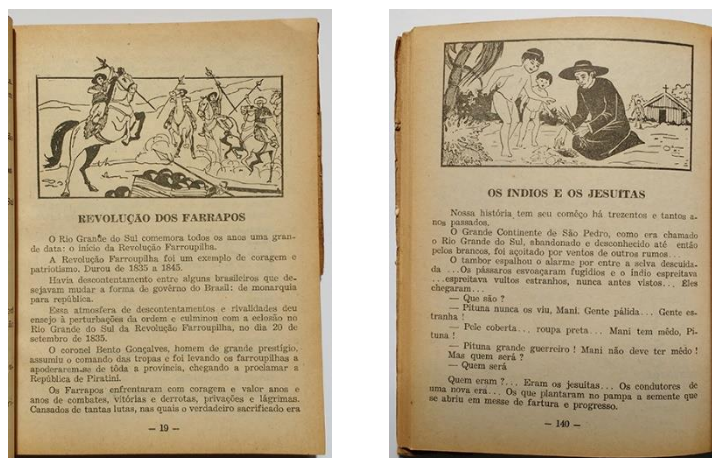


Figura 87 – P. 19 e 140 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

As lendas também são mostradas nesse livro, no total de 05, que são: de *Imembui*, do *Umbu*, do *Negrinho do Pastoreio*, da *erva-mate* e do *algodão*. As quatro primeiras são do universo cultural gaúcho. Assim como ocorre com os casos dos personagens e dos eventos históricos, as lendas geralmente são representadas por cenas mais “típicas” de sua narrativa, sendo que, nesse caso, as características físicas dos personagens envolvidos podem até apresentar algumas variações, mas a ideia da cena é mantida, como as versões anteriores. Com isso, diante dessas possíveis variações nas ilustrações sobre um mesmo tema, é importante entender que, segundo Oliveira (2015, p. 38), “com relação ao texto, a ilustração é sempre um prisma, jamais um espelho”.

Na Figura 88, a seguir, estão exemplificadas três lendas, sendo que a única cuja ilustração pode ser associada mais diretamente à narrativa textual, antes de ser lida, é a do *Negrinho do Pastoreio*, na página ao centro, pois a cena mais comum de ser representada graficamente é a de um guri negro montado no cavalo em um campo, à noite e com uma lua cheia atrás, o que já está estabelecido como sendo um registro visual “clássico” dessa lenda e é reconhecido por aqueles que conhecem sobre o tema.

Com relação às outras duas ilustrações, podem ter outra interpretação, pelo fato de serem mais genéricas e dependem da leitura do título e do texto, para compreensão do tema. No caso dos leitores iniciantes que visualizam essas páginas, essas imagens serão a primeira referência que se tem das lendas. Esses textos e ilustrações também se repetem no *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o RS*, enquanto que no *Terceiro Livro do Guri – Leitura* apenas a do *Negrinho do Pastoreio* foi incluída junto a outras que não constam nos outros dois livros.



Figura 88 – P. 31, 131 e 143 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Há, também, representações do gaúcho e do colono, no intuito de mostrar as características de cada um e as suas contribuições para a região sul do país. Pode-se ver que graficamente o “gaúcho-tipo” e o colono são caracterizados de forma bem distinta, para reforçar também o fato de que o homem vestido com o traje gaúcho, embora circule pelo campo e lide com animais campeiros, não é aquele que trabalha nas lavouras, que é identificado e nomeado como sendo o colono, com roupas modestas, de pés descalços, sozinho e carregando ou utilizando instrumentos simples de trabalho.

Na Figura 89, a seguir, são reproduzidos alguns exemplos em que os gaúchos com os trajes típicos foram representados, visto que aparecem em ilustrações de 09 textos. Aqui, mais uma vez, deve-se atentar aos conceitos de Panofsky, que “insistia na ideia de que imagens são parte de toda uma cultura e não podem ser compreendidas sem um

conhecimento daquela cultura” (BURKE, 2017, p. 59). Por isso, é necessário, na interpretação das imagens, familiarizar-se com os códigos culturais aos quais elas estão envolvidas, em determinado contexto, como nos exemplos aqui mostrados, que exaltam a tradição gaúcha.

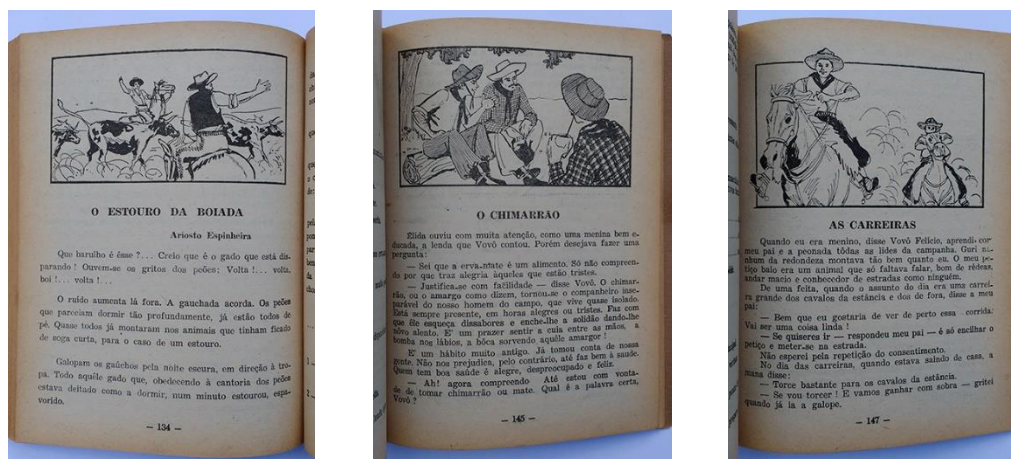


Figura 89 – P. 134, 145 e 147 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Agora, pela Figura 90 a seguir, mostra-se algumas referências visuais de representação do colono, com instrumentos da lida na lavoura, com chapéu de palha, camisa xadrez e calça curta, de pés descalços. Além disso, em uma das páginas, há crianças vestidas com roupas que podem ser associadas ao estilo usado na zona rural, segurando ferramentas costumeiras (espátula, ancinho, enxada, pá e regador) de quem trabalha no campo, no intuito de construir uma imagem social, incentivando os pequenos leitores aos hábitos de contato com a terra, a plantar e a colher, valorizando, assim, o colono e as atividades que costuma desempenhar, na zona rural.

Segundo Burke (2017, p. 44), “certos objetos simbólicos referem-se a papéis sociais específicos”. Nessa perspectiva, é interessante observar que se os instrumentos supracitados não estivessem nas mãos do homem e das crianças representadas nas cenas, as ilustrações poderiam representar qualquer outra cena em movimento, o que comprova a relação dada por determinados objetos com alguns contextos, ações e ambientes.

Há ainda um outro exemplo, apresentado na página ao centro da figura, que faz uma comparação entre o gaúcho e o colono, disponibilizando uma ilustração para cada um deles, com a intenção de prezar pela importância de ambos na constituição da identidade do Rio Grande do Sul. Além disso, nessas e em outras páginas do livro, é possível identificar o caráter ufanista dos textos, que não são, aqui, objeto de análise.

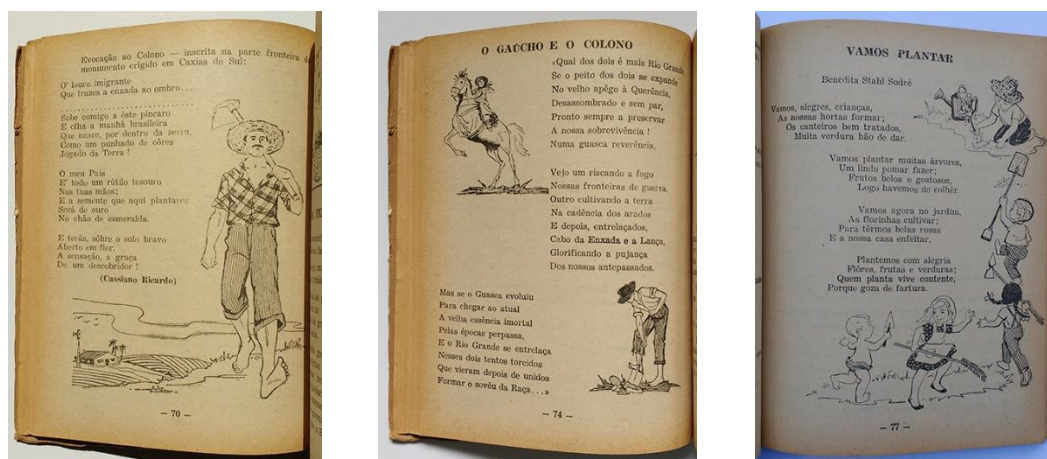


Figura 90 – P. 70, 74 e 77 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).
Fonte: Acervo Hisales.

Por isso, o livro também explora textos que tratam sobre a colonização ocorrida no estado, valorizando as etnias que formam parte do RS e suas diferentes contribuições socioculturais para a região. Dois exemplos clássicos são os que ressaltam a colonização decorrente da imigração alemã e da italiana, tradicionais e bastante representativas no estado. Como pode ser visto na Figura 91, a seguir, as ilustrações correspondentes a cada uma delas tratam de explorar elementos que associam tanto aos alemães como aos italianos, seja pela representação da chegada dos alemães às terras, com suas vestimentas consideradas típicas, ou ainda, pela representação da plantação e colheita das uvas, para remeter à tradicional Festa da Uva, que acontece na serra gaúcha, onde vivem muitos descendentes italianos.

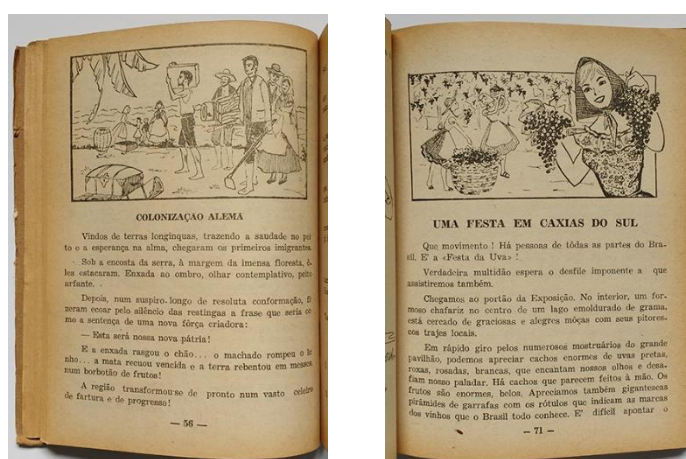


Figura 91 – P. 56 e 71 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara).
Fonte: Acervo Hisales.

Nesse livro também aparecem ilustrações com personagens fictícios que se portam como humanos, em 06 textos, como, por exemplo: uma raposa vestida de noiva; uma

plantinha e uma abelha com rostos e que conversam; os ratinhos de roupa que conversam sentados em uma mesa; um trem cuja cabine de locomoção tem um rosto na dianteira; um pão de trigo que tem face, braços e pernas e usa chapéu; um quero-quero e uma perdiz que usam óculos, chapéu e conversam; uma cigarra e uma formiga com rosto e que conversam.

Além disso, há aquelas ilustrações que realçam as paisagens típicas do sul do país, mostrando os pampas em diferentes momentos do dia, assim como alguns animais expressivos e considerados símbolos da região, como o quero-quero. Esse conjunto de imagens reforça, assim, a visibilidade que se pretende dar aos aspectos característicos do estado sob várias perspectivas, de uma forma mais ampla e não restrita apenas às tradições e a cultura dita “gaúcha”, mostrando também as paisagens e os animais, que naturalmente são vinculados à zona rural, o elemento norteador dos livros da *Coleção Guri*.

Em relação às atividades, quase todos os textos das unidades são acompanhados de exercícios específicos, que variam entre 01 a 12 tarefas. Não são detalhados aqui os tipos de atividades, pois muitas delas repetem as já anteriormente citadas, nos casos dos outros livros. No tocante ao conteúdo dos exercícios, em nenhum deles foi encontrada alguma relação com as ilustrações dos textos. Há apenas alguns casos em que o enunciado envolve a percepção visual da criança, em exemplos como: observar o mapa e assinalar algo nele, observar algo e descrever, desenhar algo.

Sobre indícios de circulação e usos do *Terceiro Livro do Guri*, não foi encontrado indicação de vínculo a algum programa do governo nos 7 exemplares analisados. Com relação à identificação de carimbos, no Exemplar 1 (2ª ed., 1965), há parte de um registro em que se reconhece o trecho “INEP”, na folha de rosto, enquanto que na página seguinte está outro com “CRPE / Nº 457U / Data 9.9.68 / Biblioteca”, sendo que os números estão escritos manualmente, com caneta vermelha. No Exemplar 2 (3ª ed., 1965), há no retrofrontispício (verso da folha de rosto, também chamada de frontispício) um carimbo com “CRPE / Nº 4576 / Data 9.9.68 / Biblioteca” (quase idêntico ao do Exemplar 1), com os números escritos manualmente, com caneta vermelha. O Exemplar 3 (3ª ed., 1965) contém parte de um registro em que se identifica apenas o trecho “INEP”, na folha de rosto, enquanto que no retrofrontispício, está o registro “CRPE / Nº 8803 / Data 26.2.1969 / Biblioteca”, com os números anotados à mão com caneta azul. O Exemplar 4 (3ª ed., 1965) apresenta no retrofrontispício o registro “CRPE / Nº 7048 / Data 24.10.67 / Biblioteca”, com os números anotados à mão com caneta azul. No Exemplar 5 (4ª ed., 1966), há na folha de rosto o registro indicando “Oferta das Edições Tabajara / P. Alegre”, enquanto no retrofrontispício, consta o registro “CRPE / Nº 7494 / Data 11.6.1968 / Biblioteca”. O Exemplar 6 (4ª ed., 1966) contém o registro “Oferta das Edições Tabajara / P. Alegre” na folha de rosto e no retrofrontispício a informação “CRPE / Nº 7496 / Data 11.6.1968 / Biblioteca”. Por fim, o Exemplar 7 (6ª ed., 1967) apresenta o registro “Livraria Liverpool / Tiradentes 459 A / Fone 6924 – Pelotas”, na

folha de rosto.

Em relação às marginálias, no Exemplar 1 (2ª ed., 1965), foi encontrado um registro no canto superior esquerdo da capa com o escrito “372.4 / R899t”, em caneta vermelha, e o miolo encontra-se intacto, sem nenhum tipo de interferência. O Exemplar 2 (3ª ed., 1965) também apresenta na capa o escrito “372.4 / R899t” na mesma posição, além de uma dedicatória das próprias autoras (de 1966) para uma pessoa do sexo masculino, na folha de rosto e, o miolo também não tem nenhum tipo de marcação. No Exemplar 3 (3ª ed., 1965), o retrofrontispício contém o registro “372 / R899t”, escrito à lápis, e essa mesma informação consta escrita diretamente na lombada, com caneta azul. Além disso, no final do livro, na 3ª capa, está o kit de empréstimo de livro, com o envelope colado nela (com o número 8803 anotado) e um cartão de empréstimo inserido nele, com um registro de número “372 / 8803 / R899t / Terceiro Livro do Guri”, com a anotação de apenas um empréstimo em 6.7.70 por uma pessoa do sexo feminino, além do papel colado com o controle de devolução, com a mesma data anotada. No Exemplar 4 (3ª ed., 1965), foi encontrado um registro na folha de rosto com a inscrição “372.4 / R952t / 3º a”, à caneta azul, e o miolo não contém nada a mais de marcações. O Exemplar 5 (4ª ed., 1966) não contém nenhum tipo de marcações, além dos carimbos referidos. O Exemplar 6 (4ª ed., 1966) contém na 3ª capa um kit de empréstimo de livro, com o envelope colado (com o número 7496 anotado) e um cartão de empréstimo inserido nele, com um registro de número “372 / 7496 / Terceiro Livro do Guri”, com a anotação de apenas um empréstimo em 17.4.70 por uma pessoa do sexo feminino, além do papel colado com o controle de devolução, com a mesma data anotada. No Exemplar 7 (6ª ed., 1967), há um escrito com “Dia 28 de julho” na 3ª capa, com caneta azul e, além disso, algumas das ilustrações nas páginas estão pintadas com lápis de cor.

e) *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*

Este livro é de autoria das mesmas professoras dos livros anteriores, Rosa M. Ruschel e Flávia E. Braun. As ilustrações são de Helga Trein e os mapas de Miron Zaions e não há informação sobre revisão. Não se sabe quando foi publicada a primeira edição desse livro didático, especial para o Rio Grande do Sul, e tampouco se houve reedições.

Ao que tudo indica, esse volume integra o conjunto de livros que foram feitos adaptados a partir do *Terceiro Livro do Guri* “padrão”, para serem destinados a diferentes estados, tais como o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Guanabara. Porém, no âmbito desta pesquisa, não foi possível evidenciar se todos eles foram efetivamente produzidos, visando as características regionais de cada estado, editados e distribuídos nas escolas.

No acervo do Hisales, há um único exemplar, sem as informações editoriais de data

e edição, o que dificulta a contextualização do período da publicação. Sendo assim, nesta seção é analisado o Exemplar único – s/ed., s/d (GURI_RS_3L_SED_SDA). Pode-se inferir que ele provavelmente seja do ano de 1968 em diante, pois foi a data de referência mais antiga encontrada na averiguação das capas dos demais exemplares analisados que utilizam essa mesma versão de projeto gráfico.

O formato do livro didático fechado é de 14 x 21 cm e o acabamento é com lombada quadrada, em formato brochura, com 0,8 cm de espessura. São 176 páginas, sendo 08 pré-textuais. Com relação à capa, ela mantém o mesmo *layout* de alguns dos *Segundo Livro do Guri*, já apresentados. As modificações são: a alteração do “Segundo” para “Terceiro” no título do livro; inserção do subtítulo “Edição especial para o Rio Grande do Sul”, acima da barra vermelha, na base da ilustração, logo abaixo dos chinelos do guri, em fonte maiúscula, sem serifa e preta. Com relação à cor da capa, há uma variação de tonalidades, em geral, em relação aos outros. A contracapa é branca e apresenta uma lista de “Livros de acordo com as novas teorias e técnicas de ensino e aprendizagem com edições especiais pra todos os estados do Brasil”, impressa em preto. A Figura 92, a seguir, mostra a capa e a contracapa do exemplar analisado.

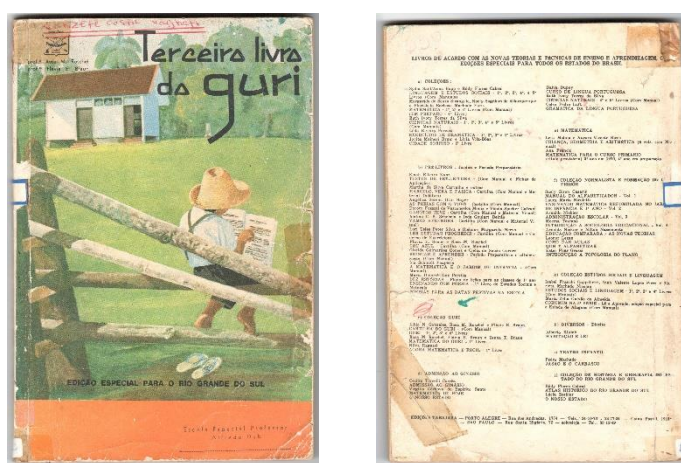


Figura 92 – Capa e contracapa do *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* (s/ed., s/d., Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Com relação ao projeto gráfico-editorial, em geral, a tipografia utilizada no texto é com serifa, variando entre maiúsculas e minúsculas, com uso de negritos em algumas situações. As ilustrações não apresentam molduras e estão predominantemente acima dos textos, com exceção de algumas poucas que estão na lateral das páginas. O miolo é todo impresso apenas em preto. A frase de mensagem aos alunos, referida anteriormente em outros livros, também aparece nesse exemplar, nas páginas pré-textuais.

O índice do *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* contém

82 Textos de Leitura, conforme mostra o Quadro 08, a seguir.

Quadro 08 – Índice do *Terceiro Livro do Guri* – Edição especial para o Rio Grande do Sul.

ÍNDICE DO TERCEIRO LIVRO DO GURI – EDIÇÃO ESPECIAL PARA O RIO GRANDE DO SUL		
TEXTOS DE LEITURA		
1. A promessa de um amigo;	29. Evocação ao colono (poesia);	56. O estouro da boiada;
2. O presente;	30. Uma festa em Caxias;	57. Você sabia que...;
3. O encontro;	31. O gaúcho e o colono;	58. Os índios e os jesuítas;
4. O gaúcho;	32. A lavoura;	59. Origem da erva-mate;
5. Porto Alegre;	33. Vamos plantar;	60. O chimarrão;
6. História de Porto Alegre;	34. Você sabia que...;	61. As carreiras;
7. Uma partida de futebol;	35. Estradas;	62. Inverno no pampa;
8. Você sabia que...;	36. A lenda do umbu;	63. Um estudo;
9. Revolução dos Farrapos;	37. A lenda do algodão;	64. Nossa terra;
10. Bento Gonçalves (poesia);	38. Balanças;	65. Você sabia que...;
11. Caminhos que andam;	39. O correio;	66. O mamoeiro;
12. A lanchinha;	40. Você sabia que...;	67. Onde estão as estrelas durante o dia?;
13. O clarim farroupilha;	41. Relevo;	68. Guabiju tem um segredo;
14. A lenda de Imembuí;	42. A neve (poesia);	69. Carreta (poesia);
15. Uma estória;	43. Os ossos;	70. Uma nova estória da cigarra e da formiga;
16. O trenzinho cargueiro;	44. Uma campanha para o inimigo;	71. Você sabia que...;
17. Você sabia que...;	45. Você sabia que...;	72. Quero-quero;
18. Gaúcho do litoral;	46. Tupanciretã;	73. Dia de chuva;
19. Na “colônia de férias”;	47. Estradas de ferro;	74. O presente de Natal;
20. Lagoa dos Patos;	48. O poço;	75. Visconde de Mauá;
21. Primeiros habitantes do Rio Grande do Sul;	49. O pãozinho de trigo;	76. Você sabia que...;
22. Você sabia que...;	50. Você sabia que...;	77. As cores da bandeira (poesia);
23. Deus (poesia);	51. O entardecer no pampa;	78. Pátria (poesia);
24. Colonização alemã;	52. O quero-quero e a perdiz;	79. Hino riograndense;
25. Andando pela colônia;	53. Petição velho (poesia);	80. Santos Dumont (poesia);
26. A lenda do arco-íris;	54. A lenda do Negrinho do Pastoreio;	81. Mãezinha – só uma (poesia);
27. A plantinha;	55. O carreteiro;	82. Natal (poesia).
28. Você sabia que...		

Fonte: Dados da autora (2018), a partir do exemplar do *Terceiro Livro do Guri* – Edição especial para o Rio Grande do Sul (s/ed., s/d., Ed. Tabajara) - acervo Hisales.

Em alguns desses textos são apresentados igualmente os autores e/ou procedência, e são eles: Marília Bueno (Bento Gonçalves); do “Cacique” (A lanchinha; Onde estão as estrêlas durante o dia?; Uma nova estória da cigarra e da formiga); Adaptação (O clarim farroupilha; A lenda do algodão; Uma campanha para o inimigo; Tupanciretã; O quero-quero e a perdiz; Os índios e os jesuítas; As carreiras; Dia de chuva); Casimiro de Abreu (Deus); Cassiano Ricardo (Evocação ao colono); Benedita Stahl Sodrê (Vamos plantar); Maria de Lourdes Figueiredo (A neve); Dimas Costa (O entardecer no pampa); Aparício Silva Rillo (Petição velho; Carrêta); Ariosto Espinheira (O estouro da boiada); Lenda (Origem da erva-mate); Darci Azambuja (Inverno no pampa); Dirceu A. Chiesa (Guabiju tem um segredo; Quero-quero); Geni Chaves (As côres da bandeira); Manuel Mendes (Pátria); Francisco Pinto de Fontoura / Joaquim José Mendanha (Hino rio-grandense); Vicente Guimarães (Santos Dumont); George Cooper (Mãezinha – só uma); Leonor Posada (Natal).

Os personagens encontrados nesse livro são os mesmos do *Terceiro Livro do Guri*, anteriormente apresentado. Quanto às imagens do livro, esse é o único, de todos os 26 exemplares da *Coleção Guri* analisados, que contém três tipos diferentes de registros visuais,

no total de 67: 61 ilustrações, 04 mapas e 02 fotografias.

Nesse livro, apesar de ser uma *Edição especial para o Rio Grande do Sul*, observou-se uma redução drástica de mapas, que de 15 localizados no *Terceiro Livro do Guri*, passou para apenas 04 nesse exemplar. Há 01 mapa do Brasil, disponibilizado de forma reduzida, na base da página, junto a uma atividade, que é o mesmo utilizado no outro livro; 01 mapa geral do estado do Rio Grande do Sul (apenas com o contorno), também vinculado a uma atividade; 01 mapa do estado do RS destacando as bacias hidrográficas, muito parecido ao do outro livro, mas com algumas alterações discretas em detalhes; 01 mapa do estado do RS com o relevo, idêntico ao utilizado no outro livro. Verificou-se que todos os mapas específicos de regiões do estado, antes utilizados, não foram incluídos nessa versão do livro.

Em relação às 02 fotografias, a primeira delas aparece junto ao texto intitulado “O gaúcho”. Mostra um homem vestido tipicamente com trajes gaúchos e tradicionais (bombacha, camisa, lenço no pescoço, chapéu de aba larga preso no queixo, botas, esporas e guaiaca), montado em um cavalo, enquanto um dos braços está levantado e fazendo o movimento típico de laçar, pois tem na mão um laço sendo movimentando no alto da cabeça.

A Figura 93, a seguir, mostra essa fotografia na página à direita, e na página esquerda está o mesmo texto, publicado no *Terceiro Livro do Guri* (o que não é especial para o RS), mas acompanhado de uma ilustração, com as mesmas características em geral, embora ela apresente o cavalo e o gaúcho virados para a esquerda, enquanto na fotografia estão virados para a direita. Além disso, pela posição em que o gaúcho e o cavalo estão na ilustração, eles parecem estar se movimentando mais rapidamente do que na fotografia.



Figura 93 – À esquerda, p. 08 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 16 do *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* (s/d., s/d., Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Refletindo-se sobre a fotografia, ela também deve ser compreendida como uma imagem que constrói sentidos e pode transmitir diferentes sensações e significados ao aluno

que utiliza o livro didático. Segundo Samain (2012, p. 160), as “fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. Precisam de nós para que sejam desdobrados seus segredos. As fotografias são memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas”.

A segunda fotografia aparece no livro didático logo em seguida da primeira, mostrada acima, e representa a capital Porto Alegre em um texto intitulado “Porto Alegre”, a partir de um ângulo bastante tradicional em que se permite ter uma visão do rio Guaíba com a cidade ao fundo. Nessa cena, embora a extensão do rio seja bastante grande, ela enfoca em uma parte na qual aparecem os famosos armazéns do cais da cidade, que são tradicionais e que identificam visualmente o porto da capital, no cenário como um todo. Na Figura 94, a seguir, essa imagem aparece na página à direita.

Já na página da esquerda, na mesma Figura 94, que é do *Terceiro Livro do Guri* (que não é especial para o RS), o mesmo texto aparece acompanhado de uma ilustração, cujo conteúdo representa exatamente a mesma cena, podendo ser conferida pelos prédios e detalhes da cena. Infere-se que a ilustração seja uma releitura, a partir dessa mesma fotografia, que talvez já existisse e a ilustradora Helga Trein tenha tido acesso para fazer uma adaptação, baseada nessa imagem típica de Porto Alegre. Uma possível explicação para esse fenômeno deve-se ao fato de que naquela década, as fotografias ainda eram recursos restritos de utilização nos livros didáticos, pelos empecilhos de requisitos de produção técnica e pelo alto custo de impressão de páginas com esse tipo de imagem.

Além de aparecer menos parte do céu e do rio na ilustração, o que dá uma sensação de imagem mais alargada, por ser mais retangular a paisagem, o detalhe que sobressai na ilustração é o do navio (abaixo à esquerda), que está em maior evidência, enquanto os da fotografia, bem ao fundo, estão difíceis de serem distinguidos. Por isso, esses elementos podem ter sido ajustados no traçado da ilustração, propositalmente.

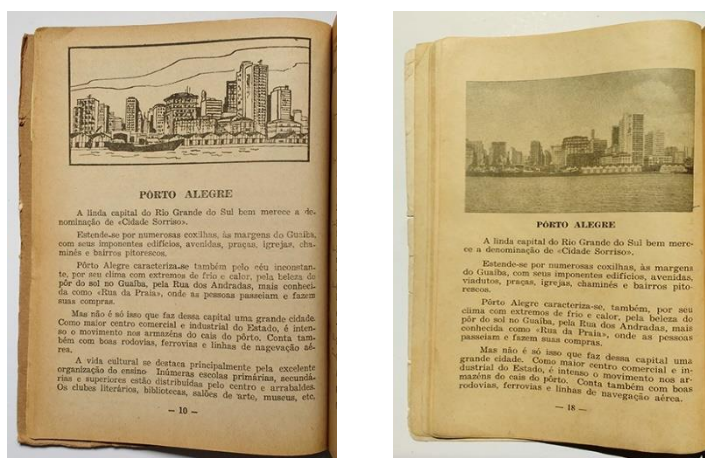


Figura 94 – À esquerda, p. 10 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 18 do *Terceiro Livro do Guri* – Edição especial para o Rio Grande do Sul (sfed., sfid., Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Ainda em relação à Figura 94, acima, em uma reflexão sobre ambas as versões, em especial a representação da ilustração, aproveita-se a discussão de Burke (2017), na qual o autor registra que:

Se a paisagem física é uma imagem que pode ser lida, então a paisagem reproduzida numa pintura é a imagem de uma imagem. No caso das paisagens pintadas, o ponto fraco do enfoque iconográfico torna-se óbvio. Parece não ser mais do que senso comum sugerir que pintores de paisagens desejam oferecer aos espectadores fruição mais do que comunicação de uma mensagem (BURKE, 2017, p. 68).

Uma outra modificação em comparação com o *Terceiro Livro do Guri* foi encontrada no texto “Na Colônia de Férias”. O conteúdo textual permanece o mesmo, mas a ilustração é alterada, como pode ser visto na Figura 95, a seguir. Na página à esquerda, a cena mostra, ao fundo e no lado esquerdo da ilustração, umas formações rochosas, próximas ao mar, que se parecem bastante com as que existem em uma das praias de Torres, no litoral gaúcho, neste caso, a da Guarita, cujo nome não é citado no referido texto, mas o da cidade sim. Entretanto, na página à direita, essa estrutura é eliminada do cenário representado. Uma hipótese para o motivo dessa alteração seria a de que se tenha solicitado para que a praia representada fosse mais “comum”, evitando-se a inserção de detalhes particulares de algum balneário e desvinculando assim uma possível associação por parte de quem já conhece o local, pois no texto aparecem citadas várias praias que são visitadas, além da de Torres.

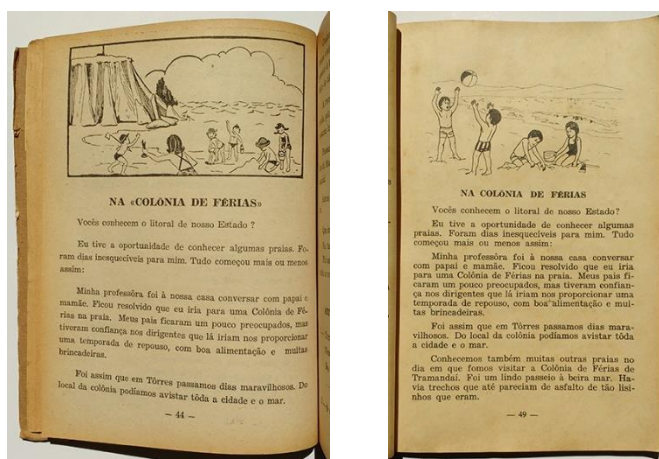


Figura 95 – À esquerda, p. 44 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara). À direita, p. 49 do *Terceiro Livro do Guri* – Edição especial para o Rio Grande do Sul (s/ed., s/d., Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Além disso, por uma outra possibilidade, nota-se que, em uma rápida visualização das ilustrações da praia, acima, na da esquerda as rochas chamam muita atenção e, com isso, o leitor pode tardar um pouco mais em reconhecer que há areia e água e em identificar uma praia na ilustração, pelo ângulo, perspectiva e traçado, visto que o típico desenho de praia costuma ser em linha reta, sendo que nesta ilustração o limite entre a areia e a água faz curvas. Nota-se que a ilustração da página à direita apresenta uma praia em linha reta, mesmo

em perspectiva no sentido diagonal, e um cenário sem tantos detalhes de paisagem e com enfoque nas crianças brincando, em primeiro plano.

As duas ilustrações, ainda na Figura 95 acima, também podem ser relacionadas a quaisquer outras praias, se não houver leitura do texto que contextualiza a temática tratada, a respeito das Colônias de Férias. Além disso, as crianças que aparecem brincando na areia, parecem ser um pouco maiores na ilustração da página à direita, conforme a estrutura anatômica dos corpos, posturas, ações e trajes de banho utilizados.

É interessante registrar que as Colônias de Férias eram consideradas instrumentos na formação de um aluno ideal, segundo Garcia (2009). Conforme o autor, essa prática era desenvolvida no estado gaúcho pelo menos desde a década de 1920, e consistia em instituições, em geral promovidas por setores educacionais do governo, que tinham ênfase nas atividades que visavam à formação física e mental dos alunos, com um programa de atividades, em grande parte de caráter aparentemente recreativo, mas com conteúdo ideológico característico do regime político vigente, que acontecia em um curto período de tempo, durante as férias, em cerca de 15 dias. Isso também era uma estratégia de estender a presença da escola e dos preceitos na vida das crianças inclusive nessa época, de pausa escolar. Garcia (2009, p. 114) informa que, entre as Colônias de Férias criadas no Rio Grande do Sul, a chamada “litorânea” foi instalada no município de Torres em 1942 e considerada a primeira Colônia Marítima, além de ser a primeira a receber um grupo misto de participantes, em relação ao sexo, sendo gurus e gurias. Com base nessas informações, é possível inferir que o texto e as imagens da Figura 95 façam referência a essa mesma Colônia de Férias.

Em relação às atividades no *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, alguns dos textos são acompanhados de exercícios (que variam de 03 a 10 tarefas). Com relação às que são associadas a imagens, encontrou-se atividades em que é solicitado observar o mapa e assinalar alguma parte ou preencher determinadas questões e em algumas em que se deve observar algo e responder as questões. Não se encontrou atividade que tivesse relação direta com a ilustração do respectivo texto.

Sobre indícios de circulação e usos do referido livro didático, não há nenhum registro que indique vínculo aos programas governamentais nesse livro. De carimbo foi encontrado um registro na capa com a informação “Escola Especial Professor Alfredo Dub” (de Pelotas/RS) e o mesmo se repete 05 vezes em páginas do miolo. Entre as marginais, estão: um nome com sobrenomes de pessoa do sexo feminino, escrito à caneta vermelha na capa e na falsa folha de rosto, e nesta página também há um registro, a lápis, com: “413 / 372 / 22-04-83”. Há páginas em que as atividades estão preenchidas, à lápis, e uma em que o texto se encontra com partes marcadas. Uma etiqueta colada na lombada do livro informa o número 63 escrito manualmente. No final do livro está o kit de empréstimo de livro, com o envelope colado na 3ª capa e um cartão de empréstimo inserido nele, com um registro de número 372-

413 e sem uso. O material está identificado com o nome da mesma escola referenciada no carimbo.

f) *Terceiro Livro do Guri – Leitura*

Como parte da coleção, este livro é igualmente de autoria das mesmas professoras dos livros anteriores, Rosa M. Ruschel e Flávia E. Braun. As ilustrações são de Helga Trein e não há informação sobre revisão. A primeira edição foi publicada em 1970.

No acervo do Hisales, há dois exemplares, de mesma edição e ano de publicação: Exemplar 1 – 1ª ed., 1970 (GURI_LEIT_3L_1ED_1970A) e Exemplar 2 - 1ª ed., 1970 (GURI_LEIT_3L_1ED_1970B). Por serem idênticos, o mapeamento de dados é o mesmo para ambos, com exceção das variações de marginálias, mostradas no fim dessa seção.

O formato do livro didático fechado é de 14 x 21 cm e o acabamento é com lombada quadrada, em formato brochura, com 0,6 cm de espessura. O livro tem 96 páginas, sendo 04 páginas pré-textuais e 02 pós-textuais. A capa mantém o mesmo *layout* do livro anterior apresentado, entretanto sem nenhum subtítulo acrescentado. A informação de que esse impresso é específico de “Leitura” aparece apenas na folha de rosto do livro, o que dificulta a identificação do tipo de livro apenas pela capa. Com relação à cor, as tonalidades se assemelham com as do livro mostrado na seção anterior. A contracapa é igual à do outro livro, branca, e contém a mesma lista de “Livros de acordo com as novas teorias e técnicas de ensino e aprendizagem com edições especiais pra todos os estados do Brasil”, impressa em preto. A Figura 96, a seguir, mostra a capa e a contracapa de um dos exemplares do acervo, pois os dois são iguais.

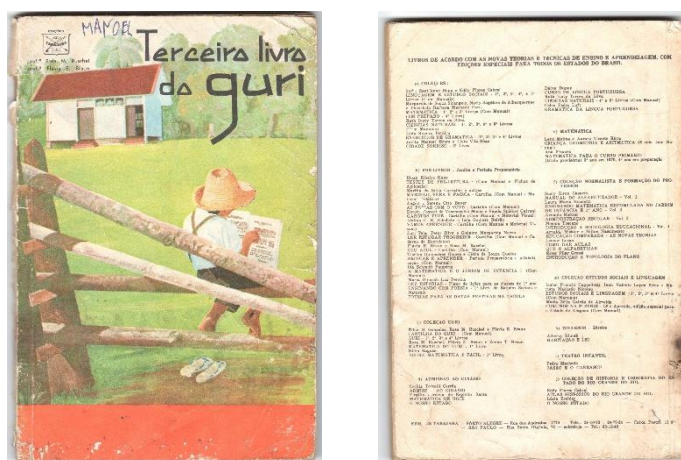


Figura 96 – Capa e contracapa do *Terceiro Livro do Guri – Leitura* (1ª ed., 1970, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Com relação ao projeto gráfico-editorial em geral, a tipografia utilizada no texto é com

serifa, variando entre maiúsculas e minúsculas, com uso de negritos em algumas situações. As ilustrações não apresentam molduras e estão predominantemente acima dos textos, com exceção de algumas poucas, que estão na lateral das páginas. O miolo é todo impresso apenas em preto, inclusive com preenchimento mais denso e de melhor qualidade que outros livros analisados, notando-se essa diferença principalmente nas ilustrações, que mostram a camada de tinta mais parelha e uniforme, o que ocorre também devido ao papel utilizado para as folhas desse volume, que tem menos aspereza que os outros.

Os dois exemplares deste livro são os únicos, entre os 26 analisados da *Coleção Guri*, que apresentam o registro oficial de vínculo à COLTED. Nesse registro, colocado na folha de rosto e em uma página no meio do miolo, constam as seguintes informações: Ministério da Educação e Cultura / Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático / Este livro é para uso do aluno / Foi doado pela COLTED e é propriedade da escola / Não estrague nem extravie / A boa conservação permitirá o seu uso no ano seguinte.

O índice do *Terceiro Livro do Guri - Leitura* contém 59 textos, conforme mostra o Quadro 09, a seguir.

Quadro 09 – Índice do *Terceiro Livro do Guri – Leitura*.

ÍNDICE DO TERCEIRO LIVRO DO GURI – LEITURA		
TEXTOS		
1. O presente;	21. Caminhos que andam;	41. Guabiju tem um segredo;
2. Pátria;	22. A lanchinha;	42. A neve;
3. A lenda do café;	23. Estradas;	43. Inverno no pampa;
4. O café;	24. Aprenda a escrever na areia;	44. Onde estão as estrelas durante o dia?;
5. O cafezinho;	25. O poço;	45. Evocação ao colono;
6. O pãozinho de trigo;	26. Versos na areia;	46. A lavoura;
7. A plantinha;	27. A lenda do arco-íris;	47. O estouro da boiada;
8. O mamoeiro;	28. A jabuticabeira milagrosa;	48. Os ossos;
9. Deus;	29. Acrobatismo;	49. Um estudo;
10. A lenda do Umbu;	30. O trabalhador dos cafezais;	50. Balanças;
11. O lar de Bartira;	31. Os colonos;	51. Corrida de cavalo;
12. A lenda do algodão;	32. Vamos plantar;	52. Uma partida de futebol;
13. A lenda do Negrinho do Pastoreio;	33. Promessa;	53. O presente de Natal;
14. O sabiá na gaiola;	34. Os pinheiros do Paraná;	54. Mãezinha – só uma;
15. Dia de chuva;	35. O jangadeiro;	55. Santos Dumont;
16. O correio;	36. O quero-quero e a perdiz;	56. Bento Gonçalves;
17. Uma campanha para o inimigo;	37. A coruja e a águia;	57. O Negrinho Patrocínio;
18. O trenzinho cargueiro;	38. O beija-flor;	58. Sê brasileiro;
19. Estradas de ferro.	39. Borboletas;	59. Natal.
20. Visconde de Mauá;	40. Uma nova estória da cigarra e da formiga;	

Fonte: Dados da autora (2018), a partir dos exemplares do *Terceiro Livro do Guri – Leitura* (1ª ed., 1970, Ed. Tabajara) - acervo Hisales.

Em alguns desses textos são apresentados os autores e/ou procedência, e são eles: Manuel Mendes (Pátria); Adaptação (Lenda do café; A lenda do umbu; A lenda do algodão; Dia de chuva; Uma campanha para o inimigo; O trabalhador dos cafezais; O quero-quero e a perdiz; Corrida de cavalo); Renato Sêneca Fleury (O café); Casimiro de Abreu (Deus); Viriato Corrêa (O lar de Bartira); Monteiro Lobato (O sabiá na gaiola, A coruja e a águia); do “Cacique”

(A lanchinha; Uma nova estória da cigarra e da formiga; Onde estão as estrelas durante o dia?; O Negrinho Patrocínio); Malba Tahan (Aprenda a escrever na areia); Elisa Valente Lopes (Versos na areia); R. Fleury (A jabuticabeira milagrosa); Cassiano Ricardo (Acrobatismo); Paulo Setubal (Os colonos); Benedita Stahl Sodr  (Vamos plantar); Baltazer Godói Moreira (Promessa); do livro Artes da Linguagem (Os pinheiros do Paraná); Rodolfo Teófilo (O jangadeiro); Constâncio C. Vigil (O beija-flor); Edvete da Cruz Machado (Borboletas); Dirceu Chiesa (Guabiju tem um segredo); Maria de Lourdes Figueiredo (A neve); Darci Azambuja (Inverno no pampa); Cassiano Ricardo (Evocação ao colono); Ariosto Espinheira (O estouro da boiada); George Cooper (Mãezinha – só uma); Vicente Guimarães (Santos Dumont); Marília Bueno (Bento Gonçalves); Brandt Horta (S  brasileiro); Leonor Posado (Natal).

Pelo tipo de livro, destinado   leitura, há somente textos e não constam junto a eles atividades específicas. Registra-se, ainda, após a amostragem dos outros dois livros, alguns dados, comparando-se as repetições e exclusividades entre os textos dos índices dos três volumes diferentes: *Terceiro Livro do Guri*, *Terceiro Livro do Guri – Edi   o especial para o Rio Grande do Sul* e *Terceiro Livro do Guri – Leitura*. Isso   importante de ser mostrado, porque indica, também, o reaproveitamento das ilustra   es relacionadas aos textos ou, então, as altera   es e adapta   es realizadas entre os diferentes volumes.

Sendo assim, foi verificado que há 39 textos que são repetidos nos três livros (*Terceiro Livro do Guri*, *Terceiro Livro do Guri – Edi   o especial para o Rio Grande do Sul* e *Terceiro Livro do Guri – Leitura*)¹⁷⁹, outros 31 em dois deles (*Terceiro Livro do Guri* e *Terceiro Livro do Guri – Edi   o especial para o Rio Grande do Sul*)¹⁸⁰ e 53 são exclusivos em apenas algum desses três exemplares (23, 12 e 18 textos)¹⁸¹. Há, ainda, o caso em que 01 texto do

¹⁷⁹ Os 39 textos que se repetem três vezes, no *Terceiro Livro do Guri*, *Terceiro Livro do Guri – Edi   o especial para o Rio Grande do Sul* e *Terceiro Livro do Guri – Leitura*, são: A lanchinha; A lavoura; A lenda do algodão; A lenda do arco- ris; A lenda do Negrinho do Pastoreio; A lenda do umbu; A neve; A plantinha; Balanças; Bento Gonçalves (poesia); Caminhos que andam; Deus (poesia); Dia de chuva; Estradas; Estradas de ferro; Evoca   o ao colono (poesia); Guabiju tem um segredo; Inverno no pampa; Mãezinha – só uma (poesia); Natal (poesia); O correio; O estouro da boiada; O mamoeiro; O pãozinho de trigo; O poço; O presente; O presente de Natal; O quero-quero e a perdiz; O trenzinho cargueiro; Onde estão as estrelas durante o dia; Os ossos; Pátria (poesia); Santos Dumont (poesia); Um estudo; Uma campanha para o inimigo; Uma nova estória da cigarra e da formiga; Uma partida de futebol; Vamos plantar; Visconde de Mauá. Em todas as repeti   es dos 39 textos, nos referidos livros, a ilustra   o foi mantida a mesma em 36 deles, pois em 03 textos não consta nenhuma imagem e em 01 texto, de apenas um dos livros, a ilustra   o não foi inserida e nem substituída por outra.

¹⁸⁰ Os 31 textos que se repetem duas vezes, no *Terceiro Livro do Guri* e no *Terceiro Livro do Guri – Edi   o especial para o Rio Grande do Sul*, são: A Lagoa dos Patos; A lenda de Imembuí; A promessa de um amigo; Andando pela colônia; As carreiras; As cores da bandeira (poesia); Carreta (poesia); Coloniza   o alemã; Gaúcho do litoral; Hino rio-grandense; História de Porto Alegre; Na colônia de férias; Nossa terra; O carreteiro; O chimarrão; O clarim farroupilha; O encontro; O entardecer no pampa; O gaúcho; O gaúcho e o colono; Origem da erva-mate; Os  ndios e os jesuítas; Peti o velho (poesia); Porto Alegre; Primeiros habitantes do Rio Grande do Sul; Quero-quero; Relevo; Revolu   o dos farrapos; Tupanciretã; Uma estória; Uma festa em Caxias. Em todas as repeti   es dos textos, nos referidos livros, a ilustra   o foi mantida a mesma em 27 deles, em 02 deles a ilustra   o foi trocada por uma fotografia e, em outros 02 textos, a ilustra   o foi trocada por uma ilustra   o diferente.

¹⁸¹ Os 23 textos exclusivos do *Terceiro Livro do Guri* são: Alto Uruguai; Campanha; Campos de cima da Serra; Depressão central; Encosta do Sudeste; Encosta inferior do Nordeste; Encosta superior do Nordeste; Miss  es; O litoral; Planalto médio; Serra do Sudeste; Tu sabias que... (12 textos com esse título, mas com o conteúdo diferente e sem ilustra   o). Todos cont m sua respectiva ilustra   o.

Terceiro Livro do Guri - Leitura é repetido no *Quarto Livro do Guri*¹⁸², volume abordado a seguir, na continuidade do texto.

Pelo caráter de coleção, os personagens que aparecem nesse livro são os mesmos dos livros já comentados, embora em menor quantidade, visto que há, também, mais textos de autores diversos. Olavo e Élide aparecem em ilustrações ou têm seus nomes citados em algumas narrativas textuais.

Quanto às imagens, há 43 ilustrações distribuídas pelas páginas desse exemplar, no qual não foram incluídos mapas e fotografias. Neste volume, 13 dos 18 textos inéditos, em relação aos livros anteriores, não contêm ilustração, o que pode ter ocorrido provavelmente por não haver alguma versão anterior já impressa e, com isso, a criação de novas ilustrações demandaria outros serviços, custos e maior tempo no processo de edição do livro.

Dá-se destaque, aqui, para duas ilustrações encontradas nesse livro e apresentadas na Figura 97, a seguir, cujas características gráficas se diferenciam bastante das demais, pelo estilo do traçado e dos elementos que compõem a imagem. Por esses aspectos, elas parecem terem sido produzidas com técnica artística de gravura¹⁸³. Além disso, se assemelham com a ilustração já mostrada no livro anterior, que aparece assinada por Miron Zaions.

Infere-se que essas ilustrações possam ter sido aproveitadas de algum trabalho original, previamente produzido para outra finalidade, diante de sua disparidade perante às demais que constam nesse livro e nos demais da coleção. Entretanto, em mapeamento realizado nos demais livros didáticos produzidos pela Tabajara e que estão no acervo do Hisales, encontrou-se ilustrações de estilo gráfico bastante parecido, assinadas por Percy Lau¹⁸⁴, que também poderia ser o autor dessas ilustrações. Essas informações são hipóteses sobre possíveis autorias que, neste momento, não podem ser conclusivas, sem uma investigação mais aprofundada.

Além do mais, apesar dessas referidas diferenças estilísticas entre as imagens em uma mesma coleção, é importante considerar que “independentemente de sua qualidade

Os 12 textos exclusivos do *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* são: Você sabia... (com o mesmo título, mas com o conteúdo diferente e sem ilustrações).

Os 19 textos exclusivos do *Terceiro Livro do Guri – Leitura* são: A coruja e a águia; A jabuticabeira milagrosa; A lenda do café; Acrobatismo; Aprenda a escrever na areia; Borboletas; Corrida de cavalo; O beija-flor; O café; O cafezinho; O jangadeiro; O lar de Bartira; O Negrinho Patrocínio; O sabiá na gaiola; O trabalhador dos cafezais; Os colonos; Promessa; Sê brasileiro; Versos na areia. Todos contêm sua respectiva ilustração. Em 13 desses textos não se incluiu ilustração.

¹⁸² O texto que se repete no *Terceiro Livro do Guri – Leitura* e no *Quarto Livro do Guri* é: “Os pinheiros do Paraná”. A ilustração é a mesma, porém é adaptada, com modificações em parte dela.

¹⁸³ A técnica artística de gravura, resumidamente, pode ser entendida como uma imagem que é obtida através da impressão de uma matriz artesanal. Existem diferentes materiais de matriz e, por essas variações, são classificados os tipos de gravura, de acordo com suas respectivas técnicas. Entre elas, algumas são: xilogravura (anteriormente explanada), gravura em metal, litogravura (anteriormente explanada), serigrafia, entre outros.

¹⁸⁴ Percy Lau era um ilustrador e desenhista peruano, radicado no Brasil. Nasceu em 1903 na cidade de Arequipa, no Peru, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1972. Sua obra, considerada de relevância para as artes plásticas no Brasil, retrata os tipos humanos, costumes, cultura e aspectos das paisagens e cidades do Brasil.

estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica” (BURKE, 2017, p. 28).

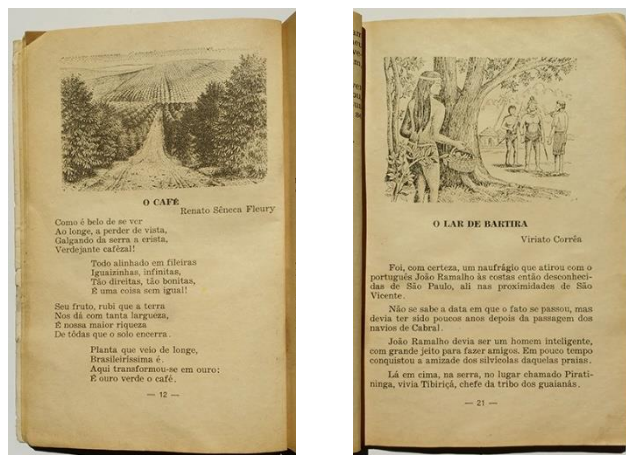


Figura 97 – P. 12 e 21 do *Terceiro Livro do Guri* – Edição especial para o Rio Grande do Sul (s/ed., s/d., Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Em outro exemplo, conforme mostrado na Figura 98, a seguir, um dos textos desse livro, “Os pinheiros de Paraná”, é aproveitado também no *Quarto Livro do Guri* (apresentado na sequência do texto, após esta seção). A ilustração, por ser idêntica nos dois casos – em livros de séries escolares diferentes, já é mostrada nessa seção quanto às suas variações. Nota-se que é diferente das que predominam na *Coleção Guri*, pela sua estrutura e pelo espaço que ocupa na página, pois está distribuída entre a margem superior, a margem lateral e a margem inferior da página, criando uma espécie de moldura orgânica para cercar o texto pelo lado direito, através de uma composição gráfica que inclui pinheiros e um passarinho. Nota-se que esse tipo de árvore foi especialmente ilustrado, em referência à temática principal do conteúdo textual, mostrando, dessa forma, uma representação gráfica dos pinheiros paranaenses.

Porém, embora seja a mesma ilustração nos dois livros, observou-se uma alteração entre os exemplares analisados, pois no exemplar mais antigo do *Quarto Livro do Guri*, de medidas menores, ela teve que ser adaptada em função do formato da página, da mancha gráfica e da diagramação e, com isso, a parte inferior foi eliminada e parte dos detalhes das copas dos pinheiros, na lateral, também foi retirada. Entretanto, a imagem voltou a aparecer completa em um exemplar mais recente do mesmo livro, de formato maior que o anterior, porém com um contorno retangular ao redor de toda a mancha gráfica, comportando-se como uma moldura, que inclui dentro dessa área delimitada a ilustração e o texto, como pode ser conferido na Figura 98, a seguir.

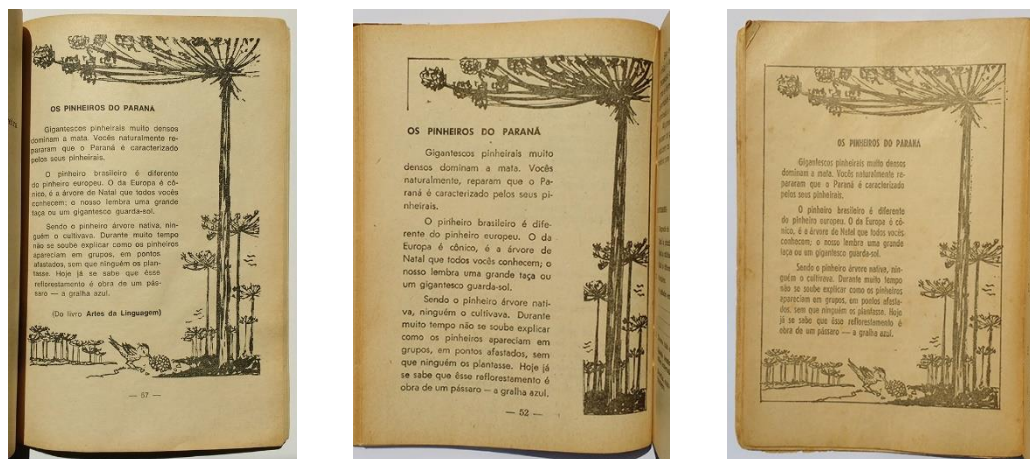


Figura 98 – À esquerda, p. 57 do *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul* (s/ed., s/d., Ed. Tabajara), ao centro, p. 52 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara), à direita, p. 52 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1969, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Um dos temas abordados nos livros didáticos é a religião, que pode aparecer de distintas formas nas páginas, dependendo do ano escolar e do objetivo pretendido no conteúdo. A religião pode ser abordada através de fatos históricos, hábitos ou mesmo em relação a datas comemorativas, entre outras possibilidades de estar presente nos suportes didáticos.

A Figura 99, a seguir, mostra um dos exemplos em que o tema religioso pode ser visto pelos elementos da cena representada graficamente, o que se permite uma associação quase imediata, antes mesmo de se recorrer ao conteúdo do texto. Há duas páginas com ilustrações muito semelhantes, representando a mesma cena em livros diferentes e cujos títulos “Versos na areia” (de Elisa Valente Lopes) e “Prece a Anchieta” (Guilherme de Almeida) são totalmente distintos, parecendo tratarem de temas também diversos, à uma primeira impressão do leitor.

Por isso, aqui também deve-se chamar a atenção para a influência do título de um texto na compreensão de uma ilustração, alterando assim a interpretação do leitor, pois enquanto um deles usa um tom mais poético para referenciar um fato histórico, através da narrativa textual (que só é identificado com a leitura do texto, no caso de o leitor não ter conhecimentos prévios a respeito do tema), o outro já antecipa a informação, citando o nome da pessoa focada na poesia apresentada, no caso, o padre José Anchieta. São estratégias variadas para introduzir o leitor aos temas e conteúdos, especialmente os de religião, com ensinamentos provenientes da soberania histórica da Igreja perante a sociedade. Nos referidos exemplos, a seguir, a página da esquerda é do *Terceiro Livro do Guri – Leitura* e a página da direita é do *Quarto Livro do Guri*, ou seja, estão em livros destinados a anos escolares distintos.



Figura 99 – À esquerda, p. 47 do *Terceiro Livro do Guri* – Edição especial para o Rio Grande do Sul (s/ed., s/d., Ed. Tabajara). À direita, p. 65 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Conforme pode ser visto, acima, ambas as ilustrações reproduzem uma cena tradicionalmente vinculada ao padre José Anchieta, que tinha o hábito de escrever na areia, com um pedaço de pau, catequizando e ensinando latim aos índios (que não aparecem representados nessa cena). Pela cena da página à esquerda, se o leitor olhar a ilustração pela primeira vez e não souber de quem se trata, minimamente poderá supor que há algo de religião, ao identificar uma cruz, pendurada no pescoço do homem.

Em relação ao significado da cruz, segundo Frutiger (1999, p. 241), “a extrema simplicidade de sua estrutura é certamente a razão de sua disseminação pelo mundo. A relação pictórica com a cruz de referência e a semelhança de sua silhueta com a forma humana, transformaram-na no principal símbolo da fé cristã”. Por menor que seja representado na cena, esse objeto, de formato simples e facilmente reconhecido, é um dos principais e mais potentes símbolos do cristianismo, pelos significados intrínsecos a ele. Entretanto, a cruz não aparece na ilustração da página à direita.

Para reforçar a mensagem de que a Igreja está sendo “mostrada” nas cenas, outros símbolos clássicos aparecem, como a batina no corpo do homem e um solidéu em sua cabeça, uma bíblia nas mãos, além de rasteirinhas nos pés, cada um com seus respectivos significados, aparecendo ou não em ambos os exemplos. Porém, sempre há o risco de interpretações equivocadas, pois, por exemplo, ao invés de se reconhecer um solidéu na cena da esquerda, pode parecer que o homem seja careca e que não se identifique esse adereço, remetendo-se assim às características de um outro tipo de padre, o franciscano, dado o formato “típico” do corte de cabelo utilizado pelos irmãos dessa ordem, e não do referido padre jesuíta. Na cena da direita, não é possível identificar se há algo na cabeça do homem. Além disso, os escritos em latim na areia da praia, em ambas as cenas, mesmo sendo detalhes que talvez não se dê muita atenção, inevitavelmente remetem à Igreja, não apenas pelo idioma,

mas também pelo que está escrito, em forma de oração, instruindo e induzindo, mesmo indiretamente, o leitor à devoção e adoração aos santos católicos.

Sobre indícios de circulação e usos do *Terceiro Livro do Guri – Leitura*, quanto aos carimbos, no Exemplar 1, há um registro na primeira página, que informa: Grupo Escolar “Dr. Francisco Simões” / Pelotas. De marginais, foi encontrado o nome de uma pessoa do sexo masculino na capa, escrito à caneta, e os escritos “trib” e “vô”, à caneta, em uma página do miolo, ambos em azul. No Exemplar 2, não foi encontrado nenhum registro de carimbo e há uma anotação com “20/7/74”, escrita à lápis, no canto superior de uma página, além do nome de uma pessoa do sexo feminino, escrito na parte superior da capa do livro, à caneta vermelha.

g) Quarto Livro do Guri

Reafirma-se, nesse último livro, o *Quarto Livro do Guri*, que a autoria é das professoras Rosa M. Ruschel e Flávia E. Braun. As ilustrações, diferentemente dos outros livros da *Coleção Guri*, são de Anelize Becker de Lima e os mapas geográficos de Miron Zaions. A revisão é da professora Rebeca Poyastro. A primeira edição desse livro foi publicada em 1966.

No acervo do Hisales, há 07 exemplares do *Quarto Livro do Guri*, que são: Exemplar 1 – s/ed., 1966 (GURI_4L_SED_1966A); Exemplar 2 – s/ed., 1966 (GURI_4L_SED_1966B); Exemplar 3 – s/ed., 1966 (GURI_4L_SED_1966C); Exemplar 4 – s/ed., 1967 (GURI_4L_SED_1967A); Exemplar 5 – s/ed., 1967 (GURI_4L_SED_1967B); Exemplar 6 – s/ed., 1969 (GURI_4L_SED_1969A); Exemplar 7 – s/ed., s/d. (GURI_4L_SED_SDA). Conforme esses dados indicam, não se sabe as edições, mas pelas datas há 04 exemplares de 1966, 02 de 1967, 01 de 1969 e 01 sem data.

Tendo como base o Exemplar 1 (s/ed., 1966), as medidas do livro didático fechado são de 13,5 x 18 cm e a lombada, quadrada com acabamento brochura, tem 1,5 cm. Esses dados valem para os outros 04 livros, que são semelhantes ao primeiro – Exemplares 2 a 5 (s/ed., 1966 a 1967). Entretanto, nota-se uma modificação nas medidas do livro, no Exemplar 6 (s/ed., 1969) e que se repete no Exemplar 7 (s/ed., s/d), que passaram a ter 14 x 21 cm e a lombada, de mesmo acabamento, diminuiu para 1,2 cm. Essa redução na medida da lombada aconteceu porque a gramatura do papel nesses livros é menor que a dos livros mais antigos.

A capa do *Quarto Livro do Guri* é a mesma em 05 exemplares, tendo o mesmo projeto gráfico de algumas capas já mostradas anteriormente. Trata-se da versão que utiliza as fotografias em que aparecem as três crianças nas cenas retratadas na capa (que também mostra o guri, de chapéu, lendo sentado na cerca) e na contracapa. A única alteração, obviamente, é a troca da primeira parte do título para “Quarto”. A Figura 100, a seguir, mostra

a capa e a contracapa de um dos exemplares, que serve como referência para os outros 04 livros, que variam apenas nas tonalidades de impressão.



Figura 100 – Capa e contracapa do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Os Exemplares 6 (1969) e 7 (s/d) estão incompletos e não apresentam a capa. A contracapa do Exemplar 6 é branca e contém uma lista de “Livros de acordo com os novos programas de ensino oficial e com edições especiais para cada estado do Brasil”, impressa em preto. O Exemplar 7 está sem contracapa e também faltam páginas. Como eles são em dimensão maior que os anteriores, há uma hipótese, considerando que são mais recentes, de que a sua capa seja aquela com a técnica de pintura e com a barra vermelha, já mostrada anteriormente em outros livros. Além disso, do Exemplar 1 ao 5, as segundas e terceiras capas apresentam impressas, em preto, uma lista de edições didáticas primárias. O Exemplar 6 só pode ser conferido pela contracapa e a terceira capa não possui nada impresso. O Exemplar 7 está incompleto e não há como verificar esses dados.

O livro tem 256 páginas, sendo 254 numeradas e 06 de páginas pré-textuais. Com relação ao projeto gráfico-editorial em geral, há dois estilos adotadas: do Exemplar 1 ao 5 a diagramação é a mesma, enquanto que há outra igual entre os Exemplares 6 e 7. No primeiro grupo de exemplares a tipografia do texto é sem serifa, com maiúsculas, minúsculas e algumas variações para negrito, entretanto a tipografia nas atividades é sempre com fontes serifadas. No segundo grupo, os dois exemplares têm o texto e as atividades preparadas com caracteres sem serifa, o que mostra que houve uma preocupação na padronização e organização do uso da tipografia nas páginas. O miolo é todo impresso em preto.

O índice do *Quarto Livro do Guri* está dividido em 2 partes – “Textos de leitura” (com Introdução e 6 Unidades) e “Atividades” (com 5 seções), conforme pode ser conferido no Quadro 10, a seguir.

Quadro 10 – Índice do *Quarto Livro do Guri*.

ÍNDICE DO QUARTO LIVRO DO GURI	
TEXTOS DE LEITURA INTRODUÇÃO 1. No quarto ano; 2. Estudando em Casa. I UNIDADE – O Brasil 3. O Brasil está à tua espera; 4. Patriotismo (poesia); 5. História de uma terra encantada; 6. Descobrimento do Brasil; 7. A Benção; 8. Ladainha (poesia); 9. Primeiras expedições; 10. Expedições colonizadoras; 11. Caramuru; 12. Os rios correm para o mar; 13. O relevo do Brasil; 14. Capitânias hereditárias. II UNIDADE – Região Sul 15. Região Sul; 16. Minuano (poesia); 17. Pinheiros do Paraná; 18. Uma pequena estória de uma grande riqueza; 19. O café; 20. Governo geral; 21. Divisão do Brasil em dois governos; 22. Os jesuítas e o ensino; 23. Prece a Anchieta; 24. Tonico de Campinas; 25. O novo de lã; 26. O gaúcho é a antítese do vaqueiro do nordeste; 27. Bandeirantismo; 28. Santos; 29. Um homem de valor; 30. O salto do Guaira (poesia); 31. Animais plantadores de árvores; 32. Aparecida; 33. Tu sabias que. III UNIDADE – Região Leste 34. Região Leste; 35. Rio de Janeiro; 36. Cachoeira de Paulo Afonso; 37. Brasil holandês; 38. Como nasceram os beija-flores; 39. Sumé; 40. Insurreição pernambucana; 41. Clara Camarão; 42. Saudades (poesia); 43. Petróleo; 44. A lenda da fogueira de São João; 45. Inconfidência mineira; 46. Cantigas de trabalho; 47. O leão e o ratinho; 48. Vinda da família real para o Brasil; 49. Tu sabias que. IV UNIDADE – Região Centro-oeste 50. Região Centro-oeste; 51. Brasília; 52. O garimpeiro; 53. Independência do Brasil; 54. Súplica da Árvore; 55. Anhanguera; 56. Primeiro reinado; 57. A flor da estrada; 58. A lenda dos diamantes; 59. Governos regenciais; 60. Tarde sertaneja; 61. Agora; 62. Tu sabias que. V UNIDADE – Região Nordeste 63. Região Nordeste; 64. Jangadeiro; 65. Canção do exílio; 66. Carnaubeira; 67. Segundo império; 68. Um grande brasileiro; 69. Bumba-meu-boi; 70. O açúcar; 71. O sertanejo; 72. A abolição da escravatura; 73. Castro Alves – Poesia dos escravos; 74. Verdes mares; 75. Negrinho Patrocínio; 76. O vaqueiro do pantanal; 77. Hino ao Juazeiro; 78. Salinas; 79. Guerra do Paraguai; 80. Recife – metrópole do Nordeste; 81. Tu sabias que VI UNIDADE – REGIÃO Norte 82. Região Norte; 83. O civilizador do sertão; 84. O Amazonas; 85. A pororoca; 86. Música indígena; 87. Seringueiro; 88. Jacarés; 89. Os olhos do menino (lenda); 90. A república; 91. O vaqueiro de Marajó; 92. Tarde brasileira; 93. Organização do governo republicano; 94. Obra de Rio Branco na consolidação de nossas fronteiras; 95. Aves do Brasil; 96. Governos republicanos; 97. Tu sabias que; 98. Brasil atual; 99. Nação; 100. Brasileiro, onde está tua pátria?; 101. Direitos e deveres do cidadão; 102. Símbolos nacionais; 103. Hino nacional; 104. Hino à bandeira; 105. A primavera; 106. Por que o pinheiro é árvore de Natal.	ATIVIDADES GRAMÁTICA FUNCIONAL 1. Noção de predicativo e verbo de ligação; 2. Noção de numeral; 3. Noção de objeto indireto; 4. Noção de substantivo primitivo e substantivo derivado; 5. Desenvolvimento da noção de tempo. 6. Noção de pronome possessivo demonstrativo e indefinido; 7. Noção de modo dos verbos; 8. Noção de pessoas verbais; 9. Desenvolvimento da noção de pronome pessoa. EXPRESSÃO ESCRITA – COMPOSIÇÃO 1. Levantamento de questões; 2. Escrita em prosa de uma poesia; 3. Esquema; 4. Relato de experiências realizadas; 5. Tema sugerido; 6. Estória inventada; 7. Reprodução de leituras; 8. Composição de uma prece; 9. Composição sobre um tema proposto; 10. Anotação de informações; 11. Narração; 12. Descrição; 13. Dramatização; 14. Resumo; 15. Carta; 16. Formulação de regras de ortografia. ORTOGRAFIA 1. Estudo do sentido das palavras – Dicionário; 2. Acentuação; 3. Estudo da palavra quanto às sílabas; 4. Dificuldades específicas; 5. Hífen; 6. Trema. CIÊNCIAS NATURAIS 1. Relevo; 2. Reprodução – Variação dentro da mesma espécie; 3. Germinação; 4. Desenvolvimento dos vegetais – necessidade de luz; 5. Biologia; 6. Raiz – tipos; 7. Rochas; 8. Biologia – Gás carbônico no produto da expiração; 9. Folhas – simétrica e assimétrica; 10. Vegetais; 11. Flor; 12. Caule; 13. Folha – modificações para resistir ao ambiente; 14. Evaporação; 15. Fotossíntese; 16. Biologia – partes essenciais da célula; 17. Observação sobre aves. ESTUDOS SOCIAIS 1. Noções sobre limites, divisão político-administrativa e principais aspectos físicos do Brasil; 2. Principais características das diferentes regiões geográficas do Brasil; 3. Os grandes problemas da atualidade brasileira; 4. Descobrimento e a colonização. 5. Os jesuítas; 6. Os bandeirantes; 7. O despertar do sentimento nativista; 8. A vinda da família real e o progresso do Brasil; 9. Independência do Brasil; 10. O segundo império – abolição da escravatura – Guerra do Paraguai; 11. A república. Governos. Acontecimentos; 12. Brasil atual; 13. Idéia de Nação. Leis. Notícias sobre a Constituição brasileira. Direitos e deveres do cidadão. Registro civil e serviço militar. Símbolos nacionais.

Fonte: Dados da autora (2018), a partir dos exemplares do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966; s/ed., 1967; s/ed., 1969; s/ed., s/d., Ed. Tabajara) - acervo Hisales.

Os autores e/ou procedência identificados nos textos, entre os acima referidos, são: Lucia Casasanta (O Brasil está a tua espera; Como nasceram os beija-flores); Martins d'Alvarez (Patriotismo); Jorge Salis Goulart - 22 de abril de 1500 (História de uma terra encantada); Do "Brasil e suas riquezas" (Descobrimento do Brasil); Rev. do Ensino (A bênção;

A lenda dos diamantes; Por que o pinheiro é árvore de Natal); Cassiano Ricardo (Ladainha); Adaptação (Primeiras expedições; Divisão do Brasil em governos; Cachoeira de Paulo Afonso; O vaqueiro do Pantanal; Amazonas; Aves do Brasil); Da Enciclopédia Delta Júnior (Caramuru; Brasília); Alberto Silva (Os rios correm para o mar); Das Histórias da nossa História (Capitanias hereditárias); A. Pereira Timm (Minuano); Do livro “Artes da Linguagem” (Os pinheiros do Paraná; O café); Pedro Calmon (Os jesuítas e o ensino); Guilherme de Almeida (Prece a Anchieta); Euclides da Cunha (O gaúcho é a antítese do vaqueiro do nordeste; O salto do Guaíra (Emílio de Menezes); Tio Hugo (Animais plantadores de árvores); De “Leit. Geogr.” – A. A. (Aparecida; O açúcar; Recife, metrópole do nordeste; A obra de Rio Branco na consolidação de nossas fronteiras); Lenda (Sumé; Os olhos do menino - adaptação); Guiomar Reis Damazio (Clara Camarão); Casimiro de Abreu (Saudades); Da “Enciclop. D. Jr.” (Cantigas de trabalho; Carnaubeira; Bumba-meu-boi); Monteiro Lobato (O leão e o ratinho); Terezinha Chaise (O garimpeiro; Seringueiro); Domingos Faustino Sarmiento (Súplica da árvore); J. R. Jiménez (A flor da estrada); Visconde de Taunay (Tarde sertaneja); Jorge Cesar Motta (Agora); Ariosto Espinheira (O jangadeiro; Música indígena); Gonçalves Dias (Canção do exílio); Euclides da Cunha (O sertanejo); Waldomiro Potsch (Abolição da escravidão; Guerra do Paraguai); Daisy Bréscia (Castro Alves – o poeta dos escravos); José de Alencar (Verdes mares); do “Cacique” (O negrinho Patrocínio; Primavera); Gustavo Barrozo (Hino ao Juazeiro); Araripe Júnior (A pororoca); Do Correio do Povo (Jacarés); Do livro “Tipos e aspectos do Brasil” (Vaqueiro de Marajó); Oliveira Ribeiro Neto (Tarde brasileira); Ronald de Carvalho (Brasileiro, onde está tua pátria?); Joaquim Osório D. Estrada / F. M. da Silva (Hino nacional brasileiro); Francisco Braga / Olavo Bilac (Hino à bandeira).

Passando para a análise das imagens, o *Quarto Livro do Guri* possui 66 imagens, sendo 57 ilustrações e 09 mapas. Embora um dos exemplares do *Terceiro Livro do Guri* apresente fotografias impressas no miolo, não foi encontrado nenhum registro desse tipo nesse quarto livro. Enquanto no *Terceiro Livro do Guri* os temas, em geral, abordam o estado do Rio Grande do Sul, no *Quarto Livro do Guri* as temáticas passam a ser relativas ao Brasil, em geral. Isso é bem perceptível nas imagens, tanto nas ilustrações como nos mapas, que mudam o enfoque, em relação aos livros anteriores da coleção.

Quanto aos mapas, de autoria de Miron Zaions, são bem amplos nas páginas e vários ocupam toda a mancha gráfica. Além disso, todos têm contorno retangular ao redor, o que não havia sido inserido nos livros anteriores. A necessidade de os mapas serem maiores se justifica pela importância de viabilizar uma melhor visualização dos detalhes e as partes relevantes para a temática tratada. Há mapas que mostram o país com os estados e divisas com os países vizinhos; as bacias fluviais do país; o relevo do país; a separação das capitanias no país; a região sul do país; a região leste do país; a região centro-oeste do país; a região nordeste do país; a região norte do país. Na Figura 101, a seguir, é possível conferir

alguns exemplos desses mapas.

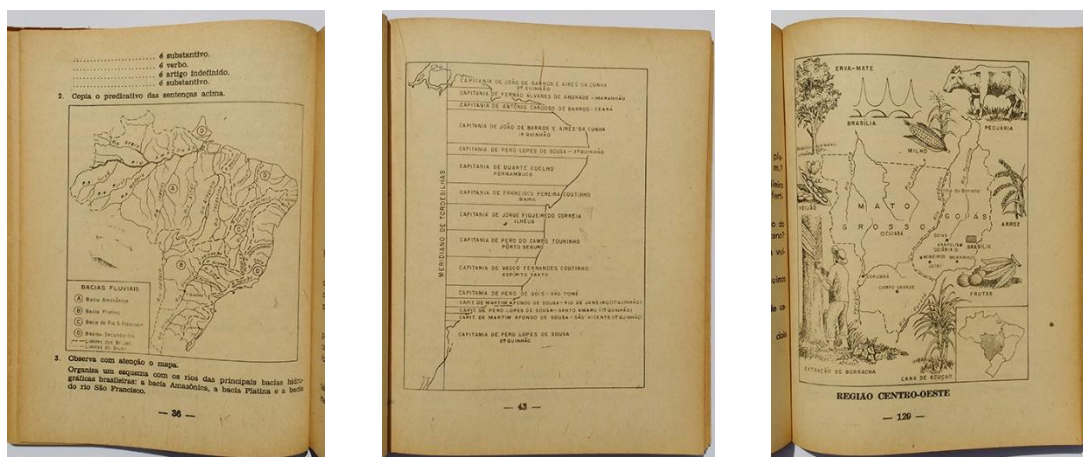


Figura 101 – P. 36, 43 e 129 do *Quarto Livro do Guri* (sled., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Os três exemplos de mapas, acima, mostram tratamentos gráficos e elementos visuais diferenciados nas suas definições. À esquerda, no primeiro mapa, que mostra as bacias fluviais, são utilizadas linhas de preenchimentos diferentes, orgânicas e sinuosas, para indicar determinados elementos e os caminhos dos rios, afluentes, etc. No segundo mapa, ao centro, percebe-se que é uma amostragem mais simplificada, com utilização de linhas retas, que dividem o mapa em zonas horizontais, para mostrar as capitânicas hereditárias.

Já no terceiro mapa, à direita, trata-se de uma montagem de elementos gráficos de dois estilos, pois enquanto se utiliza as linhas divisórias dos estados que compõem a região centro-oeste, de forma simples, há um arranjo de ilustrações ao redor, indicando locais, produtos, animais, plantas e atividades típicas da localidade. Pode-se dizer que este terceiro caso é o que permite que o trabalho do profissional possa ter uma identidade visual gráfica diferenciada, por utilizar uma composição que une um mapa aos elementos representativos de uma região, o que permite uma maior liberdade na criação da imagem como um todo. Isso também envolve outras etapas e critérios de projeto gráfico e, permite, ainda, que se note a técnica estilística adotada nas ilustrações distribuídas ao redor do mapa. O mesmo não pode ser dito para os outros tipos de mapas, que devem obedecer às estruturas necessárias, portanto, com poucas possibilidades de variações estilísticas, visto que há uma representação básica, e de certa forma, padronizada, a ser mantida, de acordo com as suas funções e como elas devem ser vistas pelo usuário/leitor.

Um dos diferenciais nas ilustrações deste volume é, como já foi referido, a autoria, que não é de Helga Trein, mas de Anelize Becker de Lima, sua filha. Sendo assim, observa-se que o estilo gráfico desta ilustradora se diferencia do que foi utilizado nos livros anteriores, principalmente nas representações de cenas históricas. A ilustradora explora variados tipos

de recursos e o traçado é bastante expressivo e intenso, com contrastes entre áreas cheias e vazadas. Com isso, pela observação das características que se destacam nas criações dos ilustradores, é importante destacar também que:

[...] a ilustração é o resultado da produção de sentidos do ilustrador, de seus pensamentos e sensações, e de sua preocupação com para quem o livro está sendo escrito. É a colocação de seu repertório cultural em diálogo com o repertório do escritor, do designer gráfico, do editor e do possível leitor modelo (usuário final) entre outros (FARBIARZ et al., 2008, p. 43).

Não há ilustração em todos os textos e tampouco um padrão de molduras, que aparecem em algumas situações e em outras não. Além disso, nesse livro há mais variações nas posições das imagens na página que nos anteriores, rompendo com a estrutura anterior e predominante da mancha gráfica nos livros da *Coleção Guri*. Alguns desses casos estão exemplificados, a seguir, na Figura 102, mostrando diferentes disposições das ilustrações.

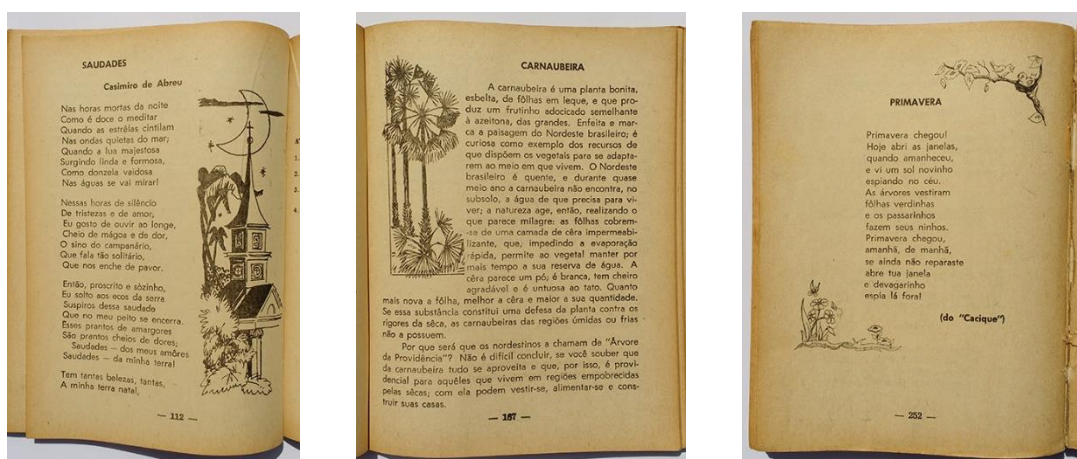


Figura 102 – P. 112, 167 e 252 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

No *Quarto Livro do Livro* há muito conteúdo sobre fatos históricos e, diante disso, vale o que foi comentado na análise das imagens no *Terceiro Livro do Guri*, sobre os procedimentos adotados nesses casos, pelos ilustradores. É bem provável que a ilustradora tenha se baseado em referências imagéticas já existentes dos eventos e tenha feito releituras, propondo uma nova visualidade para as cenas representadas.

Das 57 ilustrações, 11 expõem índios, com variadas características e de diferentes grupos, envolvidos em situações diversas, nas narrativas textuais, sendo que há, ainda, alguns textos que não contêm ilustração. Visualizando-se essas representações, retoma-se o que tanto tem sido discutido na educação e entre os pesquisadores que se debruçam sobre o tema, avaliando o que se deseja mostrar a respeito dos indígenas e o que, de fato, se faz com relação a isso, inclusive diante das imagens encontradas nos livros didáticos, em geral.

A representação da alteridade nos livros didáticos mostra que “[...] o processo de

distorção é, ele próprio, evidência de fenômenos que muitos historiadores desejam estudar, tais como mentalidades, ideologias e identidades. A imagem material ou literal é uma boa evidência da “imagem” mental ou metafórica do eu ou dos outros” (BURKE, 2017, p. 50).

São os estereótipos mantidos e reforçados, mais uma vez, o que torna possível refletir como isso repercute nas possíveis interpretações, derivadas da narrativa textual junto à visual. Os livros didáticos da *Coleção Guri* não escapam dessas reflexões. A Figura 103, a seguir, mostra índios de diferentes grupos indígenas, localizados no *Quarto Livro do Guri*.

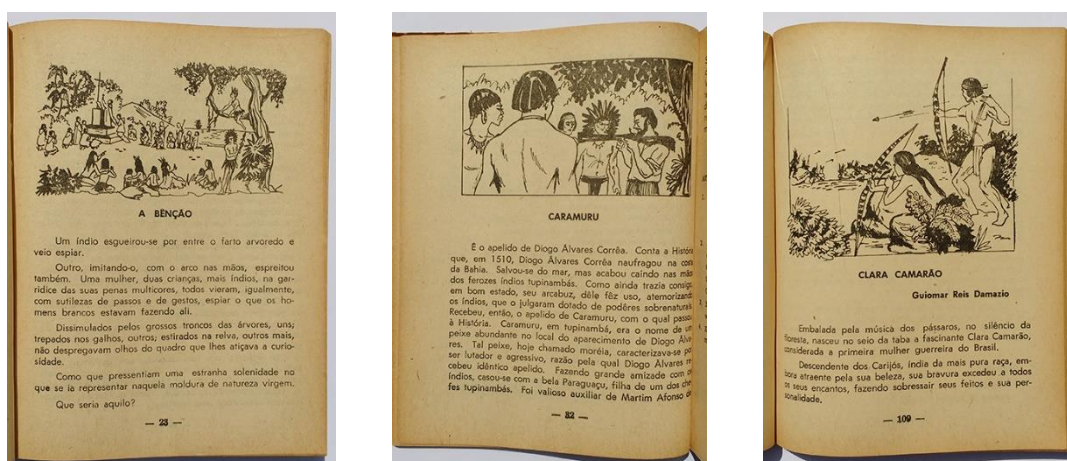


Figura 103 – P. 23, 32 e 109 do *Quarto Livro do Guri* (sled., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Conforme os exemplos na Figura 103, acima, a imagem da página à esquerda pode ser entendida como uma releitura do famoso e clássico quadro intitulado “Primeira Missa no Brasil”¹⁸⁵, pintado por Victor Meirelles, que é reproduzido com muita frequência em suportes impressos e também serve de referência para outras obras, com objetivos afins. A ilustração se assemelha muito à referida pintura, pelo ângulo utilizado na cena, na posição dos personagens e dos elementos da natureza e objetos e, claro, também trata de representar o evento anunciado no título da obra de arte, temática da narrativa textual correspondente.

Além disso, na página ao centro, aparece a clássica representação do indígena com cocar na cabeça, além de outros do seu grupo, em comunicação com um homem branco que exibe uma arma, semelhante a um rifle. Já na página à direita, o destaque é dado a uma índia guerreira, algo que, do ponto de vista tanto da narrativa textual, quanto imagética, não é muito comum nos livros didáticos, no que se refere a mostrar o protagonismo feminino em histórias que envolvem grupos indígenas. Diferentemente do que se vê em outros livros didáticos, onde

¹⁸⁵ A obra “Primeira Missa no Brasil”, de autoria de Victor Meirelles, é do gênero pintura histórica e foi pintada pela técnica de óleo sobre tela. Tem 2,70 x 3,57 m de medidas e é considerada a primeira grande obra desse pintor brasileiro (1832-1903), que se inspirou em uma das cartas de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, na qual ele relata sobre a primeira missa celebrada no país. A tela, de 1860, é uma das mais populares e reconhecidas do Brasil e está no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Mais informações em <<http://mnba.gov.br>>.

os índios costumam ser coadjuvantes das histórias narradas, nesse há mais atenção e cuidado com a temática indígena e são identificados os grupos e suas características, inclusive pelas ilustrações, vinculadas à narrativa textual.

Entre todos os livros da *Coleção Guri*, o *Quarto Livro do Guri* é o único que apresenta personagens negros representados nas ilustrações, de somente 03 textos. Essa ausência já é reveladora de uma posição social e cultural e das representações desse grupo étnico-racial. Entra-se, aqui, na questão sobre a representação dos marginalizados e discriminados em livros didáticos, exemplificados nesse caso pelos homens negros, tratados como submissos, subalternos, desqualificados e inferiores aos homens brancos, desde os tempos da escravidão (NEGRÃO, 1987, 1988; SILVA, 2008; ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003).

Historicamente, isso se deu dessa forma e as imagens nos livros didáticos também mostram isso, no decorrer dos anos. O fato de os negros serem praticamente “invisíveis” em outras posições sociais e em contextos diversificados, tanto nas narrativas textuais como visuais dos livros didáticos, é reflexo do pensamento, de atitudes e posições ideológicas de uma época e de uma sociedade que mantém isso, o que perdura ainda, nos dias atuais.

A Figura 104, a seguir, mostra as três ilustrações em que o negro é representado, em contextos diferentes. Na página à esquerda, há uma cena na qual se mostra um negro ao fundo e à direita, vestido com camiseta listrada e em posição de combate junto a outros homens, um branco e um indígena, contra um grupo de homens, em evento não identificado em uma primeira observação, mas, ao recorrer-se à narrativa textual, nela se revela a Insurreição Pernambucana e o personagem negro é referido como o “preto Henrique Dias”.

Na página ao centro, há um homem negro e escravo com as algemas abertas, em alusão à abolição da escravatura, tema central do texto. Na página à direita, aparecem uma mulher e uma criança negras, abraçadas e ameaçadas pelo senhor branco, em sofrimento diante dos horrores da escravidão, ilustrando o texto que trata sobre o poeta Castro Alves.

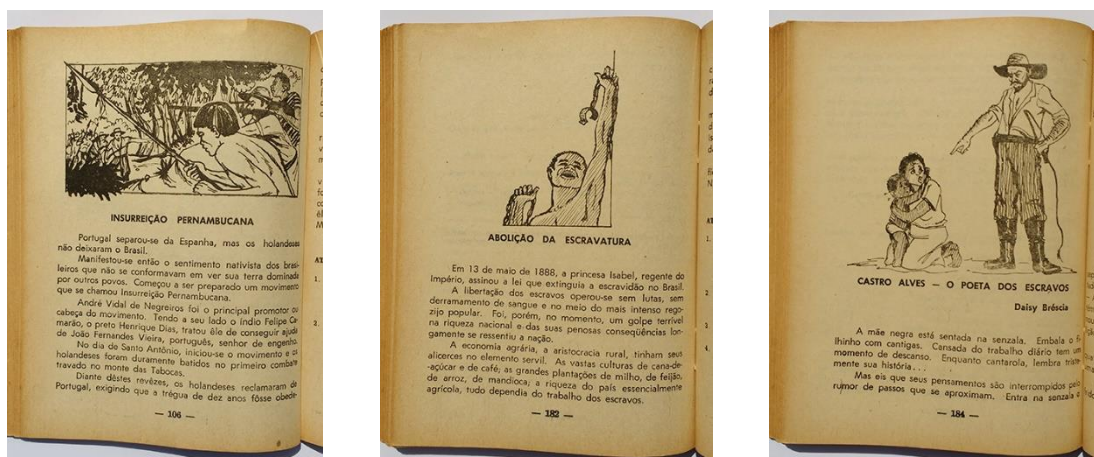


Figura 104 – P. 106, 182 e 184 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Observando-se as ilustrações da Figura 104, acima, visualiza-se também a técnica gráfica que a ilustradora adotou para mostrar a diferença entre o tom de pele dos negros e dos brancos. Com as limitações da impressão, o recurso utilizado foi preencher a parte dos corpos dos negros, em que aparecem a sua pele, com riscos paralelos em diagonal, o que permite que a área seja preenchida e diferenciada das demais, sem impedir que os contornos pretos, que delimitam as formas anatômicas e das vestes das pessoas, continuem sendo visíveis. Além disso, vale atentar para os elementos simbólicos presentes nas mesmas cenas, que produzem sentido e causam mais impacto na percepção do leitor/usuário do livro didático, no caso, uma lança, uma algema aberta e um chicote.

Levando em consideração as representações gráficas dos grupos indígenas e dos negros, acima mostradas, e introduzindo-se à análise das seguintes, interessa a reflexão de Burke (2017), ao considerar que:

[...] em um determinado nível, imagens são fontes não confiáveis, distorcendo espelhos. Contudo, elas compensam essa desvantagem ao oferecer substancial evidência em outro nível, de tal forma que historiadores possam transformar um defeito numa qualidade. Por exemplo, imagens são ao mesmo tempo essenciais e traiçoeiras para os historiadores das mentalidades que se preocupam com pressuposições implícitas bem como com atitudes conscientes. Imagens são traiçoeiras porque a arte tem suas próprias convenções, segue uma curva tanto de desenvolvimento interno como de reação ao mundo exterior (BURKE, 2017, p. 50).

A Figura 105, a seguir, faz uma comparação contrastando duas páginas cujas narrativas textuais e visuais são completamente díspares, mas ambas tratam de uma imagem a ser mostrada do país, quando nos anos de 1960, época de produção desses livros didáticos, pretendia-se mostrar um sentimento nacionalista, patriótico e de cidadania brasileira. Por um lado, na página à esquerda, está uma cena de paisagem tipicamente brasileira e bucólica, exaltando as belezas naturais do Brasil, mostrando a vegetação e aves nativas, por outro lado, na página à direita, percebe-se o impacto de uma passagem de vários militares caminhando enfileirados, uniformizados, usando coturnos, cinto com bolsos de cartuchos, capacetes e com suas armas penduradas pelo ombro direito.

Aqui, pode-se compreender como as “imagens podem auxiliar a posteridade a se sintonizar com a sensibilidade coletiva de um período passado” (BURKE, 2017, p. 51). Além do mais, percebe-se também que “[...] a paisagem evoca associações políticas, ou até mesmo que ela expressa uma ideologia, como o nacionalismo. [...] Podemos dizer que a natureza foi então nacionalizada, tornando-se um símbolo da pátria-mãe” (BURKE, 2017, p. 69).

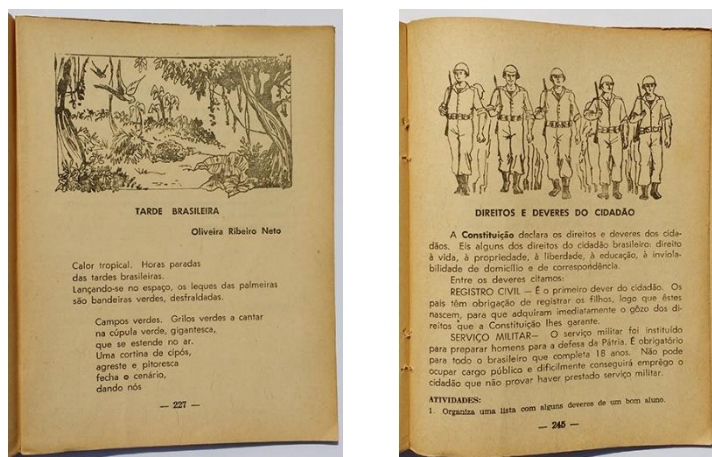


Figura 105 – P. 227 e 245 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara).
Fonte: Acervo Hisales.

O poder também precisa ser mencionado, pois tem suas representações em diferentes instâncias, não apenas nos textos, mas também nas ilustrações. Muitas vezes, para o leitor, as representações, sejam elas quais forem, tomam o lugar da realidade e, com isso, as ilustrações também podem ajudar a criar uma imagem de poder, através de seus elementos gráficos, suas características e composições.

As ilustrações, a seguir, na Figura 106, independentemente do contexto textual que acompanham, podem ser exemplificadas como retratos de possíveis poderes. Na página à esquerda, denota-se o poder financeiro, representado pelas roupas, penteados e postura das pessoas estampadas e relacionadas à elite enquanto que, na página à direita, é expressado o poder político no país, sintetizado pelo desenho do Palácio do Congresso Nacional, em Brasília/DF, projetado pelo consagrado arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer¹⁸⁶ e inaugurado em 1960, poucos anos antes da publicação desse livro didático.



Figura 106 – P. 54 e 133 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara).
Fonte: Acervo Hisales.

¹⁸⁶ Oscar Niemeyer foi um importante arquiteto brasileiro, nascido em 1907 e falecido em 2012 no Rio de Janeiro, reconhecido por suas contribuições ao desenvolvimento da arquitetura moderna do país.

Há temas que, independentemente da época, costumam ser considerados “periféricos” nos livros didáticos e, de certa forma, não recebem visibilidade, entre outros conteúdos considerados prioritários. Em função disso, destaca-se aqui, dois exemplos a serem apreciados, que valorizam e compartilham com o usuário/leitor outros conhecimentos, que, apesar de serem marginalizados, também contribuíram para a constituição da história nacional. A música e a ciência ganham visibilidade nesse livro, através de Antônio Carlos Gomes, o pianista, e Oswaldo Cruz, o cientista, como mostra a Figura 107, a seguir. Nesses casos, mais uma vez é possível inferir, a partir dos instrumentos musicais e científicos representados na cena, sobre qual seria a mensagem principal da ilustração, no caso do não reconhecimento da personalidade ali presente. Isso pode, então, ser esclarecido pela leitura do título e do texto.

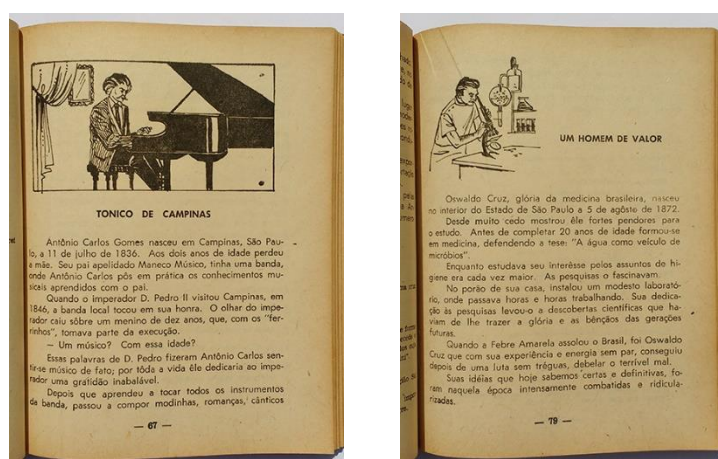


Figura 107 – P. 67 e 79 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Nesse livro, como nos anteriores da *Coleção Guri*, também há ilustrações com personagens fantásticos, neste caso são animais e plantas com características humanas, como, por exemplo, um leão que conversa com um rato e também flores que conversam com uma dançarina, correspondendo a narrativas de uma fábula e de uma lenda, respectivamente.

Retomando-se, mais uma vez, o tema de religião nos livros didáticos e do uso das simbologias para representar o poder da Igreja também na educação, os dados levantados permitem mostrar como os livros da *Coleção Guri* tratam esses temas, a partir das celebrações e rituais católicos. Uma das celebrações recorrentes nos livros didáticos é a do Natal. Por isso, vale observar que há uma representação clássica deste evento nas ilustrações, nas quais os personagens representam os típicos estereótipos de José, Maria e Jesus, considerados símbolos desse evento cristão, todos os anos, no dia 25 de dezembro. Além disso, os Reis Magos, a manjedoura coberta de palha, a estrela maior, os animais e o pinheiro decorado também são elementos fortemente associados a esse momento.

Por outro lado, outra cena bastante recorrente de se encontrar representada graficamente é a do momento de oração em família, que pode ser representada com os parentes sentados à mesa, no momento da refeição. Além do mais, também há aquele ritual considerado típico, incluindo especialmente crianças, ajoelhadas no chão e com as mãos juntas próximas à cabeça, à beira da cama, que rezam agradecendo e pedindo benção ao “Papai do céu”. Nessa perspectiva, Burke (2017) afirma que:

Imagens têm sido utilizadas com frequência como um meio de doutrinação, como objetos de cultos, como estímulo à meditação e como armas em controvérsias. Portanto, elas também são um meio através do qual historiadores podem recuperar experiências religiosas passadas, contato que eles estejam aptos a interpretar a iconografia (BURKE, 2017, p. 74-75).

Mostra-se isso na Figura 108, a seguir, que reúne as páginas finais de todos os livros da *Coleção Guri*, nas quais são tratados o tema natalino e de devoção à Deus, de formas variadas, independentemente da idade do aluno e da série escolar, o que também incide na formação da criança e na sua percepção e reação em relação a essas questões religiosas.



Figura 108 – Da esquerda para a direita e de cima para baixo, p. 49 da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), p. 91 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara), p. 130 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara), p. 186 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara) e p. 253 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Conforme as imagens, acima, na *Cartilha do Guri*¹⁸⁷ e no *Primeiro Livro do Guri* aparece a “Prece” (de Vicente Guimarães). No *Segundo Livro do Guri*, em exceção aos demais, ao invés de se terminar com um tema natalino, foi inserido o texto “Papai do céu obrigado” (adaptação). No *Terceiro Livro do Guri*, consta a poesia “Natal” (de Leonor Posada) e no *Quarto Livro do Guri*, optou-se pelo texto “Por que o pinheiro é árvore de Natal” (da Revista do Ensino). Com isso, esses exemplos reforçam a ingerência dos símbolos e das posturas em uma representação visual, independentemente do estilo, da técnica gráfica e da composição dos elementos em uma cena, utilizados pela ilustradora.

Estrategicamente, textos sobre o Natal são colocados, com frequência, no final dos livros didáticos, como pôde ser conferido na *Coleção Guri*. Isso acontece pela coincidência do término do ano civil com o encerramento das atividades do ano escolar e, ainda, com a previsão de finalização do conteúdo do livro didático, em sala de aula, pela professora e alunos, o que costuma ser entre os meses de novembro e/ou dezembro, encaminhando-se para o período de férias escolares e culminando nos últimos dias, com as comemorações em alusão à referida festa cristã e religiosa. No caso daquelas páginas com orações das crianças, que também são de teor cristão e religioso, há a possibilidade de variação de posição no miolo do livro didático, pois não se vinculam especificamente a determinada data festiva e são cultos que podem ser praticados em qualquer ocasião, durante o ano, o que não aconteceria, por exemplo, com a página que trata sobre a celebração natalina.

Entretanto, essa lógica, de organização do conteúdo e com a posição da página sobre o Natal no fim do livro didático, não funcionaria para aqueles utilizados em escolas de outros países, como por exemplo alguns europeus, visto que essa celebração cristã, apesar de ser na mesma data do ano civil, é celebrada no meio do ano escolar, que nestas regiões inicia na metade de um ano e termina na metade do seguinte, diferentemente do Brasil, em que as atividades nas escolas costumam ser desenvolvidas dentro de um mesmo ano.

Nesse sentido, pode-se reafirmar aqui o que outros autores, estudiosos do livro didático e também das imagens, de que os livros didáticos são condutores de sentidos, não apenas através do conteúdo textual, mas também pelo imagético, visto que “o elemento simbólico na imagem é um valor implícito, um intermediário entre a realidade reconhecível e o reino místico e invisível da religião, da filosofia e da magia, estendendo-se portanto, desde o que é conscientemente compreensível até o campo do inconsciente” (FRUTIGER, 1999, p. 203). Nessa perspectiva, é possível reconhecer o artista, ao transpor esses aspectos para uma imagem, como sendo “um mediador entre um mundo visível e outro invisível” (ibidem).

Finaliza-se a apresentação e análise de ilustrações, entre todos os livros da *Coleção*

¹⁸⁷ Esse dado é da 8ª edição da *Cartilha do Guri*, publicada em 1969. Na primeira edição, de 1962, estranhamente não consta nenhum texto no final do livro que faça relação ao Natal.

Guri, com uma amostragem sobre a evolução dos personagens principais, Olavo e Élide, em relação aos livros, em momentos de leitura, em diferentes situações, tanto por lazer como por estudo. As ilustrações, entre várias percepções possíveis, mostram as variações anatômicas, no jeito de se vestir, na postura, no lugar e na forma com que ambos interagem com os impressos. Entretanto, a ideia central pareceria ser, também, a representação de práticas de leitura e da busca pelo conhecimento dos personagens, no intuito, talvez, de reforçar o ideal de infância e de estudante. Evidencia-se, com isso, o anseio das autoras e das ilustradoras de que essas imagens significassem e fizessem sentido aos pequenos leitores, servindo como estímulo e inspiração, para que se dedicassem às infinitas experiências que a leitura e o investimento nos estudos poderiam proporcionar na sua vida.



Figura 109 - Da esquerda para a direita e de cima para baixo, p. 47 da *Cartilha do Guri* (8ª ed., 1969, Ed. Tabajara), p. 30 do *Primeiro Livro do Guri* (2ª ed., 1968, Ed. Tabajara), p. 08 e 84 do *Segundo Livro do Guri* (s/ed., 1965, Ed. Tabajara), p. 03 do *Terceiro Livro do Guri* (2ª ed., 1965, Ed. Tabajara) e p. 08 do *Quarto Livro do Guri* (s/ed., 1966, Ed. Tabajara).

Fonte: Acervo Hisales.

Para Chartier (1991), "é preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos". A partir dessas ilustrações, mostradas na Figura 109, acima, ao mostrar-se aspectos implicados no ato de ler, é interessante fazer uma relação dessas representações gráficas que tratam de leitores, livros e leitura com os estudos de Chartier, refletindo-se também sobre como as "imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras" (BURKE, 2017, p. 51). Além do mais, segundo Chartier,

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 2008, p. 77).

Em relação às atividades do *Quarto Livro do Guri*, muitos dos textos têm na sequência um conjunto de exercícios, que variam entre 01 a 09 tarefas. Os enunciados são parecidos com os dos livros anteriores, por isso não são detalhados aqui, mas vale comentar que alguns deles exploram a percepção visual, em propostas como, por exemplo: observar o mapa, responder perguntas e escrever nomes solicitados, organizar esquemas; reproduzir em areia uma região; fazer o mapa do Brasil e indicar itens; desenhar algo; fazer experimentos, observar e anotar; organizar um cartaz; colecionar diferentes tipos de itens; desenhar uma bandeira; colecionar gravuras; procurar em jornais, revistas, livros, folhetos, etc. Não foi encontrada nenhuma atividade relacionada à ilustração do texto.

Sobre indícios de circulação e usos do *Quarto Livro do Guri*, não há registros de vínculo a programas governamentais nos exemplares analisados. Quanto aos carimbos, no Exemplar 1, há um registro com “CRPE / Nº 10.240 / Data 18.2.71 / Biblioteca” no retrofrontispício, sendo que os números estão anotados manualmente, em azul. No Exemplar 5, há um registro com “Oferta das Edições Tabajara / P. Alegre”, na folha de rosto do livro e no retrofrontispício, há um registro com “CRPE / Nº 7497 / Data 11.6.68 / Biblioteca” com os números escritos, à caneta vermelha. Os Exemplares 2, 3, 4, 6 e 7 não contêm carimbos.

Em relação às marginais, no Exemplar 1, foi encontrado o registro “372.4 / R951q”, no canto inferior esquerdo da capa, escrito com caneta azul, e no final do livro, na 3ª capa, está o kit de empréstimo de livro, com o envelope colado nela (com o número 10.240 anotado) e um cartão de empréstimo inserido nele, com um registro de número “372.4 / 10.240 / R951q / Quarto Livro do Guri”, sem anotações, além do papel colado com o controle de devolução, sem nada escrito. No Exemplar 2, há alguns números escritos, em azul, na segunda capa; um nome feminino completo, escrito em azul, na folha de rosto; algumas marcações com letras, “x” e riscos, à caneta e à lápis, espalhados nas páginas; preenchimento de certas atividades; e na contracapa, há uma anotação de “2,50”, em azul. No Exemplar 3, há o nome por extenso de uma pessoa do sexo feminino na folha de rosto; algumas anotações nas páginas, tais como o número 69, à lápis, junto aos títulos de alguns textos e de alguns exercícios das atividades; e algumas chaves selecionando trechos e palavras, anotadas à lápis. No Exemplar 4, há um nome por extenso de uma pessoa do sexo feminino, na parte superior da capa, e o mesmo em uma página pré-textual, em azul; na contracapa aparecem duas letras, uma é o “F”, e o

“número 3.00”, anotado à lápis, no canto superior esquerdo; há o ano “1970”, anotado à lápis, no lado do título de alguns textos nas páginas; várias anotações com frases, nomes e expressões para substituir as originais; uma anotação “Para dia 28/4/70”, à lápis, no lado de um título de texto; há 2 santinhos (de 1968 e 1969) e algumas estrelas de papel colorido, espalhadas entre as páginas. No Exemplar 5, no final do livro, na 3ª capa, está o kit de empréstimo de livro, com o envelope colado nela (com o número 7497 anotado) e um cartão de empréstimo inserido nele, com um registro de número “372 / 7497 / Quarto Livro do Guri”, com anotações de 04 empréstimos assinados por pessoas do sexo feminino, de 22.6.70 a 14.11.72, além do papel colado com o controle de devolução, com as mesmas 04 datas. O Exemplar 6 tem alguns riscos aleatórios na folha de rosto, algumas anotações com “visto” em algumas páginas e marcações espalhadas. No Exemplar 7, algumas das ilustrações foram pintadas à lápis de cor e há, também, atividades preenchidas à lápis.

Enfim, concluindo esse capítulo e encaminhando-se ao desfecho da pesquisa realizada, conforme Escolano Benito (1998, p. 126) defende, “la iconografía didáctica es un elemento que atribuye identidad al libro escolar”. Pelo que foi ratificado nas páginas deste trabalho, os aspectos coincidentes com a afirmativa do autor merecem ser reconhecidos, especialmente quando diz:

[...] otros productos editoriales también incorporan ilustraciones, ciertamente, pero en el caso de los libros escolares la imagen se asocia a la textualidad conforme a reglas específicas que aseguran una determinada funcionalidad comunicativa, conformada a las atribuciones que los autores y usuarios de los textos convienen de forma expresa o tácita. De este modo, incluso como objeto material, el libro didáctico es un producto que no sólo se diferencia de otras publicaciones por el tamaño, tipografía, clase de papel y otras características directamente observables al entrar en contacto con él, sino por el modo de haber sido ilustrado en su cubierta y en sus páginas interiores. Ya la tapa de estos manuales suele ser una tarjeta de identificación de la naturaleza y destino del libro, incluso para los públicos no relacionados con el sector, pero serán sobre todo la maqueta y la forma de asociar en el diseño las imágenes al corpus literario los elementos determinantes de la diferenciación aludida (ESCOLANO BENITO, 1998, p. 125).

Sendo assim, pode-se asseverar, com os dados até aqui mostrados, que as imagens são importantes elementos constitutivos dos livros didáticos. Com a finalização deste capítulo, no qual foram apresentadas informações sobre a *Coleção Guri* e mostradas algumas possibilidades de análises das imagens nos livros didáticos, através dos métodos iconográfico e iconológico, os dados mostram que ainda há muito por ser feito, evidenciam a importância do investimento nos estudos sobre a visualidade dos livros didáticos e revelam como os resultados podem contribuir com a história da educação, história editorial e história gráfica do Rio Grande do Sul e do país.

A seguir, encerra-se com as considerações finais, levando-se em consideração todo o processo da pesquisa e a análise empreendida nos exemplares de livros didáticos que integram a *Coleção Guri*. Ao final constam, ainda, as referências utilizadas no estudo e os apêndices com alguns dados e documentos do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ver é reto, olhar é sinuoso.
Ver é sintético, olhar é analítico.
Ver é imediato, olhar é mediado.
A lentidão é do olhar, a rapidez é própria ao ver.
Ver e olhar se complementam, envolvem sensibilidade e atenção.
Aprender a pensar é descobrir o olhar.

Márcia Tiburi (2004, p. 8)

De reta a sinuosa, de sintética a analítica, de imediata a mediada, de rápida a lenta, assim uma pesquisa se transforma em uma tese de doutoramento. Construir a problemática, coletar e ver os dados, olhar os resultados, envolvem uma desmedida sensibilidade aliada a uma atenção acurada. O que se tem aprendido a pensar, enquanto o olhar continua sendo descoberto, através deste trabalho que aqui deve ser, por ora, finalizado e apresentado?

Inicialmente, apresentou-se o campo de inserção da pesquisa, somando-se a algumas reflexões sobre os livros didáticos na História da Educação, que instruem à compreensão do objeto escolhido, à decisão da questão elaborada e à proposição dos objetivos da investigação, como um todo. Foram expostos os procedimentos teóricos e esclarecidos os metodológicos, necessários para o desenvolvimento do trabalho.

Considerando a temática da pesquisa, uma discussão sobre a definição, a importância e a análise das imagens, e como isso se dá pelo viés da educação e, mais especificamente, nos livros didáticos, tornou-se imprescindível, para amparar a investigação pretendida. Assim, em relação a isso, uma primeira conclusão possível, ao término do processo, é justamente sobre o fazer investigativo, que é reflexo de um entrecruzamento das áreas de formação, conhecimento, atuação e pesquisa, neste caso, a educação, as artes visuais e o design gráfico.

Na sequência desse texto final, apresentado como resultado da investigação, foram reunidas informações relevantes para o conhecimento sobre as Edições Tabajara, em relação ao histórico, a atuação, os profissionais, as publicações didáticas e a participação no mercado

editorial regional e nacional, pois a *Coleção Guri*, foco de análise desta pesquisa, integra a relação de livros editados por essa empresa gaúcha, que precisava ser conhecida e reconhecida pela sua história e seu legado. No que diz respeito a isso, é importante, à guisa de conclusões, reafirmar a inexistência de estudos específicos sobre a referida editora e, portanto, embora a história da Tabajara não fosse o foco central da investigação, o estudo aqui empreendido pode vir a se tornar referência para outros pesquisadores e pesquisadoras e para futuros estudos, sob outras abordagens.

Mesmo não sendo esse o foco central da tese, reunir dados tão dispersos e advindos de tão diferentes fontes demandou tempo, paciência, persistência e dedicação. Sendo assim, destaca-se que uma investigação, especialmente do campo da História da Educação, também traz contributos ao reunir aquilo que se poderia denominar de “dados secundários” ou adjacentes à questão central do estudo. Nessa direção, há, agora, com esta pesquisa, elementos para afirmar e reafirmar a importância das Edições Tabajara, no contexto da educação e da editoração gaúcha e brasileira.

Todo o esforço em localizar os lugares de funcionamento da casa editorial, agentes envolvidos tanto na fundação quanto aqueles que deram continuidade às atividades da empresa, funcionários, colaboradores, autores e autoras, ilustradores e ilustradoras, revisores e revisoras, entre tantos outros que trabalharam na referida editora, é também uma contribuição importante para a história e a memória da educação. Outros pesquisadores e pesquisadoras podem, agora, partir daquilo que já foi aqui levantado e apresentado, para investir em outros importantes e diferentes estudos, com temáticas afins.

Considerando os objetivos pretendidos com esta pesquisa, deu-se, então, destaque à *Coleção Guri*, percorrendo sobre a sua constituição, os propósitos, o histórico, a produção, ressaltando as principais características e os aspectos diferenciais desses livros didáticos. Procurou-se pensar e apresentar, de forma ampliada, os vários profissionais envolvidos na produção, edição e publicação dos livros. Foi, assim, imprescindível pesquisar sobre cada um desses especialistas, quanto à sua biografia, à trajetória profissional, à participação, à função e os procedimentos adotados na coleção analisada, valorizando seu ofício e reconhecendo a sua participação na história da educação e dos livros didáticos.

Localizar, contatar e obter dados dos professores Elbio N. Gonzales, Flávia E. Braun, Rosa M. Ruschel e Zenna T. Braun, das ilustradoras Helga Trein e Anelize Becker de Lima, do desenhista de mapas Miron Zaions, dos revisores Celso Pedro Luft, Dalva da Rosa Dupuy e Rebeca Poyastro, dos familiares que trabalharam na Editora Tabajara, foi um ganho da pesquisa. Só assim foi possível compreender mais e melhor os aspectos do contexto de produção da referida coleção. Sem esses dados, a montagem de um “quebra-cabeças” - e mesmo que falem peças - que se tentou fazer, no esforço de inserção e compreensão da produção da *Coleção Guri* em um âmbito mais amplo das relações sociais, políticas,

profissionais, institucionais e até pessoais, não teria sido possível. Como uma conclusão importante do estudo é preciso, então, reafirmar o contexto político e educacional gaúcho dos anos de 1960, como fator explicativo da produção da *Coleção Guri*.

Por fim, e obviamente não menos importante, procedeu-se, então, com a análise das 487 imagens, que compõem a linguagem visual gráfica – 405 ilustrações, 02 fotografias, 28 mapas e 52 ícones - de todos 26 exemplares dos livros didáticos que compõem a *Coleção Guri*, sendo eles a *Cartilha do Guri*, o *Primeiro Livro do Guri*, o *Segundo Livro do Guri*, o *Terceiro Livro do Guri*, o *Terceiro Livro do Guri – Edição especial para o Rio Grande do Sul*, o *Terceiro Livro do Guri – Leitura* e o *Quarto Livro do Guri*.

A partir da análise das referidas imagens, encontradas nos livros didáticos supracitados, foram destacadas as características gráficas, os tipos, as funções, os exemplos, as comparações, a relação com o texto, as reproduções, as releituras, as adaptações, as modificações, os reaproveitamentos, os contrastes, as semelhanças, as sensações, as expressões, as ideologias, as gerações, as etnias, as raças, as minorias, o poder, a religião, os estereótipos, os conceitos, os valores, as ideias, a moral, o fantástico, o infantil, o lúdico, o real, o tempo, a educação, o nacionalismo, o patriotismo, o civismo, as lendas, as tradições, as relações com a região sul, as relações com o país, a história, a cultura, a sociedade, a simbologia, o significado, o sentido, entre outros aspectos.

Isso foi exequível pelos investimentos metodológicos baseados nos estudos da iconografia e da iconologia, defendidos pelo crítico e historiador da arte Panofsky, técnicas essas ainda pouco conhecidas e utilizadas pelos pesquisadores do campo da educação no país, para a análise das imagens. Apesar disso, com o conhecimento desses procedimentos, acreditou-se que, através deles, os objetivos da tese poderiam ser contemplados, de forma efetiva. Pretende-se, com isso, colaborar com as discussões sobre os possíveis processos metodológicos adotados em pesquisas de temáticas afins e, ainda, mostrar a importância do entrecruzamento de conhecimentos provenientes de distintas áreas e como isso pode interferir no desenvolvimento e nos resultados das investigações.

Através da exploração da intersecção das questões gráficas e pedagógicas nos impressos didáticos analisados, foi possível constatar que, nos livros didáticos, a imagem é um elemento potente e importante para a compreensão das narrativas textuais, com funções diversificadas. Elas contribuem para o exercício da memória e para estimular a percepção visual do usuário/leitor, através da identificação de seus conteúdos, códigos, símbolos e significados, que juntos revelam aspectos variados, como os históricos, sociais, culturais, etc., mas também há representações estereotipadas, preconceitos e distorções da realidade.

Identificou-se também o esforço, principalmente através das ilustrações, em criar e fortalecer a imagem de uma vida campesina gaúcha e valorizar a zona rural, revelando-se, assim, a iniciativa e o objetivo dos autores em explorar as características regionais do sul do

país, aliando, para tal, os aspectos didático-pedagógicos aos gráfico-editoriais, especialmente na *Cartilha do Guri*, que deu início à *Coleção Guri* e impulsionou a produção dos demais livros didáticos do conjunto, em decorrência da aceitação dos professores da região sul e do sucesso obtido com esse material, elaborado com características específicas e focadas em um determinado público, para atender também um determinado projeto político (“Nenhuma criança sem escola”) e com intuito de melhorias no processo educativo e nos índices de aprendizado nas escolas públicas, na década de 1960.

O objetivo do autor e das autoras, dos editores, enfim, de todos profissionais envolvidos na produção da *Coleção Guri* era, de alguma forma, pretensioso. Apostaram em um projeto pedagógico e gráfico-editorial, de alguma forma, com características peculiares e diferentes daquilo que havia no mercado - ou pelo menos, mais específico -, mas fortemente aliado ao momento vivido no estado e até no país. Conforme é conhecido e, de acordo com o que se procurou mostrar em algumas partes do trabalho, os anos de 1960 representaram, no campo político, educacional e cultural, um momento de efervescência e de transformações em vários aspectos, tanto a nível estadual, como nacional.

Retomando o aspecto principal da tese, as imagens, é importante refletir sobre o desafio para os profissionais envolvidos, no ato de propiciar o encontro do texto com a imagem em um objeto sequencial como o livro e, especialmente, o didático, com regras e funções a serem seguidas ou mesmo rompidas, ou ainda, adaptadas. Tudo isso acontece em um contexto de produção, pelo qual deve se ressaltar que, também, há aí a implicação de um conteúdo didático-pedagógico a ser compartilhado, além das decisões a serem tomadas sobre os aspectos gráfico-editoriais predominantes na coleção didática.

Afirma-se, assim, com a pesquisa feita para esta tese de doutoramento, que os livros didáticos são mais do que suportes físicos de conteúdo e, tanto pelo conteúdo textual como pelas imagens, apresentam características que colaboram na constituição da história e da memória de um país, de um estado, de uma comunidade, de um povo, bem como contam a história da trajetória, das publicações, das decisões e estratégias das casas editoriais.

O estudo das imagens da *Coleção Guri*, uma das publicações didáticas mais lembradas, reconhecidas e bem-sucedidas das Edições Tabajara, permitiu reconstruir características históricas sob vários aspectos, que corroboram a importância da análise e do compartilhamento do que se fazia no passado, também para entendermos as transformações dos aspectos didáticos e gráficos nos livros didáticos, até os dias de hoje.

Sendo assim, acredita-se que, com esta pesquisa, foi possível mostrar que as imagens dos livros didáticos da *Coleção Guri* podem contribuir na configuração de uma memória histórica escolar, através de sua estética, estilos e técnicas gráficas de ilustração; pela sua associação à uma identidade cultural; pela representação de determinadas características que definem um modelo editorial e evidenciam estruturas de produção e de

tecnologias de impressão; pela identificação de preceitos de métodos didático-pedagógicos de determinada época; pela revelação de um contexto histórico, político, econômico, educativo, social e cultural. Além do mais, todos esses fatores reunidos colaboram para a constituição da história editorial e gráfica das Edições Tabajara, uma contribuição que se pretendeu deixar neste trabalho.

Encerrando as considerações sobre esta pesquisa, reproduz-se parte de um depoimento, recebido por escrito, de uma das pessoas que colaborou com o trabalho e que resume muito do tanto que ainda teria para ser relatado, revela um pouco daquilo que se deparou durante a pesquisa e que ainda tem gerado inúmeras reflexões. Em suas próprias palavras, ela declara: “Quero parabenizá-la pelo tema da pesquisa, pela coragem e ousadia de buscar materiais de um contexto tão antigo. Nesta busca pude ter noção de como é difícil juntar dados, registros históricos e pessoas disponíveis em auxiliar. Esse contato com a Chris, mesmo por e-mail, me remeteu ao início da minha vida escolar. Me fez visitar a escola Pedro Braun, hoje desativada com a vegetação tomada, se deteriorando. Me fez visitar pessoas, ex-colegas, ex-professores e ex-diretores do Pedro Braun, que através de um bate-papo recordamos saudosamente momentos de muito significado [...]”. Pelo exemplo deste testemunho, é possível reconhecer que a pesquisa também tem seu valor por isso: quem colabora revisita a memória e ao fazê-lo, reconstrói-a, ao mesmo tempo em que nos faz, como pesquisadores e pesquisadoras, sujeitos dessa história e dessa memória. Ajudamos a revisitar a memória e a (re)construí-la.

Para de fato finalizar, lembrando Schopenhauer (VILLARES, 2016), citado como epígrafe no início deste texto, acredita-se que nesta pesquisa foi pensado o que ninguém nunca pensou sobre algo que todo mundo vê e, para além disso, parafraseando Tiburi (2004), citada no início destas Considerações finais, viu-se uma pesquisa e se olhou para uma tese. Aprender a pensar é um desafio permanente na vida de uma pesquisadora!

Até logo, Olavo e Élida!

REFERÊNCIAS



AGUILLAR, Antônio; AGUILLAR, Débora; RIBEIRO, Paulo César. **Histórias da Jovem Guarda**. São Paulo: Editora Globo, 2005.

ALTED, Alícia. Imagen e historia contemporânea. Metodología y práctica. **Espacio, Tiempo y Forma**, s. V, v. 21, p. 15-16, 2009.

ALVES, Antonio Mauricio Medeiros. **A Matemática Moderna no ensino primário gaúcho (1960-1978):** uma análise das coleções de livros didáticos Estrada Iluminada e Nossa Terra Nossa Gente. 2013. 320f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPEl, Pelotas, 2013.

APARICI, Roberto; Agustín García-Matilla. **Lectura de imágenes**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

ARAÚJO, Emmanuel. **A construção do livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ARAÚJO, Gustavo Cunha; OLIVEIRA, Ana Arlinda. Leitura de imagens e alfabetismo visual: revendo alguns conceitos. **Domínios da imagem**, Londrina, a. V, n. 10, p. 89-96, mai. 2012.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Roberto Carlos em detalhes**. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1998.

ARRIADA, Eduardo. Livrarias e Editoras no Rio Grande do Sul: o campo editorial do livro didático. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO - ANPED, 35ª, 2012, Porto de Galinhas/PE. **Anais...** Porto de Galinhas: UFPE, 2012, p. 01-17.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. Uma história editorial: tipografias, editoras e livrarias de Pelotas. In: RUBIRA, Luis (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. v. 2. Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA/RS, Gráfica e Editora Palotti, 2014, p. 227-269.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo, Editora UNESP, 2011.

AURAS, Gladys Mary Teive. CALKINS, N.A. Primeiras lições de coisas – manual de ensino elementar para uso dos paes e professores. Tradução de Rui Barbosa. Obras Completas, v. XIII, tomo 1, Rio de Janeiro, 1950. 573 p. **Educar**, Curitiba, Editora UFPR, n. 21, p. 311-314, 2003.

BADANELLI RUBIO, Ana Maria. A estética e as ilustrações nos cadernos escolares: o caso de uma escola de meninas na Espanha franquista. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Org.). **Cadernos à vista**. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008a. p. 239-255.

_____. El uso de las imágenes en la enseñanza de la religión durante el franquismo. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA, 8º, 2007, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires, 2007, p. 1-21. (Contactos, cruces y luchas en la historia de la educación latinoamericana).

_____. **Ilustraciones en los manuales escolares (España 1900-1970)**. 2003. Tese (Doutorado) – Facultad de Educación, Universidad Nacional de Educación a Distancia/UNED, Madri/Espanha, 2003.

_____. Ser español en imágenes: la construcción de la identidad nacional a través de las ilustraciones de los textos escolares (1940-1960). **Historia de la Educación**. Revista Interuniversitaria, Salamanca, Universidad de Salamanca, n. 27, p. 137-169, 2008b.

BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque 1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BARBOSA, Ruy. **Primeiras Lições de Coisas**: manual de ensino elementar para uso dos paes e professores. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/227357>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

BARROS, João de. **Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja**. Lizboa [Portugal]: Em casa de Luis Rodriguez..., 1539. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or814512.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2018.

BASTOS, Maria Helena Camara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939 – 1942)**: o novo e o nacional em revista. Pelotas: Seiva, 2005.

_____. Divertir, educar e formar: Cacique – a revista da garotada gaúcha (1954-1963). In: CBHE – CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, IV, 2006, Goiânia/GO. **Anais...** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2006, p. 01-11.

_____. O ensino em imagens na Revista do Ensino/RS: Os quadros murais de Carl Ernest Zeuner (1963-1969). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE

PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE, 23º, 2017, FURG – Rio Grande/RS. **Anais...** Rio Grande/RS: FURG, 2017 (NO PRELO).

_____. **Pro Patria Laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista/SP: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.

BASTOS, Maria Helena Camara; BUSNELLO, Fernanda B. Pedagogia em Imagens. A Revista do Ensino/RS (1951-1978): entre imagens e discursos. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL - ANPEDSUL, V, 2004, Curitiba/PR. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PUCPR, 2004, p. 01-22.

BASTOS, Maria Helena Camara; LEMOS, Elizandra A. Uma iconografia da cultura escolar: a Revista do Ensino/RS (1951-1978). In: ARAÚJO, José Carlos; SCHELBAEUR, Anaete R. (Orgs.). **A imprensa como objeto histórico-educacional**: metodologias e abordagens. Campinas/SP: Autores Associados, 2006.

BASTOS, Maria Helena Camara; LEMOS, Elizandra A.; BUSNELLO, Fernanda B. A pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. Itinerários históricos. São Paulo: Cortez Editora, v. 1, 2007, p. 41-78.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). **Livros escolares de leitura no Brasil**: elementos para uma história. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O conceito de “livros didáticos”. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). **Livros escolares de leitura no Brasil**: elementos para uma história. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009, p. 41-76.

_____. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas-SP: Mercado de Letras - ALB; São Paulo: FAPESP, 2007, p. 529-575.

BELMIRO, Celia Abicalil. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 72, Campinas, p. 11-31, agosto 2000.

_____. Um estudo sobre relações entre imagens e textos verbais em cartilhas de alfabetização e livros de literatura infantil. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense/UFF, Niterói/RJ, 2008.

BEE, Silvani Eidelwein. **Questionário (via e-mail)**. Entrevistadora: Chris Ramil. Março 2018a.

_____. **Relatos (via e-mail)**. Entrevistadora: Chris Ramil. Março 2018b.

BENVENUTI, Nenê. **Os incríveis anos 60-70**. São Paulo: Novo Século, 2009.

BERGOUNIOX, Pierre. De volta aos anos 60 – uma viagem pelo fim do ideal revolucionário. São Paulo: Alameda, 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Revista Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 3, São Paulo, p. 475-491, set./dez. 2004.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar. 1993. São Paulo. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 1993.

_____. Livro didático e saber escolar (1810-1910). Belo Horizonte: Autentica, 2008.

_____. Livros didáticos entre textos e imagens. In: **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 69-90.

BORGES, Maria Eliza Linhares. Fotografia: desafios da interdisciplinaridade. **Estudos Ibero-Americanos**. PUC-RS, v. XXXI, n. 2, p. 41-51, dezembro 2005.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BRASIL. **Lei Nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961.

BRAUN, Flávia E.; BRAUN, Zenna T. **Entrevista (via telefone)**. Entrevistadora: Chris Ramil. 13 jan. 2018.

BRITTO, Jéssica. **Brizoletas tentam sobreviver às ações do tempo na Serra**. Pioneiro, 26 jun. 2014. Disponível em:

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2014/06/brizoletas-tentam-sobreviver-as-acoes-do-tempo-na-serra-4536697.html>>. Acesso em 18 mar. 2018.

BUENO, João Batista Gonçalves. **Representações iconográficas em livros didáticos de história**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas/SP, 2003.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

_____. **Testemunha ocular**. História e Imagens. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **Testemunha ocular**. O uso das imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

_____. **Visto y no visto**. El uso de la imagen como documento histórico. Barcelona: Crítica, 2005.

CALADO, Carlos. **A Divina Comédia dos Mutantes**. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. *Tropicália - A história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1997.

CAMARGO, Luís. Projeto gráfico, ilustração e leitura da imagem no livro didático. **Em Aberto**. Brasília, ano 16, n. 69, p. 104-105, jan./mar. 1996.

CAMARGO, Mario de. **Gráfica: arte e indústria no Brasil - 180 anos de história**. São Paulo: Bandeirantes, 2003.

CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil (1808-1930): Destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

CARLOS, Erasmo. **Minha fama de mau**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2008.

CARRASCO, Cosme Jesús Gómez; MARTÍNEZ, Ana María López. Las imágenes de los libros de texto y su función en la enseñanza de la historia. Diseño de un instrumento de análisis. **Enseñanza de las Ciencias Sociales**, n. 13, p. 17-29, 2014.

CARVALHO, Carlos Henrique, ARAÚJO, José Carlos Souza, GONÇALVES, Wenceslau Netto. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia- MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, José Carlos Souza & GATTI, Décio Júnior (Org.). **Novos temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, Autores Associados, 2002, p. 67-90.

CECÍLIO, Maria Aparecida. A criança rural. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 24, n. 1, p. 167-173, 2002.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean (Org.), et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita: história e atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. **As utilizações do objecto impresso**. Miraflores: Difel, 1998.

_____. O mundo como representação. Estudos avançados [online], v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte.

Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

_____. Política dos livros escolares no mundo: perspectiva comparativa e histórica. **História da Educação**. Pelotas, v. 12, n. 24, p. 9-28, jan./abr. 2008.

COELHO, Luiz Antonio L. Afinando com o livro. In: COELHO, Luiz Antonio L.; FARBIARZ, Alexandre (Orgs.). **Design: olhares sobre o livro**. Teresópolis: Editora Novas Idéias, 2010, p. 157-187.

_____. (Org.). Conceitos-chave em design. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Novas Idéias, 2008.

_____. Uso da imagem na sala de aula. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**.

Departamento de Letras – PUC-Rio, n. 1, p. 1-14, 2008.

COLLELLDEMONT, Eulália; PADRÓS, Núria; CARRILLO, Isabel. Las imágenes de los manuales escolares: Lecturas y memorias intergeneracionales. **II Forum Ibérico de museología de educación**. Viana do Castelo (Portugal), 2010.

COUTO, José Geraldo. **Brasil: anos 60**. Coleção O Cotidiano da História, Edição Reformulada. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CRUDER, Gabriela. **La educación de la mirada: sobre los sentidos de la imagen en los libros de texto**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DENIS, Rafael Cardoso. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. **Arcos**, ESDI/UERJ, Rio de Janeiro, v. 1, número único, p. 15-39, 1998.

DIAS, Cynthia Macedo; FARBIARZ, Jackeline Lima. Livro didático: palavra, imagem e ação. In: FARBIARZ, Jackeline Lima; FARBIARZ, Alexandre (Orgs.). **Nós do ensino: perspectivas interdisciplinares de leituras do design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2013, p. 42-57.

DIETRICH, Mara Denise. **A Cartilha “Ler a Jato” e o “Método Audiofonográfico” de Alfabetização da professora Gilda de Freitas Tomatis (1967-1986)**. 2012. 234 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2012.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. Além das páginas do livro didático. **Em Aberto**. Brasília, ano 16, n. 69, p. 39-52, jan./mar. 1996.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUSSEL, Inés. Imágenes y visualidad: Nuevos campos de investigación para la historia de la educación. **Hist. educ. anu.**, Ciudad autónoma de Buenos Aires, v. 9, dic. 2008.

Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2313-92772008000100010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 22 de janeiro 2018.

DUSSEL, Inés; PRIEM, Karin. The visual in histories of education: a reappraisal.

Paedagogica Historica, v. 53, n. 6, p. 641-649, 2017.

ESCOLANO BENITO, Agustín (Org.). **Historia ilustrada de la escuela en España**. Dos siglos de perspectiva histórica, Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2006.

_____. **Historia ilustrada del libro escolar en España**. Del Antiguo Régimen a la Segunda República. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997.

_____. **Historia ilustrada del libro escolar en España**. De la posguerra a la reforma educativa. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998.

FARBIARZ, Jackeline Lima; FARBIARZ, Alexandre (Orgs.). **Nós do ensino: perspectivas interdisciplinares de leituras do design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2013.

FARBIARZ, Jackeline Lima; FARBIARZ, Alexandre. O entrelugar do design na interação entre o livro e o leitor. In: COELHO, Luiz Antonio L.; FARBIARZ, Alexandre (Orgs.). **Design: olhares sobre o livro**. Teresópolis: Editora Novas Idéias, 2010, p. 139-156.

FARBIARZ, Jackeline Lima; FARBIARZ, Alexandre; COELHO, Luiz Antonio L (Orgs.). **Os lugares do design na leitura**. Rio de Janeiro: Editora Novas Idéias, 2008.

FARIA, Ana Lúcia G. de. **Ideologia no livro didático**. São Paulo: Cortez Editora e Autores Associados, 1987.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

FARNÈ, Roberto. **Iconologia Didattica**. Bologna: Zanichelli editore, 2004.

FETTER, Sandro Roberto. **Modelos caligráficos na escola brasileira: uma história do Renascimento aos nossos dias**. 2011. 258 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial – Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ, 2011.

FERRAZ, Luiz Henrique Pereira; BASTOS, Maria Helena Camara. O ensino da matemática em imagens: os suplementos didáticos encartados na Revista do Ensino/RS (1951-1978).

Histemat – Revista de História da Educação Matemática, Sociedade Brasileira de Educação Matemática, a. 3, n. 3, p. 226-260, 2017.

FILGUEIRAS, Juliana Miranda. FENAME e COLTED: diferentes políticas para o livro didático durante a Ditadura Militar no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - CBHE, 7º, 2013, Cuiabá/MT. **Anais...** Cuiabá: UFMT, 2013, p. 01-15.

FLACH, Simone de Fátima. Direito à educação e obrigatoriedade escolar no Brasil: entre a previsão legal e a realidade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 43, p. 285-303, set. 2011.

FONSECA, Héber. **Caetano Veloso – Esse cara**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1993.

FORMIGA, Eliana. **Símbolos gráficos: métodos de avaliação de compreensão**. São Paulo: Blücher, 2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cartilha Proença e Leitura do Principiante de Antonio Firmino de Proença: configurações gráficas e pedagogia. In: RAZZINI, Marcia de Paula Gregório (Org.). **Antonio Firmino de Proença: professor, formador, autor**. São Paulo: Porto de Ideias, 2010a.

_____. Livros para ensinar a ler e escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2010b.

_____. Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no Brasil no século XIX. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 264-281, maio/ago. 2010c.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Cartilhas/impressos: perspectivas teórico-metodológicas de análise do texto e do paratexto e suas contribuições para a história da alfabetização e do livro. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - COLUBHE, 6º, 2006a, Uberlândia/MG. **Anais...** Uberlândia: Faced/UFU, 2006a, p. 3107-3122.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Orgs.). **História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)**. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006b.

FRAGA, Andreia Silva de. **Trajetórias de alunas-mestras a professoras intelectuais da Educação no Rio Grande do Sul (1920 a 1960)**. 2017. 215 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2017.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil: observações, adequações e inclusão**. São Paulo: Moderna, 2012.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GALVÃO, Luiz. **Anos 70: Novos e Baianos**. São Paulo: Editora 34, 1997.

GARCIA, Frederico Brittes Nordin. **Colônias de Férias: a formação do estudante ideal no Rio Grande do Sul (1938-1945)**. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) –

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUC-RS, Porto Alegre, 2009.

GARRALÓN, Ana. **Ler e saber:** os livros informativos para crianças. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.

GASCOIGNE, Bamber. **How to identify prints.** A complete guide to manual and mechanical processes from woodcut to inkjet. Londres: Thames & Hudson, 2011.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Investigando Piero.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

GÓES, Lúcia Pimentel; ALENCAR, Jakson de (Orgs.). **A alma da imagem:** a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores. São Paulo: Paulus, 2009.

GOMES, Thais. **A Loja Porão.** Coluna do *site* RicardoOrlandini.Net (15/09/11). Disponível em: <http://www.ricardoorlandini.net/colunistas/ver/49/32289/a_loja_porao>. Acesso em: jan. 2016a.

_____. **A Loja Porão - segundo movimento.** Coluna do *site* RicardoOrlandini.Net (13/10/11). Disponível em: <http://www.ricardoorlandini.net/colunistas/ver/49/32820/A_loja_Porao_%E2%80%93_segundo_movimento>. Acesso em: jan. 2016b.

GONZALES, Elbio. **Questionário (via e-mail)** – com a colaboração de Suely Gonzales. Entrevistadora: Chris Ramil. Jan. 2018.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação:** a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2000.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil:** sua história. São Paulo: EDUSP, 2005.

HERREIRA, Tatiara Timm Carvalho; RAMIL, Chris de Azevedo. O uso da coleção de livros didáticos “Estrada Iluminada”: levantamento das personagens em cadernos de alunos (Rio Grande do Sul, 1940-1980). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE, 22º, 2016, UNIPAMPA - Bagé/RS. **Anais...** Bagé/RS: UNIPAMPA, 2016, p. 1205-1205.

HOLLIS, Richard. **Design gráfico: uma história concisa.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HOMMA, Sandra. **Qual a função da imagem no livro didático?** Sociedade dos Ilustradores do Brasil. Disponível em: <<http://sib.org.br/sib-news/qual-a-funcao-da-imagem-no-livro-didatico/>>. Acesso em jan. 2018.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Online Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: jan. 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** São Paulo: Papirus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

KRUG, Mark M. Freedom and racial equality: a study of 'revised' high school history texts. **School Review**, n. 78, p. 297-354, 1970.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**. Brasília, ano 16, n. 69, p. 3-9, jan./mar. 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998.

LAUTERT, Marlise. **Relatos (via Facebook)**. Entrevistadora: Chris Ramil. 2018 (várias datas).

LEÃO, LUCY LOPES. **Relatos (via Facebook)**. Entrevistadora: Chris Ramil. 2018 (várias datas).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

LEEUWEN, Theo Van; JEWITT, Carey. Handbook of visual analysis. Londres: Sege Publications, 2001.

LOPES, Eliane; GALVÃO, Ana Maria. **História e História da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **A pedagogia de Rui Barbosa**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/doc/artigos/a-j/fcrb_manuelbergstrom_pedagogia_de_rui_barbosa.pdf>. Acesso em: maio 2015.

LUCA, Tânia Regina de. Livro didático e Estado: explorando possibilidades interpretativas. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos, REZNIK, Luís & MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **A história na escola: autores, livros e leituras**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 151-172.

_____. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassannezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, Contexto, 2010.

LUCENA JR., Alberto Lucena. **Arte da animação**. Técnica e estética através da história. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli Elisa D. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUKE, Allan. **Literacy, textbooks and ideology: postwar literacy instruction and the mythology of Dick and Jane**. Philadelphia: The Falmer Press, 1988.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MACHADO, Ubiratan. **A etiqueta de livros no Brasil**: subsídios para uma história das livrarias brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Oficinas do Livro Rubens Borba de Moraes, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cartilhas de Alfabetização e Nacionalismo. In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (Orgs.). Livros escolares e ensino da leitura no Brasil (séculos XIX-XX). Pelotas: Seiva, 2003.

_____. A história da alfabetização nas cartilhas escolares: práticas pedagógicas, produção e circulação em Minas Gerais (1834-1997). In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, II, 2004, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2004, p. 545-557.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos. **História da Educação**, Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação - ASPHE, FaE/UFPel, Pelotas, n. 11, p. 147-168, abril 2002.

MACIEL, Luiz Carlos. **Anos 60**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

MAHAMUD ANGULO, Kira. O conteúdo emocional de três cadernos escolares do franquismo. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista**. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008. p. 205-221.

MAHAMUD ÂNGULO, Kira; BADANELLI RUBIO, Ana Maria. La producción escolar como objeto de estudio. Una aproximación a los avances metodológicos en manualística. 2011. Mimeografado. 18 p.

MANKE, Lisiane Sias; PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. Livros didáticos: do descarte à constituição de acervos para a pesquisa em História da Educação. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA – CIHELA, XIII, 2018, Montevideo/Uruguay. **Libro de Actas...** Montevideo/Uruguay: SUHE - Sociedad Uruguaya de Historia de la Educación, 2018 (NO PRELO).

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARIGUELA, Adriana Duarte Bonini. A Cartinha de João de Barros como um exercício de tradução. **Tradução & Comunicação**: Revista Brasileira de Tradutores, n. 23, p. 149-169, 2011.

MARROU, Henri. **Do conhecimento histórico**. 4 ed. Lisboa: Editorial Áster; São Paulo: Martins Fontes, 1975.

MELLO, Zuza Homem de. **A Era dos Festivais**: uma parábola. São Paulo: Editora 34, 2003.

MELO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro**: anos 60 (Org.). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MELO, Chico Homem de; RAMOS, Elaine. **Linha do tempo do design gráfico no Brasil**. Cosac Naify, 2011.

MIETZNER, Ulrike; MYERS, Kevin; PEIM, Nick (Orgs.). **Visual history**. Images of education. Bern: Peter Lang, 2005.

MIRA, Maria Celeste. **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Orbis Pictus. **Pro-Posições**, v. 22, n. 3, p. 197-208, 2011. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/edicoes/texto 985.html>>. Acesso em: abr. 2015.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; RIGOTTI, Gabriela Fiorin; BEZERRA, Carolina Cavalcanti. O papel da educação visual e da iconologia na exaltação dos valores nacionais e na inclusão ou rejeição do estrangeiro. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, n. 33, p. 199-217, mai./ago. 2009.

MORAES, Didier Dominique Cerqueira Dias de. **Uma trajetória do design do livro didático no Brasil**: a Companhia Editora Nacional, 1926-1980. 2016. 385 f. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2016.

_____. **Visualidade do livro didático no Brasil**: o design de capas e sua renovação nas décadas de 1970 e 1980. 2010. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2010.

MORAIS, Jorge Manuel Machado. **Análise da imagem em manuais escolares**. 2007. 809 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Artes Visuais) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, 2007.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo 1876/1994. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MOTTA, Nelson. **Noites Tropicais**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

MUNAKATA, Kazumi. Educação e modernidade: sob as figuras do relógio e da tipografia. **Educar**, Curitiba, Editora da UFPR, n.18, p. 43-52. 2001.

_____. Investigações acerca dos livros escolares no Brasil: das idéias à materialidade. In: Historia de las ideas, actores y instituciones educativas. **Memoria del VI Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana**. San Luis Potosí. CD-ROM. 2003.

_____. Livro didático como indício da cultura escolar. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 117-136, set./dez. 2016.

_____. Livro didático como mercadoria. **Pro-posições**, v. 23, n. 3 (69), p. 51-66, set./dez. 2012b.

_____. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas-SP: Mercado de Letras - ALB; São Paulo: FAPESP, 2007, p. 577-594.

_____. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012a.

_____. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, São Paulo, 1997.

MURPHY, Anelisa. **Relato (via e-mail)**. Entrevistadora: Chris Ramil. Jan. 2018.

NAKAMOTO, Pérsio. **A configuração gráfica do livro didático**: um espaço pleno de significados. 116 f. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2010.

NASCIMENTO, Luiz Augusto do. **O design do livro didático de alfabetização**: tipografia e legibilidade. 166 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Belo Horizonte, 2011.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. A discriminação racial em livros didáticos e infanto-juvenis. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, p. 86-87, 1987.

_____. Preconceitos e discriminações raciais em livros didáticos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 65, p. 52-65, 1988.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia**: uma apresentação. 2ª ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2001.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

NÓVOA, Antonio. Textos, imágenes y recuerdos. Escritura de “nuevas” historias de la educación. In: POPKEWITZ, Thomas S.; FRANKLIN, Barry M.; PEREIRA, Miguel A. (Orgs.). **Historia cultural y educación**. Ensayos críticos sobre conocimiento y escolarización. Barcelona: Ediciones Pomares, 2003, p. 61-84.

OLIM, Bárbara Barros de. Imagens em livros didáticos de História das Séries Iniciais: uma análise comparativa e avaliadora. **Outros Tempos**, v. 7, n. 10, p. 93-118, dez. 2010.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e; GUIMARÃES, Sonia Dantas Pinto; BOMÉNY, Helena

Maria Bousquet. **A política do livro didático**. 2 ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, Summus Editorial, 1984.

OLIVEIRA, Rui. **A Bela e a Fera: conto por imagens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. **Pelos Jardins de Boboli**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

OSSENBACH SAUTER, Gabriela. Consideraciones críticas sobre la investigación en el campo de la manualística escolar a 20 años de la fundación del Centro de Investigación MANES. In: MEDA, Juri; BADANELLI, Ana María (Orgs.): **La historia de la cultura escolar en Italia y en España: balance y perspectivas**. Actas del I Workshop Italo-Español de Historia de la Cultura Escolar (Berlanga de Duero, 14-16 de noviembre de 2011). Macerata: Eum, 2013.

_____. Manuales escolares y patrimonio histórico-educativo. **Educatio Siglo XXI**, v. 28, n. 2, p. 115-132, 2010.

PAES, Marta Helena Simões. **A década de 60**. Rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo: Ática, 1997.

PAIVA, Eduardo França. **História e imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2 ed., 1986, p. 47-65.

_____. **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2 ed., 1986.

PERES, Eliane. A divulgação e a adoção do Método Global de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (1940-1970). In: ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE, IX, 2003, Porto Alegre. **Anais...** Pelotas: Seiva/UFPel, 2003, v. 1, p. 173-186.

_____. A produção e o uso de livros de leitura no RS: Queres Ler e Quero Ler. **História da Educação**, Pelotas, p. 89-103, nº 6, outubro, 1999.

_____. Aspectos da produção didática da professora Cecy Cordeiro Thofehrn. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva & MACIEL, Francisca Isabel Pereira (Orgs.). **História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)**. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006a.

_____. Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura produzidos no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970). **Educação Unisinos**, São Leopoldo/RS, v. 12(2), p. 111-121, maio/agosto 2008.

_____. Desenvolvimento do projeto de pesquisa Cartilhas Escolares em Pelotas (RS):

organização do trabalho, fontes e questões de investigação. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Orgs.). **História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)**. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006b.

_____. Influências do Pensamento Norte-Americano na Produção de Cartilhas para o Ensino da Leitura e da Escrita no Rio Grande do Sul na Década de 1960. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Aves da Silva (Orgs.). **História do Ensino de Leitura e Escrita**. Métodos e Material Didático. Marília: Editora da UNESP/Oficina Universitária, 2014, v. 1, p. 93-120.

_____. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930-1950). In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (Orgs.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2003, p. 75-94.

PERES, Eliane; RAMIL, Chris de A. A constituição dos acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua contribuição para as investigações em educação. **Revista História da Educação**, Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE, v. 19, n. 47, p. 297-311, setembro/dezembro, 2015a.

_____. Alfabetização pela Imagem: uma análise das imagens da Cartilha Caminho Suave e do Material de Apoio. **Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES**, Vitória/ES, a. 12, v. 19, n. 41, p. 53-79, jan./jun. 2015b.

_____. Cartilhas produzidas por autoras gaúchas: um estudo sobre a circulação e o uso em escolas do Rio Grande do Sul (1940-1980). **Revista Brasileira de Alfabetização/ABAlf**, Vitória/ES, v. 1, n. 1, p. 177-203, jan./jun. 2015c.

_____. La Bella y la Bestia sabían leer: representaciones de la lectura en imágenes de libros "La Bella y la Bestia". In: CONGRESO INTERNACIONAL LAS EDADES DEL LIBRO - UNAM/IIB, II, 2014, México DF/México. **Libro de Resúmenes...** México DF: UNAM/IIB, 2014b, p. 43-44.

_____. La Bella y la Bestia sabían leer: representaciones de la lectura en imágenes de libros "La Bella y la Bestia". In: GODINAS, Laurette; GRAVIER, Maria Garone; RUSSEL, Isabel Galina (Orgs.). **De Pérgamo a la nube: nuevos acercamientos y perspectivas a las edades del libro**. México DF/México: UNAM - Instituto de Investigaciones Bibliográficas, 2017, p. 465-498.

_____. Livros didáticos de Admissão ao Ginásio produzidos no Rio Grande do Sul: acesso ao ensino secundário. In: CASTRO, Cesar Augusto (Org.). **Ensino Secundário no Brasil:**

olhares históricos. 2018 (NO PRELO).

_____. Os usos da Cartilha Caminho Suave em escolas gaúchas: um estudo em cadernos de alunos em fase de alfabetização. **Revista Brasileira de Alfabetização/ABAlf**, Vitória/ES, v. 1, n. 7, p. 103-131, jan./jun. 2018.

_____. Representações de leitura e de livros em edições de "A Bela e a Fera". In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE, 20º, 2014, Porto Alegre/RS. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2014c, p. 1-18.

_____. Representações de leitura e de livros em edições de "A Bela e a Fera". In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE, 20º, 2014, Porto Alegre/RS. **Caderno de Resumos...** Porto Alegre: UFRGS, 2014c, p. 15.

PERES, Eliane; THIES, Vania Grim; RAMIL, Chris de Azevedo. História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALEs). In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: pesquisa e avaliação, desafios e perspectivas atuais, II, 2017, Rio Grande/RS. **Anais...** Rio Grande/RS: Editora da FURG, 2017, p. 871-880.

PERES, Eliane; THIES, Vania Grim; RAMIL, Chris de Azevedo. Livre acesso ao livro literário como forma de democratização da leitura: o projeto de extensão 'Estação do Livro' (FaE-UFPeL). **Expressa Extensão**, UFPeL, v. 21, p. 147-161, 2016.

PERES, Eliane; VAHL, Mônica M. Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental do Instituto Nacional do Livro (PLIDEF-INL, 1971-1976): contribuições à história e às políticas do livro didático no Brasil. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 3, n. 1, p. 53-70, jan./jul. 2014.

PERES, Eliane; VAHL, Mônica M.; RAMIL, Chris de A. Relações entre as autoras de cartilhas, as editoras e o Estado no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1940 a 1970. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE, 19º, 2013, Pelotas/RS. **Anais...** Pelotas: UFPeL, 2013, p. 1-15.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PETRUS ROTGER, Antonio Juan. Tecnología del libro escolar tradicional: diseño, iconografía, y artes gráficas. In: ESCOLANO BENITO, Agustín (Org.). **Historia ilustrada del libro escolar en España**. Del Antiguo Regimen a la Segunda República. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997, p. 101-122.

PFROMM NETTO, Samuel; ROSAMILHA, Nelson; DIB, Cláudio Zaki. **O livro na educação**.

Rio de Janeiro: Primor/INL-MEC, 1974.

PICKARD, Phillys M. **I could a tale unfold**: Violence, horror & sensationalism in stories for children. Londres: Tavistock, 1959.

PORTO ALEGRE. Lei Municipal Ordinária Nº 11.940, 15 de outubro de 2015. Câmara Municipal de Vereadores, 2015.

_____. Lei Municipal Ordinária Nº 9012, 15 de novembro de 2002. Câmara Municipal de Vereadores, 2002.

POYASTRO, Rebeca. **Entrevista (via telefone)**. Entrevistadora: Chris Ramil. 11 jan. 2018.

POZO ANDRÉS, Maria del Mar del. Imágenes e historia de la educación: construcción, reconstrucción y representación de las prácticas escolares en el aula. **Historia de la educación**: Revista Interuniversitaria, n. 25, p. 291-315, 2006.

POZO ANDRÉS, Maria del Mar del; RABAZAS ROMERO, Teresa. Imatges fotogràfiques i cultura escolar en el franquisme: una exploració de l'arxiu etnogràfic. **Educació i història**: Revista d'història de l'educació, n. 15, p. 165-194, 2010.

POZO ANDRÉS, Maria del Mar del; RABAZAS ROMERO, Teresa. Las imágenes fotográficas como fuente para el estudio de la cultura escolar: precisiones conceptuales y metodológicas. **Revista de Ciencias de la Educación**, Organo del Instituto Calasanz de Ciencias de la Educación, n. 231-232, p. 401-414, jul./dic. 2012.

QUADROS, Claudemir de. **As brizoletas cobrindo o Rio Grande**: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963). Santa Maria: Editora da UFSM, 2002.

_____. Brizoletas: ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963). **Teias**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, p. 01-12, jan./jun. 2001.

_____. **Marcas do tempo**: imagens e memórias das brizoletas. Santa Maria: Unifra, 2005.

_____. **Reforma, ciência e profissionalização da educação**: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul. 2006. 429 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2006.

RAMIL, Chris de Azevedo. **A coleção didática Tapete Verde**: do projeto à sua produção gráfica (década de 1970 – Rio Grande do Sul). 2013. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2013.

_____. A coleção didática Tapete Verde: do projeto à sua produção gráfica (década de 1970 - Rio Grande do Sul). In: REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-

GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO - ANPED, 37^a, 2015, Florianópolis/SC.

Anais... Florianópolis/SC: UFSC, 2015a, p. 01-19.

_____. Cartilha do Guri: um breve estudo das imagens. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO UFPEL - ENPOS, XVII, 2015, Pelotas/RS. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2015b, p. 01-04.

_____. O pré-livro “Céu Azul”: um estudo de ilustrações que referenciam imagens históricas. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO UFPEL - ENPOS, XVIII, 2016, Pelotas/RS. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2016, p. 01-04.

_____. Edições Tabajara: notas iniciais sobre as publicações didáticas e seus aspectos editoriais. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO UFPEL - ENPOS, XVI, 2014, Pelotas/RS. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2014, 1-4.

RAMIL, Chris de Azevedo; PERES, Eliane. “A Bela e a Fera” em imagens: as várias faces da Fera. In: SEMINÁRIO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO LITERÁRIA, 7º e 2º, 2016, Florianópolis/SC. **Anais...** Florianópolis/SC: UFSC - UNISUL, 2016, v. 01, p. 185-196.

RAMIL, Chris de Azevedo; SOARES, Lucas Gonçalves; PERES, Eliane. O livro-imagem e a produção de textos: práticas de leitura literária em uma escola do campo de Canguçu/RS. In: JOGO DO LIVRO E SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO: MEDIAÇÕES DE LEITURA LITERÁRIA, XI e I, 2015, Belo Horizonte/MG. **Anais...** Belo Horizonte: CEALE - UFMG, 2015, 01-18.

_____. O uso de livro-imagem e a produção textual: uma experiência com alunos de 5º ano em uma escola no campo. **Revista @mbienteeducação**, Universidade Cidade de São Paulo, v. 10, n. 2, p. 197-216, jul./dez. 2017.

RAMOS, Paula. **A modernidade impressa: Artistas ilustradores da Livraria do Globo** – Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório, Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. v. III - Século XX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

_____. O poder dos livros de leitura no início do século XX. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves (Orgs.). **História do ensino de leitura e escrita** – métodos e material didático. São Paulo, SP: Unesp, 2014, p. 291-313.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento visual gráfico**. Brasília: LGE Editora, 2007.

RODRÍGUEZ DIÉGUEZ, José Luís. **Las funciones de la imagen en la enseñanza**.

Colección Comunicación Visual. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1977.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. Menino, guri ou piá? Um estudo diatópico nas regiões centro-oeste, sudeste e sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Alfa**, São Paulo, 58 (2), p. 463-497, 2014.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 125-146, 2003.

ROSZAC, Theodore. **A contracultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo.

Visualidades, Goiânia, v.10, n.1, p. 151-164, jan./jun. 2012.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira. **História & Documento e Metodologia de pesquisa**. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

SANCHIDRIÁN BLANCO, Carmen. El uso de imágenes en la investigación histórico-educativa. **Revista de Investigación Educativa**, 29 (2), p. 295-309, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAVIANI, Dermeval. Um barão brasileiro no Congresso Internacional de Buenos Aires: as idéias pedagógicas de Abílio César Borges, Barão de Macahubas. **História da Educação**, Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE, FaE/UFPel, Pelotas, n. 7, p. 41-58, abril 2000.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Dicionário de Estrela**. Lajeado: Evangraf, 2005.

_____. **Estrela: ontem e hoje**. Lajeado: Evangraf, 2002.

SCHWARTZ, Maria Cleonara; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva.

Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola. Vitória/ES: EDUFES, 2010.

SILVA, Alexandre José; JESUÍTA, Cristiano Silva. A aprendizagem da leitura na Cartinha de João de Barros. **Verbum** – Cadernos de Pós-Graduação, n. 4, p. 68-81, 2013.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. **Racismo em livros didáticos**. Estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

SILVA, Ursula Rosa da; LORETO, Mari Lúcie da Silva. **Elementos de estética**. Pelotas: Educat, 1995.

SMITH, Henry Peter; DECHANT, Emerald V. **Psychology in teaching reading**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1961.

SOARES, Lucas Gonçalves; RAMIL, Chris. Práticas de leitura em uma escola do campo no

município de Canguçu/RS. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE SANTA MARIA, VI, 2015, Santa Maria/RS. **Anais...** Santa Maria: FAPAS, 2015a, p. 01-12.

_____. Práticas de leitura literária em uma escola do campo: alunos leitores, ouvintes e ledores. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO DOCENTE E A PESQUISA, I, 2015, Rio Grande/RS. **Anais...** Rio Grande: PPGEDU - FURG, 2015b, 01-15.

SOUZA, José Edimar de. **Trajetórias de Professores em Classes Multisseriadas: memórias do ensino rural em Novo Hamburgo /RS (1940 a 2009)**. 2011. 344 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, 2011.

SOUZA, Paulo César. **Uma utopia hippie**. In: Sem cerimônia, críticas, traduções, projetos. Ba, Oiti, 1999.

SOUZA, Suely dos Santos; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. Educação e desenho: a importância da compreensão da iconografia e da iconologia na análise do livro didático. **InterSciencePlace** – Revista científica internacional, ed. 26, v. 1, a. 07, p. 132-146, jul./set. 2013.

TABAJARA, Carmen Cavalcanti de Albuquerque. **Relatos (via WhatsApp)**. Entrevistadora: Chris Ramil. 2018 (várias datas).

TABAJARA, Celso Afonso Cavalcanti de Albuquerque. **Relatos (via Facebook)**. Entrevistadora: Chris Ramil. 2018a (várias datas).

_____. **Entrevista (via telefone)**. Entrevistadora: Chris Ramil. 15 mar. 2018b.

TABAJARA, Nelson. **Entrevista (via telefone)**. Entrevistadora: Chris Ramil. Dez. 2017.

_____. **Questionário (via e-mail)**. Entrevistadora: Chris Ramil. Março 2018.

_____. **Relatos (via WhatsApp)**. Entrevistadora: Chris Ramil. 2017-2018 (várias datas).

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. Editoras e tipografias no Rio Grande do Sul: publicação e circulação de livros didáticos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - CBHE, VI, 2011, Vitória/ES. **Anais...** Vitória: UFES, 2011, p. 01-13.

TIBURI, Márcia. **Arte e filosofia: aprender a pensar é descobrir o olhar**. Jornal do Museu de Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Margs, n. 103, set./out. 2004, p. 08.

TWYMAN, Michael. The graphic presentation of language. **Information Design Journal**, John Benjamins Publishing Co., v.3, n.1, p. 2-22, jan. 1982.

VALDEMARIN, Vera T. **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso**. São Paulo: Cortez, 2010.

VAHL, Monica Maciel. **A produção de livros didáticos da professora e técnica em**

educação Sydia Sant'Anna Bopp. 2012. 92 f. Monografia (Graduação em Bacharelado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas/UFPeL, Pelotas, 2012.

_____. **Contribuições sobre o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental do Instituto Nacional do Livro - PLIDEF/INL (1971-1976)**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas/UFPeL, Pelotas, 2013.

_____. **O Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental do Instituto Nacional do Livro – PLIDEF/INL (1971-1976): um estudo sobre as condições históricas e sociais e as paradas em jogo no campo**. 2014. 293 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPeL, Pelotas, 2014.

VAHL, Mônica Maciel; VIEIRA, Cícera Marcelina; RAMIL, Chris de Azevedo; BORGES, Francieli Daiane. Mapeando a produção didática de autoras gaúchas: relações entre o setor público e o privado (1940-1980). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, X, 2014, Curitiba/PR. **Caderno de Resumos...** Curitiba: PUC-PR, 2014, p. 46.

VAHL, Mônica Maciel; VIEIRA, Cícera Marcelina; PERES, Eliane. Contratos de livros para o ensino da leitura e da escrita do Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental - PLIDEF (1972). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 58, p. 44-57, set. 2014.

VALLS MONTÉS, Rafael. Las imágenes en los manuales escolares españoles de Historia, ¿ilustraciones o documentos? **Íber. Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia**, n. 4, p. 105-119, abril 1995.

VÁRIOS. Relatos de familiares e amigos dos sujeitos pesquisados (via *Facebook*). Entrevistadora: Chris Ramil. 2017-2018 (datas variadas).

VELLOSO, Diva da Conceição; STUDART, Léa Gomes de Oliveira. Símbolos Visuais. **Revista do Ensino/RS**, Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul/CPOE, ano XVIII, n. 133, p. 29-37, 1971.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VIEIRA, Cícera Marcelina; PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. **A circulação e o uso de livros didáticos produzidos por autoras gaúchas: um estudo em cadernos de planejamento de professoras (1940-1980)**, 2015. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE, 21º, 2015, Caxias do Sul/RS. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2015, p. 01-20.

VIEIRA, Cícera Marcelina; VAHL, Mônica Maciel; RAMIL, Chris de Azevedo; BORGES, Francieli Daiane Borges. A produção gaúcha de livros didáticos entre os anos de 1940 a 1980. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES

EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - ASPHE, 19º, 2013, Pelotas/RS. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2013, p. 1-15.

VILLARES, Vicente. **Schopenhauer, seus provérbios e pensamentos**. EUA: Publishdrive, 2016.

VILLAS-BOAS, André. **O que é [e o que nunca foi] design gráfico**. Rio de Janeiro: 2AB, 2001.

VIÑAO FRAGO, Antônio; ESCOLANO BENITO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **A revista "O Pequeno Luterano" e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas - RS (1931 - 1966)**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2012.

WONG, Wucius. **Princípios de forma e desenho**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAIONS, Miron. **Entrevista (via telefone)**. Entrevistadora: Chris Ramil. 28 mar. 2018.

ZIMET, Sara Goodman. A rationale for the inclusion of aggression themes in elementary reading textbooks. **Psychology in the schools**, n. 7, p. 232-237, 1970.

APÊNDICES



**APÊNDICE A – Livros didáticos gaúchos produzidos entre 1940 e 1980:
Relação de editoras, títulos e autores (Acervo Hisales)**

Quadro 01 - Livros didáticos gaúchos produzidos entre 1940 e 1980: relação de editoras, títulos e autores (Acervo Hisales).

LIVROS DIDÁTICOS GAÚCHOS PRODUZIDOS ENTRE 1940 E 1980 – EDITORAS, TÍTULOS E AUTORES (ACERVO HISALES)			
EDITORA	TÍTULO	AUTORES	COTA GERAL
Editora do Brasil (LD_EB)	Brincando com números (Coleção Didática do Brasil)	Cecy Cordeiro Thofehr	LD_EB01
	Estrada Iluminada (Coleção Didática do Brasil)	Cecy Cordeiro Thofehr e Nelly Cunha	LD_EB02
	Estudos Sociais e Naturais (Coleção Didática do Brasil)	(1) Edith Guimarães Lima e Maria Guimarães Ribeiro / (2) Edith Guimarães Lima, Norcka Guimarães Recena, Maria Guimarães Gomes, Giselda Guimarães Gomes / (3) Maria Guimarães Ribeiro, Edith Guimarães Lima, Giselda Guimarães Gomes	LD_EB03
	Linguagem e Estudos Sociais e Naturais (Coleção Didática do Brasil)	Cecy Cordeiro Thofehr e Jandira Cardias Szechir	LD_EB04
	Minhas Leituras (Coleção Didática do Brasil)	Ada Vaz Cabeda	LD_EB05
	Nossa Terra Nossa Gente 01 (Coleção Didática do Brasil)	Cecy Cordeiro Thofehr e Nelly Cunha	LD_EB06
	Nossa Terra Nossa Gente 02 (Coleção Didática do Brasil)	Cecy Cordeiro Thofehr e Nelly Cunha	LD_EB07
	Paralelas	Iara Thofehr Coelho e Nelly Cunha	LD_EB08
	Tempo Presente	Iara Thofehr Coelho e Nelly Cunha	LD_EB09
	Juca e Zazá	Eloah Ribeiro Kunz	LD_EB10
Editora FTD (LD_EF)	A Estória de um Lar Feliz	Maria de Lourdes Gastal	LD_EF01
	Estudos Sociais e Naturais	Maria de Lourdes Gastal	LD_EF02
	Exercícios de Linguagem	Maria de Lourdes Gastal	LD_EF03
	Na Cidade e no Campo	Maria de Lourdes Gastal	LD_EF04
	Prosa e Verso	Maria de Lourdes Gastal	LD_EF05
	Três Estórias	Maria de Lourdes Gastal	LD_EF06
	Aprendendo Estudos Sociais e Ciências Naturais	Ester Malamut e Flavia Maria Rosa	LD_EF07
	Dedé, José e Tião	Maria de Lourdes Gastal	LD_EF08
	Minha Cartilha	Flavia Maria Rosa e Ester Malamut	LD_EF09
Editora Globo (LD_EG)	Alegria	Nelly Cunha, Teresa Iara Palmini Fabretti e Zélia Maria Sequeira de Carvalho	LD_EG01
	Estudos Sociais e Naturais	Maria de Lourdes Gastal	LD_EG02
	Novas Travessuras de Pirulim	Nelly Cunha e Helga J. Trein	LD_EG03
	O Canto do Brasileiro	Nelly Cunha e Helga J. Trein	LD_EG04
	Os Pequenos Turistas	Nelly Cunha, Teresa Iara Palmini Fabretti e Zélia Maria Sequeira de Carvalho	LD_EG05

LIVROS DIDÁTICOS GAÚCHOS PRODUZIDOS ENTRE 1940 E 1980 – EDITORAS, TÍTULOS E AUTORES (ACERVO HISALES)			
EDITORA	TÍTULO	AUTORES	COTA GERAL
	Páginas do Sul	Nelly Cunha e Helga J. Trein	LD_EG06
	Pinceladas Verde-amarelas	Nelly Cunha e Helga J. Trein	LD_EG07
	Querência	Nelly Cunha e Teresa Iara Palmini Fabretti	LD_EG08
	Tapete Verde (Coleção Tapete Verde)	Nelly Cunha e Teresa Iara Palmini Fabretti	LD_EG09
	Vamos conhecer o Rio Grande	Giselda Guimarães Gomes e Edith Guimarães Lima	LD_EG10
	Viva o Circo	Teresa Iara Palmini Fabretti e Zélia Maria Sequeira de Carvalho	LD_EG11
	A Cartilha de Zé-Toquinho	Odila Barros Xavier	LD_EG12
Editora Selbach (LD_ES)	Estudos Sociais e Naturais (Coleção Estudos Sociais e Naturais)	Maria de Lourdes Gastal	LD_ES01
	Exercícios de Gramática	Maria de Lourdes Gastal	LD_ES02
	Exercícios de Linguagem	Edith Guimarães Lima, Maria Guimarães Ribeiro e Giselda Guimarães Gomes	LD_ES03
	Sugestões para Composição	Maria de Lourdes Gastal	LD_ES04
	Meu Ideal - Cartilha	Nicolina Basile de Vargas	LD_ES05
	Exercícios de Linguagem Matemática e Estudos Sociais	Nicolina Basile de Vargas	LD_ES06
Editora Tabajara (LD_ET)	Atlas Histórico Escolar – Rio Grande do Sul (Coleção História e Geografia do Estado do Rio Grande do Sul)	Eddy Flores Cabral	LD_ET01
	Ciências Naturais (Coleção Ciências Naturais)	Ruth Ivoty Torres da Silva	LD_ET02
	Educação Moral, Cívica e Política na Escola Fundamental (Coleção Educação Moral Cívica e Política)	Liene Maria Martins Schütz e Lila Maria Lena Souza Alano	LD_ET03
	Gramática Funcional – Exercícios (Coleção Exercícios de Gramática Funcional)	Lêda Riveiro Pereira	LD_ET04
	Guri (Coleção Guri)	Elbio N. Gonzales, Rosa Maria Ruschel e Flávia E. Braun	LD_ET05
	Linguagem e Estudos Sociais (Coleção Linguagem e Estudos Sociais)	(1) Sydia Sant'Anna Bopp / (2) Eddy Flores Cabral / (3) Dalva da Rosa Dupuy	LD_ET06
	Nossos exercícios – Linguagem / Nossos exercícios – Linguagem e Estudos Sociais (Coleção Nossos Exercícios)	(1) Sydia Santa'Anna Bopp / (2) Eddy Flores Cabral	LD_ET07
	Nossos exercícios – Estudos Naturais (Coleção Nossos Exercícios)	Ruth Ivoty Torres da Silva	LD_ET08
	Nossos exercícios – Estudos Sociais (Coleção Nossos Exercícios)	Eddy Flores Cabral	LD_ET09
	Cidade Sorriso	Jovita Maineri Brum e Livia M. Villas Boas	LD_ET10

LIVROS DIDÁTICOS GAÚCHOS PRODUZIDOS ENTRE 1940 E 1980 – EDITORAS, TÍTULOS E AUTORES (ACERVO HISALES)			
EDITORA	TÍTULO	AUTORES	COTA GERAL
	Brincar e Aprender	Giselda Guimarães Gomes e Clélia de Souza Guedes	LD_ET11
	Estudos Sociais e Linguagem	Marieta Lúcia Machado Nicolau, Isabel Franchi Cappelletti e Inah Valente Lopes Pires	LD_ET12
	Garotos Tevê	Dorothy Fossati de Vasconcelos Moniz e Vanda Spieker Cafruni	LD_ET13
	Minhas Descobertas (Coleção Minhas Descobertas)	(1) Dorothy Fossati de Vasconcelos Moniz, Amélia Pinto Bulhões, Lia Magali Pacheco Escobar, Iris Machado Millete, Maria Lígia Groenendal Aguiar, Sandra Joaquina Vianna Braga, Vanda Spieker Cafruni / (2) Desira Geni Brum Lago, Dionice Therezinha de Bartolo, Valda Luzia Oliveira Ramalho, Therezinha Tarantino Neuenfeldt, Luiza Suzy Nâcul de Andrade, Vanda Spieker Cafruni	LD_ET14
	As Férias com o Vovô	Angélica Serena Otto Beyer	LD_ET15
	Céu Azul	Rosa M. Ruschel e Flávia E. Braun	LD_ET16
	Marcelo, Vera e Faísca	(A) Norma Menezes de Oliveira, Alsina Alves de Lima, Eny Emilia Dias da Silveira, Liliana Tavares Rosa, Maria Flora de Menezes Ribeiro, Maria Heoniza Nascimento da Silva, Marilena Tavares Rosa, Norma Nunes de Menezes e Rachel Kier Citrin / (B) Alsina Alves de Lima, Eny Emilia Dias da Silveira, Liliana Tavares Rosa, Maria Flora de Menezes Ribeiro, Maria Heoniza Nascimento da Silva, Marilena Tavares Rosa, Martha Silva de Carvalho, Norma Nunes de Menezes e Rachel Kier Citrin	LD_ET17
	Teste de Pré-leitura	Eloah Ribeiro Kunz	LD_ET18
Editora Tomatis (LD_ETO)	Ler a Jato (Coleção Ler a Jato)	Gilda de Freitas Tomatis	LD_ETO01

Fonte: Dados da autora (março 2018).

**APÊNDICE B – Livros didáticos gaúchos produzidos entre 1940 e 1980:
exemplares por década - editoras e títulos (Acervo Hisales)**

Tabela 02 - Livros didáticos gaúchos produzidos entre 1940 e 1980: exemplares por década - editoras e títulos (Acervo Hisales).

LIVROS DIDÁTICOS GAÚCHOS PRODUZIDOS ENTRE 1940 E 1980: EXEMPLARES POR DÉCADA - EDITORAS E TÍTULOS (ACERVO HISALES)									
	COLEÇÃO	1940	1950	1960	1970	1980	S/D	TOTAL DE LIVROS POR COLEÇÃO	TOTAL DE LIVROS POR EDITORA
LD_EB - Editora do Brasil	LD_EB01	-	01	-	-	-	-	01	163
	LD_EB02	-	-	32	-	-	04	36	
	LD_EB03	-	05	-	-	-	02	07	
	LD_EB04	-	08	04	-	-	09	21	
	LD_EB05	-	-	-	-	-	04	04	
	LD_EB06	-	-	-	03	-	16	19	
	LD_EB07	-	-	-	15	-	09	24	
	LD_EB08	-	-	-	33	-	-	33	
	LD_EB09	-	-	-	17	-	-	17	
	LD_EB10	-	-	-	-	-	01	01	
LD_EF - Editora FTD	LD_EF01	-	-	-	-	-	01	01	15
	LD_EF02	-	-	02	01	-	02	05	
	LD_EF03	-	-	-	-	-	01	01	
	LD_EF04	-	-	-	-	-	01	01	
	LD_EF05	-	-	-	01	-	01	02	
	LD_EF06	-	-	-	-	-	01	01	
	LD_EF07	-	-	-	01	-	-	01	
	LD_EF08	-	-	01	01	-	-	02	
	LD_EF_09	-	-	-	-	-	01	01	
LD_EG - Editora Globo	LD_EG01	-	-	-	11	-	-	11	52
	LD_EG02	-	02	-	-	-	-	02	
	LD_EG03	-	-	-	01	-	-	01	
	LD_EG04	-	-	03	01	-	-	04	
	LD_EG05	-	-	-	01	-	-	01	
	LD_EG06	-	-	03	02	-	01	06	
	LD_EG07	-	-	02	01	-	-	03	
	LD_EG08	-	-	-	01	02	-	03	
	LD_EG09	-	-	-	14	02	-	16	
	LD_EG10	-	01	-	-	-	-	01	
	LD_EG11	-	-	-	03	-	-	03	

LIVROS DIDÁTICOS GAÚCHOS PRODUZIDOS ENTRE 1940 E 1980: EXEMPLARES POR DÉCADA - EDITORAS E TÍTULOS (ACERVO HISALES)									
	COLEÇÃO	1940	1950	1960	1970	1980	S/D	TOTAL DE LIVROS POR COLEÇÃO	TOTAL DE LIVROS POR EDITORA
	LD_EG12	01	-	-	-	-	-	01	
LD_ES - Editora Selbach	LD_ES01	-	-	-	-	-	05	05	12
	LD_ES02	-	-	-	-	-	02	02	
	LD_ES03	-	-	-	-	-	01	01	
	LD_ES04	-	-	-	-	-	01	01	
	LD_ES05	-	-	-	-	-	02	02	
	LD_ES06	-	-	-	-	-	01	01	
LD_ET - Editora Tabajara	LD_ET01	-	-	01	-	-		01	95
	LD_ET02	-	-	-	03	-	01	04	
	LD_ET03	-	-	-	01	-	-	01	
	LD_ET04	-	-	02	-	-	02	04	
	LD_ET05	-	-	20	03	-	03	26	
	LD_ET06	-	-	06	15	-	01	22	
	LD_ET07	-	-	04	-	-	07	11	
	LD_ET08	-	-	-	-	-	05	05	
	LD_ET09	-	02	02	-	-	-	04	
	LD_ET10	-	-	-	01	-	-	01	
	LD_ET11	-	-	-	01	-	-	01	
	LD_ET12	-	-	-	01	-	-	01	
	LD_ET13	-	-	-	01	-	-	01	
	LD_ET14	-	-	-	02	-	01	03	
	LD_ET15	-	-	02	-	-	-	02	
	LD_ET16	-	-	-	01	-	-	01	
	LD_ET17	-	-	05	01	-	-	06	
	LD_ET18	-	-	-	01	-	-	01	
LD_ETO - Ed. Tomatis	LD_ETO01	-	-	-	03	-	-	03	03
TOTAL DE LIVROS POR DÉCADA		01	19	89	141	04	86	340	340

Fonte: Dados da autora (março 2018).

AUTORES: Liene Maria Martins Schütz e Lila Maria Lena Souza Alano

ILUSTRADORES: Heloiza Helena Campos Carneiro e Rolando Carrettiero

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
EDUCAÇÃO MORAL, CÍVICA E POLÍTICA NA ESCOLA FUNDAMENTAL		LIVRO DIDÁTICO	3º LIVRO	1ª	1972 A	EMCPEF_3L_1ED_1972A

TOTAL DE EXEMPLARES: 01

LD_ET04

GRAMÁTICA FUNCIONAL - EXERCÍCIOS

COLEÇÃO: Exercícios de Gramática Funcional

SÉRIE: -

AUTORES: Lêda Riveiro Pereira

ILUSTRADORES: Mário José Bernardo (EGF_2L_4ED_1969A)

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
EXERCÍCIOS DE GRAMÁTICA FUNCIONAL		LIVRO DIDÁTICO	2º LIVRO	4ª	1969 A	EGF_2L_4ED_1969A
			4º LIVRO	3ª	1968 A	EGF_4L_3ED_1968A
EXERCÍCIOS DE GRAMÁTICA FUNCIONAL E EXERCÍCIOS GRAMATICAIS DA NOVA NOMENCLATURA		LIVRO DIDÁTICO	4º ANO	S/ED	S/D A	EGF_4L_SED_SDA
				S/ED	S/D B	EGF_4L_SED_SDB

TOTAL DE EXEMPLARES: 04

LD_ET05

GURI

COLEÇÃO: Guri

SÉRIE: -

AUTORES: Rosa Maria Ruschel & Flávia E. Braun

ILUSTRADORES: Helga Trein (Cartilha, 1º, 2º e 3º Livro) / Anelize Becker de Lima (4º Livro) / Mapas (3º e 4º Livros): Miron Zaions

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
CARTILHA DO GURI		CARTILHA	1º ANO	8ª	1969 A	GURI_C_8ED_1969A
PRIMEIRO LIVRO DO GURI - Linguagem, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Higiene		LIVRO DIDÁTICO	1º ANO	2ª	1968 A	GURI_1L_2ED_1968A
				3ª	1969 A	GURI_1L_3ED_1969A
				S/ED	S/D A	GURI_1L_SED_SDA
SEGUNDO LIVRO DO GURI - Linguagem, Gramática Funcional, Ortografia, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Higiene		LIVRO DIDÁTICO	2º ANO	S/ED	1965 A	GURI_2L_SED_1965A
				9ª	1966 A	GURI_2L_9ED_1966A
				15ª	1969 A	GURI_2L_15ED_1969A
				S/ED	1969 A	GURI_2L_SED_1969A

				16ª	1971 A	GURI_2L_16ED_1971A
TERCEIRO LIVRO DO GURI - Linguagem, Gramática Funcional, Ortografia, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Higiene		LIVRO DIDÁTICO	3º ANO	2ª	1965 A	GURI_3L_2ED_1965A
				3ª	1965 A	GURI_3L_3ED_1965A
				3ª	1965 B	GURI_3L_3ED_1965B
				3ª	1965 C	GURI_3L_3ED_1965C
				4ª	1966 A	GURI_3L_4ED_1966A
				4ª	1966 B	GURI_3L_4ED_1966B
				6ª	1967 A	GURI_3L_6ED_1967A
TERCEIRO LIVRO DO GURI - Linguagem, Gramática Funcional, Ortografia, Estudos Sociais, Ciências Naturais e Higiene / Edição Especial para o Estado do Rio Grande do Sul		LIVRO DIDÁTICO	3º ANO	S/ED	S/D A	GURI_RS_3L_SED_SDA
TERCEIRO LIVRO DO GURI - Leitura		LIVRO DIDÁTICO	3º ANO	1ª	1970 A	GURI_LEIT_3L_1ED_1970A
				1ª	1970 B	GURI_LEIT_3L_1ED_1970B
QUARTO LIVRO DO GURI		LIVRO DIDÁTICO	4º ANO	1ª ou 2ª	1966 A	GURI_4L_SED_1966A
				1ª ou 2ª	1966 B	GURI_4L_SED_1966B
				1ª ou 2ª	1966 C	GURI_4L_SED_1966C
				3ª ou 4ª	1967 A	GURI_4L_SED_1967A
				3ª ou 4ª	1967 B	GURI_4L_SED_1967B
				S/ED	1969 A	GURI_4L_SED_1969A
				S/ED	S/D A	GURI_4L_SED_SDA

TOTAL DE EXEMPLARES: 26**LD_ET06****LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS**

COLEÇÃO: Linguagem e Estudos Sociais

SÉRIE: -

AUTORES: (1) Sydia Sant'Anna Bopp / (2) Eddy Flores Cabral (Obs.: às vezes aparece com apenas um D no nome e acento no 'Flôres') / (3) Dalva da Rosa Dupuy

ILUSTRADORES: Anelise Trein (L_4L_1ED_1970...) / Miron Zaions (ES_4L_9ED_1970A) / Lourdes Comparsi e Miron Zaions (LES_5L_2ED_1970...) / Luiz Tabajara e Miron Zaions (LESRS_2L_SED_1970A) / Luiz Tabajara, Miron Zaions e Anelise Trein Becker (LESRS_3L_...) / Aura Serrano e Luiz Tabajara (NELESSP_1L_2ED_1969A)

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
ESTUDOS SOCIAIS - Edição para todos os Estados do Brasil (Autora 2)		LIVRO DIDÁTICO	4º LIVRO	9ª	1970 A	ES_4L_9ED_1970A
ESTUDOS SOCIAIS - Edição para todos os Estados do Brasil (Autora 2)		MANUAL DO PROFESSOR	4º LIVRO	2ª	1970 A	ES_MP_4L_2ED_1970A
LINGUAGEM - Edição para todos os Estados do Brasil (Autoras 1 e 3)		LIVRO DIDÁTICO	4º LIVRO	1ª	1970 A	L_4L_1ED_1970A
				1ª	1970 B	L_4L_1ED_1970B

LINGUAGEM - Edição para todos os Estados do Brasil (Autoras 1 e 3)		MANUAL DO PROFESSOR	4º LIVRO	2ª	1970 A	L_MP_4L_2ED_1970A
LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição para todos os Estados do Brasil (Autoras 1 e 2)		LIVRO DIDÁTICO	5º LIVRO E ADMISSÃO AO GINÁSIO	2ª	1970 A	LES_5L_2ED_1970A
				2ª	1970 B	LES_5L_2ED_1970B
				2ª	1970 C	LES_5L_2ED_1970C
				2ª	1970 D	LES_5L_2ED_1970D
				2ª	1970 E	LES_5L_2ED_1970E
LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição para todos os Estados do Brasil (Autoras 1 e 2)		MANUAL DO PROFESSOR	4º LIVRO	S/ED	1969 A	LES_MP_4L_SED_1969A

LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição Especial para o Estado do Rio Grande do Sul (Autoras 1 e 2)		LIVRO DIDÁTICO	2º LIVRO	3ª	1970 A	LESRS_2L_3ED_1970A
			3º LIVRO	5ª	1969 A	LESRS_3L_5ED_1969A
				5ª	1969 B	LESRS_3L_5ED_1969B
				6ª	1970 A	LESRS_3L_6ED_1970A
				6ª	1970 B	LESRS_3L_6ED_1970B
				6ª	1970 C	LESRS_3L_6ED_1970C
LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição Especial para o Estado do Rio Grande do Sul (Autoras 1, 2 e 3)		MANUAL DO PROFESSOR	1º e 2º LIVROS	1ª	1970 A	LESRG_MP_1e2L_1ED_1970A
LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição Especial para o Estado do Rio Grande do Sul (Autoras 1 e 2)		MANUAL DO PROFESSOR	3º LIVRO	S/ED	1969 A	LESRG_MP_3L_SED_1969A
				S/ED	1969 B	LESRG_MP_3L_SED_1969B
LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição Especial para o Estado de São Paulo (Autoras 1 e 2?)		LIVRO DIDÁTICO	1º LIVRO	2ª	1969 A	LESSP_1L_2ED_1969A
			3º ANO	S/ED	S/D A	LESSP_3L_SED_SDA

TOTAL DE EXEMPLARES: 22

LD_ET07

NOSSOS EXERCÍCIOS - LINGUAGEM

NOSSOS EXERCÍCIOS - LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS

COLEÇÃO: Nossos Exercícios

SÉRIE: -

AUTORES: (1) Sydia Santa'Anna Bopp / (2) Eddy Flores Cabral (Obs.: às vezes aparece com apenas um D no nome e acento no 'Flôres')

ILUSTRADORES: Luiz Tabajara (NELES_2L_1ED_1964A) / Mirou Zaious (NELES_5L_SED_...)

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
NOSSOS EXERCÍCIOS - LINGUAGEM (Autora 1)		LIVRO DIDÁTICO	1º ANO / 1º LIVRO	4ª	1965 A	NEL_1L_4ED_1965A
				4ª	1965 B	NEL_1L_4ED_1965B

			4º LIVRO	S/ED	S/D A	NEL_4L_SED_SDA
NOSSOS EXERCÍCIOS - LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS (Autoras 1 e 2)		LIVRO DIDÁTICO	2º ANO / 2º LIVRO	1ª	1964 A	NELES_2L_1ED_1964A
			4º ANO / 4º LIVRO	3ª	1966 A	NELES_4L_3ED_1966A
				6ª	S/D A	NELES_4L_6ED_SDA
				6ª	S/D B	NELES_4L_6ED_SDB
			5º ANO / 5º LIVRO E ADMISSÃO	S/ED	S/D A	NELES_5L_SED_SDA
				S/ED	S/D B	NELES_5L_SED_SDB
				S/ED	S/D C	NELES_5L_SED_SDC
				S/ED	S/D D	NELES_5L_SED_SDD

TOTAL DE EXEMPLARES: 11

LD_ET08**NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS NATURAIS**

COLEÇÃO: Nossos Exercícios

SÉRIE: -

AUTORES: Ruth Ivoty Torres da Silva

ILUSTRADORES: Luiz Borges (NEEN_1A_2ED_SDA)

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS NATURAIS		LIVRO DIDÁTICO	1º ANO	2ª	S/D A	NEEN_1A_2ED_SDA
			4º ANO	S/ED	S/D A	NEEN_4A_SED_SDA
				S/ED	S/D B	NEEN_4A_SED_SDB
		GUIA DIDÁTICO	1º ANO	2ª	S/D A	NEEN_GD_1A_2ED_SDA
			2º ANO	2ª	S/D A	NEEN_GD_2A_2ED_SDA

TOTAL DE EXEMPLARES: 05

LD_ET09**NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS SOCIAIS**

COLEÇÃO: Nossos Exercícios

SÉRIE: -

AUTORES: Eddy Flores Cabral

ILUSTRADORES: -

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS SOCIAIS		LIVRO DIDÁTICO	3º ANO	S/ED	1959 A	NEES_3A_SED_1959A
				S/ED	1959 B	NEES_3A_SED_1959B
			4º ANO	2ª	1964 A	NEES_4A_2ED_1964A
			3º ANO	S/ED	1961 A	NEES_MP_3A_SED_1961A
		MANUAL PARA O PROFESSOR				

TOTAL DE EXEMPLARES: 04

ILUSTRADORES: Helga Trein

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
AS FÉRIAS COM O VOVÔ - Pré-Livro		PRÉ-LIVRO		3ª	1967 A	AFCV_PL_3ED_1967A
AS FÉRIAS COM O VOVÔ - Pré-Livro - Manual do Professor		MANUAL DO PROFESSOR		S/ED	1966 A	AFCV_MP_SED_1966A

TOTAL DE EXEMPLARES: 02**LD_ET16****CÉU AZUL**

COLEÇÃO: -

SÉRIE: -

AUTORES: Rosa M. Ruschel e Flávia E. Braun

ILUSTRADORES: Therezinha Tabajara Baims

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
CÉU AZUL - Pré-livro		PRÉ-LIVRO		1ª	1970 A	CA_PL_1ED_1970A

TOTAL DE EXEMPLARES: 01**LD_ET17****MARCELO, VERA E FAÍSCA**

COLEÇÃO: -

SÉRIE: -

AUTORES: (A) Norma Menezes de Oliveira, Alsina Alves de Lima, Eny Emilia Dias da Silveira, Liliana Tavares Rosa, Maria Flora de Menezes Ribeiro, Maria Heoniza Nascimento da Silva, Marilena Tavares Rosa, Norma Nunes de Menezes e Rachel Kier Citrin / (B) Alsina Alves de Lima, Eny Emilia Dias da Silveira, Liliana Tavares Rosa, Maria Flora de Menezes Ribeiro, Maria Heoniza Nascimento da Silva, Marilena Tavares Rosa, Martha Silva de Carvalho, Norma Nunes de Menezes e Rachel Kier Citrin

ILUSTRADORES: -

EDITORA: Editora Tabajara

TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
MARCELO, VERA E FAÍSCA - Cartilha		CARTILHA		1ª	1961 A	MVF_C_1ED_1961A
				2ª	1962 A	MVF_C_2ED_1962A
				2ª	1962 B	MVF_C_2ED_1962B
				5ª	1970 A	MVF_C_5ED_1970A
MARCELO, VERA E FAÍSCA - Manual do Professor		MANUAL DO PROFESSOR		3ª	1967 A	MVF_MP_3ED_1967A
				3ª	1967 B	MVF_MP_3ED_1967B

TOTAL DE EXEMPLARES: 06**LD_ET18****TESTE DE PRÉ-LEITURA**

COLEÇÃO: -						
SÉRIE: -						
AUTORES: Eloah Ribeiro Kunz						
ILUSTRADORES: Anelise Becker de Lima (capa)						
EDITORA: Editora Tabajara						
TÍTULO	SÉRIE	TIPO	SÉRIE/ANO	EDIÇÃO	ANO	COTA
TESTE DE PRÉ-LEITURA - Manual para o Professor		MANUAL PARA O PROFESSOR		S/ED	1977 A	TPL_MP_SED_1977A
						TOTAL DE EXEMPLARES: 01
						TOTAL GERAL DE EXEMPLARES - LD_ET: 95

Fonte: Dados da autora (janeiro 2018).

APÊNDICE D - Informações detalhadas dos livros didáticos das Edições Tabajara (Acervo do Hisales)

Tabela 04 - Informações detalhadas dos livros didáticos das Edições Tabajara (Acervo Hisales).

INFORMAÇÕES DETALHADAS DOS LIVROS DAS EDIÇÕES TABAJARA (ACERVO HISALES)										
LD_ET01: ATLAS HISTÓRICO ESCOLAR – RIO GRANDE DO SUL										
COLEÇÃO: História e Geografia do Estado do Rio Grande do Sul							EDITORA TABAJARA			
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
ATLAS HISTÓRICO ESCOLAR - RIO GRANDE DO SUL	Eddy Flores Cabral	Eddy Flores Cabral	-	1967 A	1ª	-	-	-	78	- Medidas: 15,5 x 22,5 cm
										Total de exemplares: 01

LD_ET02: CIÊNCIAS NATURAIS										
COLEÇÃO: Ciências Naturais							EDITORA TABAJARA			
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
CIÊNCIAS NATURAIS	Ruth Ivoty Torres da Silva	Ruth Ivoty Torres da Silva	3º Livro	1970 A	2ª	Miron Zaions, Capa de Luís Carlos Tabajara	Magda Maria Zanoni	Companhia Gráfica Lux, Estrada do Gabinal, 1521 - Jacarepaguá - Guanabara	96	- Medidas: 14 x 20,5 cm - Selo quadrado de doação da COLTED
				1970 B	2ª					
			4º Livro	S/D A	S/ED	Miron Zaions e Teresinha Tabajara Baims. Capa de Luís Carlos Tabajara	Marília Ávila Sohne	AGGS Indústrias Gráficas S.A.	160	- Medidas: 14 x 20,8 cm - Selo quadrado do convênio com o Instituto Nacional do Livro MEC
			4º e 5º Livros	1970 A	2ª			Companhia Gráfica Lux, Estrada do Gabinal, 1521 - Jacarepaguá - Guanabara		- Medidas: 14 x 20,5 cm - Selo quadrado de doação da COLTED
										Total de exemplares: 04

LD_ET03: EDUCAÇÃO MORAL, CÍVICA E POLÍTICA NA ESCOLA FUNDAMENTAL										
COLEÇÃO: Educação Moral Cívica e Política						EDITORA TABAJARA				
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
EDUCAÇÃO MORAL, CÍVICA E POLÍTICA NA ESCOLA FUNDAMENTAL	Liene Maria Martins Schütz / Lila Maria Lena Souza Alano	Liene Maria Martins Schütz / Lila Maria Lena Souza Alano	3º Livro	1972 A	1ª	Ilustrações, capa e planejamento gráfico: Heloiza Helena Campos Carneiro e Rolando Carrettiero	-	AGGS Indústrias Gráficas S.A.	32	- Medidas: 15,6 x 22,6 cm - Selo "Em convênio com o Instituto Nacional do Livro - MEC"
										Total de exemplares: 01

LD_ET04: GRAMÁTICA FUNCIONAL - EXERCÍCIOS										
COLEÇÃO: Exercícios de Gramática Funcional						EDITORA TABAJARA				
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
EXERCÍCIOS DE GRAMÁTICA FUNCIONAL	Lêda Riveiro Pereira	Lêda Riveiro Pereira	2º Livro	1969 A	4ª	Mário José Bernardo	Celso Pedro Luft e Dalva da Rosa Dupuy		112	- Medidas: 13,4 x 18 cm - Tiragem: 30.000 exemplares
			4º Livro	1968 A	3ª	-	Celso Pedro Luft e Dalva da Rosa Dupuy		176	- Medidas: 13,4 x 18 cm - Tiragem: 15.000 exemplares
EXERCÍCIOS DE GRAMÁTICA FUNCIONAL E EXERCÍCIOS GRAMATICAIS DA NOVA NOMENCLATURA	Lêda Riveiro Pereira	-	4º Ano	S/D A S/D B	S/ED S/ED	-	-	Empresa Gráfica Metrópole S. A.	176	- Medidas: 13,4 x 18 cm
										Total de exemplares: 04

LD_ET05: GURI										
COLEÇÃO: Guri						EDIÇÕES TABAJARA				
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
CARTILHA DO GURI - MÉTODO DE PALAVRAS GERADORAS	Rosa M. Ruschel / Flavia E. Braun	Elbio N. Gonzalez / Rosa M. Ruschel / Flávia E. Braun /	-	1969 A	8ª	Helga Trein	-	-	64	- Medidas: 14 x 21 cm

LD_ET05: GURI										
COLEÇÃO: Guri EDIÇÕES TABAJARA										
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
PRIMEIRO LIVRO DO GURI (LINGUAGEM, ESTUDOS SOCIAIS, CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE)	Rosa M. Ruschel / Flavia E. Braun	Rosa Maria Ruschel / Flávia E. Braun	1º Ano	1968 A	2ª	Helga Trein	Dalva da Rosa Dupuy	-	94	- Medidas: 13,5 x 17,3 cm - Tiragem: 50.000 exemplares
				1969 A	3ª				96	- Medidas: 14 x 21 cm - Tiragem: 100.000 exemplares
				S/D A	S/ED				90 (incompleto e sem capa e contracapa)	
SEGUNDO LIVRO DO GURI (LINGUAGEM, GRAMÁTICA FUNCIONAL, ORTOGRAFIA, ESTUDOS SOCIAIS, CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE)	Rosa M. Ruschel / Flavia E. Braun	Rosa M. Ruschel / Flavia E. Braun	2º Ano	1965 A	5ª, 6ª, 7ª ou 8ª?	Helga Trein	-	Oficinas Gráficas da Livraria do Globo S. A. - Porto Alegre	132	- Medidas: 13 x 17 cm - Tiragem: 20.000 ou 10.000 exemplares - depende da edição
				1966 A	9ª		Celso Pedro Luft	-	134	- Medidas: 13,8 x 18 cm - Tiragem: 25.000 exemplares
				1969 A	15ª			-	150	- Medidas: 14 x 21 cm - Tiragem: 100.000 exemplares
				1969 A	S/ED			Gráfica Editôra Livro S.A. - Rua Pref. Olímpio de Melo, 1460 - Tel. 248-5057 - Rio, GB	152	- Medidas: 14 x 20,8 cm
				1971 A	16ª				152 (incompleto, sem capa e contracapa)	- Medidas: 14 x 21 cm - Tiragem: 30.000 exemplares
TERCEIRO LIVRO DO GURI (LINGUAGEM, GRAMÁTICA FUNCIONAL, ORTOGRAFIA, ESTUDOS SOCIAIS, CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE)	Rosa M. Ruschel / Flavia E. Braun	Rosa M. Ruschel / Flavia E. Braun	3º Ano	1965 A	2ª	Helga Trein	-	-Composto e impresso nas oficinas do Jornal do Dia, Rua Duque de Caxias, 920 - Inscrição 1728 - Fone: 4850	188	- Medidas: 13,7 x 17,7 cm - Tiragem: 20.000 exemplares
				1965 A	3ª					- Medidas: 14 x 17,8 cm - Tiragem: 80.000 exemplares
				1965 B						
				1965 C						
				1966 A	4ª					- Medidas: 14 x 17,6 cm - Tiragem: 25.000 exemplares
				1966 B						
				1967 A	6ª					- Medidas: 14 x 17,6 cm - Tiragem: 25.000 exemplares

LD_ET06: LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS										
COLEÇÃO: Linguagem e Estudos Sociais						EDIÇÕES TABAJARA				
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
ESTUDOS SOCIAIS - Edição para todos os Estados do Brasil	Edy Flores Cabral	Eddy Flores Cabral	4º Livro	1970 A	9ª / 1ª Ed. Colted	Miron Zaions	-	AGGS Indústrias Gráficas S.A.	136	- Medidas: 13,7 x 20,8 cm - Selo da COLTED 1970/71 - Livros para o progresso - Tiragem: 85.000 exemplares
ESTUDOS SOCIAIS – MANUAL DO PROFESSOR - Edição para todos os Estados do Brasil	Sydia Sant'Anna Bopp / Edy Flores Cabral	Eddy Flores Cabral	4º Livro	1970 A	2ª	-	-	-	78	- Medidas: 13,8 x 20,6 cm - Selo quadrado de doação da COLTED - Tiragem: 14.000 exemplares
LINGUAGEM - Edição para todos os Estados do Brasil	Sydia Sant'Anna Bopp	Sydia Sant'Anna Bopp / Dalva da Rosa Dupuy	4º Livro	1970 A 1970 B	1ª	Anelise Trein	-	AGGS Indústrias Gráficas S.A.	144	- Medidas: 13,7 x 20,7 cm - Tiragem: 115.000 exemplares
LINGUAGEM – MANUAL DO PROFESSOR - Edição para todos os Estados do Brasil	Sydia Sant'Anna Bopp / Edy Flôres Cabral	Sydia Sant'Anna Bopp / Dalva da Rosa Dupuy	4º Livro	1970 A	2ª	-	-	AGGS Indústrias Gráficas S.A.	112	- Medidas: 13,8 x 20,6 cm - Selo quadrado de doação da COLTED - Tiragem: 10.000 exemplares
LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição para todos os Estados do Brasil	Sydia Sant'Anna Bopp / Edy Flores Cabral	Sydia Sant'Anna Bopp / Eddy Flores Cabral	5º Livro e Admissão ao Ginásio	1970 A 1970 B 1970 C 1970 D 1970 E	2ª	Lourdes Comparsi e Miron Zaions	-	AGGS Indústrias Gráficas S.A.	280 (sem contracapa) 280 280 (sem capa)	- Medidas: 13,7 x 20,7 cm - Selo ou carimbo quadrado de doação da COLTED ou - Selo da COLTED 1970/71 - Livros para o progresso - Tiragem: 67.000 exemplares
LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - MANUAL DO PROFESSOR – Edição para todos os Estados do Brasil	Sydia Sant'Anna Bopp / Edy Flores Cabral	Sydia Sant'Anna Bopp / Eddy Flôres Cabral	4º Livro	1969 A	S/ED	-	-	Composto e impresso nas oficinas da EGRT - Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., Rua Conde de Sarzeda, 38, São Paulo	184	- Medidas: 13 x 17,2 cm
LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição Especial para o Estado do Rio Grande do Sul	Sydia Sant'Anna Bopp / Edy Flores Cabral	Sydia Sant'Anna Bopp / Eddy Flores Cabral	2º Livro	1970 A	3ª	Luiz Tabajara e Miron Zaions	-	-	136	- Medidas: 14 x 20,8 cm - Tiragem: 154.000 exemplares

LD_ET07: NOSSOS EXERCÍCIOS - LINGUAGEM NOSSOS EXERCÍCIOS – LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS										
COLEÇÃO: Nossos Exercícios					EDIÇÕES TABAJARA					
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
NOSSOS EXERCÍCIOS - LINGUAGEM	Sydia Sant'Anna Bopp	Sydia Sant'Anna Bopp	1º Ano / 1º Livro	1965 A	4ª	-	-	Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do Jornal do Dia	144	- Medidas: 15,6 x 22,4 cm
				1965 B						
						4º Livro	s/dA	S/ED	-	-
NOSSOS EXERCÍCIOS - LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS	Sydia Sant'Anna Bopp / Eddy Flores Cabral	Sydia Sant'Anna Bopp / Edy Flores Cabral	2º Ano / 2º Livro	1964 A	1ª	Luiz Tabajara	-	Oficinas Gráficas Rotermund & Cia. Ltda. - São Leopoldo - 55.932	164	- Medidas: 16 x 22,7 cm
			4º Ano / 4º Livro	1966 A	3ª	-	-		-	296
				S/D A	6ª				298	- Medidas: 14,3 x 21 cm
				S/D B	6ª					
			5º Ano / 5º Livro e Admissão	S/D A	S/ED	Mirou Zaious	-	-	304	- Medidas: 14,5 x 21,5 cm
				S/D B						
				S/D C						
				S/D						
								302 (incompleto, sem capa e contracapa)		
								304 (incompleto e sem capa)		

LD_ET08: NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS NATURAIS										
COLEÇÃO: Nossos Exercícios					EDIÇÕES TABAJARA					
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS NATURAIS	Ruth Ivoty Torres da Silva	Ruth Ivoty Torres da Silva	1º Ano	S/D A	2ª	Luiz Borges		Gráfica Editora Santa Maria, Porto Alegre, R. G. S.	64	- Medidas: 15,5 x 22 cm
			4º Ano	S/D A	S/ED	-	-	Editora La Salle - Canoas	80	- Medidas: 16,2 x 23 cm
				S/D B	S/ED					- Medidas: 15,8 x 23 cm

LD_ET08: NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS NATURAIS										
COLEÇÃO: Nossos Exercícios			EDIÇÕES TABAJARA							
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS NATURAIS - GUIA DIDÁTICO	Ruth Ivoty Torres da Silva	Ruth Ivoty Torres da Silva	1º Ano	S/D A	2ª					
			2º Ano	S/D A	2ª	-	-	Gráfica Editora Santa Maria, Pôrto Alegre, R. G. S.	28	- Medidas: 13,5 x 18 cm
	Total de exemplares: 05									

LD_ET09: NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS SOCIAIS										
COLEÇÃO: Nossos Exercícios					EDIÇÕES TABAJARA					
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS SOCIAIS	Eddy Flores Cabral	Eddy Flores Cabral	3º Ano	1959 A	S/ED	-	-	Gráfica Editora Santa Maria - Porto Alegre	84	- Medidas: 15,8 x 22,8 cm
				1959 B						
			4º Ano	1964 A	2ª	-	-	-	120	- Medidas: 16 x 23 cm
NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS SOCIAIS - MANUAL PARA O PROFESSOR	Eddy Flores Cabral	Eddy Flores Cabral	3º Ano	1961 A	S/ED	-	-	-	100 (incompleto - sem capa e contracapa)	- Medidas: 13,6 x 18 cm
Total de exemplares: 04										

LD_ET10: CIDADE SORRISO										
COLEÇÃO: Cidade Sorriso					EDIÇÕES TABAJARA					
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
CIDADE SORRISO - Caderno de Exercícios	Jovita Maineri Brum e Lívia M. Villas Bôas	-	2º Ano	1972 A	1ª	-	-	EGRT	70	- Medidas: 14,5 x 21,5 cm - Tiragem: 10.000 exemplares

LD_ET15: AS FÉRIAS COM O VOVÔ										
COLEÇÃO: As férias com o vovô						EDITORA TABAJARA				
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
AS FÉRIAS COM O VOVÔ – Pré-livro Obs.: Na folha de rosto o "o" não consta	Angélica Serena Otto Beyer	Angélica Serena Otto Beyer	-	1967 A	3ª	Helga J. Trein	Maria Josefa P. Motta	-	64	- Medidas: 13 x 17,5 cm - Tiragem: 25.000 exemplares - A folha de rosto contém parte de um carimbo, com a inscrição "Da Biblioteca COLTED - 1967 - Livros para o progresso"
AS FÉRIAS COM O VOVÔ - PRÉ-LIVRO – Manual do Professor	Angélica Serena Otto Beyer	Angélica Serena Otto Beyer	-	1966 A	S/ED	Helga J. Trein	Maria Josefa P. Motta	Oficinas Gráfica do Jornal do Dia - Rua Duque de Caxias, 920 - Inscrição 1728 - Fone: 48.0	108	- Medidas: 12 x 15,7 cm - Na última página consta uma carta de aprovação da publicação por profissionais da Secretaria de Educação
										Total de exemplares: 02

LD_ET16: CÉU AZUL										
COLEÇÃO: Céu Azul						EDITORA TABAJARA				
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
CÉU AZUL – Pré-livro	Rosa M. Ruschel / Flávia E. Braun	Rosa M. Ruschel / Flávia E. Braun /	-	1970 A	1ª	-	-	-	68	- Medidas: 13 x 20 cm
										Total de exemplares: 01

LD_ET17: MARCELO, VERA E FAÍSCA										
COLEÇÃO: Marcelo, Vera e Faísca						EDITORA TABAJARA				
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
MARCELO, VERA E FAÍSCA – Cartilha - = Método global de palavras	Não consta na capa	Norma Menezes de Oliveira; Alsina Alves Lima; Eny Emilia Dias da Silveira; Liliana Tavares Rosa; Maria Flora de Menezes Ribeiro;	-	1961 A	1ª	Não há ilustrações, apenas na capa, mas de autoria	Supervisão: Martha Silva de Carvalho	Editôra Rotermund & Cia. Ltda. – São Leopoldo	62	- Exemplar fotocopiado

LD_ET17: MARCELO, VERA E FAÍSCA										
COLEÇÃO: Marcelo, Vera e Faísca EDITORA TABAJARA										
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
progressivas - letra tipo script		Maria Heoniza Nascimento da Silva; Norma Nunes de Menezes; Marilena Tavares Rosa; Rachel Kier		1962 A	2ª	não identificada		Gráfica Editôra Santa Maria - Duque de Caxias, 920 - Pôrto Alegre	60	- Medidas: 16 x 22,8 cm - Tiragem: 20.000 exemplares
				1962 B						
				1970 A	5ª			AGGS Indústrias Gráficas S. A.	62	- Medidas: 15,4 x 23,4 cm - Tiragem: 5.000 exemplares
MARCELO, VERA E FAÍSCA – Manual do Professor	Não consta na capa	Norma Menezes de Oliveira; Alsina Alves Lima; Eny Emilia Dias da Silveira; Liliana Tavares Rosa; Maria Flora de Menezes Ribeiro; Maria Heoniza Nascimento da Silva; Norma Nunes de Menezes; Marilena Tavares Rosa; Rachel Kier	-	1967 A	3ª	-	Supervisão: Martha Silva de Carvalho	Empresa Metrópole S. A.	144	- Medidas: 11,5 x 15,6 cm - Tiragem: 6.000 exemplares
				1967 B						
	Total de exemplares: 06									

LD_ET18: TESTE DE PRÉ-LEITURA										
COLEÇÃO: Teste de Pré-Leitura EDITORA TABAJARA										
TÍTULO	AUTORAS NA CAPA	AUTORAS NA FOLHA DE ROSTO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	ILUSTRADOR	REVISÃO	GRÁFICA	PÁGINAS	OBSERVAÇÃO
TESTE DE PRÉ-LEITURA – História, Natureza, Técnica de Aplicação - Manual para o Professor	Eloah Ribeiro Kunz	Eloah Ribeiro Kunz	-	1977 A	S/ED	Anelise Becker de Lima (capa)	-	-	24	- Medidas: 14 x 21 cm
Total de exemplares: 01										

Fonte: Dados da autora (março 2018).

APÊNDICE E - Publicações didáticas das Edições Tabajara identificadas nas contracapas dos exemplares (Acervo Hisales)

Tabela 06 - Publicações didáticas das Edições Tabajara identificadas nas contracapas dos exemplares (Acervo Hisales)

PUBLICAÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA IDENTIFICADAS NAS CONTRACAPAS DOS EXEMPLARES (ACERVO DO HISALES)				
LD_ET	TÍTULO	AUTOR	SÉRIES	EXEMPL. HISALES
-	A matemática reformulada e o jardim de infância	Ida Schmidt Paupério	1 vol.	-
	A matemática reformulada e o jardim de infância - Manual do Professor		2 vols.	-
	A matemática reformulada e o jardim de infância - Exercícios Individuais			-
-	A redescoberta da matemática	Anna Franchi e Antoniera Moreira Leite	3ª e 4ª séries Obs.: Aviso de preparação para as demais séries	-
	A redescoberta da matemática - Manual do Professor			-
-	Admissão ao ginásio	Cecília Torcelli Corrêa	Admissão ao ginásio - 4º ano	-
-	Antologia	Bárbara Vasconcellos de Carvalho	1ª a 4ª séries	-
	Antologia - Manual do Professor			-
-	Apontamentos de Geografia	Paulo Appel	Para trabalhos de cartografia na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries ginasiais	
-	Aprenda	Maria Aparecida Ribeiro, Vera Dieguez Leuzinger e Glória Nobre de Almeida	Cartilha, 1ª a 4ª série	-
	Aprenda - Caderno de Exercícios			-
	Aprenda - Manual do Professor			-
15	As férias com o/do vovô	Angélica Serena Otto Bayer	Pré-livro	01
	As férias com o/do vovô - Manual do Professor			01
11	Brincar e aprender	Giselda Guimarães Gomes e Clélia de Souza Guedes	Período preparatório e alfabetização 2 vols.	01
	Brincar e aprender - Manual do Professor			-
-	Cartilha - em exame pelo C.P.O.E.	Élbio Gonzales	-	-
16	Céu Azul	Rosa Maria Ruschel e Flávia E. Braun	Pré-livro	01
	Céu Azul - Manual do Professor			-
10	Cidade Sorriso	Jovita Maineri Brum e Livia Vilas-Bôas	2º Livro	-
	Cidade Sorriso - Caderno de Exercícios			-
	Cidade Sorriso - Manual do Professor			-
02	Ciências Naturais	Ruth Ivoty Torres da Silva	1ª a 5ª série	02 (4ª livro e 4º/5º livro)
	Ciências Naturais - Manual do Professor			-
	Ciências Naturais - Vamos conhecer o nosso mundo	Ruth Ivoty Torres da Silva	1ª e 2ª série	-
	Ciências Naturais - Vamos conhecer o nosso mundo - Manual do Professor			-
-	Criança, geometria e aritmética		6 vols.	

PUBLICAÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA IDENTIFICADAS NAS CONTRACAPAS DOS EXEMPLARES (ACERVO DO HISALES)				
LD_ET	TÍTULO	AUTOR	SÉRIES	EXEMPL. HISALES
	Criança, geometria e aritmética - Manual do Professor	Letti Molina e Aurora Vicente Ricco		
-	Curso da Língua Portuguesa	Dalva Dupuy	Admissão e 5º ano	-
-	Dez estórias	Maria Dinorah Luz do Prado	Plano de lições para as classes de 1º ano	-
03	Educação Moral, Cívica e Política	Liene M. Martins Schütz e Lila Maria Lena Souza Alano	1ª a 5ª série	01 (3ª livro)
	Educação Moral, Cívica e Política - Manual do Professor			-
-	Ensinando com poesia - 1º Livro de Estudos Sociais e Naturais	Maria Dinorah Luz Pereira	1º Livro	-
12	Estudos Sociais e Linguagem	Isabel Franchi Cappelletti, Inah Valente Lopes Pires e Marieta Lucia Machado Nicolau	1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª Livros	01 (1ª série)
	Estudos Sociais e Linguagem - Manual do Professor		1ª, 2ª, 3ª e 4ª Livros	-
-	Exame de Admissão	Virgílio Córdova do Espírito Santo, Dalva da Rossa Dupuy e Eddy Flôres Cabral	No prelo	
04	(Exercícios de) Gramática Funcional	Lêda Riveiro Pereira	1º, 2º, 3º e 4ª anos	04 (2º e 4º livros)
	(Exercícios de) Gramática Funcional - Programa do Rio Grande do Sul		3º ano SC, PR, SP e G em elaboração	-
	(Exercícios de) Gramática Funcional - Programa de Santa Catarina			-
	(Exercícios de) Gramática Funcional - Programa de Paraná			-
	(Exercícios de) Gramática Funcional - Programa de São Paulo			-
	(Exercícios de) Gramática Funcional - Programa de Guanabara			-
13	Garotos Tevê	Doroty Fossati de Vasconcellos Moniz e Vanda Spieker Cafruni	Cartilha / Livro de Alfabetização	01
	Garotos Tevê - Caderno de Exercícios/Livro Auxiliar do Aluno			-
	Garotos Tevê - Manual do Professor			-
	Garotos Tevê - Material Didático			-
-	Gramática da Língua Portuguesa	Celso Pedro Luft	-	-
05	Cartilha do Guri	Élbio Gonzales, Rosa Maria Ruschel e Flávia Braun	Cartilha	01
	Cartilha do Guri - Manual do Professor			-
	Guri	Rosa Maria Ruschel e Flávia E. Braun	1º, 2º, 3º e 4º anos; Exame de Admissão	24 (3 - 1º ano / 5 - 2º ano / 10 - 3º ano / 7 - 4º ano)
	Guri - Programa do Rio Grande do Sul		3º ano SC no prelo; PR, SP e G em elaboração	1 (1 - 3º ano)
	Guri - Programa de Santa Catarina			-
	Guri - Programa do Paraná			-
	Guri - Programa do São Paulo			-
	Guri - Programa do Guanabara			-

PUBLICAÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA IDENTIFICADAS NAS CONTRACAPAS DOS EXEMPLARES (ACERVO DO HISALES)				
LD_ET	TÍTULO	AUTOR	SÉRIES	EXEMPL. HISALES
	Matemática do Guri	Rosa M. Ruschel, Flávia E. Braun e Zenna T. Braun	1º, 2º, 3º e 4º vols.	-
	Agora Matemática é fácil	Nilva Ragassi	1º Livro	-
01	História e Geografia do Estado do Rio Grande do Sul - Atlas histórico do Rio Grande do Sul	Eddy Flores Cabral	-	01
	História e Geografia do Estado do Rio Grande do Sul - O nosso estado	Lúcia Zoehler	-	-
-	Ler, estudar, progredir	Lori Teles Peter Silva e Gislaíne Margarida Nervo	Pré-livro / Cartilha	-
	Ler, estudar, progredir - Manual do Professor			-
	Ler, estudar, progredir - Caderno de exercícios			-
06	Linguagem e Estudos Sociais	Sydia Sant'Anna Bopp e Eddy Flores Cabral	1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º anos	2 - 4º livro / 5 - 5º livro -)
	Linguagem e Estudos Sociais - Programa do Rio Grande do Sul		3º ano	04 (3º livro) + 1 (2º livro não apontado nas listas)
	Linguagem e Estudos Sociais - Programa de Santa Catarina			-
	Linguagem e Estudos Sociais - Programa do Paraná			-
	Linguagem e Estudos Sociais - Programa de São Paulo			01 (3º livro) + 1 (1º livro não apontado nas listas)
	Linguagem e Estudos Sociais - Programa de Guanabara			-
	Linguagem e Estudos Sociais - Manual do Professor		1º ao 3º ano em um só volume; 4º, 5º e 6º ano (Linguagem)	05 (variados)
-	Luz do saber - História, Geografia, Ciências e Matemática	Cecília Torcelli Correa	2º, 3º e 4º ano em preparo, 5ª série, Exame de Admissão.	-
17	Marcelo, Vera e Faísca	Martha da Silva Carvalho e outros	Cartilha	03
	Marcelo, Vera e Faísca - Manual do Professor			02
	Marcelo, Vera e Faísca - Livro de Exercícios			-
	Marcelo, Vera e Faísca - Material Didático (em alguns consta que se trata de cenários de teatrinho)			-
-	Matemática	Nilza Ragazzi e Mario Magnusson Júnior	1º ano - no prelo	
-	Matemática - Escola Primária / O Ensino da Matemática Moderna (às vezes aparece vinculada à coleção "Nossos Exercícios" ou à "Linguagem e Estudos Sociais")	Margarida de Souza Sirângelo, Noely Sagebin de Albuquerque e Florisbela Barbosa Machado Faro	1º ao 3º ano Obs.: Aviso de preparação do 4º e 5º livros	-
	Matemática - Escola Primária / O Ensino da Matemática Moderna - Manual do Professor (às vezes aparece vinculada à		1º ao 3º ano, em um só volume / 1º, 2º e 3º livros Obs.: Aviso de preparação do 4º livro	-

PUBLICAÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA IDENTIFICADAS NAS CONTRACAPAS DOS EXEMPLARES (ACERVO DO HISALES)				
LD_ET	TÍTULO	AUTOR	SÉRIES	EXEMPL. HISALES
	coleção "Nossos Exercícios" ou à "Linguagem e Estudos Sociais")			
-	Matemática de hoje	Virgílio Córdoba do Espírito Santo	Admissão e 5º ano	-
-	Matemática para o curso primário	Ana Franchi	3º ano, 4º ano em preparação	-
-	Noções Básicas sobre conjuntos e números	Ely Machado Campos	1ª série de 1º grau Obs.: Aviso de preparação para as demais séries	-
	Noções Básicas sobre conjuntos e números - Manual do Professor			-
08	Nossos exercícios - Estudos Naturais	Ruth Ivoty Torres da Silva	1º ao 4º ano	01
	Nossos exercícios - Estudos Naturais - Guia Didático			01
09	Nossos exercícios - Estudos Sociais	Eddy Flores Cabral	1º ao 5º ano	03
	Nossos exercícios - Estudos Sociais - Guia Didático			01
07	Nossos exercícios - Linguagem e Estudos Sociais	Sydia Sant'ana Bopp e Eddy Flores Cabral (às vezes aparece Eddy, com 2 d)	1º, 2º, 3º, 4º e 5º Livro.	02 - 1º ano / 01 - 2º ano / 02 - 4º ano / 03 - 5º ano
	Nossos exercícios - Linguagem e Estudos Sociais - Manual do Professor			-
	Nossos exercícios - Linguagem e Estudos Sociais - Estado de Paraná		3º ano	-
	Nossos exercícios - Linguagem e Estudos Sociais - Estados de Santa Catarina			-
	Nossos exercícios - Linguagem e Estudos Sociais - Estado de São Paulo			-
	Nossos exercícios - Linguagem	Sydia Sant'ana Bopp	1º ao 5º ano	-
	Nossos exercícios - Linguagem - Guia Didático			-
-	O Corumim (às vezes aparece relacionado à coleção "Linguagem e Estudos Sociais")	Maria Zélia Galvão de Almeida	3ª e 4ª séries	-
	O Corumim na 3ª série (às vezes aparece relacionado à coleção "Linguagem e Estudos Sociais") - Edição especial para o Estado de Alagoas		3ª série	-
	O Corumim - Manual do Professor		3ª e 4ª séries	-
-	O nosso Estado - Geografia do Rio Grande do Sul (em alguns aparece como sendo parte da coleção "Luz do Saber")	Lúcia Zoehler	3º ano	-
-	Poesias para a Escola e a Criança - Datas cívicas e festivas da escola	Maria Dinorah Luz do Prado	-	-
-	Taboada	-	-	-
18	Testes de Pré-leitura	Eloah Ribeiro Kunz	Pré-livro	-
	Testes de Pré-leitura - Manual			-
	Testes de Pré-leitura - Fichas de aplicação			-
-	Vamos aprender	Idalina C. B. Schebella e Ieda Goulart Beirão	Pré-livro	-
	Vamos aprender - Manual do Professor			-

PUBLICAÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA IDENTIFICADAS NAS CONTRACAPAS DOS EXEMPLARES (ACERVO DO HISALES)				
LD_ET	TÍTULO	AUTOR	SÉRIES	EXEMPL. HISALES
	Vamos aprender - Material Didático			-

Obs.: Foram encontrados livros nas listagens que são relativos à Coleção Normalista e Formação de Professor, de Teatro Infantil, Revistas do Ensino, Direito, Coleção Programas de Ensino e livros destinados a professores, mas estes não foram incluídos nesse quadro, pois optou-se por restringir as informações apenas às coleções didáticas dedicadas a alunos em fase escolar e seus professores, devido ao foco do trabalho. Além disso, há listagens de livros didáticos nas páginas pós-textuais de alguns livros, assim como nos versos de algumas capas e contracapas, que por vezes se repetem no conteúdo das contracapas, mas que não foram analisadas em detalhe para esta tabela, que se refere especificamente ao material encontrado nas contracapas.

Fonte: Dados da autora (janeiro 2018).

**APÊNDICE F - Quantidade de imagens nos livros das coleções didáticas
das Edições Tabajara (Acervo Hisales)**

Tabela 07 - Quantidade de imagens nos livros das coleções didáticas das Edições Tabajara (Acervo Hisales).

QUANTIDADE DE IMAGENS NOS LIVROS DAS COLEÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA (ACERVO HISALES)						
LD_ET	TÍTULO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	IMAGENS AVULSAS ¹	CONJUNTOS DE IMAGENS ²
01	ATLAS HISTÓRICO ESCOLAR - RIO GRANDE DO SUL	-	1967 A	1ª	57	00
02	CIÊNCIAS NATURAIS	4º Livro	s/d A	s/e	179	00
		4º e 5º Livros	1970 A	2ª	179	00
03	EDUCAÇÃO MORAL, CÍVICA E POLÍTICA NA ESCOLA FUNDAMENTAL	3º Livro	1972 A	1ª	16	00
04	EXERCÍCIOS DE GRAMÁTICA FUNCIONAL	2º Livro	1969 A	4ª	84	00
	EXERCÍCIOS DE GRAMÁTICA FUNCIONAL E EXERCÍCIOS GRAMÁTICAIS DA NOVA NOMENCLATURA	4º Livro	1968 A	3ª	42	00
		4º Ano	s/d A/B	s/e	42	00
05	CARTILHA DO GURI - MÉTODO DE PALAVRAS GERADORAS	1º ano	1969 A	8ª	97	00
	PRIMEIRO LIVRO DO GURI (LINGUAGEM, ESTUDOS SOCIAIS, CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE)	1º Ano	1968 A	2ª	82	00
			1969 A	3ª	82	00
			s/d A	s/e	74*	00
	SEGUNDO LIVRO DO GURI (LINGUAGEM, GRAMÁTICA FUNCIONAL, ORTOGRAFIA, ESTUDOS SOCIAIS, CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE)	2º Ano	1965 A	s/e	55	00
			1966 A	9ª	55	00
			1969 A	15ª	55	00
			1969 A	s/e	55	00
			1971 A	16ª	55*	00
	TERCEIRO LIVRO DO GURI (LINGUAGEM, GRAMÁTICA FUNCIONAL, ORTOGRAFIA, ESTUDOS SOCIAIS, CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE)	3º Ano	1965 A	2ª	78	00
			1965 A/B/C	3ª	79	00
			1966 A/B	4ª	78	00
			1967 A	6ª	78	00
	TERCEIRO LIVRO DO GURI (LINGUAGEM, GRAMÁTICA FUNCIONAL, ORTOGRAFIA, ESTUDOS SOCIAIS, CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE) – EDIÇÃO ESPECIAL PARA O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	3º Ano	s/d A	s/e	66	00
	TERCEIRO LIVRO DO GURI (LEITURA)	3º Ano	1970 A/B	1ª	44	00
	QUARTO LIVRO DO GURI	4º Ano	1966 A/B	s/e	66	00
			1967 A/B	s/e	66	00
			1969 A	s/e	68*	00
			s/d A	s/e	66*	00

QUANTIDADE DE IMAGENS NOS LIVROS DAS COLEÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA (ACERVO HISALES)						
LD_ET	TÍTULO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	IMAGENS AVULSAS¹	CONJUNTOS DE IMAGENS²
06	LINGUAGEM - Edição para todos os Estados do Brasil	4º Livro	1970 A	1ª	42	00
	ESTUDOS SOCIAIS - Edição para todos os Estados do Brasil	4º Livro	1970 A	9ª	55	00
	LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição para todos os Estados do Brasil	5º Livro e Admissão ao Ginásio	1970 A/B/C/D/E	2ª	68	00
	LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição Especial para o Estado do Rio Grande do Sul	2º Livro	1970 A	3ª	102	00
	LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição Especial para o Estado do Rio Grande do Sul	3º Livro	1969 A/B	5ª	102	00
			1970 A/B	6ª	97	00
	LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - Edição Especial para o Estado de São Paulo	1º Livro	1969 A	2ª	326	00
		3º Ano	s/d A	s/e	97	00
	LINGUAGEM – MANUAL DO PROFESSOR - Edição para todos os Estados do Brasil	4º Livro	1970 A	2ª	00	00
	ESTUDOS SOCIAIS – MANUAL DO PROFESSOR - Edição para todos os Estados do Brasil	4º Livro	1970 A	2ª	00	00
	LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - MANUAL DO PROFESSOR – Edição para todos os Estados o Brasil	4º Livro	1969 A	s/e	00	00
	LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - MANUAL DO PROFESSOR – Edição Especial para o Estado do Rio Grande do Sul	1º e 2º Livros	1970 A	1ª	21	00
07	NOSSOS EXERCÍCIOS - LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS	1º Ano / 1º Livro	1965 A/B	4ª	375	00
		2º Ano / 2º Livro	1964 A	1ª	149	00
		4º Ano / 4º Livro	1966 A	3ª	90	00
			s/d A	6ª	99	00
		5º Ano / 5º Livro e Admissão	s/d A/B/C	s/e	73	00
08	NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS NATURAIS	4º Ano	s/d A	s/e	80	00
	NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS NATURAIS - GUIA DIDÁTICO	2º Ano	s/d A	2ª	00	00
09	NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS SOCIAIS	3º Ano	1959 A/B	s/e	40	00
		4º Ano	1964 A	2ª	50	00
	NOSSOS EXERCÍCIOS - ESTUDOS SOCIAIS - MANUAL PARA O PROFESSOR	3º Ano	1961 A	s/e	00	00

QUANTIDADE DE IMAGENS NOS LIVROS DAS COLEÇÕES DIDÁTICAS DAS EDIÇÕES TABAJARA (ACERVO HISALES)						
LD_ET	TÍTULO	SÉRIE	ANO	EDIÇÃO	IMAGENS AVULSAS ¹	CONJUNTOS DE IMAGENS ²
11	BRINCAR E APRENDER - 3º Período de Jardim de Infância	3º Período de Jardim de Infância	1972 A	s/e	00	87
12	ESTUDOS SOCIAIS E LINGUAGEM	1ª Série do 1º Grau	1973 A	2ª	105	00
13	GAROTOS TEVÊ - Livro de Alfabetização	-	1972 A	3ª	96	00
14	MINHAS DESCOBERTAS - 1º Grau - Livro Texto e Atividades - Livro 4 - 2ª parte	-	1975 A	1ª	322	00
	MINHAS DESCOBERTAS - 1º Grau - Livro de Atividades - Livro 2 - 1ª Parte	-	s/d A	s/e	232	00
	MINHAS DESCOBERTAS - 1º Grau - Livro de Atividades - Livro 2 - 2ª Parte	-	1975 A	2ª	301	00
15	AS FÉRIAS COM O VOVÔ - PRÉ- LIVRO Obs.: Na folha de rosto o "o" não consta	-	1967 A	3ª	53	00
	AS FÉRIAS COM O VOVÔ - PRÉ- LIVRO - MANUAL DO PROFESSOR	-	1966 A	s/e	00	00
16	CÉU AZUL - PRÉ-LIVRO	-	1970 A	1ª	63	00
17	MARCELO, VERA E FAÍSCA - CARTILHA	-	1962 A/B	2ª	00	00
			1970 A	5ª	00	00
	MARCELO, VERA E FAÍSCA – MANUAL DO PROFESSOR	-	1967 A/B	3ª	04	00
TOTAL DE IMAGENS POR CATEGORIA					4943	87
TOTAL GERAL DE IMAGENS					5030	

Obs.: No caso em que há livros com mais de um exemplar com a mesma data e edição, na contagem desta tabela é considerado o total de imagens de apenas um destes exemplares, que valerá pelos demais. Quando há repetições de exemplares, elas estão indicadas pelas letras ao lado do ano de publicação, mas não se encontram somadas no valor de imagens. Cabe salientar também que não foram incluídas nessa contagem as imagens apresentadas nas capas dos livros.

Essa listagem é referente à primeira etapa da pesquisa e não foi atualizada, mesmo com a ampliação de exemplares no acervo, pois desde então, decidiu-se por trabalhar a partir de uma específica com os dados da *Coleção Guri*, definida como foco de análise a partir da segunda etapa de investigação. Entretanto, optou-se por manter essa tabela no texto, para conferência dos dados levantados no decorrer da pesquisa, visto que integra também as etapas metodológicas desenvolvidas.

Legenda dos itens numerados na tabela:

- 1 - Imagens avulsas associadas a determinado texto, trechos ou isoladas em páginas;
- 2 - Conjunto com várias imagens - referente a um grupo de imagens relacionadas e/ou repetidas em determinado exercício, atividade ou página;

* - Livro incompleto - é possível que a quantidade de imagens contadas não seja equivalente ao total disponível na publicação completa.

Fonte: Dados da autora (2015-2016).

**APÊNDICE G - Modelo de termo utilizado para autorização
de divulgação de dados de entrevista/questionário**



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA/QUESTIONÁRIO

Nome

Nacionalidade

Data de Nascimento Estado civil

Portador de Cédula de Identidade RG nº CPF nº

Residente à Rua nº .

Bairro CEP

Cidade..... Estado

AUTORIZO o uso de minha entrevista/meu questionário e a divulgação de meu nome na pesquisa intitulada "A ICONOGRAFIA E A ICONOLOGIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DAS EDIÇÕES TABAJARA: UM ESTUDO DAS IMAGENS NA *COLEÇÃO GURI* (RIO GRANDE DO SUL - DÉCADA DE 1960)", relativa à Tese de Chris de Azevedo Ramil (chrisramil@gmail.com / Tel.: (53) 981339711), sob orientação da Profa. Dra. Eliane Peres, do Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas, com sede na Rua Alberto Rosa, nº 154, Pelotas/RS. Essa entrevista/esse questionário, complementando a investigação, é destinada(o) à divulgação ao público em geral e ao meio acadêmico. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso dos dados da(o) entrevista/questionário acima mencionada(o) em atividades acadêmicas e sem fins lucrativos. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, assim assino a presente autorização.

Data:

.....
Nome / Por seu Responsável Legal

APÊNDICE H - Modelo de termo utilizado para autorização de divulgação de imagens



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Nome

Nacionalidade

Data de Nascimento Estado civil

Portador de Cédula de Identidade RG nº CPF nº

Residente à Rua nº .

Bairro CEP

Cidade..... Estado

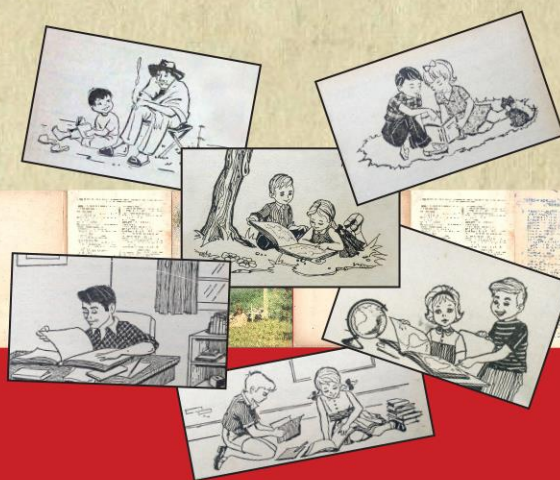
AUTORIZO o uso da(s) imagem(ns)

..... na pesquisa intitulada

"A ICONOGRAFIA E A ICONOLOGIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DAS EDIÇÕES TABAJARA: UM ESTUDO DAS IMAGENS NA COLEÇÃO GURI (RIO GRANDE DO SUL - DÉCADA DE 1960)", relativa à Tese de Chris de Azevedo Ramil (chrisramil@gmail.com / Tel.: (53) 981339711), sob orientação da Profa. Dra. Eliane Peres, do Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas, com sede na Rua Alberto Rosa, nº 154, Pelotas/RS. Essas imagens, complementando a investigação, são destinadas à divulgação ao público em geral e ao meio acadêmico. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens acima mencionadas em atividades acadêmicas e sem fins lucrativos. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, assim assino a presente autorização.

Data:

.....
Nome / Por seu Responsável Legal



TESE DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Orientação: Profa. Dra. Eliane Peres